# J.R. R. TOLKIEN
# O SENHOR DOS ANÉIS

## TERCEIRA PARTE
## O RETORNO DO REI

## ÍNDICE

# SINOPSE

Esta é a terceira parte de O Senhor dos Anéis. A primeira parte, A Sociedade do Anel, conta como Gandalf, o Cinzento, descobriu que o anel possuído por Frodo, o hobbit, era na verdade o Um Anel, governante de todos os Anéis de Poder.

Reconta a fuga de Frodo e seus companheiros do pacífico Condado, sua terra natal, perseguidos pelo terror dos Cavaleiros Negros de Mordor, até que finalmente, com a ajuda de Aragorn, o guardião de Eriador, chegaram à Casa de Elrond em Valfenda, depois de terem passado por terríveis perigos.

Ali aconteceu o grande Conselho de Elrond, no qual foi decidido que se deveria tentar destruir o Anel, e Frodo foi designado o Portador do Anel.

Foi então escolhida a Comitiva do Anel, que deveria ajudar Frodo em sua Demanda: chegar, se pudesse, à Montanha de Fogo em Mordor, o domínio do próprio

Inimigo, o único lugar onde o Anel poderia ser desfeito. Nessa Comitiva estavam Aragorn e Boromir, filho do Senhor de Gondor, representando os homens; Legolas, filho do Elfo-rei da Floresta das Trevas, representando os elfos; Gimli, filho de Glóin, da Montanha Solitária, pelos anões; Frodo e seu servidor Samwise, e dois jovens parentes dele, Meriadoc e Peregrin, representando os hobbits; e finalmente Gandalf, o Cinzento. Os Companheiros viajaram em segredo, partindo de Valfenda, no norte, e trilhando um longo caminho até que, frustados em sua tentativa de cruzar a passagem alta de Caradhras no inverno, foram conduzidos por Gandalf através do portão oculto e entraram nas vastas Minas de Moria, procurando um caminho por baixo das montanhas.

Ali Gandalf, em batalha com um terrível espírito do mundo subterrâneo, caiu num abismo escuro. Mas Aragorn, agora revelado como o herdeiro oculto dos antigos Reis do oeste, conduziu a Comitiva a partir do Portão Leste de Moria, passando pela terra élfica de Lórien, e descendo o Grande Rio Anduin, até chegar às Cachoeiras de Rauros. Já tinham percebido que sua viagem era vigiada por espiões, e que a criatura Gollum, que outrora possuíra o Anel e ainda o desejava, estava seguindo sua trilha.

Foi então necessário decidir se deveriam rumar para o leste, na direção de Mordor, ou continuar com Boromir em auxilio de Minas Tirith, a Principal cidade de Gondor, na guerra que se aproximava; ou ainda se deveriam se separar.

Quando ficou claro que o Portador do Anel estava decidido a Continuar sua viagem desesperada até a terra do Inimigo, Boromir tentou tirar-lhe o Anel à força. A primeira parte termina com Boromir sucumbindo à sedução do Anel: com a escapada e o desaparecimento de Frodo e seu servidor Samwise, e a dispersão dos outros membros da Comitiva devido a um súbito ataque de soldados orcs, alguns a serviço do Senhor do Escuro de Mordor, outros a serviço do traidor Saruman de Isengard. A Demanda do portador do Anel já parecia estar fadada ao desastre.

A segunda parte (Livros III e IV), As Duas Torres, reconta os feitos da Comitiva depois do rompimento da Sociedade do Anel. O Livro III narra o arrependimento e a morte de Boromir, e seu funeral num barco que foi acolhido pelas Cachoeiras de Rauros; a captura de Meriadoc e Peregrin por soldados orcs, que os levaram na direção de Isengard por sobre as planícies orientais de Rohan, e a procura dos dois empreendida por Aragorn, Legolas e Gimli. Então apareceram os Cavaleiros de Rohan. Uma tropa de cavaleiros, conduzida por Éomer, o Marechal, cercou os orcs nas fronteiras da Floresta de Fangorn e os destruiu; mas os hobbits escaparam para dentro da floresta, onde encontraram Barbárvore, o ent, mestre secreto de Fangorn.

Na companhia dele testemunharam o despertar da ira do Povo das Árvores e sua marcha sobre Isengard.

Enquanto isso, Aragorn e seus companheiros encontraram Éomer voltando da batalha. Ele lhes forneceu cavalos, e os três cavalgaram para dentro da floresta.

Ali, procurando em vão os hobbits, encontraram novamente Gandalf, que retornara da morte e agora era o Cavaleiro Branco, apesar de ainda estar disfarçado em suas vestes cinzentas. Com ele cavalgaram através de Rohan e chegaram ao Palácio do Rei Théoden, da Terra dos Cavaleiros, onde Gandalf curou o rei idoso e o resgatou dos feitiços de Língua de Cobra, seu conselheiro maligno e aliado secreto de Saruman. Então calvagaram com o rei e seu exército, avançando contra as forças de Isengard, tomando parte na vitória desesperada do Forte da Trombeta. Gandalf os conduziu então para Isengard, e eles encontraram a grande fortaleza em ruínas, destruída pelo Povo das Árvores, e Saruman e Língua de Cobra cercados na invencível torre de Orthanc.

Na discussão diante da porta, Saruman se recusou a se arrepender; Gandalf depôs e quebrou o seu cajado, deixando-o sob a vigilância dos ents. De uma alta janela, Língua de Cobra atirou em Gandalf uma pedra, mas não acertou o alvo, e a pedra foi apanhada por Peregrin. A pedra acabou sendo revelada como um dos três palantír remanescentes, as Pedras-videntes de Númenor. Mais tarde naquela noite, Peregrin sucumbiu á atração da Pedra; roubou-a e olhou dentro dela, e dessa forma revelou-se a Sauron.

O livro termina com a chegada nas planícies de Rohan de um nazgúl, Espectro do Anel montado num cavalo alado, presságio da guerra iminente. Gandalf entregou o palantír a Aragorn, e, levando Peregrin, foi cavalgando na direção de Minas Tirith.

O Livro IV se volta para Frodo e Samwise, agora perdidos nas colinas desertas das Emyn Muil. Narra como eles escaparam das colinas e foram alcançados por Sméagol-Gollum, e como Frodo domou Gollum e quase derrotou sua malícia, de modo que Gollum os conduziu através dos Pântanos Mortos e das terras arruinadas até o Morannon, o Portão Negro da Terra de Mordor, no norte.

Por ali foi impossível entrar, e Frodo aceitou o conselho de Gollum: procurar uma "passagem secreta" que ele sabia existir, no lado sul das Montanhas da Sombra, as muralhas ocidentais de Mordor. Em sua viagem para lá depararam com um grupo de batedores dos homens de Gondor, liderado por Faramir, irmão de Boromir. Faramir descobriu a natureza da Demanda dos hobbits, mas resistiu á tentação à qual Boromir sucumbira, e os liberou para que fossem em frente, no último estágio de sua jornada, até

Cirith Ungol, a Passagem da Aranha, não sem antes deixar de adverti-los do perigo mortal que representava aquele lugar, sobre o qual Gollum lhes dissera menos do que sabia. No momento em que atingiram a Encruzilhada e tomaram a trilha para a terrível cidade de Minas Morgul, uma grande escuridão surgiu de Mordor, cobrindo toda a região. Então Sauron enviou seu primeiro exército, liderado pelo Rei Negro dos Espectros do Anel: a Guerra do Anel começara.

Gollum conduziu os hobbits a um caminho secreto que evitava Minas Morgul, e na escuridão eles chegaram finalmente a Cirith Ungol. Ali Gollum teve uma recaída e voltou a ser mau, tentando traí-los e entregá-los à monstruosa guardiã da passagem, Laracna. Foi frustrado pelo heroísmo de Samwise, que repeliu seu ataque e feriu Laracna.

A segunda parte termina com as escolhas de Samwise. Frodo, picado por Laracna, jaz morto, ao que parece: ou a Demanda terminaria em desastre, ou Samwise deveria abandonar seu mestre. Finalmente ele pega o Anel e tenta sozinho levar a cabo a Demanda desesperada. Mas, no momento em que está prestes a entrar na terra de Mordor, um grupo de orcs sobe de Minas Morgul e outro desce da torre de Cirith Ungol, que guarda o topo da passagem. Escondido pelo Anel, Samwise fica sabendo pela discussão dos orcs que Frodo não está morto, mas apenas drogado.

Persegue-os mas não consegue alcançá-los; os orcs levam embora o corpo de Frodo e descem por um túnel que leva para o portão traseiro de sua torre. Samwise desmaia diante do Portão, no momento em que este se fecha com um clangor.

Este volume, a terceira e última parte, narrará as estratégias opostas de Sauron e Gandalf, até a catástrofe final no fim da Grande Escuridão. Voltaremos primeiro ao destino da batalha no oeste.

# O RETORNO DO REI

## TERCEIRA PARTE DE

## O Senhor dos Anéis

# LIVRO V

## CAPÍTULO I
## MINAS TIRITH

Pippin espiou de dentro do abrigo da capa de Gandalf. Perguntou-se se estava acordado ou continuava dormindo, ainda no sonho veloz no qual estivera envolto desde que a grande cavalgada começara. O mundo escuro passava correndo e o vento cantava alto em seus ouvidos. Não conseguia ver nada exceto as estrelas rodopiantes, e na distância, á sua direita, vastas sombras contra o céu onde as montanhas do sul passavam marchando. Sonolento, tentava calcular os períodos e etapas da viagem, mas sua memória estava entorpecida e cheia de dúvidas.

Houvera a primeira cavalgada, numa velocidade alucinante e sem paradas, e depois, na aurora, Pippin vislumbrara um pálido brilho dourado, e eles tinham chegado à silenciosa cidade e à grande casa vazia sobre a colina. E mal tinham alcançado esse abrigo quando a sombra alada passou sobrevoando mais uma vez, deixando os homens descorçoados de medo. Mas Gandalf lhe disse palavras suaves, e Pippin adormeceu num canto, cansado mas inquieto, percebendo vagamente as idas e vindas, e os homens conversando, e Gandalf dando ordens. E, depois, outra cavalgada, outra cavalgada na noite. Aquela era a segunda, não, a terceira noite desde que o hobbit olhara dentro da Pedra. E com essa lembrança hedionda despertou completamente, e tremeu; o ruído do vento se encheu de vozes ameaçadoras.

Uma luz se acendeu no céu, um clarão de fogo amarelo atrás de barreiras escuras. Pippin se escondeu amedrontado naquele momento, perguntando-se para que terra temível Gandalf o levava. Esfregou os olhos, e então viu que era a lua subindo acima das sombras do leste, agora quase cheia. Isso significava que a noite estava começando, e a escura viagem continuaria por horas. Mexeu-se e falou.

— Onde estamos, Gandalf? perguntou ele.

— No reino de Gondor — respondeu o mago. — A terra de Anórien ainda está passando.

Ficaram em silêncio por mais um período. Então, de repente: — Que é aquilo, Gandalf? — gritou Pippin, agarrando-se à capa do mago. — Olhe! Fogo, fogo vermelho! Existem dragões nesta terra? Olhe, lá está outro!

Como resposta Gandalf gritou para o cavalo:

— Adiante, Scadufax! Precisamos nos apressar. O tempo é curto. Veja! Os faróis de Gondor estão acesos, pedindo socorro. A guerra está acesa. Veja, lá está o fogo sobre Amon Din, e a chama sobre Eilenach; e lá vão eles correndo para o oeste:

Nardol, Erelas, Min-Rimmon, Calenhad e Halifirien nas fronteiras de Rohan.

Mas Scadufax reduziu suas passadas, limitando-se a andar, e então ergueu a cabeça e relinchou. E da escuridão veio o relinchar de outros cavalos em resposta; de repente ouviu-se o ruído surdo de cascos, e três cavaleiros passaram correndo como fantasmas voando ao luar, e desaparecendo no oeste. Então Scadufax se recompôs e deu um salto á frente, e a noite fluía sobre ele como um vento a rugir.

Pippin ficou sonolento outra vez, e prestou pouca atenção ao que Gandalf lhe dizia sobre os costumes de Gondor, e sobre como o Senhor da Cidade mandara construir faróis nos topos das montanhas externas, ao longo das duas bordas da grande cordilheira, e mantinha postos nesses pontos onde cavalos descansados estavam sempre de prontidão para levar os mensageiros em missões a Rohan no norte, ou a Belfalas no sul. — Faz tempo que os faróis não se acendem — disse ele —, e nos dias antigos eles não eram necessários, pois Gondor tinha as Sete Pedras. — Pippin se agitou, inquieto.

— Durma outra vez, e não tenha medo! — disse Gandalf — Pois você não está indo para Mordor, como Frodo, mas para Minas Tirith, e lá estará tão a salvo como poderia estar em qualquer outro lugar nestes tempos. Se Gondor cair, ou se o Anel for tomado, o Condado não será nenhum refúgio.

— Você não me consola — disse Pippin, mas apesar disso foi dominado pelo sono. A última coisa de que pôde se recordar antes de cair em sonhos profundos foi a rápida visão de picos altos e brancos, reluzindo como ilhas flutuantes acima das nuvens, quando captavam a luz da lua que ia em direção ao oeste. Ficou imaginando onde Frodo estaria, se já tinha chegado a Mordor, ou se estaria morto, sem saber que Frodo, de muito longe, observava a mesma lua que se punha além de Gondor, antes do inicio do dia.

Pippin acordou ao som de vozes. Tinham-se passado mais um dia de ocultamento e mais uma noite de viagem. Amanhecia: a aurora fria estava próxima outra vez, e névoas geladas e cinzentas os envolviam. Scadufax parou, molhado de suor, mas ainda com o pescoço altivo e sem demonstrar sinais de cansaço.

Muitos homens altos e com capas pesadas estavam ao lado dele, e atrás, na névoa, assomava uma muralha de pedra. Parecia parcialmente arruinada, mas ainda antes que a noite tivesse passado ouviram-se os ruídos de um trabalho urgente: batidas de martelos, tinidos de trolhas, e ranger de rodas. Em alguns pontos, tochas e chamas tremeluziam fracas no nevoeiro.

Gandalf conversava com os homens que haviam barrado seu caminho e, enquanto escutava, Pippin percebeu que ele mesmo era o assunto da discussão.

— Sim, é verdade, nós conhecemos você, Mithrandir — disse o líder dos homens —, e você conhece as senhas dos Sete Portões, e está livre para seguir em frente.

Mas não conhecemos seu companheiro. O que é ele? Um anão vindo das montanhas do norte? Não queremos forasteiros em nossa terra nestes tempos, a não ser que sejam valorosos combatentes, em cuja lealdade e ajuda possamos confiar.

— Eu me responsabilizo por ele diante do trono de Denethor — disse Gandalf. — E, quanto a valor, isso não pode ser medido pela estatura. Ele passou por mais batalhas e perigos que você, Ingold, embora você tenha o dobro tomado de um grande cansaço, caso contrário eu o acordaria. Seu nome é Peregrin, um homem muito corajoso.

— Homem? disse Ingold com um ar duvidoso, e os outros riram.

— Homem! — gritou Pippin, embora não tivesse acordado inteiramente. — Homem! Realmente não! Sou um hobbit, e não sou mais corajoso do que sou homem, a não ser talvez de vez em quando, por necessidade. Não se deixem enganar por Gandalf.

— Muitos autores de grandes feitos não poderiam dizer nada além disso — disse Ingold. — Mas o que é um hobbit?

— Um Pequeno — respondeu Gandalf. — Não, não aquele que foi mencionado — acrescentou ele, percebendo a admiração nos rostos dos homens.

— Não ele, mas um parente dele.

— É sim, um que viajou com ele — disse Pippin. – E Boromir, de sua Cidade, estava conosco, e me salvou na neve do norte, e no fim foi morto quando me defendia de muitos inimigos.

— Calma! — disse Gandalf — A noticia dessa desgraça devia ser contada primeiro para o pai dele.

— Já se imagina o que ocorreu — disse Ingold —; pois houve acontecimentos estranhos aqui ultimamente. Mas agora passem á frente depressa. Pois o Senhor de Minas Tirith ficará ansioso por ver qualquer um que traga as últimas noticias de seu filho, seja ele um homem ou um...

— Hobbit — disse Pippin. — De pouca serventia posso ser para o seu senhor, mas farei o que puder, em memória do bravo Boromir.

— Passem bem! — disse Ingold; e os homens abriram caminho para Scadufax, que atravessou um portão estreito na muralha. — Que você possa trazer bons conselhos a Denethor em sua necessidade, e a todos nós, Mithrandir! — exclamou Ingold. — Mas você chega com noticias de tristeza e Perigo, como dizem que é seu hábito.

— Isso porque raramente venho quando minha ajuda não é necessária — respondeu Gandalf — E, quanto a conselhos, a você diria que é tarde demais para consertar a muralha do Pelennor. A coragem será agora sua melhor defesa contra a tempestade que se aproxima — essa é a única esperança que trago. Pois nem todas as noticias que trago são más. Mas abandonem suas trolhas e afiem suas espadas.

— O trabalho estará terminado antes do fim da tarde — disse Ingold. — Esta, a última parte da muralha a ser erguida em defesa: a menos aberta ao ataque, pois volta-se para nossos amigos de Rohan. Você sabe alguma coisa sobre eles? Será que responderão á convocação?

— Sim, eles virão. Mas lutaram muitas batalhas em sua retaguarda. Esta, como qualquer outra estrada, deixou de conduzir para a segurança. Estejam vigilantes. Se não fosse por Gandalf, o Corvo da Tempestade, vocês teriam visto um exército de inimigos vindo de Anórien, e nenhum Cavaleiro de Rohan. E isso ainda pode acontecer. Passem bem, e não durmam!

Gandalf agora penetrava a ampla região além de Rammas Echor.

Assim os homens de Gondor chamavam a muralha externa que haviam construído á custa de grande trabalho, depois que Ithilien caíra sob a sombra do Inimigo. A muralha se estendia por dez milhas ou mais, saindo dos pés das montanhas e depois retornando, fechando em seu interior os campos de Pelennor: belas e férteis regiões citadinas nas longas encostas e patamares que desciam até os níveis inferiores do Anduin. Em seu ponto mais afastado do Grande Portão da Cidade, a nordeste, a muralha ficava a quatro léguas de distância, e lá, de um barranco franzido, viam-se as grandes planícies margeando o rio, e os homens tinham-na feito alta e forte; pois naquele ponto, sobre um dique murado, a estrada entrava vindo dos vaus e pontes de Osgiliath, e atravessava um portão vigiado entre torres com ameias. No ponto mais próximo, a muralha ficava a pouco mais de uma légua da Cidade, a sudeste. Ali o Anduin, desenhando um grande cotovelo em torno das colinas de Emyn Arnen em Ithilien do Sul, fazia uma curva fechada a oeste, e a muralha externa se erguia exatamente sobre sua

margem; abaixo dela ficavam os cais e desembarcadouros do Harlond, para embarcações que subiam a correnteza vindo dos feudos do sul.

As regiões citadinas eram ricas, com amplas lavouras e muitos pomares, e fazendas com fornos e silos, currais e estábulos, e muitos riachos ondulando através do verde, descendo das regiões mais altas até o Anduin. Apesar disso, os pastores e lavradores que moravam ali não eram muitos, e a maior parte do povo de Gondor vivia nos sete círculos da Cidade, ou nos altos vales das fronteiras montanhosas em Lossarnach, ou mais além, ao sul, na bela Lebennin com seus cinco lépidos rios.

Ali, entre as montanhas e o mar, morava um povo forte. Eram considerados homens de Gondor, mas seu sangue era mesclado, e havia pessoas baixas e morenas entre eles, cujos antepassados eram na maioria os homens esquecidos que moraram na sombra das montanhas nos Anos Escuros, antes da chegada dos reis. Mas mais além, no grande feudo de Belfalas, morava o Príncipe Imrahil, em seu castelo de Doí

Amroth perto do mar, e ele tinha sangue nobre, e seu povo também, homens grandes e altivos com olhos cinzentos da cor do mar.

Depois que Gandalf tinha cavalgado por algum tempo, a luz do dia aumentou no céu. E Pippin despertou e ergueu os olhos. A sua esquerda viu um mar de névoa, formando uma sombra desolada no céu ao leste, mas à sua direita grandes montanhas erguiam suas cabeças, formando uma cadeia que vinha do oeste e chegava a um final íngreme e abrupto, como se na formação daquela região o Rio tivesse irrompido através de uma grande barreira, esculpindo um poderoso vale a fim de transformá-lo numa terra de batalha e debate nos tempos vindouros. E no ponto onde as Montanhas Brancas de Ered Nimrais chegavam ao fim ele viu, como Gandalf prometera, a massa escura do Monte Mindolluin, as sombras púrpuras e escuras de seus altos vales, e sua alta face branqueando no dia que avançava. E sobre o seu joelho protuberante ficava a Cidade Guardada, que com suas sete muralhas de pedra, tão fortes e antigas, não dava a impressão de ter sido construída, mas sim esculpida por gigantes nos próprios ossos da terra.

No momento em que Pippin olhava boquiaberto, as muralhas passaram de um cinza indistinto para um tom branco, levemente rosado pela aurora; e de repente o sol subiu acima da sombra do leste e enviou um raio que bateu na face da Cidade. Então Pippin deu um grito, pois a Torre de Ecthelion, erguendo-se altiva dentro das muralhas mais altas, brilhou contra o céu, reluzindo qual esporão de pérola e prata, alta, bela e elegante, com seu pináculo faiscando como se fosse de cristais; e bandeiras brancas se

abriram e tremularam nos baluartes ao compasso da brisa da manhã, e alto e distante Pippin ouviu um toque cristalino, que parecia sair de trombetas de prata.

Assim Gandalf e Peregrin cavalgaram até o Grande Portão dos homens de Gondor ao nascer do sol, e as portas de ferro se abriram diante deles.

— Mithrandir! Mithrandir! — gritavam os homens. — Agora sabemos que a tempestade realmente está próxima!

— Está sobre vocês — disse Gandalf. — Cavalguei em suas próprias asas. Deixem-me passar! Devo encontrar-me com o seu Senhor, Denethor, enquanto sua regência ainda perdura. O que quer que aconteça, vocês chegaram ao fim da Gondor que conheceram. Deixem-me passar!

Os homens recuaram diante do comando da voz do mago e não o interrogaram mais, embora olhassem admirados para o hobbit montado diante dele e para o cavalo que os trazia. Pois o povo da Cidade raramente usava cavalos e eles quase nunca eram vistos nas ruas, exceto aqueles montados Pelos mensageiros de seu senhor. E disseram: — Não é este um dos grandes corcéis do Rei de Rohan? Talvez os rohirrim venham logo para aumentar fossa força. — Mas Scadufax subiu com altivez a estrada longa e sinuosa.

O modelo de Minas Tirith era tal que a Cidade fora construída em Sete níveis, cada um cavado no flanco da colina, e ao redor de cada nível se erguia uma muralha, e em cada muralha havia um portão. Mas os portões não eram alinhados, o Grande Portão da Muralha da Cidade ficava no ponto leste do circuito, mas o seguinte voltava-se parcialmente para o sul, e o terceiro parcialmente para o norte, e assim, ora de um lado, ora do outro, dispunham-se os portões na subida, de modo que o caminho pavimentado que ia na direção da Cidadela virava-se primeiro para um lado e depois para o outro pela encosta da colina. E, cada vez que o caminho passava pela linha do Grande Portão, atravessava um túnel em arco, perfurando um vasto pilar de rocha cujo corpo enorme e protuberante dividia em dois todos os círculos da Cidade, com a exceção do primeiro. Pois, em parte devido ao formato inicial da colina, e em parte ao oficio e trabalho árduo dos antigos, ali se erguia, por detrás do amplo pátio além do Portão, uma alta fortaleza de pedra, com sua borda pontuda como a quilha de um navio voltada para o leste. A fortaleza subia até o nível do círculo superior, e ali era coroada por um baluarte, de forma que os habitantes da Cidadela, como marinheiros num navio muito alto, podiam observar do topo, numa linha vertical, o Portão que ficava mais de duzentos metros abaixo. A entrada para a Cidadela também dava para o leste, mas era cavada no coração da rocha. Ali uma longa rampa iluminada conduzia ao sétimo portão. Dessa forma os homens

atingiam finalmente o Pátio Alto, e a Praça da Fonte diante dos pés da Torre Branca: alta e elegante, noventa metros da base até o pináculo, onde a bandeira dos Regentes tremulava trezentos metros acima da planície.

Realmente era uma cidadela forte, que não poderia facilmente ser tomada por um exército inimigo, se houvesse alguém lá dentro que soubesse manejar armas; a não ser que algum inimigo viesse por trás e escalasse as fraldas inferiores do Mindolluin, e assim chegasse ao patamar estreito que juntava a Colina da Guarda á massa da montanha. Mas aquele patamar, que atingia o nível da quinta muralha, era cercado com grandes baluartes até o precipício que se projetava sobre sua extremidade oeste, e naquele espaço ficavam casas e túmulos abobadados de reis e senhores antigos, para sempre silenciosos entre a montanha e a torre.

Pippin observava num espanto crescente a grande cidade de pedra, mais vasta e esplêndida do que qualquer coisa que jamais sonhara, maior e mais forte que Isengard, e muito mais bonita. Apesar disso, na verdade, a cidade estava se deteriorando ano após ano, já sem metade dos homens que poderiam morar confortavelmente ali. Em cada rua passavam por alguma grande casa ou pátio, em cujas portas e portões em arco estavam esculpidas muitas letras belas de formatos estranhos e antigos: nomes que Pippin supôs serem de grandes homens e famílias que outrora moraram lá; mas agora estavam em silêncio, sem ruídos de passos em suas amplas calçadas, ou de vozes nos salões, nem qualquer rosto olhando das portas ou janelas vazias.

Finalmente saíram da sombra para o sétimo portão, e o sol quente que brilhava além do rio, no momento em que Frodo caminhava nas clareiras de Ithilien, reluzia aqui nas paredes lisas e nos pilares profundos, e no grande arco com fecho esculpido à semelhança de uma cabeça de rei coroada. Gandalf desmontou, pois não se permitia a entrada de nenhum cavalo na Cidadela, e Scadufax se deixou levar embora ao comando suave de seu dono.

Os Guardas do portão estavam vestidos de preto, e seus elmos tinham formatos estranhos, com a parte superior muito alta e com protetores faciais perfeitamente ajustados ao rosto, e acima desses protetores encaixavam-se as asas brancas de pássaros marinhos; mas os elmos cintilavam com uma chama de prata, pois na realidade eram feitos de mithril, legados da glória de dias antigos. Sobre as vestes negras estava bordada em branco uma árvore florescendo como neve sob uma corôa de prata e estrelas de muitas pontas. Esse era o uniforme dos herdeiros de Elendil, e ninguém o usava em Gondor, a não ser os Guardas da Cidadela diante do Pátio da Fonte, onde a Arvore

Branca outrora crescera.

Já parecia que a noticia de sua chegada os precedera; imediatamente foram admitidos, silenciosamente e sem perguntas. Gandalf atravessou depressa o pátio pavimentado com pedras brancas. Uma fonte suave brincava ali no sol da manhã, e um gramado verde-claro jazia ao redor dela; mas na névoa, inclinando-se sobre o lago, havia uma árvore morta, e gotas pingavam tristemente de seus ramos secos e quebrados, caindo de novo na água límpida.

Pippin a contemplou enquanto corria atrás de Gandalf. A cena era melancólica, pensou ele, e ficou imaginando por que a árvore morta fora deixada naquele lugar onde todo o resto era bem cuidado.

Sete estrelas, sete pedras e uma árvore branca.

As palavras murmuradas por Gandalf retornaram-lhe á mente. E então viu-se às portas do grande palácio sob a torre reluzente, e seguindo o mago passou pelas altas sentinelas e entrou nas sombras frescas e ressonantes da casa de pedra.

Desceram uma passagem pavimentada, longa e vazia, e enquanto caminhavam Gandalf falou baixinho para Pippin.

— Cuidado com suas palavras, Mestre Peregrin! Isso não é hora para atrevimentos de hobbits. Théoden é um velho gentil. Denethor é um outro tipo, orgulhoso e astuto, um homem de linhagem e poder muito maiores, embora não seja chamado de rei. Mas ele vai se dirigir a maior parte do tempo a você, e interrogá-lo muito, uma vez que você pode lhe contar sobre seu filho Boromir. Denethor o amava muito: talvez demais, sobretudo porque eles eram diferentes. Mas usando o disfarce desse amor ele vai considerar mais fácil saber o que deseja por seu intermédio, e não por mim. Não lhe conte mais do que o necessário, e deixe de lado o assunto da missão de Frodo. Vou cuidar disso no tempo certo. E não diga nada também sobre Aragorn. a não ser que seja inevitável.

— Por que não? Qual é o problema com Passolargo? – Pippin sussurrou. — Ele tinha a intenção de vir para cá, não tinha? E de qualquer forma estará chegando em breve.

— Talvez, talvez — disse Gandalf. — Mas, se vier, é provável que chegue de uma forma que ninguém espera, nem mesmo Denethor. Será melhor assim. Pelo menos é melhor que chegue sem ter sido anunciado por nós.

Gandalf parou diante de uma porta alta de metal polido.

— Veja, Mestre Pippin, não há tempo agora para instruí-lo sobre a história de

Gondor, embora talvez fosse melhor se você tivesse aprendido algo sobre o assunto, quando ainda estava procurando ninhos de pássaros e gazeteando nos bosques do Condado. Faça como eu ordeno! É pouco inteligente, quando se traz a um senhor poderoso a noticia da morte de seu herdeiro, falar muito sobre a chegada de alguém que, se chegar, reivindicará a realeza. Isso basta?

— A realeza? — perguntou Pippin surpreso.

— É isso mesmo — disse Gandalf. — Se você viajou todos esses dias com os ouvidos tapados e o cérebro adormecido, acorde agora! — O mago bateu na porta.

A porta se abriu, mas não se viu ninguém abrindo-a. Pippin divisou um grande salão. Era iluminado por janelas profundas ao longo dos amplos corredores dos dois lados, atrás das fileiras de altos pilares que sustentavam o teto.

Monolitos de mármore negro, eles se erguiam até grandes capitéis esculpidos na forma de muitas figuras estranhas de animais e folhas: bem acima, na sombra, a ampla abóbada reluzia num ouro pálido, combinado com esculturas de muitas cores. Não havia nada pendurado, nem tapetes mostrando cenas de histórias, nem objetos tecidos ou de madeira. naquele longo salão solene; mas entre os pilares erguia-se um exército de altas imagens gravadas na pedra fria.

De repente Pippin lembrou-se das rochas esculpidas dos Argonath, e ficou tomado de admiração, olhando aquela avenida de reis há muito mortos. Na extremidade, sobre uma plataforma de muitos degraus, erguia-se um trono alto sob um dossel de mármore, que tinha a forma de um elmo coroado. Atrás dele, gravada na parede e adornada com pedras, via-se a imagem de uma árvore em flor. Mas o trono estava vazio. Ao pé da plataforma, sobre o degrau inferior, que era largo e profundo, havia uma cadeira de pedra preta e sem adornos, e nela estava sentado um velho que olhava para o próprio colo. Em sua mão via-se um bastão branco com um botão de ouro. Não ergueu os olhos. Solenemente os dois caminharam pelo longo piso na direção dele, até ficarem a três passos de seu escabelo. Então Gandalf falou.

— Salve, Senhor e Regente de Minas Tirith, Denethor, filho de Ecthelion! Venho com conselhos e notícias nesta hora escura...

Então o velho ergueu os olhos. Pippin viu seu rosto esculpido, com ossos salientes e pele de marfim, com o longo nariz adunco entre os olhos escuros e profundos, que o fizeram lembrar-se mais de Aragorn que de Boromir.

— Realmente a hora é escura disse o velho —, e nessas horas espera-se a sua chegada, Mithrandir. Mas, embora todos os sinais prenunciem que o fim de Gondor se

aproxima, menor para mim agora é essa treva que a minha própria treva. Foi-me dito que você traz consigo alguém que viu meu filho morrer. É ele?

— É — disse Gandalf. — Um dos dois. O outro está com Théoden de Rohan e provavelmente chegará mais tarde. São Pequenos, como vê, embora este não seja aquele de quem os presságios falaram.

— Apesar disso, um Pequeno — disse Denethor com um ar severo —, e tenho pouco amor pelo nome, uma vez que aquelas malditas palavras vieram perturbar nossos planos e levar meu filho na missão alucinada que o conduziu à morte. Meu Boromir! Agora precisamos de você. Faramir deveria ter ido em seu lugar.

— Ele teria ido — disse Gandalf — Não seja injusto em sua tristeza! Boromir reivindicou a missão e não admitiu que ninguém mais a assumisse. Era um homem obstinado, que fazia o que desejava. Viajei longamente ao lado dele e aprendi muito sobre sua personalidade. Mas você fala de sua morte. Já sabia da noticia antes de nossa chegada?

— Recebi isto — disse Denethor, colocando de lado o bastão e erguendo do colo a coisa que estivera fitando. Em cada mão ele ergueu uma metade de uma grande corneta partida ao meio: um chifre de touro selvagem adornado de prata.

— Essa é a corneta que Boromir sempre carregava! — exclamou Pippin.

— Exatamente — disse Denethor. — E em minha época eu a carreguei, e da mesma forma fizeram todos os primogênitos de nossa casa, desde os anos imemoriais antes da queda dos reis, desde que Vorondil, pai de Mardil, caçou as reses selvagens de Araw nos distantes campos de Rhún. Ouvi-a soando fraca nas fronteiras do norte há treze dias, e o rio a trouxe a mim, quebrada. Nunca mais tocará. — Parou de falar e fez-se um silêncio pesado. De repente virou seu olhar obscuro na direção de Pippin: — Que me diz sobre isso, Pequeno?

— Treze, treze dias — vacilou Pippin. — Sim, acho que é isso mesmo. estava ao lado dele, no momento em que tocou a corneta. Mas nenhuma ajuda chegou. Apenas mais orcs.

— Então — disse Denethor, lançando um olhar agudo para o rosto de Pippin. — Você estava lá? Conte-me mais! Por que nenhuma ajuda chegou?

E como você escapou, e ele não, sendo um homem tão poderoso, com apenas orcs para enfrentá-lo?

Pippin corou e esqueceu o medo. — O homem mais poderoso pode ser morto por uma flecha — disse ele —; e Boromir teve o corpo perfurado por várias. Quando o vi

pela última vez, ele recostou-se numa árvore e arrarancou uma lança com plumas pretas de seu flanco. Então desmaiei e fui capturado. Não o vi mais, e não sei de mais nada. Mas respeito sua memória, pois ele era muito corajoso. Morreu para nos salvar, a meu parente Meriadoc e a mim, atocaiados na floresta pelos soldados do Senhor do Escuro; e, embora ele tenha perecido e fracassado, minha gratidão é a mesma.

Então Pippin olhou nos olhos do velho, pois o orgulho se agitava de maneira estranha dentro dele, ainda mordido pelo desprezo e pela suspeita daquela voz fria. — Pouca serventia, sem dúvida, um senhor de homens tão poderoso achará num hobbit, um Pequeno vindo do Condado do norte; mas mesmo assim vou oferecê-la, em pagamento da minha dívida. — Afastando para o lado a capa cinzenta num movimento brusco, Pippin puxou a espada e a depôs aos pés de Denethor.

Um sorriso pálido, como o reluzir de um sol frio numa manhã de inverno, passou pelo rosto do velho, mas ele curvou a cabeça e estendeu a mão, colocando de lado os pedaços da corneta. — Dê-me a arma! — disse ele.

Pippin a ergueu e apresentou-lhe o punho.

— De onde veio isto? — perguntou Denethor. — Muitos, muitos anos repousam sobre ela. Sem dúvida é uma espada criada por nossos próprios parentes do norte, no passado distante.

— Veio dos túmulos que jazem nas fronteiras de minha terra — disse Pippin. — Mas apenas criaturas más moram lá agora, e não estou disposto a falar mais sobre elas.

— Percebo que histórias estranhas se entretecem ao seu redor — disse Denethor —, e mais uma vez fica demonstrado que as aparências podem dar uma idéia falsa sobre o homem — ou sobre o Pequeno. Aceito seu serviço. Pois você não se intimida com as palavras, e tem uma fala cortês, embora o som dela possa nos parecer estranho aqui no sul. E precisaremos de todas as pessoas corteses, sejam elas grandes ou pequenas, nos dias vindouros. Preste-me seu juramento agora.

— Pegue o punho — disse Gandalf— e fale depois do Senhor, se estiver resolvido em relação a isso. — Estou — disse Pippin.

O velho colocou a espada sobre seu colo, e Pippin pôs a mão no punho, e disse devagar, repetindo as palavras de Denethor:

— Aqui juro fidelidade e serviço a Gondor, e ao Senhor e Regente do reino, falando e calando, agindo e não agindo, vindo e indo, na necessidade e na fartura, na paz ou na guerra, na vida ou na morte, desta hora em diante, até que meu senhor me libere, ou a morte me leve, ou o mundo acabe. Assim digo eu, Peregrin, filho de Paladin do

Condado dos Pequenos.

— E isso eu escuto, Denethor, filho de Ecthelion, Senhor de Gondor, Regente do Alto Rei, e não me esquecerei, nem deixarei de recompensar o que me é oferecido: fidelidade com amor, coragem com respeito, perjúrio com vingança – Depois Pippin recebeu de volta a espada e a colocou na bainha.

— E agora — disse Denethor — minha primeira ordem para você: fale e não deixe de dizer nada! Conte-me toda a sua história, e trate de recordar-se de tudo o que puder sobre Boromir, meu filho. Sente-se agora e comece!

Enquanto falava, tocou um pequeno gongo de prata que ficava perto de seu escabelo, e imediatamente serviçais apareceram. Pippin percebeu então que eles tinham estado em alcovas dos dois lados da porta, sem serem vistos quando ele e Gandalf entraram.

— Tragam vinho, comida e cadeiras para os convidados – disse Denethor — e cuidem para que ninguém nos incomode pelo período de uma hora.

— É todo o tempo de que disponho, pois há muito mais coisas a fazer disse ele a Gandalf. — Muitas e mais importantes, pode parecer, e apesar disso para mim são menos urgentes. Mas talvez possamos conversar outra vez no fim do dia.

— E mais cedo, deve-se esperar — disse Gandalf — Pois eu não vim de Isengard até aqui, ao longo de cento e cinquenta léguas, na velocidade do vento, apenas para trazer-lhe um pequeno guerreiro, por mais cortês que ele seja. Não significa nada para você o fato de Théoden ter lutado numa grande batalha, e Isengard estar derrotada, e eu ter quebrado o cajado de Saruman?

— Significa muito. Mas já sei o suficiente sobre esses feitos para fazer meus próprios planos contra a ameaça do leste. — Voltou os olhos escuros para Gandalf, e agora Pippin percebia uma semelhança entre os dois, e sentia a tensão entre eles, quase como se visse uma linha de fogo latente traçada de olho a olho, que poderia de repente explodir em chamas.

Na verdade, Denethor se assemelhava muito mais a um grande mago que Gandalf, com mais realeza, mais beleza, mais poder e mais idade.

Apesar disso um sentido em Pippin, que não era a visão, percebia que Gandalf tinha o poder maior, e a sabedoria mais profunda, e uma majestade velada. E era mais velho, muito mais velho.

"Quanto mais velho?", perguntou-se ele, e então pensou como era estranho nunca ter pensado nisso antes. Barbárvore dissera algo sobre os magos, mas mesmo

naquele momento ele não pensara em Gandalf como um deles, O que era Gandalf? Em que lugar e época distantes surgira no mundo, e quando o deixaria? Então suas meditações foram interrompidas, e ele viu que Denethor e Gandalf ainda estavam se olhando, olhos nos olhos, como se estivessem lendo a mente um do outro.

Mas foi Denethor quem desviou o olhar primeiro.

— Sim — disse ele —, pois, embora as Pedras estejam perdidas, pelo que dizem, ainda os senhores de Gondor têm um olhar mais agudo que os homens inferiores, e muitas mensagens chegam a eles. Mas sentem-se agora!

Os homens vieram trazendo uma cadeira e um banco baixo, e um deles trouxe uma bandeja com uma jarra de prata e taças, e bolos brancos.

Pippin sentou-se, mas não conseguiu tirar os olhos do velho senhor. Seria verdade, ou ele apenas imaginara, que enquanto Denethor falava das Pedras um brilho repentino de seu olhar se dirigira ao rosto de Pippin?

— Agora conte-me sua história, meu vassalo – disse Denethor, num tom de voz que misturava cortesia e caçoada. — Pois as palavras de uma pessoa tão amiga de meu filho serão realmente bem-vindas. Pippin jamais esqueceu aquela hora, no grande salão, sob o olhar agudo do Senhor de Condor, continuamente apunhalado por suas perguntas perspicazes, e consciente todo o tempo de Gandalf ao seu lado, observando, escutando e (assim sentia Pippin) controlando sua ira crescente e sua impaciência.

Quando a hora terminou e Denethor mais uma vez tocou o gongo, Pippin se sentia exausto. "Não podem ser mais de nove horas", pensou ele. "Conseguiria agora devorar três desjejuns a fio."

— Conduzam o Senhor Mithrandir ao alojamento preparado para ele — disse Denethor — e seu companheiro poderá se alojar com ele por enquanto, se quiser. Que seja divulgado que agora eu o tomei sob juramento a meu serviço, e ele deverá ser conhecido como Peregrin, filho de Paladin, e terá direito a aprender as senhas inferiores. Enviem ordens aos Capitães dizendo que devem me encontrar aqui, o mais cedo possível depois do soar da terceira hora.

— E você, meu Senhor Mithrandir, deverá vir também, como e quando quiser. Ninguém impedirá que venha até mim a qualquer hora, com exceção das minhas breves horas de sono. Deixe que a ira que sente em relação á tolice de um velho se esvaia, e depois retorne para meu consolo.

— Tolice? — disse Gandalf. — Não, meu senhor; quando for um parvo estará morto. Pode mesmo usar sua tristeza como um disfarce. Pensa que não entendo seu

propósito em interrogar por uma hora alguém que sabe o mínimo, enquanto eu fico sentado observando?

— Se entende, então fique feliz — respondeu Denethor. – O orgulho seria tolice, se desdenhasse ajuda e aconselhamento na necessidade, mas você distribui essas dádivas de acordo com seus próprios desígnios. Apesar disso, o Senhor de Gondor não deve ser transformado na ferramenta dos propósitos de outros homens, não importa quanto sejam valorosos. E para ele não há propósito mais alto no mundo, como ele se apresenta agora, do que o bem de Gondor; e a lei de Gondor, meu senhor, é minha e de nenhum outro homem, a não ser que o rei retorne.

— A não ser que o rei retorne? — disse Gandalf. — Bem, meu senhor Regente, é sua tarefa manter ainda algum reino tendo em vista esse evento, que agora poucos esperam ver. Nessa tarefa terá toda a ajuda que estiver disposto a pedir. Mas vou lhe dizer isto: a lei de nenhum reino é minha, nem a de Gondor nem a de qualquer outro, grande ou pequeno. Mas todas as coisas que correm perigo no mundo como ele agora se apresenta, estas são a minha preocupação E, de minha parte, não terei fracassado inteiramente em minha missão, mesmo que Gondor venha a perecer, se alguma coisa atravessar esta noite e ainda puder crescer bela e dar flores e frutos de novo nos dias vindouros— Pois também sou um regente. Você não sabia? — E com isso virou-se e se afastou do salão, com Pippin correndo ao seu lado.

Gandalf não olhou para Pippin, nem lhe dirigiu nenhuma palavra, enquanto os dois caminhavam. O guia os conduziu pela porta do salão, e depois os levou através do Pátio da Fonte para uma alameda entre altas construções de pedra.

Depois de várias curvas chegaram a uma casa próxima à muralha da Cidadela, no lado norte, não muito distante da saliência que ligava a colina às montanhas. No interior, no primeiro andar acima da rua, subindo uma escada grande e esculpida, ele os levou para uma bela sala iluminada e arejada, com belos reposteiros de fosco brilho dourado, sem figuras. Havia poucos móveis: uma pequena mesa, duas cadeiras e um banco; mas dos dois lados havia alcovas com cortinas e camas bem guarnecidas, com jarras e vasilhas para se lavarem. Havia três janelas altas e estreitas que davam para o norte, sobre a grande curva do Anduin, ainda oculto pela névoa, correndo na direção dos Emyn Muil e de Rauros lá adiante. Pippin precisava subir no banco para olhar por sobre o peitoril largo de pedra.

— Está zangado comigo, Gandalf? — disse ele, quando o guia saiu e fechou a porta. — Fiz o melhor que pude.

— Realmente fez! — disse Gandalf, rindo de repente, e vindo ficar ao lado de Pippin, colocando o braço sobre os ombros do hobbit, e olhando através da janela. Pippin observou com certa surpresa aquele rosto agora bem perto ao lado do seu, pois o som do riso fora alegre e contente. Mesmo assim, no rosto do mago só viu no inicio linhas de preocupação e de tristeza; todavia, olhando com mais atenção o hobbit percebeu que, subjugada a tudo, havia uma grande alegria: uma fonte de contentamento suficiente para fazer todo um reino rir, caso extravasasse.

— Realmente você fez o melhor que pôde — disse o mago —, e espero que demore muito até você se achar encurralado assim de novo, entre dois velhos tão terríveis. Apesar disso, o Senhor de Gondor soube mais por você do que você possa ter imaginado, Pippin. Você não conseguiu ocultar o fato de que não foi Boromir quem liderou a Comitiva que deixou Moria, e que havia entre vocês alguém de grande honra, que estava vindo para Minas Tirith, e que esse alguém possuía uma espada famosa. Os homens de Gondor consideram muito as histórias dos dias antigos; e Denethor tem meditado bastante na rima e nas palavras ruína de Isildur, desde que Boromir partiu.

— Ele não é como os outros homens de sua época, Pippin, e, qualquer que seja sua descendência de pai para filho, por algum acaso o sangue que corre em suas veias é praticamente o sangue legítimo do Ponente; como também o que corre nas veias de seu outro filho, Faramir, e apesar disso não corria nas de Boromir, a quem ele amava mais. Ele tem uma visão aguda. Pode perceber, se forçar sua vontade, muito do que se passa nas mentes dos homens, mesmo daqueles que moram em lugares distantes. É difícil enganá-lo, e perigoso tentar.

— Lembre-se disso! Pois agora você deve servi-lo sob juramento. Não sei o que passou por sua cabeça, ou em seu coração, para que fizesse aquilo. Mas foi bem feito. Não impedi, pois ações generosas não devem ser reprimidas por conselhos frios. Tocou-lhe o coração, além de (permita-me dizer) diverti-lo. E no mínimo agora você está livre para caminhar à vontade em Minas Tirith – quando não estiver desempenhando alguma tarefa. Pois há um outro lado. Você está sob as ordens do Senhor, e disso ele não se esquecerá. Por isso, tenha cuidado! Calou-se e suspirou. — Bem, não é necessário preocupar-se com o que o amanhã poderá trazer. Em primeiro lugar, porque o amanhã trará certamente coisas piores que hoje, ainda por muitos dias vindouros. E não há mais nada que eu possa fazer para evitá-lo. O tabuleiro está armado, e as peças estão se movendo. Uma peça que desejo muito encontrar é Faramir, agora o herdeiro de Denethor. Não acho que ele esteja na Cidade, mas não tive tempo de colher noticias. Preciso ir,

Pippin. Devo estar nesse conselho de senhores e obter todas as informações possíveis. Mas o lance agora é do Inimigo, e ele está prestes a abrir totalmente seu jogo. E é provável que os peões possam ter um campo de visão tão amplo quanto qualquer outra peça, Peregrin, filho de Paladin, soldado de Gondor. Afie sua espada!

Gandalf foi até a porta, e ali virou-se. — Estou com pressa, Pippin — disse ele. — Faça-me um favor quando sair. Antes mesmo de descansar, se não estiver cansado demais. Vá procurar Scadufax e veja como ele está alojado. Este povo é gentil com os animais, pois é um povo bom e sábio, mas tem menos habilidades com cavalos que outros.

Dizendo isso, Gandalf saiu, e naquele momento ouviu-se um sino tocando suave e límpido numa torre da cidadela. Soou três vezes, como prata no ar, e parou: a terceira hora depois do nascer do sol.

Depois de um minuto, Pippin passou pela porta, desceu a escada e foi olhar na rua. O sol agora brilhava quente e claro, e as torres e velhas casas projetavam longas e nítidas sombras na direção do oeste. Alto no ar azul, o Monte Mindolluin erguia seu elmo branco e sua capa de neve. Homens armados iam de um lado para o outro nos caminhos da Cidade, como se ao bater das horas devessem mudar de posto e atividade.

Nove horas nós diríamos no Condado — disse Pippin em voz alta para si mesmo. — Hora exata para um desjejum agradável perto da janela aberta ao sol da primavera.

E como adoraria um desjejum! Será que essas pessoas têm desjejum alguma vez, ou será que já passou da hora? E quando será que almoçam, e onde?

De repente notou um homem, vestido de branco e preto, vindo pela rua estreita do centro da Cidadela na direção dele. Pippin sentiu-se solitário e tomou a decisão de falar quando o homem passasse; mas não foi necessário. O homem veio exatamente na direção dele.

— Você é Peregrin, o Pequeno? — disse ele. — Ouvi dizer que você jurou servir ao Senhor e à Cidade. Bem-vindo! — Estendeu a mão e Pippin a apertou.

— Meu nome é Beregond, filho de Baranor. Não tenho obrigações esta manhã, e fui enviado para lhe ensinar as senhas e para lhe contar algumas das muitas coisas que sem dúvida você deseja saber. E, quanto a mim, gostaria de saber sobre você também. Pois nunca antes nesta terra vimos um Pequeno, e, embora tenhamos ouvido falar sobre eles, pouco se fala deles nas histórias que conhecemos. Além do mais, você é amigo de Mithrandir. Você o conhece bem?

— Bem — disse Pippin — ele é meu conhecido desde o início de minha curta

vida, como se pode dizer; ultimamente tenho viajado com ele para lugares distantes. Mas há muito a ser lido naquele livro, e não posso afirmar que vi mais que uma ou duas páginas. Apesar disso, talvez eu o conheça tão bem como qualquer um, com exceção de uns poucos. Aragorn era o único em nossa Comitiva, eu acho, que realmente o conhecia bem.

— Aragorn? — disse Beregond. — Quem é ele?

— Oh! — gaguejou Pippin — era um homem que viajou conosco. Acho que agora está em Rohan.

— Você esteve em Rohan, ouvi dizer. Há muitas coisas que gostaria de lhe perguntar sobre aquela terra também, pois depositamos naquele povo grande parte da pouca esperança que nos resta. Mas estou me esquecendo de minha missão, que era responder primeiro ao que você perguntasse. O que gostaria de saber, Mestre Peregrin?

— É, bem — disse Pippin — se eu puder ousar dizer isto, uma pergunta que está queimando em minha cabeça neste momento é, bem, e o desjejum e tudo mais? Quero dizer, quais são as horas das refeições, se é que você me entende, e onde é a sala de jantar, se é que existe uma? E as estalagens? Eu procurei, mas não vi nenhuma em nossa subida, embora tenha vindo carregado pela esperança de poder conseguir um gole de cerveja quando chegássemos nas casas dos homens sábios e corteses.

Beregond lançou-lhe um olhar sério.

— Um típico veterano, pelo que vejo — disse ele. — Dizem que os homens que vão guerrear longe de casa estão sempre de olho na próxima oportunidade de conseguir comida e bebida, embora eu mesmo não seja um homem viajado. Quer dizer que você não comeu nada hoje?

— Bem, sim, para ser educado, digo que comi sim — disse Pippin. — Mas nada além de uma taça de vinho e um ou dois pedaços de bolo branco graças à cortesia de seu senhor; mas em troca disso ele me torturou com uma hora de interrogatório, e isso é um trabalho que dá fome.

Beregond riu.

— A mesa, homens pequenos podem ser responsáveis pelos maiores feitos, dizemos por aqui. Mas você quebrou seu jejum como qualquer homem na Cidadela, e com maiores honras. Esta é uma fortaleza e uma torre de guarda, que está agora em regime de guerra. Levantamo-nos antes de o sol nascer, e comemos alguma coisinha na luz cinzenta, e vamos fazer nossos deveres na primeira hora. Mas não se desespere! — disse Beregond rindo outra vez, ao ver a frustração nos olhos de Pippin. —

Aqueles que tiveram trabalho pesado tomam alguma coisa para renovar suas forças no meio da manhã. Há o almoço ao meio-dia ou mais tarde, como permitirem os deveres; e os homens se reúnem para a refeição do dia, e para a diversão que ainda é possível, na hora do pôr-do-sol.

— Venha! Vamos caminhar um pouco e depois achar alguma coisa para repor as energias, e comida e bebida na ameia, apreciando a bela manhã.

— Um momento! — disse Pippin corando. — A voracidade, ou a fome, como você gentilmente diz, me tirou isso da cabeça. Mas Gandalf, Mithrandir, como vocês o chamam, me pediu que fosse ver o seu cavalo — Scadufax, um grande corcel de Rohan, e a menina dos olhos do rei, pelo que ouvi, embora tenha sido doado a Mithrandir por seus serviços. Acho que seu novo dono o ama mais do que ama a muitos homens, e, se a boa vontade dele tem algum valor para esta cidade, vocês devem tratar Scadufax com todas as honras: com maior gentileza do que trataram este hobbit, se for possível.

— Hobbit? — disse Beregond.

— É assim que nos chamamos a nós mesmos — disse Pippin.

— Fico feliz em sabê-lo — disse Beregond —, pois agora posso dizer que sotaques estranhos não estragam belas falas, e os hobbits são um povo que fala bonito. Mas venha! Deve apresentar-me a esse bom cavalo. Adoro animais, e raramente os vemos nesta cidade de pedra; pois meu povo veio dos vales das montanhas, e antes disso de Ithilien. Mas não tema! O encontro será rápido, uma mera visita de cortesia, e depois então vamos para as despensas.

Pippin viu que Scadufax fora bem alojado e cuidado. Pois no sexto círculo, do lado de fora das muralhas da Cidadela, havia alguns belos estábulos onde eram mantidos alguns cavalos velozes, ao lado dos alojamentos dos mensageiros do Senhor: homens sempre prontos a partir ao comando urgente de Denethor ou de seus superiores.

Mas agora todos os cavalos e mensageiros estavam ausentes em lugares distantes.

Quando Pippin entrou no estábulo, Scadufax relinchou e virou a cabeça. — Bom dia! — disse Pippin. — Gandalf virá assim que puder. Está ocupado, mas envia seus cumprimentos, e eu devo cuidar para que tudo esteja bem com você; espero que você esteja descansando, depois de seus longos trabalhos.

Scadufax empinou a cabeça e pateou o chão. Mas permitiu que Beregond lhe segurasse a cabeça de leve e acariciasse seus grandes flancos.

— Dá a impressão de que ele está sendo preparado para uma corrida, e não de

que acaba de chegar de uma longa viagem – disse Beregond. — Como é forte e altivo!

Onde está seu arreio? Deve ser valioso e bonito.

— Nenhum é valioso e bonito o suficiente para ele — disse Pippin. — Ele não aceita nenhum. Se consentir em levá-lo, ele o leva; senão, bem, não há freio, rédea, chicote ou correia que possam domá-lo. Passe bem, Scadufax! Tenha paciência. A batalha se aproxima.

Scadufax levantou a cabeça e soltou um relincho que fez o estábulo tremer, e eles cobriram os ouvidos. Então saíram, após verificarem que a manjedoura estava bem cheia.

— E agora, para a nossa manjedoura — disse Beregond, levando Pippin de volta à Cidadela, e para uma porta do lado norte da grande torre. Ali desceram por uma escada longa e fresca até uma alameda larga iluminada por lamparinas.

Havia postigos nas paredes laterais, e um deles estava aberto.

— Este é o armazém e a despensa de minha companhia da Guarda — disse Beregond. — Meus cumprimentos, Targon! — chamou ele através do postigo. -Ainda é cedo, mas temos aqui um novato que o Senhor tomou a seu serviço. Ele cavalgou numa longa e distante viagem, com o cinto bem apertado, teve um trabalho duro durante a manhã e está faminto. Traga-nos o que tiver!

Conseguiram pão, manteiga, queijo e maçãs: as últimas do suprimento de inverno, enrugadas, mas doces e firmes; e um odre de couro cheio de cerveja recém-tirada do barril, e pratos e copos de madeira. Colocaram tudo num cesto de vime e subiram de volta para o sol; Beregond levou Pippin a um ponto na extremidade leste da grande ameia saliente, onde havia um vão de janela nas muralhas com um assento de pedra colocado abaixo do peitoril. Dali podiam observar a manhã sobre o mundo.

Comeram e beberam, falando algumas vezes de Gondor, de seus modos e costumes, e outras do Condado e das estranhas terras que Pippin vira. E, à medida que conversavam, Beregond ia ficando mais assombrado, — olhava com admiração cada vez maior para o hobbit, que balançava as pernas curtas enquanto estava sentado no banco, ou ficava na ponta dos pés sobre ele para espiar por cima do parapeito as terras lá embaixo.

— Não vou esconder de você, Mestre Peregrim – disse Beregond —, que para nós você parece quase uma de nossas crianças, um rapaz de nove verões mais ou menos; apesar disso, você enfrentou perigos e viu maravilhas que poucos de nossos barbas-cinzentas poderiam se gabar de ter visto. Pensei que fosse um capricho do nosso

Senhor contratar um pajem nobre, à moda dos reis de antigamente, como se diz. Mas vejo que não é assim, e você deve perdoar minha tolice.

— Eu perdôo — disse Pippin. — Embora você não esteja muito errado. Sou pouco mais que um garoto pelos padrões de meu povo, e ainda levará quatro anos até que eu "atinja a maioridade", como dizemos no Condado. Mas não se incomode comigo. Venha, olhe e diga o que posso ver.

O sol agora se erguia, e a névoa nos vales lá embaixo havia subido. Uma última porção flutuava, um pouco acima de suas cabeças, como fragmentos de nuvens brancas carregados pela brisa constante que soprava do leste, agora agitando e balançando as bandeiras e insígnias brancas da cidadela.

Lá embaixo, no fundo do vale, a cerca de cinco léguas de distância em linha reta, podia-se ver o Grande Rio agora cinzento e luminoso, saindo do noroeste e fazendo uma grande curva para o sul e depois outra vez para o oeste, até se perder de vista na névoa tremeluzente, além da qual jazia o Mar, a cinquenta léguas de distância.

Pippin conseguia enxergar todo o Pelennor se estendendo diante dele, salpicado na distância de fazendas e pequenas muralhas, celeiros e estábulos, mas em lugar algum se viam reses ou outros animais. Várias estradas e trilhas cruzavam os campos verdes, e havia muita gente indo e vindo: carroças movendo-se em fila na direção do Grande Portão, e outras saindo. De vez em quando um cavaleiro subia, saltava da sela e corria para dentro da Cidade. Mas a maior parte do tráfego saía pela estrada principal, que se virava para o sul e depois, curvando-se mais rápido que o Rio, contornava as colinas e logo sumia de vista. Era ampla e bem pavimentada, e ao longo de sua margem leste corria uma larga pista verde para cavalos, e além desta havia uma muralha. Cavaleiros galopavam de um lado para o outro, mas toda a rua parecia estar sufocada com grandes carroças cobertas indo para o sul. Mas logo Pippin viu que, na verdade, tudo era bem organizado: as carroças avançavam em três fileiras, uma mais veloz puxada por cavalos; a segunda mais lenta, grandes carroções com belas mantas multicoloridas, puxados por bois; e ao longo da borda oeste da estrada muitos veículos menores puxados por homens que avançavam a muito custo.

— Aquela é a estrada que conduz aos vales de Tumladen e Iossarnach, e para as aldeias das montanhas, e depois continua até Lebennin — disse Beregond. –Ali vão as últimas carroças levando para o refúgio os anciãos, as crianças, e as mulheres que precisam acompanhá-las. Todos precisam estar longe do Portão, deixando a estrada livre por uma légua antes do meio-dia: esta foi a ordem. Uma triste necessidade. — Ele

suspirou. — Poucos, talvez, daqueles agora separados poderão se encontrar de novo. E sempre houve muito poucas crianças nesta cidade; mas agora não resta nenhuma — exceto alguns rapazes novos que se recusam a partir, e podem encontrar alguma tarefa a desempenhar: meu próprio filho é um deles.

Ficaram em silêncio por um tempo. Pippin olhou ansioso para o leste, como se a qualquer momento esperasse ver milhares de orcs inundando os campos. — O que vejo ali? — perguntou ele, apontando para baixo, para o meio da grande curva do Anduin. — Aquela é outra cidade, ou o quê?

— Foi uma cidade — disse Beregond —, a mais importante de Gondor, da qual esta era apenas uma fortaleza. Pois aquelas são as ruínas de Osgiliath, dos dois lados do Anduin, a qual nossos inimigos tomaram e incendiaram há muito tempo. Apesar disso, conseguimos recuperá-la nos dias da juventude de Denethor: não para morarmos nela, mas para mantê-la como um posto avançado, e para reconstruir a ponte para a passagem de nossos exércitos. E então vieram os Cavaleiros Cruéis, de Minas Morgul.

— Os Cavaleiros Negros? — disse Pippin, abrindo os olhos, que ficaram esbugalhados e escuros com o despertar de um velho medo.

— Sim, eles são negros — disse Beregond — e agora vejo que você sabe alguma coisa sobre eles, embora não os tenha mencionado em nenhuma de suas histórias.

— Sei sobre eles — disse Pippin baixinho, mas não vou falar neles agora, tão perto, tão perto. — Interrompeu o que dizia e levantou os olhos acima do Rio, tendo a impressão de que tudo o que conseguia ver era uma sombra vasta e ameaçadora. Talvez fossem montanhas assomando no limiar da visão, suas afiadas bordas suavizadas por cerca de vinte léguas de ar enevoado; talvez fosse apenas uma parede de nuvens, e além dela uma escuridão ainda mais profunda. Mas, ainda enquanto olhava, Pippin teve a impressão de que a escuridão crescia e se adensava, muito lentamente, lentamente se erguendo para sufocar as regiões ensolaradas.

— Tão perto de Mordor? — disse Beregond em voz baixa. — Sim, lá está ela. Raramente pronunciamos seu nome; mas sempre moramos à vista daquela sombra: algumas vezes ela parece mais sumida e distante; outras vezes mais próxima e escura. Agora está crescendo e escurecendo, e portanto nosso medo e nossa inquietude crescem também. E os Cavaleiros Cruéis, menos de um ano atrás, conseguiram reconquistar as travessias, e muitos de nossos melhores homens foram mortos. Foi Boromir quem finalmente conseguiu afastar o inimigo desta margem ocidental, e ainda mantemos em

nosso poder a metade mais próxima de Osgiliath. Por um curto tempo. Mas aguardamos agora um novo ataque lá. Talvez o ataque principal da guerra que se aproxima.

— Quando? — disse Pippin. — Você tem uma idéia? Pois na noite passada vi os faróis e os mensageiros; Gandalf disse que isso era um sinal de que a guerra começara. Ele parecia estar com uma pressa desesperada. Mas agora parece que tudo ficou mais calmo outra vez.

— Somente porque agora tudo está pronto — disse Beregond.

— É apenas uma tomada de fôlego antes do mergulho.

— Mas por que os faróis estavam acesos a noite passada?

— É tarde demais para enviar pessoas em busca de ajuda quando você já está cercado — respondeu Beregond. — Mas desconheço os planos do Senhor e de seus capitães. Eles têm muitos meios de conseguir notícias. E o Senhor Denethor é diferente de outros homens: ele enxerga longe. Alguns dizem que, quando ele se senta em seu alto aposento na Torre durante a noite, e direciona seu pensamento neste ou naquele caminho, ele consegue ler alguma coisa do futuro, e de vez em quando vasculha a própria mente do Inimigo, digladiando-se com ele. Tanto assim que ele está velho, desgastado precocemente. Mas de qualquer forma meu senhor Faramir está longe, além do Rio em alguma missão perigosa, e ele pode ter enviado notícias.

— Mas, se quer saber qual, na minha opinião, seria o motivo de os faróis se acenderem, foi a noticia que chegou ontem á noite de Lebennin. Há uma grande esquadra se aproximando da foz do Anduin, liderada pelos corsários de Umbar no sul. Já faz tempo que deixaram de temer o poder de Gondor, e se aliaram ao Inimigo, e agora desferem um pesado golpe a favor dele. Pois esse ataque retirará grande parte da ajuda que procurávamos conseguir de Lebennin e Belfalas, onde o povo é valente e numeroso. Mais que nunca voltamos nossos pensamentos para o norte e para Rohan, e estamos muito alegres por essa noticia de vitória que vocês trazem agora.

— E mesmo assim — ele parou e se levantou, olhando em volta, para o norte, o leste e o sul — os acontecimentos em Isengard devem nos advertir de que estamos presos numa grande rede e estratégia. Não é mais uma contenda nos vaus, atacando por Ithilien e por Anórien, com emboscadas e pilhagens. Esta é uma grande guerra planejada há muito tempo, e nela somos apenas uma peça, não importa o que o orgulho possa dizer. As coisas estão se movendo no extremo leste, além do Mar Interno, sabemos pelos relatos; e também no norte, na Floresta das Trevas e mais além; e ao sul em Harad. E agora todos os reinos deverão ser submetidos à prova, para resistir ou cair — sob a

Sombra.

— Apesar disso, Mestre Peregrin, temos esta honra: sempre fomos o alvo do maior ódio do Senhor do Escuro, pois esse ódio vem das profundezas do tempo, por sobre as profundidades do Mar. Aqui o golpe do martelo será mais forte. E por esse motivo Mithrandir veio até aqui com tanta pressa. Pois, se cairmos, quem resistirá? E, Mestre Peregrin, você tem alguma esperança de que possamos resistir?

Pippin não respondeu. Olhou as grandes muralhas, e as torres e as altivas bandeiras, e o sol no céu alto, e depois para a escuridão que se adensava no leste; pensou nos longos dedos daquela Sombra: os orcs das florestas e montanhas, a traição de Isengard, os pássaros de olhos malévolos, e os Cavaleiros Negros até mesmo nas alamedas do Condado — e pensou também no terror alado, os nazgûl. Estremeceu, e teve a impressão de que a esperança definhava. E naquele exato momento o sol, por um instante, vacilou e foi obscurecido, como se uma asa negra tivesse passado por ele. Quase inaudível ele teve a impressão de captar, alto e muito acima nos céus, um grito: fraco, mas de estremecer o coração, cruel e frio. Ficou branco e encolheu-se contra a muralha.

— Que foi isso? — perguntou Beregond. — Você também sentiu alguma coisa?

— Senti — murmurou Pippin. — É o sinal de nossa queda, e a sombra da destruição, um Cavaleiro Cruel dos ares.

— Sim, a sombra da destruição — disse Beregond. – Receio que Minas Tirith deva cair. A noite se aproxima. O próprio calor de meu sangue parece que me foi roubado.

Por um tempo ficaram sentados juntos, cabisbaixos e calados.

Então, de repente, Pippin ergueu os olhos e viu que o sol ainda estava brilhando e as bandeiras continuavam tremulando ao vento. Sacudiu o corpo. — Passou — disse ele. — Não, meu coração ainda não vai se desesperar. Gandalf pereceu, retornou e está conosco. Podemos resistir, nem que seja numa só perna, ou até mesmo de joelhos.

— Muito bem dito! — exclamou Beregond, levantando-se e andando de um lado para o outro em largas passadas. — Não, embora todas as coisas irremediavelmente devam chegar a um fim em determinada hora, Gondor ainda não perecerá Nem mesmo se as muralhas forem tomadas por um inimigo impiedoso que construa uma parede de cadáveres diante delas. Ainda há outras fortalezas, e caminhos secretos de fuga para dentro das montanhas. A esperança e a memória ainda viverão em algum vale oculto, onde a relva é verde.

— Mesmo assim, eu gostaria que tudo terminasse, para o bem ou para o mal — disse Pippin. — Não sou de forma alguma um guerreiro, e me desagrada a idéia da batalha; mas esperar no limiar de uma batalha da qual eu não posso escapar é pior que tudo. Como este dia já parece longo! Seria mais feliz se não fôssemos obrigados a vigiar e resistir, sem fazer qualquer movimento e sem desferir o primeiro golpe. Nenhum golpe teria sido desferido em Rohan, eu acho, se não fosse por Gandalf.

— Ah! Nesse ponto você toca na ferida de muitas pessoas! – disse Beregond. — Mas as coisas podem mudar com o retorno de Faramir. Ele é corajoso, mais corajoso do que muitos julgam; nestes dias os homens demoram a crer que um capitão possa ser sábio e versado nos pergaminhos da tradição e das canções como ele é, e ser ao mesmo tempo um homem audacioso e de julgamento rápido no campo de batalha. Mas Faramir é assim. Menos temerário e ansioso que Boromir, mas não menos resoluto. Mesmo assim, o que poderá ele fazer realmente? Não podemos atacar as montanhas do... do reino que fica mais além. Nosso alcance está diminuído, e não podemos atacar até que algum inimigo invada nossa esfera. Ai então nossa mão deverá ser pesada. — Beregond bateu no punho da espada.

Pippin olhou para ele: grande, altivo e nobre, como todos os homens que já vira naquela terra; um brilho faiscava em seus olhos ao pensar na batalha. "É uma pena, mas minha mão parece mais leve que uma pluma", pensou ele, mas não disse nada. "Um peão, Gandalf dissera? Talvez, mas no tabuleiro errado."

Assim conversaram até que o sol atingiu seu apogeu, e de repente os sinos do meio-dia soaram, e a Cidadela começou a se agitar; todos, exceto as sentinelas, estavam indo fazer suas refeições.

— Você não vem comigo? — disse Beregond. — Pode se juntar ao meu grupo hoje. Não sei a que companhia será designado, ou talvez o Senhor possa mantê-lo sob seu comando direto. Mas você será bem-vindo. E será bom que conheça o maior número possível de nossos homens, enquanto ainda houver tempo.

— Ficarei feliz em acompanhá-lo — disse Pippin. — Sinto-me solitário, para falar a verdade. Deixei para trás meu melhor amigo, em Rohan, e não tenho tido ninguém para conversar ou para fazer brincadeiras. Quem sabe eu não possa realmente juntar-me á sua companhia? Você é o capitão? Se esse é o caso, você poderia me aceitar, ou dizer uma palavra a meu favor?

— Não, não — riu Beregond. — Não sou o capitão. Não sou oficial, nem graduado e nem tenho qualquer título, não passando de um simples soldado da Terceira

Companhia da Cidadela. Mesmo assim, Mestre Peregrin, ser apenas um soldado da Guarda da Torre de Gondor é algo respeitável na Cidade, e esses homens gozam de respeito nesta terra.

— Então é uma posição muito acima da minha pessoa – disse Pippin.

— Leve-me de volta ao nosso quarto, e, se Gandalf não estiver lá, irei aonde você quiser como seu convidado.

Gandalf não estava no alojamento e não enviara qualquer recado; então Pippin acompanhou Beregond e foi apresentado aos homens da Terceira Companhia. E, ao que pareceu, isso foi motivo de honra tanto para Beregond como para seu convidado, pois Pippin foi muito bem recebido. Já se tinha comentado muito na Cidadela sobre o companheiro de Mithrandir, e sobre sua longa conversa a portas fechadas com o Senhor, e corriam boatos de que um Príncipe dos Pequenos viera do norte para oferecer a Gondor obediência e cinco mil espadas. E alguns diziam que, quando os Cavaleiros viessem de Rohan, cada um traria em sua garupa um guerreiro do povo dos Pequenos, miúdo talvez, mas valente.

Embora Pippin tenha precisado, contra a sua vontade, destruir essa lenda esperançosa, não conseguiu se livrar dessa nova posição, que seria bem adequada, pensavam os homens, a alguém que tivesse sido amigo de Boromir e que fosse respeitado pelo Senhor Denethor. Agradeceram-lhe por ter vindo se juntar a eles, ouviram com avidez suas palavras e histórias sobre as terras estrangeiras, e lhe ofereceram toda a comida e a cerveja que ele poderia desejar. Na verdade, o único problema de Pippin era manter cautela", seguindo o conselho de Gandalf, e não ficar com a língua solta, como fica um hobbit entre amigos.

Finalmente, Beregond se levantou.

— Até logo, por enquanto! — disse ele. — Tenho tarefas a cumprir agora até o pôr-do-sol, como todos os outros aqui, eu acho. Mas, se você está se sentindo solitário, como disse, talvez aprecie um guia alegre para conduzi-lo pela Cidade. Meu filho terá prazer em acompanhá-lo. Um bom rapaz, posso dizer. Se isso lhe agradar, desça até o círculo mais baixo e pergunte pela Velha Hospedaria na Rath Celerdain, a rua dos Lampioneiros.

Você poderá encontrá-lo lá, juntamente com outros rapazes que permanecem na Cidade. Pode haver coisas que valham a pena ver junto ao Grande Portão, antes que ele seja fechado.

Saiu, e logo depois todos os outros o seguiram. O dia permanecia agradável,

embora estivesse ficando enevoado, e estava quente para março, mesmo naquela região do sul. Pippin se sentia sonolento, mas o alojamento parecia melancólico, e ele decidiu descer e explorar a Cidade. Levou para Scadufax alguns alimentos que separara, e que foram muito bem aceitos, embora o cavalo não parecesse estar sentindo falta de comida. Então Pippin desceu por longos caminhos sinuosos.

As pessoas olhavam-no muito enquanto ele passava. Quando passava, os homens eram de uma cortesia grave, saudando-o à maneira de Gondor, curvando a cabeça com a mão sobre o peito; mas atrás de si Pippin escutava muitos chamados, como se os que estivessem para fora chamassem aqueles no interior das casas para que viessem ver o Príncipe dos Pequenos, o companheiro de Mithrandir. Muitos usavam idiomas diferentes da Língua Geral, mas não demorou muito para que Pippin percebesse pelo menos o significado de Ernil i Pheriannath, e sabia que esse título o precedera na Cidade.

Finalmente passou por ruas com arcos e por muitas alamedas e calçadas belas, chegando até o círculo maior e mais baixo, e ali lhe indicaram o caminho da rua dos Lampioneiros, uma rua larga que conduzia ao Grande Portão. Nela encontrou a Velha Hospedaria, um grande prédio de pedra desgastada e cinzenta, com duas alas que avançavam até a rua, e entre elas um gramado verde, atrás do qual ficava a casa de muitas janelas. Ao longo de toda a fachada havia um pórtico com pilares, e um lance de escada que descia até o gramado. Meninos brincavam entre os pilares, as únicas crianças que Pippin vira em Minas Tirith, e ele parou para observá-las.

De repente um deles o avistou, e com um grito veio saltando pelo gramado até a rua, seguido de vários outros. Ali parou na frente de Pippin, fitando-o de cima a baixo.

— Meus cumprimentos! — disse o menino. — De onde você vem? Vejo que é um forasteiro.

— Eu era — disse Pippin —; mas dizem que agora me transformei num homem de Gondor.

— Ora, ora — disse o menino. — Então somos todos homens aqui. Mas quantos anos tem, e qual é o seu nome? Eu já tenho dez anos, e logo estarei medindo um metro e meio. Sou mais alto que você. Mas, também, meu pai é um Guarda, um dos mais altos. E o seu?

— Que pergunta devo responder primeiro? — disse Pippin. — Meu pai cultiva as terras ao redor de Poçalvo, perto de Tuqueburgo, no Condado. Tenho quase vinte e nove anos, o que quer dizer que em idade estou na sua frente; apesar disso meço apenas um

metro e vinte, e não é provável que eu cresça mais, exceto para os lados.

— Vinte e nove — disse o menino soltando um assobio. – Que coisa, você é bem velho. Da mesma idade do meu tio Jorlas. Mesmo assim — acrescentou ele cheio de autoconfiança —, aposto que poderia virá-lo de cabeça para baixo ou derrubá-lo no chão.

— Talvez possa, se eu permitir — disse Pippin com uma risada. — E talvez eu pudesse fazer o mesmo com você: conhecemos alguns truques de luta em nossa pequena terra. Lá, deixe-me dizer, sou considerado singularmente grande e forte, e nunca permiti que ninguém me colocasse de cabeça para baixo. Então, se houvesse uma tentativa sua, e eu não visse outra solução, talvez tivesse de matá-lo. Pois, quando você for mais velho, aprenderá que as pessoas não são sempre o que aparentam, e, embora você tenha me tomado por um menino forasteiro e frágil, e uma presa fácil, deixe-me adverti-lo: não sou o que está pensando; sou um Pequeno, forte, corajoso e malvado! — Pippin deu um sorriso tão sinistro que o menino recuou um passo, mas imediatamente avançou com punhos cerrados e a luz da batalha nos olhos.

— Não! — disse Pippin rindo. — Também não deve acreditar no que os forasteiros dizem sobre si mesmos! Não sou um lutador. Mas seria mais educado, de qualquer forma, se o desafiante dissesse quem é.

O menino se empertigou cheio de orgulho. — Sou Bergil, filho de Beregond da Guarda — disse ele.

— Foi o que pensei — disse Pippin — pois você se parece com seu pai. Eu o conheço, e ele me mandou procurá-lo.

— Então por que não disse imediatamente? — disse Bergil, e de repente uma expressão frustrada cobriu-lhe o rosto. — Não me diga que ele mudou de idéia, e decidiu me mandar embora com as donzelas! Mas não pode ser, as últimas carroças já se foram.

— A mensagem dele é menos ruim que essa, se é que não é boa — disse Pippin. — Ele manda dizer que, se você preferir isso a me virar de cabeça para baixo, pode me mostrar a Cidade durante algum tempo e alegrar minha solidão. Em retribuição posso lhe contar umas histórias de terras distantes.

Bergil bateu palmas, e riu aliviado. — Está tudo bem – gritou ele. — Então venha! Estávamos de saída para o Portão para ver os acontecimentos. Vamos agora.

— O que está acontecendo lá?

— Os Capitães das Terras Estrangeiras estão sendo esperados na Estrada Sul antes do pôr-do-sol. Venha conosco e verá.

Bergil acabou se mostrando um bom companheiro, a melhor companhia que

Pippin teve desde que se separara de Merry, e logo os dois estavam rindo e conversando alegremente enquanto andavam pelas ruas, sem se darem conta dos muitos olhares que os homens lhes dirigiam. Logo se viram em meio a um tropel, indo para o Grande Portão. Ali Pippin cresceu muito na estima de Bergil, pois, quando falou seu nome e a senha, o guarda o saudou e permitiu que passasse. Além disso, permitiu também que o hobbit levasse consigo o companheiro.

— Isso é bom! — disse Bergil. — Não é mais permitido que nós garotos atravessemos o portão sem um adulto. Agora poderemos ver melhor.

Além do Portão havia uma multidão de homens ao longo da borda da estrada e do grande espaço pavimentado para o qual todos os caminhos para Minas Tirith convergiam. Todos os olhos se voltavam para o sul, e logo um murmúrio se ergueu. — Há poeira lá adiante! Eles estão chegando!

Pippin e Bergil se esgueiraram para a frente da multidão.

Cornetas soaram a alguma distância, e o ruido de aplausos veio na direção deles como um vento crescente.

Então ouviu-se um alto clangor de trombeta, e por toda a volta as pessoas gritavam.

— Forlong! Forlong! — ouviu Pippin. — O que eles estão dizendo? — perguntou ele.

— Forlong chegou — respondeu Bergil. — O velho Forlong, o Gordo, o senhor de Lossarnach. Lá vive meu avô. Viva! Lá vem ele. O bom e velho Forlong!

Á frente da fila vinha caminhando um grande cavalo de pernas grossas, e nele um homem de ombros largos e enorme cintura, mas velho e de barba grisalha; mesmo assim estava vestido de malha metálica e usava um elmo negro, carregando uma lança comprida e pesada. Atrás dele marchava orgulhosa uma fileira empoeirada de homens, bem armados e carregando grandes machados-de-batalha; tinham os rostos sinistros, eram mais baixos e um tanto mais morenos que qualquer homem que Pippin já vira em Gondor.

— Forlong! — gritavam os homens. — Coração sincero, amigo sincero! Forlong! — Mas, quando os homens de Lossarnach haviam passado, eles murmuraram:

— Tão poucos! Duzentos, é essa a conta? Esperávamos dez vezes esse número. Essa vai ser a última novidade da esquadra negra. Estão enviando apenas um décimo de sua força. Mesmo assim, qualquer número já é um ganho.

E assim as companhias vieram e foram saudadas e aplaudidas e passaram

através do Portão, homens das Terras Estrangeiras marchando para defender a Cidade de Gondor numa hora escura; mas sempre em número reduzido, sempre menos homens do que se esperava, ou do que se pedira. Os homens do Vale Ringló atrás do filho de seu senhor, Dervorin, avançando a pé: três centenas. Das regiões altas de Morthond, o grande Vale da Raiz Negra, o alto Duinhir e seus filhos,

Duilin e Derufin, e quinhentos arqueiros. De Anfalas, a distante Praia Comprida, uma longa fileira de homens de vários tipos, caçadores e pastores, e homens de pequenas aldeias, parcamente equipados, exceto os homens da casa de Golasgil, seu senhor. De Lamedon, alguns montanheses austeros sem um capitão. Pescadores do Ethir, cerca de uma centena ou mais, dispensados dos navios. Hirluin, o Belo, das Colinas Verdes de Pinnath Gelin, com três centenas de esplêndidos homens vestidos de verde. E por último o mais altivo, Imrahil, Príncipe de Doí Amroth, parente do Senhor, com bandeiras cor de ouro ostentando seu símbolo: o Navio e o Cisne de Prata, e uma companhia de cavaleiros bem paramentados, montando cavalos cinzentos; atrás deles sete centenas de soldados, altos como senhores, de olhos cinzentos, cabelos escuros, cantando enquanto avançavam. E isso era tudo, menos de três mil no total. Ninguém mais viria.

Seus gritos e as pisadas de seus pés entraram na Cidade e foram sumindo.

Os que assistiam ficaram em silêncio por um tempo. Pairava poeira no ar, pois o vento cessara e o fim da tarde estava pesado. A hora do fechamento do Portão já se aproximava, e o sol vermelho já estava atrás do Mindolluin. A sombra caiu sobre a Cidade.

Pippin ergueu os olhos, com a impressão de que o céu ficara cor de cinza, como se uma enorme poeira e fumaça pairassem acima deles, e a luz passasse vagamente por elas. Mas no oeste o sol que morria incendiara toda a fumaça, e agora o Mindolluin se erguia negro contra um fogo aceso salpicado de cinzas.

— Assim termina um belo dia em ira! — disse ele, esquecido do menino ao seu lado.

— Assim será, se eu não estiver em casa antes dos sinos do pôr-do-sol — disse Bergil. — Venha! Aí está a trombeta que anuncia o fechamento do Portão.

De mãos dadas entraram de novo na Cidade, os últimos a atravessarem o Portão antes que fosse fechado; quando alcançaram a rua dos Lampioneiros, todos os sinos nas torres badalavam solenemente. Luzes se acendiam em muitas janelas, e das casas e das guaritas dos soldados ao longo das muralhas vinha o som de canções.

— Até logo, por esta vez — disse Bergil. — Leve minhas saudações a meu pai, e agradeça-lhe pela companhia que me enviou. Volte logo, eu lhe peço. Quase chego a desejar agora que não houvesse guerra, pois então poderíamos ter-nos divertido um bocado. Poderíamos ter viajado para Lossarnach, para a casa de meus avós; é bom estar lá na primavera, as florestas e campos ficam cheios de flores. Mas talvez ainda possamos visitar aquela região juntos. O nosso Senhor nunca será derrotado, e meu pai é muito corajoso. Até logo, e espero que retorne!

Separaram-se e Pippin correu de volta para a Cidadela. Pareceu-lhe um caminho longo, e ele ficou com calor e muita fome; a noite se fechava rápida e escura. Nem sequer uma estrela apontava no céu. Chegou atrasado para a refeição do dia na Companhia, e Beregond o recebeu com alegria, sentando-se ao seu lado para saber notícias do filho. Depois da refeição Pippin permaneceu lá por mais um tempo, e então saiu, pois foi tomado de uma estranha melancolia, desejando muito ver Gandalf de novo.

— Você sabe o caminho? — perguntou Beregond à porta do pequeno salão, ao norte da Cidadela, onde estavam sentados. — A noite está escura, e mais escura do que nunca desde que recebemos ordens para diminuir a intensidade das luzes dentro da Cidade, com recomendações de que nenhuma fosse acesa do lado de fora das muralhas. E posso lhe dar uma noticia de outra ordem: você será convocado pelo Senhor Denethor amanhã bem cedo. Receio que você não esteja designado para a Terceira Companhia. Mesmo assim, podemos ter esperanças de nos encontrar de novo. Até logo e durma em paz!

O alojamento estava escuro, exceto por uma pequena lamparina acesa sobre a mesa. Gandalf não estava lá. A melancolia se abateu ainda mais pesada sobre Pippin. Subiu no banco e tentou espiar pela janela, mas era como olhar dentro de um lago de tinta. Desceu, fechou a janela e foi dormir. Ficou um tempo deitado, atento, tentando escutar ruídos do retorno de Gandalf, e então passou para um sono inquieto.

Durante a noite foi acordado por uma luz, e viu que Gandalf retornara e estava andando de um lado para o outro na sala além da cortina de sua alcova. Havia velas na mesa e rolos de pergaminhos. Ouviu o suspiro do mago, que murmurou: — Quando retornará Faramir?

— Olá! — disse Pippin, metendo a cabeça na abertura da cortina. Pensei que tinha se esquecido completamente de mim. Fico feliz por vê-lo de volta. Foi um longo dia.

— Mas a noite será curta demais — disse Gandalf. — Voltei para cá porque precisava de um pouco de paz, sozinho. Você deveria dormir numa cama, enquanto ainda

pode. Ao nascer do dia eu o levarei até o Senhor Denethor de novo. Ou melhor, quando vier a convocação, não ao nascer do dia. A Escuridão começou. Não haverá aurora.

## CAPÍTULO II
## A PASSAGEM DA COMPANHIA CINZENTA

Gandalf fora embora, e o ruido surdo dos cascos de Scadufax se perdia na noite, quando Merry voltou ao encontro de Aragorn. Trazia apenas um embrulho pequeno, pois perdera sua mochila no Parth Galen, e tudo o que tinha eram algumas poucas coisas úteis que apanhara nas ruínas de Isengard. Flasufel já estava selado. Legolas e Gimli, com seu cavalo, estavam ali perto.

— Então quatro membros da Comitiva ainda restam — disse Aragorn.

— Vamos continuar cavalgando juntos. Mas não iremos sozinhos, como eu havia pensado. Agora o rei está determinado a partir imediatamente. Desde a passagem da sombra alada, ele deseja retornarás colinas sob a proteção da noite.

— E depois para onde? — perguntou Legolas.

— Ainda não sei dizer — respondeu Aragorn. — Quanto ao rei, irá à concentração de tropas que convocou em Edoras, daqui a quatro noites. E lá, eu acho, saberá notícias da guerra, e os Cavaleiros de Rohan descerão até Minas Tirith. Exceto eu e quem quer que esteja disposto a me seguir.

— Conte comigo! — exclamou Legolas. — E comigo também! – disse o anão.

— Bem, quanto a mim — disse Aragorn — tudo está escuro á minha frente. Também devo descer até Minas Tirith, mas ainda não vejo a estrada. Uma hora há muito preparada se aproxima.

— Não me deixem para trás! — disse Merry. — Ainda não fui de muita utilidade, mas não quero ser deixado de lado, como bagagem a ser apanhada quando tudo terminar. Não acho que os Cavaleiros queiram se incomodar comigo agora. Embora o rei, é claro, tenha dito que eu deveria sentar ao seu lado quando chegássemos à sua casa, para lhe contar tudo sobre o Condado.

— Sim — disse Aragorn — e sua estrada segue com ele, eu acho, Merry. Mas não espere divertimento no fim. Demorará muito, receio eu, até que Théoden possa se sentar tranquilo outra vez em Meduseld. Muitas esperanças fenecerão nesta primavera

amarga.

Logo todos estavam prontos para partir — vinte e quatro cavalos, com Gimli na garupa de Legolas, e Merry na frente de Aragorn. De repente estavam cavalgando rápido através da noite. Não fazia muito tempo que tinham passado pelos túmulos nos Vaus do Isen, quando um Cavaleiro veio da retaguarda e alcançou a fila onde estavam.

— Meu senhor — disse ele ao rei —, há cavaleiros atrás de nós. Quase nos alcançando, galopando em grande velocidade.

Imediatamente Théoden ordenou uma pausa. Os Cavaleiros se viraram e agarraram as lanças. Aragorn desmontou e colocou Merry no chão e puxando sua espada parou ao lado do estribo do rei. Éomer e seu séquito se dirigiram à retaguarda. Merry mais que nunca se sentiu como bagagem inútil, e ficou pensando o que faria se houvesse uma luta supondo que a pequena escolta do rei fosse presa e derrotada, e só ele escapasse na escuridão — sozinho nos campos desertos de Rohan, sem idéia de onde estava em todo aquele espaço de milhas intermináveis? "De nada adiantaria", pensou ele. Puxou a espada e apertou o cinto.

A lua que ia descendo foi obscurecida por uma grande nuvem flutuante, mas de repente surgiu clara de novo. Então todos ouviram o som de cascos, e no mesmo momento viram figuras escuras rapidamente se aproximando pela trilha que vinha dos vaus. O luar reluzia aqui e ali nas pontas das lanças. Não se podia calcular o número dos perseguidores mas no mínimo eles não pareciam um grupo menor que a escolta do rei.

Quando estavam a uns cinquenta passos de distância Éomer gritou em voz alta: - Alto! Alto! Quem cavalga em Rohan?

Os perseguidores de súbito frearam suas montarias. Seguiu-se um silêncio então, á luz do luar, foi possível ver um cavaleiro desmontando e caminhando para a frente num passo lento. Sua mão apareceu branca assim que ele a ergueu, com a palma para fora, em sinal de paz; mas os homens do rei agarraram suas armas. A dez passos o homem parou. Era alto, uma sombra escura. Então sua voz soou.

— Rohan? Você disse Rohan? Essa é uma palavra alegre. Estamos vindo de muito longe á procura dessa terra, e temos pressa em achá-la.

— Vocês a encontraram — disse Éomer. — Quando atravessaram os vaus lá adiante, entraram nela. Mas este é o reino de Théoden, o Rei. Ninguém cavalga aqui a não ser com a sua permissão. Quem é você? Que significa essa pressa?

— Sou Halbarad Dúnadan, guardião do norte — exclamou o homem. Procuramos um certo Aragorn, filho de Arathorn, e ouvimos dizer que ele estava em

Rohan.

— E também o encontraram! — exclamou Aragorn. Dando as rédeas para Merry, correu á frente e abraçou o recém-chegado. — Halbarad! — disse ele. – De todas as alegrias, esta era a menos esperada!

Merry deu um suspiro de alivio. Tinha pensado que aquele era um dos últimos truques de Saruman, para atocaiar o rei enquanto estava acompanhado apenas por alguns homens; mas parecia que não seria necessário morrer defendendo Théoden, não por enquanto, de qualquer forma. Embainhou a espada.

— Está tudo bem — disse Aragorn, voltando-se. — Aqui estão alguns de meus parentes, que vêm das terras distantes onde morei. Mas por que vêm, e quantos são, Halbarad deverá nos contar.

— Tenho trinta homens comigo — disse Halbarad. — Foi o máximo de patentes que conseguimos reunir ás pressas; mas os irmãos Elladan e Elrobir cavalgaram conosco, desejando ir para a guerra. Viemos na maior velocidade possível, quando chegou a sua convocação.

— Mas eu não os convoquei — disse Aragorn —, exceto apenas em desejo. Meus pensamentos frequentemente têm-se voltado em sua direção, e hoje mais do que nunca; apesar disso, não enviei mensagem alguma. Mas venham! Todos esses assuntos podem esperar. Vocês nos encontram cavalgando com pressa e em perigo. Acompanhem-nos agora, se o rei der sua permissão. Théoden ficou realmente feliz com a noticia. Isso é bom! – disse ele.

— Se esses seus parentes forem de alguma forma parecidos com você, meu senhor Aragorn, trinta desses cavaleiros serão uma força que não poderá ser avaliada pelo número de cabeças.

Então os Cavaleiros partiram de novo, e Aragorn por um tempo cavalgou com os dúnedain, e, quando tinham conversado sobre os acontecimentos no norte e no sul, Elrobir lhe disse:

— Trago-lhe uma mensagem de meu pai: Os dias agora são curtos. Se estás com pressa, lembra-te das Sendas dos Mortos.

— Sempre meus dias me pareceram curtos demais para realizar meu desejo — respondeu Aragorn. — Mas realmente grande será minha pressa quando eu tomar essa estrada.

— Isso logo vetemos — disse Elrohir. — Mas deixemos de falar dessas coisas aqui na estrada aberta!

E Aragorn disse para Halbarad:

— O que é isso que você carrega, Primo? — Pois ele viu que em vez de uma lança Halbarad trazia um grande cajado, como se fosse um estandarte, mas que estava embrulhado num tecido negro, amarrado com várias correias.

— É um presente que eu trago da Senhora de Valfenda — respondeu Halbarad. — Ela o teceu em segredo, e a confecção foi demorada. Mas ela também lhe manda uma mensagem: Os dias são curtos. Ou nossa esperança chega, ou todas as esperanças se acabam. Portanto envio-te o que fiz para ti. Passe bem, Pedra Élfica!

E Aragorn disse:

— Agora sei o que você carrega. Carregue-o para mim por mais um tempo! — E voltou-se e olhou na distância ao norte, sob as grandes estrelas e depois ficou em silêncio e não disse mais nada enquanto durou a viagem noturna.

Era noite alta e o leste estava cinzento quando subiram finalmente a Garganta do Abismo, e retornaram ao Forte da Trombeta. Ali deveriam se deitar e descansar por um breve período, e fazer planos.

Merry dormiu até ser acordado por Legolas e Gimli. — O sol está alto

— disse Legolas. — Os outros estão em plena atividade. Venha, Mestre Preguiçoso, e dê uma olhada no lugar enquanto ainda pode!

— Houve uma batalha aqui três dias atrás — disse Gimli —, e aqui Legolas e eu jogamos um jogo que eu venci por apenas um único orc. Venha ver como foi! E há cavernas, Merry, cavernas maravilhosas! Vamos visita-las, Legolas, o que você acha?

— Não! Não há tempo — disse o elfo. — Não estrague essa maravilha com a pressa! Dei minha palavra de que voltarei aqui com você, se um dia de paz e liberdade surgir outra vez. Mas agora é quase meio-dia, e a essa hora deveremos almoçar, e depois partir novamente, pelo que ouvi. Merry se levantou e bocejou. Suas poucas horas de sono foram muito menos que o suficiente; estava cansado e bastante desanimado. Sentia a falta de Pippin, e sentia também que não passava de um peso morto, enquanto todo o mundo fazia planos para se apressar num negócio que ele não entendia completamente.

— Onde está Aragorn? — perguntou ele.

— Num alto aposento do Forte — disse Legolas.

— Não dormiu nem descansou, eu acho. Foi para lá há algumas horas, dizendo que precisava pensar, e apenas o seu parente, Halbarad, foi com ele; mas ele está tomado por alguma dúvida ou preocupação negra. São uma companhia estranha, esses recém-chegados — disse Gimli.

Homens robustos e de porte nobre, que fazem com que os Cavaleiros de

Rohan fiquem quase parecendo crianças ao lado deles; pois eles são homens de rostos austeros, marcados como pedras desgastadas, exatamente como o próprio Aragorn e também falam muito pouco.

— Mas assim como Aragorn são corteses, quando quebram seu silêncio — disse Legolas. — E você notou os irmãos Elladan e Elrohir? Seus trajes são menos sombrios que os dos outros, e são belos e galantes como Senhores Élficos; e isso não é de admirar nos filhos de Elrond de Valfenda.

— Por que vieram? Você ficou sabendo? — perguntou Merry.

Agora já vestido, jogou a capa cinzenta sobre os ombros e os três caminharam juntos na direção do portão arruinado do Forte.

— Responderam a uma convocação, como você ouviu – disse Gimli. Uma mensagem chegou a Valfenda, dizem eles: Aragorn precisa de seu povo. Que os dúnedain cavalguem para encontrá-lo em Rohan! Mas de onde veio essa mensagem eles não sabem ao certo. Gandalf a enviou, eu arriscaria dizer.

— Foi Galadriel — disse Legolas. — Ela não falou , através de Gandalf, da cavalgada da Companhia Cinzenta que viria do norte?

— Você tem razão — disse Gimli — A Senhora da Floresta! Ela leu muitos corações e desejos. Agora, por que nós também não desejamos a participação de nossos parentes, Legolas?

Legolas parou diante do portão e voltou os olhos claros para o norte e para o leste, com o sofrimento estampado em seu belo rosto. – Não acho que alguém viria — respondeu ele. — Eles não precisam cavalgar ao encontro da guerra; a guerra já marcha em suas próprias terras.

Por um tempo os três companheiros caminharam juntos, comentando sobre um ou outro lance da batalha; desceram do portão quebrado e passaram pelos túmulos dos mortos na relva ao lado da estrada, até que pararam sobre o Dique de Helm e observaram a Garganta. A Colina da Morte ainda estava lá, negra, alta e pedregosa, e ainda havia marcas bem visíveis na grama removida e pisada pelos huorns. O povo da Terra Parda e muitos homens da guamição do Forte estavam trabalhando no Dique ou nos campos e ao redor das muralhas destruídas mais além; apesar disso, tudo parecia estranhamente quieto: um vale cansado, repousando depois de uma grande tempestade.

Logo os três voltaram e se dirigiram à refeição do meio-dia no salão do

Forte.

O rei já estava lá, e logo que entraram ele chamou Merry e lhe ofereceu uma cadeira ao seu lado. — Não é como eu gostaria – disse Théoden —, pois este lugar é pouco parecido com minha casa em Edoras. E seu amigo, que também deveria estar aqui, partiu. Mas pode demorar muito até que nos sentemos, você e eu, à alta mesa em Meduseld; não haverá tempo para banquetes quando eu retornar. Mas venha agora! Coma e beba e vamos conversar um pouco enquanto pudermos. Depois você deverá cavalgar comigo.

— Eu posso? — disse Merry, surpreso e deliciado. – Seria esplêndido! — O hobbit nunca ficara tão agradecido diante de palavras corteses. — Receio estar apenas atrapalhando todo o mundo — gaguejou ele—; mas ficaria feliz em poder fazer qualquer coisa que estivesse ao meu alcance, o senhor sabe.

— Não duvido disso — disse o rei. — Mandei preparar um bom pônei montanhês para você. Vai conduzi-lo com a velocidade de qualquer cavalo pelas estradas que tomaremos. Pois vou partir do Forte e passar por trilhas nas montanhas, evitando a planície, e dessa forma vou chegar a Edoras pelo Templo da Colina, onde a

Senhora Éowyn me aguarda. Você será meu escudeiro, se isso lhe agrada.

Existe neste lugar algum equipamento de guerra, Éomer, que meu nobre espadachim possa usar?

— Não há grandes arsenais aqui, meu senhor — respondeu Éomer.

— Talvez encontremos um elmo leve que lhe possa servir; mas não temos malhas metálicas ou espadas que se ajustem ao seu tamanho.

— Eu tenho uma espada — disse Merry, saltando da cadeira e puxando de sua bainha negra a pequena espada brilhante. Cheio de um súbito afeto por aquele velho, ajoelhou-se sobre um dos joelhos, tomou-lhe a mão e beijou-a.

— Permita-me depositar a espada de Meriadoc do Condado em seu colo, Rei

Théoden! — exclamou ele. — Aceite meu serviço, se lhe aprouver.

— Aceito com satisfação — disse o rei, e, colocando as longas e velhas mãos sobre os cabelos castanhos do hobbit, abençoou-o. — Levante-se agora, Meriadoc, escudeiro de Rohan, da casa de Meduseld! — disse ele. — Pegue sua espada e conduza-a para uma sorte feliz.

— O senhor será como um pai para mim — disse Merry.

— Por pouco tempo — disse Théoden.

Os dois conversaram durante a refeição, até que de repente Éomer falou.

— A hora que marcamos para partir se aproxima, meu senhor – disse ele. —

Devo pedir que os homens toquem as trombetas? Mas onde está Aragorn? Seu lugar está vazio, e ele não comeu.

— Vamos nos aprontar para partir — disse Théoden —; mas faça com que uma mensagem seja enviada ao Senhor Aragorn, dizendo que a hora se aproxima.

O rei com sua guarda, acompanhado de Merry, desceu do portão do Forte para o ponto no gramado onde os Cavaleiros estavam se reunindo.

Muitos já estavam montados. Seria uma grande companhia; pois o rei estava deixando apenas uma pequena guarnição no Forte, e todos os que podiam ser utilizados estavam indo para o encontro de armas em Edoras. Mil lanceiros já haviam, na realidade, partido durante a noite; mas ainda haveria mais quinhentos acompanhando o rei, na maioria homens dos campos e vales do Folde Ocidental.

Os guardiões estavam sentados um pouco mais longe, em silêncio, num grupo ordenado, armados com lanças, arcos e espadas. Estavam vestidos com capas de um cinza-escuro, e seus capuzes cobriam elmo e cabeça.

Os cavalos eram fortes e de porte altivo, mas tinham pêlo duro e um estava ali sem seu cavaleiro; era o próprio cavalo de Aragorn que tinham trazido do norte; Roheryn era seu nome. Não havia brilho de pedras ou ouro, nem qualquer coisa bonita nos seus estribos e arreios; nem os seus cavaleiros usavam qualquer insígnia ou símbolo, a não ser o broche no formato de uma estrela raiada de prata, que cada um tinha espetado sobre o ombro esquerdo.

O rei montou seu cavalo, Snawmana, e Merry se pôs ao lado dele em seu pônei: este chamava-se Stybba. De repente Éomer saiu do portão acompanhado de Aragorn e Halbarad, este trazendo o grande cajado, todo embrulhado no tecido negro, e dois homens altos, nem jovens nem velhos.

Eram tão parecidos os filhos de Elrond que poucos conseguiam distinguir um outro; cabelos escuros, olhos cinzentos, e nos rostos a beleza dos elfos, vestidos da mesma forma em malhas brilhantes sob as capas de um cinza-prateado. Atrás deles caminhavam Legolas e Gimli. Mas Merry só tinha olhos para Aragorn, tão assustadora era a mudança que se operara nele, como se em uma noite anos tivessem desabado sobre sua cabeça. O rosto estava austero, cor de cinza e exausto.

— Estou preocupado, senhor — disse ele, parando ao lado do cavalo do rei. — Ouvi palavras estranhas, e vejo novos perigos á frente. Esforcei-me muito pensando, e agora receio que deva mudar meu propósito. Diga-me, Théoden, você cavalga agora para o Templo da Colina; quanto tempo levará para que chegue lá?

— Agora já passa uma hora do meio-dia — disse Éomer. -Antes da noite do terceiro dia a contar de agora devemos chegar à Fortaleza. A lua então terá passado um dia de sua fase cheia, e a concentração de tropas que o rei pediu acontecerá no dia seguinte. Não podemos ser mais rápidos, se quisermos reunir a força de Rohan.

Aragorn ficou em silêncio por um momento. Três dias – murmurou ele —, e a concentração das tropas de Rohan terá apenas começado. Mas vejo que não se pode apressá-la. Ergueu os olhos e parecia ter tomado alguma decisão; seu rosto estava menos preocupado. — Então, com a sua permissão, senhor, devo fazer novos planos para mim e meu povo. Devemos ir por nossa própria estrada, não mais em segredo. Para mim, o tempo de clandestinidade acabou. Vou cavalgar pelo caminho mais rápido, e vou tomar as Sendas dos Mortos.

— As Sendas dos Mortos — disse Théoden, estremecendo. — Por que você as menciona? — Éomer virou-se e fitou Aragorn, e Merry teve a impressão de que os rostos dos Cavaleiros que estavam por perto e puderam ouvir ficaram pálidos à menção daquelas palavras. — Se realmente existirem tais sendas — disse Théoden —, o portão para elas está no Templo da Colina; mas nenhum homem vivo pode passar por ele.

— Que pena, Aragorn, meu amigo! — disse Éomer. – Esperava que pudéssemos cavalgar juntos para a guerra; mas, se você procura as Sendas dos Mortos, então chegou a hora de nossa separação, e é pouco provável que nos encontremos de novo sob este sol.

— Não obstante, tomarei aquela estrada — disse Aragorn. — Mas digo a você, Éomer, que na batalha poderemos nos encontrar de novo, mesmo que todos os exércitos de Mordor se posicionem entre nós.

— Faça como quiser, meu senhor Aragorn — disse Théoden. — É o seu destino, talvez, trilhar caminhos estranhos que os outros não ousam. Esta despedida me entristece, e diminui minha força; mas agora devo tomar as estradas das montanhas sem mais delongas. Passe bem!

— Até logo, senhor! — disse Aragorn. — Cavalgue para a fama! Até logo,

Merry! Deixo você em boas mãos, melhor do que esperávamos quando caçavamos os orcs em Fangorn. Legolas e Gimli ainda vão caçar ao meu lado espero, mas não nos esqueceremos de você.

— Adeus! — disse Merry. Não conseguiu encontrar outras palavras. Sentiu-se muito pequeno e estava consternado e deprimido diante de todas aquelas palavras melancólicas. Mais do que nunca sentia falta da inesgotável alegria de Pippin. Os

Cavaleiros estavam prontos, e os cavalos, inquietos; Merry desejava que partissem e terminassem logo com aquilo.

Agora Théoden se dirigia a Éomer, erguendo a mão e falando em voz alta, e com aquela palavra os Cavaleiros partiram. Passaram pelo Dique e desceram a Garganta, e depois, virando-se depressa para o leste, pegaram a trilha que contornava os pés das colinas por cerca de uma milha até que, curvando-se para o sul, passava por trás das colinas e desaparecia de vista. Aragorn cavalgou até o Dique e ficou observando até que os homens do rei estivessem bem distantes, na Garganta. Então virou-se para Halbarad.

— Lá se vão três entes que amo, e o menor deles não menos – disse ele.

— Ele não sabe para que fim se dirige; mas, se soubesse, mesmo assim prosseguiria.

— Um povo pequeno, mas de grande valor, são as pessoas do Condado — disse Halbarad. — Sabem pouco de nosso longo trabalho para salvaguardar suas fronteiras, mas mesmo assim não lhes guardo ressentimento.

— E agora nossos destinos estão entrelaçados – disse Aragorn. — Mesmo assim, infelizmente, aqui temos de nos separar. Bem, preciso comer um pouco, e depois nós também devemos partir depressa. Venham, Legolas e Gimli! Preciso lhes falar enquanto como.

Juntos voltaram ao Forte, mas por algum tempo Aragorn ficou sentado em silêncio à mesa do salão, e os outros aguardando que ele falasse.

— Vamos! — disse Legolas finalmente. — Fale e se reconforte, e espante a sombra! O que aconteceu desde que retornamos a este lugar triste na manhã cinzenta?

— Uma luta de certa forma mais dificil para mim que a batalha do Forte da Trombeta — respondeu Aragorn. — Olhei na Pedra de Orthanc, meus amigos.

— Você olhou naquela maldita pedra de feitiçaria! – exclamou Gimli com medo e estupefação cobrindo-lhe o rosto. — Disse alguma coisa a... ele? Até mesmo Gandalf temia tal encontro.

— Você esquece quem é a pessoa a que se dirige – disse Aragorn de modo austero, e seus olhos faiscaram. — Não proclamei meu título diante das portas de Edoras? Que receiam que eu possa ter dito a ele? Não, Gimli — disse ele numa voz mais suave, e o ar severo desapareceu de seu rosto; agora parecia alguém que trabalhara sem descanso através de várias noites de sofrimento. — Não, meus amigos, eu sou o dono legítimo da Pedra, e eu tinha tanto o direito como a força para usá-la, ou pelo menos julguei que fosse assim— Do direito não se pode duvidar. A força apenas suficiente.

Respirou fundo. — Foi uma luta amarga, e o cansaço demora a passar. Não disse a ele palavra alguma, e no fim domei a Pedra segundo a minha vontade. Só isso será dificil para ele suportar. E ele me viu. Sim, Mestre Gimli, ele me viu, mas numa roupagem diferente da que vocês enxergam agora. Se isso o ajudar, então fiz uma coisa ruim. Mas não acho que seja assim. Saber que eu estou vivo e caminho sob o sol foi um duro golpe para o coração dele, julgo eu, pois não sabia disso até agora. Os olhos em Orthanc não enxergaram através da armadura de Théoden; mas Sauron não esqueceu Isildur e a espada de Elendil. Agora, no momento exato de seus grandes desígnios o herdeiro de Isildur e a Espada são revelados; pois eu lhe mostrei a lâmina reforjada. Ele ainda não tem tanto poder para estar acima do medo; não, a dúvida constantemente o corrói.

— Mas ele controla um grande domínio, apesar de tudo — disse Gimli —; e agora atacará mais rápido.

— O golpe apressado geralmente se perde — disse Aragorn. — Devemos pressionar nosso Inimigo, e não mais esperar que ele ataque. Vejam, meus amigos, quando dominei a Pedra, aprendi muitas coisas. Vi um grande perigo inesperado vindo do sul e se aproximando de Gondor, que retirará grande parte da força de defesa de Minas Tirith. Se não houver um contragolpe rápido, acho que a Cidade estará perdida antes que dez dias se passem.

— Então ela se perderá — disse Gimli. — Pois que socorro há que possamos enviar àquela direção, e como poderia chegar a tempo?

— Não tenho Socorro para enviar portanto devo ir em pessoa, disse Aragorn. — Mas só há um caminho através das montanhas que pode me conduzir até a região costeira antes que tudo esteja perdido. As Sendas dos Mortos.

— As Sendas dos Mortos! — disse Gimli — É um nome cruel, pouco do agrado dos homens de Rohan, pelo que vi. Podem os vivos usar essa estrada, sem que pereçam? E, mesmo que você passe por esse caminho, que eficácia terão tão Poucos contra os golpes de Mordor?

— Os vivos nunca usaram aquela estrada desde a chegada dos rohirrim — disse Aragorn —, pois ela está fechada para eles. Mas nesta hora escura o herdeiro de Isildur poderá tomá-la, se ousar fazê-lo. Escutem! Esta é a mensagem que os filhos de Elrond me trazem, enviada de Valfenda por seu pai, o mais sábio na tradição: Peçam a Aragorn que se lembre das palavras do vidente e das Sendas dos Mortos.

— E quais podem ser as palavras do vidente? – disse Legolas.

— Assim falou Malbeth o Vidente nos dias de Arvedui o último rei de Fornost —

disse Aragorn:

*Sobre a terra se estende uma sombra terrível,*
*Lançando sobre o oeste longas asas de trevas.*
*A Torre treme; das tumbas de reis*
*a sina se aproxima. Os Mortos despertam,*
*chegada é a hora dos que foram perjuros:*
*junto á Pedra de Erech de pé ficarão*
*para ouvir a corneta ecoar nas colinas*
*De quem será a corneta? Quem irá chamar*
*da dúbia meia-luz o olvidado povo?*
*O herdeiro daquele a quem foi feita a jura.*
*Do norte ele virá movido pela sorte.*
*Seguirá pela Porta para as Sendas dos Mortos.*

— Caminhos obscuros, sem dúvida — disse Gimli —, mas esses versos não são menos obscuros para mim.

— Se vocês pudessem entendê-los melhor, então eu pediria que me acompanhassem — disse Aragorn —, pois tal caminho devo trilhar. Mas não vou de bom grado; apenas a necessidade me move. Portanto, só poderia aceitar que vocês me acompanhassem se fosse por sua livre e espontânea vontade, pois encontrarão árdua fadiga e grande medo, e talvez coisa pior.

— Irei com você, mesmo que seja pelas Sendas dos Mortos, e para qualquer fim que elas possam conduzir — disse Gimli.

— Também irei — disse Legolas —, pois não temo os Mortos.

— Espero que o olvidado povo não tenha olvidado como se luta — disse Gimli — caso contrário, não vejo por que deveríamos molestá-los.

— Isso saberemos se conseguirmos chegar a Erech – disse Aragorn. — Mas o juramento que quebraram foi o de lutar contra Sauron, portanto eles devem lutar, se quiserem cumpri-lo. Pois em Erech se ergue uma pedra negra que foi trazida de Númenor, como se conta, por Isildur; e ela foi colocada sobre uma colina, e sobre ela o Rei das Montanhas jurou fidelidade a ele no inicio do reino de Gondor. Mas, quando Sauron retornou e ficou outra vez poderoso, Isildur convocou os homens das Montanhas para que cumprissem seu juramento, e eles não cumpriram: tinham adotado Sauron

durante os Anos Escuros.

— Então Isildur disse ao rei deles: "Tu serás o último rei. E, se o oeste se mostrar mais forte que teu Mestre Negro, esta maldição eu lanço sobre ti e teu povo: jamais descansar enquanto o juramento não for cumprido. Pois esta guerra perdurará por anos sem conta, e vós sereis chamados mais uma vez antes do fim." E eles fugiram diante da ira de Isildur, e não ousaram avançar para lutar a favor de Sauron; esconderam-se em lugares secretos nas montanhas e não tiveram contato com outros homens; e lentamente foram se extinguindo nas colinas desoladas. E o terror dos Mortos Insones paira sobre a colina de Erech e sobre todos os lugares onde aquele povo subsistia. Mas por esse caminho devo ir, já que não há nenhum vivo que possa me ajudar.

Levantou-se.

— Venham! — gritou ele, puxando da bainha a espada, que reluziu na dúbia luz do salão do Forte. — Para a Pedra de Erech! Procuro as Sendas dos Mortos. Que me acompanhe quem quiser!

Legolas e Gimli não responderam, mas levantaram-se e seguiram Aragorn, saindo do salão. Sobre a relva esperavam, imóveis e em silêncio, os guardiões encapuzados.

Legolas e Gimli montaram. Aragorn saltou no lombo de Roheryn. Então Halbarad ergueu uma grande corneta, cujo clangor ecoou no Abismo de Helm; e com isso partiram em disparada, descendo a Garganta como um trovão, enquanto todos os homens que ficaram no Dique ou no Forte observavam assombrados.

E, enquanto Théoden ia pelas morosas trilhas das colinas, a Companhia Cinzenta passou depressa através da planície, e no dia seguinte á tarde chegaram a Edoras, e ali fizeram apenas uma pausa breve, antes de avançar subindo o vale; assim chegaram ao Templo da Colina ao cair da noite.

A Senhora Éowyn os cumprimentou e ficou feliz com a sua chegada, pois nunca vira homens mais poderosos que os dúnedain e os belos filhos de Elrond; mas seus olhos repousavam principalmente em Aragorn. E, quando se sentaram à ceia com ela, os dois conversaram, e ela ficou sabendo sobre tudo o que se passara desde a partida de Théoden, fatos sobre os quais ela apenas recebera notícias apressadas; quando ouviu sobre a batalha no Abismo de Helm, sobre a grande matança dos inimigos, e sobre o ataque de Théoden e todos os seus cavaleiros, os olhos dela brilharam.

Mas finalmente ela disse:

— Senhores, estão cansados e devem agora ir para suas camas, com todo o

conforto que se possa improvisar. Mas amanhã alojamentos melhores serão preparados para vocês.

Mas Aragorn disse:

— Não, senhora, não se preocupe conosco! Se pudermos dormir aqui esta noite e quebrar nosso jejum amanhã, isso será o suficiente. Pois cavalgo numa missão de extrema urgência, e com a primeira luz da manhã devemos partir.

Ela lhe sorriu e disse:

— Então foi uma enorme gentileza, senhor, terem cavalgado tantas milhas fora de seu caminho para trazer notícias para Éowyn, e conversar com ela em seu exílio.

— Na verdade nenhum homem consideraria tal viagem um desperdício — disse Aragorn —; e, apesar disso, senhora, eu não poderia ter vindo até aqui se a estrada que devo tomar não passasse pelo Templo da Colina.

E ela respondeu como alguém que não gostou do que ouviu:

— Então, senhor, você está perdido; pois do Vale Harg nenhuma estrada vai para o leste ou para o sul; e é melhor que retorne por onde veio.

— Não, senhora — disse ele —, não estou perdido pois andei nesta terra antes que você nascesse para enfeita-la. Há uma estrada que sai deste vale e essa estrada tomarei. Amanhã cavalgarei pelas Sendas dos Mortos.

Então ela o fitou como alguém que está chocado; seu rosto embranqueceu, e por um longo período não disse mais nada, enquanto todos ficaram em silêncio.

— Mas, Aragorn — disse ela finalmente —, então sua missão é procurar a morte? Pois isso é tudo o que encontrará naquela estrada. Eles não permitem que os vivos passem.

— Eles podem tolerar que eu passe — disse Aragorn —; mas no mínimo vou arriscar. Nenhuma outra estrada servirá.

— Mas isso é loucura — disse ela. — Pois aqui há homens de fama e coragem, que você não deveria levar para as sombras, mas conduzir para a guerra, onde se precisa de homens. Imploro que fique e cavalgue com meu irmão, pois assim os nossos corações se alegrarão e nossa esperança será maior.

— Não é loucura, senhora — respondeu ele —; pois irei por um caminho predeterminado. Mas aqueles que me seguem o fazem de livre e espontânea vontade, e, se quiserem agora ficar e cavalgar com os Rohirrim, podem fazê-lo. Mas eu vou tomar as Sendas dos Mortos, sozinho, se for necessário.

Então ela não disse mais nada, e todos comeram em silêncio; mas seus olhos

estavam sempre em Aragorn, e os outros perceberam que sua mente estava atormentada.

Finalmente se levantaram, pediram permissão à Senhora, agradeceram-lhe e foram descansar.

Mas, quando Aragorn chegou à barraca onde deveria se alojar com Legolas e Gimli, e seus companheiros entraram, veio a Senhora Éowyn atrás dele e o chamou.

Ele se virou e a viu como um brilho na noite, pois estava toda vestida de branco; mas tinha os olhos em chamas.

— Aragorn — disse ela —, por que você vai por essa estrada mortal?

— Porque preciso — disse ele. — Só assim posso ver qualquer esperança de desempenhar meu papel na guerra contra Sauron. Não escolho trilhas de perigo,

Éowyn. Se pudesse ir para onde meu coração mora, estaria no norte distante, caminhando no belo vale de Valfenda.

Por um momento ela ficou quieta, como se estivesse ponderando o significado daquelas palavras. Então, de repente, colocou-lhe a mão sobre o ombro.

— Você é um senhor austero e resoluto,disse ela —, e assim os homens ganham fama. — Fez uma pausa. — Senhor — disse ela , se precisa ir, então permita que eu o siga. Pois estou cansada de me esconder covardemente nas colinas, e desejo enfrentar o perigo e a batalha.

— Seu dever está com seu povo, respondeu ele.

— Já ouvi demais sobre deveres — exclamou ela. — Mas por acaso não sou da Casa de Eorl, uma escudeira e não uma ama-seca? Já servi a pés vacilantes por muito tempo. Uma vez que eles já não vacilam, ao que parece, não posso eu passar minha vida como desejar?

— Poucos podem fazer isso com honra — respondeu ele. — Mas quanto a senhora: não aceitou o encargo de governar seu povo até que o senhor retorne?

Se não tivesse sido escolhida, então algum marechal ou capitão teria sido colocado no mesmo lugar, e não poderia fugir da incumbência, estando cansado ou não.

Serei sempre eu a escolhida? — disse ela num tom amargo. – Serei sempre deixada para trás quando os Cavaleiros partem, para cuidar da casa enquanto eles ganham fama, e para preparar-lhes cama e comida, esperando seu regresso?

— Logo pode chegar um tempo — disse ele — em que ninguém retornará. Então haverá necessidade de valor sem fama, pois ninguém se recordará dos feitos realizados na derradeira defesa de suas casas. Apesar disso, os feitos não serão menos corajosos

por não serem celebrados.

E ela respondeu:

— Todas as suas palavras querem dizer apenas isto: você é uma mulher, e seu papel é na casa. Mas, quando os homens estiverem mortos na batalha e com honra, você tem a permissão para ser queimada na casa, pois os homens não mais precisarão dela. Mas eu sou da Casa de Eorl, e não uma serviçal. Posso cavalgar e brandir uma espada, e não temo o sofrimento ou a morte.

— O que teme, senhora? — perguntou ele.

— Uma gaiola — disse ela. — Ficar atrás de grades, até que o hábito e a velhice as aceitem e todas as oportunidades de realizar grandes feitos estejam além de qualquer lembrança ou desejo.

— E mesmo assim me aconselhou a não me aventurar na estrada que escolhi, só porque é perigosa?

— Dessa forma um pode aconselhar o outro — disse ela. — Mas eu não lhe peço que fuja do perigo, mas que cavalgue para a batalha, onde sua espada possa conquistar fama e vitória. Não gostaria que uma coisa que é nobre e excelente fosse desperdiçada à toa.

— Nem eu — disse ele. — Portanto lhe digo, senhora: Fique!

Pois você não tem missão alguma no sul.

— Os que te acompanham também não têm. Eles só vão porque não estão dispostos a se separar de ti... porque te amam. — Então virou-se e desapareceu dentro da noite.

Quando chegou a luz do dia no céu, mas antes que o sol tivesse subido acima das altas cordilheiras do leste, Aragorn se aprontou para partir. Sua companhia estava toda montada, e ele prestes a saltar para a sela, quando a Senhora Éowyn veio lhes dizer adeus. Estava vestida como um Cavaleiro, e trazia uma espada na cintura.

Na mão trazia uma taça, e levando-a aos lábios bebeu um pouco, desejando— lhes boa viagem; depois ofereceu a taça a Aragorn; ele bebeu e disse: — Até logo, Senhora de Rohan! Bebo ao sucesso de sua Casa, e ao seu, e de todo o seu povo. Diga ao seu irmão: além das sombras podemos nos reencontrar!

Então Gimli e Legolas, que estavam próximos, tiveram a impressão de que ela estava chorando, e numa pessoa tão austera e altiva isso parecia mais triste.

Mas ela disse:

— Aragorn, tu vais?

— Eu vou — disse ele.

— Então tu não permitirás que eu cavalgue com este grupo, como pedi?

— Não permitirei, senhora. Pois isso eu não poderia conceder sem a permissão do rei e de seu irmão, e eles não retornarão antes de amanhã. Mas agora conto cada hora, na realidade cada minuto. Adeus!

Então ela caiu de joelhos, dizendo:

— Eu te imploro!

— Não, senhora disse ele, tomando-lhe a mão e erguendo-a. Então deu-lhe um beijo na mão e saltou na sela, e partiu sem olhar para trás, e só aqueles que o conheciam bem e estavam próximos dele viram a dor que levava consigo.

Mas Éowyn ficou imóvel como uma figura esculpida em pedra, as mãos crispadas ao longo do corpo, olhando-os até que desaparecessem nas sombras sob a negra Dwimorberg, a Montanha Assombrada, na qual ficava o Portão dos Mortos.

Quando desapareceram de vista, ela se virou e, aos tropeços, como uma cega, voltou ao seu alojamento. Mas ninguém de seu povo viu essa despedida, pois todos haviam-se escondido de medo e não ousaram sair até que o dia despertasse, e os incautos forasteiros já tivessem ido embora.

E alguns diziam:

— Eles são criaturas élficas. Que vão para seu lugar, os locais escuros, e que nunca mais voltem. Os tempos já são malignos o bastante.

A luz ainda estava cinzenta quando a cavalgada começou, pois o sol ainda não tinha subido sobre as cordilheiras negras da Montanha Assombrada diante deles.

Foram tomados de pavor, no momento em que passaram entre as fileiras de pedras antigas e assim atingiram o Dimholt. Ali, sob a escuridão de árvores negras que nem mesmo Legolas conseguiria suportar por muito tempo, encontraram uma concavidade abrindo-se na raiz da montanha, e bem na trilha deles erguia-se uma única rocha poderosa, semelhante a um dedo em gesto de condenação.

— Meu sangue está gelado — disse Gimli, mas os outros ficaram em silêncio, e a voz do anão morreu nas úmidas agulhas de abeto aos seus pés. Os cavalos se recusaram a passar pela pedra ameaçadora, exigindo que os cavaleiros desmontassem e os conduzissem. E então finalmente afundaram na fenda; ali se erguia uma parede de pedra íngreme, e na parede a Porta Negra abria-se diante deles como se fosse a própria boca da noite. Sinais e figuras apareciam entalhados acima de seu amplo arco, ilegíveis de tão apagados, e o medo fluía dela como um vapor cinzento.

O grupo parou. e não havia um só coração entre eles que não estremecesse, a não ser o coração de Legolas dos elfos, que não temia fantasmas de homens.

— Esta é uma porta maligna — disse Halbarad —, e minha morte jaz atrás dela. Não obstante, ousarei passar por ela; mas nenhum cavalo entrara.

— Mas precisamos entrar, e, portanto, os cavalos devem ir também — disse Aragorn. — Pois, se conseguirmos passar por esta escuridão, muitas léguas se estendem á frente, e cada hora perdida ali trará o triunfo de Sauron para mais perto. Sigam-me!

Então Aragorn foi na frente, e a força de sua vontade nessa hora foi tamanha que todos os dúnedain e seus cavalos o seguiram. E, na realidade, o amor que o cavalos dos guardiões tinham por seus cavaleiros era tão grande que os animais estavam dispostos a enfrentar até mesmo o terror da Porta, se os corações de seus donos estivessem firmes ao caminharem ao lado deles. Mas Arod, o cavalo de Rohan, recusava-se a entrar, e parou suando e tremendo num medo que dava pena de ver.

Então Legolas colocou a mão sobre os olhos do animal e cantou algumas palavras que pairaram suaves na escuridão, até que o cavalo se deixou conduzir, e Legolas entrou.

E ali ficou Gimli, o anão, completamente sozinho.

Os joelhos tremiam, e ele estava furioso consigo mesmo.

— Esta é uma coisa de que ninguém nunca ouviu falar! — disse ele. — Um elfo entra debaixo da terra e um anão não tem a coragem! — Com isso mergulhou para dentro. Mas parecia-lhe que seus pés pesavam como chumbo na entrada; imediatamente foi acometido de uma cegueira, até mesmo ele, Gimli, filho de Glóin, que já caminhara sem medo em muitos lugares profundos do mundo.

Aragorn trouxera tochas do Templo da Colina, e agora ia à frente erguendo uma nas mãos; Elladan, na retaguarda, levava outra, e Gimli, aos tropeços, lutava para conseguir alcançá-lo. Não conseguia enxergar nada, exceto a chama fraca das tochas; mas, se o grupo parava, parecia haver um sussurro interminável de vozes por toda a volta, um murmúrio em palavras numa língua que ele nunca ouvira antes.

Nada atacou o grupo, nem impediu sua passagem. Mesmo assim, o medo não parava de crescer dentro do anão á medida que ele avançava: principalmente porque sabia agora que não haveria como voltar; todas as trilhas atrás estavam apinhadas por um exército que os seguia na escuridão.

Assim se passou um tempo impossível de se calcular, até que Gimli avistou algo que posteriormente sempre odiaria recordar. A estrada era ampla, pelo que podia julgar,

mas agora o grupo de repente chegava a um grande espaço vazio, e não havia mais muralhas em nenhum dos lados. O pavor que sentia era tão grande que mal conseguia andar. Na distância, à esquerda, algo brilhou na escuridão assim que a tocha de Aragorn se aproximou. Então Aragorn parou e foi verificar o que era aquilo.

— Ele não sente medo? — murmurou o anão. — Em qualquer outra caverna, Gimli, filho de Glóin, teria sido o primeiro a correr em direção ao brilho do ouro. Mas não aqui! Que o ouro fique onde está!

Mesmo assim chegou mais perto, e viu Aragorn ajoelhado, enquanto Elladan erguia as duas tochas. Diante dele estavam os ossos de um homem forte. Estivera vestido de malha metálica, e sua armadura jazia ainda inteira, pois o ar da caverna era seco como pó; sua cota era dourada. O cinto era de ouro e granadas, e rico em ouro era o elmo sobre os ossos de sua cabeça, caída com o rosto contra o chão. O homem tombara perto da parede oposta da caverna, pelo que se podia presumir, e diante dele havia uma porta de pedra hermeticamente fechada: os ossos de seus dedos ainda agarravam as fendas. Uma espada quebrada e chanfrada jazia ao seu lado, como se ele tivesse golpeado a rocha em seu último desespero.

Aragorn não o tocou, mas, depois de fitá-lo em silêncio por um tempo, levantou-se e suspirou.

— Para cá, até o mundo se acabar, nunca virão as flores de simbelmyné — murmurou ele. — Nove e sete túmulos existem agora, cobertos de grama verde, e durante todos os longos anos este homem jaz ao lado da porta que não conseguiu destrancar. Para onde ela conduz? Por que queria passar? Ninguém jamais saberá!

— Pois esta não é minha missão! — exclamou ele, voltando-se e dirigindo-se á escuridão sussurrante. — Mantenham seus tesouros e segredos ocultos nos Anos Amaldiçoados! Só queremos rapidez. Deixem-nos passar, e depois venham!

Convoco-os a irem para a Pedra de Erech!

Não houve resposta, a não ser um silêncio completo, mais terrível que os sussurros anteriores; e então um vento gelado soprou, no qual as tochas tremeluziram e se apagaram, e não puderam ser reacendidas. Do tempo que se seguiu, uma ou muitas horas, Gimli se recordaria pouco. Os outros continuaram avançando, mas ele sempre ficava para trás, perseguido por um terror que o procurava e parecia estar o tempo todo prestes a agarrá-lo; atrás dele vinha um rumor como a sombra do ruido de muitos pés. Avançou aos tropeços até ficar rastejando como um animal no solo, sentindo que não suportaria mais aquilo: devia ou achar um caminho e escapar ou correr alucinadamente

ao encontro do medo que o perseguia.

De repente ouviu um tilintar de água, um ruído forte e límpido como uma pedra caindo num sonho de sombra escura. A luz aumentou e eis que o grupo passou através de outro portão, largo e de arco alto, e um riacho corria ao lado deles; mais adiante, descendo abruptamente, havia uma estrada entre penhascos íngremes pontas de faca contra o céu lá em cima Tão profundo e estreito era aquele abismo que o céu ficava escuro, e nele pequenas estrelas reluziam. Apesar disso, como Gimli veio a saber depois, ainda faltavam duas horas para o pôr-do-sol do dia em que tinham partido do Templo da Colina, embora, por tudo o que saberia dizer na ocasião, pudesse tratar-Se do nascer do sol em algum ano posterior, ou em algum outro mundo.

A companhia montou de novo, e Gimli voltou para junto de Legolas. Cavalgaram em fila, e o fim de tarde escureceu num azul profundo; e ainda o medo os perseguia.

Legolas, voltando-se para falar com Gimli, olhou para trás, e o anão viu diante de seu rosto o faiscar dos olhos brilhantes do elfo. Atrás deles vinha Elladan, o último da Companhia, mas ele não era o último que descia a estrada.

— Os Mortos estão nos seguindo — disse Legolas. — Vejo vultos de homens e cavalos, e pálidas bandeiras como retalhos de nuvens, e lanças como arbustos hibernais numa noite de névoa. Os Mortos estão nos seguindo.

— Sim, os Mortos vêm atrás de nós. Eles foram convocados — disse Elladan.

Por fim a Companhia saiu da garganta, de repente, como se tivesse saído de uma fenda numa parede, e lá estava a região montanhosa de um grande vale diante deles, e o riacho que corria ao lado saltava com uma voz fria por sobre várias cachoeiras.

— Em que lugar da Terra-média estamos"? — perguntou Gimli, e Elladan respondeu: — Descemos das cabeceiras do Morthond, o rio longo e frio que corre para finalmente encontrar o mar que banha os muros de Doí Amroth. De agora em diante você não precisa perguntar a razão de seu nome: Raiz Negra os homens o chamam.

O Vale do Morthond formava uma grande baia que batia contra as íngremes encostas meridionais das montanhas. Suas ladeiras inclinadas eram cobertas de grama, mas tudo estava cinzento àquela hora, pois o sol se fora, e lá embaixo luzes piscavam nas casas dos homens. O vale era rico e muitas pessoas moravam lá.

Então, sem se virar, Aragorn disse em voz alta, para que todos pudessem ouvir: — Amigos, esqueçam o cansaço! Cavalguem agora, cavalguem! Devemos chegar à Pedra de Erech antes do fim do dia, e ainda temos um longo caminho pela frente. — Dessa forma, sem olhar para trás, eles cavalgaram através dos campos nas montanhas,

até chegarem a uma ponte sobre a correnteza crescente onde encontraram uma estrada que descia até o povoado.

As luzes se apagavam nas casas e aldeias à medida que eles se aproximavam, e as portas se fechavam, e as pessoas que estavam nos campos gritavam de medo e corriam alucinadas como corças perseguidas. Sempre se ouvia o mesmo grito na noite que se adensava: "O Rei dos Mortos! O Rei dos Mortos está nos atacando!"

Sinos tocavam lá embaixo, e todos os homens fugiam do rosto de Aragorn; mas a Companhia Cinzenta, em sua pressa, cavalgava como um bando de caçadores, até seus cavalos ficarem trôpegos de cansaço. E dessa forma, um pouco antes da meia-noite, e numa escuridão igual á das cavernas das montanhas, finalmente chegaram à Colina de Erech.

Por muito tempo, o terror dos Mortos pairara sobre aquela colina e sobre os campos vazios ao redor dela. Pois no topo erguia-se uma pedra negra, redonda como um grande globo, da altura de um homem, embora uma metade estivesse enterrada no chão. Tinha uma aparência sobrenatural, como se tivesse caído do céu, como acreditavam alguns; mas aqueles que ainda recordavam a tradição do Ponente contavam que ela fora trazida da ruína de Númenor e colocada ali por Isildur em sua chegada.

Ninguém do povo do vale ousava se aproximar dela, nem estavam dispostos a morar nas proximidades, pois diziam que era um ponto de encontro dos Homens da Sombra, e ali eles se reuniam em tempos de medo, ajuntando-se ao redor da Pedra e sussurrando.

Para essa Pedra a Companhia se dirigiu e parou na calada da noite. Então Elrohir deu uma corneta de prata a Aragorn, que a tocou; os que estavam nas proximidades tiveram a impressão de ouvir o som de outras cornetas em resposta, como se fosse um eco em cavernas profundas e distantes. Não ouviram qualquer outro som, e mesmo assim perceberam que um grande exército se reunia ao redor de toda a colina sobre a qual eles estavam; um vento frio como o hálito dos fantasmas desceu das montanhas.

Mas Aragorn desmontou, e parando ao lado da Pedra gritou numa voz poderosa:

— Perjuros, por que viestes?

Então ouviu-se uma voz saída da noite, que lhe respondeu, como se viesse de muito longe:

— Para cumprir nosso juramento e ter paz.

Então Aragorn disse: — Finalmente é chegada a hora. Agora vou para

Pelargir, sobre o Anduin, e deveis me seguir. E, quando toda esta terra estiver livre dos servidores de Sauron, vou considerar o juramento cumprido, e tereis paz e podereis partir para sempre. Pois eu sou Elessar, herdeiro de Isildur de Gondor.

E com isso ordenou que Halbarad desfraldasse o grande estandarte que havia trazido, e eis que era negro, e, se nele havia qualquer símbolo. Estava oculto na escuridão. Então fez-se silêncio, e nem sequer um sussurro ou um suspiro se ouviu outra vez durante toda a longa noite. A Companhia acampou ao lado da Pedra, mas dormiram pouco, por causa do medo das Sombras que os cercavam.

Mas, quando chegou a aurora, fria e pálida, Aragorn se levantou imediatamente, e conduziu a Companhia adiante na viagem de maior velocidade e cansaço que qualquer um deles conhecera, exceto ele próprio, e apenas sua disposição conseguia fazer com que os outros continuassem. Nenhum outro homem mortal teria suportado a viagem, nenhum, exceto os dúnedain do norte, e com eles Gimli, o anão, e Legolas dos elfos.

Passaram pela Garganta de Tarlang e chegaram a Lamedon, e o Exército da Sombra se apressava atrás deles, e o medo ia adiante, até que chegaram a Calembel à margem do Ciril, e o sol desceu feito sangue atrás das pinnath Geliu, na distância a oeste atrás deles. Encontraram as terras e os vaus do Ciril abandonados, pois muitos homens haviam partido para a guerra, e todos os que ficaram fugiram para as colinas ao ouvirem os rumores sobre a chegada do Rei dos Mortos. Mas no dia seguinte não houve aurora, e a Companhia Cinzenta passou para dentro da escuridão da Tempestade de Mordor e se perdeu da visão dos mortais; mas os Mortos a seguiram.

## CAPÍTULO III
## A CONCENTRAÇÃO DAS TROPAS DE ROHAN

Agora todas as estradas corriam juntas para o leste, ao encontro da guerra iminente e do ataque da Sombra. E, no momento em que Pippin se postava no Grande Portão da Cidade e via o Príncipe de Doí Amroth entrar cavalgando com suas insígnias, o Rei de Rohan desceu as colinas.

O dia terminava. Nos últimos raios do sol os Cavaleiros projetavam sombras

longas e pontudas que os precediam. A escuridão já penetrara embaixo das florestas murmurantes de abetos que cobriam as encostas íngremes das montanhas. Agora o rei cavalgava devagar no fim do dia. De repente, a trilha contornou uma enorme saliência de pedra nua e mergulhou na escuridão das árvores que suspiravam suavemente. Foram descendo cada vez mais numa longa fila sinuosa. Quando finalmente chegaram ao fundo da garganta, viram que a noite já caíra nos lugares profundos. O sol se fora. O crepúsculo se deitava sobre as cachoeiras.

Durante todo o dia, bem abaixo deles, um riacho saltitante viera descendo da passagem alta que ficava mais atrás, abrindo seu caminho estreito por entre muralhas cobertas de pinheiros; agora corria através de um portão de pedra e passava para um vale mais largo. Os Cavaleiros o seguiram, e de repente o Vale Harg estendia-se diante deles, ressoando com o barulho das águas no início da noite. Ali o branco Riacho de Neve, encontrando-se com córregos menores, corria veloz, vaporizando-se nas pedras descendo para Edoras, para as colinas verdes e para as planícies. Mais ao longe e a direita, no topo do grande vale, o poderoso Picorrijo assomava sobre seus amplos contrafortes envoltos em nuvens; mas seu pico dentado, vestido de neve eterna, reluzia bem acima do mundo, com sombras azuladas no leste, manchado pelo vermelho do pôr-do-sol no oeste.

Merry observava surpreso aquela terra estranha, sobre a qual ouvira muitas histórias durante a longa viagem. Era um mundo sem céu, no qual seu olho, através de espaços escuros de ar sombrio, via apenas encostas sempre subindo, grandes muralhas de pedra atrás de grandes muralhas, e precipícios sinistros envoltos pela névoa. Ficou por um momento numa espécie de devaneio, ouvindo o ruído da água, o sussurro das árvores escuras, os estalidos das rochas, e o vasto silêncio de espera que pairava acima de qualquer som. Ele amava as montanhas, ou amara pensar nelas se erguendo à margem das histórias trazidas de longe; mas agora sentia-se acabrunhado pelo peso insuportável da Terra-média. Desejava isolar-se da imensidão numa sala tranquila, ao lado de uma fogueira.

Estava muito cansado pois, embora tivessem cavalgado devagar, haviam feito pouquíssimas pausas na viagem. Hora após hora por quase três dias fatigantes, ele estivera sacolejando sobre passagens, através de longos vales e cruzando muitos rios. Algumas vezes, nos pontos onde o caminho era mais largo, cavalgara ao lado do rei, sem notar que muitos dos Cavaleiros sorriam ao ver os dois juntos: o hobbit montando o pequeno pônei cinzento e peludo, e o Senhor de Rohan em seu grande cavalo branco.

Nessas ocasiões conversara com Théoden, contando-lhe sobre sua terra natal e sobre os afazeres do povo do Condado, ou ouvindo por sua vez histórias sobre a Terra dos Cavaleiros e seus poderosos homens de antigamente. Mas na maior parte do tempo, especialmente nesse último dia, Merry tinha cavalgado sozinho logo atrás do rei, sem dizer nada, e tentando entender a fala lenta e sonora de Rohan usada pelos homens que vinham atrás dele. Era uma língua da qual Merry tinha a impressão de conhecer muitas palavras, embora fossem pronunciadas com mais sonoridade e força do que no Condado, e apesar disso ele não conseguia juntar essas palavras. Algumas vezes algum Cavaleiro levantava sua voz cristalina numa canção animadora, e Merry sentia seu coração bater mais forte, embora sem saber sobre o que falava a canção.

Mesmo assim sentia-se solitário, mais ainda quando chegava o fim do dia. Perguntava-se onde, em todo aquele mundo estranho, fora parar Pippin. e o que aconteceria com Aragorn, Legolas e Gimli. Depois, de repente, sentindo um frio em seu coração, pensou em Frodo e Sam. — Estou me esquecendo deles! disse para si mesmo num tom reprovatório. — E apesar disso eles são mais importantes que todos nós. E eu vim para ajudá-los, mas agora devem estar a centenas de milhas daqui, se ainda estiverem vivos. — Teve um calafrio.

— O Vale Harg, finalmente! — disse Éomer. — Nossa viagem está quase no fim. — Eles pararam. As trilhas que desciam da garganta estreita eram íngremes. Era possível apenas entrever, como que olhando de uma janela alta, o grande vale no crepúsculo lá embaixo. Uma única luz fraca aparecia piscando ao lado do rio.

Esta viagem talvez tenha acabado — disse Théoden —, mas ainda tenho muito o que viajar. Ontem à noite a lua estava cheia, e amanhã cedo devo cavalgar até

Edoras para a concentração da Terra dos Cavaleiros. Mas, se o senhor aceitasse meu conselho — disse Éomer numa voz baixa —, depois o senhor voltaria para cá e aqui ficaria, até que a guerra estivesse terminada, com vitória ou derrota.

Théoden sorriu.

— Não, meu filho, pois dessa forma irei chamá-lo, não diga as palavras suaves de Língua de Cobra a meus ouvidos de velho! — Esticou o corpo e olhou para trás, vendo a longa fileira de seus homens sumindo dentro do crepúsculo. — Parece que longos anos se passaram no espaço de dias desde que cavalguei para o oeste; mas jamais me apoiarei num cajado de novo. Se perdermos a guerra, de que adiantará eu me esconder nas colinas? E, se vencermos, que motivo haverá para tristeza, mesmo que eu pereça usando minhas últimas forças? Mas vamos deixar isso de lado agora. Esta noite vou

descansar na Fortaleza do Vale Harg. Ao menos uma noite de paz nos resta. Vamos continuar a cavalgada!

No crepúsculo que se adensava eles desceram para o vale. Ali o Riacho de Neve corria próximo ás paredes ocidentais, e logo a trilha os conduziu a um vau onde as águas rasas murmuravam alto sobre as pedras. O vau estava guardado. Com a aproximação do rei, muitos homens saltaram da sombra das rochas, e, quando o viram, gritaram com vozes alegres: — o Rei Théoden! O Rei Théoden! O Rei da Terra dos Cavaleiros retorna!

Então um deles fez soar um longo toque numa corneta, que ecoou no vale.

Outras cornetas responderam, e luzes brilharam do outro lado do rio.

De repente elevou-se um grande coro de trombetas lá de cima, emitido de algum lugar côncavo, ao que parecia, e que reunia as notas numa só voz, e a enviava retumbando e batendo nas muralhas de pedra.

Assim o Rei da Terra dos Cavaleiros retornou vitorioso do oeste para o Templo da Colina, sob os pés das Montanhas Brancas. Ali encontrou já reunida a força que restava de seu povo, pois logo que ficaram sabendo da chegada os capitães cavalgaram ao seu encontro no vau, trazendo mensagens de Gandalf. Dúnhere, chefe do povo do Vale Harg, vinha á frente.

— Três dias atrás, ao amanhecer, senhor— disse ele —, Scadufax chegou a Edoras na velocidade do vento, vindo do oeste; Gandalf trouxe notícias de sua vitória para alegrar nossos corações. Mas também trouxe mensagens suas para que apressássemos a reunião dos Cavaleiros. E então veio a Sombra alada.

— A Sombra alada? — disse Théoden. — Nós também a vimos, mas foi na calada da noite anterior à partida de Gandalf.

— Pode ser, senhor — disse Dúnhere. -Apesar disso, a mesma, ou outra semelhante a ela, uma escuridão que vôa na forma de um pássaro monstruoso, sobrevoou Edoras naquela manhã, e todos os homens ficaram tomados de medo. Pois ela deu um vôo rasante sobre Meduseld, e, quando abaixou, quase tocando o cume, ouvimos um grito que paralisou nossos corações. Foi então que Gandalf nos aconselhou a não nos reunirmos nos campos, mas a encontrá-lo aqui no vale sob as montanhas. E ele ordenou que só acendêssemos luzes ou fogueiras em caso de extrema necessidade. E assim foi feito. Gandalf falou com grande autoridade.

Confiamos que esse seja o seu desejo. Não se viu nenhuma dessas coisas malignas no Vale Harg.

— Isso é bom — disse Théoden. — Agora vou cavalgar para a Fortaleza e lá,

antes de descansar, encontrarei os marechais e capitães. Quero vê-los O mais cedo possível!

Agora a estrada conduzia para o leste, direto através do vale, que nesse ponto não tinha muito mais que oitocentos metros de largura. Planícies e Campinas de capim grosso, agora cinzento ao cair da noite, jaziam por toda a volta; mas à frente, do lado oposto do vale, Merry viu uma parede franzida, uma última saliência das grandes raízes do Picorrijo, fendida pelo rio em eras passadas.

Em todos os espaços planos havia um grande agrupamento de homens. Alguns apinhados na borda da estrada, saudando o rei e os cavaleiros que vinham do oeste com gritos alegres; mas estendendo-se na distância atrás deles viam-se fileiras ordenadas de tendas e barracas, e colunas de cavalos amarrados em estacas, e um grande estoque de armas, e pilhas de lanças eretas como matas de árvores recém plantadas. Agora toda a grande assembléia estava mergulhando na escuridão e mesmo assim, embora o vento da noite soprasse gelado das alturas, nenhuma lamparina reluzia, nenhuma fogueira fora acesa. Sentinelas com vestes pesadas caminhavam de um lado para o outro.

Merry ficou imaginando quantos Cavaleiros havia. Não conseguia calcular o número na escuridão que se adensava, mas parecia-lhe um grande exército, com milhares de homens. Enquanto ele esquadrinhava todos os pontos, o grupo do rei atingiu o penhasco que assomava na encosta leste do vale; ali, de repente, a trilha começou a subir, e Merry ergueu os olhos assombrado. Estava numa estrada como nunca vira antes, um grande trabalho de mãos humanas, feito em épocas além do alcance das canções.

Subia fazendo curvas, ziguezagueando como uma cobra, abrindo seu caminho através da encosta íngreme de pedra. Inclinada como uma escada, curvava-se para lá e para cá á medida que ia subindo. Para cima, os cavalos conseguiam andar, e as carroças podiam ser lentamente puxadas; mas nenhum inimigo poderia avançar por aquele caminho se este fosse defendido lá de cima, a não ser que esse inimigo chegasse pelos ares. A cada curva da estrada postavam-se grandes rochas que haviam sido esculpidas á semelhança de homens, enormes e desajeitados, agachados, de pernas cruzadas, com os braços fortes cruzados sobre barrigas robustas. Alguns, com o passar dos anos, tinham perdido todos os traços, exceto os buracos escuros dos olhos, que ainda fitavam tristes os passantes. Os Cavaleiros mal olhavam para eles.

Chamavam-nos de homens-púkel, pouca atenção lhes davam: naquelas imagens não restava qualquer poder ou terror, mas Merry os fixava surpreso e com um sentimento quase de dó, à medida que eles iam assomando melancolicamente no crepúsculo.

Depois de um tempo olhou para trás e percebeu que já tinha subido várias dezenas de metros acima do vale, mas ainda conseguia divisar lá embaixo uma linha sinuosa de cavaleiros atravessando o vau e avançando em fila ao longo da estrada em direção ao acampamento preparado para eles.

Apenas o rei e sua guarda subiriam até a Fortaleza.

Finalmente a companhia do rei atingiu uma borda íngreme, e a estrada ascendente avançou por um corte feito nas muralhas de pedra, e assim subiu uma pequena encosta e atingiu uma plataforma larga. Os homens a chamavam de Firienfeld, um campo de grama e charneca na montanha, bem acima do leito profundo do Riacho de Neve, que passava pelo colo das grandes montanhas lá atrás: o Picorrijo ao sul; ao norte o maciço de Serraferro com seus dentes de serrote, entre os quais, à frente dos cavaleiros, postava-se a muralha negra da Dwimorberg, a Montanha Assombrada, saindo de encostas íngremes cobertas de pinheiros sombrios. Dividindo a plataforma ao meio havia uma linha dupla de pedras fincadas e disformes, que iam desaparecendo no crepúsculo, sumindo entre as árvores. Aqueles que ousavam passar por aquela estrada logo atingiam o negro Dimholt sob Dwimorberg, e a ameaça do pilar de pedra, com a boca escura e escancarada da porta proibida.

Assim era o escuro Templo da Colina, trabalho de homens havia muito esquecidos. Ninguém se lembrava dos seus nomes, e nenhuma canção ou lenda os celebrava.

Com que propósito haviam construído esse lugar, para ser uma cidade ou um templo secreto ou um túmulo de reis, ninguém sabia dizer. Ali tinham trabalhado durante os Anos Escuros, antes que qualquer navio chegasse às praias do oeste, ou Gondor dos dúnedain fosse construída; agora tinham desaparecido, e restavam apenas os velhos homens-púkel, ainda sentados nas curvas da estrada.

Merry olhou para as fileiras de pedras em desfile: estavam desgastadas e escuras; algumas inclinadas, algumas caídas, outras rachadas ou quebradas; pareciam fileiras de velhos dentes famintos. Ficou pensando o que poderiam ser, e esperava que o rei não fosse segui-las em direção à escuridão mais além.

Então percebeu que havia tendas e barracas aglomerando se dos dois lados do caminho de pedra, mas que não estavam armadas perto das árvores, parecendo antes agruparem-se longe delas, na direção da borda do penhasco. A maioria estava à direita, onde o Fíríenfeld era mais amplo; à esquerda havia um acampamento menor, no meio do qual se erguia um alto pavilhão. Deste lado vinha agora um cavaleiro para encontrá-los, e

eles deixaram a estrada.

Assim que se aproximaram, Merry percebeu que o cavaleiro era uma mulher com longos cabelos trançados que reluziam no crepúsculo, mas ela usava um elmo, e estava vestida até a cintura como um guerreiro, trazendo uma espada no cinto.

— Salve, Senhor da Terra dos Cavaleiros! — exclamou ela. – Meu coração se alegra com seu retorno.

— É você, Éowyn — disse Théoden — está tudo bem com você?

— Está tudo bem — respondeu ela, mas Merry teve a impressão de que sua voz a traía, e poderia pensar que Éowyn estivera chorando, se isso fosse possível em uma pessoa com o rosto tão austero. Está tudo bem. Foi uma estrada cansativa para o povo, afastado repentinamente de suas casas. Houve palavras duras, pois faz tempo que a guerra nos expulsou dos campos verdes, mas não houve más ações. Tudo agora está em ordem, o senhor vê E seu alojamento já está preparado, pois recebi notícias completas sobre vocês e a hora de sua chegada. Então Aragorn veio — disse Éomer. — Ele ainda está aqui?

— Não, ele se foi — disse Éowyn, virando-se e olhando para as montanhas, escuras contra o leste e o sul.

— Para onde foi? — perguntou Éomer.

— Eu não sei -respondeu ela. — Chegou á noite, e partiu ontem de manhã, antes que o sol tivesse subido acima dos topos das montanhas. Ele partiu.

— Você está triste, filha — disse Théoden. — O que aconteceu? Diga-me, ele falou daquela estrada? — O rei apontou a distância, ao longo das linhas de pedra que se escureciam na direção da Dwimorberg. — Falou das Sendas dos Mortos?

— Sim, senhor — disse Éowyn. — E penetrou nas sombras das quais nunca ninguém retornou. Não pude dissuadi-lo. Ele partiu.

— Então nossos caminhos estão separados — disse Éomer. — Ele se perdeu. Devemos cavalgar sem ele, e nossa esperança diminui.

Devagar passaram através da charneca baixa e da grama das montanhas, sem falar mais nada, até chegarem ao pavilhão do rei. Ali Merry viu que tudo estava preparado, e que ele mesmo não fora esquecido. Uma pequena tenda fora armada para ele ao lado do alojamento do rei; ali sentou-se sozinho, enquanto os homens andavam de um lado para o outro, entrando para ver o rei e se aconselhar com ele.

A noite se aproximou, e os topos das colinas parcialmente visíveis a oeste ficaram coroados de estrelas, mas o leste estava escuro e vazio. As pedras enfileiradas

foram lentamente desaparecendo de vista, mas ainda além delas, mais negra que a escuridão, espreitava a vasta sombra agachada da Dwimorberg.

— As Sendas dos Mortos — murmurou Merry para si mesmo. — As Sendas dos Mortos? O que significa tudo isso? Todos me abandonaram agora. Cada um em direção a um destino: Gandalf e Pippin para a guerra no leste; Sam e Frodo para Mordor; Passolargo, Legolas e Gimli para as Sendas dos Mortos. Mas minha vez chegará em breve, suponho eu. Gostaria de saber sobre o que estão conversando, e o que o rei pretende fazer. Pois agora devo ir aonde ele for.

Em meio a esses pensamentos melancólicos, Merry de repente se lembrou de que estava com muita fome! Levantou-se para ver se alguém naquele estranho acampamento sentia a mesma coisa. Mas nesse exato momento uma trombeta soou, e um homem veio chamando-o, ao escudeiro do rei, para que servisse à mesa do rei.

Na parte interna do pavilhão havia um espaço exíguo, isolado por telas bordadas, e coberto de peles; ali, a uma pequena mesa, estava sentado Théoden com Éomer, Éowyn e Dúnhere, senhor do Vale Harg. Merry ficou de pé ao lado do banco do rei e o serviu, até que o velho, saindo de pensamentos profundos, virou-se para ele e sorriu.

— Venha, Mestre Meriadoc! — disse ele. — Você não ficará de pé. Vai sentar-se ao meu lado, enquanto eu permanecer em minhas próprias terras, e alegrará meu coração com histórias.

Abriu-se espaço para o hobbit á esquerda do rei, mas ninguém pediu qualquer história. Na realidade houve pouca conversa, e eles comeram e beberam em silêncio a maior parte do tempo, até que, finalmente, criando coragem, Merry fez a pergunta que o atormentava.

— Já duas vezes, senhor, ouvi sobre as Sendas dos Mortos — disse ele. — O que são elas? Para onde foi Passolargo, quero dizer, o Senhor Aragorn, aonde ele foi?

O rei suspirou, mas ninguém respondeu; finalmente Éomer falou.

— Nós não sabemos, e nossos corações estão pesados — disse ele. — Mas, quanto às Sendas dos Mortos, você mesmo caminhou nos primeiros passos dela. Não, não estou pronunciando palavras de mau agouro! A estrada que subimos é o acesso à Porta que fica mais além, no Dimholt. Mas o que fica atrás dela, homem nenhum sabe.

— Homem nenhum sabe — disse Théoden. — Apesar disso, antigas lendas, agora raramente contadas, têm algo a reportar. Se essas histórias antigas, que passaram de pai para filho na Casa de Eorl, falam a verdade, então a Porta sob a Dwimorberg conduz a um caminho secreto que passa por baixo da montanha e se dirige para algum

fim esquecido. Mas ninguém jamais se aventurou a entrar para vasculhar seus segredos desde que Baldor, filho de Brego, passou pela Porta e nunca mais foi visto entre os homens. Ele fez um juramento temerário, ao esvaziar o chifre naquele banquete que Brego fez para consagrar o recém-construído palácio de Meduseld, e ele jamais chegou ao trono do qual era herdeiro. As pessoas dizem que os Homens Mortos, dos Anos Escuros, guardam o caminho e não permitem que nenhum homem vivo penetre seus salões ocultos; mas algumas vezes eles próprios podem ser vistos saindo da Porta como sombras e descendo a pedregosa estrada. Então o povo do Vale tranca as portas e cobre as janelas, sentindo medo. Mas os Mortos raramente saem, e só em horas de grande inquietação ou quando a morte se aproxima.

— Apesar disso comenta-se no Vale Harg — disse Éowyn numa voz baixa — que em noites sem luar, há pouco tempo, um grande exército numa formação estranha passou. De onde vinha ninguém pôde saber, mas subiu a estrada de pedra e desapareceu dentro da colina, como se estivesse rumando para um encontro marcado.

— Então por que Aragorn foi por esse caminho? – perguntou Merry. — Vocês não conhecem nenhum motivo que pudesse explicar isso?

— A não ser que, como seu amigo, ele tenha lhe dito palavras que não ouvimos — disse Éomer —, ninguém agora na terra dos vivos pode dizer quais são os seus propósitos.

— Ele parecia muito mudado em comparação a quando o vi na casa do rei — disse Éowyn -: mais austero, mais velho. Pareceu-me alguém às portas da morte, como alguém que é chamado pelos Mortos.

— Talvez ele tenha sido chamado — disse Théoden —; e meu coração me diz que não o verei de novo. Apesar disso, ele é um homem nobre, com um destino importante. E console-se com isso, filha, uma vez que você parece precisar de consolo em sua tristeza por esse hóspede. Comenta-se que, quando os Eorlingas vieram do norte e finalmente passaram subindo ao longo do Riacho de Neve, procurando lugares seguros para se refugiarem em tempos de necessidade, Brego e seu filho Baldor subiram a Escada da Fortaleza e assim chegaram diante da Porta. No limiar estava sentado um velho, de uma idade incalculável em anos; fora alto e nobre, mas agora estava desgastado como uma pedra velha. Na realidade, tomaram-no por uma pedra, pois não se moveu, nem disse palavra alguma, até que eles tentaram passar por ele e entrar. E então uma voz saiu do corpo dele, como se viesse do chão, e para o assombro dos dois falou na língua do oeste: O caminho está fechado.

— Então eles pararam e olharam para ele, percebendo que ainda estava vivo; mas ele não retribuiu o olhar, O caminho está fechado — disse a voz outra vez. — Foi fechado por aqueles que estão Mortos, e os Mortos o guardam, ate que chegue o tempo. O caminho está fechado.

— E quando será o tempo? — disse Baldor. Mas nunca conseguiu qualquer resposta. Pois o velho morreu naquela hora e caiu com o rosto no chão; e nunca mais meu povo teve notícias dos antigos moradores das montanhas. Apesar disso, talvez o tempo previsto tenha chegado, e Aragorn possa passar.

— Mas como poderá um homem descobrir se o tempo chegou ou não, a não ser desafiando a Porta? — disse Éomer. — E por aquele caminho eu não iria nem mesmo se todos os exércitos de Mordor estivessem diante de mim, e eu estivesse sozinho e sem outro refúgio. É pena que uma disposição para a morte deva recair sobre um homem de coração tão grande nesta hora de necessidade! Já não há coisas malignas suficientes, sem que se precise procurar embaixo da terra? A guerra se aproxima.

Fez uma pausa, pois naquele momento ouviu-se um ruido do lado de fora, uma voz de homem chamando o nome de Théoden, e a sentinela exigindo a senha.

De repente o capitão da Guarda abriu a cortina. — Está aqui um homem, senhor — disse ele —, um mensageiro de Gondor. Deseja vê-lo imediatamente.

— Faça-o entrar! — disse Théoden.

Um homem alto entrou, e Merry sufocou um grito; por um momento teve a impressão de que Boromir estava vivo outra vez e retornara. Então viu que não era verdade; o homem era um forasteiro, embora parecido com Boromir como se fosse um parente dele, alto e de olhos cinzentos, de porte altivo. Estava vestido como um cavaleiro, com uma capa verde-escuro sobre uma cota de malha fina; na frente de seu elmo estava gravada uma pequena estrela de prata. Na mão trazia uma única flecha, adornada com plumas negras e com farpas de aço; mas a ponta era pintada de vermelho.

Ajoelhou-se e apresentou a flecha a Théoden.

— Salve, Senhor dos Rohirrim, amigo de Gondor! — disse ele. — Sou Hirgon, mensageiro de Denethor, e trago-lhe este símbolo de guerra. Gondor está numa grande necessidade. Várias vezes os rohirrim nos ajudaram, mas agora o Senhor Denethor solicita toda a sua força e toda a sua velocidade, para que Gondor não venha a cair.

— A Flecha Vermelha! — disse Théoden, segurando-a como alguém que recebe uma convocação há muito esperada mas terrível quando chega. Sua mão tremeu.

— A Flecha Vermelha não foi vista na Terra dos Cavaleiros durante toda a minha

vida! As coisas realmente chegaram a este ponto? E o que o Senhor Denethor calcula que seja toda a minha força e toda a minha velocidade?

— Isso é o senhor quem melhor sabe — disse Hirgon. – Mas em breve pode acontecer que Minas Tirith seja cercada, e, a não ser que o senhor tenha a força para quebrar um cerco de muitos exércitos, o Senhor Denethor me ordena dizer-lhe que ele julga que as fortes armas dos rohirrim ficariam melhor no interior das muralhas do que do lado de fora.

— Mas ele sabe que somos um povo que luta de preferência montado em cavalos e em espaços abertos, e também sabe que somos um povo disperso, e precisamos de tempo para reunirmos nossos Cavaleiros. Não é verdade, Hirgon, que o Senhor de Minas Tirith sabe mais do que coloca em sua mensagem? Pois já estamos em guerra. Como você deve ter ouvido, você não nos encontra totalmente despreparados. Gandalf, o Cinzento, esteve entre nós, e neste exato momento estamos concentrando nossas tropas para a batalha no leste.

— O que o Senhor Denethor possa saber ou supor sobre todas essas coisas não posso dizer — respondeu Hirgon. — Mas realmente nosso caso é desesperador. Mas meu senhor não lhe envia nenhum comando, ele lhe implora apenas para que se recorde da velha amizade e dos juramentos feitos há muito tempo, e que para o seu próprio bem faça o que puder. Ficamos sabendo que muitos reis cavalgaram do leste a serviço de Mordor. Do norte até o campo de Dagorlad há conflitos e rumores de guerra. No sul os haradrim estão se movendo, e o medo paira sobre todas as nossas regiões costeiras, de modo que receberemos pouca ajuda de lá. Apresse-se! Pois é diante das muralhas de Minas Tirith que o destino de nossa época será decidido, e, se a maré não for estancada ali, então inundará todos os belos campos de Rohan, e nem mesmo aqui, neste Forte entre as colinas, haverá refúgio.

— Notícias negras — disse Théoden —, e apesar disso não de todo inesperadas. Mas diga a Denethor que, mesmo se Rohan não se sentisse ameaçada, ainda assim iríamos em seu auxílio. Mas sofremos muitas perdas em nossas batalhas contra o traidor Saruman, e precisamos ainda pensar em nossa fronteira ao norte e a leste, como esclarece a própria mensagem que ele envia. Um poder tão grande como o que o Senhor do Escuro parece agora controlar poderia muito bem nos cercar em batalha dentro da Cidade, e mesmo assim atacar com grande força do outro lado do Rio, lá adiante. além do Portão dos Reis.

— Mas não faremos mais planos de prudência. Iremos. O encontro de armas

está marcado para o dia de amanhã. Quando tudo estiver em ordem, partiremos.

Poderia ter enviado dez mil lanceiros através da planície para o desalento de nossos inimigos. O número será menor agora, receio eu, pois não deixarei minhas fortalezas totalmente desprotegidas. Apesar disso, no mínimo seis mil deverão cavalgar atrás de mim. Pois diga a Denethor que nesta hora o Rei da Terra dos Cavaleiros descerá até Gondor, embora seja possível que ele não retorne. Mas é uma longa estrada, e homens e animais devem chegar ao fim com forças ainda para lutar. Pode levar uma semana, a contar do dia de amanhã, até que vocês ouçam o grito dos Filhos de Eorl chegando do norte.

— Uma semana! — disse Hirgon. — Se deve ser assim, que seja. Mas é provável que só encontrem muralhas arruinadas daqui a sete dias, a não ser que outro auxilio inesperado chegue. Ainda assim, vocês poderão pelo menos perturbar os orcs e os homens morenos em seu banquete na Torre Branca.

— Pelo menos faremos isso — disse Théoden. — Mas eu próprio acabei de chegar de uma batalha e de uma longa viagem, e agora vou descansar. Permaneça aqui esta noite. Então poderá assistir à concentração das tropas de Rohan e partir mais feliz pelo espetáculo que viu, e mais depressa pelo descanso. Pela manhã os conselhos são melhores, e a noite altera muitos pensamentos.

Com isso o rei ficou de pé, e todos se levantaram. — Agora todos devem ir descansar — disse ele —, e durmam bem. E de você, Mestre Meriadoc, não necessito mais esta noite. Mas fique pronto para minha convocação assim que o sol nascer.

— Estarei a postos — disse Merry —, mesmo que ordene que eu cavalgue com o senhor pelas Sendas dos Mortos.

— Não pronuncie palavras de mau agouro! — disse o rei. — Pois é possível que haja mais de uma estrada digna de tal nome. Mas eu não disse que ordenaria que você cavalgasse comigo em qualquer estrada. Boa noite!

— Não vou ficar para trás, para ser apanhado na volta! — disse Merry.

— Não vou ficar para trás, não vou! — E repetindo isso inúmeras vezes para si mesmo finalmente adormeceu em sua tenda. Foi acordado por um homem que o sacudia. — Acorde, acorde, Mestre Hobbit! — exclamou ele, e finalmente Merry despertou de seus sonhos profundos e sentou-se num sobressalto. Achou que ainda estava muito escuro.

— Qual é o problema"? — perguntou ele.

— O rei o chama.

— Mas o sol ainda não nasceu — disse Merry.

— Não, e não nascerá hoje, Mestre Hobbit. E nunca mais, poderíamos presumir sob esta nuvem. Mas o tempo não pára, embora o sol esteja perdido. Depressa!

Jogando sobre o corpo algumas roupas, Merry olhou lá fora. O mundo estava sombrio. O próprio ar parecia escuro, e todas as coisas ao redor estavam negras, cinzentas e sem sombras; havia uma grande imobilidade. Não se via o vulto de uma nuvem sequer, a não ser que estivesse muito distante, na direção do oeste, onde os mais longínquos dedos da grande escuridão ainda avançavam rastejando, e uma pequena luz escoava através deles. Acima pairava um teto pesado, sombrio e disforme, e a luz mais parecia estar se extinguindo do que aumentando.

Merry viu muitas pessoas de pé, olhando para o alto e murmurando; seus rostos estavam sombrios e tristes, alguns amedrontados. Com o coração pesado, o hobbit se dirigiu até onde se encontrava o rei. Hirgon, o cavaleiro de Gondor, estava lá diante dele, e ao lado agora estava um outro homem, parecido com ele e com roupas semelhantes, mas mais baixo e troncudo.

Quando Merry entrou ele estava falando com o rei.

— Vem de Mordor. senhor— disse ele. — Começou ontem, ao pôr-do-sol Das colinas do Folde Oriental de seu reino eu a vi se erguendo e se alastrando no céu, e toda a noite, durante a minha cavalgada, ela me seguiu, devorando as estrelas. Agora a grande nuvem paira sobre toda a região daqui até as Montanhas da Sombra; e está ficando mais densa. A guerra já começou.

Por um tempo o rei ficou sentado e em silêncio. Finalmente falou.

— Então por fim chegamos a ela — disse ele -: a grande batalha de nossa era, na qual muitas coisas deverão morrer. Mas pelo menos não há mais necessidade de nos escondermos. Vamos cavalgar pelo caminho direto e na estrada aberta com toda a nossa velocidade. A concentração das tropas deve começar imediatamente, sem esperar por ninguém que esteja atrasado. Vocês têm bons estoques em Minas Tirith?

Pois, se devemos cavalgar com a maior rapidez possível, então devemos estar leves, levando apenas comida e bebida que nos sustentem até a batalha.

— Temos um enorme estoque, preparado há muito tempo – respondeu Hirgon. — Partam agora com a maior leveza e velocidade possível!

— Então chame os arautos, Éomer — disse Théoden. — Que os Cavaleiros sejam reunidos!

Éomer saiu e de repente as trombetas soaram na Fortaleza e muitas outras lá de baixo responderam; mas suas vozes não mais soavam cristalinas e corajosas como Merry

as ouvira na noite anterior. Pareciam abafadas e roucas, zurrando funestas.

O rei virou-se para Merry. — Estou indo para a guerra, Mestre Meriadoc — disse ele. — Em breve deverei tomar a estrada. Dispenso-o de meu serviço, mas não de minha amizade. Você permanecerá aqui, e, se quiser, poderá servir à Senhora Éowyn, que governará o povo em meu lugar.

— Mas, mas, senhor — gaguejou Merry. — Eu lhe ofereci minha espada. Não quero me separar de sua pessoa desta forma, Rei Théoden. E, como todos os meus amigos foram para a batalha, eu me sentiria envergonhado se ficasse para trás.

— Mas nós montamos cavalos altos e velozes — disse Théoden —; e, embora você possa ter grande coragem, não pode cavalgar esses animais.

— Então amarre-me ao lombo de um, ou deixe-me andar pendurado num estribo, ou qualquer outra coisa — disse Merry. — Há uma longa estrada a percorrer; mas eu irei correndo, se não puder cavalgar, mesmo que tenha de gastar meus pés e chegar com semanas de atraso.

Théoden sorriu.

— Seria melhor que eu o levasse comigo na garupa de Snawmana — disse ele. — Mas pelo menos você cavalgará comigo até Edoras para ver Meduseld; pois devo fazer esse caminho. Até lá Stybba pode levá-lo: a grande corrida não começará até atingirmos as planícies.

Então Éowyn se levantou.

— Venha agora Merriadoc. Vou lhe mostrar as armas que preparei para você. — Os dois saíram juntos. — Apenas esse pedido Aragorn me fez — disse Éowyn, enquanto eles passavam por entre as tendas —, que você fosse armado para a batalha. Eu garanti que seria assim, que faria o possível. Pois meu coração me diz que você vai precisar dessas armas antes do fim.

Então ela levou Merry a uma barraca em meio aos alojamentos da guarda do rei, e lá um armeiro lhe trouxe um pequeno elmo, um escudo redondo, e outras armas.

— Não temos malhas que lhe sirvam — disse Éowyn —, nem tempo para forjar uma cota desse tipo; mas aqui também há um gibão de couro resistente, um cinto e uma faca. A espada você já tem.

Merry fez uma reverência, e a senhora lhe mostrou o escudo, que era parecido com aquele que dera a Gimli e ostentava a insígnia do cavalo branco.

— Pegue todas essas coisas — disse ela — e conduza-as a um bom desenlace! Adeus agora, Mestre Meriadoc! Mas talvez nos encontremos outra vez, você e eu.

Foi assim que, em meio a uma escuridão que se adensava, o Rei da Terra dos Cavaleiros se aprontou para conduzir todos os seus homens na estrada para o leste.

Os corações estavam pesados, e muitos estremeciam diante da sombra. Mas eram um povo resoluto, leal ao seu senhor, e ouvia-se pouco choro ou murmúrio, mesmo no acampamento da Fortaleza, onde se abrigavam os exilados de Edoras, mulheres; crianças e velhos. O destino pairava sobre eles, que o enfrentavam em silencio.

Duas rápidas horas se passaram, e agora o rei montava seu cavalo branco, refulgindo na meia-luz. Parecia orgulhoso e altivo, embora o cabelo que esvoaçava embaixo de seu alto elmo parecesse neve; muitos se surpreenderam com ele, e alegraram-se ao vê-lo ereto e destemido.

Lá nas amplas planícies ao lado do rio ruidoso estavam agrupadas muitas companhias que perfaziam quase cinco mil e quinhentos Cavaleiros completamente armados, e muitas centenas de outros homens com cavalos avulsos levemente carregados. Uma única trombeta soou. O rei levantou a mão, e então, em silêncio, o exército da Terra dos Cavaleiros começou a se mover. Na frente iam doze dos homens da casa do rei, Cavaleiros de renome. Depois ia o rei com Éomer à sua direita.

Dissera adeus a Éowyn em cima, no Forte, e a lembrança lhe trazia tristeza, mas agora voltava sua mente para a estrada que se estendia à frente. Atrás dele Merry montado em Stybba, com os mensageiros de Gondor, e mais atrás outros doze homens da casa do rei. Passaram pelas longas fileiras de homens que esperavam com rostos austeros e imóveis. Mas, quando chegaram quase ao fim da fileira, um deles ergueu os olhos, lançando um olhar agudo para o hobbit. "Um jovem", pensou Merry ao retribuir o olhar, "menor em tamanho e corpulência que muitos." Merry capturou o brilho de olhos cristalinos e cinzentos, e então estremeceu, pois de repente lhe ocorreu o pensamento de que aquele era o rosto de uma pessoa sem esperança que partia ao encontro da morte.

Continuaram descendo pela estrada cinzenta ao lado do Riacho de Neve, correndo sobre suas pedras, através das aldeias de Sob-templo e de Sobre-riacho, onde muitos rostos tristes de mulheres olhavam através de portas escuras; assim, sem cornetas ou harpas ou música de vozes humanas, começou a grande cavalgada para o leste, da qual as canções de Rohan se ocuparam por muitas vidas de homem posteriormente.

Do Templo da Colina na manhã calada com nobre e capitão saiu o filho de Thengel: para Edoras ele veio, para os velhos salões dos guardas de Rohan envoltos em neblina; das madeiras douradas imersas em dor. Adeus ele deu ao seu povo em

liberdade, ao lar, ao alto assento e aos sagrados recintos, onde tanto celebrara até a luz se apagar. Em frente vai o rei, o medo atrás ficando, adiante o destino. Sua lealdade ele manteve; juras que fizera, todos as cumpriram.

Em frente vai Théoden.

Cinco noites, cinco dias, avante para o leste foram os eorlingas Pelo Folde e por Fenmark e por Firienholt, seis milhares de lanças para Sunlending, Mundburg magnífica aos pés do Mindolluin, dos reis do Mar cidade no reino do sul infestado de inimigos, sitiado pelo fogo.

O Destino os dirigia.

As trevas dominaram cavalo e cavaleiro; cascos na distância sumiram no silêncio: assim rezam as canções.

Foi realmente numa escuridão cada vez mais profunda que o rei chegou a Edoras, embora não passasse do meio-dia. Ali fizeram apenas uma pausa curta e fortaleceram -seu exército com algumas dezenas de Cavaleiros que haviam chegado atrasados para o encontro de armas. Agora, tendo comido, ele se aprontava para partir novamente, e desejou ao seu escudeiro uma estada feliz. Mas Merry implorou pela última vez que não se separasse dele.

— Esta não é uma viagem para animais como Stybba, como eu já lhe falei — disse Théoden. — E, numa batalha como a que pensamos travar nos campos de Gondor, o que você faria, Mestre Meriadoc, embora você seja um espadachim, e maior na coragem do que na estatura?

— Quanto a isso, quem pode saber? respondeu Merry. — Mas por que, meu senhor, fui aceito como espadachim, senão para ficar ao seu lado? E eu não permitiria que de mim as canções dissessem que sempre fiquei para trás.

— Recebi-o para protegê-lo — respondeu Théoden — e também para que cumprisse minhas ordens. Nenhum de meus Cavaleiros pode levá-lo como fardo. Se a batalha estivesse diante de meus portões, talvez seus feitos fossem recordados pelos menestréis mas são cento e duas léguas daqui até Nundburg, onde Denethor é senhor. Não direi mais nada.

Merry fez uma reverência e se afastou infeliz, olhando as fileiras de cavaleiros. As companhias já estavam se aprontando para partir: os homens apertando cilhas, tratando das selas, acariciando seus cavalos; alguns olhavam aflitos para o céu ameaçador. Sem ser notado, um cavaleiro se aproximou e falou baixinho ao ouvido do hobbit.

— Quando a vontade não falta, caminho se abre, assim dizemos nós — sussurrou ele —; e foi isso o que aconteceu comigo. — Merry ergueu os olhos e viu que era o jovem Cavaleiro que notara durante a manhã. — Você deseja ir aonde o Senhor da Terra dos Cavaleiros for: vejo isso em seus olhos.

— Desejo — disse Merry.

— Então irá comigo — disse o Cavaleiro. — Vou levá-lo sentado na minha frente sob minha capa até que estejamos bem longe, e esta escuridão esteja ainda mais escura. Essa boa vontade não lhe deveria ter sido negada. Não diga mais nada para ninguém, mas venha!

— Fico imensamente grato! — disse Merry. — Obrigado, senhor, embora eu não saiba seu nome.

— Não sabe? — disse o Cavaleiro baixinho. — Então chame-me de Dernhelm.

Foi assim que, quando o rei partiu, na frente de Dernhelm foi montado Meriadoc, o hobbit, e o grande corcel cinzento Windfola fez pouco do fardo, pois Bernhelm era menos pesado que muitos homens, embora esbelto e de corpo bem feito.

Avançaram para dentro da sombra. Nos maciços de salgueiros, onde o Riacho de Neve corria para desembocar no Entágua, doze léguas a leste de Edoras, eles acamparam naquela noite. E depois continuaram de novo através do Folde, e através de Fenmark, onde á direita grandes florestas de carvalhos subiam nas encostas das colinas, sob as sombras do escuro Halifirien, ao lado das fronteiras de Gondor; mas á esquerda a névoa pairava nos pântanos alimentados pelas desembocaduras do Entágua. Enquanto cavalgavam chegaram-lhes aos ouvidos os boatos da guerra no norte. Homens sozinhos, cavalgando alucinados, trouxeram notícias sobre os inimigos atacando as fronteiras orientais, sobre exércitos de orcs marchando no Descampado de Rohan..

— Avante! Avante! — gritou Éomer. — É tarde demais agora para desviarmos. Os charcos do Entágua deverão guardar nosso flanco. Precisamos agora de velocidade. Avante!

E assim o Rei Théoden partiu de seu próprio reino, e milha após milha a longa estrada avançava sinuosa, e as colinas dos faróis passaram marchando: Calenhad, Min-Rimmon, Erelas, Nardol. Mas suas fogueiras estavam apagadas. Toda a terra estava cinzenta e quieta, e cada vez mais a escuridão se adensava diante deles, e a esperança minguava em seus corações.

# CAPÍTULO IV
# O CERCO DE GONDOR

Pippin foi acordado por Gandalf. Havia velas acesas no quarto, pois apenas uma fraca luz crepuscular entrava pelas janelas; o ar estava pesado como se uma tempestade se aproximasse.

— Que horas são? — perguntou Pippin bocejando.

— Já passa da segunda hora — disse Gandalf. — Hora de levantar e se fazer apresentável. O Senhor da Cidade o convoca para informá-lo sobre seus novos deveres.

— E ele vai providenciar o desjejum?

— Não, eu providenciei isso: tudo o que você vai comer até o meio-dia. A comida agora está sendo racionada.

Pippin olhou desolado para o pequeno pedaço de pão e a porção muito inadequada (achou ele) de manteiga que lhe foi servida, ao lado de uma xícara de leite aguado.

— Por que você me trouxe para cá? — disse ele.

— Você sabe muito bem disse Gandalf. — Para mantê-lo longe de confusão; e, se você não aprecia estar aqui, é melhor se lembrar de que foi você quem atraiu a confusão. — Pippin não disse mais nada.

Logo estava descendo mais uma vez com Gandalf pelo frio corredor que levava à porta do Salão da Torre. Denethor estava sentado lá numa escuridão cinzenta, como uma aranha velha e paciente, na opinião de Pippin; não parecia ter mudado de posição desde o dia anterior. Apontou uma cadeira para Gandalf, mas deixou Pippin um tempo parado de pé, sem lhe dar atenção. De repente o velho voltou-se para ele:

— Bem, Mestre Peregrin, espero que tenha usado o dia de ontem em seu proveito, e a seu gosto. Mas receio que a mesa seja mais pobre nesta Cidade do que você poderia desejar.

Pippin teve uma sensação incômoda de que a maioria do que tinha falado ou feito chegara, de alguma forma, ao conhecimento do Senhor da Cidade, que também estava adivinhando grande parte de seus pensamentos. Não respondeu.

— O que você poderia fazer a meu serviço?

— Pensei que minhas tarefas seriam designadas pelo senhor.

— E serão, quando eu souber para que serviço você serve -disse Denethor. — Mas isso talvez eu saiba mais depressa se o mantiver ao meu lado. O escudeiro de minha câmara pediu permissão para ir á guarnição externa, de modo que você deve substitui-lo por algum tempo. Vai me servir, levar recados e conversar comigo. se a guerra e o planejamento me deixarem algum tempo de sobra. Sabe cantar"?

— Sei — disse Pippin. — Quero dizer, bem o suficiente para o meu próprio povo. Mas não temos canções adequadas para grandes salões e tempos ruins. Raramente cantamos sobre qualquer coisa mais terrível que o vento ou a chuva. E a maioria de minhas canções é sobre coisas que nos fazem rir, ou sobre comida e bebida, é claro.

— E por que essas canções seriam inadequadas para meus salões, ou para horas como estas"? Quem viveu muito tempo sob a Sombra está proibido de ouvir os ecos de uma terra não perturbada por ela? Nesse caso poderemos sentir que nossa vigilância não foi em vão, embora não tenha sido reconhecida. Pippin sentiu o coração pesado. Não apreciava a idéia de cantar qualquer canção do Condado para o Senhor de Minas Tirith, com certeza não as cômicas que ele sabia melhor; essas eram muito, bem, rústicas para uma ocasião daquelas. No entanto foi dispensado, pelo momento, da penosa provação.

Não lhe foi ordenado que cantasse. Denethor voltou-se para Gandalf, perguntando coisas sobre os rohirrim e suas estratégias, e sobre a posição de Éomer, o sobrinho do rei. Pippin ficou surpreso ao ver a quantidade de coisas que o Senhor parecia saber sobre um povo que vivia distante, embora, pensou ele, muitos anos devessem ter passado desde que Denethor cavalgara fora de seus domínios.

De repente Denethor acenou para Pippin e o dispensou de novo por um tempo.

— Vá até os arsenais da Cidadela — disse ele — e pegue o seu uniforme e as armas da Torre. Vai encontrar tudo preparado. Dei ordens nesse sentido ontem.

Volte quando estiver devida mente vestido!

Foi como ele dissera, e Pippin logo se viu trajado com uma roupa estranha, toda preta e prateada. Tinha uma pequena cota de malha, com anéis forjados de aço, talvez, embora fossem pretos como o azeviche; também um elmo alto com pequenas asas de corvo dos dois lados, adornado com uma estrela de prata no centro do diadema. Sobre a cota de malha trazia um pequeno casaco preto, com o símbolo da Árvore bordado em prata no peito. Suas roupas antigas foram dobradas e guardadas, mas lhe permitiram ficar com a capa cinzenta de Lórien, embora não pudesse usá-la quando estivesse trabalhando. Mal sabia que agora estava parecendo realmente o Ernil i Pheriannath, o

Príncipe dos Pequenos, que as pessoas diziam que ele era; mas não se sentia á vontade, e a melancolia começou a derrotar o seu humor.

Ficou escuro e sombrio o dia todo. Desde a aurora sem sol até a noite, a sombra pesada se aprofundou, e todos os corações da Cidade estavam oprimidos. Lá em cima uma grande nuvem passava lentamente para o oeste, vinda da Terra Negra, devorando a luz, carregada por um vento de guerra; mas mais abaixo o ar estava parado e sem vento, como se o Vale do Andum esperasse pelo ataque de uma tempestade destruidora.

Lá pela décima primeira hora, finalmente dispensado do serviço por um tempo, Pippin saiu e foi procurar comida e bebida para alegrar seu coração pesado e transformar sua tarefa de servir em algo mais suportável. No refeitório encontrou outra vez Beregond, que acabara de chegar de uma missão pelo Pelennor, saindo das Torres de Guarda sobre o Passadiço. Juntos foram caminhando até as muralhas, pois Pippin se sentia enclausurado do lado de dentro, e sufocado atê mesmo na alta cidadela.

Agora estavam sentados lado a lado outra vez no parapeito que dava para o leste, onde tinham comido e conversado no dia anterior.

Estava na hora do pôr-do-sol, mas a grande mortalha agora se estendera para dentro do oeste, e só quando ela finalmente afundou no Mar o Sol libertou-se para emitir um brilho breve de despedida antes da noite, no mesmo momento em que Frodo o via na Encruzilhada, incidindo sobre a cabeça do rei caido. Mas aos campos do Pelennor, sob a sombra do Mindolluin, não chegou nenhum raio: estava tudo escuro e desolado.

Pippin tinha a impressão de que já fazia anos que se sentara lá, em algum tempo semi-esquecido quando ele ainda era um hobbit, um andarilho alegre que pouco se importava com os perigos pelos quais passara. Agora era um pequeno soldado numa cidade que se preparava para um grande ataque, vestido á moda altiva mas sombria da Torre de Guarda.

Em algum outro tempo e lugar, Pippin poderia ter ficado satisfeito com suas novas vestes, mas agora sabia que não estava tomando parte em alguma brincadeira; era agora, num jogo sério como a morte, o servidor de um senhor severo, correndo o maior dos perigos. A cota de malha era incômoda, e o elmo pesava-lhe sobre a cabeça. Jogara a capa em cima do banco. Desviou seu olhar cansado dos campos escuros lá embaixo e bocejou; depois veio um suspiro.

— Cansado do trabalho de hoje? — disse Beregond.

— Estou — disse Pippin —, muito: exausto por não fazer nada e esperar. Fiquei batendo os calcanhares contra a porta do quarto de meu mestre por muitas horas

arrastadas, enquanto ele debatia com Gandalf e o Príncipe e outras pessoas importantes. E não estou habituado, Mestre Beregond, a ficar com fome servindo, enquanto os outros comem. Isso é uma terrível provação para um hobbit. Sem dúvida você está pensando que eu deveria sentir a honra mais intensamente. Mas de que adianta essa honra? E mesmo a comida e a bebida, de que adiantam elas sob esta sombra que avança? O que significa isso? O próprio ar parece estar espesso e escuro! É freqüente aqui essa escuridão, quando sopra o vento do leste?

— Não — respondeu Beregond —, isso não é natural. É algum artifício da malícia dele; algum tumulto de fumaça que ele envia da Montanha do Fogo para turvar nossos corações e nossas mentes. E realmente o efeito é esse. Gostaria que o Senhor Faramir retornasse. Ele não desanimaria. Mas, agora, quem pode saber se ele algum dia vai voltar do outro lado do Rio vindo da Escuridão?

— É — disse Pippin -. Gandalf também está ansioso. Ficou desapontado, julgo eu, por não ter encontrado Faramir aqui. E onde se meteu ele"? Deixou o conselho do Senhor antes da refeição do meio-dia, e tive a impressão de que estava de mau humor. Talvez tenha tido a premonição de alguma má noticia.

De repente, enquanto conversavam, emudeceram, como se transformados em pedras alertas. Pippin se agachou tapando os ouvidos com as mãos, mas Beregond, que estivera olhando para fora no parapeito enquanto falava de Faramir, permaneceu ali, imóvel, com o olhar assustado. Pippin conhecia o grito arrepiante que ouvira: era o mesmo que ouvira havia muito tempo no Pântano do Condado, mas agora crescera em força e ódio, atravessando o coração com um desespero venenoso.

Finalmente Beregond falou com dificuldade.

— Eles chegaram! — disse ele. — Tome coragem e olhe! Há seres cruéis lá embaixo.

Com relutância Pippin subiu no banco e olhou por sobre a muralha. O Pelennor jazia escuro abaixo dele, desaparecendo na linha quase invisível do Grande Rio.

Mas agora, voando em rápidos círculos através dele, como sombras de uma noite precoce, ele viu no ar, abaixo de onde estava, cinco figuras semelhantes a pássaros, horríveis como aves carniceiras, e apesar disso maiores que águias, cruéis como a morte. Em alguns momentos voavam mais baixo, arriscando-se a chegar quase ao alcance das flechas que vinham das muralhas, outras vezes voavam para longe em círculos.

— Cavaleiros Negros! — murmurou Pippin. — Cavaleiros Negros do ar! Mas

veja, Beregond! — exclamou ele. — Com certeza estão procurando algo. Veja como eles fazem círculos e mergulham em vôos rasantes, sempre descendo na direção daquele ponto ali. E você está vendo alguma coisa se mexendo no chão? Coisinhas escuras. Sim, homens montados em cavalos: quatro ou cinco. Ah! Não consigo suportar isso! Gandalf! Gandalf, salve-nos! Um outro grito penetrante cresceu e diminuiu, e Pippin se jogou da muralha de novo, ofegando como um animal acossado. Fraco e aparentemente remoto, através daquele grito estarrecedor, ele ouviu subindo lá de baixo o som de uma trombeta terminando numa nota longa e aguda.

— Faramir! O Senhor Faramir! É o chamado dele! – gritou Beregond.

— Homem corajoso! Mas como poderá alcançar o Portão, se esses nojentos falcões do inferno tiverem outras armas além do medo? Mas olhe! Eles continuam resistindo. Vão chegar até o Portão. Não! Os cavalos estão ficando loucos. Veja!

Os homens foram jogados no chão, e estão correndo a pé. Não, um ainda está montado, mas está voltando em direção aos outros. Com certeza é o Capitão: ele consegue controlar tanto animais quanto homens. Ah! Lá está uma das criaturas nojentas arremetendo contra ele! Socorro! Socorro! Ninguém vai ajudá-lo? Faramir!

Dizendo isso Beregond deu um salto e correu para dentro da escuridão. Envergonhado do próprio medo, enquanto Beregond da Guarda pensava primeiro no capitão que amava, Pippin se levantou e espiou lá fora. Naquele momento captou um clarão branco e prateado vindo do norte, como uma pequena estrela descendo nos campos sombrios.

Movia-se com a velocidade de uma flecha, e crescia à medida que se aproximava, convergindo rapidamente com a fuga dos quatro homens em direção ao Portão. Pippin teve a impressão de que uma luz pálida se espalhava ao redor da estrela, e as sombras pesadas abriam caminho diante dela; então, assim que se aproximou mais, o hobbit pensou ter ouvido, como um eco nas muralhas, uma voz imponente chamando.

— Gandalf! — gritou ele. — Gandalf! Ele sempre aparece quando as coisas estão pretas. Avante! Avante, Cavaleiro Branco! Gandalf, Gandalf! — berrou ele alucinado, como o espectador de um grande páreo, motivando um corredor que não precisa mais de torcida.

Mas agora as escuras sombras de rapina estavam cientes do recém chegado. Uma descreveu um giro na direção dele; mas Pippin teve a impressão de que ele ergueu a mão, e dela um raio de luz branca cortou os ares acima. O nazgûl soltou um grito longo e choroso e desviou-se, e depois disso os outros quatro hesitaram, então, erguendo-se

em rápidas espirais, rumaram para o leste, desaparecendo na baixa nuvem acima deles; lá embaixo, no Pelennor, a escuridão pareceu menos densa por um tempo.

Pippin assistia a tudo, e viu que o homem a cavalo e o Cavaleiro Branco se encontraram e pararam, aguardando os outros que vinham a pé.

Agora homens corriam da Cidade em direção a eles, e logo todos passaram e desapareceram sob as muralhas externas e o hobbit sabia que estavam entrando pelo Portão.

Supondo que imediatamente viriam para a Torre para ver o Regente, correu para a entrada da cidadela. Ali juntou-se a muitos outros que das altas muralhas tinham assistido á corrida e ao resgate.

Não demorou muito para que se ouvisse um clamor nas ruas que vinham dos círculos exteriores e subiam; muitas pessoas aplaudiam e bradavam os nomes de Faramir e Mithrandir. De repente Pippin viu tochas, e à frente de uma multidão dois cavaleiros avançando devagar: um em vestes brancas que já não brilhavam; estava agora empalidecido no crepúsculo como se seu fogo se tivesse exaurido ou ocultado; o outro era sombrio, e estava com a cabeça curvada. Os dois desmontaram e, enquanto cavalariços levavam Scadufax e o outro cavalo, caminharam na direção da sentinela do portão: Gandalf num passo firme, a capa cinzenta jogada para trás e o fogo ainda ardendo em seus olhos; o outro, todo vestido de verde, avançava devagar, num passo vacilante, como alguém que está exausto ou ferido.

Pippin abriu caminho para a frente assim que eles passaram sob a lamparina abaixo do arco do portão e, quando viu o rosto pálido de Faramir, perdeu o fôlego.

Era um rosto atingido pelo medo e pela angústia, mas que agora dominara o sentimento e estava tranquilo. Altivo e solene, ele parou por um momento enquanto falava com o guarda, e Pippin, olhando para ele, viu como Faramir era parecido com seu irmão Boromir — de quem Pippin gostara desde o início, admirando os modos nobres e ao mesmo tempo gentis do grande homem. Mesmo assim, de repente, sentiu por Faramir uma coisa que nunca sentira antes. Ele era alguém com um ar de alta nobreza, como o que Aragorn certas vezes revelara, talvez não tão alta, mas também não tão insondável e remota: um ar dos Reis de Homens nascidos numa época posterior, mas tocados pela sabedoria e pela tristeza da Raça Antiga. Agora percebia por que Beregond pronunciava seu nome com tanta devoção. Era um capitão que os homens seguiriam, que ele próprio seguiria, até mesmo sob a sombra das asas negras.

— Faramir! — gritou ele junto com os outros. — Faramir! -

E Faramir captando a estranha voz do hobbit em meio á aclamação dos homens da Cidade, virou-se e desceu os olhos até ele, estupefato.

— De onde você vem? — disse ele. — Um Pequeno, e com o uniforme da Torre! De onde...

Mas nesse momento Gandalf parou ao seu lado e falou. — Ele veio comigo da terra dos Pequenos — disse ele. — Veio comigo. Mas não vamos ficar mais tempo aqui. Há muito o que dizer e fazer, e você está cansado. Ele virá conosco. Na verdade, é o que deve fazer, pois, se não estiver esquecendo suas novas tarefas mais facilmente do que eu, ele deve servir seu senhor outra vez agora. Venha, Pippin, siga-nos!

Então finalmente eles chegaram ao aposento particular do Senhor da Cidade. Três cadeiras com espaldares altos estavam dispostas ao redor de um braseiro de carvão; trouxeram vinho; ali Pippin, quase sem ser notado, ficou atrás da cadeira de Denethor e sentiu o cansaço diminuir, tão grande foi a atenção que deu a tudo o que foi dito.

Depois que Faramir havia comido pão branco e bebido um gole de vinho, sentou-se numa cadeira baixa á esquerda de seu pai. Um pouco afastado, do lado oposto, estava Gandalf numa cadeira de madeira esculpida, e a princípio parecia estar dormindo. Pois no inicio Faramir falou apenas da missão para a qual fora enviado dez dias antes, e trouxe notícias de Ithilien e dos movimentos do Inimigo e seus aliados; contou também sobre a luta na estrada, na qual os homens de Harad e seu grande animal foram derrotados: um capitão relatando ao seu senhor esses assuntos frequentemente tratados, coisas pequenas de uma guerra de fronteiras que agora pareciam inúteis e insignificantes, desprovidas de uma importância maior.

Então, de repente, Faramir olhou para Pippin.

— Mas agora vamos tratar de assuntos estranhos — disse ele. — Pois este não é o primeiro Pequeno que vejo saindo das lendas do norte e entrando nas terras do sul.

Ao ouvir isso, Gandalf aprumou-se agarrando os braços da cadeira, mas não disse nada, e com um olhar conteve a exclamação nos lábios de Pippin. Denethor olhou para os rostos deles e fez um sinal com a cabeça, como se quisesse dizer que lera ali muitas coisas, antes mesmo de serem mencionadas.

Lentamente, enquanto os outros ficaram sentados e imóveis, Faramir contou sua história com os olhos fixos em Gandalf a maior parte do tempo, embora de vez em quando seu olhar se desviasse para Pippin, como que tentando recordar-se melhor dos outros hobbits que vira.

Ã medida que se desenrolava a história sobre o encontro de Faramir com Frodo e seu servidor, e sobre os eventos em Henneth Annún, Pippin percebeu que as mãos de Gandalf estavam trêmulas, agarrando-se aos braços da cadeira. Agora pareciam brancas e muito velhas, e olhando para elas, de repente, com um arrepio de medo, Pippin viu que Gandalf, o próprio Gandalf, estava preocupado, até mesmo amedrontado. O ar da sala estava parado e pesado. Finalmente, quando Faramir relatou sua separação dos viajantes, e a resolução deles de ir para Cirith Ungol, sua voz ficou mais baixa, e ele balançou a cabeça e suspirou. Então Gandalf saltou de pé.

— Cirith Ungol? Vale Morgul? — disse ele. — O dia, Faramir, o dia: Quando você se separou deles? Quando acha que eles atingiriam aquele vale amaldiçoado?

— Separei-me deles há dois dias, pela manhã — disse Faramir. — São quinze léguas de lá até o vale do Morgulduin, se eles foram direto para o sul; e então haveria mais cinco léguas a oeste da Torre amaldiçoada. Andando o mais rápido possível, eles não poderiam chegar lá antes de hoje, e talvez não tenham chegado ainda. Na verdade percebo o que você teme. Mas a escuridão não se deve á aventura deles. Começou na noite de ontem, e toda Ithilien ficou coberta de sombra a noite passada.

— Para mim está claro que o Inimigo planeja há muito tempo este ataque contra nós, e a hora já estava determinada antes mesmo que os viajantes deixassem a minha companhia.

Gandalf andava de um lado para o outro.

— Dois dias atrás, pela manhã, quase três dias de viagem! A que distância daqui fica o lugar onde vocês se separaram?

— Cerca de vinte e cinco léguas num vôo de pássaro – respondeu Faramir. Mas eu não consegui chegar mais rápido. Ontem pernoitei em Andros, a longa ilha do Rio ao norte, onde mantemos um ponto de defesa; temos cavalos do lado de cá do rio. A medida que a escuridão foi se aproximando, percebi que precisava me apressar, de modo que cavalguei para cá com mais três homens que também tinham montarias. O resto de minha companhia enviei para fortalecer a guarnição nos vaus de Osgiliath. Espero que não tenha feito nada de errado – disse ele olhando para o pai.

— Nada de errado? — gritou Denethor, e seus olhos de repente faiscaram. — Por que está perguntando? Os homens estavam sob o seu comando. Ou será que você quer saber o que penso sobre todos os seus atos? Na minha presença, sua postura é humilde; apesar disso, faz tempo que você não se desvia de seu próprio caminho a conselho meu. Veja, você falou com habilidade, como sempre; mas eu, então, não vi seu

olho fixo em Mithrandir, procurando saber se você falou bem ou demais? Faz tempo que seu coração lhe pertence. Meu filho, seu pai está velho, mas não está decrépito. Consigo ver e ouvir, como sempre foi meu hábito; e pouco do que você deixou de dizer ou disse com meias palavras é segredo para mim. Agora conheço a resposta para vários enigmas. Lamento, lamento por Boromir!

— Se o que fiz lhe desagrada, meu pai — disse Faramir numa voz suave —, gostaria de ter sabido a sua opinião antes que o fardo de uma decisão tão difícil fosse jogado em minhas costas.

— E isso faria com que você alterasse a sua decisão? – disse Denethor.

— Você teria agido da mesma forma, julgo eu. Conheço-o bem. Seu desejo é parecer sempre nobre e generoso como um rei de antigamente, bondoso, gentil. Essas qualidades servem para alguém de sangue nobre, se essa pessoa detiver o poder em tempos de paz. Mas nas horas de desespero a recompensa pela gentileza pode ser a morte.

— Então, que assim seja! — disse Faramir.

— Que assim seja! — gritou Denethor. — Mas não se trata apenas da sua morte, Senhor Faramir: também da morte de seu pai, e de todo o seu povo, que você deve proteger agora que Boromir partiu.

— Gostaria então — disse Faramir — que nossos lugares tivessem sido trocados?

— Sim, realmente gostaria — disse Denethor. — Pois Boromir era fiel a mim, e não era pupilo de nenhum mago. Teria pensado na necessidade de seu pai, e não teria jogado fora o que lhe fosse oferecido pela sorte. Ele me teria trazido um presente valioso.

Por um momento, Faramir perdeu o controle.

— Eu lhe pediria, meu pai, que se lembrasse do motivo pelo qual eu, e não ele, estava em Ithilien. Pelo menos em uma ocasião o seu desejo prevaleceu, não muito tempo atrás. Foi o Senhor da Cidade que lhe designou a missão.

— Não remexa o amargor da taça que preparei para mim mesmo — disse Denethor. — Já não o provei por muitas noites em minha boca, pressentindo que um sabor ainda pior estava no fundo? Como realmente percebo agora. Gostaria que não tivesse sido assim! Gostaria que aquela coisa tivesse chegado até mim!

— Console-se! — disse Gandalf. — Não havia nenhuma possibilidade de Boromir trazê-la até você. Ele está morto, e morreu de forma nobre; que possa agora descansar em paz! Mas você se engana. Ele teria estendido a mão para essa coisa, e ao tomá-la

teria sucumbido. Guardá-la-ia para si mesmo, e retornando não seria reconhecido por seu pai.

O rosto de Denethor se fechou, ficando duro e frio. – Na sua opinião Boromir era menos maleável em suas mãos, não é verdade? — disse ele em voz baixa.

— Mas eu, que era seu pai, digo que ele me teria trazido a coisa. Você talvez seja sábio, Mithrandir, e apesar disso, com todas as sutilezas, você não detém toda a sabedoria. Pode haver planos que não sejam nem as teias dos magos nem a pressa dos tolos. Nesse assunto, tenho mais conhecimento e sabedoria do que você supõe.

— Qual é então a sua sabedoria? — perguntou Gandalf.

— A suficiente para perceber que há duas loucuras que se devem evitar. Usar essa coisa é perigoso. Nesta hora, enviá-la nas mãos de um Pequeno desmiolado para dentro da terra do próprio Inimigo, como você fez, e também este meu filho, isso é sandice.

— E o Senhor Denethor, que teria ele feito?

— Nenhuma das duas coisas. Mas, com toda certeza, por argumento algum teria ele colocado essa coisa num perigo que elimina as esperanças de qualquer um, a não ser que se trate de um tolo, arriscando nossa completa ruína, no caso de o Inimigo recuperar o que perdeu. Não, ela deveria ter sido guardada, escondida, muito bem escondida. Não usada, eu lhe digo, exceto numa extrema necessidade, mas colocada fora do alcance dele, a não ser que ocorresse uma vitória tão decisiva que o que acontecesse depois não nos incomodasse, pois estaríamos mortos.

— Você está pensando, meu senhor, como é seu costume, apenas em Gondor — disse Gandalf. — Apesar disso há outros homens e outras vidas, e outro tempo ainda por vir. E, quanto a mim, condôo-me até dos escravos dele.

— E onde os outros homens poderão buscar socorro, se Gondor cair? — respondeu Denethor. — Se eu tivesse essa coisa agora, nas profundas galerias desta cidadela, não estaríamos tremendo de medo sob esta escuridão, temendo o pior, e nossos planos não estariam sendo ameaçados. Se não confia que eu resista ao teste, você ainda não me conhece.

— Não obstante, não confio em você — disse Gandalf. – Se confiasse, poderia tê-la enviado para cá, a fim de que você a guardasse, poupando-me a mim e a muitos outros de uma grande carga de angústia. E agora, ouvindo-o falar, confiou menos ainda em você, não mais do que confiava em Boromir. Não, contenha sua ira! Não confio nem em mim mesmo nesse assunto, e recusei a coisa, mesmo quando me foi oferecida como

um presente. Você é forte e ainda pode se controlar em alguns pontos, Denethor, mas, se tivesse recebido essa coisa, ela o teria derrotado. Se fosse enterrada embaixo das raízes do Mindolluin, ainda assim ela iria continuar queimando sua mente, enquanto cresce a escuridão, e sobrevém coisas ainda piores, que logo nos surpreenderão.

Por um momento, os olhos de Denethor voltaram a brilhar quando se fixaram em Gandalf, e Pippin sentiu mais uma vez a tensão entre as disposições de ambos; mas agora quase parecia que os olhares dos dois eram como lâminas de olho a olho, faiscando à medida que se digladiavam. Pippin tremeu, temendo algum golpe terrível.

Mas de repente Denethor relaxou e ficou frio de novo. Encolheu os ombros.

— Se eu tivesse! Se você tivesse! — disse ele. – Essas palavras e esses "sês" são inúteis. A coisa foi para dentro da Sombra, e agora apenas o tempo mostrará que destino está sendo reservado para ela e para nós. Não demorará muito. No tempo que ainda nos resta, que todos os que lutam contra o Inimigo á sua maneira fiquem unidos, e que mantenham a esperança enquanto puderem, e depois da esperança ainda a coragem de morrer em liberdade. — Voltou-se para Faramir. — O que você acha da guarnição em Osgiliath?

— Não é forte — disse Faramir. — Enviei a companhia de Ithilien para fortalecê-la, como já disse.

— Não será suficiente, julgo eu — disse Denethor. — É lá que será desferido o primeiro golpe. Eles precisarão de algum capitão forte ali.

— Ali e em muitos outros lugares — disse Faramir, suspirando. — Lamento por meu irmão, a quem eu também amava! — Levantou-se. – Permita que eu me vá, pai?— E então curvou-se e debruçou-se sobre a cadeira de Denethor.

— Vejo que está cansado — disse este. — Cavalgou um longo caminho com grande rapidez, e sob sombras do mal no ar, pelo que soube.

— Não vamos falar disso! — disse Faramir.

— Então não falemos — disse Denethor. — Vá e descanse como puder. O dever de amanhã será mais duro.

Todos deixaram então o Senhor da Cidade e foram descansar enquanto ainda podiam. Do lado de fora havia uma escuridão sem estrelas quando Gandalf, com Pippin ao seu lado levando uma pequena tocha, dirigiu-se para o seu alojamento.

Não disseram nada até estarem a portas fechadas. Então, finalmente, Pippin tomou a mão de Gandalf.

— Diga-me — disse ele —, há alguma esperança? Quero dizer, para Frodo; ou

pelo menos sobretudo para Frodo?

Gandalf colocou a mão sobre a cabeça de Pippin. — Nunca houve muita esperança — disse ele. — só houve a esperança de um tolo, como me disseram. E quando ouvi sobre Cirith Ungol... — Parou de falar e dirigiu-se para a janela, como se seus olhos pudessem penetrar a noite no leste. — Cirith Ungol! — murmurou ele. -

Por que por ali, eu me pergunto? — Voltou-se. — Agora há pouco, Pippin, meu coração quase parou, quando ouvi esse nome. E apesar disso, na verdade, acredito que a notícia de Faramir traz alguma esperança. Pois parece claro que nosso Inimigo finalmente começou sua guerra, fazendo o primeiro movimento enquanto Frodo ainda estava livre. Então agora, por muitos dias, ele ficará com o olho voltado para um lado ou para o outro, sem fixar seus próprios domínios. E, contudo, Pippin, já sinto, a distância, seu medo e sua pressa. Ele começou mais cedo do que pretendia. Aconteceu alguma coisa que o incitou.

Gandalf parou por um momento, pensando.

— Talvez — murmurou ele. — Talvez até mesmo a sua tolice tenha ajudado, meu rapaz. Deixe-me ver: agora deve fazer uns cinco dias que ele descobriu que derrotamos Saruman e pegamos a Pedra. E o que se pode presumir disso? Não poderíamos usa-la para muitas coisas, ou sem que ele soubesse. Ah! Eu fico pensando. Aragorn? A hora dele se aproxima. E no fundo ele é forte e resoluto, Pippin: corajoso, determinado, capaz de fazer seus próprios planos e se expor a grandes riscos se for necessário. É possível. Ele pode ter usado a Pedra mostrando-se para o Inimigo, exatamente com o propósito de desafiá-lo. Fico pensando. Bem, não saberemos a resposta até que os Cavaleiros de Rohan cheguem, se eles não chegarem tarde demais. Os dias à nossa frente serão malignos. Vamos dormir, enquanto podemos!

— Mas — disse Pippin.

— Mas o quê? — disse Gandalf. — Só permitirei um único mas esta noite.

— Gollum — disse Pippin. — Como é que eles poderiam estar andando com ele, até mesmo seguindo-o? E pude perceber que Faramir não gostou mais do que você do lugar para o qual ele os estava levando. Qual é o problema?

— Não posso responder isso agora — disse Gandalf. – Mesmo assim, meu coração de alguma forma sabia que Frodo e Gollum iriam se encontrar antes do fim. Para o bem ou para o mal. Mas sobre Cirith Ungol não falarei esta noite. Traição, é a traição que receio; traição daquela criatura miserável. Mas precisava ser assim. Vamos nos lembrar de que um traidor pode trair-se a si mesmo e fazer o bem que não pretende.

Pode ser assim, algumas vezes. Boa noite!

O dia seguinte chegou com uma manhã que se assemelhava a um crepúsculo escuro, e os corações dos homens, por um período mais leves com a chegada de Faramir, ficaram pesados de novo. As Sombras aladas não foram vistas de novo naquele dia, mas de vez em quando, bem acima da cidade, um grito fraco chegava, muitos que ouviam ficavam paralisados com um terror passageiro, enquanto os menos corajosos estremeciam e choravam.

E agora Faramir partira outra vez.

— Eles não lhe dão descanso — murmuravam alguns. — O Senhor é muito duro com o filho, e agora ele deve fazer o serviço de dois, por ele e pelo outro que não retornará — E a todo momento os homens olhavam para o norte, perguntando-se: — Onde estão os Cavaleiros de Rohan?

Era verdade que Faramir não partira por opção própria. Mas o Senhor da Cidade era o mestre do Conselho, e não estava disposto naquele dia a se curvar às opiniões dos outros. Cedo naquela manhã o Conselho fora convocado. Lá todos os capitães julgaram que, por causa da ameaça no sul, o exército que tinham era fraco demais para desferir por sua própria iniciativa qualquer golpe de guerra, a não ser talvez que os Cavaleiros de Rohan chegassem. Enquanto isso, deveriam guarnecer as muralhas com soldados e esperar.

— Contudo — disse Denethor —, não devemos abandonar facilmente as defesas externas, a Rammas construída com tanto trabalho. E o Inimigo devera pagar caro por atravessar o Rio. Isso ele não pode fazer, com força suficiente para tomar de assalto a Cidade, nem pelo norte de Cair Andros, por causa dos pântanos, nem pelo sul na direção de Lebennin, por causa da amplitude do Rio, que exige muitos barcos. É em Osgiliath que vai concentrar seu peso, como antes, quando Boromir não permitiu que ele passasse.

— Foi apenas uma tentativa — disse Faramir. — Hoje podemos fazer com que o Inimigo nos pague dez vezes pelo nosso prejuízo na passagem e mesmo assim lamentar a troca. Pois ele pode se permitir perder um exército com mais tranquilidade do que nós podemos perder uma companhia. E a retirada daqueles que colocamos espalhados nos campos será perigosa, se ele conseguir atravessar com toda a força.

— E Cair Andros? — disse o Príncipe. — Ela também deve ter proteção, se Osgiliath for defendida. Não vamos nos esquecer do perigo á nossa esquerda. Pode ser que os rohirrim venham, e pode ser que não. Mas Faramir nos falou de um grande exército que saiu do Portão Negro e que se aproxima cada vez mais. Mais de um exército

pode sair por ali, e atacar muito mais que uma passagem.

— Na guerra é preciso arriscar muita coisa — disse Denethor. — Cair Andros está guarnecida, e não podemos enviar mais homens para lá por enquanto. Mas não entregarei o Rio e o Pelennor sem lutar — não se houver aqui um capitão ainda com coragem de fazer a vontade de seu senhor.

Todos ficaram em silêncio, mas finalmente Faramir disse:

— Não me oponho à sua vontade, pai. Uma vez que Boromir lhe foi roubado, farei o que puder no lugar dele — se o senhor assim ordenar.

— Assim ordeno — disse Denethor.

— Então adeus — disse Faramir. — Mas, se eu retornar, faça melhor juízo de mim.

— Isso depende de como você retornar — disse Denethor.

Foi Gandalf quem por último falou com Faramir antes que este partisse para o leste.

— Não jogue fora sua vida temerariamente ou movido pela mágoa – disse ele. — Você será necessário aqui, para outras coisas além da guerra. Seu pai O ama, Faramir, e vai se lembrar disso antes do fim. Adeus!

Então agora o Senhor Faramir partira novamente, levando consigo um grupo de homens voluntários ou disponíveis. Nas muralhas alguns observavam através da escuridão, com os olhos voltados para a cidade arruinada, e ficavam imaginando o que estaria acontecendo lá, pois não se enxergava nada. E outros, como sempre, olhavam para o norte e contavam as léguas que Théoden de Rohan deveria percorrer.

— Será que virá? Será que vai se lembrar de nossa velha aliança? — perguntavam-se eles.

— Sim, ele virá — dizia Gandalf —, mesmo que chegue tarde demais. Mas pensem! Na melhor das hipóteses, a Flecha Vermelha não pode ter chegado até ele há mais de dois dias, e são longas as milhas desde Edoras.

Já era noite quando a notícia chegou. Um homem veio dos vaus cavalgando depressa, dizendo que um exército tinha saído de Minas Morgul e já estava se aproximando de Osgiliath; a ele tinham-se juntado regimentos vindos do sul, os haradrim, homens cruéis e altos. — E ficamos sabendo — disse o mensageiro — que o Capitão Negro os lidera novamente, e o seu terror o antecede através do Rio.

Com essas palavras de mau agouro terminava o terceiro dia desde que Pippin chegara a Minas Tirith. Poucos foram descansar, pois pequena era a esperança de que

até mesmo Faramir pudesse resistir nos vaus por muito tempo.

O dia seguinte, embora a escuridão já tivesse atingido seu auge e não pudesse ficar mais densa, pesou mais no coração dos homens, tomados de grande terror. Más noticias logo tornaram a chegar. A passagem do Anduin fora conquistada pelo Inimigo. Faramir estava se retirando para a muralha do Pelennor, reagrupando seus homens nos Fortes do Passadiço, mas sua tropa era dez vezes menor que a do Inimigo.

— Se ele conseguir voltar através do Pelennor, os inimigos estarão nos seus calcanhares — disse o mensageiro. — Eles pagaram caro por terem atravessado, mas menos caro do que imaginávamos. O plano foi bem feito. Agora vemos que, em segredo, eles há muito tempo vêm construindo balsas e barcaças em Osgiliath Oriental.

Atravessaram como um enxame de besouros. Mas é o Capitão Negro quem nos derrota. Poucos suportam e resistem até mesmo ao rumor de sua chegada. Seu próprio povo estremesse diante dele, e se mataria se ele ordenasse.

— Então precisam mais de mim lá do que aqui – disse Gandalf, partindo imediatamente, e seu brilho logo desapareceu de vista.

E por toda aquela noite Pippin, solitário e insone, ficou na muralha, olhando para o leste.

Os sinos do dia mal tinham soado de novo, um arremedo na escuridão inilumінada, quando na distância ele viu chamas se arremessando nos ares, ao longe nos espaços escuros onde ficavam as muralhas do Pelennor. Os vigias gritaram, e todos os homens da cidade prepararam suas armas. Agora, com frequência, via-se um clarão vermelho, e em seguida através do ar pesado ouviam-se estrondos surdos.

— Tomaram a muralha! — gritavam os homens. — Estão abrindo fendas. Eles estão chegando.

— Onde está Faramir? — gritou Beregond desesperado. – Não me digam que ele tombou!

Foi Gandalf quem trouxe as primeiras noticias. Com um punhado de cavaleiros ele chegou no meio da manhã, escoltando uma fileira de carroças. Estavam cheias de homens feridos, e de tudo o que pudera ser salvo dos escombros os Fortes do Passadiço. Dirigiu-se imediatamente a Denethor. O Senhor da Cidade estava sentado num alto aposento acima do Salão da Torre Branca com Pippin ao seu lado; através das janelas sombrias, ao norte, ao sul e ao leste, ele fixava os olhos escuros, como se tentasse penetrar as sombras da destruição que o circundavam.

Olhava com mais insistência para o norte, e de vez em quando parava para

escutar, como se por alguma arte antiga seus ouvidos pudessem ouvir o trovão de cascos sobre as planícies distantes.

— Faramir chegou? perguntou ele.

— Não — disse Gandalf — Mas ainda estava vivo quando o deixei. Contudo está resolvido a ficar na retaguarda, para evitar que a retirada através do Pelennor se transforme numa fuga desordenada. Talvez consiga manter seus homens reunidos pelo tempo necessário, mas eu duvido. Está encurralado por um inimigo poderoso demais. Pois chegou quem eu temia.

— Não... o Senhor do Escuro? — exclamou Pippin, esquecendo sua posição devido ao pavor.

Denethor riu de um modo amargo.

— Não, ainda não, Mestre Peregrin! Ele não virá, a não ser para triunfar sobre mim quando tudo estiver perdido. Ele usa outros como suas armas. Assim fazem os grandes senhores, se forem sábios, Mestre Pequeno. Ou por que motivo estaria eu aqui, sentado em minha torre e pensando, assistindo, esperando, pondo em risco até mesmo meus filhos? Pois ainda consigo brandir uma arma.

Levantou-se e abriu sua longa capa negra. Surpreendentemente, vestia uma cota de malha por baixo, e no cinto trazia uma longa espada, com grande punho, numa bainha negra e prateada.

— Assim sempre andei, e assim agora por muitos anos tenho dormido — disse ele —, para evitar que meu corpo fique fraco e amedrontado.

— Mesmo assim, o mais cruel de todos os capitães do senhor de Barad-dûr já é dono de suas muralhas externas — disse Gandalf — Rei de Angmar de outrora, Feiticeiro, Espectro do Anel, Senhor dos Nazgúl, uma lança de terror na mão de Sauron, sombra de desespero.

— Então, Mithrandir, você teve um inimigo à sua altura disse Denethor. — Quanto a mim, sei há muito tempo quem é o principal capitão dos exércitos da Torre Escura. Foi só para dizer isso que você retornou? Ou será que se retirou por estar em desvantagem?

Pippin estremeceu, temendo que Gandalf fosse tomado de uma ira repentina, mas seu medo foi infundado.

— Pode ter sido isso – respondeu Gandalf numa voz suave. — Mas nosso teste de forças ainda não começou. E, se palavras pronunciadas antigamente forem verdadeiras, ele não deverá cair pela mão do homem, e o destino que o aguarda é

desconhecido dos Sábios. Seja como for, o Capitão do Desespero não está avançando, ainda. Ele governa bem de acordo com as regras que você acabou de mencionar, na retaguarda, empurrando antes para a frente seus escravos alucinados.

— Não, eu vim mais para proteger os homens feridos que ainda podem ser curados; pois a Rammas está grandemente destruída, e logo o exército de Morgul entrará por vários pontos. E vim principalmente para dizer isto: logo haverá uma batalha nos campos. É preciso preparar uma surtida. Que seja de homens montados. Neles repousa nossa pequena esperança, pois em uma coisa apenas o inimigo ainda está mal equipado: tem poucos cavaleiros.

— E nós também temos poucos. Agora seria o momento exato de os Cavaleiros de Rohan chegarem — disse Denethor.

— É provável que vejamos outros chegando primeiro – disse Gandalf, fugitivos de Cair Andros já nos alcançaram. A ilha caiu. Um outro exército saiu pelo Portão Negro, atravessando pelo nordeste.

Alguns o acusaram, Mithrandir, de se deliciar em trazer más noticias — disse Denethor —, mas para mim isso já não é mais novidade: eu sabia disso antes do cair da noite de ontem. E, quanto à surtida, já pensei nesse assunto. Vamos descer.

O tempo passou. Por fim as sentinelas nas muralhas conseguiram ver a retirada das companhias avançadas. Pequenos grupos de homens cansados e frequentemente feridos chegaram primeiro com pouca ordem; alguns corria alucinados, como se estivessem sendo perseguidos. Na distância ao leste fogueiras longínquas bruxuleavam, e agora parecia que em alguns pontos elas rastejavam através da planície. Casas e celeiros estavam em chamas. Então, de vários pontos, pequenos rios de fogo rubro vieram correndo, ziguezagueando através da escuridão, convergindo na direção da linha da larga estrada que conduzia do portão à Cidade de Osgiliath.

— O inimigo — murmuravam os homens. -A barreira caiu. Lá vêm eles aos borbotões através das brechas! E parece que estão carregando tochas. Onde está o nosso pessoal?

Começava a noite, e a luz estava tão fraca que mesmo os homens de visão penetrante da Cidadela mal conseguiam discernir as formas nos campos, a não ser apenas os incêndios que cada vez mais se multiplicavam, e as linhas de fogo que cresciam em tamanho e velocidade. Finalmente, a menos de uma milha da Cidade, um grupo de homens mais bem ordenado apareceu, marchando sem correr, ainda se mantendo unido.

As sentinelas prenderam a respiração.

— Faramir deve estar lá — diziam elas. — Ele consegue dominar homens e animais. Conseguirá chegar até aqui.

Agora a retirada principal estava a menos de quatrocentos metros de distância. Surgindo do fundo da escuridão galopava uma pequena companhia de cavaleiros, tudo o que restava da retaguarda. Mais uma vez se viraram acuados, enfrentando as linhas de fogo que avançavam. Então, de repente, houve um tumulto de gritos ferozes. Cavaleiros inimigos foram chegando e varrendo tudo. As linhas de fogo transformaram-se em rios flamejantes: fileira após fileira de orcs carregando tochas, e sulistas bárbaros com bandeiras vermelhas, gritando em línguas rudes, avançando numa onda, alcançando os soldados em retirada. E, com um grito cortante, da escuridão do céu negro caíram as sombras aladas, os nazgúl mergulhando para a matança.

A retirada se transformou numa debandada. Os homens já se dispersavam, fugindo alucinados, feito malucos, para todos os lados, jogando fora suas armas, gritando de medo, tombando ao chão.

Nesse momento uma trombeta soou na Cidadela, e Denethor finalmente liberou a surtida. Reunidos á sombra do Portão, e sob as muralhas que se erguiam do lado de fora, eles estiveram aguardando um sinal dele: todos os homens com montarias que haviam permanecido na Cidade. Agora saltavam á frente, em forma, num galope rápido, atacando com grande alarido. E das muralhas um grito veio em resposta, pois à frente de todos os demais apareciam os cavaleiros do cisne de Doí Amroth, encabeçados por seu Príncipe com insígnia azul.

— Amroth por Gondor! — gritavam eles. — Amroth por Faramir!

Como trovões eles caíram sobre o inimigo nos dois flancos da retirada; um cavaleiro disparou á frente, veloz como o vento sobre a relva; Scadufax o levava, brilhante, mais uma vez revelado, com uma luz emanando de sua mão erguida.

Os nazgúl soltaram um guincho e fugiram, pois seu Capitão ainda não estava pronto para desafiar o fogo branco de seu oponente. Os exércitos de Morgul, concentrados em sua presa, pegos desprevenidos numa carreira desabalada, dispersaram-se e se espalharam como faiscas ao vento. As companhias avançadas, com grande disposição, viraram-se e atacaram seus perseguidores. Caçadores se transformaram em caça. A retirada virou um assalto. Orcs e homens caídos cobriram o campo, e um cheiro forte subiu das tochas lançadas ao chão, crepitando e se extinguindo numa fumaça espiralada. A cavalaria avançava.

Mas Denethor não permitiu que fossem longe. Embora o inimigo estivesse sob controle e por enquanto rechaçado, grandes exércitos chegavam do leste. Mais uma vez soou a trombeta, ordenando a retirada. A cavalaria de Gondor parou.

Atrás de sua proteção, as companhias avançadas reorganizaram suas fileiras. Agora retornavam, marchando compassadamente. Atingiram o Portão da Cidade e entraram, num passo imponente; e também com imponência o povo da Cidade olhava para eles e gritava-lhes elogios, mas mesmo assim tinham os corações perturbados. Pois as companhias estavam lamentavelmente reduzidas. Faramir perdera um terço de seus homens. E onde estava ele?

Chegou por último. Seus homens entraram. Os cavaleiros montados retornaram, na retaguarda a bandeira de Doí Amroth e o Príncipe. E em seus braços, em seu cavalo, carregava o corpo de seu parente, Faramir, filho de Denethor, encontrado no campo de batalha.

— Faramir! Faramir! — gritaram os homens, chorando nas ruas. Mas ele não respondia, e foi levado pela estrada sinuosa até a Cidadela e à presença do pai.

No momento em que os nazgúl desviaram do ataque do Cavaleiro Branco, uma seta mortal veio voando e Faramir, que estivera impedindo o avanço de um campeão montado de Harad, tombou no chão. Apenas o ataque de Doí Amroth pudera salvá-lo das espadas rubras do sul, que o teriam golpeado ali no chão.

O Príncipe Imrahil levou Faramir para a Torre Branca, e disse:

— Seu filho retornou, senhor, depois de grandes feitos — e então fez um relato de tudo o que vira.

Denethor se levantou e olhou no rosto do filho, sem dizer nada. Depois ordenou que arrumassem uma cama no aposento para Faramir e saíssem. Mas ele mesmo subiu até a sala secreta no topo da torre; muitos que olhavam lá para cima naquela hora viram uma luz pálida que tremeluziu e faiscou nas janelas estreitas por algum tempo, e depois piscou e se extinguiu. E, quando Denethor novamente desceu, foi até Faramir e sentou-se ao seu lado sem dizer palavra; mas o rosto do Senhor estava cinzento, mais cadavérico que o do filho.

Então agora, finalmente, a Cidade estava cercada, fechada num circulo de adversários. A Rammas fora derrubada, e todo o Pelennor estava abandonado ao Inimigo.

A última palavra que veio de fora das muralhas foi trazida por homens fugindo pela estrada norte antes que o Portão se fechasse. Eram remanescentes da guarda que

fora mantida no ponto onde o caminho de Anórien e Rohan entrava nos povoados. Ingold os conduzia, o mesmo que havia admitido Gandalf e Pippin menos de cinco dias antes, quando o sol ainda surgia e a manhã trazia esperanças.

— Não há noticia dos rohirrim — disse ele. — Rohan não virá agora. Ou, se vier, isso não nos servirá de nada. O novo exército do qual tivemos notícias chegou primeiro, vindo do outro lado do rio passando por Andros, ouvi dizer. São fortes: batalhões de orcs do Olho, e incontáveis companhias de homens de um outro tipo que nunca vimos antes. Não são altos, mas corpulentos e sisudos, Barbados como os anões, brandindo grandes machados. Achamos que eles vêm de alguma região selvagem do amplo leste. Tomaram a estrada do norte, e muitos avançaram até Anórien. Os rohirrim estão impossibilitados de chegar.

O Portão foi fechado. Durante toda a noite, vigias nas muralhas ouviram os rumores dos inimigos que perambulavam do lado de fora, queimando árvores e campos, apunhalando qualquer homem que encontrassem, vivo ou morto. Não se podia adivinhar quantos tinham atravessado o rio no escuro, mas quando a manhã, ou sua sombra embaçada, avançou furtivamente sobre a planície, percebeu-se que o medo noturno não superestimara o número. A planície estava escurecida pelas suas companhias marchando, e até onde a vista alcançava surgiam, como florescências nojentas de fungos, por toda a volta da cidade sitiada, grandes acampamentos de tendas negras ou de um vermelho sombrio.

Diligentes feito formigas, orcs apressados cavavam, cavavam longas trincheiras fundas num enorme círculo, fora do alcance de flechas que partissem das muralhas; e assim que cada trincheira ia sendo terminada, enchiam-na de fogo, embora não se pudesse ver como o alimentavam ou acendiam, se por arte ou feitiçaria. Durante todo o dia o trabalho continuou, enquanto os homens de Minas Tirith assistiam, sem poder impedi-lo. E, á medida que cada metro de trincheira se completava, eles divisavam grandes carroças se aproximando; logo, mais companhias do inimigo, cada uma protegida por uma trincheira, instalavam rapidamente grandes máquinas para o lançamento de projéteis. Não havia nas muralhas da Cidade nenhum mecanismo grande o suficiente para alcançar tão longe ou impedir o trabalho.

No início os homens riram e não temeram aqueles instrumentos. Pois a muralha principal da cidade era extremamente alta e de uma espessura impressionante, e fora construída antes que o poder e o oficio de Númenor declinassem no exílio; sua face externa era semelhante á da Torre de Orthanc, rígida, escura e lisa, imune a fogo ou aço,

indestrutível, exceto por alguma convulsão que lacerasse o próprio solo no qual ela se erguia.

— Não — diziam eles —, nem que o próprio Inominado atacasse; nem mesmo ele conseguirá entrar aqui enquanto ainda estivermos vivos. – Mas alguns respondiam:

— Enquanto ainda estivermos vivos? Por quanto tempo? Ele tem uma arma que já pôs por terra muitas fortalezas desde o inicio do mundo. A fome. As estradas estão bloqueadas. Rohan não chegará.

Mas as máquinas não desperdiçaram tiros contra a parede indômita. Não era qualquer salteador ou chefe orc que iria ordenar o assalto sobre o maior inimigo do Senhor de Mordor. Dirigiam-no uma força e uma mente de malícia. Assim que as grandes catapultas foram montadas, em meio a muitos gritos e ao rangido de cordas e manivelas, elas começaram a arremessar projéteis a uma altura impressionante, de modo que passavam bem acima do parapeito e caíam com um baque surdo dentro do primeiro círculo da Cidade; muitos deles, por alguma arte secreta, explodiam em chamas enquanto caiam.

Logo já havia grande perigo de incêndio atrás da muralha, e todos os que estavam disponíveis se ocupavam em dominar as chamas que se deflagravam em vários pontos. Então, em meio aos golpes mais poderosos, veio uma outra saraivada, menos destruidora e no entanto mais horrível. Por todas as ruas e alamedas atrás do Portão caíam pequenos projéteis redondos que não explodiam. Mas, quando os homens corriam para saber o que poderia ser aquilo, soltavam gritos ou choravam. O Inimigo estava arremessando para dentro da Cidade todas as cabeças daqueles que tinham caído na luta em Osgiliath, ou na Rammas, ou nos campos. Eram horripilantes de se olhar, pois, embora algumas estivessem esmagadas e disformes, e algumas tivessem sido cruelmente estraçalhadas, muitas ainda conservavam seus traços, indicando que aqueles homens tinham morrido em sofrimento; todas estavam marcadas com o símbolo maligno do Olho sem Pálpebra. Mesmo desfiguradas e aviltadas como estavam, freqüentemente era possível que daquela forma um homem revisse o rosto de alguém que conhecera, que já andara armado e orgulhoso, ou cultivara os campos ou, vindo dos verdes vales das colinas, cavalgara para lá num dia de folga.

Em vão os homens mostravam os punhos para os impiedosos inimigos que se aglomeravam diante do Portão. Não se importavam com pragas, e nem entendiam as línguas dos homens do oeste, pois gritavam com vozes roucas como animais e aves de rapina. Mas logo restavam poucos em Minas Tirith com coragem suficiente para se erguer

e desafiar os exércitos de Mordor. Pois o Senhor da Torre Escura tinha ainda uma outra arma, mais rápida que a fome, o medo e o desespero.

Os nazgúl vieram de novo, e, agora que o Senhor do Escuro crescia e exibia sua força, da mesma forma as vozes deles, que expressavam apenas a sua vontade e malícia, se encheram de maldade e horror. Faziam círculos acima da Cidade, como abutres que aguardam sua parcela de carne humana destinada a morrer. Voavam fora do alcance da vista ou de algum tiro, e mesmo assim estavam sempre presentes, e suas vozes mortais rasgavam o ar. Ao invés de diminuírem, a cada grito iam ficando mais insuportáveis. Por fim até mesmo os mais corajosos se jogavam no chão quando a ameaça oculta passava sobre suas cabeças, ou então ficavam de pé, deixando cair as armas das mãos paralisadas, enquanto suas mentes eram invadidas por um negror total, e eles não pensavam mais na guerra, mas só em se esconder e rastejar, e morrer.

Durante todo aquele dia negro, Faramir ficou em sua cama, no aposento da Torre Branca, delirando numa febre desesperada, morrendo, disse alguém, e logo "morrendo" diziam todos os homens nas muralhas e nas ruas. E ao seu lado sentava-se seu pai, não dizendo nada, mas observando sem dar qualquer atenção á defesa.

Pippin nunca conhecera horas tão escuras, nem mesmo quando estivera nas garras dos Uruk-hai. Seu dever era permanecer ao lado do Senhor, e foi isso o que fez, aparentemente esquecido, em pé junto á porta do quarto escuro, dominando os próprios medos da melhor maneira possível. E enquanto observava teve a impressão de que Denethor envelhecia diante de seus olhos, como se algo tivesse arrebentado em sua altiva obstinação, derrotando sua vontade inflexível. Talvez a tristeza tivesse feito aquilo, e o remorso. Naquele rosto outrora empedernido, Pippin enxergava lágrimas, mais insuportáveis que a ira.

— Não chore, meu senhor — gaguejou ele. — Talvez ele melhore. O senhor solicitou a presença de Gandalf?

— Não me console com magos! — disse Denethor. -A esperança do tolo fracassou. O Inimigo descobriu isso, e agora seu poder aumenta; ele enxerga nossos próprios pensamentos, e tudo o que fizermos será desastroso.

— Enviei meu filho, sem meus agradecimentos, sem minha bênção, em direção a um perigo desnecessário, e aqui jaz ele, com veneno nas veias. Não, não, o que quer que aconteça agora na guerra, também minha linhagem está se extinguindo, até mesmo a Casa dos Regentes fracassou. Pessoas mesquinhas deverão governar os últimos remanescentes dos Reis dos Homens, escondendo-se nas colinas até que sejam todos

caçados.

Homens vieram á porta bradando pelo Senhor da Cidade.

— Não, não descerei — disse ele. — Preciso ficar ao lado de meu filho. Pode ser que ele ainda fale antes do fim. Mas o fim está perto. Sigam quem quiserem, até mesmo o Tolo Cinzento, embora a esperança dele tenha fracassado. Ficarei aqui

Foi assim que Gandalf tomou para si o comando da última defesa da

Cidade de Gondor. Aonde quer que fosse, fazia com que os corações dos homens ficassem de novo mais leves, e as sombras aladas desaparecessem da lembrança. Passava incansável da Cidadela para o Portão, do norte para o sul em torno da muralha; com ele ia o Príncipe de Doí Amroth em sua cota metálica brilhante. Pois ele e seus cavaleiros ainda se comportavam como senhores nos quais a raça de Númenor se mantinha integra. Os homens que os viam sussurravam, dizendo: — É possível que velhas histórias falem a verdade; há sangue élfico nas veias dessa gente, pois o povo de Nimrodel certa vez morou naquela terra, há muito tempo. — E então alguém cantava em meio á escuridão alguns versos da Balada de Nimrodel, ou outras canções do Vale do Anduin, vindas de tempos imemoriais.

E apesar disso, quando os dois se iam, as sombras se fechavam sobre os homens de novo, e seus corações ficavam frios, e a bravura de Gondor se acabava em cinzas. E assim, lentamente, eles passavam de um dia sombrio de temores para a escuridão de uma noite desesperada. Fogueiras agora devastavam sem qualquer resistência o primeiro circulo da Cidade, e a guarnição sobre a muralha externa já estava em vários pontos impedida de bater em retirada. Os leais que lá permaneciam em seus postos eram poucos; a maioria tinha fugido para além do segundo portão.

Muito atrás da batalha, uma ponte fora construída rapidamente sobre o Rio, e durante todo o dia mais homens e equipamentos de guerra tinham feito a travessia aos borbotões. Por fim agora, no meio da noite, o ataque fora liberado. A vanguarda atravessou as trincheiras de fogo por várias trilhas sinuosas que haviam sido deixadas entre elas. Avançavam, sem se preocuparem com suas perdas á medida que se aproximavam, ainda reunidos em grupos, ao alcance dos arqueiros nas muralhas.

Mas agora, na realidade, restavam ali muito poucos para que o prejuízo fosse grande, embora a luz das fogueiras expusesse muitos alvos para os arqueiros de cuja habilidade Gondor outrora se gabara. Então, percebendo que a coragem da Cidade já estava derrotada, o Capitão oculto exibiu sua força. Lentamente as grandes torres de sítio construídas em Osgiliath foram rolando para a frente através da escuridão.

Mensageiros foram outra vez até o aposento da Torre Branca, e Pippin os deixou entrar, pois eles insistiram. Denethor desviou lentamente a cabeça do rosto de Faramir, e olhou para eles em silêncio.

— O primeiro círculo da Cidade está em chamas, senhor — disseram eles. — Quais são as suas ordens? Ainda é o Senhor e o Regente. Nem todos estão dispostos a seguir Mithrandir. Os homens estão fugindo das muralhas, deixando-as desguarnecidas.

— Por quê? Por que fogem os tolos? — disse Denethor. – É melhor ser queimado mais cedo que mais tarde, pois esse será nosso fim. Voltem para a sua fogueira! E eu? Irei agora para a minha pira. Para a minha pira. Nada de túmulo para Denethor e Faramír. Nada disso! Nada de longos sonos de morte embalsamada. Vamos arder como arderam os reis bárbaros antes que qualquer navio tivesse vindo do oeste para cá. O Ocidente fracassou. Voltem e queimem!

Os mensageiros, sem reverência ou resposta, viraram-se e saíram correndo.

Nesse momento Denethor se levantou, soltando a mão febril de

Faramir que estivera segurando.

— Ele está queimando, já está queimando — disse ele com tristeza. — A casa de seu espírito está desmoronando. — Então, andando suavemente na direção de Pippin, desceu os olhos até ele.

— Adeus! — disse ele. -Adeus, Peregrin, filho de Paladin! Seu serviço foi curto, e agora está chegando ao fim. Eu o dispenso do pouco que resta. Vá agora, e morra da maneira que lhe pareça melhor. E com quem desejar, até mesmo aquele amigo cuja loucura o trouxe para esta morte. Mande chamar meus serviçais, e depois vá. Adeus!

— Não direi adeus, meu senhor — disse Pippin, ajoelhando-se. E então, de repente, mais uma vez á maneira dos hobbits, levantou-se e olhou nos olhos do velho.

— Vou deixá-lo, senhor — disse ele —; pois realmente desejo muito ver Gandalf. Mas ele não é um tolo, e eu não vou pensar em morrer ate que ele perca as esperanças na vida. Mas de minha palavra e de seu serviço não quero ser dispensado enquanto o senhor viver. E, se finalmente eles chegarem á Cidadela, espero estar aqui para ficar ao seu lado, e talvez fazer por merecer as armas que me foram dadas.

— Faça como quiser, Mestre Pequeno — disse Denethor. – Mas minha vida acabou. Mande chamar meus serviçais! — Voltou-se para Faramir.

Pippin o deixou e chamou os serviçais: vieram seis homens da casa, fortes e belos; apesar disso, tremeram ao chamado. Mas numa voz suave Denethor lhes ordenou que colocassem cobertas quentes na cama de Faramir e a levassem. Assim fizeram eles,

e, erguendo a cama, levaram-na do aposento. Andavam devagar, para incomodar o homem febril o mínimo possível, e Denethor, agora curvado sobre um cajado, os seguia; por último vinha Pippin.

Saíram da Torre Branca, como se fosse um funeral, para dentro da escuridão, onde a nuvem que pairava sobre a Cidade era iluminada por baixo por laivos de um vermelho apagado. Suavemente atravessaram o grande pátio, e a um comando de Denethor pararam ao lado da Árvore Seca.

Tudo era silêncio, salvo o rumor da guerra na Cidade lá embaixo, e eles ouviam a água pingando melancólica dos galhos mortos para dentro do lago escuro.

Então avançaram através do portão da Cidadela, onde a sentinela os observou com surpresa e desânimo á medida que eles foram passando. Virando-se para o oeste, finalmente chegaram a uma porta na parede dos fundos do sexto circulo. Chamava-se Fen Hollen, pois sempre se mantinha fechada, exceto em ocasiões de funerais, e apenas o Senhor da Cidade poderia usar aquele caminho, ou aqueles que usavam o símbolo das tumbas e cuidavam das casas dos mortos. Além dela se estendia uma rua sinuosa que descia em muitas curvas para a região estreita sob a sombra do precipício do Mindolluin, onde ficavam os túmulos dos Reis mortos e os dos seus Regentes.

Um porteiro estava sentado numa guarita ao lado da rua, e com medo nos olhos ele se aproximou, trazendo uma lanterna na mão. Ao ouvir a ordem do Senhor, destrancou a porta, e sem ruido ela recuou; eles atravessaram, tomando a lamparina da mão do porteiro. Estava escuro no caminho que subia entre muralhas antigas e balaústres de muitos pilares que assomavam ao brilho oscilante da lamparina. Os passos lentos ecoavam, à medida que eles iam descendo, descendo, até que finalmente chegaram à rua Silenciosa, Rath Dinen, entre abóbadas pálidas e salões vazios e imagens de homens mortos muito tempo atrás; entraram na Casa dos Regentes, e colocaram no chão o seu fardo.

Ali Pippin, observando inquieto tudo á sua volta, viu que estava num amplo cômodo abobadado, que parecia todo coberto pelas grandes cortinas de sombra que a pequena lamparina projetava nas paredes amortalhadas. E quase invisíveis havia ali muitas fileiras de mesas, esculpidas no mármore, e sobre cada mesa jazia uma forma dormente, com as mãos unidas, e a cabeça repousando sobre a pedra. Mas uma mesa mais próxima era ampla e estava vazia. Sobre ela, a um sinal de Denethor, eles colocaram Faramir e seu pai lado a lado, e os cobriram com uma mesma coberta, e então ficaram com as cabeças baixas como alguém que chora do lado de um leito de morte.

Depois Denethor falou numa voz baixa.

— Aqui esperaremos — disse ele. — Mas não quero que mandem chamar os embalsamadores. Tragam-nos lenha de queima rápida, e coloquem-na em toda a nossa volta, e embaixo; derramem óleo sobre ela. E, quando eu mandar, lancem uma tocha. Façam isso e não falem mais comigo. Adeus!

— Com a sua permissão, senhor — disse Pippin, virando-se e fugindo amedrontado daquela casa de morte. "Pobre Faramir", pensou ele. "Preciso encontrar Gandalf. Pobre Faramir! É muito provável que precise mais de remédios suponho eu; e ele não terá tempo a perder com moribundos ou loucos!"

Ao pé da porta, dirigiu-se a um dos serviçais que ficara de guarda. — seu senhor está fora de si — disse ele. — Tenham calma! Não tragam fogo para este lugar enquanto Faramir viver! Não façam nada até que Gandalf chegue!

— Quem é o senhor de Minas Tirith? — respondeu o homem. — O Senhor Denethor ou o Caminheiro Cinzento?

— O Caminheiro Cinzento e ninguém mais, ao que parece — disse Pippin, e foi correndo de volta pelo caminho sinuoso, com a maior velocidade que conseguiu imprimir aos pés, passando pelo porteiro atônito, saindo pela porta, e adiante, até chegar perto do portão da Cidadela. A sentinela o saudou á sua passagem, e ele reconheceu a voz de Beregond.

— Aonde vai assim correndo, Mestre Peregrin? — gritou ele.

— Procurar Mithrandir — respondeu Pippin.

— As mensagens do Senhor são urgentes, e eu não poderia retardá-las — disse Beregond —; mas diga-me depressa, se puder: o que está acontecendo? Para onde foi o meu Senhor? Acabei de assumir meu posto, mas ouvi falar que ele passou na direção da Porta Fechada, e homens levavam á frente Faramir.

— É — disse Pippin — para a rua Silenciosa.

Beregond baixou a cabeça para esconder as lágrimas.

— Disseram que ele estava morrendo — disse ele suspirando —, e agora está morto.

— Não — disse Pippin —, ainda não. E até mesmo agora sua morte ainda pode ser impedida, eu acho. Mas o Senhor da Cidade, Beregond, caiu antes que sua cidade fosse tomada. Está obcecado pela morte, e transformou-se numa pessoa perigosa. — Rapidamente contou sobre as estranhas palavras e atos de Denethor. — Preciso encontrar Gandalf com urgência.

— Então deve descer até a batalha.

— Eu sei. O Senhor me deu permissão. Mas, Beregond, se você puder, faça alguma coisa para impedir que algo terrível aconteça.

— O Senhor não permite que aqueles que vestem o negro e a prata deixem seus postos por qualquer motivo, a não ser por sua própria ordem.

— Bem, você deve escolher entre ordens e a vida de Faramir — disse Pippin. — E, quanto a ordens, acho que você está lidando com um louco, e não com um senhor. Preciso correr. Voltarei se puder.

Saiu numa corrida desabalada, e foi descendo na direção da cidade externa. Homens fugindo do incêndio passavam por ele, e alguns, vendo seu uniforme, voltavam-se e gritavam, mas Pippin não lhes dava atenção. Finalmente passou pelo Segundo Portão, além do qual enormes labaredas subiam entre as muralhas.

Apesar disso, tudo parecia estranhamente silencioso. Não se ouvia nenhum barulho, gritos de batalha ou troar de armas. Então, de repente, houve um berro pavoroso, uma grande batida e um estrondo profundo e retumbante. Forçando-se a avançar, contra uma rajada de medo e horror que quase o derrubou de joelhos, Pippin virou uma esquina que se abria no páteo amplo da cidade. Ficou paralizado. Encontrara Gandalf, mas recuou, escondendo-se numa sombra.

Desde a meia-noite prosseguia o ataque. Tambores retumbavam. Ao norte e ao sul, as companhias inimigas, uma atrás da outra, avançavam contra as muralhas.

Chegavam animais enormes, parecendo edifícios moveis a luz rubra e oscilante, os múmakil de Harad, arrastando pelas alamedas enormes torres e máquinas, em meio ao incêndio. Seu Capitão já não se preocupava muito com o que faziam ou quantos poderiam ser mortos: seu único objetivo era testar a força da defesa e manter os homens de Gondor ocupados em vários lugares. Era contra o Portão que ele jogaria seu maior peso. O Portão podia ser muito forte, feito de aço e ferro, guardado por torres e baluartes de pedra invencível, e apesar disso era a chave, o ponto mais fraco em toda aquela muralha alta e impenetrável. Os tambores retumbaram mais alto. As labaredas subiram com mais força. Grandes máquinas se arrastavam através do campo, e no meio havia um enorme aríete, grande como uma árvore da floresta, de trinta metros de comprimento, oscilando preso a fortes correntes. Estivera sendo forjado por muito tempo nas escuras ferrarias de Mordor, e sua cabeça hedionda, moldada em aço negro, tinha o formato de um lobo voraz; possuía feitiços de destruição. Chamavam-no Grond, em memória do Martelo do Mundo Subterrâneo de outrora. Grandes animais o puxavam, orcs se

amontoavam em volta dele, e atrás vinham os trolls das montanhas para manejá-lo. Mas em volta do Portão a resistência ainda era forte, e ali os cavaleiros de Doí Amroth e os mais resistentes da guarnição se mantinham sitiados. Choviam flechas e lanças; torres de sitio tombavam ou de repente se incendiavam como tochas. Por toda a volta, diante das muralhas dos dois lados do Portão, o chão estava coberto de escombros e de corpos dos mortos; mesmo assim, como se guiados por uma loucura, mais e mais deles chegavam.

Grond se aproximava. O fogo não atacava o seu suporte; embora de vez em quando algum dos grandes animais que o puxavam enlouquecesse e espalhasse atropelo e destruição em meio aos incontáveis orcs que o escoltavam, seus corpos eram jogados de lado e outros tomavam-lhes o lugar.

Grond se aproximava. Os tambores retumbavam alucinadamente. Por sobre os montes de mortos um vulto hediondo surgiu: um cavaleiro, alto, encapuzado, coberto por um manto negro. Lentamente, pisando e esmagando os caídos, cavalgou á frente, sem se importar com a possibilidade de ser atingido por uma lança. Parou e ergueu uma enorme espada pálida. Assim que fez isso, um grande terror atingiu a todos, defensores e inimigos; as mãos dos homens ficaram imóveis ao longo dos corpos, e nenhum arco zuniu. Por um momento, todos ficaram paralisados.

Os tambores retumbaram e repicaram. Num impulso enorme, Grond foi arrastado à frente. Atingiu o Portão. Balançou no ar. Um enorme estrondo retumbou

Através da Cidade, como um trovão rolando nas nuvens. Mas as portas de ferro e os pilares de aço resistiram ao golpe.

Então o Capitão Negro se ergueu nos estribos e gritou numa voz apavorante, pronunciando em alguma língua esquecida palavras de poder e terror capazes de estraçalhar coração e pedra.

Três vezes gritou. Três vezes o grande aríete retumbou. E de repente, no último golpe, o Portão de Gondor partiu-se. Como se sob o efeito de algum feitiço explosivo, ele caiu aos pedaços: houve um clarão de luz cortante, e as portas se espatifaram no chão.

Para dentro cavalgou o Senhor dos Nazgúl. Uma grande figura negra contra as labaredas ao fundo, ele assomou, transformado numa enorme ameaça de desespero. Para dentro cavalgou o Senhor dos Nazgúl, pelo arco que nenhum inimigo jamais atravessara, e todos fugiam diante dele.

Todos exceto um. Esperando ali, imóvel e calado no pátio diante do portão, estava Gandalf montado em Scadufax: Scadufax que era o único entre os cavalos livres da terra capaz de suportar o terror, imóvel, imperturbável como uma imagem esculpida

em Rath Dinen.

— Não pode entrar aqui — disse Gandalf, e a enorme sombra parou. — Volte para o abismo que lhe foi preparado! Volte! Caia no nada que aguarda você e seu Mestre. Vá!

O Cavaleiro Negro jogou para trás o capuz e todos ficaram atônitos: ele tinha uma corôa real, e mesmo assim ela não repousava sobre nenhuma cabeça visível As labaredas rubras reluziam entre a corôa e os ombros largos e escuros protegidos pela capa. De uma boca invisível veio uma risada mortal.

— Velho tolo! — disse ele. — Velho tolo! Esta é a minha hora. Não reconhece a morte ao deparar com ela? Morra agora e pragueje em vão! — E com essas palavras ergueu a espada, de cuja lâmina escorriam chamas.

Gandalf não se mexeu. E naquele exato momento, em algum pátio distante da Cidade, um galo cantou. Cantou num tom estridente e cristalino sem se importar com feitiçaria ou guerra, apenas saudando a manhã que no céu, acima das sombras da morte, chegava com a aurora. E como em resposta veio de longe uma outra nota. Trombetas, trombetas, trombetas. Ecoaram fracas nas encostas escuras do Mindolluin.

Grandes trombetas do norte, num clangor alucinado. Rohan finalmente chegara.

## CAPÍTULO V
## A CAVALGADA DOS ROHIRRIM

Estava escuro e Merry, deitado no chão e enrolado num cobertor, não enxergava nada. Apesar disso, embora a noite estivesse sufocada e sem vento, por toda a sua volta árvores ocultas suspiravam suavemente. Levantou a cabeça.

Então ouviu outra vez: um som semelhante a tambores fracos nas colinas cobertas por florestas e nos patamares das montanhas. De repente o rufar cessava e depois começava outra vez em algum outro ponto, ora mais próximo, ora mais distante. Merry perguntava-se se os vigias também teriam ouvido. Não se podiam vê-las, mas ele sabia que por toda a volta estavam as companhias dos rohirrim. Sentia no escuro o cheiro dos cavalos, e os ouvia mudar de posição pateando de leve o chão coberto de agulhas de

pinheiro. O exército estava acampado em meio aos bosques de pinheiros que se aglomeravam em torno do Farol Eilenach, uma colina alta que se destacava das longas cordilheiras da Floresta Drúadan, ao lado da grande estrada em Anórien Oriental.

Apesar de cansado, Merry não conseguia dormir. Já havia cavalgado quatro dias seguidos, e a escuridão que se adensava ia lentamente pesando cada vez mais em seu coração. Começou a se perguntar por que insistira tanto em vir, quando lhe foram dados todos os motivos, até mesmo a ordem de seu senhor, para ficar para trás. Pensava também se o rei sabia que sua ordem fora desobedecida e estava zangado. Talvez não. Parecia haver algum entendimento entre Dernhelm e Elfhelm, o Marechal que comandava o éored no qual estavam. Ele e todos os seus homens ignoravam Merry e fingiam não ouvir se ele falasse. Era como se o hobbit fosse apenas um outro saco que Dernhelm estava carregando. Dernhelm não era consolo: nunca falava com ninguém. Merry se sentia pequeno, inconveniente, e solitário.

O momento agora era de ansiedade, e o exército corria perigo. Estavam a menos de um dia de cavalgada das muralhas externas de Minas Tirith, que circundavam os povoados. Batedores haviam sido enviados à frente. Alguns não tinham retornado. Outros, voltando às pressas, contaram que a estrada fora tomada por exércitos inimigos. Nela acampava uma tropa inimiga, três milhas a oeste do Mon Din, e alguns homens avançavam pela estrada, não estando a mais de três léguas de distância. Orcs perambulavam nas colinas e florestas ao longo da estrada. O rei e Éomer discutiam seus planos durante as vigias noturnas.

Merry queria conversar com alguém e pensava em Pippin. Mas isso só aumentava sua ansiedade. Pobre Pippin, enclausurado na grande cidade de pedra, sozinho e com medo. Merry desejou ser um Cavaleiro alto como Éomer, e poder tocar uma corneta ou alguma outra coisa, para ir a galope resgatar o amigo. Sentou-se, escutando escutando os tambores que batiam de novo, agora bem próximos. De repente ouviu vozes falando baixo, e viu lamparinas fracas, semiveladas, passando através das árvores.

Perto dele homens começaram a se mover no escuro em várias direções.

Um vulto alto assomou e tropeçou nele, amaldiçoando as raízes das árvores. Merry reconheceu a voz de Ellhelm, o Marechal.

— Não sou uma raiz de árvore, Senhor — disse ele —, nem um saco de bagagem, mas um hobbit escoriado. O mínimo que pode fazer para consertar a situação é me explicar o que está acontecendo.

— Qualquer coisa que consiga acontecer nessa escuridão dos demônios respondeu Elfhelm. — Mas meu senhor enviou mensagens para que nos preparássemos. Podemos receber ordens para partir a qualquer momento.

— Então o inimigo está vindo? — perguntou Merry ansioso. — Aqueles são os tambores deles? Comecei a pensar que fosse a minha imaginação, pois ninguém mais parecia tomar conhecimento deles.

— Não, não — disse Elfhelm. — O inimigo está na estrada, não nas colinas. Você está ouvindo os woses, os homens selvagens da Floresta: essa é a sua maneira de conversarem a distância. Eles ainda habitam a Floresta Drúadan, pelo que se comenta. São remanescentes de um tempo mais antigo, vivendo escondidos e em pequeno número, selvagens e cautelosos como os animais. Eles não vão para a guerra com Gondor e a Terra dos Cavaleiros, mas agora estão preocupados com a escuridão e a chegada dos orcs: receiam que os Anos Escuros estejam retornando, o que parece suficientemente provável. Fiquemos agradecidos por não estarem nos caçando: pois eles usam flechas envenenadas, pelo que se diz, e têm habilidades incomparáveis nas florestas. Mas ofereceram seus serviços a Théoden.

Neste momento um de seus líderes está sendo levado à presença do rei. Lá vão as luzes. Ouvi dizer isso e mais nada. E agora preciso me ocupar das ordens de meu senhor.

— Aprume-se, Mestre Saco! — Elfhelm desapareceu nas sombras.

Merry não gostara nada daquela conversa de homens selvagens e flechas envenenadas, mas além disso um grande peso o acabrunhava. Era insuportável esperar. Desejava saber o que aconteceria. Levantou-se e logo estava andando com cuidado atrás da última lamparina, antes que ela desaparecesse em meio ás árvores.

De repente atingiu um espaço aberto, onde uma pequena barraca fora armada para o rei, sob uma árvore frondosa. Uma lamparina grande, coberta na parte superior, estava pendurada num galho e projetava no chão um pálido circulo de luz. Sentados ali estavam Théoden e Éomer e diante deles, no chão, uma figura estranha de homem, atarracado, nodoso feito uma rocha velha, e os fios de sua barba rala se espalhavam no queixo encaroçado como musgo seco. Tinha as pernas curtas, os braços gordos, era troncudo e roliço, vestido apenas com palha ao redor da cintura. Merry teve a impressão de tê-lo visto em algum outro lugar antes, e de repente se lembrou dos homens-Púkel do Templo da Colina. Ali estava uma daquelas imagens antigas revivida, ou talvez um descendente em linha direta, através de anos incontáveis, dos modelos usados pelos

artesãos esquecidos de antigamente.

Estavam em silêncio quando Merry se aproximou, e então o homem selvagem começou a falar, aparentemente respondendo a alguma pergunta. Sua voz era grave e gutural; apesar disso, para a surpresa de Merry, ele falava a Língua Geral, mas de uma maneira pausada, e palavras rudes se misturavam com ela.

— Não, pai dos Cavaleiros — disse ele. — Nós não lutar. Só caçar. Mata gorgún na floresta, odeia os orcs. Vocês também odeia gorgún. Nós ajudar como pode. Homens selvagens ter olhos compridos e orelhas compridas; conhecer todas as trilhas. Homens selvagens viver aqui antes das Casas de Pedra; antes dos homens altos vir da Agua.

— Mas precisamos de ajuda na batalha — disse Éomer. — Como você e seu povo podem nos ajudar?

— Trazer noticias — disse o homem selvagem. — Nós olhar das colinas. Subir montanha grande e olhar para baixo. Cidade de Pedra está fechada. Fora dela queima fogo, agora também dentro. Vocês quer ir para lá? Então precisa ser rápido. Mas gorgún e homens de longe — disse ele acenando um braço curto e nodoso em direção ao leste — está tudo sentado na estrada de cavalo. Muitos, muitos mais que os Cavaleiros.

— Como você pode saber disso? — perguntou Éomer. O rosto achatado do velho e seus olhos escuros não demonstraram nada, mas sua voz ficou perturbada, contrariada. — Homens selvagens ser selvagens, livres, mas não ser crianças — respondeu ele. — Sou um grande líder, Ghân-buri-Ghân. Sei contar muitas coisas: estrelas no céu, folhas em árvores e homens no escuro. Você tem uma vintena de vintenas contando dez vezes e mais cinco. Eles ter mais. Grande luta, e quem vai ganhar? E muitos outros estar em volta das muralhas das Casas de Pedra.

— Ai de nós! Ele fala com grande perspicácia — disse Théoden. – E nossos batedores dizem que o inimigo fez trincheiras e fogueiras na estrada. Não podemos dispersá-los num ataque repentino.

— E apesar disso precisamos de grande velocidade – disse Éomer. — Mundburg está em chamas!

— Deixe Ghân-buri-Ghân terminar! — disse o homem selvagem.

— Ele conhecer mais de uma estrada. Vai levar vocês pela estrada que não tem poço nem gorgún, só homens selvagens e bichos. Muitas trilhas feitas quando o povo das Casas de Pedra era mais forte. Cortaram colinas como os caçadores cortam carne de bicho. Homens selvagens acha que eles come pedra. Eles ir para Rinimon, passando por Drúadan com grandes carroças. Agora ninguém passar mais ali. Estrada esquecida, mas

não por homens selvagens. Sobre colina e atrás de colina ela fica ainda debaixo de capim e árvore, lá atrás de Rimmon e descendo para o Din, e no fim volta para a estrada dos Cavaleiros. Homens selvagens mostrar para vocês a estrada. Então vocês matar gorgún, e expulsar a escuridão má com ferro brilhante, e homens selvagens poder voltar para dormir na floresta selvagem.

Éomer e o rei conversaram em sua própria língua. Finalmente Théoden dirigiu-se ao homem selvagem.

— Aceitamos a sua oferta – disse ele. — Pois, embora deixemos uma tropa de inimigos para trás, o que importa isso? Se a Cidade de Pedra cair, então não haverá como retornarmos. Se ela for salva, então o próprio exército orc ficará isolado. Se você for fiel, Ghânburi-Ghân, vamos lhe oferecer uma grande recompensa, e você terá para sempre a amizade da Terra dos Cavaleiros.

— Homens mortos não ser amigos dos homens vivos, e não dar presentes para eles — disse o homem selvagem. — Mas, se Cavaleiros viver depois da Escuridão, então Cavaleiros deixar homens selvagens em paz na floresta e nunca mais caçar eles como bichos. Ghân-buri-Ghân não levar vocês para armadilha. Ele mesmo vai junto com o pai dos Cavaleiros, e, se levar vocês para o lugar errado, vocês mata ele.

— Que assim seja! — disse Théoden.

— Quanto tempo vai levar para passarmos pelo inimigo e voltarmos para a estrada? — perguntou Éomer. — Precisamos ir em ritmo de caminhada, se você nos guiar, e não duvido que a trilha seja estreita.

— Homens selvagens andar rápido a pé — disse Ghân. –A trilha é larga para quatro cavalos no Vale das Carroças de Pedra. — Apontou para o sul. — Mas é estreita no começo e no fim. Homem selvagem andar daqui até o Din entre o nascer do sol e o meio-dia.

— Então devemos contar pelo menos sete horas para os batedores — disse Éomer —; mas é preferível calcularmos umas dez horas para o resto da tropa.

Imprevistos podem nos atrasar, e, se nosso exército se espalhar, vai demorar muito até que consiga se colocar em ordem quando sairmos das colinas. Que horas são agora?

— Quem pode saber? — disse Théoden. — É tudo noite agora.

— Está tudo escuro, mas não é tudo noite — disse Ghân. — Quando o sol aparece homens selvagens sentir, mesmo quando está escondido. Ele já está subindo sobre as montanhas do leste. O dia começar nos campos do céu.

— Então devemos partir o mais cedo possível — disse Éomer. — Mesmo assim não podemos ter esperanças de chegar em auxílio de Gondor ainda hoje.

Merry não esperou para ouvir mais nada. Correu e foi se preparar para a convocação da marcha. Essa era a última etapa antes da batalha. Não lhe parecia provável que muitos sobrevivessem a ela. Mas pensou em Pippin e nas chamas de

Minas Tirith e sufocou o próprio medo.

Tudo correu bem naquele dia, e eles não viram ou ouviram qualquer sinal do inimigo, esperando-os com uma emboscada. Os Homens Selvagens tinham preparado uma proteção de caçadores cuidadosos, de modo que nenhum orc ou espião pudesse saber do movimento nas colinas. A noite estava mais escura que nunca, à medida que eles se aproximaram da cidade sitiada, e os Cavaleiros  assaram em longas filas como sombras escuras de homens e cavalos. Cada companhia vinha liderada por um homem da floresta: mas o velho Ghân caminhava ao lado do rei. A partida fora mais demorada que o esperado, pois levou muito tempo para que os Cavaleiros, andando e puxando os cavalos, encontrassem trilhas nas cordilheiras  cobertas por matas espessas atrás do acampamento e na descida para o oculto Vale das Carroças de Pedra. Já era fim de tarde quando os que iam à frente atingiram as amplas matas cinzentas estendendo-se além da encosta leste do Amon Din, e mascarando um grande desfiladeiro no conjunto de colinas que, do Nardol até o Diu, corria de leste a oeste.

Pelo desfiladeiro, a esquecida estrada de carroças antigamente descera, voltando para o caminho principal que vinha da Cidade através de Anórien; mas agora por muitas vidas de homem as árvores tinham dominado a região, e a trilha desaparecera, interrompida e encoberta sob as folhas dos anos incontáveis. Mas os maciços de árvores ofereciam aos Cavaleiros sua última esperança de proteção, antes que partissem para a batalha aberta; pois além dos maciços ficavam a estrada e as planícies do Anduin, enquanto ao leste e ao sul as encostas tornavam-se nuas e pedregosas, à medida que as colinas retorcidas se juntavam e subiam, baluarte após baluarte, formando a grande massa do Mindolluin com as suas saliências.

A companhia que liderava parou, e, à medida que aqueles que a seguiam se enfileiravam e saiam através da fenda do Vale das Carroças de Pedra, eles se espalharam procurando locais de acampamento sob as árvores cinzentas. O rei convocou os capitães para um conselho. Éomer enviou batedores para espionar a estrada, mas o velho Ghân balançou a cabeça.

— Não adianta mandar Cavaleiros — disse ele. — Homens selvagens já viu tudo

o que pode se ver no ar ruim. Logo chegam aqui para conversar comigo.

Os capitães vieram e então, saindo das árvores, outras figuras púkel se aproximaram, tão semelhantes ao velho Ghân que Merry mal conseguia distingui-los. Falaram com Ghân numa estranha língua gutural.

De repente, Ghân voltou-se para o rei. — Homens selvagens dizer muita coisa — disse ele. — Primeiro precisar cuidado e ainda muitos homens acampados além do Din, uma hora de caminhada daqui — disse ele acenando o braço na direção do farol negro. — Mas ninguém entre este lugar e as novas muralhas do Povo das Pedras.

Muitos trabalhando ali. Muralhas no chão: gorgún derruba elas com o trovão da terra e com bastões de ferro preto. Não tomam cuidado e não olham em volta. Achar que os amigos deles vigia todas as estradas! — Dizendo aquilo, o velho Ghân emitiu um curioso ruido gorgolejante, dando a impressão de estar rindo.

— Boas notícias! — exclamou Éomer. — Mesmo nesta escuridão, a esperança reluz outra vez. As estratégias de nosso Inimigo frequentemente se revertem a nosso favor. A própria escuridão amaldiçoada nos tem sido uma proteção. E, agora que Ele está ávido por destruir Gondor sem deixar pedra sobre pedra, seus orcs afastaram meu maior temor. A muralha externa poderia ter sido ocupada por muito tempo, e usada contra nós. Agora podemos passar por ela – se conseguirmos chegar até lá.

— Mais uma vez lhe agradeço, Ghân-buri-Ghân da floresta — disse Théoden. — Que a boa sorte o acompanhe, pelas boas noticias e por sua orientação!

— Matar gorgún! Matar os orcs! Nenhuma outra palavra agrada aos homens selvagens — respondeu Ghân. — Expulsar ar ruim e escuridão com ferro brilhante!

— Para fazer essas coisas é que cavalgamos até aqui — disse o rei —, e vamos tentá-las. Mas o que conseguiremos só o amanhã mostrará.

Ghân-buri-Ghán se agachou no chão e tocou a terra com a testa ossuda em sinal de despedida. Então levantou-se, como se fosse partir. Mas de repente parou, olhando para cima como um animal assustado da floresta que fareja algo diferente no ar. Seus olhos se iluminaram.

— Vento está mudando! — exclamou ele, e com isso, como num piscar de olhos, ele e seus companheiros desapareceram dentro da escuridão, e nunca mais foram vistos por nenhum Cavaleiro de Rohan. Não muito tempo depois, na distância ao leste, os tambores vibraram outra vez. Mas nenhum coração em todo o exército foi tomado por qualquer tipo de receio de que os homens selvagens não fossem fiéis, embora pudessem parecer estranhos e rudes.

— Não precisamos mais de orientação — disse Elfhelm —, pois há cavaleiros no exército que já desceram até Mundburg em tempos de paz. Eu sou um deles. Quando atingirmos a estrada, ela desviará para o sul, e restarão ainda sete léguas à frente antes de chegarmos à muralha dos povoados. Ao longo da maior parte daquele caminho há mato dos dois lados da estrada. Naquele trecho, os mensageiros de Gondor calculavam atingir sua maior velocidade. Podemos cavalgar por ali com rapidez e sem muito barulho.

— Então, uma vez que precisamos contar com atos cruéis e temos necessidade de todo o nosso vigor — disse Éomer —, sugiro que descansemos agora, e partamos de noite, planejando nossa marcha de tal forma que possamos avançar sobre os campos quando o dia estiver no seu ponto mais claro, ou quando nosso rei der o sinal.

O rei concordou com isso, e os capitães se retiraram. Mas logo Elthehn voltou.

— Os batedores não encontraram nada para reportar além da floresta cinzenta, senhor — disse ele —, exceto dois homens apenas: dois homens mortos e dois cavalos mortos.

— Bem — disse Éomer. — E então?

— O seguinte, senhor: esses homens eram mensageiros de Gondor; provavelmente Hirgon era um deles. Pelo menos sua mão ainda segurava a Flecha Vermelha; mas sua cabeça fora decepada. E também isto: pelos vestígios parece que estavam fugindo em direção ao oeste quando caíram. Pelo que presumo, encontraram o inimigo já sobre a muralha externa, ou atacando-a, quando retornaram — e isso teria sido duas noites atrás, se usaram cavalos descansados de seus postos, como é o costume deles. Não conseguiram chegar à Cidade e retornaram.

— Lamentável! — disse Théoden. — Então Denethor não recebeu noticias de nossa marcha, e vai perder a esperança de que possamos chegar em seu auxilio.

— A necessidade não aceita a demora, mas antes tarde do que nunca — disse Éomer. — E é possível que desta vez o velho ditado seja mais verdadeiro que em qualquer outra ocasião anterior, desde que foi pela primeira vez pronunciado.

Era noite. Dos dois lados da estrada o exército de Rohan avançava em silêncio. Agora o caminho, passando pelas bordas do Mindolluin, desviava para o sul. Ao longe, quase em linha reta, havia um clarão vermelho sob o céu negro, e as encostas da grande montanha assomavam escuras contra ele. Estavam se aproximando da Rammas do Pelennor, mas o dia ainda não chegara.

O rei cavalgava no meio da companhia da frente, acompanhado pelos homens de sua casa. O éored de Elfhelm vinha em seguida, e agora Merry percebia que Dernhelm

deixara sua posição e, no escuro, avançava firme para a frente, até que por fim estava cavalgando logo atrás da guarda do rei. Houve uma parada. Merry ouviu vozes na vanguarda falando baixo. Os cavaleiros que se tinham aventurado quase até a muralha retornaram. Vieram ter com o rei.

— Há um grande incêndio, senhor — disse um deles. – A cidade está envolta em chamas e o campo está cheio de inimigos. Mas parece que todos se retiraram para o assalto. Pelo que podemos supor, restam poucos na muralha externa, e estão desatentos, preocupados em destruir.

— Lembra-se das palavras do homem selvagem, senhor? — disse um outro. — Eu vivo no Descampado em tempos de paz; Widfara é meu nome, e a mim também o ar traz notícias. O vento já está virando. Há uma brisa vinda do sul, há nela um cheiro de mar, embora possa ser muito fraco. A manhã trará novidades. Sobre a fumaça surgirá a aurora quando o senhor passar pela muralha.

— Se o que fala é verdade, Widfara, então que você viva a partir deste dia muitos anos de felicidade — disse Théoden. Virou-se para os homens de sua casa que estavam próximos, e falou agora numa voz clara de forma que também vários dos cavaleiros do primeiro éored puderam ouvi-lo:

— É chegada a hora, Cavaleiros de Rohan, filhos de Eorl! O inimigo e o fogo estão diante de vocês, e suas casas ficaram para trás. Apesar disso, embora vocês lutem num campo estrangeiro, para sempre terão direito à glória que colherem lá. Fizeram juramentos: agora devem cumpri-los todos, ao senhor, à terra e á aliança de amizade.

Os homens bateram as lanças contra os escudos.

— Éomer, meu filho! Você deve liderar o primeiro éored — disse Théoden —, que deverá ir atrás da bandeira do rei, ao centro. Elfhelm, conduza sua companhia para a direita quando passarmos pela muralha. E Grimbold deverá conduzir a sua para a esquerda. Que as outras companhias que virão atrás sigam essas três, como puderem. Ataquem onde quer que haja uma concentração inimiga. Não podemos fazer outros planos, pois ainda não sabemos como estão as coisas no campo. Avante agora, e não temam escuridão alguma!

A companhia da frente avançou na velocidade possível, pois ainda estava muito escuro, a despeito de qualquer mudança que Widfara pudesse ter previsto. Merry vinha montado atrás de Dernhelm, segurando-se com a mão esquerda, enquanto tentava com a outra soltar a espada de sua bainha. Agora sentia de forma amarga a verdade das palavras do rei: numa batalha dessas, o que você poderia fazer Meriadoc?, "Apenas isso",

pensou ele: "estorvar um cavaleiro e esperar na melhor das hipóteses manter-me na sela e não ser pisoteado até a morte por cascos galopantes!"

Era menos de uma légua até o ponto onde outrora as muralhas externas se erguiam. Logo as atingiram, cedo demais para Merry. Irromperam gritos selvagens, e houve algum choque de armas, que no entanto foi breve. Os orcs ocupados as muralhas eram poucos, e ficaram assustados; foram rapidamente mortos ou expulsos. Diante da ruína do portão norte da Rammas, o rei parou outra vez. O primeiro éored se aproximou e ficou atrás dele, e dos dois lados.

Dernhelm se mantinha próximo ao rei, embora a companhia de Elfhelm

Estivesse distante e à direita. Os homens de Grimbold desviaram e passaram contornando a muralha até chegar a uma grande fenda mais para o leste.

Merry espiou por trás das costas de Dernhelm. Distante, talvez há dez milhas ou mais, havia um grande incêndio, mas entre ele e os Cavaleiros linhas de fogo fulguravam num crescendo constante, a mais próxima estando a menos de uma légua. O hobbit conseguia distinguir pouca coisa mais na planície escura, e até agora não via qualquer esperança de aurora, nem sentia qualquer vento, alterado ou não.

Agora o exército de Rohan avançava em silêncio, entrando no campo de Gondor, inundando-o lentamente mas sem parar, como a maré que sobe e penetra as brechas de um dique que os homens consideravam impermeável. Mas a mente e a vontade do Capitão Negro estavam inteiramente voltadas para a cidade que ruia, e até o momento não lhe chegara qualquer mensagem advertindo-o de que seus planos poderiam apresentar alguma falha.

Depois de um tempo, o rei conduziu seus homens um pouco para o leste, até chegar a um local que ficava entre o fogo do cerco e os campos externos. Ainda não haviam sido desafiados, e ainda Théoden não dera nenhum sinal. Por fim ele parou mais uma vez. A Cidade agora estava mais próxima. Havia no ar um cheiro de fogo e uma sombra da própria morte. Os cavalos sentiam-se inquietos. O rei estava montado em Snawmana, imóvel, assistindo à agonia de Minas Tirith, como se tomado por uma angústia repentina, ou pelo terror. Parecia encolher-se sob o peso da idade. O próprio Merry se sentia como se um grande fardo de terror e dúvida houvesse caído sobre ele. Seu coração batia devagar. O tempo parecia se librar na incerteza. Haviam chegado tarde demais! Tarde demais era pior que nunca! Talvez Théoden vacilasse, talvez curvasse a cabeça e se virasse, indo embora furtivamente para se esconder nas colinas.

Então, de súbito, Merry finalmente a sentiu, sem sombra de dúvida: uma

mudança. Sentia o vento no rosto! Surgia uma luz fraca. Distantes, muito além e ao sul, era possível divisar nuvens como formas cinzentas e remotas, subindo, flutuando: a aurora estava atrás delas. Mas naquele mesmo momento houve um clarão, como se um relâmpago tivesse saltado da terra sob a Cidade. Por um cáustico momento permaneceu feito luz deslumbrante em negro e branco, com sua extremidade superior como uma agulha em faiscas; e depois, quando a escuridão se fechou mais uma vez, veio retumbando pelas colinas um grande estrondo.

Àquele som, a figura curvada do rei de repente se aprumou. Agora ele parecia alto e orgulhoso novamente; e levantando-se nos estribos gritou numa voz poderosa, mais cristalina do que qualquer um já ouvira um homem mortal produzir antes:

*Acordem, acordem,*
*Cavaleiros de Théoden!*
*Duros feitos despertam;*
*jugo e massacre.*
*Quebrada será a lança,*
*trincado será o escudo,*
*em dia de espada,*
*vermelho, antes de o sol raiar!*
*Avante agora, avante!*
*Avante para Gondor!*

E com isso tomou uma grande corneta da mão de Guthláf, seu porta bandeira, e produziu um clangor tão forte que a corneta se partiu em dois pedaços. E imediatamente todas as cornetas do exército se ergueram em música, e o toque das cornetas de Rohan naquela hora era como tempestade sobre a planície, e como um trovão nas montanhas.

Avante agora, avante! Avante para Gondor!

De repente o rei gritou para Snawmana, e o cavalo disparou. Atrás dele sua bandeira tremulava ao vento, corcel branco sobre um campo verde, mas o rei era mais veloz. Depois vieram numa carreira desabalada os cavaleiros de sua casa, mas o rei sempre se mantinha à frente. Éomer cavalgava ali, o rabo— de-cavalo branco de seu elmo solto ao vento, e a vanguarda do primeiro éored rugia como uma onda enorme que se arrebenta em espuma na praia, mas não se podia alcançar Théoden. Parecia um condenado à morte, ou então a fúria da batalha de seus antepassados corria como um

fogo novo em suas veias, e ele ia montado em Snawmana como um deus antigo, talvez mesmo como Oromê, o Grande, na batalha dos Valar, quando o mundo era jovem. Seu escudo dourado estava descoberto e era surpreendente ver seu brilho como uma imagem do Sol, e a relva se incendiava verde ao redor dos pés de seu corcel. Pois a manhã chegara, a manhã e um vento do mar; a escuridão fora removida, e os exércitos de Mordor gemeram, tomados de terror, fugiram e morreram, pisoteados pelos cascos da ira. E então todo o exército de Rohan irrompeu numa canção, e cantando enquanto matavam, pois a alegria da batalha estava neles, e o som de sua música, que era belo e terrível, chegava até a Cidade.

## CAPÍTULO VI
## A BATALHA DOS CAMPOS DE PELENNOR

Mas não era um chefe-orc nem um salteador qualquer quem comandava o ataque contra Gondor. A escuridão se desfazia precocemente, antes da data que seu Mestre havia determinado: a sorte o traíra pelo momento, e o mundo se voltara contra ele; a vitória lhe escapava das mãos no momento em que as estendia para agarrá-la. Mas seu braço era longo. Ainda estava no comando, controlando grandes poderes. Rei, Espectro do Anel, Senhor dos Nazgúl, ele ainda tinha muitas armas. Abandonou o Portão e desapareceu.

O Rei Théoden da Terra dos Cavaleiros atingira a estrada que conduzia do Portão para o Rio, e rumou para a Cidade, agora a menos de uma milha de distância.

Diminuiu um pouco a velocidade, espreitando novos inimigos, e seus cavaleiros o alcançaram; Dernhelm estava entre eles. À frente e mais próximos das muralhas os homens de Elfhelm estavam em meio às torres de sítio, apunhalando, matando, empurrando os inimigos para dentro das trincheiras em chamas. A metade norte do Pelennor estava quase toda devastada, e lá se viam acampamentos ardendo; os orcs fugiam na direção do Rio como bandos de animais á frente de caçadores; os rohirrim iam de um lado para o outro como bem queriam. Mas ainda não tinham derrubado o cerco, nem tomado o Portão. Muitos inimigos estavam diante dele, e na metade mais distante da planície ainda havia outras tropas por combater. Ao sul, além da estrada, estava a maior

força dos haradrim, e lá os seus cavaleiros se reuniam em torno da bandeira de seu capitão. Ele olhou e na luz que crescia viu a bandeira do rei; percebeu que ela estava muito à frente da batalha e com poucos homens em volta. Então encheu-se de uma ira sanguinária e soltou um grito; exibindo sua bandeira, serpente negra sobre escarlate, partiu contra o cavalo branco e o campo verde com uma grande força de homens; as cimitarras nas mãos dos sulistas pareciam estrelas faiscando.

Então Théoden percebeu a presença do inimigo, e não esperou pelo ataque: gritando para Snawmana, atirou-se ao seu encontro. Grande foi o estrondo do choque entre os dois. Mas ardeu com mais intensidade a fúria branca dos homens do norte que eram mais habilidosos e ferinos com lanças longas. Eram poucos mas abriram caminho em meio aos sulistas como um raio na floresta. Bem ao centro da tropa ia Théoden, filho de Thengel, e sua lança se partiu no momento em que ele derrubou o capitão inimigo. Sacou então a espada, avançou contra a bandeira, derrubando seu mastro e quem a carregava, e a serpente negra soçobrou. Todos da cavalaria oponente que escaparam da morte viraram-se e fugiram para longe. Mas eis que, subitamente, em meio à glória do rei, seu escudo dourado embaçou-se. A nova manhã apagou-se no céu. A escuridão caiu sobre ele. Os cavalos empinavam-se relinchando. Homens atirados das selas gemiam no chão.

— Sigam-me! Sigam-me! — gritou Théoden. — Levantem-se, eorlingas!

Não temam a escuridão! — Mas Snawmana, num terror alucinado, levantou-se sobre as pernas traseiras, lutando com o ar, e então, com um rincho horrível, caiu sobre o próprio lombo: uma lança negra o atingira. O rei ficou debaixo do cavalo.

A grande sombra desceu como uma nuvem. E, para a surpresa de todos, era uma criatura alada: se era um pássaro, então era maior que todos os outros pássaros, e era nu, sem penas ou plumas, e suas enormes asas eram como membranas de couro entre dedos de garras; e seu corpo fedia. Talvez fosse uma criatura de um mundo mais antigo, cuja espécie, sobrevivendo em montanhas esquecidas e frias sob a lua, perdurara além de seus dias, e em ninhos hediondos criara esta última criatura extemporânea, voltada para o mal. E o Senhor do Escuro a acolhera, alimentando-a com carnes nojentas, até que crescesse além da medida de todos os seres voadores; depois deu-a de presente a seu servidor, para que fosse sua montaria. A criatura veio descendo, descendo, e então, fechando as membranas que lhe cobriam os dedos, soltou um grito crocitante, e pousou sobre o corpo de Snawmana, enterrando nele as garras e abaixando o pescoço longo e nu. Na criatura estava montado um vulto, coberto com um manto

negro, enorme e ameaçador. Usava uma corôa de aço, mas entre corôa e capa não havia nada para se ver, exceto apenas o brilho de um olhar mortal: o Senhor dos Nazgúl.

Voltara para o ar, chamando sua montaria antes que a escuridão cedesse, e agora vinha de novo, trazendo a destruição, transformando esperança em desespero, e vitória em morte. Brandia uma enorme maça negra.

Mas Théoden não estava completamente abandonado. Os cavaleiros de sua casa jaziam mortos ao redor dele, ou então, dominados pela loucura de seus cavalos, tinham sido levados para longe. Mas um ainda permanecia lá: Dernhelm, o jovem, fiel acima de qualquer medo; e chorava, pois amara seu rei como a um pai. Durante todo o ataque, Merry cavalgara ileso atrás dele, até a chegada da Sombra; então

Windfola, em seu terror, derrubou os dois ao chão, e agora corria alucinado sobre a planície. Merry se arrastava de quatro como um animal que não enxerga, e tamanho terror o dominava que ele se sentia doente e cego.

— Homem do Rei! Homem do Rei! — seu coração gritava. — Você deve ficar ao lado dele. O senhor será como um pai para você, foi isso o que você disse. — Mas sua vontade não respondia, e o corpo tremia. Não ousava abrir os olhos nem olhar para cima. Então, na escuridão de sua mente, teve a impressão de ouvir Dernhelm falando: mas agora sua voz parecia estranha, fazendo-o lembrar de alguma outra voz que já ouvira antes.

— Vá embora, criatura asquerosa, senhor das aves carniceiras! Deixe os mortos em paz!

Uma voz fria respondeu:

— Não te intrometas entre o nazgúl e sua presa! Ou ele te matará na tua hora. Vai levar-te embora para as casas de lamentação, além de toda a escuridão, onde tua carne será devorada, e tua mente murcha será desnudada diante do Olho Sem Pálpebra.

Uma espada tiniu ao ser sacada.

— Faça o que quiser; vou impedi-lo, se conseguir.

— Impedir-me? Tu és tolo. Nenhum homem mortal pode me impedir!

Então Merry ouviu o mais estranho de todos os sons daquela hora. Parecia que Dernhelm estava rindo, e sua voz cristalina era como aço.

— Mas não sou um homem mortal! Você está olhando para uma mulher. Sou Éowyn, filha de Éomund. Você está se interpondo entre mim e meu senhor, que também é meu parente. Suma daqui, se não for imortal! Pois seja vivo ou morto-vivo obscuro, vou golpeá-lo se tocar nele.

A criatura alada gritou contra ela, mas o Espectro do Anel não respondeu e ficou em silêncio, como se tomado por uma dúvida repentina. Por um momento, o coração de Merry foi presa de puro assombro. Abriu os olhos e viu que o negrume subira acima deles. Ali, a alguns passos dele, estava o grande animal, e tudo parecia escuro ao seu redor, e sobre ele assomava o Senhor dos Nazgúl como uma sombra de desespero. Um pouco á esquerda estava aquela que ele chamara de Dernhelm. Mas o elmo de seu segredo lhe caíra da cabeça, e os cabelos claros, libertos de seus laços, reluziam num ouro pálido sobre os ombros. Os olhos cinzentos como o mar eram duros e cruéis, e apesar disso havia lágrimas em suas faces. Segurava uma espada na mão, e erguia o escudo contra o horror dos olhos do inimigo. Era Éowyn, e também Dernhelm. Pois na mente de Merry de repente surgiu, como um clarão, a imagem do rosto que ele vira na cavalgada, partindo do Templo da Colina: o rosto de alguém que vai em busca da morte, sem qualquer esperança. Seu coração encheu-se de pena, misturada a uma grande surpresa, e de repente a coragem de sua raça, de inflamação lenta, despertou. Cerrou a mão. Ela não deveria morrer, tão bela, tão desesperada! Pelo menos não morreria sozinha, sem ajuda.

O rosto do inimigo não estava voltado para ele, mas mesmo assim o hobbit mal ousava se mexer, aterrorizado com a possibilidade de que aqueles olhos mortais recaissem sobre ele. Devagar, devagar, começou a se arrastar para o lado; mas o capitão Negro, cheio de dúvidas e de intenções malignas em relação à mulher diante dele, não deu ao hobbit mais atenção do que daria a um verme na lama.

De repente o grande animal bateu suas asas hediondas, e o vento produzido por elas era nojento. Mais uma vez subiu aos ares, e depois se arremessou rápido contra Éowyn, guinchando, atacando com bico e garras.

Mesmo assim ela não recuou: donzela dos rohirrim, filha de reis, esbelta e ao mesmo tempo como uma lâmina de aço, bela mas terrível. Desferiu um golpe rápido, habilidoso e fatal. Cortou fora o pescoço esticado, e a cabeça decepada caiu como uma pedra. Pulou para trás no momento em que a enorme figura caiu destruída, as vastas asas abertas, inerte no chão; e com sua queda a sombra desapareceu. Uma luminosidade caiu ao redor de Éowyn, e seus cabelos reluziram aos raios do sol que nascia.

Da ruína ergueu-se o Cavaleiro Negro, alto e ameaçador, assomando sobre ela. Com um grito de ódio que feria os ouvidos como veneno, desferiu um golpe com sua maça. Partiu-se em pedaços o escudo de Éowyn, e seu braço ficou quebrado; ela

cambaleou e caiu de joelhos. Ele pairava sobre ela como uma nuvem, os olhos faiscando; ergueu sua maça para matar.

Mas de repente ele também cambaleou, com um grito lancinante de dor, e seu golpe passou longe, atingindo o chão. A espada de Merry o ferira por trás, rasgando de cima a baixo o manto negro e, passando por baixo da couraça metálica, atravessara o tendão atrás de seu forte joelho.

— Éowyn! Éowyn! — gritava Merry. Então cambaleando, esforçando-se para se levantar, com suas últimas forças, ela enfiou a espada entre corôa e manto, quando os grandes ombros se curvaram diante dela. A espada se estilhaçou faiscando em mil fragmentos. A corôa rolou para o chão estrepitosamente. Éowyn caiu para a frente, sobre o corpo de seu inimigo. Mas eis que o manto e a couraça estavam vazios. Jaziam agora disformes no chão, rasgados e amontoados; e um grito subiu estremecendo o ar, e foi sumindo num gemido chiado, passando com o vento, feito voz fraca e sem corpo, que morreu e foi engolida, e nunca mais foi ouvida naquela era deste mundo.

E lá estava Meriadoc, o hobbit, em meio aos mortos, piscando como uma coruja à luz do dia, pois as lágrimas turvavam-lhe a vista; e através de uma névoa ele olhou para a bela cabeça de Éowyn, que estava deitada e imóvel; olhou então para o rosto do rei, que caíra em meio à própria glória. Pois Snawmana, em sua agonia, rolara o corpo outra vez para longe dele; apesar disso fora a ruína de seu senhor.

Merry abaixou-se e levantou a mão do rei para beijá-la, e foi tomado de surpresa: Théoden abriu os olhos, que ainda brilhavam, e falou numa voz tranquila, apesar da dificuldade.

— Adeus, Mestre Hobbit! — disse ele. — Meu corpo está destruído. Vou ao encontro de meus antepassados. E mesmo na poderosa companhia deles eu agora não me sentirei envergonhado. Derrubei a serpente negra Uma manhã cinzenta, um dia alegre, e um ocaso de ouro!

Merry não conseguiu dizer nada, mas chorou mais uma vez.

— Perdoe-me, senhor — disse ele finalmente —, se desobedeci á sua ordem, e apesar disso não consegui fazer mais nada a seu serviço do que chorar na sua despedida.

O velho rei sorriu.

— Não chore! Está perdoado. Não se pode repudiar um grande coração. Viva feliz agora, e, quando estiver em paz fumando seu cachimbo, pense em mim! Pois nunca mais poderei me sentar ao seu lado em Meduseld, como prometi, nem escutarei você

falando sobre o estudo das ervas. — Fechou os olhos, e Merry curvou-se ao lado dele. De repente o rei falou de novo. — Onde está Éomer? Pois meus olhos escurecem, e eu gostaria de vê-lo antes de partir. Ele deve me suceder como rei. E eu gostaria de mandar uma palavra para Éowyn. Ela, ela não queria que eu a deixasse, e agora não a verei de novo, ela que me é mais querida que uma filha.

— Senhor, senhor — começou Merry, gaguejando. — Ela está... – mas naquele momento houve um grande clamor, e por toda a volta cornetas e trombetas ressoaram.

Merry olhou ao redor: esquecera a guerra e o mundo ao seu lado, e tinha a impressão de que muitas horas haviam-se passado desde que o rei cavalgara em direção à própria morte, embora na verdade fizesse pouco tempo. Mas agora percebia que estavam correndo o perigo de ficarem presos bem no centro da grande batalha que logo começaria.

Novas forças do inimigo subiam depressa pela estrada que vinha do Rio; dos pontos sob as muralhas vinham as legiões de Morgul; dos campos do sul vinham a pé homens de Harad, precedidos por cavaleiros, e atrás deles assomavam os enormes lombos dos múmakil, carregando torres de guerra. Mas ao norte a crista branca de Éomer liderava a grande dianteira dos rohirrim, que ele outra vez reunira e ordenara; da Cidade veio toda a força de homens que lá havia, e o cisne prateado de Dol Amroth vinha na vanguarda, expulsando do Portão o inimigo.

Por um instante o pensamento passou pela mente de Merry: "Onde está Gandalf? Não está aqui? Não poderia ter salvo o Rei e Éowyn?" Mas neste momento Éomer se aproximava depressa, e com ele vinham os cavaleiros sobreviventes, que agora tinham dominado os cavalos. Olharam assombrados a carcaça do animal cruel que jazia ali, e seus cavalos recusaram-se a se aproximar. Mas Éomer saltou da sela, e a tristeza e o desespero desabaram sobre ele quando se acercou do rei e parou ao seu lado em silencio.

Um dos cavaleiros tomou a bandeira real da mão de Guthláf, o porta-bandeira que jazia morto, e a ergueu. Lentamente Théoden abriu os olhos. Vendo a bandeira, fez um gesto significando que ela deveria ser entregue a Éomer.

— Salve, Rei da Terra dos Cavaleiros! — disse ele. –Cavalgue agora para a vitória! Mande meu adeus a Éowyn! — Assim morreu, sem saber que Éowyn jazia ao seu lado. E aqueles que estavam perto choraram, gritando:

— Rei Théoden! Rei Théoden!

Mas Éomer lhes disse:

— Não chorem demais! Foi um forte quem caiu, foi digno seu fim. Erguida sua tumba, mulheres chorarão. Agora a guerra chama! — Mas ele próprio chorava enquanto falava. — Que os cavaleiros do rei permaneçam aqui — disse ele — e com a devida honra levem o seu corpo, para evitar que a batalha o pisoteie! Sim, e façam o mesmo com todos os homens do rei que aqui jazem. — Olhou para os mortos, relembrando seus nomes. Então, de repente, viu sua irmã Éowyn deitada, e a reconheceu. Parou um momento, como um homem que no meio de um grito é atingido por uma flecha que lhe trespassa o coração; depois seu rosto ficou mortalmente branco, e uma fúria fria cresceu dentro dele, de tal forma que não conseguiu dizer nada por um tempo. Uma sensação de morte o dominou.

— Éowyn, Éowyn! — gritou ele finalmente. — Éowyn, como veio parar aqui? Que loucura ou feitiçaria é esta? Morte, morte, morte! Morte, leva-nos a todos!

Então, sem pensar nem esperar a aproximação dos homens da Cidade, enterrou as esporas no cavalo e voltou direto para a frente do grande exército, tocando uma corneta, e gritando para que começassem o ataque. Por sobre o campo ecoou sua voz cristalina, chamando:

— Morte! Cavalguem, cavalguem para a morte e para a ruína, e para o fim do mundo!

E com isso o exército começou a se mover. Mas os rohirrim não cantavam mais. Morte, gritavam em uma só voz terrível, e, aumentando a velocidade como uma grande onda, sua batalha circundou seu rei caído e avançou rugindo em direção ao sul.

E ainda Meriadoc, o hobbit, estava ali, piscando entre as lágrimas, e ninguém lhe dirigiu a palavra; na realidade, ninguém parecia tê-lo notado. Limpou o rosto e abaixou-se para apanhar o escudo verde que Éowyn lhe dera, e que ele jogara às costas. Então procurou a espada que deixara cair, pois, no momento em que golpeava o inimigo, sentiu o braço adormecer, e agora só conseguia usar o esquerdo. E ora vejam só, lá estava sua espada, mas a lâmina fumegava como um ramo seco que foi jogado no fogo; enquanto assistia, Merry viu a espada se torcendo e encolhendo, até se consumir. Assim desapareceu a espada das Colinas dos Túmulos, trabalho do Ponente. Mas feliz teria ficado se soubesse o destino dela aquele que a

Forjou lentamente, há muito tempo no Reino do Norte, quando os dúnedain eram jovens, e o maior de seus inimigos era o terror do reino de Angmar e de seu rei feiticeiro. Nenhuma Outra lâmina, nem que mãos mais poderosas a tivessem brandido teria causado naquele inimigo um ferimento tão terrível, abrindo a carne morta-viva, quebrando

o encanto que prendia seus tendões invisíveis à sua vontade.

Homens agora erguiam o rei, e, dispondo capas sobre lanças, improvisaram uma maca para levá-lo até a Cidade; outros levantaram Éowyn devagar e a levaram atrás dele. Mas não puderam remover do campo, na mesma hora, os homens da casa do rei; sete dos cavaleiros do rei haviam caído ali e entre eles estava Déorwine, seu chefe. Então separaram-nos dos corpos de seus inimigos e da carcaça do animal cruel e fincaram lanças em torno deles. Depois, quando tudo estava terminado, voltaram e fizeram ali uma fogueira, que queimou a carcaça do animal; mas para Snawmana cavaram um túmulo e sobre ele colocaram uma pedra, na qual foi gravado nas línguas de Gondor e da Terra dos Cavaleiros:

*Servo fiel, mas de seu senhor algoz, filho de Pesperto, Snawmana veloz.*

A relva cresceu alta e verde sobre o Túmulo de Snawmana, mas o chão onde a criatura foi queimada sempre permaneceu negro e árido.

Agora, devagar e triste, Merry caminhava ao lado dos homens que levavam os mortos, sem dar mais atenção à batalha. Estava cansado e cheio de sofrimento, e suas pernas tremiam como se ele estivesse com calafrios. Uma grande chuva chegou do Mar, e parecia que todos os seres choravam por Théoden e Éowyn, extinguindo as fogueiras da Cidade com lágrimas cinzentas. Foi através de uma névoa que de repente o hobbit viu a vanguarda dos homens de Gondor se aproximando. Imrahíl, Príncipe de Doí Amroth, dirigiu-se até eles e conteve seu cavalo.

— Que fardo carregam, Homens de Rohan? — gritou ele.

— O Rei Théoden — responderam eles. — Está morto. Mas agora o Rei Éomer cavalga para a batalha: aquele com a crista branca ao vento.

Então o príncipe desceu do cavalo e se ajoelhou ao lado da maca, prestando homenagem ao rei e ao seu grande ataque; e chorou. Levantando-se, olhou então para Éowyn e ficou surpreso.

— Temos aqui uma mulher, com certeza? — disse ele. — Será que até mesmo as mulheres dos rohirrim vieram para a guerra em nosso auxilio?

— Não! Apenas uma — responderam eles. — Esta é a Senhora Éowyn, irmã de Éomer e não sabíamos nada sobre sua vinda até esta hora, o que lamentamos muito.

Então o príncipe, vendo a beleza dela, embora o rosto estivesse pálido e frio, tocou-lhe a mão no momento em que se debruçou para olhar mais de perto.

— Homens de Rohan! — gritou ele. — Não há médicos entre vocês? Ela está ferida, talvez mortalmente, mas acho que ainda vive. — Aproximou o metal polido que protegia seu braço dos lábios frios dela e, para a surpresa de todos, uma pequena névoa se formou nele, quase invisível.

— Agora precisamos de pressa! — disse ele, enviando um homem de volta à Cidade para buscar ajuda. Mas ele, curvando-se diante dos mortos, disse-lhes adeus, e montando de novo cavalgou para a batalha.

A fúria da luta aumentava agora nos campos do Pelennor; e o ruído do entrechoque das armas subia aos céus, acompanhado pelos gritos dos homens e pelo relinchar dos cavalos. Soavam cornetas e trombetas zurravam, e os múmakil urravam ao serem fustigados para a guerra. Sob as muralhas ao sul da Cidade, os homens de Gondor sem montarias agora atacavam as legiões de Morgul que ainda estavam ali reunidas, resistindo. Mas os cavaleiros se dirigiram para o leste, em auxílio de Éomer: Húrin, o Alto, Guardião das Chaves, e o Senhor de Lossarnach; Hirluin das Colinas Verdes; o Príncipe Imrahil, o Belo, com seus cavaleiros em toda a sua volta.

O auxilio aos rohirrim não chegou demasiado cedo; a sorte se voltara contra Éomer, e sua fúria o traíra. A grande ira de seu ataque tinha derrotado inteiramente a dianteira do inimigo, e as grandes cunhas de seus Cavaleiros haviam penetrado fundo nas fileiras dos sulistas, derrubando seus cavaleiros e vitimando os que iam a pé. Mas, onde quer que surgissem os múmakil, por ali os cavalos não passavam, recuando e desviando; os grandes monstros continuavam invictos, e erguiam-se como torres de defesa; os haradrim se agrupavam em volta deles. Se os rohirrim, no inicio de seu ataque, totalizaram um número três vezes menor que os haradrim sozinhos, logo as coisas pioraram para eles, pois uma nova força despejava-se agora nos campos, vinda de Osgiliath. Haviam sido reunidos lá, para saquear a cidade e violar Gondor, aguardando o chamado de seu Capitão. Ele agora estava destruido, as Gothmog, o tenente de Morgul, os enviara para a luta: orientais com machados, e variags de Khand; sulistas de vermelho e, provenientes do Extremo Harad, homens negros semelhantes a semi-trolls , com olhos brancos e línguas vermelhas. Alguns ainda corriam na retaguarda dos rohirrim, outros se mantinham no oeste, para afastar as forças de Gondor e evitar que elas se juntassem às de Rohan.

Foi exatamente quando o dia começava a se voltar contra Gondor, e sua esperança vacilava, que um novo grito subiu na Cidade, no meio da manhã, com um vento forte soprando, a chuva se dirigindo para o norte e o sol brilhando Naquele ar claro

os vigias das muralhas divisaram ao longe uma nova visão de terror, e perderam as últimas esperanças. Pois o Anduin, a partir da curva do Harlond, corria de maneira que da Cidade os homens conseguiam avistar sua extensão por algumas léguas, e os que enxergavam melhor podiam ver qualquer navio que se aproximasse. Olhando naquela direção, gritavam desesperados; negra contra a água reluzente eles divisaram uma frota trazida pelo vento: dromundas e navios de grande calado com muitos remos, com velas negras enfunadas ao vento.

— Os Corsários de Umbar! — gritavam os homens. — Os Corsários de Umbar! Olhem! Os Corsários de Umbar estão chegando. Então Belfalas foi tomada, e também Ethir e Lebennin. Os Corsários estão nos atacando! É o último golpe do destino!

E alguns, num movimento desordenado, pois não se achava ninguém para comandá-los na Cidade, tocaram os sinos e soaram o alarme; outros tocaram as cornetas sinalizando a retirada.

— De volta para as muralhas! — gritavam eles. – De volta para as muralhas! Voltem para a Cidade antes que todos sejam esmagados! — Mas o vento que impelia os navios carregou para longe todo o seu clamor.

Na verdade, os rohirrim não precisaram de avisos ou alarme.

Podiam ver muito bem por si mesmos os navios negros. Pois agora Éomer estava a menos de uma milha do Harlond, e uma grande tropa de seus primeiros inimigos se postava entre ele e o porto, enquanto novos inimigos vinham avançando num turbilhão pela retaguarda, isolando-o do Príncipe. Agora Éomer olhava para o Rio, e a esperança morreu em seu coração, e chamava de maldito o vento que antes abençoara.

Os exércitos de Mordor, por sua vez, sentiam-se encorajados, e cheios de uma nova gana e fúria avançaram gritando para o ataque. Éomer agora recuperara a austeridade e pensava com clareza.

Mandou tocar as cornetas para reunir sob a sua bandeira todos os homens que pudessem chegar até ali; planejava fazer uma grande parede de escudos no final, e resistir, lutando no chão até que todos caíssem, realizando feitos dignos de canções nos campos do Pelennor, mesmo que não sobrasse nenhum homem no oeste para relembrar o último Rei da Terra dos Cavaleiros. Cavalgou então até um montículo verde e ali fincou sua bandeira, e o Cavalo Branco corria, ondulando ao vento.

*Trocando a dúvida, trocando o dúbio pelo dia raiando,*
*Vim cantando ao sol, espada a brandir*

*Cheguei ao fim da esperança, o coração partido:*
*Agora é por raiva, agora é por ruína e um crepúsculo de fogo!*

Pronunciou esses versos, porém riu enquanto os dizia. Pois mais uma vez o desejo da batalha corria em suas veias, e ele ainda estava ileso, e era jovem, e era rei: senhor de um povo cruel. E eis que, exatamente no momento em que ria do desespero, olhou de novo para os navios negros, e brandiu a espada desafiando-os.

Então foi tomado de surpresa, e de uma grande alegria; jogou a espada para os ares à luz do sol e exultou ao apanhá-la de novo. Todos os olhos seguiram seu olhar e, de súbito, no navio que vinha à frente, uma grande bandeira se desenrolou, e o vento a exibiu no momento em que o navio virava na direção do Harlond. Ali florescia uma Arvore Branca, representando Gondor; mas havia Sete Estrelas ao redor dela, e em cima uma alta corôa, os símbolos de Elendil, que nenhum senhor portara por anos incontáveis. E as estrelas flamejavam à luz do sol, pois foram feitas com pedras preciosas por Arwen, filha de Elrond; a corôa luzia na manhã, pois era feita de mithril e ouro.

Assim chegou Aragorn, filho de Arathorn, Elessar, herdeiro de Isildur, vindo das Sendas dos Mortos, trazido pelo vento que vinha do Mar até o reino de Gondor, e a alegria dos rohirrim foi uma torrente de riso e um clarão de espadas, e o contentamento e a surpresa da Cidade foi uma música de trombeta e um badalar de sinos. Mas os exércitos de Mordor ficaram atônitos, e lhes parecia um grande feitiço que seus próprios navios estivessem cheios de seus inimigos; foram tomados de um terror negro, percebendo que a maré do destino se voltava contra eles, e seu fim estava próximo.

Os cavaleiros de Doí Amroth cavalgaram para o leste, empurrando o inimigo à sua frente: homens-trolls e variags e orcs que odiavam a luz do sol. Éomer avançou para o sul e os homens fugiram diante dele, ficando presos entre o martelo e a bigorna. Pois agora homens saltavam dos navios para os desembarcadouros do Harlond e avançavam para o norte como uma tempestade. Lá vinham Legolas e Gimli, brandindo seu machado; Halbarad com a bandeira; e Elladan e Elrohir com estrelas na fronte, junto com os dúnedain de mãos inclementes. Guardiões do norte, conduzindo uma grande tropa do valoroso povo de Lebennin e Lamedon e dos feudos do sul. Mas à frente de todos vinha Aragorn, com a Chama do Oeste, Andúril, como um novo fogo aceso, Narsil reforjada, letal como antigamente, e em sua testa brilhava a Estrela de Elendil.

Por fim então Aragorn e Éomer encontraram-se em meio á batalha e

debruçaram-se sobre suas espadas e olharam um para o outro e ficaram felizes.

— Assim nos encontramos de novo, embora todos os exércitos de Mordor estivessem entre nós — disse Aragorn. — Não foi o que eu disse, no Forte da Trombeta?

— Foi o que disse — falou Éomer —, mas a esperança muitas vezes engana, e eu não sabia que você era um homem com capacidade de ler o futuro. Mas o auxílio que chega sem ser esperado é duplamente abençoado, e nunca um reencontro de amigos foi tão alegre. — Apertaram as mãos.

— Na verdade, nem poderia ser mais oportuno — disse Éomer. — Sua chegada não foi nada precoce, meu amigo. Muitas perdas e tristezas já nos aconteceram.

— Então vamos vingá-las, antes de falarmos nelas! – disse Aragorn, e os dois voltaram juntos para a batalha.

Ainda tiveram uma luta dura e muito trabalho, pois os sulistas eram homens destemidos e obstinados, e cruéis no desespero; os orientais eram fortes e endurecidos pela guerra, e não pediam trégua. Dessa forma, aqui e acolá, perto de celeiros ou casas incendiadas, sobre monte ou barranco, sob muralhas ou nos campos, eles ainda se reuniam e se reagrupavam, lutando até o fim do dia. Então o sol finalmente se pôs atrás do Mindolluin e encheu todo o céu com um grande incêndio, de modo que as montanhas e as colinas ficaram tingidas de sangue; o fogo reluzia no Rio, e a grama do Pelennor jazia rubra ao cair da noite. E naquela hora a grande Batalha do campo de Gondor terminava, e nenhum inimigo vivo foi deixado dentro do circuito da Rammas. Todos foram mortos, exceto aqueles que fugiram para morrer, ou para se afogar na espuma vermelha do Rio.

Poucos conseguiram se dirigir para o leste, para Morgul ou Mordor, e à terra dos haradrim chegou apenas uma história de um lugar longínquo: um rumor da ira e do terror de Gondor.

Aragorn, Éomer e Imrahil cavalgaram de volta na direção do Portão da Cidade; não sentiam alegria nem tristeza, apenas cansaço. Esses três estavam ilesos, tão grandes eram sua sorte e habilidade e o poder de seus braços; na realidade, na hora de sua ira, poucos tiveram a ousadia de resistir a eles ou encará-los. Mas muitos outros estavam feridos, mutilados ou mortos sobre o campo. Forlong fora atingido pelos machados enquanto lutava, sozinho e sem cavalo; Duilin de Morthond e seu irmão foram pisoteados até a morte quando atacavam os múmakil, trazendo seus arqueiros para mais perto, a fim de que atirassem nos olhos dos monstros. Nem

Hirluin, o Belo, voltaria para Pinnath Gelin, nem Grimbold para Grimslade;

também não retornaria para as Terras do Norte Halbarad, guardião de mãos inclementes.

Não poucos haviam perecido, renomados ou desconhecidos, capitães ou soldados; pois foi uma grande batalha e nenhuma história contou um relato completo dela. Assim, depois de muito tempo, um poeta de Rohan disse em sua canção sobre os Túmulos de Mundburg:

*Notamos das trompas o eco nas colinas,*
*o esplendor das espadas no Reino do Sul.*
*Corcéis galopavam para Petroterra*
*Lá caiu Théoden, poderoso Thengling,*
*ao dourado palácio e verdes pastagens*
*nos campos do norte sem jamais retornar;*
*senhor de seu exército.*
*Harding e Guthláf Dúnhere e Déorwine,*
*o valente Grimbold,*
*Herefara e Herubrand, Horn e Fastred,*
*lutaram e tombaram em terra tão distante:*
*em tumbas de Mundburgjazem sob o chão*
*com colegas coligados, os senhores de Gondor.*
*Nem Hirluin, o Belo, às colinas junto ao mar;*
*nem Forlong, o Velho, aos seus vales em flor jamais*
*para Arnach, sua terra natal, retornaram em triunfo;*
*nem os altos arqueiros, Derufin e Duilin,*
*ás suas águas escuras, lagos de Morthond*
*sob a sombra das montanhas.*
*A morte de manhã e no final do dia levou nobres e pobres.*
*Há muito agora dormem sob a grama*
*de Gondor junto ao Grande Rio.*
*Águas como lágrimas, rebrilhando cor de prata*
*ou vermelhas borbulhavam roncando em tumulto:*
*espuma tinta de sangue em chama ao pôr-do-sol;*
*quais faróis as montanhas queimavam noite adentro;*
*o orvalho era vermelho em Rammas Echor*

## CAPÍTULO VII
## A PIRA DE DENETHOR

No momento em que a sombra escura se afastou do Portão, Gandalf ainda estava sentado sobre o cavalo, imóvel. Mas Pippin levantou-se, como se tivesse se livrado de um grande peso; parou para escutar as cornetas, e teve a impressão de que seu coração explodiria de felicidade. E nunca mais, nos anos que se seguiram, pôde ele ouvir o soar de uma corneta á distância sem que seus olhos se enchessem de lágrimas. Mas de repente lembrou de sua missão e correu à frente. Naquela hora Gandalf se mexeu, disse alguma coisa a Scadufax e já ia saindo pelo Portão.

— Gandalf, Gandalf! — gritou Pippin, e Scadufax parou.

— O que está fazendo aqui? — disse Gandalf. — Não mandam as leis da Cidade que aqueles vestidos de negro e prata fiquem na Cidadela, a não ser que seu senhor lhes permita que se ausentem?

— Ele me deu permissão — disse Pippin. — Mandou-me embora. Mas fiquei com medo. Algo terrível pode acontecer lá em cima. O Senhor está fora de si, eu acho.

Receio que vá se matar, e matar Faramir também. Você não pode fazer alguma coisa?

Gandalf olhou através do Portão escancarado, e ouviu nos campos o som da batalha que já se formava. Crispou as mãos.

— Preciso ir – disse ele. — O Cavaleiro Negro está à solta, e logo trará a destruição. Não tenho tempo.

— Mas Faramir! — gritou Pippin. Ele não está morto, e vão queima-lo vivo, se ninguém os impedir.

— Queimá-lo vivo? — disse Gandalf. — Que história é essa? Seja rápido!

— Denethor foi para as Tumbas — disse Pippin —, levou Faramir, e diz que todos vamos morrer queimados, que ele não vai esperar, e que seus homens devem fazer uma pira e sobre ela queimá-lo, junto com Faramir. E mandou homens buscarem lenha e óleo. Eu contei isso a Beregond, mas o que pode ele fazer, de qualquer forma? Assim Pippin despejou sua história, esticando os braços para o alto e tocando o joelho de Gandalf com mãos trêmulas. — Você não pode salvar Faramir?

— Talvez eu possa — disse Gandalf. — Mas, se fizer isso, outros morrerão, receio eu. Bem, devo ir até ele, uma vez que ninguém mais poderá ajudá-lo. Mas disso resultarão coisas ruins e tristes. No próprio coração de nossa fortaleza o Inimigo tem forças para nos atacar: pois é a sua vontade que está em ação.

Tomada a decisão, ele agiu com rapidez, e, apanhando Pippin, colocou-o à sua frente no cavalo; a uma palavra sua, Scadufax se virou. Os cascos foram batendo contra o chão íngreme das ruas de Minas Tirith, enquanto o barulho da guerra crescia atrás deles. Em todos os cantos havia homens recuperando-se do desespero e do terror, pegando suas armas e gritando: "Rohan chegou!" Capitães gritavam, companhias se agrupavam; muitos já marchavam na direção do Portão. Encontraram o Príncipe Imrahil, e ele os interpelou:

— Para onde agora, Mithrandir? Os rohirrim estão lutando nos campos de Gondor! Precisamos reunir toda a força que pudermos encontrar.

— Você vai precisar de todos os homens e mais ainda — disse Gandalf — apresse-se ao máximo. Irei quando puder. Mas tenho uma missão para o Senhor Denethor que não pode esperar. Assuma o comando na ausência do Senhor!

Passaram adiante e, ao subirem e se aproximarem da Cidadela, sentiram o vento no rosto, e avistaram na distância o reluzir da manhã, uma luz crescendo no céu do sul. Mas isso lhes trouxe pouca esperança, pois não sabiam que mal os aguardava, e temiam chegar tarde demais.

— A escuridão está passando — disse Gandalf—, mas ainda paira pesada sobre esta Cidade.

No portão da Cidadela não encontraram nenhum guarda. – Então Beregond foi para lá — disse Pippin mais esperançoso. Viraram-se e foram depressa ao longo da estrada que conduzia à Porta Fechada. Esta estava totalmente aberta, e o porteiro jazia diante dela. Estava morto e a chave lhe fora tomada.

— Trabalho do Inimigo! — disse Gandalf. — Ele gosta dessas coisas: amigo guerreando contra amigo; lealdade dividida na confusão dos corações. — Desmontou e ordenou que Scadufax voltasse ao estábulo. Pois, meu amigo — disse ele —, você e eu deveríamos ter cavalgado para os campos há muito tempo, mas outros assuntos me detém. Contudo, venha depressa se eu chamar! Entraram pela Porta e desceram a rua íngreme e sinuosa. A luz crescia; e as altas colunas e as figuras esculpidas ao longo do caminho passavam lentamente como fantasmas cinzentos.

De repente o silêncio foi quebrado, e eles ouviram lá embaixo gritos e o tinir de

espadas: tais sons não se ouviam nos lugares sagrados desde a construção da Cidade. Por fim chegaram à Rath Dínen e correram para a Casa dos Regentes, que assomava na meia-luz sob sua grande abóbada.

— Parem! Parem! — gritou Gandalf, saltando na direção da escada de pedra diante da porta. — Parem com esta loucura!

Pois lá estavam os servidores de Denethor empunhando espadas e tochas; mas sozinho, no vestíbulo, no degrau mais alto, estava Beregond, vestido no uniforme negro e prata da Guarda; segurando a porta e impedindo que eles entrassem. Dois já tinham caído sob os golpes de sua espada, manchando de sangue o recinto sagrado; os outros o amaldiçoavam, chamando-o de criminoso e traidor do seu mestre.

No momento em que Gandalf e Pippin avançaram, ouviram a voz de Denethor gritar de dentro da casa dos mortos:

— Depressa, depressa! Façam como ordenei! Matem esse renegado! Ou será que eu mesmo terei de faze-lo? — Então a porta que Beregond mantinha fechada com a mão esquerda foi escancarada, e atrás dela postava-se o Senhor da Cidade, alto e cruel, com uma luz de fogo nos olhos, empunhando uma espada.

Mas Gandalf, num salto, subiu os degraus, e os homens recuaram cobrindo os olhos, pois sua chegada foi como a luz branca que irrompe num lugar escuro, e ele avançou furioso. Levantou a mão e, no instante em que Denethor desferia o golpe, a espada voou pelos ares e caiu atrás dele, nas sombras da casa; o Regente recuou diante de Gandalf, atônito.

— O que é isso, meu senhor? — disse o mago. — As casas dos mortos não são lugar para os vivos. E por que há homens lutando aqui, no Recinto Sagrado, quando já existe guerra o suficiente diante do Portão? Ou será que nosso Inimigo conseguiu até mesmo chegar à Rath Dínen?

— Desde quando o Senhor de Gondor te deve explicações? — disse Denethor. — Ou será que não posso comandar meus servidores?

— Você pode — disse Gandalf — Mas outros podem contestar sua vontade, se ela se voltar para a loucura e a maldade. Onde está Faramir, seu filho?

— Está deitado lá dentro — disse Denethor , queimando, já está queimando. Atearam fogo à sua carne. Mas em breve todos estarão queimando. O oeste fracassou. Tudo irá pelos ares numa grande fogueira, e tudo estará terminado. Cinzas! Cinzas e fumaça carregadas pelo vento!

Então Gandalf, percebendo a loucura que tomava conta do Regente, receou que

ele já tivesse feito alguma maldade, e forçou a passagem, seguido por Beregond e Pippin, enquanto Denethor foi recuando para dentro, até ficar ao lado da mesa. Mas lá encontraram Faramir, ainda delirando de febre, deitado sobre a mesa. Embaixo dela havia feixes de lenha, que também se erguiam em pilhas altas por toda a volta, e tudo estava encharcado de óleo, até mesmo as roupas e as cobertas de Faramir; mas ainda não se ateara fogo ao combustível. Então Gandalf revelou a força que nele se ocultava, mesmo quando a luz de seu poder se escondia sob seu manto cinzento.

Saltou por cima dos feixes, e erguendo o enfermo com delicadeza desceu de novo, levando-o na direção da porta. Mas nesse momento Faramir gemeu e chamou pelo pai, em meio ao seu delírio.

Denethor fez um movimento brusco, como alguém que acorda de um transe; o fogo morreu em seus olhos, e ele chorou; depois disse:

— Não me tomem meu filho! Ele está me chamando.

— Está sim — disse Gandalf—, mas você ainda não pode se aproximar dele. Pois ele precisa buscar a cura já no limiar da morte, e talvez não a encontre. Enquanto isso você deve sair para a batalha de sua Cidade, onde talvez a morte o aguarde. No fundo, você sabe disso.

— Ele não acordará de novo — disse Denethor. — A batalha é inútil. Por que deveríamos desejar viver por mais tempo? Por que não deveríamos nos encaminhar para a morte lado a lado?

— A autoridade não lhe foi dada, Regente de Gondor, para ordenar a hora de sua morte — respondeu Gandalf — E apenas os reis bárbaros, sob o domínio do Poder Escuro, fizeram isso, matando-se por orgulho e desespero, assassinando seus parentes para aliviar a própria morte. — Então, passando pela porta, levou Faramir da casa mortal e o deitou na cama em que fora trazido, que agora jazia no vestíbulo. Denethor o seguiu e parou, trêmulo, olhando com ansiedade para o rosto do filho.

E por um instante, enquanto todos estavam quietos e imóveis, assistindo ao Senhor em sua agonia, Denethor vacilou.

— Venha — disse Gandalf. — Há quem precise de nós. Ainda há muita coisa que você pode fazer.

Denethor então riu de repente. Erguia-se alto e garboso outra vez, e com passadas rápidas foi até a mesa e tirou dela o travesseiro no qual sua cabeça estivera deitada. Depois, dirigindo-se para a porta, retirou fora a fronha e eis que entre suas mãos estava um palantír. Ergueu-o, e aqueles que olharam o globo tiveram a impressão de que

ele começou a reluzir com uma chama interna, de tal modo que o rosto magro do Senhor se acendeu num fogo rubro, e parecia esculpido em pedra, bem definido com sombras escuras, nobre, altivo e terrível. Seus olhos faiscaram.

— Orgulho e desespero! — gritou ele. -Tu pensaste que os olhos da Torre Branca estavam cegos? Não, vi mais do que sabes, Tolo Cinzento. Pois tua esperança é apenas fruto da ignorância. Então vai e trabalha na cura! Avança e luta! Vaidade. Por pouco tempo pode-se triunfar no campo, por um dia. Mas contra o Poder que agora se levanta não há vitória. Esta Cidade só foi atingida pelo dedo mínimo da mão dele. Todo o leste se mobiliza. E neste momento o vento de tua esperança te ilude e traz pelo Anduin uma esquadra de navios negros. O oeste fracassou. Todos os que não quiserem ser escravos devem agora partir.

— Tais conselhos realmente farão da vitória do Inimigo uma certeza — disse Gandalf.

— Pois continua alimentando esperanças! — disse rindo Denethor. — Então não te conheço, Mithrandir? Tua esperança é governar em meu lugar, ficar atrás de todos os tronos, do norte, do sul ou do oeste. Li tua mente e suas políticas. Achas que não sei que tu ordenaste a este Pequeno que ficasse calado? Que tu o trouxeste aqui para ser um espião em meu próprio aposento? Apesar disso, em nossa conversa eu soube os nomes e os propósitos de todos os teus companheiros. Eu sei! Com a mão esquerda tu me usarias por um tempo como um escudo contra Mordor, enquanto com a mão direita trarias este Guardião do Norte para me suplantar.

— Mas eu te digo, Gandalf Mithrandir, não serei teu brinquedo! Sou um Regente da Casa de Anárion. Não vou me rebaixar para ser o camareiro caduco de um arrivista. Mesmo que a reivindicação dele se mostrasse autêntica, ainda assim ele apenas pertence á linhagem de Isildur. Não me curvaria diante desse sujeito, o último representante de uma casa destruída, há muito tempo desprovida de realeza e dignidade.

— Então, o que escolheria você — disse Gandalf—, se seu desejo pudesse ser realizado?

— Eu escolheria as coisas como elas sempre foram em todos os dias de minha vida — respondeu Denethor — e nos dias de meus antepassados que me precederam: ser o Senhor desta Cidade em paz, e deixar meu lugar para um filho depois de mim, um filho que fosse dono da própria vontade, e não o pupilo de um mago. Mas, se o destino me nega isso, então não quero nada: nem a vida diminuída, nem o amor pela metade, nem a honra abalada.

— A mim não pareceria que um Regente que com fidelidade entrega seu cargo fica diminuído em amor ou em honra — disse Gandalf. — E pelo menos você não privaria seu filho do poder de escolha, enquanto ainda há dúvidas sobre sua morte.

Àquelas palavras, os olhos de Denethor se inflamaram de novo e, levando a pedra debaixo do braço, ele sacou uma faca e deu largas passadas na direção da cama. Mas Beregond saltou à frente e se interpôs entre o Regente e Faramir.

— Então! — gritou Denethor. — Tu já roubaste metade do amor de meu filho. Agora roubas também os corações de meus cavaleiros, de modo que por fim eles me roubam inteiramente o meu filho. Mas pelo menos nisto tu não desafiarás minha vontade: não decidirás sobre o meu próprio fim.

— Venham até aqui! — gritou ele para os servidores. — Venham, se não forem todos covardes! — Então dois deles subiram correndo os degraus na direção do Senhor.

Denethor rapidamente apanhou uma tocha da mão de um deles e voltou correndo para o interior da casa. Antes que Gandalf pudesse impedi-lo, jogou a tocha em meio á lenha, que imediatamente crepitou e rugiu em chamas.

Então Denethor saltou para cima da mesa, e parando ali, envolvido em fogo e fumaça, pegou o cajado de sua regência que estava aos seus pés e quebrou-o contra o joelho. Jogando os pedaços nas chamas, curvou-se e se deitou na mesa, agarrando ao peito com as duas mãos o palantír. E conta-se que, depois desse momento, qualquer um que olhasse dentro da Pedra, a não ser que tivesse uma grande força capaz de dirigir a própria vontade para um outro propósito, veria apenas duas mãos idosas crispando-se no fogo. Gandalf , desolado e aterrorizado, virou o rosto e fechou a porta. Por um tempo ficou parado no limiar, pensando, sem dizer nada, enquanto os que tinham ficado do lado de fora ouviam o rugido do fogo lá dentro. Então Denethor deu um enorme grito, e depois não falou mais nada, nem foi visto de novo por nenhum mortal.

— Assim se vai Denethor, filho de Ecthelion — disse Gandalf. Então voltou-se para Beregond e os servidores do Senhor, que se mantinham imóveis e horrorizados.

— E assim se vão também os dias da Gondor que vocês conheceram; para o bem ou para o mal, eles estão terminados. Atos de maldade foram feitos aqui, mas agora deixem que toda a inimizade que existe entre vocês seja afastada, pois tudo isso foi tramado pelo Inimigo e põe em funcionamento a sua vontade. Vocês foram capturados numa teia de ordens antagônicas, teia esta que não foi tecida por vocês. Mas pensem, servidores do Senhor, cegos em sua obediência, que, se não fosse pela traição de Beregond, Faramir, Capitão da Torre Branca, também teria queimado até a morte.

— Levem deste lugar infeliz seus companheiros caídos. E nós levaremos Faramir, Regente de Gondor, a um lugar onde ele possa dormir em paz, ou morrer, se este for o seu destino.

Então Gandalf e Beregond, erguendo a cama, levaram-na para as Casas de Cura, enquanto Pippin ia atrás deles, de cabeça baixa. Mas os servidores do senhor continuavam imóveis, olhando aterrorizados para a casa dos mortos, e no momento em que Gandalf atingia o fim da Rath Dinen ouviu-se um enorme estrondo. Olhando para trás, eles viram a abóbada da casa se partindo e fumaça saindo pelas brechas; então, com uma precipitação e um estrondo de pedras, a abóbada ruiu numa rajada de fogo; mesmo assim, persistentes, as chamas dançavam e faiscavam em meio aos escombros. Os servidores, amedrontados, correram e seguiram Gandalf.

Depois de algum tempo chegaram de volta á Porta do Regente, e Beregond olhou com tristeza para o porteiro.

— Este feito eu sempre lamentarei — disse ele —; mas eu estava tomado de uma pressa alucinada, e ele não quis ouvir, sacando a espada contra mim. — Então, pegando a chave que tomara do homem morto, fechou a porta, trancando-a. — Deve ser entregue agora ao Senhor Faramir – disse ele.

— O Príncipe de Doí Amroth está no comando, na ausência do Senhor — disse Gandalf —; mas, já que ele não está aqui, devo me responsabilizar por ela. Peço-lhe que guarde a chave num lugar seguro, até que a Cidade esteja em ordem outra vez.

Agora finalmente entravam nos altos círculos da Cidade, e na luz matinal foram fazendo seu caminho na direção das Casas de Cura, eram casas belas, destinadas ao tratamento daqueles que estavam seriamente enfermos, mas agora estavam preparadas para o tratamento de homens feridos na batalha ou agonizantes.

Não ficavam longe da Cidadela, no sexto círculo, próximas à muralha sul, e ao redor delas havia um jardim e um gramado com árvores; era o único estabelecimento do gênero na Cidade.

Ali moravam as poucas mulheres ás quais fora permitido permanecer em

Minas Tirith, uma vez que eram habilidosas na cura ou no auxilio aos curadores.

Mas, no momento em que Gandalf e seus companheiros chegaram carregando a cama á porta principal das Casas, ouviram um grande grito subindo do campo diante do Portão, que foi ficando agudo e passou trespassando o céu, extinguindo-se no vento. Foi um grito tão terrível que por um momento todos ficaram paralisados; mas, quando passou, de repente todos os corações se enlevaram numa esperança que não sentiam

desde que a escuridão viera do leste, e tiveram a impressão de que a luz ficava mais clara e que o sol aparecia por entre as nuvens.

Mas o rosto de Gandalf estava grave e triste e, ordenando a Beregond e Pippin que levassem Faramir para as Casas de Cura, ele subiu nas muralhas e ali, como uma figura esculpida em branco, sob a luz do sol novo, olhou para fora. E com a visão que lhe fora dada viu tudo o que ocorrera; quando Éomer se afastou da dianteira de sua tropa e parou ao lado daqueles que haviam caido no campo, suspirou e, cobrindo-se com a capa, abandonou as muralhas. Quando saíram, Beregond e Pippin encontraram-no parado, pensativo, diante da porta das Casas.

Olharam para ele, que por um tempo ficou em silêncio. Por fim falou.

— Meus amigos — disse ele —, e todos vocês, povo desta cidade e das terras do oeste! Acontecimentos muito tristes e importantes se passaram. Devemos chorar ou nos alegrar? Além de qualquer esperança, o Capitão de nossos inimigos foi destruido, e vocês ouviram o eco de seu último desespero. Mas ele não partiu sem antes deixar muito sofrimento e perdas amargas. E isso eu poderia ter evitado, não fosse pela loucura de Denethor. Tão poderoso foi o alcance de nosso Inimigo! É triste, mas agora percebo como sua vontade conseguiu penetrar o próprio coração da Cidade.

— Embora os Regentes considerassem que esse segredo era sabido apenas por eles próprios, há muito tempo desconfiei de que aqui, na Torre Branca, pelo menos uma das Sete Pedras Videntes era preservada. Em seus dias de sabedoria, Denethor não pretendia usá-la, nem desafiar Sauron, sabendo os limites da própria força. Mas sua sabedoria fracassou, e receio que no momento em que o perigo de seu reino cresceu ele tenha olhado dentro da Pedra, sendo ludibriado: muitas vezes, suponho eu, desde que Boromir partiu. Ele era grande demais para se submeter à vontade do Poder do Escuro, mas ele só via as coisas que o Poder lhe permitia ver. O conhecimento que obteve, sem dúvida, muitas vezes lhe foi útil; apesar disso, a visão do grande poder de Mordor que lhe foi revelada alimentou o desespero de seu coração até subjugar sua mente.

— Agora entendo o que me parecia tão estranho! – disse Pippin, estremecendo ao falar de suas recordações. — O Senhor saiu da sala onde Faramir estava, e foi só quando retornou que percebi pela primeira vez que ele estava alterado, envelhecido e destruido.

— Foi exatamente na hora em que Faramir foi trazido para a Torre que muitos de nós vimos uma estranha luz no cômodo mais alto – disse Beregond. — Mas já vimos a luz antes, e corriam havia muito tempo rumores na Cidade de que o Senhor ás vezes lutava

em pensamento contra seu Inimigo.

— Então infelizmente minhas suposições estavam corretas – disse Gandalf. — Foi dessa forma que a vontade de Sauron penetrou em Minas Tirith; e dessa forma eu me demorei aqui. E aqui ainda serei forçado a permanecer, pois logo terei outros encargos, além de Faramir.

— Agora preciso descer ao encontro daqueles que chegam. Vi uma cena no campo que me dói muito no coração, e uma tristeza maior ainda pode sobrevir. Venha comigo, Pippin! Mas você, Beregond, deve retornar à Cidadela e contar ao chefe da Guarda de lá o que aconteceu. Receio que será dever dele expulsá-lo da Guarda; mas diga a ele que, se eu puder dar a minha opinião, você deveria ser enviado para as Casas de Cura, para ser o guarda e o servidor de seu capitão, e estar por perto quando ele despertar — se isso vier a acontecer de novo. Pois foi você quem o salvou do fogo. Vá agora! Eu voltarei logo.

Dizendo isso ele se virou e desceu com Pippin na direção da cidade baixa. E, no momento em que se apressavam no caminho, o vento trouxe uma chuva cinzenta, e todas as fogueiras se apagaram, e uma grande fumaça subiu diante deles.

## CAPÍTULO VIII
## AS CASAS DE CURA

Uma névoa de lágrimas e cansaço cobria os olhos de Merry quando eles se aproximaram das ruínas do Portão de Minas Tirith. Pouca atenção dava ele aos escombros e sinais do massacre que se espalhavam por toda a volta. Havia fogo, fumaça e um cheiro forte no ar; muitas máquinas haviam sido incendiadas ou jogadas nas trincheiras de fogo, como também muitos dos mortos, ao passo que aqui e ali jaziam muitas carcaças dos grandes monstros dos sulistas, semicarbonizados ou destruídos por pedras arremessadas, ou ainda alvejados no meio dos olhos pelas flechas dos valorosos arqueiros de Morthond. A rajada de chuva cessara por um tempo e o sol reluzia alto no céu, mas toda a cidade mais baixa ainda estava envolta num vapor fétido.

Homens já trabalhavam abrindo um caminho através dos destroços da batalha; agora, do Portão, chegavam algumas macas. Com toda a delicadeza, deitaram Éowyn

sobre travesseiros macios; mas cobriram o corpo do rei com um grande tecido dourado, e o acompanharam carregando tochas, cujas chamas, pálidas à luz do sol, tremulavam ao vento.

Foi assim que Théoden e Éowyn chegaram á Cidade de Gondor, e todos que os viam descobriam as cabeças e faziam reverência; os dois passaram através das cinzas e da fumaça do circulo queimado, e continuaram subindo ao longo das ruas de pedra. Merry teve a impressão de que a subida durou uma eternidade, uma viagem sem sentido num sonho odioso, que avançava sempre e sempre para algum fim obscuro que a memória não pode reter.

Lentamente as luzes das tochas á sua frente bruxulearam e se extinguiram, e Merry caminhava numa escuridão, ao pensar: "Isto é um túnel que conduz a um túmulo; lá permaneceremos para sempre." Mas de súbito, em seu devaneio, surgiu uma voz viva.

— Merry! Ainda bem que o encontrei!

Ergueu os olhos, e a névoa em seus olhos se dissipou um pouco. Lá estava Pippin! Estavam cara a cara numa passagem estreita que, a não ser pelos dois, estava vazia. Merry esfregou os olhos.

— Onde está o rei? — disse ele. — E Éowyn? – Então tropeçou e caiu sentado na soleira de uma porta, rompendo outra vez em pranto.

— Eles subiram para a Cidadela — disse Pippin. — Acho que você adormeceu andando e pegou o caminho errado. Quando descobrimos que você não estava com eles, Gandalf me mandou procurá-lo. Pobre Merry! Como me alegro em vê-lo outra vez! Mas você está exausto, e não vou incomodá-lo com conversas. Mas, diga-me, está ferido ou machucado?

— Não — disse Merry. — Bem, pelo menos acho que não. Mas não consigo mexer o braço direito, Pippin, desde quando o golpeei. E minha espada se consumiu em chamas, como um pedaço de madeira. O rosto de Pippin estava aflito. — Bem, é melhor vir comigo o mais depressa possível — disse ele. — Gostaria de poder carregá-lo. Você não está em condições de continuar andando. De forma alguma deveriam ter permitido que você andasse, mas deve perdoá-los. Coisas tão terríveis aconteceram na Cidade, Merry, que um pobre hobbit retornando da batalha pode facilmente passar despercebido.

Nem sempre é uma infelicidade passar despercebido — disse Merry. — Foi o que aconteceu comigo agora há pouco, quando não fui visto pelo.. não, não, não consigo falar disso. Ajude-me, Pippin! Está ficando tudo escuro outra vez, e meu braço está tão frio.

— Apóie-se em mim, Merry, meu rapaz! — disse Pippin. — Vamos agora, passo a passo. Não é longe.

— Você vai me sepultar? — disse Merry.

— Claro que não! — disse Pippin, tentando parecer alegre, embora tivesse o coração angustiado pelo medo e pela pena. — Não, você vai para as Casas de Cura.

Saíram do caminho que avançava por entre casas altas e a muralha externa do quarto circulo, retomando a rua principal que subia para a Cidadela. Avançaram passo a passo, enquanto Merry cambaleava e murmurava como alguém que está dormindo.

"Nunca conseguirei levá-lo até lá", pensou Pippin. "Não há ninguém que possa me ajudar? Não posso deixá-lo aqui." Bem nesse momento, para a surpresa do hobbit, um menino chegou correndo às suas costas, e no instante em que passou Pippin reconheceu Bergil, o filho de Beregond.

— Olá — Bergil! — chamou ele. — Aonde está indo? Fico feliz em revê-lo, e ainda vivo!

— Estou a serviço dos Curadores — disse Bergil. – Não posso ficar.

— Não estou pedindo isso! — disse Pippin. — Mas diga-lhes lá em cima que trago comigo um hobbit doente, um perian, veja bem, que chega do campo de batalha. Acho que ele não aguenta chegar até lá andando. Se Mithrandir estiver lá, ficará feliz em receber a mensagem. — Bergil saiu correndo.

"É melhor esperar aqui", pensou Pippin. Então colocou Merry suavemente na calçada, num trecho ensolarado, sentando-se ao lado e deitando no colo a cabeça do amigo. Apalpou seu corpo e suas pernas com delicadeza, e segurou-lhe as mãos entre as suas. A direita estava fria como gelo.

Não demorou muito para que Gandalf em pessoa viesse ao encontro deles. Abaixou-se sobre Merry e acariciou-lhe a fronte; então ergueu-o cuidadosamente. — Ele deveria ter sido carregado com todas as honras para esta cidade — disse ele — Sem dúvida correspondeu à minha confiança; se Elrond não tivesse cedido à minha solicitação, nenhum de vocês dois teria partido; então os males deste dia teriam sido muito mais lamentáveis. — O mago suspirou.

— Apesar disso, tenho um outro encargo em minhas mãos, e durante todo esse tempo a batalha permanece indecisa.

Finalmente Faramir, Éowyn e Meriadoc foram colocados em leitos nas Casas de Cura e lá foram bem cuidados. Pois, embora naqueles últimos tempos todo o conhecimento tivesse decaído em relação aos Dias Antigos, a arte de cura de Gondor

ainda era competente, habilidosa nos cuidados com os feridos, e no trato de todas as doenças que pudessem acometer os homens mortais a leste do Mar. Exceto a idade avançada. Para isso não haviam encontrado cura; de fato a longevidade daquele povo diminuíra, ficando pouco maior que a dos outros homens; eram poucos os que ultrapassavam com vigor a conta de cinco vintenas de anos, a não ser nas casas de sangue mais puro. Mas agora sua arte e seu conhecimento se quedavam perplexos, pois havia muitos doentes de uma enfermidade que não podia ser curada; chamavam-na de Sombra Negra, pois vinha dos nazgúl. Aqueles acometidos por ela caiam lentamente num sonho cada vez mais profundo, entrando então no silêncio e numa frieza mortal, e assim morriam.

Parecia aos que cuidavam dos feridos que essa enfermidade se manifestara de maneira grave no Pequeno e na Senhora de Rohan. Ainda algumas vezes, no final da manhã, eles chegaram a falar alguma coisa, murmurando em seus sonhos; os que cuidavam deles escutavam tudo o que diziam, na esperança de talvez aprender alguma coisa que lhes possibilitasse entender-lhes os ferimentos. Mas logo começaram a cair na escuridão, e quando o sol se aproximava do oeste uma sombra cinzenta cobriu os rostos dos doentes. Mas Faramir queimava numa febre que não cedia.

Gandalf ia de um leito para o outro cheio de preocupação, e os atendentes lhe contavam tudo o que tinham conseguido escutar. Assim passou-se o dia, enquanto a grande batalha continuava lá fora em meio a esperanças inconstantes e estranhas noticias; e Gandalf ainda esperava e vigiava, sem sair de perto; finalmente um ocaso rubro cobriu todo o céu, e a luz que vinha das janelas bateu nos rostos cinzentos dos enfermos. Então os que estavam por perto tiveram a impressão de que naquela luz um rubor espalhou-se nos rostos, como se a saúde estivesse retornando, mas aquilo era apenas um arremedo de esperança. Então uma senhora idosa, Ioreth, a mais velha das mulheres que trabalhavam naquela casa, olhando no belo rosto de Faramir, chorou, pois todo o povo o amava. E ela disse:

— Ai de nós se ele morrer! Ah, se houvesse reis em Gondor, como contam que havia outrora! Pois diz a sabedoria que as mãos dos reis são sempre as mãos de um curador. Dessa maneira sempre se sabia quem era o verdadeiro rei.

E Gandalf, que estava ao lado, disse:

— Talvez os homens se recordem de suas palavras por muito tempo, Ioreth! Pois nelas há esperança. Talvez um rei realmente tenha retornado a Gondor; ou será que você não ouviu as estranhas noticias que chegaram à Cidade?

— Tenho estado por demais ocupada com uma coisa e outra para dar atenção a todos os gritos e clamores — respondeu ela. — Tudo o que espero é que esses demônios assassinos não venham até esta Casa perturbar os enfermos.

Então Gandalf saiu apressado, e o fogo no céu já estava se extinguindo, e as colinas em brasa se apagavam, enquanto uma noite de cinzas cobria os campos.

Agora que o sol se punha, Aragorn, Éomer e Imrahil se aproximavam da Cidade com seus capitães e cavaleiros; quando chegaram diante do Portão, Aragorn disse:

— Vejam o sol que se põe num grande fogo! Isto é o sinal do fim e da queda de muitas coisas, e de uma mudança nas marés do mundo. Mas esta Cidade e este reino permaneceram por muitos longos anos nas mãos dos Regentes, e receio que, entrando sem ser convidado, eu desperte dúvidas e controvérsias, que não deveriam surgir enquanto durar a guerra. Não entrarei, nem farei qualquer reivindicação, até que se saiba quem será o vencedor, nós ou Mordor. Os homens devem montar minhas tendas no campo, e aqui aguardarei as boas-vindas do Senhor da Cidade.

Mas Éomer disse:

— Você já ergueu a bandeira dos Reis e exibiu os símbolos da casa de Elendil. Vai permitir que sejam contestados"?

— Não — disse Aragorn. — Mas acho que ainda é cedo, e não desejo disputas, a não ser com nosso Inimigo e seus servidores.

E o Príncipe Imrahil disse:

— Se alguém que é parente do Senhor Denethor puder aconselhá-lo nesta questão, digo-lhe, senhor, que suas palavras são sábias. Ele é um homem obstinado e altivo, mas também é velho; sua disposição tem estado estranha desde que o filho foi atacado. Apesar disso, não gostaria que ficasse como um mendigo na porta.

— Não como um mendigo — disse Aragorn. — Diga como um capitão dos guardiões, que não estão acostumados a cidades e casas de pedra. — Ordenou então que sua bandeira fosse recolhida, e retirou a Estrela do Reino do Norte, deixando-a aos cuidados dos filhos de Elrond.

Então o Príncipe Imrahil e Éomer de Rohan o deixaram, atravessando a Cidade e o tumulto do povo, subindo para a Cidadela; chegaram ao Salão da Torre, procurando o Regente. Mas encontraram vazia a sua cadeira, e diante do estrado jazia em câmara ardente Théoden, Senhor da Terra dos Cavaleiros; doze tochas erguiam-se ao redor de seu corpo, e doze homens o guardavam, cavaleiros de Rohan e de Gondor. Os ornamentos do leito de morte eram verdes e brancos, mas o rei fora coberto até o peito

com um grande tecido dourado, sobre o qual repousava a espada desembainhada, e aos pés estava o escudo. A luz das tochas reluzia em seus cabelos brancos como o sol contra o jato de uma fonte, mas o rosto era belo e jovem; apesar disso, expressava uma paz além do alcance da juventude; o rei parecia estar dormindo.

Após terem ficado em silêncio por um tempo ao lado dele, Imrahil disse:

— Onde está o Regente? E onde está Mithrandir"?

Um dos guardas respondeu:

— O Regente de Gondor está nas Casas de Cura.

Mas Éomer disse:

— Onde está a Senhora Éowyn, minha irmã? Certamente deveria estar deitada ao lado do rei, merecendo as mesmas honras. Onde a puseram?

E Imrahil disse:

— Mas a Senhora Éowyn ainda estava viva quando a trouxeram para cá. Você não sabia?

Um alento inesperado chegou tão de repente ao coração de Éomer, e com ele a fisgada da preocupação e do medo renovados, que ele não disse mais nada, e deixou apressado o salão. O Príncipe o seguiu. Quando saíram, a noite já caíra e viam-se muitas estrelas no céu. E lá vinha Gandalf a pé, acompanhado de alguém envolto numa capa cinzenta; encontraram-se diante das portas das Casas de Cura.

Saudaram Gandalf e disseram:

— Estamos á procura do Regente, e disseram que ele está nesta Casa. Ele está ferido? E a Senhora Éowyn, onde está ela?

Gandalf respondeu:

— Ela está lá dentro e ainda está viva, mas ás portas da morte. Mas o Senhor Faramir foi ferido por uma flecha maligna, como ouviram falar, e ele agora é o Regente; Denethor partiu, e de sua casa só restam cinzas.

— Os dois se encheram de surpresa e dor ao ouvir tal relato.

Mas Imrahil disse:

— Então a vitória carece de alegria, e pagamos por ela um preço amargo, se num só dia Gondor e Rohan ficaram privadas de seus senhores. Éomer governa os rohirrim. Quem deverá governar a Cidade enquanto isso? Não devemos agora mandar chamar o Senhor Aragorn?

O homem coberto com a capa disse:

— Ele já chegou. — Então os outros perceberam, no momento em que ele se

aproximou da luz da lamparina perto da porta, que se tratava de Aragorn, envolto na capa cinzenta de Lórien que cobria sua armadura, trazendo como insígnia apenas a pedra verde de Galadriel. –Vim porque Gandalf me pediu — disse ele. — Mas por enquanto sou apenas o Capitão dos Dúnedain de Amor; e o Senhor de Doí Amroth deverá governar a Cidade até que Faramir desperte. Mas tenho a opinião de que Gandalf deveria nos governar a todos nos dias que se seguirem em nossas negociações com o inimigo.

— Todos concordaram com isso.

Então Gandalf disse:

— Não fiquemos parados aqui na porta, pois o tempo urge. Vamos entrar! Pois só com a chegada de Aragorn haverá esperança para os enfermos que jazem na Casa. Pois assim falou Ioreth, mulher sábia de Gondor: As mãos do rei são as mãos de um curador, e dessa forma o verdadeiro rei será conhecido.

Aragorn entrou primeiro e os outros o seguiram. À porta estavam dois guardas, vestidos com o uniforme da Cidadela: um era alto, mas o outro mal atingia a altura de um menino; este último, quando os viu, gritou de alegria e surpresa.

— Passolargo! Esplêndido! Sabe, achei que era você nos navios negros. Mas estavam todos gritando corsários, e não quiseram me ouvir. Como fez aquilo?

Aragorn riu e segurou a mão do hobbit.

— É realmente bom encontrá-lo! — disse ele. — Mas ainda não é hora de contar histórias de viajantes.

Mas Imrahil disse a Éomer:

— É assim que dirigimos a palavra a nossos reis? Mas talvez ele assuma a corôa sob um outro nome!

E Aragorn, ouvindo aquilo, voltou-se e disse: — Realmente, pois na língua nobre de antigamente sou Elessar, a Pedra Élfica, e Envinyatar, o Renovador: — ergueu então a pedra que repousava sobre o peito. — Mas "Passolargo" será o nome de minha casa, se esta vier a se estabelecer. Na língua nobre, o nome não soará tão mal, e serei Telcontar, assim como todos os herdeiros de meu corpo.

Com isso entraram na Casa e, enquanto iam em direção aos quartos onde os enfermos estavam sendo cuidados, Gandalf contou os feitos de Éowyn e Meriadoc. — Pois — disse ele — fiquei um longo tempo ao lado deles, e no inicio falavam muito em seus sonhos, antes de mergulharem na escuridão mortal. Além disso, foi-me concedido o poder de ver muitas coisas distantes.

Aragorn foi primeiro ver Faramir, depois a Senhora Éowyn e por último Merry.

Após olhar os rostos dos enfermos e examinar seus ferimentos, suspirou.

— Aqui devo exercer todo o poder e a habilidade que me foram concedidos – disse ele. — Como queria que Elrond estivesse conosco, pois ele é o mais velho de nossa raça, e possui os maiores poderes.

E Éomer, vendo como ele estava infeliz e cansado, disse:

— Primeiro precisa descansar, com certeza, e no mínimo comer alguma coisa.

Mas Aragorn respondeu:

— Não, pois para estas três pessoas, principalmente para Faramir, o tempo está se esgotando. Precisamos de toda a rapidez.

Então chamou Ioreth e disse:

— Há nesta Casa algum estoque das ervas de cura?

— Sim, senhor — respondeu ela —; mas acho que não temos o suficiente para todos os que necessitam. Mas não tenho idéia de onde poderemos encontrar mais; falta tudo nestes dias terríveis, por causa dos fogos e incêndios, do reduzido número de meninos mensageiros, e das estradas bloqueadas. Já faz dias sem conta que um transportador que um transportador veio de Lossarnach com provisões! Mas fazemos o possível nesta Casa com o que possuímos, como tenho certeza que Vossa Senhoria verá.

— Julgarei quando vir — disse Aragorn. — Uma coisa também está escassa, tempo para conversas. Você tem athelas?

— Essa eu não conheço, senhor — respondeu ela —, pelo menos não por esse nome. Vou perguntar ao nosso mestre-de-ervas; ele conhece todos os nomes antigos.

— Também é chamada folha-do-rei — disse Aragorn —; talvez você a conheça por esse nome, pois assim as pessoas do campo a chamam nestes últimos tempos.

— Ah, essa! — disse Ioreth. — Bem, se Vossa Senhoria tivesse mencionado esse nome primeiro, eu poderia ter-lhe dito antes. Não, não temos nem um pouco, com certeza. Ora, nunca ouvi dizer que essa erva tivesse grandes poderes de cura; na verdade disse várias vezes a minhas irmãs quando a encontrávamos na floresta: "Folha-do-rei", dizia eu, "nome esquisito, e fico pensando o motivo desse nome; pois, se eu fosse um rei, teria plantas mais belas em meu jardim." Mas ela exala um cheiro doce quando é esmagada, não é mesmo? Se "doce" for a palavra certa: talvez seja mais correto dizer "saudável".

— Realmente saudável — disse Aragorn. — E agora, dama, se você ama o Senhor Faramir, vá com a mesma agilidade de sua língua e me traga folha-do-rei, nem

que haja uma só folha na Cidade.

— E se não houver — disse Gandalf — vou a Lossarnach a cavalo com Ioreth na garupa, e ela me levará até a floresta, mas não até as irmãs dela. E Scadufax poderá ensinar-lhe o que significa pressa.

Depois que Ioreth partiu, Aragorn pediu que as outras mulheres providenciassem água quente. Então tomou a mão de Faramir nas suas, e pousou a outra mão na fronte do enfermo. Estava molhada de suor, mas Faramir não se moveu nem fez qualquer sinal; mal parecia estar respirando.

— Ele está quase morto — disse Aragorn voltando-se para Gandalf. — Mas não é por causa do ferimento. Veja! Está cicatrizando. Se Faramir tivesse sido golpeado por algum dardo dos nazgúl, como você pensou, teria morrido na mesma noite. Esse ferimento foi feito por alguma flecha dos sulistas, suponho eu. Quem a retirou? Ela foi guardada?

— Eu a retirei — disse Imrahil — e estanquei o sangue. Mas não guardei a flecha, pois tínhamos muito a fazer. Pelo que recordo, era um dardo do tipo usado pelos sulistas. Mas achei que tinha vindo das Sombras do alto, pois caso contrário não haveria como entender a doença e a febre, já que o ferimento não foi profundo nem mortal. Como então interpreta o fato?

— Cansaço, tristeza pela disposição do pai, um ferimento, e acima de tudo o Hálito Negro — disse Aragorn. — Faramir é um homem de vontade firme, pois já chegara perto da Sombra antes mesmo de partir para a batalha nas muralhas externas. A escuridão deve ter-se apossado lentamente dele, no momento em que lutava e se esforçava para proteger seu posto avançado. Ah, se eu pudesse ter chegado aqui mais cedo!

Logo em seguida entrou o mestre-de-ervas.

— Vossa Senhoria solicitou a folha-do-rei, como os rústicos a chamam — disse ele —, ou athelas na língua nobre, ou ainda para aqueles que conhecem um pouco da língua de Valinor...

— Eu a conheço — disse Aragorn —; e não quero saber se você a chama de aséaaranion ou folha-do-rei, contanto que tenha um pouco.

— Desculpe-me, senhor! disse o homem. — Percebo que é um mestre na tradição, e não simplesmente um capitão de guerra. Mas lamento, senhor, nós não guardamos essa coisa nas Casas de Cura, onde cuidamos apenas dos que estão gravemente enfermos ou feridos. Pois essa erva não possui nenhum poder que

conheçamos, talvez apenas o de suavizar um ar pestilento, ou afastar alguma aflição passageira. A não ser, é claro, que se dê importância às rimas de dias antigos, que as mulheres como nossa boa Ioreth ainda repetem sem entender:

*Quando o sopro negro desce*
*e a sombra da morte cresce*
*e toda a luz se desfaz,*
*vem athelas! vem athelas!*
*Vida dos que morrendo estão,*
*Que o rei detém em sua mão.*

Não passam de antigos versos mal feitos, receio eu, deturpados na memória das mulheres velhas. O significado, se realmente existir algum, deixo para que o senhor o julgue. Mas as pessoas velhas ainda usam uma infusão da erva contra dores de cabeça.

— Então, em nome do rei, vá procurar algum velho de menos tradição e mais sabedoria, que tenha um pouco da erva em sua casa! — gritou Gandalf

Agora Aragorn estava de joelhos ao lado de Faramir, com uma mão sobre sua fronte. Os que observavam sentiam que alguma grande luta estava acontecendo. Pois o rosto de Aragorn ficou cinzento de tanto cansaço; de vez em quando, chamava o nome de Faramir, mas sua voz saia cada vez mais fraca, como se o próprio Aragorn estivesse longe dali, vagando em algum vale escuro e distante, chamando alguém que tivesse perdido.

E finalmente Bergil entrou correndo, trazendo seis folhas num pano.

— É folha-do-rei, Senhor — disse ele mas receio que não esteja fresca. Deve ter sido colhida no mínimo há duas semanas. Espero que sirva, Senhor.

Então, olhando para Faramir, o menino rompeu em lágrimas.

Mas Aragorn sorriu.

— Vai servir — disse ele. — Agora o pior já passou. Fique e tranquilize-se! — Então, pegando duas folhas, colocou-as nas mãos e soprou nelas, amassando-as em seguida; imediatamente um frescor de vida encheu o quarto, como se o próprio ar tivesse despertado e estremecido, faiscando de alegria. Depois Aragorn jogou as folhas nas tigelas de água fumegante que lhe foram trazidas, e na mesma hora todos os corações ficaram mais leves. A fragrância que atingiu cada um era como uma lembrança de manhãs orvalhadas, de sol sem sombras, em alguma ter a cujo próprio mundo de beleza

primaveril é apenas uma memória fugidia. Aragorn se levantou reconfortado, e seus olhos sorriram no momento em que aproximou a tigela do rosto dormente de Faramir.

— Veja só! Você acreditaria nisto? — disse Ioreth a uma mulher que estava ao seu lado. — A erva é melhor do que eu pensava. Faz-me lembrar das rosas de Imloth Melui, quando eu era uma menina, e nenhum rei poderia exigir erva melhor.

De repente Faramir se mexeu, e abriu os olhos, fitando Aragorn que se debruçava sobre ele; uma luz de consciência e amor se acendeu em seu olhar, e ele falou numa voz baixa.

— O Senhor me chamou. Estou aqui. Qual é a ordem do rei?

— Deixe de caminhar nas sombras, e desperte! – disse Aragorn. — Você está exausto. Descanse um pouco e coma alguma coisa; esteja pronto quando eu retornar.

— Farei isso, senhor — disse Faramir. — Pois quem ficaria deitado sem fazer nada quando o rei está de volta?

— Então até logo! — disse Aragorn. — Devo ver outros que precisam de mim. — Deixou então o quarto com Gandalf e Imrahil; mas Beregond e o filho ficaram, incapazes de conter a alegria que sentiam. Indo atrás de Gandalf e fechando a porta, Pippin ouviu Ioreth exclamar:

— Rei! Você ouviu isso? Que foi que eu disse? As mãos de um curador, foi isso que eu disse. — E logo da Casa propagou-se a noticia de que o rei verdadeiramente estava entre eles, e depois da guerra trouxera a cura, e as novas se espalharam pela Cidade.

Mas Aragorn aproximou-se de Éowyn e disse:

— Temos aqui um ferimento grave; foi um golpe forte. O braço quebrado foi cuidado com a devida habilidade, e vai se recuperar com o tempo, se ela tiver forças para viver. É o braço do escudo que foi ferido, mas o maior mal está no braço da espada. Parece não haver vida nele, apesar de estar inteiro.

— É lamentável! Ela enfrentou um inimigo acima das forças de sua mente e corpo. E aqueles que erguem uma arma contra tal inimigo devem ser mais inflexíveis que o aço, para que o próprio choque não os destrua. Foi um destino cruel que a colocou nesse caminho. Pois é uma linda donzela, a mais bela senhora de uma casa de rainhas. Apesar disso, não sei como devo falar dela. A primeira vez que a vi, percebi sua infelicidade; pareceu-me uma flor branca erguendo — se ereta e altiva, esbelta como um lírio, e mesmo assim sabia que era rígida, como se esculpida em aço por artesãos élficos. Ou será que uma geada havia transformado sua seiva em gelo, e assim ela se erguia,

doce e amarga, ainda bela de se olhar, mas ferida, prestes a cair e morrer? A doença de Éowyn começou muito antes deste dia, não é, Éomer?

— Surpreende-me que me pergunte isso, senhor — respondeu ele. — Pois considero-o sem culpa nesse assunto, e em tudo mais; apesar disso, não sabia que Éowyn, minha irmã, havia sido tocada por qualquer geada até a primeira vez em que o viu. Ela sentia medo e preocupação, e os partilhava comigo. Nos dias de Língua de Cobra, quando o rei estava enfeitiçado; cuidava do rei com uma preocupação crescente. Mas isso não a trouxe para este caminho!

— Meu amigo! — disse Gandalf —, você tinha cavalos, e ação armada, e campos livres; mas ela, nascida com o corpo de uma donzela, tinha um espírito e uma coragem no mínimo à altura dos seus. Apesar disso, estava fadada a servir a um velho, a quem amava como a um pai, e a observá-lo cair numa senilidade desonrosa e miserável; seu papel lhe parecia mais ignóbil do que o do bastão no qual ele se apoiava.

— Você acha que Língua de Cobra envenenava apenas os ouvidos de Théoden? Velho caduco! O que é a casa de Eorl a não ser um estábulo com teto de palha, onde os bandidos bebem em meio ao mau cheiro, e seus fedelhos rolam pelo chão junto com os cachorros? Nunca ouviu essas palavras antes? Quem as disse foi Saruman, o professor de Língua de Cobra. Mas não duvido que Língua de Cobra, em casa, tenha adornado seu significado com termos mais astuciosos. Meu senhor, se o amor que sua irmã lhe devotava, juntamente com sua determinação em cumprir seu dever, não lhe tivessem cerrado os lábios, você até poderia ter ouvido palavras semelhantes a essas escapando deles. Mas quem pode saber o que ela falava para a escuridão, sozinha, nas amargas vigílias noturnas, quando toda a sua vida parecia estar se contraindo, e as paredes de seu aposento se fechando à sua volta, uma gaiola para trancafiar algum ser selvagem?

Éomer ficou então em silêncio, olhando para a irmã, como se ponderasse outra vez todos os dias de sua vida que passara junto a ela. Mas Aragorn disse:

— Eu também vi o que você viu, Éomer. Dentre todos os acasos cruéis deste mundo, poucas tristezas trariam mais amargura e vergonha para o coração de um homem do que observar o amor de uma senhora tão bela e corajosa que não pode ser correspondido. A tristeza e a pena me seguiram desde que a deixei, desesperada, no Templo da Colina e cavalguei para as Sendas dos Mortos, e nenhum temor esteve tão presente naquele caminho quanto o que eu sentia pelo que poderia acontecer a ela. Mesmo assim, Éomer, digo-lhe que ela o ama mais verdadeiramente do que a mim; pois você ela ama e conhece; mas em mim ela ama apenas uma sombra e um pensamento:

uma esperança de glória e grandes feitos, e de terras distantes dos campos de Rohan.

— Talvez eu tenha o poder de curar-lhe o corpo, e de resgatá-la do vale escuro. Mas para o que ela despertará: para a esperança, para o esquecimento ou para o desespero, não posso saber. Se for para o desespero, então morrerá, a não ser que lhe apareça uma outra cura que não posso trazer. Lamento, pois seus feitos a colocaram entre as rainhas de grande renome.

Então Aragorn abaixou-se e olhou no rosto de Éowyn, que realmente estava branco como um lírio, frio como a geada, e rígido como se esculpido em pedra. Mas ele se inclinou e a beijou na testa, e a chamou suavemente, dizendo:

— Éowyn, filha de Éomund, desperte! Seu inimigo foi-se embora!

Ela não se mexeu, mas agora começava outra vez a respirar fundo, de modo que seu peito subia e descia sob o linho branco do lençol. Mais uma vez Aragorn esmagou duas folhas de athelas e as jogou na água fumegante; banhou então a testa da enferma com a infusão, como também o braço esquerdo, gelado e imóvel sobre a coberta.

Então, talvez porque Aragorn tivesse realmente algum esquecido poder do Ponente, talvez pelo efeito causado pelas palavras ditas sobre a Senhora Éowyn, todos os circunstantes tiveram a impressão de que, á medida que a doce influência da erva se espalhava pelo quarto, um vento penetrante soprava através da janela, sem trazer fragrância alguma, mas era um ar inteiramente fresco, limpo e jovem, como se nunca tivesse sido inspirado por qualquer criatura viva, e tivesse acabado de sair diretamente de montanhas cheias de neve, altas sob uma abóbada de estrelas, ou de praias de prata distantes, banhadas por mares de espuma.

— Desperte, Éowyn, Senhora de Rohan! — disse Aragorn de novo, tomando-lhe a mão direita com a sua e sentindo-a quente, voltando á vida. — Desperte! A sombra se foi e estamos livres da escuridão! – Depois pousou a mão da Senhora na de Éomer e deixou o quarto. — Chame-a! – disse ele e saiu do quarto em silêncio.

— Éowyn, Éowyn! — chamou Éomer em meio às lágrimas.

Mas ela abriu os olhos e disse:

— Éomer! Que ventura é esta? Pois disseram que estava morto. Mas não, essas foram apenas as vozes escuras no meu sonho. Quanto tempo fiquei sonhando?

— Não muito tempo, minha irmã — disse Éomer. — Mas não pense mais nisso!

— Estou sentindo um cansaço estranho — disse ela. – Preciso descansar um pouco. Mas, diga-me, o que aconteceu com o Senhor da Terra dos Cavaleiros? Ai de mim! Não me diga que foi um sonho, pois sei que não foi. Ele está morto como havia

previsto.

— Ele está morto disse Éomer —, mas me pediu que em seu nome dissesse adeus a Éowyn, a quem queria mais que a uma filha. Jaz agora com grandes honras na Cidadela de Gondor.

— Isso é triste — disse ela. — No entanto, é melhor que tudo o que ousei esperar nos dias escuros, quando parecia que a Casa de Eorl tinha caído em desonra, atingindo um nível inferior ao da choupana de um pastor. E o escudeiro do rei, o Pequeno? Éomer, você deve nomeá-lo cavaleiro da Terra dos Cavaleiros, pois ele é valoroso.

— Ele repousa nesta Casa, aqui perto, e eu vou vê-lo — disse Gandalf — Éomer ficará aqui por um tempo. Mas ainda não falem de guerra ou inimigo, até que você se recupere completamente. É uma grande alegria vê-la despertar outra vez para a saúde e a esperança, você que é uma senhora tão corajosa.

— Para a saúde? disse Éowyn. — Pode ser que sim. Pelo menos enquanto houver a sela vazia de algum Cavaleiro caído que eu possa ocupar, e feitos a cumprir. Mas para a esperança? Não sei.

Gandalf e Pippin foram para o quarto de Merry, onde encontraram Aragorn em pé ao lado do leito. Pobre Merry! — exclamou Pippin, correndo para perto do amigo, pois teve a impressão de que ele estava pior, com um tom cinzento no rosto, como se um peso de anos de tristeza o oprimisse; de súbito foi tomado por um medo de que Merry pudesse morrer.

— Não tenha medo — disse Aragorn. Cheguei a tempo, e chamei-o de volta. Agora está cansado, e triste, além de ter sofrido um ferimento como o da Senhora Éowyn, quando ousou atacar aquela criatura mortal. Mas esses males podem ser reparados, num espírito tão forte e alegre como o dele. Não poderá se esquecer de sua tristeza, porém esse sentimento não vai escurecer o coração dele, mas trazer-lhe sabedoria.

Então Aragorn colocou a mão na cabeça de Merry e, acariciando suavemente os cachos castanhos, tocou as pálpebras. chamando-o pelo nome.

E quando a fragrância de athelas se espalhou pelo quarto, como o aroma de pomares e de urzais ao sol, cheios de abelhas, de repente Merry acordou e disse:

— Estou com fome. Que horas são?

— Já passou da hora da ceia — disse Pippin —; mas arrisco dizer que poderia lhe trazer alguma coisa, se me permitirem.

— Com certeza permitirão — disse Gandalf. — E qualquer outra coisa que este

Cavaleiro de Rohan possa desejar, se puder ser encontrada em Minas Tirith, onde seu nome se cobre de honra.

— Bom! — disse Merry. — Então vou querer uma ceia primeiro, e depois disso um cachimbo. — Ao dizer isso, seu rosto ficou consternado. — Não, cachimbo não. Acho que nunca vou fumar outra vez.

— Por que não? — disse Pippin.

— Bem — respondeu Merry devagar. Ele está morto. Tudo voltou à minha memória. Disse que sentia muito por nunca mais poder ter uma chance de conversar sobre a tradição das ervas comigo. Praticamente a última coisa que disse. Nunca mais conseguirei fumar de novo sem pensar nele e naquele dia, Pippin, quando ele cavalgava para Isengard e foi tão delicado.

— Então, fume, e pense nele! — disse Aragorn. — Pois ele era um coração gentil e um grande rei, que cumpria seus juramentos; saiu das sombras para uma bela manhã derradeira. Embora o tempo em que o serviu tenha sido tão breve, deveria ser uma lembrança alegre e honrosa até o fim de seus dias.

Merry sorriu.

— Então está bem disse ele. Se Passolargo providenciar o necessário, vou fumar e pensar. Eu tinha um pouco do melhor fumo de Saruman em minha mochila, mas o que foi feito dela na batalha, com certeza eu não sei.

— Mestre Meriadoc — disse Aragorn —, se você acha que eu atravessei montanhas e o reino de Gondor, com fogo e espada, para trazer fumo para um soldado descuidado que joga fora seus pertences, está muito enganado. Se sua mochila não for encontrada, então você deve mandar chamar o mestre de ervas desta Casa. E ele vai lhe dizer que não sabia que a erva que você deseja tinha algum poder, mas que ela é vulgarmente chamada de erva-do-homem-do-oeste, enquanto os nobres a chamam de galenas; vai também dizer outros nomes em outras línguas mais eruditas, e depois de acrescentar algumas rimas semi-esquecidas lamentará informar que não existe dessa erva na Casa, e o deixará refletindo sobre a história das línguas.

E é isso que preciso fazer agora. Pois não durmo num leito como este desde que parti do Templo da Colina, e também não comi nada desde a escuridão antes da aurora.

Merry apertou-lhe a mão e a beijou.

— Lamento terrivelmente — disse ele. — Vá agora mesmo! Desde aquela noite em Bri, temos sido um incômodo para você. Mas é o costume de meu povo usar palavras leves em tempos como estes, dizendo menos do que sentimos. Tememos revelar demais.

Quando uma brincadeira é fora de hora, faltam-nos as palavras corretas.

Sei muito bem disso, ou não lidaria com você como faço – disse Aragorn. — Que o Condado possa viver para sempre incólume! — Beijando Merry, saiu, acompanhado por Gandalf.

Pippin ficou no quarto. — Nunca houve uma pessoa como ele – disse o hobbit. — Com a exceção de Gandalf, é claro. Acho que os dois são aparentados. Meu querido asno, sua mochila está ao lado da cama, e você a trazia nas costas quando o encontrei. Ele sabia disso o tempo todo, obviamente. E, de qualquer forma, tenho um pouco do meu. Vamos lá! É Folha do Vale Comprido. Encha o cachimbo enquanto eu vou correndo buscar alguma comida. E vamos relaxar um pouco. Puxa! Nós, os Túks e Brandebuques, não conseguimos viver muito tempo nos lugares altos.

— Não mesmo — disse Merry. — Eu não consigo, pelo menos ainda não. Mas no mínimo, Pippin, agora podemos vê-los e honrá-los. Acho que primeiro é melhor amar aquilo que temos condições de amar: deve-se começar em algum lugar e criar algumas raízes, e o solo do Condado é profundo. Mas ainda há coisas mais profundas e mais altas, e nenhum feitor conseguiria cuidar de seu jardim no que ele chama de paz se não fosse por elas, quer ele as conheça ou não. Fico feliz em saber sobre elas, saber um pouco. Mas não sei por que estou falando desse jeito. Onde está o fumo? E pegue o cachimbo em minha mochila, se ele não estiver quebrado.

Às portas das Casas muitos já se juntavam para ver Aragorn, e o seguiram; quando finalmente ele terminou de cear, vieram homens rogando-lhe que curasse seus parentes ou amigos da Sombra Negra. Aragorn levantou-se e saiu ; mandou chamar os filhos de Elrond, e juntos trabalharam até tarde da noite. E o rumor se espalhou pela Cidade: "O Rei realmente voltou outra vez." Chamaram-no de Pedra Élfica, por causa da pedra verde que usava; e assim o nome que ao seu nascimento previram que usaria foi escolhido para ele pelo seu próprio povo.

Quando não conseguia mais trabalhar, cobriu-se com a capa e saiu sorrateiramente da Cidade, indo para sua tenda um pouco antes da aurora, para dormir um pouco. E pela manhã a bandeira de Doí Amroth, um navio branco em forma de cisne sobre águas azuis, esvoaçava no alto da Torre, e os homens erguiam os olhos e imaginavam se a chegada do Rei não passara de um sonho.

Aragorn e Gandalf foram até o Diretor das Casas de Cura e lhe disseram que Faramir e Éowyn deveriam permanecer internados e ainda inspirariam atenção por muitos dias.

— A Senhora Éowyn — disse Aragorn — logo vai querer levantar-se e partir, mas não deve permitir que faça isso, se puder impedi-la de alguma maneira, até que pelo menos dez dias tenham se passado.

— Quanto a Faramir — disse Gandalf —, logo deverá saber que seu pai está morto. Mas a história completa sobre a loucura de Denethor não deverá chegar-lhe aos ouvidos, até que esteja bem curado e tenha tarefas a desempenhar. Cuide para que Beregond e o perian que presenciaram a cena não comentem tais coisas com ele por enquanto!

— E o outro perian, Meriadoc, que está sob meus cuidados, que me dizem dele? — perguntou o Diretor.

— É provável que amanhã esteja bom para se levantar, por um tempo curto disse Aragorn. — Permita que o faça, se ele assim quiser. Pode caminhar um pouco sob os cuidados dos amigos.

— São uma raça notável — disse o Diretor, balançando a cabeça. — De fibra muito forte, julgo eu.

## CAPÍTULO IX
## O ÚLTIMO DEBATE

Chegou a manhã após o dia de batalha, uma manhã bela com leves nuvens e o vento se virando para o oeste. Legolas e Gimli sairam logo cedo, e pediram permissão para subirem até a Cidade, pois estavam ansiosos para ver Merry e Pippin.

— É bom saber que ainda estão vivos — disse Gimli —, pois nos custaram muito sofrimento em nossa marcha através de Rohan, e eu não gostaria que todo esse sofrimento fosse desperdiçado.

Juntos, elfo e anão entraram em Minas Tirith, e as pessoas que passavam por eles se assombravam ao verem tais companheiros, pois Legolas tinha no rosto uma beleza que ultrapassava a medida dos homens, e cantava uma canção élfica com voz clara ao caminhar pela manhã; mas Gimli vinha atrás dele andando empertigado, cofiando a barba e fitando tudo ao redor.

— Há um bom trabalho feito em pedra aqui — disse ele, olhando para as

muralhas —; mas também há trabalhos piores, e as ruas podiam ter sido mais bem planejadas. Quando Aragorn assumir seu posto, vou lhe oferecer o serviço dos artesãos da Montanha, e vamos fazer desta uma cidade de que se possa sentir orgulho.

— Eles precisam de mais jardins — disse Legolas. – As casas não têm vida, e aqui há pouquíssima coisa que cresce e alegra. Se Aragorn assumir seu posto, o povo da Floresta lhe trará pássaros que cantam e árvores que não morrem.

Finalmente chegaram á presença do Príncipe Imrahil; Legolas, olhando para ele, fez uma grande reverência, pois viu que realmente ele tinha nas veias o sangue dos elfos.

— Salve, senhor! — disse ele. Já faz muito tempo que o povo de Nimrodel deixou as florestas de Lórien, e mesmo assim ainda se pode ver que nem todos partiram do porto de Amroth, navegando para o oeste.

— Assim conta a tradição de minha terra — disse o Príncipe —; mas há anos sem conta não se vê aqui alguém do belo povo. E fico maravilhado em deparar com um deles aqui agora, em meio à tristeza e á guerra. O que procura?

— Sou um dos Nove Companheiros que partiram com Mithrandir de Imíadris — disse Legolas —; e com este anão, meu amigo, vim com o Senhor Aragorn. Mas agora desejamos ver nossos amigos, Meriadoc e Peregrin, que estão sob sua proteção, pelo que ouvimos falar.

— Vão encontrá-los nas Casas de Cura, e vou levá-los até lá — disse

— Basta que peça para alguém nos guiar, senhor— disse Legolas. — Pois Aragorn lhe envia esta mensagem: no momento, ele não deseja entrar outra vez na Cidade. Mas é preciso que os capitães se reúnam imediatamente, e ele pede que o senhor e Éomer de Rohan desçam até suas tendas o mais cedo possível. Mithrandir já está lá.

— Nós iremos — disse Imrahil; despediram-se com palavras corteses.

— Aí está um belo senhor e um grande capitão de homens — disse Legolas. — Se Gondor ainda tem homens assim atualmente, na sua decadência, grande deve ter sido sua glória nos dias de ascensão.

— E sem dúvida o trabalho em pedra que é de boa qualidade é o mais antigo, e foi feito na primeira construção — disse Gimli. — É sempre assim com as coisas que os homens começam; há uma geada na primavera, ou uma praga no verão, e suas promessas fracassam.

— Mas raramente fracassa sua semente — disse Legolas. — Esta fica na poeira e na ruína, para germinar de novo em tempos e lugares inesperados. Os feitos dos

homens sobreviverão a nós, Gimli. — Apesar disso, na minha opinião, no fim não sobra nada além do que "poderia ter sido" — disse o Anão.

— Para isso os elfos não têm a resposta — disse Legolas.

Nessa hora o servidor do Príncipe veio e os conduziu até as Casas de Cura; lá viram seus amigos no jardim, e foi um feliz encontro. Por um tempo, caminharam e conversaram, regozijando-se durante um breve lapso de paz e descanso matinal, lá em cima, nos círculos da Cidade batidos pelo vento. Então, quando Merry ficou cansado, foram se sentar sobre a muralha, diante do gramado das Casas de Cura; mais distante ao sul, à frente deles, o Anduin brilhava ao sol, correndo para longe, fora do alcance da visão até mesmo de Legolas, entrando nas amplas planícies e na névoa verde de Lebennin e Ithilien do Sul.

Legolas estava agora em silêncio, enquanto os outros continuavam a conversar. Olhava contra o sol, vendo os brancos pássaros marítimos subindo o Rio.

— Olhem! — gritou ele. — Gaivotas! Estão avançando para a terra. São uma maravilha para os meus olhos, e um distúrbio para meu coração. Nunca as tinha visto em toda a minha vida até chegarmos a Pelargir, e lá as ouvi gritando no ar quando cavalgamos para a batalha dos navios. Então fiquei quieto, esquecendo-me da guerra na Terra-média, pois suas vozes dolentes falavam-me do Mar. O Mar! Ai de mim! Nunca o contemplei ainda. Mas no fundo dos corações de todo o meu povo existe uma saudade do Mar que é perigoso despertar. Ai, as gaivotas! Nunca terei paz outra vez, sob a faia ou sob o olmo.

— Não fale isso! — disse Gimli. — Ainda existem inúmeras coisas para se ver na Terra-média, e grandes trabalhos a fazer. Mas, se todo o belo povo for para os Portos, o mundo será mais monótono para aqueles fadados a ficar.

— Monótono e terrível, realmente! — disse Merry. — Não deve ir para os portos, Legolas. Sempre haverá pessoas, grandes ou pequenas, e até mesmo alguns anões sábios como Gimli, que precisam de você. Pelo menos espero que seja assim. Embora sinta de alguma forma que o pior desta guerra ainda está por vir. Como gostaria que estivesse tudo acabado, e bem acabado!

— Não seja tão melancólico! — exclamou Pippin. — O sol está brilhando, e aqui estamos nós juntos, pelo menos por um ou dois dias. Quero ouvir mais sobre todos vocês. Vamos lá, Gimli! Você e Legolas já mencionaram sua estranha viagem com Passolargo cerca de umas doze vezes esta manhã. Mas não me contaram nada sobre ela.

— O sol pode brilhar aqui — disse Gimli —, mas hà lembranças daquela estrada que não quero evocar da escuridão. Se soubesse o que me esperava, acho que por amizade alguma teria caminhado nas Sendas dos Mortos.

— As Sendas dos Mortos? — disse Pippin. — Ouvi Aragorn dizer esse nome, e fiquei pensando o que poderia significar. Não vai nos contar mais um pouco?

— Não de bom grado — disse Gimli. — Pois naquela estrada fui exposto à vergonha: Gimli, filho de Glóin, que se considerara mais corajoso que os homens, e mais resistente sob a terra que qualquer elfo. Mas não me saí nem uma coisa nem outra, e só continuei na estrada por causa da vontade de Aragorn.

— E também pelo amor que sente por ele — disse Legolas. – Pois todos aqueles que vêm a conhecê-lo acabam amando-o á sua própria maneira, até mesmo a donzela fria dos rohirrim. Foi no início da manhã anterior ao dia em que você chegou lá, Merry, que nós partimos do Templo da Colina, e todo o povo estava dominado por tamanho medo que ninguém assistiu à nossa partida, exceto a Senhora Éowyn, que agora está ferida na Casa lá embaixo. Houve tristeza na despedida, e eu fiquei pesaroso ao assistir à cena.

— Ai de mim! Só tinha pensamentos para minha própria pessoa — disse Gimli. — Não! Não vou falar daquela viagem!

Ficou em silêncio, mas Pippin e Merry estavam tão ávidos por noticias que finalmente Legolas disse:

— Vou contar-lhes o suficiente para que fiquem em paz, pois eu não senti o terror, e não temi as sombras dos homens, que considerei frágeis e desprovidas de poder.

Rapidamente o elfo contou sobre a estrada assombrada sob as montanhas, e sobre o obscuro encontro em Erech, e a grande cavalgada que partiu de lá, noventa e três léguas, até Pelargir sobre o Anduin.

— Quatro dias e quatro noites, mais o inicio de um quinto dia, cavalgamos partindo da Pedra Negra — disse ele. — E eis que na escuridão de Mordor minha esperança aumentou, pois então o exercito de Sauron tem ficado mais forte e mais terrível de se olhar. Alguns eu vi cavalgando, alguns andando a passo largo, mas todos se movendo na mesma grande velocidade. Eram silenciosos, mas tinham um brilho nos olhos. Nas terras altas de Lamedon alcançaram nossos cavalos, espalharam-se à nossa volta e nos teriam ultrapassado, se Aragorn não os tivesse proibido. — A uma ordem sua recuaram. "Até mesmo as sombras dos homens são obedientes à vontade dele", pensei eu. "Elas ainda lhe podem ser úteis!"Cavalgamos num dia de luz, e então veio a manhã

sem aurora, e ainda continuamos avançando, cruzando Ciril e Ringló; no terceiro dia chegamos a Linhir, sobre a foz do Gilrain. E lá os homens de Lamedon disputavam os vaus com o povo cruel de Umbar e Harad, que tinha subido o rio navegando. Mas tanto os defensores como os inimigos desistiram da batalha e fugiram quando chegamos, gritando que o Rei dos Mortos os estava atacando. Apenas Angbor, Senhor de Lamedon, teve a coragem de nos esperar; Aragorn então pediu que ele reunisse seu povo e nos seguisse, se eles ousassem, depois que o Exército Cinzento tivesse passado. — "Em Pelargir o Herdeiro de Isildur precisará de você", disse ele. — Assim atravessamos o Gilrain, fazendo com que os aliados de Mordor fugissem em debandada à nossa frente; depois descansamos um pouco. Mas logo Aragorn levantou-se, dizendo: "Vejam, Minas Tirith já está sendo atacada. Receio que caia antes que cheguemos em seu socorro." Assim montamos de novo antes que a noite tivesse passado e avançamos sobre a planície de Lebennin com toda a velocidade que nossos cavalos puderam suportar.

Legolas fez uma pausa e suspirou; voltando os olhos para o sul, cantou em voz baixa:

*Em prata fluem os rios de Celos até Erui*
*Nos verdes campos de Lebennin!*
*Lá a grama cresce alta. Ao vento que vem do mar*
*Os brancos lírios dançam,*
*E os sinos dourados balançam de maílos e alflrin*
*Nos verdes campos de Lebennin,*
*Ao vento que vem do Mar*

— Verdes são aqueles campos nas canções de meu povo; mas naquela hora estavam escuros, vastidões cinzentas no negrume diante de nós. E naquela imensa região, pisoteando sem qualquer cuidado a grama e as flores, caçamos nossos inimigos durante um dia e uma noite, até que a duras penas chegamos finalmente ao Grande Rio.

— Então pensei comigo mesmo que estávamos próximos do Mar, pois o rio era largo na escuridão, e inúmeros pássaros marítimos gritavam nas margens. Ai, o lamento das gaivotas! A Senhora não tinha me dito para tomar cuidado com elas? E agora não posso esquecê-las.

— De minha parte, não lhes dei atenção — disse Gimli — pois então havíamos finalmente chegado ao momento de travar uma batalha a sério. Lá em peíargir estava a

principal frota de Umbar, cinquenta navios grandes e inúmeros outros barcos menores. Muitos daqueles que perseguíramos haviam chegado aos portos na nossa frente, levando consigo o medo; alguns dos navios tinham partido, procurando escapar descendo o Rio ou alcançar a margem oposta, e muitos dos barcos menores estavam em chamas.

Mas os haradrim, acossados até a margem, viraram-se contra nós furiosos em seu desespero; riram-se quando nos observaram, pois ainda formavam uma grande armada.

— Mas Aragorn parou e gritou numa voz forte: "Venham agora! Pela Pedra Negra eu os conclamo!" E de repente o Exército da Sombra, que ficara na retaguarda, no instante supremo avançou como uma onda cinzenta, varrendo tudo o que encontrava pela frente. Ouvi gritos fracos, e toques indistintos de cornetas, e o murmúrio de incontáveis vozes distantes: era como o eco de alguma batalha esquecida dos Anos Escuros de outrora. Espadas pálidas apareceram; mas não sei se as lâminas ainda mordiam, pois os Mortos não precisavam de outra arma além do medo.

Ninguém lhes ofereceu resistência. Tomaram todos os navios que estavam alinhados para a batalha, e depois passaram sobre as águas para aqueles que estavam ancorados; todos os marinheiros foram dominados por uma loucura de terror e saltaram para a água, exceto os escravos acorrentados aos remos. Avançamos impávidos em meio aos nossos inimigos em fuga, varrendo-os como folhas, até chegarmos à margem. E então Aragorn designou, para cada um dos navios que restavam, um dos dúnedain, que consolaram os cativos que estavam a bordo, ordenando-lhes que afastassem o medo e se considerassem livres.

— Antes do final do dia escuro, não restava ninguém do exército inimigo para nos oferecer resistência; todos estavam afogados, ou então fugindo para o sul na esperança de atingirem suas próprias terras a pé Achei estranho e surpreendente o fato de que os desígnios de Mordor devessem ser frustrados por tais espectros de medo e escuridão. Com suas próprias armas o inimigo foi derrotado!

— É realmente estranho — disse Legolas. — Naquele momento, olhei para Aragorn e pensei em que grande e terrível Senhor ele poderia ter-se tornado mediante a força de sua vontade, se tivesse tomado o Anel para si. Não é à toa que Mordor o teme. Mas seu espírito é mais nobre que o entendimento de Sauron; pois não é ele um descendente de Lúthien? Essa linhagem nunca se extinguirá, embora os anos possam se alongar além da conta.

— Essas previsões estão além do alcance dos olhos dos anões — disse Gimli. —

Mas Aragorn foi realmente poderoso naquele dia. Vejam bem. Toda a frota negra estava em suas mãos, e ele escolheu para si o maior navio, e nele embarcou. Então mandou tocar um grande conjunto de trombetas, tomadas do inimigo, e o Exército de Sombra se retirou para a margem. Ali ficaram em silêncio, quase invisíveis, a não ser por um brilho vermelho nos olhos, que refletiam o clarão dos barcos em chamas.

E Aragorn dirigiu-se numa voz alta aos Homens Mortos, dizendo:

— Ouçam agora as palavras do Herdeiro de Isildur! O juramento que fizeram está cumprido. Partam então e não voltem a perturbar os vales de novo! Vão e fiquem em paz!"

E então o Rei dos Mortos apresentou-se à frente do exército, quebrou sua lança e a jogou no chão. Depois fez uma grande reverência e virou-se; rapidamente todo o exército cinzento se retirou e desapareceu como uma névoa que é varrida por um vento repentino; tive a impressão de ter acordado de um sonho.

— Naquela noite descansamos enquanto outros trabalhavam. Pois havia muitos cativos que foram libertados, e muitos escravos, agora livres, que eram pessoas de Gondor, aprisionadas em ataques; e logo também se formou um grande ajuntamento de homens de Lebennin e do Ethir, e Angbor de Lamedon veio com todos os cavaleiros que pôde reunir. Agora que o medo dos Mortos passara, vinham para nos ajudar e para ver o Herdeiro de Isildur, pois o rumor desse nome se espalhara como fogo na escuridão. E agora chegamos perto do fim da história. Durante a noite e a madrugada muitos navios foram preparados e guarnecidos com homens; pela manhã a frota partiu. Agora parece que tudo aconteceu há muito tempo, e apesar disso foi apenas na manhã do dia anterior a ontem, o sexto desde que partimos do Templo da Colina.

Mas ainda assim Aragorn estava tomado pelo receio de que o tempo fosse curto demais.

— "São quarenta e duas léguas do Pelargir até o cais de Harlond", dizia ele. "Mesmo assim precisamos chegar ao Harlond amanhã ou teremos falhado completamente."

— Agora os remos eram empunhados por homens livres, que trabalhavam valentemente; apesar disso, subimos o Grande Rio com lentidão; lutávamos contra a corrente, e, embora ela não seja forte no sul, nós não tínhamos a ajuda do vento. Meu coração teria ficado pesado, apesar de toda a nossa vitória nos portos, se Legolas não tivesse soltado uma risada de repente.

— "Levante essa barba, filho de Durin!" — disse ele. "Pois assim diz o ditado: A esperança talvez nasça, quando tudo é desgraça."

Mas que esperança enxergava ao longe ele não disse. Quando a noite chegou, só fez aprofundar a escuridão, e nossos corações estavam fervendo, pois na distância ao norte vimos um clarão vermelho sob a nuvem, e Aragorn disse:

— "Minas Tirith está em chamas."

— Mas á meia-noite a esperança realmente renasceu. Marinheiros do Ethir, olhando para o sul, falaram de uma mudança chegando com um vento forte vindo do Mar. Muito antes de o dia raiar, os navios com mastros içaram as velas, e nossa velocidade aumentou, até que a aurora branqueasse a espuma em nossas proas. E foi assim, vocês sabem, que chegamos na terceira hora da manhã com um belo vento e o sol descoberto, e desfraldamos o grande estandarte na batalha. Foi um grande dia e uma grande hora, não importa o que possa acontecer depois.

— Venha o que vier, grandes feitos não ficam diminuídos em seu valor — disse Legolas. — Foi um grande feito a cavalgada das Sendas dos Mortos, e grande continuará sendo, mesmo que não reste ninguém em Gondor para cantá-lo nos dias que virão.

— E isso pode muito bem acontecer — disse Gimli. — Pois os rostos de Aragorn e Gandalf estão graves. Penso muito em que resoluções estarão tomando nas tendas lá embaixo. De minha parte, como Merry, gostaria que com a nossa vitória a guerra estivesse agora terminada. Mas, no que quer que ainda haja por fazer, espero ter uma parte, pela honra do povo da Montanha Solitária.

— E eu pelo povo da Grande Floresta — disse Legolas —, e por amor do Senhor da Árvore Branca.

Então os companheiros se calaram, mas por um tempo ficaram ali sentados naquele lugar alto, cada um ocupado com seus próprios pensamentos, enquanto os Capitães debatiam.

Quando o Príncipe Imrahil despediu-se de Legolas e Gimli, mandou imediatamente chamar Éomer; os dois desceram juntos da Cidade, e foram para as tendas de Aragorn que estavam armadas no campo, não muito longe do local onde o rei Théoden tombara. E ali tomaram decisões, junto com Gandalf, Aragorn e os filhos de Elrond.

— Meus senhores — disse Gandalf —, ouçam as palavras que disse o Regente de Gondor antes de morrer: Vocês podem triunfar nos campos do Pelennor por um dia, mas contra o Poder que agora surgiu não há vitória. Não estou pedindo que se

desesperem, como fez ele, mas para que ponderem a verdade dessas palavras.

— Pedras-videntes não mentem, e nem mesmo o Senhor de Barad-dûr pode fazê-las mentir. Talvez ele possa, com sua vontade, escolher que coisas serão vistas por mentes mais fracas, ou fazê-las interpretar erroneamente o significado do que vêem. Não obstante, não se pode duvidar de que, quando Denethor viu grandes forças reunidas contra ele em Mordor, e mais Outras se reunindo, ele viu o que realmente é.

— Nossa força mal conseguiu vencer o primeiro grande assalto. O próximo será maior. Esta guerra não nos oferece esperança final, como Denethor percebeu. A vitória não pode ser conseguida por meio de armas, quer vocês permaneçam aqui e suportem cerco após cerco, quer saiam em marcha para serem derrotados além do Rio. Vocês têm apenas uma escolha entre os males, e a prudência deveria aconselhá-los a reforçarem todas as fortalezas que possuírem, e lá esperarem o ataque; dessa forma, o tempo antes de seu fim poderá ficar um pouco mais longo.

— Então você aconselha que nos retiremos para Minas Tirith ou Doí Amroth ou para o Templo da Colina, e que fiquemos nesses lugares sentados como crianças sobre castelos de areia, quando a maré está subindo? — disse Imrahil.

— Isso não seria nenhum conselho inédito disse Gandalf. — Não foi isso o que fizeram, ou pouco mais que isso, nos dias de Denethor? Mas não! Eu disse que isso seria prudente. Não aconselho a prudência. Disse que a vitória não poderia ser conquistada por meio de armas. Ainda alimento a esperança na vitória, mas não através de armas. Pois em meio a todas essas estratégias está o Anel de Poder, o alicerce de Barad-dûr, e a esperança de Sauron. Em relação a essa coisa, meus senhores, agora todos vocês sabem o suficiente para o entendimento da nossa situação, e da de Sauron. Se ele a conseguir de volta, a valentia de vocês será inútil, e a vitória dele será rápida e completa: tão completa que ninguém pode prever o fim dela enquanto durar o mundo. Se ela for destruída, então ele cairá, e sua queda será tão grande que ninguém pode prever a possibilidade de que jamais venha a ascender de novo. Pois perderá a melhor parte da força que nasceu junto com ele, e tudo o que foi feito ou começado com esse poder ruirá, e ele ficará mutilado para sempre, transformando-se num simples espírito maligno que se corrói nas sombras, mas que não pode crescer ou tomar forma outra vez. E assim desaparecerá um grande mal deste mundo.

— Outros males existem que poderão vir; pois o próprio Sauron é apenas um servidor ou emissário. Todavia não é nossa função controlar todas as marés do mundo, mas sim fazer o que pudermos para socorrer os tempos em que estamos inseridos,

erradicando o mal dos campos que conhecemos, para que aqueles que viverem depois tenham terra limpa para cultivar. Que tempo encontrarão não é nossa função determinar. Agora Sauron sabe de tudo isso, e sabe que essa coisa preciosa que perdeu foi encontrada novamente; mas ainda não sabe onde está, ou pelo menos assim esperamos. E, portanto, agora ele está numa grande dúvida. Pois, se nós encontramos a coisa, há alguns entre nós com força suficiente para controlá-la. Isso ele também sabe. Pois não estou certo, Aragorn, quando suponho que você se mostrou a ele na Pedra de Orthanc?

— Fiz isso antes de partir do Forte da Trombeta — respondeu Aragorn.

— Julguei que o tempo chegara, e que a Pedra viera até mim apenas com esse propósito. Fazia então dez dias que o Portador do Anel partira de Rauros para o leste, e eu pensei que o Olho de Sauron deveria ser atraído para fora de sua própria terra. Pouquíssimas vezes ele foi desafiado depois que retornou para sua Torre. No entanto, se eu tivesse previsto a velocidade do contra-ataque, talvez não tivesse ousado me revelar. Sobrou-me pouco tempo para vir em sua ajuda.

— Mas como fica isso? — perguntou Éomer. Você diz que tudo é inútil se ele tiver o Anel. Por que não deveria ele julgar inútil nos atacar, se nós o tivermos?

— Ele ainda não tem certeza — disse Gandalf —, e não construiu seu poder esperando até que seus inimigos estivessem seguros, como fizemos nós. Além disso, nós não poderíamos aprender como controlar todo o poder num único dia. Na verdade, o Anel só pode ser usado por um único mestre, e não por muitos; ele vai aguardar uma hora de discórdia, antes que um dos grandes entre nós se faça senhor e se coloque acima dos outros. Nessa hora o Anel pode ajudá-lo, se ele for rápido.

— Ele está vigiando. Vê muito e muito escuta. Seus nazgûl ainda estão à solta. Passaram sobre este campo antes de o sol nascer, embora poucos dos que estavam cansados ou dormindo se tenham dado conta disso. Ele estuda os sinais: a Espada que lhe roubou o tesouro reforjada; os ventos da fortuna virando a nosso favor, e a inesperada derrota em seu primeiro ataque, a queda de seu grande Capitão.

— Sua dúvida está crescendo, neste exato momento em que estamos falando aqui. Seu Olho está agora perscrutando em nossa direção, praticamente cego para tudo o mais que se move. Assim devemos mantê-lo. Aí está toda a nossa esperança. Este, então, é o meu conselho: não possuímos o Anel. Por sabedoria, ou por uma grande loucura, nós o enviamos para longe para ser destruido, e para evitar que nos destruísse. Sem o Anel, não podemos pela força destruir a força de Sauron. Mas devemos a todo custo manter seu Olho longe do verdadeiro perigo que o ameaça. Não podemos

conquistar a vitória por meio das armas, mas por meio das armas podemos dar ao Portador do Anel sua única oportunidade, por mais frágil que seja.

— Como Aragorn começou, assim devemos continuar. Devemos empurrar Sauron para seu último lance. Devemos atrair sobre nós sua força oculta, de modo que esvazie seus domínios. Devemos marchar ao encontro dele imediatamente. Devemos transformar-nos em iscas, embora suas mandíbulas possam se fechar sobre nós. Ele aceitará essa isca, cheio de esperança e avidez, pois em tamanha audácia julgará estar vendo o orgulho do novo Senhor do Anel, e dirá: "Isso! Ele estica seu pescoço muito cedo e quer chegar muito longe. Deixarei que avance, e eis que o pegarei numa armadilha da qual não poderá escapar. Ali vou esmagá-lo, e o que me tomou em sua insolência será meu outra vez, para sempre."

— Devemos caminhar de olhos abertos em direção a essa armadilha, com coragem, mas com pouca esperança para nós mesmos. Pois, meus senhores, pode muito bem acontecer que literalmente tombemos numa batalha negra longe das terras viventes, de modo que mesmo se Barad-dûr for destruída não viveremos para ver uma nova era. Mas considero que esta é nossa tarefa. E isso é melhor do que perecer, de qualquer forma — como certamente acontecerá, se ficarmos aqui parados — e saber na hora de nossa morte que não vai haver uma nova era.

Ficaram em silêncio por um tempo. Finalmente, Aragorn falou.

— Como já comecei, vou continuar. Chegamos agora exatamente à beira do abismo, onde a esperança é parente do desespero. Hesitar é cair. Que ninguém agora recuse os conselhos de Gandalf, cujos longos trabalhos contra Sauron finalmente serão testados. Se não fosse por ele, tudo estaria perdido há muito tempo. Não obstante, ainda não quero impor minha vontade a ninguém. Que os outros escolham como preferirem.

Então Elrohir disse:

— Viemos do norte com esse propósito, e de Elrond, nosso pai, trouxemos exatamente esse conselho. Não recuaremos.

— Quanto a mim — disse Éomer —, tenho pouco conhecimento dessas questões profundas, mas não preciso dele. Disso eu sei, e para mim é o suficiente: da mesma forma que meu amigo Aragorn socorreu a mim e ao meu povo, agora, quando ele me chama, vou ajudá-lo. Eu irei.

— Quanto a mim — disse Imrahil —, considero o Senhor Aragorn meu rei, quer ele reivindique o título ou não. Um desejo seu é uma ordem. Também irei. Apesar disso, por um tempo ocupo o lugar do Regente de Gondor é meu dever pensar primeiro em seu

povo. Devemos ainda dar alguma itenção à prudência. Pois devemos estar preparados para todas as possibilidades, as boas e as más. Agora, pode ser que triunfemos, e enquanto houver alguma esperança nesse sentido Gondor deve ser protegida. Eu não gostaria que voltássemos vitoriosos para uma Cidade em ruínas e com uma terra devastada atrás de nós. E já sabemos pelos rohirrim que há um exército no nosso flanco norte, contra o qual ainda não se lutou.

— Isso é verdade — disse Gandalf — Não aconselho que deixem a Cidade completamente desguarnecida. Na verdade, a força que conduzirmos para o leste não precisa ser grande o suficiente para um assalto real contra Mordor, contanto que seja grande o suficiente para provocar uma batalha. deve se mover com rapidez. Portanto, pergunto aos Capitães: que força poderíamos reunir e conduzir no prazo máximo de dois dias? Recomendo que essa força deve ser formada por homens corajosos que partem por sua própria vontade, conhecendo o perigo que correm.

— Todos estão cansados, e muitos têm ferimentos, leves ou graves — disse Éomer. — E sofremos muitas perdas de cavalos, e isso é difícil suportar. Se devemos partir logo, então não posso ter esperanças de liderar nem sequer dois mil homens, e deixar o mesmo número na defesa da Cidade.

— Não devemos contar apenas com aqueles que lutaram neste campo — disse Aragorn. — Novas forças dos feudos do sul estão a caminho, agora que as costas foram libertadas. Enviei quatro mil homens marchando de Pelargir através de Lossarnach há dois dias; Angbor, o destemido, cavalga á frente deles. Se partirmos em dois dias, eles estarão próximos antes de nossa partida. Além disso, pedi a muitos que me seguissem subindo o Rio, em qualquer embarcação que conseguissem arranjar; com este vento, logo estarão perto; na verdade vários barcos já chegaram ao Harlond. Julgo que poderíamos partir com sete mil homens a pé e a cavalo, e ao mesmo tempo deixar a Cidade com uma defesa melhor do que a que tinha quando começou o ataque.

— O Portão está destruido — disse Imrahil —, e onde agora poderemos encontrar a habilidade para reconstruí-lo e erguê-lo novamente?

— Em Erebor, no reino de Dáin, está tal habilidade — disse Aragorn —; e, se todas as esperanças não fracassarem, então haverá tempo para que eu envie Gimli, filho de Glóin, para buscar a ajuda dos artesãos da Montanha. Mas homens são melhores que portões, e nenhum portão resistirá ao Inimigo se for abandonado pelos homens.

Esse então foi o fim do debate dos senhores: que eles partiriam na segunda manhã após aquele dia com sete mil homens, se pudessem reuni-los; a maior parte dessa

força iria a pé, por causa das terras malignas nas quais entrariam. Aragorn deveria encontrar mais dois mil homens entre aqueles que havia reunido junto a si no sul; Imrahil deveria encontrar três mil e quinhentos; Éomer reuniria quinhentos dos rohirrim que estavam desmontados mas eram competentes na guerra, e ele mesmo deveria liderar quinhentos de seus melhores Cavaleiros; haveria uma outra companhia de quinhentos cavaleiros, entre os quais estariam os filhos de Elrond com os dúnedain e os cavaleiros de Doí Amroth: no total, seis mil a pé e mil a cavalo. Mas a força principal dos rohirrim que ainda possuía montarias e era capaz de lutar, cerca de três mil homens sob o comando de Elfhelm, deveria vigiar a Estrada oeste contra o inimigo que estava em Anórien. Imediatamente cavaleiros velozes com a missão de reunir todas as notícias que pudessem foram enviados para o norte, como também para o oeste, partindo de Osgiliath e da estrada de Minas Morgul. E, quando tinham calculado todas as suas forças e ponderado sobre que viagens deveriam fazer e que estradas escolheriam, Imrahil de súbito deu uma risada.

— Certamente — exclamou ele —, esta será a maior piada em toda a história de Gondor, cavalgaremos com sete mil homens, que mal somam o número da vanguarda de seu exército nos tempos de sua força, para atacarmos as montanhas e o impenetrável portão da Terra Negra! Da mesma forma uma criança poderia ameaçar um cavaleiro coberto por uma armadura com um arco feito de barbante num ramo de salgueiro verde! Se o Senhor do Escuro sabe tanto quanto você diz, Mithrandir, será que não vai sorrir ao invés de temer, e com seu dedo mínimo nos esmagar como um mosquito que tenta picá-lo?

— Não, ele vai tentar prender o mosquito e retirar-lhe o ferrão — disse Gandalf. — E há homens entre nós que valem cada um mais que mil cavaleiros vestindo armaduras. Não, ele não sorrirá.

— Nós também não — disse Aragorn. — Se isso for uma piada, então é amarga demais para causar riso. Não, é o último lance numa situação de grande risco, que trará, para um lado ou para o outro, o fim do jogo. — Então sacou Andúril e ergueu-a faiscante ao sol. — Você não será desembainhada outra vez ate que se trave a última batalha — disse ele.

# CAPÍTULO X
# O PORTÃO NEGRO SE ABRE

Dois dias mais tarde o exército do oeste estava todo reunido no Pelennor. A tropa de orcs e orientais retornara de Anórien, mas acossados e dispersados pelos rohirrim eles tinham fugido, derrotados, quase sem resistir, na direção de Cair Andros; com essa ameaça afastada e com novas forças chegando do sul, a Cidade ficou tão bem guarnecida quanto possível. Batedores reportaram que não restava nenhum inimigo nas estradas do leste até a altura da Encruzilhada do Rei Caído. Tudo agora estava pronto para o último golpe. Legolas e Gimli cavalgariam juntos outra vez na companhia de Aragorn e Gandalf, que iam na vanguarda com os dúnedain e os filhos de Elrond. Mas Merry, para a sua vergonha, não deveria ir com eles.

— Você não está em condições de fazer uma viagem dessas — disse-lhe Aragorn. — Mas não tenha vergonha. Se não fizer mais nada nesta guerra, já terá conquistado uma grande honra. Peregrin irá representando o povo do Condado; não lhe inveje a oportunidade de perigo, pois, embora tenha feito o que a sorte lhe permitiu, ele ainda não realizou um feito à altura do seu. Mas, na verdade, todos correm o mesmo risco. Embora possa ser nossa função ir ao encontro de um fim mais amargo diante do Portão de Mordor, se isso acontecer, vocês também chegarão a um confronto final, seja aqui ou em qualquer lugar onde a maré negra venha a alcançá-los. Adeus!

Assim, desalentado, Merry ficou assistindo à concentração do exército. Bergil estava ao lado dele, também amuado, pois seu pai deveria marchar liderando uma companhia de homens da Cidade: porém estava impedido de retomar seu posto na Guarda até que seu caso fosse julgado. No mesmo grupo deveria partir Pippin, como um soldado de Gondor. Merry podia enxergá-lo, não muito distante: um vulto pequeno porém ereto entre os homens altos de Minas Tirith.

Finalmente as trombetas soaram e o exército começou a se mover. Tropa a tropa, companhia a companhia, faziam uma conversão e partiam para o leste. Muito tempo depois que todos tinham sumido de vista descendo a grande estrada para o Passadiço, Merry ficou ali parado. O último brilho do sol da manhã faiscara sobre lança e elmo e se perdera, e ainda ele permanecia ali, com a cabeça curvada e o coração pesado, sentindo-se solitário e sem amigos. Todos os que lhe eram caros haviam partido para dentro da escuridão que pairava sobre o céu distante do leste, e restavam-lhe

pouquíssimas esperanças de que um dia voltasse a ver qualquer um deles.

Como se despertada pelo seu estado de desespero, a dor em seu braço retornara, e ele se sentia fraco e velho, e a luz do sol parecia tênue. Acordou com o toque da mão de Bergil.

— Venha, mestre Perian! — disse o menino. — Você ainda sente dores, estou vendo. Vou acompanhá-lo de volta até os Curadores. Mas não tenha medo! Eles voltarão.

Os homens de Minas Tirith nunca serão derrotados. E agora contam com o Senhor Pedra Élfica, e também com Beregond da Guarda.

Antes do meio-dia, o exército chegou a Osgiliath. Ali os trabalhadores e operários disponíveis estavam todos ocupados. Alguns reforçavam as balsas e as pontes flutuantes que o inimigo fizera e em parte destruíra na fuga; alguns reuniam suprimentos e produtos de saques; outros, do lado leste do Rio, erguiam defesas improvisadas.

A vanguarda atravessou as ruínas da Velha Gondor e o amplo Rio, subindo a longa e estreita estrada que nos dias de apogeu fora feita para conduzir da bela Torre do Sol até a alta Torre da Lua, que agora era Minas Morgul em seu vale maldito. Pararam cinco milhas além de Osgiliath, terminando o primeiro dia de marcha. Mas os cavaleiros continuaram avançando, e antes do inicio da noite chegaram á Encruzilhada e ao grande circulo de árvores, onde tudo estava quieto. Não viram sinais do inimigo, nem ouviram qualquer grito ou chamado, nenhuma lança viera voando de alguma rocha ou maciço de árvores pelo caminho; apesar disso, quanto mais avançavam, mais se sentiam observados. Pedra e árvore, folha e capim pareciam estar escutando atentamente. A escuridão se dissipara, e na distância a oeste o sol se punha sobre o Vale do Anduin, e os picos brancos das montanhas se ruborizavam no ar azul; mas uma sombra e um desalento pesavam sobre os Ephel Dúath.

Aragorn postou então trombeteiros em cada uma das quatro estradas que saiam do circulo de árvores, e eles tocaram uma grande fanfarra, e os arautos gritaram em vozes imponentes:

— Os Senhores de Gondor retornaram, e estão tomando posse desta terra que lhes pertence. — A hedionda cabeça de orc que estava fincada sobre a figura esculpida foi derrubada e partida em pedaços, e a velha cabeça do rei foi erguida e colocada de volta em seu lugar, ainda coroada com as flores douradas e brancas: e os homens trabalharam lavando e raspando todos os garranchos horríveis que os orcs haviam desenhado sobre a pedra.

Agora, num debate, alguns opinaram que Minas Morgul deveria ser atacada

primeiro e, se conseguissem tomá-la, deveria ser completamente destruída.

— E talvez — disse Imrahil — a estrada que conduz de lá até a passagem acima seja um acesso mais fácil para atacarmos o Senhor do Escuro do que o Portal Norte.

Mas Gandalf imediatamente reprovou a idéia, por causa do mal que morava no vale, onde as mentes dos homens vivos se voltariam para a loucura e o terror, e também por causa das notícias que Faramir trouxera. Pois, se o Portador do Anel tivesse realmente tentado aquele caminho, então, acima de tudo, deveriam desviar o Olho de Mordor de lá. Portanto, no dia seguinte, após a chegada do exército principal, montaram uma forte guarda na Encruzilhada para garantir alguma defesa, no caso de Mordor enviar uma força pela passagem de Morgul, ou trazer mais homens do sul. Para essa guarda escolheram na maioria arqueiros que conheciam os caminhos de Ithilien e que ficariam escondidos nas florestas e veredas nas imediações do encontro dos caminhos. Mas Gandalf e Aragorn cavalgaram com a vanguarda até a entrada do Vale Morgul para observar a cidade maligna. Estava escura e sem vida, pois os orcs e as criaturas inferiores de Mordor que outrora moravam lá haviam sido destruídos em batalha, e os nazgúl estavam fora. Mesmo assim, o ar do vale estava carregado de medo e hostilidade. Então destruíram a ponte maligna, espalharam chamas rubras pelos campos nocivos e partiram.

No dia seguinte, o terceiro após a partida de Minas Tirith, o exército iniciou sua marcha rumo ao norte seguindo a estrada. Por aquele caminho era cerca de cem milhas da Encruzilhada até o Morannon, e o que lhes poderia acontecer até que chegassem lá ninguém sabia. Avançavam abertamente, mas com cautela, com batedores montados à frente, outros a pé dos dois lados, especialmente no flanco leste, pois ali havia maciços escuros de árvores, e um terreno irregular de estreitos vales rochosos e penhascos, atrás dos quais as compridas e sinistras encostas dos Ephel Dúath se amontoavam. O clima do mundo permanecia belo, continuava a soprar o vento oeste, mas nada conseguia dispersar a melancolia e a névoa triste que pairava ao redor das Montanhas da Sombra; atrás delas, ás vezes grandes porções de fumaça subiam e ficavam suspensas nos ventos mais altos.

De quando em quando, Gandalf mandava tocar as trombetas, e os arautos gritavam:

— Os Senhores de Gondor chegaram! Que todos deixem esta terra ou se rendam!

Mas Imrahil disse:

— Não digam Os Senhores de Gondor. Digam O Rei Elessar. Pois esta é uma verdade, mesmo que ele ainda não tenha assumido o trono; isso fará o Inimigo preocupar-se mais, se os arautos usarem esse nome.

E depois disso, três vezes ao dia, os arautos proclamavam a chegada do Rei Elessar. Mas ninguém respondia ao desafio. Não obstante, embora marchassem numa paz aparente, os corações de todo o exército, dos postos mais altos até os mais baixos, estavam pesados, e a cada milha que avançavam ao norte um mau presságio crescia dentro deles. Foi perto do fim do segundo dia desde que partiram em marcha da Encruzilhada que encontraram, pela primeira vez, uma ocasião de batalha. Um poderoso grupo de orcs e orientais tentou aprisionar a companhia que vinha à frente numa emboscada, exatamente no local onde Faramir tinha atocaiado os homens de Harad, no ponto em que a estrada entrava num corte profundo através de uma saliência das colinas a leste. Mas os Capitães do Oeste foram devidamente advertidos por seus batedores, homens habilidosos de Henneth Annún, liderados por Mablung; dessa forma, os que preparavam a emboscada acabaram presos nela. Cavaleiros deram uma grande volta no sentido oeste e vieram atacando o flanco do inimigo e sua retaguarda, e os orcs e orientais foram destruídos ou rechaçados para o leste, na direção das colinas. Mas a vitória pouco encorajou os corações dos capitães.

— É apenas uma simulação — disse Aragorn — e seu principal propósito, julgo eu, foi mais nos levar a uma suposição errada sobre o ponto fraco de nosso Inimigo do que nos causar muito mal, por enquanto. — E daquela noite em diante os nazgúl vieram e passaram a seguir cada movimento do exército. Ainda voavam alto, e fora do alcance da visão, a não ser para Legolas; mesmo assim, sua presença podia ser sentida, na forma de um adensamento das sombras e um obscurecimento do sol, e, embora os Espectros do Anel ainda não estivessem dando vôos rasantes sobre seus inimigos e se mantivessem em silêncio, sem soltar nenhum grito, não se podia afastar o terror que causavam.

Assim foi passando o tempo e a viagem desesperada. No quarto dia posterior á passagem pela Encruzilhada, o sexto depois da partida de Minas Tirith, chegaram por fim ao término das terras viventes, e começaram a penetrar na desolação que se alastrava diante dos portões da Passagem de Cirith Gorgor; conseguiam divisar os pântanos e o deserto que se estendia ao norte e a oeste dos Emyn Muil. Tão desoladas eram aquelas paragens, e tão profundo o horror que pairava sobre elas, que alguns homens do exército sentiram-se acovardados, não conseguindo avançar mais, a pé ou cavalgando, em

direção ao norte.

Aragorn olhou para eles, e seus olhos se encheram de pena, e não de ira, pois aqueles eram jovens de Rohan, do distante Folde Ocidental, lavradores de Lossarnach, e para eles, desde a infância, Mordor tinha sido um nome maligno, e apesar disso irreal, uma lenda que não fazia parte de suas vidas simples; e eles caminhavam como homens num sonho hediondo que se tornara realidade, sem entender aquela guerra nem por que o destino os levava para tal paragem.

— Podem ir! — disse Aragorn. — Mas mantenham a honra que puderem. E não corram! Há uma tarefa que podem tentar para assim não se sentirem tão envergonhados. Façam seu caminho pelo sudoeste até chegarem a Cair Andros, e, se a ilha ainda estiver dominada pelos inimigos, como eu suspeito, então reconquistem-na, se puderem, e mantenham-na até o fim em defesa de Gondor e Rohan!

Então alguns, envergonhados diante de tal demência, superaram o medo e continuaram avançando, e os outros ganharam novas esperanças, ouvindo a menção de um feito corajoso à altura deles a que podiam se dedicar, e partiram. Dessa forma, sendo que muitos homens já haviam sido deixados na Encruzilhada, foi com menos de seis mil homens que os Capitães do Oeste chegaram finalmente para desafiar o Portão Negro e o poder de Mordor.

Agora avançavam devagar, esperando a cada hora uma resposta para o seu desafio; mantinham-se juntos, já que seria desperdício de soldados enviar batedores ou grupos pequenos à frente do exército principal. Ao cair da noite do quinto dia de marcha desde o Vale Morgul, acamparam pela última vez, fazendo fogueiras com a madeira morta e com as urzes secas que conseguiram encontrar. Passaram as horas da noite acordados, percebendo muitos seres parcialmente visíveis que andavam e espreitavam por toda a volta; ouviram também uivos de lobos. O vento cessara e todo o ar parecia parado. Podiam ver pouca coisa, pois, embora não houvesse nuvens e a lua crescente já tivesse quatro dias, havia fumaça e vapores que subiam da terra e o luar branco se escondia nas névoas de Mordor.

Ficou frio. Quando chegou a manhã, o vento começou a se agitar outra vez, mas agora vinha do norte, e logo se amainou numa brisa crescente. Todos os seres notívagos tinham-se ido, e a terra parecia vazia. Ao norte, em meio aos seus buracos fétidos jaziam os primeiros grandes outeiros e amontoados de escória, rocha quebrada e terra arruinada, o vômito dos vermes que habitavam Mordor; mas ao sul, agora já próxima, assomava a grande fortaleza de Cirith Gorgor, com o Portão Negro no meio, tendo ao

lado as duas Torres dos Dentes, altas e escuras. Pois em sua última marcha os Capitães tinham desviado da estrada principal no ponto em que ela se curvava para o leste, evitando o perigo das colinas à espreita, e agora aproximavam-se do Morannon pelo noroeste, do mesmo modo que Frodo fizera.

As duas enormes portas de ferro do Portão Negro sob seu arco sinistro estavam muito bem fechadas. Sobre a ameia nada se via. Estava tudo quieto, mas persistia a sensação de vigilância. Tinham chegado ao derradeiro estágio de sua loucura e pararam, abandonados e sentindo frio, na luz cinzenta do início do dia, diante de torres e muralhas que seu exército não podia atacar com esperanças, nem mesmo se tivessem levado até lá máquinas muito poderosas, e se as tropas inimigas fossem para guarnecer a muralha e o portão. Mas eles sabiam que todas as colinas e rochas ao redor do Morannon estavam cheias de inimigos ocultos, e o sombrio desfiladeiro mais além era perfurado e cheio de túneis apinhados de ninhadas de seres malignos. E ali parados eles viram todos os nazgúl reunidos, pairando como abutres sobre as Torres dos Dentes, sabendo que estavam sendo vigiados. Mas ainda assim o Inimigo não dava qualquer sinal.

Não lhes restava outra escolha além de desempenhar o seu papel até o fim. Portanto Aragorn agora colocara o exército na melhor formação que pôde planejar: eles foram reunidos em dois grandes montes de pedra arruinada e terra que os orcs tinham acumulado em anos de trabalho. Diante deles, na direção de Mordor, jazia como um fosso um grande pântano de lama fétida e poças putrefatas. Quando tudo estava ordenado, os Capitães cavalgaram á frente na direção do Portão Negro com uma grande guarda de cavaleiros levando a bandeira, acompanhados dos arautos e dos trombeteiros. Lá ia Gandalf como o principal arauto, Aragorn com os filhos de Elrond, Éomer de Rohan e Imrahil; a Legolas, Gimli e Peregrin foi solicitado que também fossem, de modo que todos os inimigos de Mordor tivessem uma testemunha.

Chegaram perto do Morannon, e desfraldaram a bandeira, tocando as trombetas; os arautos avançaram e fizeram suas vozes soar por sobre a muralha de Mordor.

— Apareça! — gritaram eles. — Que o Senhor da Terra Negra apareça! Justiça será feita para com ele. Pois agiu mal travando guerra contra Gondor e roubando suas terras. Portanto o Rei de Gondor ordena que ele repare seus erros e depois parta para sempre. Apareça!

Fez-se um longo silêncio, e não se ouviu nenhum som em resposta, da muralha ou do portão. Mas Sauron já fizera seus planos, e tinha em mente primeiro brincar cruelmente com aqueles camundongos antes de iniciar a matança. Foi assim que,

exatamente quando os Capitães estavam prestes a virar as costas, o silêncio foi subitamente quebrado. Veio um longo retumbar de grandes tambores, como trovões nas montanhas, e então um zurrar de cornetas que fez tremer as próprias pedras e feriu os ouvidos dos homens. E então a porta do meio do Portão Negro se abriu com um grande clangor, e de lá saiu uma embaixada da Torre Escura. Como seu líder veio cavalgando um vulto maligno, montado num cavalo negro, se aquilo era um cavalo, pois era enorme e hediondo, e sua cara uma máscara horripilante, mais parecendo um crânio que uma cabeça viva, e das covas de seus olhos e de suas narinas saía fogo. O cavaleiro estava todo vestido de negro, e negro era seu elmo imponente; mas este não era um Espectro do Anel, e sim um homem vivo. Era o Tenente da Torre de Barad-dûr, e seu nome não é lembrado em história alguma, pois ele próprio o esquecera, e ele disse: — Sou a Boca de Sauron. — Mas conta-se que ele foi um renegado, que vinha da raça daqueles que eram chamados de numenorianos negros, pois eles estabeleceram suas moradias na Terra-média durante os dias do  domínio de Sauron. e o adoraram, enamorados pelo conhecimento do mal. E ele havia entrado para o serviço da Torre Escura quando esta se ergueu de novo pela primeira vez, e por causa de sua esperteza foi crescendo cada vez mais nos favores do Senhor; aprendeu grandes feitiçarias, e sabia muito da mente de Sauron; era mais cruel que qualquer orc. Era ele que agora saia pelo portão, e com ele vinha apenas uma pequena companhia de soldados arreados de negro, e uma única bandeira, negra e estampada com o vermelho do Olho Maligno. Parando agora a alguns passos dos Capitães do Oeste, ele os olhou de cima a baixo e riu.

— Há alguém nesse bando que tem autoridade para dirigir-se a mim? — perguntou ele. — Ou mesmo com capacidade de me entender? Não tu, pelo menos! — caçoou ele, voltando-se para Aragorn com desprezo. — Para se fazer um rei, é preciso mais que um pedaço de vidro élfico, ou uma gentalha dessas. Ora, qualquer bandido das colinas pode exibir tal sequela!

Aragorn não disse nada em resposta, mas fixou os olhos do outro e sustentou o olhar, e por um momento os dois lutaram assim; mas logo, embora Aragorn não se movesse nem dirigisse a mão para qualquer arma, o outro vacilou e recuou, como se tivesse sido ameaçado por um golpe.

— Sou um arauto e um embaixador, e não posso ser atacado! — gritou ele.

— Onde rezam tais leis — disse Gandalf — também é costume dos embaixadores usarem menos insolência. Mas ninguém o ameaçou. Não tem nada a temer de nós, até que sua missão seja cumprida. Mas, a não ser que seu mestre tenha

adquirido mais sabedoria, então você, juntamente com todos os servidores, estará em grande perigo.

— Então! — disse o Mensageiro. — Este é o porta-voz, velho barba-cinzenta? Será que não ouvimos sobre ti algumas vezes, e de tuas andanças, sempre armando planos e traições a distância? Mas desta vez esticaste o teu nariz longe demais, mestre Gandalf, e verás o que acontece para aquele que tece suas tolas teias diante dos pés de Sauron, o Grande. Tenho provas que me mandaram mostrar a ti — a ti especialmente, se tu ousasses aparecer. — Acenou para um dos guardas, e este veio à frente, carregando um pacote embrulhado em tecido negro.

O Mensageiro desembrulhou o pacote, e ali, para a surpresa e frustração de todos os Capitães, ele ergueu primeiro a pequena espada que Sam carregara, e depois uma capa cinzenta com um broche élfico, e finalmente o colete de mithril que Frodo usara, embrulhado em suas vestes rasgadas. Uma escuridão se formou diante dos olhos deles, e tiveram a impressão de que num momento o mundo se paralisara, mas seus corações estavam mortos e sua última esperança desaparecera. Pippin, que estava atrás do Príncipe Imrahil, saltou à frente com um grito de dor.

— Silêncio! — disse Gandalf num tom severo, empurrando-o para trás; o Mensageiro soltou uma alta risada.

— Então você ainda tem outro desses moleques! — exclamou ele. – Que utilidade vê neles não posso adivinhar, mas mandá-los como espiões para Mordor superou até sua costumeira loucura. De qualquer forma, agradeço a ele, pois está claro que pelo menos esse pirralho já viu esses símbolos antes, e agora seria inútil você negar.

— Não desejo negar nada — disse Gandalf. — Na verdade, conheço-os, e toda a sua história, e apesar de seu desdém, nojenta Boca de Sauron, você não pode dizer o mesmo. Mas por que os traz aqui?

— Casaco de anão, capa de elfo, espada do oeste tombado, e espião daquela pequena terra-de-ratos que é o Condado — não, não se assuste! Sabemos muito bem aqui estão as marcas de uma conspiração. Agora, pode ser que aquele que carregava essas coisas fosse uma criatura que vocês não sentissem perder, ou pode ser o contrário: alguém que lhes era caro, talvez? Se for assim, tome resoluções rápidas com a pouca esperteza que lhe resta. Pois Sauron não gosta de espiões, e o destino dessa criatura depende agora de sua escolha.

Ninguém respondeu, mas ele viu todos os rostos pálidos de medo e o horror em seus olhos, e riu outra vez, pois pareceu-lhe que sua brincadeira ia bem.

— Bem, bem! — disse ele. — Ele lhes era querido, estou vendo. Ou quem sabe sua missão era de tal ordem que vocês não queriam que fracassasse? Pois fracassou. E agora ele deverá suportar o lento tormento de anos, tão longo e lento quanto as artes da Grande Torre podem conceber; nunca será libertado, a não ser talvez quando estiver mudado e destruído, de modo que possa vir até vocês, para que vejam o que fizeram. Isso certamente acontecerá — a não ser que vocês aceitem os termos de meu Senhor.

— Diga quais são os termos — disse Gandalf numa voz severa, mas os que estavam perto viram a angústia em seu rosto, e agora ele parecia um homem velho e mirrado, esmagado, finalmente vencido. Ninguém duvidava de que ele fosse aceitar.

— Os termos são estes — disse o Mensageiro, sorrindo e encarando-os um a um-: a gentalha de Gondor e seus iludidos aliados devem retirar-se imediatamente para além do Anduin, não sem primeiro prestarem juramento de nunca mais atacar Sauron, o Grande, aberta ou secretamente. Todas as terras a leste do Anduin deverão pertencer a Sauron para sempre, e unicamente a ele. A região a oeste do Anduin, até as Montanhas Sombrias e o Desfiladeiro de Rohan, deverá pagar tributo a Mordor, e os homens de lá não poderão portar armas, mas terão permissão para governar seus próprios assuntos. No entanto, deverão ajudar a reconstruir Isengard, a qual destruíram por capricho, e essa região será de Sauron, e lá seu tenente deverá morar: não Saruman, mas alguém mais digno de confiança.

Olhando nos olhos do Mensageiro, todos leram seu pensamento. Seria ele aquele tenente que reuniria tudo o que restasse do oeste sob seu controle seria tirano e eles os seus escravos.

Mas Gandalf disse:

— Isso é exigir muito pela entrega de um servidor: que seu Mestre deva receber em troca o que de outra forma lhe custaria muitas guerras! Ou será que o campo de Gondor destruiu sua esperança na guerra, e ele agora deu para barganhar? E, se realmente déssemos tanto valor ao prisioneiro? Que garantia teremos de que Sauron, o Mestre Máximo da Traição, manterá sua parte no acordo? Onde está esse prisioneiro? Que o tragam aqui para que o vejamos, e então consideraremos essas exigências.

Gandalf, atento, olhando para ele como alguém empenhado em esgrimir com um inimigo mortal, teve a impressão de que, pelo tempo de um suspiro, o Mensageiro ficou perdido; mas rapidamente ele riu outra vez.

— Não seja tão insolente a ponto de discutir com a Boca de Sauron! — gritou ele. — Você pede garantias! Sauron não dá nenhuma. Se você implora por sua demência,

deve primeiro fazer o que ele ordena. Estes são os seus termos. É pegar ou largar!

— Vamos pegar! — disse Gandalf de repente. Jogou para o lado a capa e uma luz branca brilhou como uma espada naquele lugar escuro.

Diante da mão erguida do mago, o Mensageiro recuou, e Gandalf, avançando, agarrou e tirou dele as provas: casaco, capa e espada.

— Vamos pegar estes em memória de nosso amigo — gritou ele. — Mas, quanto aos seus termos, nós os rejeitamos completamente. Vá embora, pois sua embaixada terminou e a morte se aproxima de você. Não viemos até aqui para desperdiçar palavras fazendo tratos com Sauron, traiçoeiro e maldito, e muito menos com um de seus escravos. Suma daqui! Então o Mensageiro de Mordor não voltou a rir. Seu rosto se contorcia de estupefação e ódio, semelhante ao de um animal selvagem que, ao pular sobre sua presa, é ferido no focinho por um ferrão. Tomado de raiva, a boca babando, emitiu sons estrangulados, sem nexo e cheios de fúria. Mas olhou nos rostos cruéis dos Capitães e em seus olhos fatais, e o medo que sentiu derrotou a ira.

Soltou um enorme grito e, virando-se, saltou sobre o cavalo e com sua companhia galopou alucinadamente de volta para Cirith Gorgor. Mas, enquanto se distanciavam, seus soldados tocaram as cornetas num sinal há muito combinado, e mesmo antes que chegassem ao portão Sauron acionou sua armadilha.

Tambores retumbaram e fogos subiram aos ares. As grandes portas do Portão Negro se escancararam. Delas saiu como uma onda um grande exército, com a mesma rapidez das águas rodopiantes quando uma comporta se abre.

Os Capitães montaram de novo e recuaram, e do exército de Mordor subiu um grito de escárnio. A poeira se ergueu sufocando o ar, pois de um ponto próximo dali veio marchando uma tropa de orientais que estivera esperando pelo sinal nas sombras de Ered Lithui, além da Torre mais distante. As colinas dos dois lados do Morannon despejavam inúmeros orcs. Os homens do oeste estavam encurralados, e logo, por toda a volta dos montes cinzentos onde eles estavam, forças dez vezes maiores e ainda mais numerosas que isso os cercariam num mar de inimigos. Sauron tinha mordido a isca com mandíbulas de aço.

Sobrou pouco tempo para que Aragorn ordenasse a sua batalha.

Sobre um monte estavam ele e Gandalf, e ali, bela e desesperada, erguia-se a bandeira da Árvore e das Estrelas. Sobre o outro monte ao lado erguiam-se as bandeiras de Rohan e Doí Amroth, Cavalo Branco e Cisne de Prata; em torno de cada monte foi formado um circulo que vigiava em todas as direções, eriçado de lanças e espadas. Mas

na frente, na direção de Mordor, onde o primeiro e terrível assalto viria, estavam os filhos de Elrond à esquerda, com os dúnedain ao redor deles, e á direita o Príncipe Imrahil com os homens de Doí Amroth, altos e belos, além de soldados escolhidos da Torre da Guarda.

O vento soprou, as trombetas cantaram, flechas zuniram; mas o sol. agora subindo em direção ao sul, foi velado pelos vapores de Mordor, e através de uma névoa ameaçadora ele reluzia, remoto, num vermelho morto, como se fosse o final do dia, ou talvez o fim de todo o mundo de luz. E das trevas que se adensavam os nazgúl vieram com suas vozes frias, gritando palavras de morte; então toda esperança se extinguiu.

Pippin se curvara, esmagado pelo terror contra o chão, quando ouviu Gandalf recusar os termos e condenar Frodo ao tormento da Torre, mas conseguira controlar-se, e agora estava ao lado de Beregond, na primeira fileira de Gondor, com os homens de Imrahil. Pois parecia-lhe melhor morrer logo e deixar a amarga história de sua vida, uma vez que tudo estava arruinado.

— Gostaria que Merry estivesse aqui — ouviu sua própria voz dizer, e pensamentos velozes passaram-lhe pela mente, no momento em que via o inimigo avançando para o ataque. — Bem, bem, agora pelo menos entendo o pobre Denethor um pouco mais. Poderíamos morrer juntos, Merry e eu, já que devemos morrer de qualquer forma, não é mesmo? Bem, como ele não está aqui, espero que encontre um fim mais fácil. Mas agora preciso dar o melhor de mim.

Sacou a espada e a contemplou, e as figuras entrelaçadas, vermelhas e douradas; e as letras fluentes de Númenor brilharam como fogo sobre a lâmina. "Esta espada foi feita justamente para uma hora como esta", pensou ele. "Se pelo menos eu pudesse golpear com ela o Mensageiro nojento, então quase empataria com o velho Merry. Bem, vou golpear alguém deste bando de animais antes do fim. Gostaria de poder ver um sol fresco e a relva verde outra vez."

Então, no momento em que o hobbit pensava em tais coisas, o primeiro ataque chocou-se contra eles. Os orcs, impedidos pelos pântanos que se espalhavam diante dos montes, pararam e derramaram suas flechas contra as fileiras de defesa. Mas em meio a eles chegou, a largas passadas, rugindo como animais, uma grande companhia de trolls das montanhas, vinda de Gorgoroth. Eram mais altos e mais encorpados que homens, e estavam vestidos apenas com malhas justas de escamas resistentes; mas carregavam escudos redondos, enormes e negros, e brandiam pesados martelos em suas mãos encaroçadas. Temerários, mergulharam nas poças e atravessaram-nas andando, urrando

enquanto se aproximavam. Como uma tempestade caíram sobre a fileira dos homens de Gondor, batendo sobre elmo e cabeça com arma e escudo, como um ferreiro que malha o ferro quente e flexível. Ao lado de Pippin, Beregond caiu, subjugado e aturdido; o grande chefe dos trolls que o derrubara debruçou-se sobre ele, esticando uma garra sufocante, pois essas cruéis criaturas costumavam morder as gargantas daqueles que derrubavam.

Então Pippin deu um golpe para cima, e a espada com as letras do Ponente perfurou o couro e penetrou fundo nas entranhas do troll, cujo sangue negro jorrou aos borbotões. A criatura cambaleou para a frente e foi ao chão, desmoronando como uma pedra, enterrando os que estavam embaixo. Negrume, fedor e uma dor esmagadora dominaram Pippin, e sua mente caiu numa grande escuridão. "Assim tudo termina como eu suspeitara", disse seu pensamento, no instante em que se perdia; riu um pouco ainda dentro de si mesmo antes de fugir, parecia quase alegre por estar afastando finalmente toda a dúvida, a preocupação e o medo. E então, no momento em que o pensamento voava para dentro do esquecimento, ouviu vozes, que pareciam estar gritando de algum mundo esquecido lá em cima:

— As Águias estão chegando! As Águias estão chegando!

Por mais um momento o pensamento de Pippin perdurou.

— Bilbo! — disse ele. — Mas não! Isso aconteceu na história dele, há muito e muito tempo. Esta é minha história, e agora está terminada. Adeus! — E seu pensamento voou para longe; seus olhos não viram mais nada.

# LIVRO VI

# CAPÍTULO I
# A TORRE DE CIRITH UNGOL

Sam levantou-se do chão com muito esforço. Por um momento perguntou-se onde estava, e então toda a desgraça e o desespero retornaram á sua mente. Estava numa escuridão profunda do lado de fora do portão inferior da fortaleza dos orcs, as portas de bronze estavam fechadas. Certamente ele caíra sem sentidos quando arremessou o corpo contra elas, mas quanto tempo ficara ali deitado não sabia dizer.

Naquela hora estivera fervendo, desesperado e furioso; agora tremia de frio. Arrastou-se até as portas e colou o ouvido contra elas. De um ponto distante lá dentro conseguia escutar vozes de orcs gritando, mas logo cessaram ou ficaram fora do alcance de seus ouvidos, e tudo era silêncio. A cabeça lhe doía, e os olhos viam luzes fantasmagóricas na escuridão, mas ele lutava para se firmar e pensar. De qualquer maneira, estava claro que não havia esperança de entrar na fortaleza dos orcs por aquele portão; ele poderia ficar ali aguardando durante dias antes que se abrisse, e não havia tempo para esperar; o tempo era desesperadamente precioso. Sam não tinha mais dúvidas sobre o seu dever: deveria resgatar seu mestre ou perecer na tentativa.

— É mais provável que eu pereça, e de qualquer modo vai ser bem mais fácil — disse ele num ar severo para si mesmo, recolocando Ferroada na bainha e dando as costas para as portas de bronze. Devagar foi tateando o caminho de volta no escuro ao longo do túnel, sem coragem de usar a luz élfica; enquanto avançava, tentava recapitular os acontecimentos desde que Frodo e ele haviam partido da Encruzilhada. Perguntava-se que horas seriam. Algum ponto entre um dia e o próximo, supunha ele; mas até mesmo dos dias ele perdera a conta. Estava numa terra de escuridão, onde os dias do mundo pareciam esquecidos e onde todos os que entravam também eram esquecidos.

— Queria saber se em algum momento eles pensam em nós — disse ele —, e o que está acontecendo lá longe. Acenou com a mão no ar num gesto vago, mas agora na verdade estava virado para o sul, voltando ao túnel de Laracna, e não para o oeste. No mundo lá fora, no lado oeste aproximava se o meio-dia do décimo quarto dia de março, de acordo com o Registro do Condado, e nesse momento Aragorn conduzia a frota negra saindo de Pelargir, e Merry cavalgava com os rohirrim, descendo o Vale das Carroças de

Pedra, enquanto em Minas Tirith subiam as chamas e Pippin observava a loucura crescendo nos olhos de Denethor. Apesar disso, em meio a todas as preocupações e temores, os pensamentos de seus amigos voltavam-se constantemente para Frodo e Sam. Eles não tinham sido esquecidos. Mas estavam fora do alcance de qualquer ajuda, e nenhum pensamento poderia trazer qualquer socorro para Samwise, filho de Hamfast; por isso, ele estava completamente sozinho.

Por fim chegou de volta à porta de pedra do corredor dos orcs, e ainda sem poder descobrir a tranca ou o ferrolho que a mantinha fechada, arrastou-se por cima da mesma forma que antes e deixou-se cair delicadamente no chão. Então avançou furtivamente até a saída do túnel de Laracna, onde os farrapos de sua grande teia ainda balançavam no vento frio. Pois frio lhe parecia o vento, depois da escuridão desagradável que deixara para trás. Mas o seu sopro fez o hobbit reviver.

Arrastou-se com cautela para fora.

Tudo estava funestamente quieto. A luz não passava daquela que se tem no crepúsculo ao fim de um dia escuro. A enorme quantidade de vapor que subia em Mordor e ia flutuando em direção ao oeste ia passando baixo, uma grande onda de fumaça e nuvens agora iluminada outra vez embaixo por um vermelho sombrio.

Sam ergueu os olhos para a torre dos orcs, e de repente, das estreitas janelas, luzes espiaram como pequenos olhos vermelhos. Pensou se aquilo não era algum sinal. O medo que sentira dos orcs, esquecido por um tempo em sua ira e desespero, agora retornava. Pelo que podia ver, havia um único caminho possível a tomar: deveria ir em frente tentando achar a entrada principal da pavorosa torre; mas sentia os joelhos fracos, e percebeu que estava tremendo. Desviando os olhos da torre e dos chifres da fenda diante dele, forçou seus pés relutantes a lhe obedecerem e, devagar, escutando com a máxima atenção, espiando para dentro das densas sombras das rochas ao lado do caminho, refez seus passos, passando pelo lugar onde Frodo caíra, onde ainda perdurava o fedor de Laracna, e depois foi adiante e para cima, até chegar de novo exatamente na fenda onde colocara o Anel e vira passar a companhia de Shagrat. Então parou e sentou-se. Por um momento não conseguiu forçar-se a avançar mais. Sentia que, se transpusesse o topo da passagem e se realmente desse um passo descendo e penetrando a terra de Mordor, esse passo seria irrevogável. Nunca mais poderia voltar. Sem qualquer propósito claro, puxou o Anel e colocou-o de novo no dedo. Imediatamente sentiu o grande fardo de seu peso, e sentiu de novo, agora mais forte e opressiva que nunca, a malícia do Olho de Mordor, perscrutando, tentando penetrar as sombras que

fizera para a própria defesa, mas que nesta hora o atrapalhavam em sua inquietude e dúvida.

Como antes, Sam sentiu sua audição aguçada, enquanto para seus olhos as coisas deste mundo pareciam tênues e vagas. As muralhas rochosas da trilha estavam pálidas, como se vistas através de uma névoa, mas ainda na distância Sam ouvia o borbulhar de Laracna em sua desgraça; e roucos e claros, parecendo estar bem próximos, ouviu o som de gritos e o entrechoque de metais. Saltou de pé e forçou o corpo contra a muralha que margeava a trilha. Estava feliz por ter o Anel, pois ali já vinha outra companhia de orcs em marcha. Ou pelo menos foi assim que pensou a princípio. Então, de súbito, percebeu que não se tratava disso, e que sua audição o enganara: os gritos dos orcs vinham da torre, cujo chifre mais alto erguia-se agora bem diante dele, do lado esquerdo da Fenda.

Sam estremeceu e tentou forçar-se a avançar. Era claro que alguma maldade estava acontecendo. Talvez, a despeito de todas as ordens, os orcs, dominados por sua crueldade, estivessem torturando Frodo, ou até mesmo partindo-o aos pedaços com selvageria. Ficou escutando, e teve um laivo de esperança. Não poderia haver muita dúvida: havia luta na torre, os orcs deviam estar lutando entre si, Shagrat e Gorbag haviam chegado ás vias de fato. Apesar de ser uma esperança fugidia a que lhe trouxera a sua suposição, foi o suficiente para despertá-lo. Só poderia haver uma chance. Seu amor por Frodo se elevou acima de todos os outros pensamentos, e, esquecendo o perigo, Sam gritou:

— Estou chegando, Sr. Frodo!

Correu para o topo da trilha ascendente e foi adiante. De súbito o caminho fez uma curva para a esquerda e mergulhou vertiginosamente. Sam cruzara o limiar de Mordor. Retirou o Anel, movido talvez por alguma premonição profunda de perigo, embora consigo mesmo pensasse apenas que desejava enxergar mais claro.

— É melhor dar uma olhada no pior — murmurou ele. — Não adianta ir tropeçando na neblina!

Seu olhar deparou com uma terra dura, cruel e amarga. Diante de seus pés o maciço mais alto dos Ephel Dúath caía vertiginosamente em grandes penhascos, para dentro de uma grande vala, que do outro lado subia num outro maciço, muito mais baixo, com uma borda chanfrada e denteada, com rochedos semelhantes a presas que se sobressaíam negras contra um fundo de luz vermelha: era o sinistro Morgai, o circulo interno das fronteiras da terra. Muito além dele, mas quase em linha reta, através de um

amplo lago de escuridão salpicado por pequenas fogueiras, havia um grande clarão de fogo; dele subia em enormes colunas uma fumaça em torvelinhos, de um vermelho empoeirado na parte inferior, negra na parte de cima, onde se misturava à abóbada ondulada que toldava toda aquela terra maldita.

Sam estava olhando para Orodruin, a Montanha de Fogo. De vez em quando, as fornalhas bem abaixo de seu pico de cinzas despejavam, em meio a grandes ondas e convulsões, rios de rocha fundida, saídos de fendas em suas encostas. Alguns corriam reluzindo na direção de Barad-dûr por grandes canais; outros traçavam um caminho sinuoso e entravam na planície de pedra, até se resfriarem e se deitarem como formas retorcidas de dragões, o vômito da atormentada terra. Sam avistou a Montanha da Perdição, e a sua luz, escondida pelo alto escudo dos Ephel Dúath dos olhos daqueles que subiam pela estrada do oeste, agora brilhava contra as rígidas encostas rochosas, de modo que pareciam estar banhadas de sangue.

Naquela luz aterrorizante Sam parou atônito, pois agora, olhando à esquerda, ele conseguia divisar a Torre de Cirith Ungol em toda a sua força. O chifre que vira do outro lado era apenas o torreão mais alto. Seu lado leste projetava-se em três grandes patamares sobre uma saliência na encosta da montanha lá embaixo; sua parte posterior dava para um grande penhasco, do qual saíam baluartes pontiagudos, um sobre o outro, que iam — diminuindo ao subirem, com laterais perpendiculares de habilidosa alvenaria com faces para o nordeste e o sudeste. Ao redor do patamar mais baixo, sessenta metros abaixo de onde estava Sam, havia uma parede com ameia que contornava um pequeno pátio. Seu portão, que ficava na encosta sudeste, abria-se para uma estrada larga, cujo parapeito externo corria sobre a borda de um precipício, até virar-se para o sul e continuar numa descida sinuosa na escuridão, para unir-se à estrada que vinha da Passagem de Morgul. Por ela então atravessava uma fissura denteada no Morgai e saía para o vale de Gorgoroth e para Barad-dûr. O estreito caminho superior no qual Sam estava saltava rapidamente para baixo através de degraus e de uma trilha íngreme, até encontrar a estrada principal sob as muralhas sinistras próximas ao Portão da Torre.

Olhando tudo aquilo Sam de repente entendeu, quase tendo um choque, que aquela fortaleza não fora construída para manter os inimigos fora de Mordor, mas para prendê-los lá dentro. Na realidade era um dos trabalhos realizados muito tempo atrás por Gondor, um posto avançado das defesas de Ithilien no leste, feito quando, depois da Última Aliança, os homens do Ponente passaram a vigiar a terra maligna de Sauron, onde suas criaturas ainda rondavam. Mas como aconteceu com Narchost e Carchost, as Torres

dos Dentes, aqui também a vigilância fracassara, e a traição entregara a Torre para o Senhor dos Espectros do Anel, e agora por longos anos ela estivera sob a posse de seres malignos. Desde seu retorno a Mordor, Sauron a considerara útil, pois ele tinha poucos servidores mas muitos escravos do terror, e o principal escopo da torre era ainda, como sempre, evitar a fuga de Mordor. Caso um inimigo fosse tão temerário a ponto de tentar entrar naquela terra secretamente, a torre então era também um último guarda que nunca dormia, vigiando qualquer um que pudesse burlar a vigilância de Morgul e de Laracna.

Sam percebeu muito claramente como seria sem esperança a sua tentativa de se arrastar sob aquelas paredes de muitos olhos e passar pelo portão vigilante. E, mesmo que conseguisse, não poderia avançar muito na estrada vigiada: nem mesmo as sombras negras, que pairavam nas profundezas onde o brilho vermelho não alcançava, poderiam protegê-lo por muito tempo dos orcs e de seus olhos noturnos. Mas, mesmo que a estrada não oferecesse esperanças, sua tarefa agora era muito pior; não se tratava de evitar o portão e escapar, mas de entrar por ele, sozinho.

Seu pensamento voltou-se para o Anel, mas ali não havia consolo, só terror e perigo. Logo que conseguira avistar a Montanha da Perdição, queimando na distância, Sam percebeu uma mudança em seu fardo. A medida que se aproximava das grandes fornalhas onde, nas profundezas do tempo, o Anel fora forjado e moldado, seu poder crescia e ficava mais cruel, não podendo ser controlado a não ser que houvesse alguma vontade poderosa. E no momento em que Sam parara ali, mesmo sem usar o Anel, tendo-o apenas pendurado ao pescoço, ele próprio se sentiu maior, como se estivesse vestindo uma enorme sombra distorcida de si mesmo, uma ameaça enorme e ominosa parada sobre as muralhas de Mordor. O hobbit sentia que de agora em diante só tinha duas escolhas: abster-se do Anel, embora isso pudesse torturá-lo, ou reivindicá-lo, desafiando o poder que se sentava em seu escuro domínio além do vale de sombras. O Anel já o tentava, devorando sua vontade e raciocínio. Fantasias loucas despertavam em sua mente, e ele via Samwise, o Forte, Herói do seu Tempo, caminhando a passos largos com uma espada flamejante através da terra escurecida, e exércitos se arrebanhando a um chamado seu, no momento em que marchava para derrotar Barad-dûr. E então todas as nuvens se dissipavam, e o sol branco brilhava, e a uma ordem sua o vale de Gorgoroth se transformava num jardim de flores e árvores que davam frutos. Ele só tinha de colocar o Anel e reivindicar a sua posse, e tudo isso podia acontecer.

Naquela hora de provação, foi o amor por seu mestre que mais o ajudou a manter-se firme; mas também, no fundo de seu ser, ainda vivia independente seu senso

simples de hobbit: sabia em seu coração que não era grande o suficiente para carregar tal fardo, mesmo que aquelas visões não fossem apenas uma mera ilusão para atraiçoá-lo. O pequeno jardim de um jardineiro livre era tudo o que desejava e de que precisava, não um jardim expandido em um reino; queria trabalhar com as próprias mãos, e não ter as mãos dos outros para comandar.

— E de qualquer forma todas essas sensações são apenas uma armadilha — disse ele para si mesmo. — Ele me acharia e me faria morrer de medo antes que conseguisse sequer gritar. Ele me acharia bem rápido, se eu colocasse o Anel aqui em Mordor. Bem, tudo o que posso dizer é: as coisas parecem desastrosas como uma geada na primavera. Bem na hora em que estar invisível seria realmente útil, não posso usar o Anel! E, se conseguir avançar mais um pouco, ele não vai passar de um fardo e um peso a cada passo. Então, que devo fazer?

Na verdade, ele não estava em dúvida. Sabia que precisava descer até o portão e não ficar ali por mais tempo. Com um dar-de-ombros, como se quisesse afastar a sombra e livrar-se dos fantasmas, começou a descer lentamente. A cada passo tinha a impressão de que diminuía. Não tinha ido muito longe e já se via reduzido de novo ao tamanho de um hobbit bem pequeno e amedrontado. Estava agora passando sob as próprias muralhas da Torre, e os gritos e ruídos de luta podiam ser ouvidos sem a ajuda do Anel. No momento, o barulho parecia estar vindo do pátio que ficava atrás da muralha externa.

Sam estava no meio de sua descida pela trilha quando do portão escuro vieram dois orcs correndo, surgindo no clarão vermelho. Não se viraram para ele. Estavam se dirigindo para a estrada principal, mas enquanto corriam tropeçaram e caíram no chão, ficando imóveis. Sam não vira flechas. mas supunha que os orcs tinham sido feridos por outros que estavam nas E ameias ou escondidos na sombra do portão. Avançou, encostando-se na muralha à esquerda. Um olhar para cima lhe revelara que não havia possibilidade de escalá-la.

O trabalho em pedra se erguia a uma altura de nove metros, sem qualquer rachadura ou patamar, até atingir saliências que pareciam degraus invertidos. O portão era o único caminho.

Para a frente, e, enquanto avançava, perguntava-se quantos orcs viviam na Torre com Shagrat, e quantos Gorbag tinha, e qual seria o motivo de sua discussão, se era isso o que estava acontecendo. Tivera a impressão de que a companhia de Shagrat era composta de quarenta elementos, e a de Gorbag lhe parecia mais de duas vezes maior;

mas sem dúvida a patrulha de Shagrat representara apenas uma parte de sua guarnição. Era quase certeza que estavam discutindo sobre Frodo e o espólio. Por um segundo Sam parou, pois de repente as coisas lhe pareceram claras, como se as tivesse visto com os próprios olhos. O casaco de mithril! Era claro, Frodo o estava vestindo, e eles o achariam. E, pelo que Sam pudera ouvir, Gorbag o cobiçava. Mas as ordens da Torre Escura eram agora a única proteção de Frodo, e, se fossem ignoradas, ele poderia ser morto a qualquer momento.

— Vamos lá, seu preguiçoso miserável! exclamou Sam para si mesmo. — Agora, vamos! — Sacou Ferroada e correu na direção do portão aberto. Mas, no momento em que estava prestes a passar embaixo do grande arco, sentiu um choque: como se tivesse batido contra alguma teia como a de Laracna, mas desta vez invisível. Não conseguia enxergar obstáculo algum. mas algo forte demais para que pudesse superar pela força de sua vontade barrava-lhe o caminho. Olhou ao redor, e então dentro da sombra do portão viu as Duas Sentinelas.

Eram como grandes figuras sentadas em tronos. Cada uma tinha três corpos unidos, e três cabeças olhando para fora, e para dentro, e através do portão. As cabeças tinham caras de abutres, e em seus grandes joelhos descansavam mãos em forma de garras. Pareciam ter sido entalhadas em enormes blocos de pedra, imóveis, e apesar disso estavam vigilantes: algum espírito terrível de vigilância maligna morava nelas. Conheciam quem era um inimigo. Visível ou invisível, ninguém poderia passar despercebido. Proibiriam sua entrada, ou sua fuga.

Forçando sua disposição, Sam lançou o corpo outra vez para a frente, e parou com um solavanco, cambaleando como se tivesse levado um murro na cabeça e no peito. Então, com enorme ousadia, porque não conseguia pensar em mais nada, respondendo a um pensamento repentino que lhe ocorreu, puxou lentamente o frasco de Galadriel e o ergueu. Rápido a luz branca ganhou vida, e as sombras sob o arco escuro fugiram. As monstruosas Sentinelas continuavam ali sentadas, frias e imóveis, reveladas em toda a sua forma hedionda. Por um momento Sam capturou um faiscar nas pedras negras de seus olhos, cuja própria malícia o fez vacilar; mas lentamente sentiu que a vontade delas titubeava e desmoronava de medo. Passou por elas num salto, mas no momento em que fazia isso, escondendo o frasco de volta em seu peito, percebeu nitidamente, como se uma barra de aço tivesse descido de súbito atrás dele, que a vigilância fora renovada. E daquelas cabeças malignas veio um grito agudo que ecoou nas altas muralhas diante dele. Lá em cima, como um sinal em resposta, um sino estridente emitiu um único toque.

— Tudo acabado! — disse Sam. — Agora toquei a campainha da porta da frente! Bem, que alguém apareça! — gritou ele. — Digam ao Capitão Shagrat que o grande Guerreiro Élfico está aqui, e veio com sua espada élfica!

Não houve resposta. Sam avançou a passos largos. Ferroada emanava um brilho azul em sua mão. O pátio estava envolto em sombras, mas ele podia ver que a calçada estava coberta de corpos. Bem aos seus pés estavam dois arqueiros-orcs com facas enfiadas nas costas. Mais além jaziam muitas outras formas; algumas sozinhas, pois haviam sido golpeadas ou flechadas, outras em pares, uma ainda agarrada à outra, mortas em meio ao espasmo de golpear, esganar, morder. As pedras, borrifadas com sangue escuro, estavam escorregadias.

Sam notou dois uniformes, um marcado com o Olho Vermelho, o outro com uma Lua desfigurada, representando um rosto fantasmagórico de morte; mas ele não parou para olhar mais atentamente. Do outro lado do pátio, uma grande porta ao pé da Torre estava entreaberta, e uma luz vermelha escapava por ela; um grande orc jazia morto no limiar. Sam saltou por sobre o corpo e entrou; depois olhou em volta, perdido. Um corredor largo e retumbante conduzia da porta para a encosta da montanha. Estava parcamente iluminado com tochas de chamas trêmulas presas a suportes nas paredes, mas seu fim distante se perdia na escuridão. Podiam-se ver muitas portas e aberturas dos dois lados, mas o corredor estava vazio, a não ser por mais dois ou três corpos esparramados no chão. Pelo que ouvira da conversa do capitão, Sam sabia que, vivo ou morto, Frodo poderia mais provavelmente ser encontrado num cômodo bem em cima do torreão superior, mas poderia levar um dia de buscas antes que Sam achasse o caminho.

— Suponho que fique perto dos fundos — murmurou Sam. — Toda a Torre sobe inclinando-se para trás. E, de qualquer forma, é melhor que eu siga essas luzes.

Avançou pelo corredor, mas agora devagar, cada passo mais relutante que o anterior. O terror estava começando a dominá-lo outra vez. Não se ouvia qualquer som, exceto a batida de seus pés, que parecia aumentar num barulho ecoante, como o estapear de grandes mãos sobre as rochas. Os cadáveres, o vazio, a umidade das paredes negras que à luz das tochas parecia sangue escorrendo, o medo de uma morte súbita espreitando em alguma porta ou sombra, e atrás de tudo em sua mente a malícia vigilante e atenta no portão: tudo aquilo quase ultrapassava o que ele podia forçar-se a enfrentar. Sam teria preferido uma luta — não com muitos inimigos de uma só vez àquela hedionda e crescente incerteza. Fez um esforço para pensar em Frodo, acorrentado, sofrendo ou morto em algum ponto daquele lugar aterrorizante. Continuou a avançar. Já

ultrapassara além da luz das tochas, quase chegando a uma grande porta em arco no fim do corredor, o lado interno do portão inferior, como corretamente supusera, quando ouviu lá de cima um guincho horrível e estrangulado.

Parou de repente. Então ouviu passos se aproximando. Alguém estava correndo a uma grande velocidade, descendo por uma escada ecoante acima de onde Sam estava. Sua força de vontade foi muito fraca e lenta para impedir-lhe o movimento da mão, que buscou a corrente e agarrou o Anel. Mas Sam não o colocou no dedo, pois, no momento em que o agarrava junto ao peito, um orc veio descendo aos trambolhões. Saltando de um buraco escuro à direita, correu na direção de Sam. Já estava a menos de seis passos quando, erguendo a cabeça, viu o hobbit, e Sam pôde ouvir sua respiração entrecortada e ver o brilho em seus olhos injetados de sangue. A criatura parou de repente, aterrorizada, pois o que viu não foi um hobbit pequeno e amedrontado que tentava empunhar uma espada com firmeza: diante de seus olhos estava um grande vulto silencioso, coberto por uma sombra cinzenta, assomando contra a luz vacilante atrás de si; em uma mão segurava uma espada, cuja própria luz já representava uma dor terrível, e a outra estava fechada contra o peito, mas escondia alguma inominável ameaça de força e destruição.

Por um momento o orc ficou agachado, e depois, com um grito hediondo de medo, virou-se e fugiu correndo por onde viera. Diante daquela fuga inesperada, Sam sentiu-se mais encorajado do que qualquer cachorro quando vê o inimigo virar as costas e correr apavorado. Com um grito correu ao encalço dele.

— Sim, o Guerreiro Élfico está à solta! — gritou ele. — Estou chegando. você me mostra o caminho até lá em cima, ou vou arrancar-lhe a pele!

Mas o orc estava em seus próprios domínios, era ligeiro e bem-nutrido. Sam era um forasteiro, faminto e cansado. Os degraus eram muitos, íngremes e sinuosos. Sam começou a ter dificuldades para respirar. O orc logo sumiu de vista, e agora mal se ouviam as fracas batidas de seus pés em fuga para o alto. As vezes dava um grito, cujo eco percorria as paredes. Mas lentamente todo o ruído silenciou.

Sam avançava a duras penas. Sentia que estava no caminho certo, e sua disposição melhorara bastante. Guardou o Anel e apertou o cinto.

— Bem, bem! — disse ele. — Se pelo menos todos eles sentirem por mim e minha Ferroada uma aversão semelhante, isso pode acabar melhor do que eu esperava. E, de qualquer forma, parece que Shagrat, Gorbag e companhia já fizeram quase todo o trabalho por mim. Com a exceção daquele pequeno rato apavorado, acho que não resta ninguém vivo no lugar! — ao dizer isso parou, de súbito, como se tivesse batido a cabeça

contra a parede de pedra. O pleno significado do que dissera surpreendeu-o como um murro. Não resta ninguém vivo! De quem fora aquele horrível grito agudo de morte?

— Frodo, Frodo! Mestre! — gritou ele aos soluços. — Se eles o mataram, que farei? Bem, estou chegando finalmente, exatamente ao topo, e verei o que houver para ser visto.

Foi subindo sem parar. Estava escuro, a não ser por uma tocha ocasional, bruxuleando numa curva, ou ao lado de alguma abertura que conduzia para os níveis superiores da Torre. Sam tentou contar os degraus, mas depois de duzentos perdeu a conta. Agora se movia sem fazer ruido, pois tinha a impressão de poder ouvir o som de vozes conversando, ainda bem acima. Restava mais de um rato vivo, ao que parecia.

De repente, quando sentia que não poderia mais respirar, e que seus joelhos já não teriam forças para se dobrar de novo, a escada terminou.

Sam ficou imóvel. As vozes agora soavam altas e próximas. Espiou ao redor. Tinha subido direto para o teto plano do terceiro e mais alto patamar da Torre: um espaço aberto, de cerca de vinte metros de largura, com um parapeito baixo. Ali a escada era coberta por um cômodo pequeno e abobadado no meio do teto, com portas baixas que davam para o leste e para o oeste. A leste Sam conseguia enxergar a planície de Mordor, vasta e escura lá embaixo, e a montanha incandescente na distância. Um novo tumulto estava começando em seus profundos poços, e os rios de fogo reluziam com tanta força que mesmo numa distância de muitas milhas a sua luz iluminava o topo da torre com um clarão vermelho. A oeste a visão ficava bloqueada pela base do grande torreão que se erguia atrás deste pátio superior, e projetava seu chifre bem acima da borda das colinas circundantes. Uma luz vinha da fenda de uma janela. A porta ficava a menos de dez metros de onde se encontrava Sam. Estava aberta mas escura, e de suas sombras vinham as vozes.

No inicio Sam não prestou atenção; afastou-se um passo da porta leste e olhou ao redor. Imediatamente viu que lá em cima a luta fora acirradíssima. Todo o pátio estava abarrotado de orcs mortos, ou ainda de cabeças e pernas decepadas. O lugar fedia a morte. Um rosnado seguido de um golpe e um grito mandou Sam de volta para seu esconderijo feito flecha. Uma voz de orc se ergueu furiosa, e Sam a reconheceu na hora, rouca, brutal, fria. Era Shagrat, o Capitão da Torre, falando.

— Está dizendo que não vai outra vez? Maldito Snaga, seu pequeno verme! Se acha que estou tão machucado que você pode zombar de mim, está errado. Venha aqui, e vou arrancar seus olhos, como acabei de fazer com Radbug. E, quando outros rapazes

vierem, vou cuidar de vocês: vou enviá-los para Laracna.

— Eles não virão, não antes que você esteja morto, de qualquer forma — respondeu Snaga zangado. — Eu lhe disse duas vezes que os porcos de Gorbag chegaram ao portão primeiro, e nenhum dos nossos voltou de lá. Lagduf e Muzgash atravessaram correndo, mas foram alvejados. Vi de uma janela, estou lhe dizendo. E eles eram os últimos.

— Então você deve ir. Eu preciso ficar aqui, de qualquer forma. Mas estou ferido. Que os Abismos Negros recebam aquele rebelde nojento do Gorbag!

— A voz de Shagrat começou a enfileirar uma série de palavrões e pragas.

— Dei-lhe mais do que recebi, mas ele me apunhalou, aquele estrume, antes que eu o estrangulasse. Você deve ir, ou vou devorá-lo. As noticias devem chegar a Lugbúrz, ou nós dois acabaremos nos Abismos Negros. É sim, você também. Não vai escapar se escondendo aqui.

— Não vou descer esses degraus de novo — rosnou Snaga —, seja você capitão ou não. Não! Tire as mãos de sua faca, ou vou enfiar uma flecha em suas tripas. Você não será capitão por muito tempo quando Eles ouvirem sobre tudo o que aconteceu. Lutei pela Torre, contra aqueles ratos fedorentos de Morgul, mas vocês dois, os capitães, fizeram uma bela bagunça lutando pelo espólio.

— Já chega! — rosnou Shagrat. — Eu tinha ordens a cumprir. Foi Gorbag quem começou, tentando pegar aquela bela camisa. Bem, foi você quem o deixou com raiva, com esse jeito orgulhoso e superior. E ele teve mais senso que você, de qualquer forma. Ele disse mais de uma vez que o mais perigoso desses espiões ainda estava à solta, e você não quis ouvir. E não quer ouvir agora. Eu lhe digo, Gorbag estava certo. Há um grande lutador por aí, um desses elfos de mãos sanguinárias, ou um dos tarks imundos. Está vindo para cá, estou lhe dizendo. Você ouviu o sino. Ele já passou pelas Sentinelas, e isso é serviço de tark. Ele está na escada. E, até que esteja longe, não vou descer. Nem que você fosse um nazgûl eu desceria.

— Então é assim? — gritou Shagrat. Você vai fazer isso, não vai fazer aquilo? E, quando ele vier, vai sair correndo e me deixar? Ah, não vai não! Antes disso vou fazer em sua barriga uns buracos vermelhos como fazem os vermes.

O orc menor saiu correndo pela porta do torreão. Atrás dele veio Shagrat, um orc grande com braços compridos que, correndo ele agachado, alcançavam o chão. Mas um braço estava ferido e parecia sangrar; o outro segurava um grande fardo preto. No clarão vermelho Sam, encolhendo-se atrás da porta da escadaria, viu de relance seu rosto mau,

quando ele passou: parecia que garras cortantes o haviam rasgado, e estava sujo de sangue; pingava baba de suas presas pontudas; rosnava como um animal.

Pelo que Sam pôde perceber, Shagrat perseguiu Soaga ao redor da cobertura, até que, agachando-se e despistando-o, o orc menor arremessou-se com um grito para dentro da torre outra vez e desapareceu. Então Shagrai parou. Da porta leste Sam podia vê-lo agora próximo ao parapeito, resfolegando, sua garra esquerda abrindo-se e fechando-se sem forças. Colocou o fardo no chão e com a garra direita sacou uma longa faca vermelha e cuspiu nela. Indo até o parapeito, debruçou-se, examinando o pátio externo lá embaixo. Gritou duas vezes, mas não veio nenhuma resposta.

De repente, no momento em que Shagrai se abaixava sobre a ameia, com as costas para o topo do telhado, Sam viu surpreso que um dos corpos espalhados estava se mexendo. Arrastava-se. Esticou uma garra e pegou o fardo. Levantou-se com dificuldade. Na outra mão segurava uma lança de ponta larga e haste curta quebrada.

Estava preparado para dar um golpe certeiro. Mas nesse exato momento um chiado escapou-lhe pelos dentes, um resfolegar de dor ou ódio. Rápido como uma serpente, Shagrat deslizou para o lado, virou-se e enfiou sua faca na garganta do inimigo.

— Te peguei, Gorbag! — gritou ele. — Não está bem morto, hein? Betu agora vou terminar meu trabalho. — Saltou sobre o corpo caído e começou a pisoteá-lo e esmagá-lo em sua fúria, abaixando-se vez por outra para furar e rasgar com a faca. Finalmente satisfeito, jogou a cabeça para trás e emitiu um horrível grito gorgolejante de triunfo. Depois lambeu a faca, colocando-a em seguida entre os dentes.

Pegando então o fardo, veio mancando na direção da porta mais próxima que dava para a escadaria.

Sam não teve tempo para pensar. Poderia ter escapado pela outra porta, mas seria praticamente impossível não ser visto; por outro lado, não poderia brincar de esconde-esconde com aquele orc hediondo por muito tempo. Fez o que provavelmente foi a melhor coisa que poderia ter feito. Saltou contra Shagrat com um grito.

Não estava mais segurando o Anel, mas ele estava lá, um poder oculto, uma ameaça assustadora para os escravos de Mordor; e em sua mão levava Ferroada, cuja luz feriu os olhos do orc como o brilho das estrelas cruéis das terríveis terras dos elfos: sonhar com aquelas estrelas já incutia um gélido terror em toda a sua espécie. E Shagrat não conseguia lutar e segurar seu tesouro ao mesmo tempo. Parou, rosnando, mostrando as presas. Então, mais uma vez, á maneira dos orcs, saltou de lado, e, quando Sam pulou sobre ele, o orc, usando o fardo pesado como escudo e arma, arremessou-o com força no

rosto do inimigo. Sam cambaleou e, antes que pudesse se recuperar, Shagrat passou por ele como um dardo, descendo a escada.

Sam correu atrás dele, praguejando, mas não chegou muito longe. Logo o pensamento em Frodo retornou-lhe á mente, e ele se lembrou de que o outro orc tinha voltado para dentro do torreão. Ali estava outra escolha terrível, e não restava tempo para ponderar. Se Shagrat escapasse, logo conseguiria ajuda e voltaria. Mas, se Sam o perseguisse, talvez o outro orc fizesse alguma coisa horrível lá em cima. E, de qualquer modo, Shagrat poderia escapar de Sam ou matá-lo. Virou-se depressa e subiu correndo a escada.

— Errado de novo, eu acho! — disse ele suspirando. — Mas meu serviço é ir primeiro diretamente para o topo, não importa o que aconteça depois.

Lá embaixo Shagrat continuou descendo a escada, saindo para o pátio e passando através do portão, com seu fardo precioso. Se Sam o tivesse visto e percebido a dor que tal fuga traria, poderia ter vacilado. Mas agora sua mente estava fixa na última etapa de sua procura. Chegou cautelosamente até a porta do torreão e entrou.

A porta se abria para a escuridão. Mas logo seus olhos perscrutadores perceberam uma luz fraca á direita. Vinha de uma abertura que conduzia a outra escadaria, escura e estreita: parecia ir subindo em caracol pelo torreão, ao longo do interior de sua parede externa, que era redonda. Uma tocha bruxuleava em algum ponto mais acima.

Sam começou a subir sem fazer ruido. Chegou até a tocha gotejante, presa acima de uma porta à esquerda, que dava para a abertura de uma janela sobre o oeste: um dos olhos vermelhos que Frodo e ele haviam visto lá debaixo, perto da boca do túnel. Depressa Sam passou pela porta e correu para o segundo pavimento, temendo a qualquer instante ser atacado e sentir dedos estranguladores agarrarem-lhe a garganta por trás. Chegou perto de uma janela que dava para o leste e de uma outra tocha acima da porta de um corredor que passava pelo meio do torreão. A porta estava aberta e O corredor escuro, a não ser pelo brilho da tocha e o clarão vermelho lá de fora, filtrados pela fenda da janela. Mas a escada terminava ali, e não subia mais. Sam voltou para o corredor. De cada lado havia uma porta baixa; ambas fechadas e trancadas. Não se ouvia nada.

— Beco sem saída — murmurou Sam —; e depois de tanta escalada! Este não pode ser o topo da torre. Mas que posso fazer agora?

Correu de volta para o pavimento inferior e forçou a porta, que não cedeu. Correu

para cima de novo, e o suor começou a escorrer-lhe pelo rosto. Sentia que os minutos eram preciosos, mas escapavam um a um, e não havia nada que pudesse fazer. Não se importava mais com Shagrat ou Snaga ou qualquer outro orc que jamais fora parido no mundo. Só pensava em seu mestre, desejando uma visão de seu rosto ou um toque de sua mão. Por fim, sentindo-se exausto e de uma vez por todas derrotado, sentou-se num degrau abaixo do nível do corredor e curvou a cabeça, apoiando-a nas mãos. Estava tudo quieto, num silêncio horrível. A tocha, que já tinha um fogo baixo quando ele chegara, crepitou e se extinguiu, e Sam sentiu a escuridão cobri-lo como uma onda.

Depois, suavemente, para a sua própria surpresa, lá no remoto fim de sua longa jornada e de sua tristeza, movido por um pensamento em seu coração que não sabia distinguir, Sam começou a cantar. Sua voz soava fraca e vacilante na torre fria e escura: a voz de um hobbit exausto e desolado que nenhum orc á escuta poderia confundir com o canto cristalino de um Senhor Élfico. Sam murmurava velhas toadas infantis do Condado, e trechos das rimas do Sr. Bilbo que lhe vinham à mente Como cenas passageiras de sua terra natal. E então, de repente, uma nova força nasceu dentro dele, e sua voz soou firme, enquanto palavras de sua Própria autoria chegaram, sem terem sido chamadas, para encaixar-se na melodia simples.

*Pode o oeste ao sol que brilha*
*em primavera estar,*
*no verde em flor, do rio na trilha,*
*o tentilhão cantar*
*Ou lá talvez em noites claras,*
*estrelas de elfos, jóias raras,*
*exibam seus apelos.*

*Embora aqui, jornada finda,*
*tu, escuridão, me afluas,*
*além das altas torres ainda*
*e das montanhas rijas,*
*além das sombras vai o sol*
*e estrelas há nos céus.*
*E não direi: "Morreu o sol"*
*e nem direi adeus.*

— Além das altas torres ainda — começou ele outra vez, e então parou de repente. Teve a impressão de ouvir uma voz fraca respondendo à sua. Mas agora não ouvia mais nada. Sim, podia ouvir alguma coisa, mas não uma voz.

Passos se aproximavam. Agora uma porta estava sendo aberta com todo o cuidado no corredor acima; as dobradiças rangeram. Sam se agachou e ficou escutando. A porta se fechou com um ruido abafado, e então soou uma voz rosnante de orc.

— Olá! Você ai em cima, seu rato estrumeiro! Pare de guinchar ou vou cuidar de você. Está ouvindo?

Não houve resposta.

— Tudo bem — rosnou Snaga. — Mas vou até ai dar uma olhada em você de qualquer jeito, e ver o que você está aprontando.

As dobradiças rangeram de novo e Sam, agora espiando por cima do canto do limiar do corredor, viu uma faisca de luz vinda de uma porta aberta, e a forma apagada de um orc saindo por ela. Parecia estar carregando uma escada. Num lampejo, Sam percebeu a resposta: para chegar ao cômodo mais alto era necessário passar por um alçapão no teto do corredor. Snaga empurrou a escada para cima, firmou-a, e depois subiu por ela até sumir de vista. Sam ouviu um ferrolho sendo puxado. Depois ouviu a voz hedionda falando de novo.

— Deite-se ai e fique quieto, ou pagará por isso! Acho que não lhe resta muito tempo para viver em paz, mas, se não quiser que a diversão comece já, mantenha sua matraca fechada, está ouvindo? Aí vai um lembrete, para que não se esqueça!

Fez-se um ruido como o de uma chicotada.

Ao ouvir isso, o ódio ardeu no coração de Sam, transformando-se numa fúria repentina. Saltou de pé, correu e subiu pela escada como um gato. Sua cabeça surgiu no meio do chão de um grande cômodo redondo. Uma lâmpada vermelha pendia do teto; a fenda da janela que dava para o oeste era alta e escura. Alguma coisa jazia no solo perto da parede sob a janela mas sobre ela escarranchado aparecia o vulto negro de um orc.

Levantou o chicote uma segunda vez, mas o golpe nunca foi desferido. Com um grito Sam saltou cruzando o chão, empunhando Ferroada. O orc virou-Se, mas antes que pudesse fazer qualquer gesto Sam decepou-lhe a mão que segurava o chicote. Uivando de dor e medo, mas enfurecido, o orc avançou sobre ele com a cabeça baixa. O próximo golpe de Sam passou longe e, perdendo o equilíbrio, ele caiu para trás, agarrando-se no orc no momento em que este tropeçava sobre seu corpo. Antes de conseguir ficar de pé,

Sam ouviu um grito e um baque. O orc, em sua pressa louca, tropeçara na ponta da escada e caíra pela abertura do alçapão. Sam deixou de pensar nele. Correu para a figura encolhida no chão. Era Frodo. Estava nu e parecia desmaiado, jazendo sobre um monte de trapos imundos: seu braço estava erguido, protegendo a cabeça, e através de seu flanco desenhava-se a feia marca de uma chicotada.

— Frodo! Sr. Frodo, meu querido! — gritou Sam, com as lágrimas quase a cegá-lo. — É Sam, eu cheguei! — Soergueu o corpo do mestre, apertando-o contra o peito. Frodo abriu os olhos.

— Ainda estou sonhando? — murmurou ele. — Mas os outros sonhos foram terríveis.

— O senhor não está sonhando de jeito nenhum, Mestre — disse Sam. — É verdade. Sou eu. Eu cheguei.

— Mal posso acreditar — disse Frodo, agarrando-o. — Havia um orc com um chicote, e então ele se transforma em Sam! Então afinal de contas eu não estava sonhando quando escutei alguém cantando lá embaixo e tentei responder? Era você?

— Era sim, Sr. Frodo. Tinha perdido as esperanças, quase. Não conseguia encontrá-lo.

— Bem, agora conseguiu, Sam, querido Sam — disse Frodo, recostando-se nos braços delicados do amigo, fechando os olhos, como uma criança que descansa depois que os temores da noite são afastados por alguma voz ou mão amada.

Sam sentia que poderia ficar ali sentado numa felicidade interminável, mas isso não era permitido. Não era suficiente que encontrasse seu mestre; tinha ainda de tentar salvá-lo. Beijou a testa de Frodo.

— Vamos! Acorde, Sr. Frodo! — disse ele, tentando imprimir à voz o mesmo entusiasmo que costumava ter quando abria as cortinas em Bolsão numa manhã de verão.

Frodo suspirou e recostou-se.

— Onde estamos? Como vim parar aqui? — perguntou ele.

— Não há tempo para histórias, até chegarmos a algum outro lugar, Sr. Frodo — disse Sam. — Mas o senhor está no topo daquela torre que nós dois vimos de lá de baixo, perto do túnel, antes que orcs o capturassem. Quanto tempo faz eu não sei. Mais que um dia, eu acho.

— Só isso? — disse Frodo. — Parecem semanas. Você precisa me contar tudo, se tivermos uma chance. Alguma coisa me atingiu, não foi? E eu cai na escuridão e em

sonhos ruins; depois acordei e vi que acordar foi pior. Um monte de orcs ao meu redor. Acho que tinham acabado de despejar alguma bebida horrível e ardente pela minha garganta abaixo. Minha cabeça clareou, mas eu estava cansado e sentindo dores. Despiram-me de tudo, e então dois grandes brutos vieram me interrogar, interrogaram-me até que achei que ia enlouquecer, vinham por cima de mim, olhando-me com avidez, acariciando as facas. Nunca vou esquecer aqueles olhos e aquelas garras.

— Não vai mesmo, se ficar falando neles, Sr. Frodo — disse Sam. — E, se não quisermos vê-los de novo, quanto mais cedo sairmos daqui, melhor. Consegue andar?

— Consigo sim — disse Frodo, levantando-se devagar. — Não estou ferido, Sam. Só me sinto muito cansado, e tenho uma dor aqui. — Colocou a mão no pescoço, acima do ombro esquerdo. Ficou de pé, e Sam teve a impressão de que ele estava vestindo chamas: sua pele nua estava escarlate á luz da lamparina. Duas vezes cruzou o recinto.

— Assim está melhor! — disse ele, um pouco mais animado. — Eu não ousava me mexer quando era deixado sozinho, ou um dos guardas chegava. Até que a gritaria e a luta começaram. Os dois grandes brutamontes: discutiram, eu acho. Sobre mim e meus pertences. Fiquei aqui apavorado. E então tudo ficou num silêncio mortal, e isso foi pior.

— É, eles discutiram, ao que parece — disse Sam. – Devia haver umas duzentas dessas criaturas imundas neste lugar. Uma encomenda grande demais para Sam Gamgi, como diria o senhor. Mas eles mesmos se mataram. Foi um golpe de sorte, mas não há tempo para fazer uma canção sobre o acontecido, até que estejamos longe daqui. Agora, que devemos fazer"? O senhor não pode sair caminhando pela Terra Escura nu em pêlo, Sr. Frodo.

— Eles levaram tudo, Sam — disse Frodo. — Tudo o que eu tinha. Você está entendendo? Tudo! — Agachou-se no chão de novo com a cabeça curvada, pois suas próprias palavras lhe trouxeram a totalidade do desastre, e o desespero o dominou. — A Demanda fracassou, Sam. Mesmo que consigamos sair daqui, não poderemos escapar. Só os elfos podem escapar. Para longe, longe da Terra-média, do outro lado do Mar. Mesmo assim, só se o Mar for vasto o suficiente para manter a Sombra longe.

— Não, nem tudo, Sr. Frodo. E a Demanda não fracassou, ainda não. Eu o peguei, Sr. Frodo, com as suas desculpas. E guardei-o a salvo. Esta em volta do meu pescoço agora, e é um fardo terrível, sem dúvida. — Sam tateou o peito buscando o Anel na corrente. — Mas suponho que o senhor deve pegá-lo de volta. — Agora que tinha chegado a hora, Sam relutava em desfazer-se do Anel e sobrecarregar seu mestre com

ele de novo.

— Você está com ele? — disse Frodo otegante. — Esta com ele aqui. Sam, você é um prodígio! — Então o tom de sua voz mudou de forma rápida e estranha.

— Passe-o para mim! — gritou ele, levantando-se e estendendo uma mão trêmula. — Passe-o para cá imediatamente! Não pode ficar com ele!

— Está bem, Sr. Frodo — disse Sam, bastante surpreso. – Aqui esta! — Lentamente puxou o Anel e passou a corrente sobre a cabeça. — Mas o senhor está agora na terra de Mordor e, quando sair daqui, verá a Montanha de Fogo e tudo mais. Vai perceber que o Anel ficou muito perigoso agora, e muito difícil de carregar. Se for um trabalho dificil, posso dividi-lo com o senhor, quem sabe?

— Não, não! — gritou Frodo, arrebatando o Anel e a corrente das mãos de Sam. — Nada disso, seu ladrão! — Ofegante, fixava Sam com olhos esbugalhados de medo e hostilidade. Então, de repente, fechando o Anel em uma das mãos, ficou horrorizado. Uma névoa pareceu se dissipar de seus olhos, e ele passou a outra mão sobre a testa, que lhe doía. A visão hedionda lhe parecera tão real, a ele que ainda estava meio perturbado devido ao ferimento e ao medo. Sam se transformara diante de seus olhos num orc, num orc esperto que tateava seu corpo em busca de seu tesouro, uma pequena criatura suja com olhos ávidos e boca salivante. Mas agora a visão passara. Ali estava Sam, ajoelhado diante dele, com o rosto contorcido de dor, como se tivesse sido apunhalado no coração; lágrimas brotavam-lhe dos olhos.

— Oh Sam! — exclamou Frodo. — Que foi que eu disse? Que foi que fiz? Perdoe-me! Depois de tudo o que fez. É o poder horrível do Anel. Gostaria que nunca, nunca ele tivesse sido encontrado. Mas não se importe comigo, Sam. Devo carregar o fardo até o fim. Isso não se pode mudar. Você não pode intervir entre mim e esse destino.

— Está tudo bem, Sr. Frodo — disse Sam, limpando os olhos com a manga da camisa. — Eu entendo. Mas ainda posso ajudar, não posso? Preciso tirá-lo daqui. Imediatamente! Mas primeiro o senhor precisa de umas roupas, e depois de alguma comida. As roupas serão o mais fácil. Como estamos em Mordor, é melhor nos vestirmos á maneira de Mordor; de qualquer forma não há escolha. Terá de ser coisa de orc para o senhor, Sr. Frodo, receio eu. E para mim também. Se vamos juntos, é melhor estarmos vestidos do mesmo jeito. Agora, ponha isso em volta do corpo.

Sam abriu a capa cinzenta e jogou-a sobre os ombros de Frodo. Depois, desafivelando a mochila, colocou-a no chão. Sacou Ferroada da bainha. Mal se via um faiscar em sua lâmina.

— Estava me esquecendo disso, Sr. Frodo — disse ele. — Não, eles não levaram tudo! O senhor me emprestou Ferroada, se pode se lembrar, e o cristal da Senhora. Ainda os tenho Comigo. Mas empreste-os por mais um pouco de tempo, Sr. Frodo. Preciso ir ver o que posso encontrar. O senhor fica aqui. Caminhe um pouco pelo quarto e descance as pernas. Não vou demorar muito.

— Tome cuidado, Sam! — disse Frodo. — E seja rápido. Pode haver orcs ainda vivos, esperando à espreita.

— Preciso arriscar — disse Sam. Dirigiu-se até o alçapão e começou a descer a escada. Num minuto sua cabeça reapareceu. Jogou uma faca comprida no chão.

— Aí está algo que pode ser útil — disse Sam. — Ele está morto: aquele que o chicoteou. Quebrou o pescoço, ao que parece, em sua pressa. Agora o senhor puxe a escada, se conseguir, Sr. Frodo; e não a desça até me ouvir dando a senha. Chamarei Elbereth. O que dizem os elfos. Nenhum orc diria isso.

Frodo ficou por um tempo sentado, tremendo; medos terríveis surgiam uns atrás dos outros em sua mente. Depois levantou-se, passou a capa élfica ao redor do corpo e, para manter a mente ocupada, começou a caminhar de um lado para o outro, esquadrinhando e espiando todos os cantos da prisão. Não demorou muito tempo, embora o medo fizesse parecer que no mínimo uma hora se passara, até que ouvisse a voz de Sam chamando baixinho lá de baixo: Elbereth, Elbereth. Frodo desceu a leve escada. Sam subiu, bufando, carregando um enorme fardo na cabeça. Deixou-o cair com um baque surdo.

— Depressa agora, Sr. Frodo! — disse ele. — Tive de procurar muito atê encontrar alguma coisa pequena o suficiente para pessoas como nós. Vamos ter de adaptar. Mas precisamos nos apressar. Não encontrei nada vivo, e também não vi nada, mas não estou tranquilo. Acho que este lugar está sendo vigiado. Não posso explicar, mas veja: tenho uma sensação de que um daqueles infames Cavaleiros voadores estava por perto, lá em cima na escuridão, onde não pode ser visto.

Abriu o fardo. Frodo olhou enojado para o conteúdo, mas não havia nada a fazer: tinha de vestir aquelas coisas, ou ir pelado. Havia culotes compridos e peludos da pele de algum animal impuro, e uma túnica de couro imundo. Vestiu-os. Sobre a túnica ia um casaco resistente de malha metálica, curto para um orc grande, mas comprido e pesado demais para Frodo. Em volta dele prendeu um cinto, do qual pendia uma bainha curta que segurava uma espada de lâmina larga. Sam trouxera vários capacetes de orcs. Um deles serviu bem na cabeça de Frodo, uma touca negra com aba de ferro, e arcos de ferro

cobertos de couro sobre os quais estava pintado em vermelho o Olho maligno, acima de uma bicuda proteção para o nariz.

— As coisas de Morgul, as roupas de Gorbag, eram melhores e mais bem feitas — disse Sam —, mas acho que não daria certo ficar andando em Mordor com os símbolos dele, depois do que aconteceu aqui. Bem, aí está, Sr. Frodo. Um perfeito orczinho se me permite o atrevimento — pelo menos seria, se cobrisse o rosto com uma máscara, tivesse braços mais compridos e as pernas arqueadas. Isso vai esconder algumas marcas características. – colocou uma grande capa negra em volta dos ombros de Frodo. — Agora o senhor está pronto! Pode apanhar um escudo no caminho.

— E você, Sam? — disse Frodo. — Nós não vamos nos vestir de forma parecida?

— Bem, Sr. Frodo, estive pensando — disse Sam. — É melhor que eu não deixe nada de minhas coisas para trás, e não podemos destruí-las. E não posso usar armadura de orc em cima de todas as minhas roupas, posso? Só preciso me cobrir.

Ajoelhou-se e com cuidado dobrou sua capa élfica, que se transformou num volume surpreendentemente pequeno. Colocou-o na mochila que estava no chão. Levantando-se,ajeitou-a nas costas, e jogou outra capa negra nos ombros.

— Pronto! — disse ele. — Agora estamos vestidos de forma praticamente igual. E precisamos sair daqui!

— Não posso fazer o caminho todo correndo, Sam — disse Frodo com um sorriso forçado. — Espero que tenha tomado informações sobre estalagens ao longo da estrada! Ou você se esqueceu da comida e da bebida?

— Desculpe-me, mas realmente me esqueci — disse Sam. Soltou um assobio de desânimo. — Puxa vida, Sr. Frodo, mas agora o senhor me fez sentir uma fome e uma sede terríveis! Não sei quando foi a última vez que alguma gota ou petisco passou pelos meus lábios. Tinha esquecido, tentando encontrá-lo. Mas deixe-me pensar! A última vez que olhei, eu tinha uma quantidade suficiente de pão de viagem, e, das coisas que o Capitão Faramir nos deu, o suficiente para me manter de pé por algumas semanas, se fosse necessário. Mas não resta mais que uma gota em minha garrafa. Não vai ser o suficiente para dois, de jeito nenhum. Os orcs não comem, e não bebem? Ou será que vivem de ar sujo e veneno?

— Não, eles comem e bebem, Sam. A sombra que os criou só pode arremedar, não pode criar: nada realmente novo que se origine dela mesma. Não acho que lhes tenha dado vida, apenas os arruinou e deformou; e, se eles tiverem de viver, precisam

viver como as outras criaturas. Ingerem carnes pútridas e águas sujas, se não conseguirem coisa melhor, mas veneno não. Alimentaram-me, e por isso estou em melhores condições que você. Deve haver comida e bebida por aqui em algum lugar.

— Mas não há tempo para procurar — disse Sam.

— Bem, as coisas estão um pouco melhor do que você pensa — disse Frodo. — Tive um bocado de sorte enquanto você estava longe. É verdade que não levaram tudo. Encontrei meu saco de comida em meio a uns trapos no chão. É claro que eles vasculharam tudo. Mas acho que odiaram a mera visão e o cheiro do lembas, mais ainda que Gollum. Está tudo espalhado e alguns estão pisados e quebrados, mas juntei os pedaços. Não é muito menos do que você tem. Mas levaram a comida de Faramir, e rasgaram minha garrafa de água.

— Bem, não há mais nada a dizer — disse Sam. — Temos o suficiente para começar a caminhada. Mas a água vai ser um problema. Mas venha, Sr. Frodo. Vamos! Caso contrário um lago inteiro não nos adiantará de nada!

— Não até você ter comido alguma coisa, Sam — disse Frodo. — Não vou dar um passo. Aqui, pegue esse bolo élfico, e beba o último gole de sua garrafa! A coisa toda é muito desesperadora, então não adianta preocupasse com o amanhã. O amanhã provavelmente não virá.

Finalmente partiram. Desceram pela escada, que depois Sam recolheu e deitou no corredor, ao lado do corpo amontoado do orc morto. A escadaria estava escura, mas no teto ainda se podia ver o clarão da Montanha, embora estivesse morrendo num vermelho apagado. Apanharam dois escudos para completar o disfarce e depois avançaram. Foram descendo aos tropeços a grande escadaria. O alto cômodo da torre lá atrás, onde se tinham encontrado de novo, pareceu-lhes quase aconchegante: agora estavam novamente no espaço aberto, e o terror corria ao longo das paredes. Todos poderiam estar mortos na Torre de Cirith Ungol, mas ela continuava cheia de terror e maldade.

Finalmente chegaram á porta que se abria para o pátio externo, e pararam. Mesmo do ponto onde estavam podiam sentir na pele a malícia das Sentinelas, figuras negras e silenciosas dos dois lados do portão, através das quais o clarão de Mordor palidamente se mostrava. Á medida que iam fazendo o caminho em meio aos corpos hediondos dos orcs, cada passo se tornava mais dificil. Antes mesmo que atingissem o arco, fizeram uma parada. Avançar um centímetro era um sofrimento e um cansaço que lhes afetava a vontade e as pernas.

Frodo não tinha forças para aquela batalha. Caiu no chão.

— Não posso continuar, Sam — murmurou ele. — Vou desmaiar. Não sei o que está acontecendo comigo.

— Eu sei, Sr. Frodo. Aguente firme agora! É o portão. Há algum feitiço ali. Mas eu entrei, e vou sair. Não pode ser mais perigoso que antes. Agora vamos.

Sam puxou o cristal élfico de Galadriel de novo. Como se para fazer jus à sua coragem, e agraciar com esplendor sua fiel mão morena de hobbit que realizara tantos feitos, o cristal brilhou de repente, de forma que todo o pátio sombrio se iluminou numa irradiação ofuscante como a de um relâmpago; mas a luminosidade continuou, e não se extinguiu.

— Gilthoniel, A Elebereth! — gritou Sam. Pois, sem que ele entendesse por quê, seu pensamento saltou de volta para os elfos no Condado, e para a canção que afastou o Cavaleiro Negro no bosque.

— Aiya elenion ancalima! — gritou Frodo outra vez depois dele.

A vontade das Sentinelas foi destruída repentinamente, como o romper-se de uma corda, e Frodo e Sam avançaram aos trambolhões. Depois correram. Atravessaram o portão e passaram pelas grandes figuras sentadas com seus olhos faiscantes. Abriu-se uma fissura.

A pedra principal do arco se quebrou, quase caindo sobre seus calcanhares, e a parede acima desmoronou, caindo em ruínas. Escaparam por um triz. Um sino tocou, e das Sentinelas subiu um gemido agudo e aterrorizante. Lá em cima na escuridão ele teve resposta. Do céu negro veio descendo como um raio uma figura alada, rasgando as nuvens com um guincho pavoroso.

# CAPÍTULO II
# A TERRA DA SOMBRA

Restou a Sam juízo suficiente para enfiar o frasco de volta no peito.

— Corra, Sr. Frodo! — gritou ele. — Não, por ai não! Há um abismo do outro lado da parede. Siga-me!

Fugiram descendo a estrada que saía do portão. Em cinquenta passos, fazendo

uma curva fechada ao redor de uma saliência pontuda do penhasco, o caminho os levou para fora do campo de visão da Torre. Por enquanto, tinham escapado. Agachando-se contra a rocha, tomaram fôlego, pondo a mão no peito. Empoleirado na muralha ao lado do portão em ruínas, o nazgúl emitia seus gritos mortais, que ecoavam em todos os penhascos.

Aterrorizados, os dois avançaram aos tropeços. Logo a estrada fez uma curva fechada para o leste outra vez, e os expôs, durante um momento aterrorizante, á visão da Torre. Ao atravessarem correndo, deram uma olhada para trás e viram o grande vulto negro sobre a ameia; depois mergulharam entre duas altas muralhas de pedra, num corte que descia vertiginosamente para encontrar a estrada de Morgul. Chegaram à confluência dos caminhos. Ainda não havia sinal dos orcs, nem de uma resposta ao grito do nazgúl, mas eles sabiam que o silêncio não duraria muito. A qualquer momento, começaria a caçada.

— Isso não vai dar certo, Sam — disse Frodo. — Se fôssemos orcs de verdade, deveríamos estar correndo para a Torre, e não fugindo dela. O primeiro inimigo que encontrarmos nos reconhecerá. Precisamos sair desta estrada de algum jeito.

— Mas não podemos — disse Sam. — Não sem asas.

As encostas orientais dos Ephel Dúath eram mais íngremes, caindo em penhascos e precipícios para o fosso negro que se abria entre eles e a cadeia interna.

Um pouco além da confluência de caminhos, depois de outra subida íngreme, havia uma ponte suspensa de pedra que saltava sobre o abismo e unia a estrada com o outro lado, penetrando as encostas irregulares e os vales do Morgai. Num esforço desesperado, Frodo e Sam correram pela ponte; mas mal tinham atingido o lado oposto quando ouviram a gritaria começar. Atrás deles, agora bem lá em cima sobre a encosta da montanha, assomava a Torre de Cirith Ungol, com suas pedras de brilho baço. De repente seu sino rouco tocou outra vez, e então irrompeu num ribombar estilhaçante.

Cornetas soaram. E agora do fim da ponte chegavam gritos em resposta. Enfiados no abismo escuro, isolados do brilho decrescente do Orodruin, Frodo e Sam não conseguiam enxergar adiante, mas já ouviam o pisar de pés de pés calçados com sola de ferro, e na estrada já soavam rápidas batidas de cascos.

— Rápido, Sam! Vamos pular! — gritou Frodo. Os dois treparam no parapeito baixo da ponte. Felizmente não houve mais nenhuma queda horrenda para dentro do abismo, pois as encostas do Morgai já tinham se elevado quase até o nível da estrada; mas estava escuro demais para que eles pudessem adivinhar a altura da queda.

— Bem, lá vou eu, Sr. Frodo — disse Sam. — Adeus!

Saltou. Frodo pulou atrás. No momento da queda, ouviram o tropel dos cavaleiros velozes atravessando a ponte, e a batida dos pés dos orcs vindo logo atrás.

Mas, se ousasse tanto, Sam teria dado uma risada. Meio receosos de estarem mergulhando em rochas que não conseguiam ver, os hobbits, depois de uma queda de menos de quatro metros, aterrissaram com um baque e um rangido sobre a última coisa que esperariam: um emaranhado de arbustos espinhosos. Ali Sam ficou deitado e quieto, chupando em silêncio o sangue da mão arranhada.

Quando o som de cascos e passos tinha cessado, aventurou-se a sussurrar algo.

— Que o senhor me perdoe, Sr. Frodo, mas não sabia que alguma coisa podia crescer em Mordor! Mas, se soubesse, era exatamente isso que teria procurado. Esses espinhos devem ter uns trinta centímetros de comprimento, a julgar pelas espetadas; perfuraram tudo o que estou vestindo. Gostaria de poder ter vestido aquela camisa de malha metálica!

— As malhas dos orcs não protegem contra esses espinhos — disse Frodo. — Nem mesmo um gibão de couro faria qualquer efeito.

Foi dificil saírem da moita. Os espinheiros eram duros como ferro, e prendiam como garras. As capas já estavam rasgadas e estraçalhadas antes de conseguirem finalmente se libertar.

— Agora, para baixo, Sam — sussurrou Frodo. — Vamos descer depressa para o vale, e depois virar para o norte, o mais depressa possível.

O dia chegava mais uma vez no mundo lá fora, e bem distante da escuridão de Mordor o sol escalava a borda leste da Terra-média; mas ali onde estavam tudo ainda era escuro feito noite. A Montanha se apagou e suas chamas se extinguiram. O clarão desapareceu dos penhascos. O vento leste que estivera soprando desde que os dois hobbits partiram de Ithilien agora parecia morto. Com lentidão e sofrimento, foram descendo, tateando, tropeçando, cambaleando em meio a pedras, espinheiros e madeiras mortas nas sombras cegas, cada vez mais para baixo, até que não conseguiram mais avançar.

Por fim pararam,sentando-se lado a lado, recostados num bloco de pedra. Ambos estavam suando.

— Se Shagrat em pessoa me oferecesse um copo de água, eu aceitaria apertar-lhe a mão — disse Sam.

— Não mencione tais coisas! — disse Frodo. — Isso só piora tudo. — Depois

espreguiçou-se, atordoado e exausto, e ficou sem dizer nada por um tempo. Finalmente, com um esforço, levantou-se de novo. Para seu espanto, viu que Sam adormecera.

— Acorde, Sam! — disse ele. — Vamos, já é hora de fazermos um outro esforço.

Sam levantou-se com dificuldade.

— Nunca me aconteceu isso! — disse ele. — Devo ter caído no sono. Faz muito tempo, Sr. Frodo, que não durmo de forma adequada, e meus olhos simplesmente se fecharam sozinhos.

Agora Frodo ia na frente, tentando da melhor maneira possível adivinhar o caminho para o norte, em meio a rochas e blocos de pedra que se amontoavam no fundo do precipício. Mas de repente parou de novo.

— Não adianta, Sam — disse ele. — Não consigo. Esta camisa de malha, quero dizer. Não no meu estado atual. Até mesmo meu casaco de míthril parecia pesar quando eu estava cansado. Isto aqui é muito mais pesado. E para que serve? Não vamos conseguir abrir caminho lutando.

— Mas pode ser que precisemos lutar um pouco — disse Sam.

— E há facas e flechas perdidas. Aquele Gollum não está morto, para começo de conversa. Não gosto de pensar no senhor sem mais nada além de um pedaço de couro entre o corpo e uma punhalada no escuro.

— Olhe aqui, Sam, meu rapaz — disse Frodo. — Estou cansado, exausto e não me resta nenhuma esperança. Mas preciso continuar tentando chegar à Montanha, enquanto puder me mover. Mas não ache que sou mal-agradecido. Odeio pensar no serviço sujo que você deve ter tido em meio aos corpos para achar esta malha de orc para mim.

— Não fale nisso, Sr. Frodo. Por favor! Eu o carregaria nas costas, se pudesse. Tire então a malha. Frodo colocou de lado a capa e tirou a malha de orc, jogando-a longe. Tremeu um pouco.

— O que preciso na verdade é de alguma coisa quente — disse ele. — Ficou frio, ou então peguei um resfriado.

— Pode usar minha capa, Sr. Frodo — disse Sam. Tirou das costas a mochila e puxou dela a capa élfica. — Que tal, Sr. Frodo? — disse ele. — O senhor se embrulha com o farrapo de orc e o prende com o cinto. Depois pode vestir a capa em cima de tudo. Não se parece muito com roupa de orc, mas vai mantê-lo mais aquecido, e arrisco ainda dizer que vai protegê-lo bem mais que qualquer outra coisa. Foi feito pela Senhora.

Frodo pegou a capa e fixou o broche.

— Assim está melhor! — disse ele.

— Sinto-me muito mais leve. Agora posso continuar. Mas esta escuridão cega parece estar penetrando em meu coração. Enquanto estava deitado na prisão, Sam, eu tentava me lembrar do Brandevin, e de Ponta do Bosque, e do Água passando pelo moinho na Vila dos Hobbits. Mas agora não consigo visualizá-los.

— Olhe lá, Sr. Frodo, desta vez é o senhor quem está falando em água! — disse Sam. — Se pelo menos a Senhora pudesse nos ver ou nos ouvir, eu diria a ela: "Minha Senhora, tudo o que queremos é luz e água: apenas água limpa e a luz de um dia claro, coisas melhores que qualquer jóia, com as devidas desculpas." Mas estamos muito longe de Lórien. — Sam suspirou e acenou a mão na direção das alturas dos Ephel Dúath, que agora só se podiam adivinhar como um negrume mais profundo contra o céu negro.

Partiram de novo. Não tinham ido muito longe quando Frodo parou.

— Há um Cavaleiro Negro acima de nós — disse ele. — Posso sentir. É melhor ficarmos parados por um tempo.

Escondendo-se sob um grande bloco de pedra, os dois se sentaram virados para o oeste, e ficaram sem falar por algum tempo. Depois Frodo deu um suspiro de alivio. — Passou — disse ele. Levantaram-se e então ambos olharam assombrados. Mais ao longe, à esquerda, ao sul, contra um céu que ia se acinzentando, os picos e as altas cadeias da grande cordilheira começavam a surgir escuros e negros em formas definidas. A luz estava crescendo atrás deles. Devagar avançava na direção do norte. Uma batalha estava acontecendo lá em cima, nos altos espaços do ar. As nuvens pesadas de Mordor estavam sendo varridas para trás, suas bordas se rasgando á medida que um vento que chegava do mundo vivo ia afastando a fumaça e o vapor na direção da terra escura de onde tinham surgido. Sob as orlas daquele dossel melancólico que se erguia, uma luz fraca se infiltrava para dentro de Mordor como uma manhã pálida através da janela encardida de uma prisão.

— Olhe, Sr. Frodo! —, disse Sam. — Olhe lá! O vento mudou. Alguma coisa está acontecendo. Nem tudo está acontecendo exatamente como Ele quer. Sua escuridão está se rompendo no mundo lá fora. Gostaria de ver o que está se passando!

Era a manhã do décimo quinto dia de março, e sobre o Vale do Anduin o sol subia acima da sombra do leste, e o vento sudoeste soprava. Théoden jazia agonizante nos Campos do Pelennor.

Naquele momento em que Sam e Frodo pararam para observar, a faixa de luz se espalhou ao longo de toda a cadeia dos Ephel Dúath, e então os dois viram uma sombra,

movendo-se a uma grande velocidade e vindo do oeste, a princípio apenas um ponto negro contra a tira reluzente acima dos topos das montanhas, mas crescendo sempre, até mergulhar como um raio dentro do dossel negro e passar muito acima deles. Quando avançou, emitiu um longo grito agudo, a voz de um nazgúl; mas aquele grito não teve mais qualquer efeito de terror sobre eles: era um grito de aflição e assombro, más noticias para a Torre Escura. O Senhor dos Espectros do Anel encontrara seu fim.

— Que foi que eu disse? Alguma coisa está acontecendo! – exclamou Sam. — Shagrat disse: "A guerra está indo bem"; mas Gorbag não estava tão certo. E nesse ponto ele também tinha razão. As coisas estão melhorando, Sr, Frodo. Agora o senhor não tem alguma esperança?

— Bem, não muita, Sam — suspirou Frodo. — Aquilo está acontecendo lá longe, além das montanhas. Estamos indo para o leste, não para o oeste. E estou tão cansado! E o Anel pesa tanto, Sam. E começo a vê-lo em minha mente todo o tempo, como uma grande roda de fogo.

O entusiasmo de Sam voltou a arrefecer imediatamente. Olhou para seu mestre cheio de ansiedade, e tomou-lhe a mão.

— Vamos, Sr. Frodo — disse ele. — Consegui uma coisa que desejava: um pouco de luz. O suficiente para nos ajudar, mas suponho que também seja perigosa. Tente avançar um pouco mais, e então vamos deitar perto um do outro e descansar um pouco. Mas coma alguma coisa agora, um pouco da comida dos elfos; pode trazer-lhe mais coragem.

Dividindo um bolo de lembas, e mastigando-o da melhor maneira possível com suas bocas ressecadas, Frodo e Sam continuaram aos tropeços. A luz, embora fosse fraca como a de um crepúsculo cinzento, era agora suficiente para permitir que os dois vissem que estavam afundados no vale entre as montanhas. A encosta subia suavemente rumo ao norte, e no fundo passava o leito de um riacho, que agora estava seco e morto. Além de seu curso pedregoso eles viram um caminho batido que corria sinuoso sob os pés dos penhascos a oeste. Se soubessem, poderiam ter chegado até ali mais rápido, pois tratava-se de uma trilha que abandonava a estrada principal de Morgul na extremidade ocidental da ponte e ia descendo através de uma longa escada cortada na pedra até o fundo do vale. Era usada por patrulhas ou por mensageiros que precisavam chegar rápido a postos e fortalezas secundários que ficavam mais ao norte, entre Cirith Ungol e os estreitos da Boca Ferrada, as mandíbulas de ferro de Carach Angren.

Usar tal trilha era perigoso para os hobbits, mas eles precisavam de rapidez, e

Frodo sentia que não conseguiria enfrentar o esforço de descer por entre os blocos de pedra ou pelos vales sem trilhas do Morgai. E ele achava que o caminho do norte era, talvez, o que os perseguidores julgariam menos provável para eles dois. O inimigo vasculharia com todo o cuidado a estrada ao leste para a planície, ou a passagem que voltava para o Oeste. Só quando estivesse bem ao norte da Torre é que ele pretendia mudar de rumo e procurar algum caminho que os levasse para o leste, na última e mais desesperada etapa de sua jornada. Por isso, eles agora atravessaram o leito pedregoso e tomaram a trilha dos orcs, e por algum tempo avançaram ao longo dela. Os penhascos à esquerda projetavam-se para a frente, e os dois hobbits não podiam ser vistos de cima; mas a trilha fazia muitas curvas, e a cada curva eles levavam a mão até o punho de suas espadas e avançavam com toda a cautela.

A luz não ficou mais forte, pois o Orodruin ainda expelia uma grande quantidade de vapor que, chocando-se lá no alto com os ares em sentido contrário, subia cada vez mais, até atingir uma região acima do vento onde se espalhava num teto incomensurável, cujo pilar central subia das sombras além do limite da visão. Já tinham se arrastado por mais de uma hora quando ouviram um som que os fez parar. Inacreditável, mas inconfundível. Água correndo. Por uma fenda do lado esquerdo, tão profunda e estreita que parecia que o penhasco negro tinha sido partido por um enorme machado, a água pingava: as últimas sobras, talvez, de alguma chuva suave recolhida de mares ensolarados, mas que tivera o mau destino de cair finalmente sobre as muralhas da Terra Negra e de escorrer infrutífera para desaparecer em meio á poeira. Naquele ponto ela saía da rocha num pequeno filete, que depois de um salto atravessava a trilha, e virando-se para o sul fugia veloz para se perder em meio ás pedras mortas.

Sam saltou na direção da água.

— Se algum dia eu encontrar a Senhora de novo, direi a ela! — gritou ele. — Luz, e agora água! — Então parou. — Deixe-me beber primeiro, Sr. Frodo — disse ele.

— Está certo, mas há espaço suficiente para os dois.

— Não quis dizer isso — disse Sam. — Quero dizer: se for venenosa, ou alguma coisa que logo mostrará seu efeito maligno, bem, antes eu que o senhor, mestre, se o senhor me entende.

— Entendo. Mas acho que vamos confiar em nossa sorte juntos, Sam; ou em nossa bênção. Mesmo assim, tenha cuidado agora; talvez esteja gelada demais!

A água estava fresca, mas não fria como gelo, e tinha um gosto desagradável, ao mesmo tempo amargo e oleoso, ou pelo menos era isso que os dois teriam dito lá em

casa. Aqui a água parecia estar acima de qualquer elogio, e além do medo ou da prudência. Beberam á vontade, e Sam reabasteceu a garrafa.

Depois disso Frodo se sentiu melhor, e eles continuaram por várias milhas, até que o alargamento da estrada e a presença de uma parede áspera ao longo da borda os advertiram de que estavam chegando perto de alguma outra fortaleza orc.

— É aqui que mudamos de rumo, Sam — disse Frodo. – E devemos virar para o leste. — Suspirou ao olhar para as cordilheiras lúgubres do outro lado do vale. — Só me restam forças suficientes para procurar algum buraco lá em cima. Depois preciso descansar um pouco.

Agora o leito do rio estava um pouco abaixo da trilha. Desceram até ele, e começaram a atravessar. Para a surpresa dos dois, depararam com poças escuras, alimentadas por fios de água que vinham descendo de alguma fonte nas encostas do vale. Nas bordas externas, sob as montanhas a oeste, Mordor era uma terra agonizante, mas que ainda não morrera. E ali as coisas ainda cresciam, ásperas, retorcidas, amargas, lutando pela vida. Nas fendas do Morgai, do outro lado, árvores baixas e raquíticas se penduravam à espreita, touceiras de capim grosso e cinzento lutavam com as pedras que eram cobertas de musgos esbranquiçados; por todo lado espalhavam-se grandes emaranhados de sarças retorcidas. Algumas tinham espinhos longos e cortantes, outras exibiam farpas em forma de gancho que rasgavam como facas. As folhas sombrias e murchas de um ano anterior pendiam delas, rangendo e rilhando nos ares tristes, mas seus rebentos habitados por vermes estavam apenas se abrindo. Moscas, pardas, cinzentas ou negras, marcadas como os orcs com uma mancha no formato de um olho vermelho, zumbiam e picavam; sobre os maciços de urzais, nuvens de mosquitos famintos rodopiavam e dançavam.

— Roupa de orc não adianta — disse Sam, abanando os braços. — Gostaria de ter couro de orc.

Por fim Frodo não conseguia avançar mais. Os dois tinham escalado uma garganta estreita e inclinada, mas ainda havia um longo caminho para percorrer antes mesmo que pudessem avistar a última cordilheira escarpada.

— Preciso descansar agora, Sam, e dormir, se puder — disse Frodo.

Olhou ao redor, mas naquela terra desolada parecia não haver lugar algum onde mesmo um animal pudesse se aconchegar. Finalmente, exaustos, os dois se esconderam sob uma cortina de sarças que pendiam como um tapete por sobre uma encosta rochosa baixa. Ali se sentaram e fizeram a refeição que lhes foi possível.

Reservando o precioso lembas para os dias penosos à frente, comeram metade da provisão de Faramir que restara na mochila de Sam: um pouco de fruta seca, e uma fatia fina de carne defumada; beberam também uns goles de água. Tinham bebido outra vez a água nas poças do vale, mas estavam muito sedentos de novo. Havia um resquício amargo no ar de Mordor que ressecava a boca. Quando Sam pensava em água, até mesmo seu espírito cheio de esperança fraquejava. Além do Morgai deveriam atravessar a aterrorizante planície de Gorgoroth.

— Agora o senhor dorme primeiro, Sr. Frodo — disse ele. — Está ficando escuro de novo. Calculo que este dia esteja quase terminado.

Frodo suspirou e adormeceu quase antes de Sam terminar suas palavras. Sam lutava contra o próprio cansaço, e segurou a mão de Frodo, e assim, sentado, até que a noite profunda caiu. Então, por fim, para manter se acordado, saiu do esconderijo e ficou observando. A região parecia cheia de estalos, rangidos e ruídos dissimulados, mas não havia som de vozes ou passos. Bem acima dos Ephel Dúath, no oeste, o céu noturno estava Pálido e baço. Lá, espiando por entre os restos de nuvens sobre uma rocha pontiaguda nas montanhas, Sam viu uma estrela branca reluzir por uns momentos. Sua beleza arrebatou-lhe o coração, quando desviou os olhos da terra desolada, e ele sentiu a esperança retornar. Pois como um raio, cristalino e frio, invadiu-o o pensamento de que afinal de contas a Sombra era apenas uma coisa pequena e passageira: havia luz e uma beleza nobre que eram eternas e estavam além do alcance dela. A canção que cantara na torre fora mais um desafio que uma esperança, pois naquela hora pensara em si mesmo. Agora, por um momento, sua própria sorte, e até a de seu mestre, deixaram de preocupá-lo. Sam voltou às sarças e se deitou ao lado de Frodo, e, deixando de lado todo o medo, mergulhou num sono profundo e despreocupado.

Acordaram juntos, de mãos dadas. Sam estava quase refeito, pronto para um outro dia, mas Frodo suspirava. Dormira um sono inquieto, cheio de sonhos com fogo, e acordar não lhe trouxe consolo algum. Mesmo assim, seu sono não deixara de ter um poder restaurador: sentia-se mais forte, mais apto a suportar seu fardo na próxima etapa. Os dois não sabiam que horas eram, nem por quanto tempo tinham dormido; mas, depois de um bocado de comida e um gole de água, continuaram subindo a garganta, até que ela terminou numa ladeira íngreme cheia de entulho e pedras escorregadias. Nesse ponto os últimos seres vivos desistiram de sua luta; os topos do Morgai eram desprovidos de vegetação, pontiagudos, nus como uma lousa.

Depois de muito vagar e procurar, encontraram um caminho pelo qual poderiam

subir, e com mais uns trinta metros de escalada usando mãos e pés estavam lá em cima. Atingiram uma fenda entre dois rochedos escuros, e passando no meio viram-se exatamente na borda da última divisa de Mordor. Abaixo, no fundo de um precipício de cerca de quatrocentos e cinquenta metros, jazia a planície interna, espalhando-se numa escuridão disforme que sumia de vista. O vento do mundo soprava agora do oeste, e as grandes nuvens subiam alto, flutuando para o leste; mas mesmo assim apenas uma luz cinzenta chegava aos campos desolados de Gorgoroth.

Ali a fumaça subia do chão e espreitava nas concavidades; vapores escapavam das fissuras da terra.

Ainda distante, pelo menos a quarenta milhas, os dois viram a Montanha da Perdição, com seus pés ancorados em ruínas de cinza, seu enorme cone subindo a uma altura impressionante, onde sua cabeça estava envolta em densas nuvens. Suas chamas estavam agora enfraquecidas, e a Montanha parecia dormir num sono sem fogo, ameaçadora e perigosa como uma fera adormecida. Atrás dela pairava uma sombra vasta, ominosa como um céu de trovoada; eram os véus de Barad-dûr que agora surgia na distância, sobre um longo espinhaço das Montanhas Cinzentas que se projetava do norte. O poder Escuro estava afundado em pensamentos, e o Olho se voltava para dentro, ponderando acontecimentos que traziam dúvida e medo: uma espada brilhante, um rosto severo de rei, eram o que ele via, e por um tempo deu pouca atenção às outras coisas; e toda a sua grande fortaleza, portão sobre portão, e torre sobre torre, estava envolta numa escuridão crescente.

Frodo e Sam observaram toda aquela terra odiosa num misto de repugnância e espanto. Entre eles e a montanha fumegante, e ao redor dela ao norte e ao sul, tudo parecia arruinado e morto, um deserto queimado e sufocado. Ficaram imaginando como o Senhor daquele reino conseguia manter e alimentar seus escravos e exércitos. Pois ele tinha exércitos. Até onde a vista alcançava, ao longo das bordas do Morgai e mais além, ao sul, havia acampamentos, alguns feitos de tendas, e outros organizados como pequenas cidades. Uma das maiores estava bem abaixo deles. A menos de uma milha de distância na planície, ela se amontoava como um enorme ninho de insetos, com ruas retas e áridas cheias de barracos e longos prédios baixos e sem cor. Pela cidade o chão estava apinhado de gente indo de um lado para o outro; uma estrada larga saía do povoado em direção ao sudeste para encontrar o caminho de Morgul, e ao longo dela corriam muitas fileiras de pequenas figuras negras.

— Não gosto nem um pouco da aparência das coisas — disse Sam. — Bastante

desesperadoras, eu diria a não ser pelo fato de que um bando de gente assim deve ter poços ou água, para não falar em comida. E estes são homens, não orcs, ou meus olhos estão completamente enganados.

Nem ele nem Frodo sabiam coisa alguma sobre os grandes campos de trabalho escravo mais ao sul daquele vasto reino, além da fumaça da Montanha, próximos às águas escuras e tristes do Lago Núrnen; nem das grandes estradas que corriam para o leste e para o sul, levando a terras que pagavam tributo a Mordor, das quais os soldados da Torre traziam longos comboios de carroças com mercadorias, produtos de saques e novos escravos. Ali, nas regiões do norte, havia minas e forjas, e a concentração de tropas para uma guerra longamente planejada; ali o Poder Escuro, movendo Seus exércitos como peças num tabuleiro, os estava reunindo. Seus primeiros movimentos, seus primeiros testes de força, haviam sido feitos sobre a linha ocidental, ao norte e ao sul. Agora os retirara, trazendo novas forças, preparando ao redor de Cirith Gorgor um golpe vingador. E, se também fosse o seu propósito defender a Montanha contra qualquer aproximação, dificilmente poderia ter feito trabalho melhor.

— Bem — continuou Sam. — O que quer que eles tenham para comer e beber, não podemos consegui-lo. Pelo que posso ver, não há caminho para descermos.

E nós não poderíamos atravessar toda aquela terra aberta infestada de inimigos, ainda que conseguíssemos descer.

— Mesmo assim precisamos tentar — disse Frodo. — Não é pior do que eu esperava. Nunca tive esperanças de atravessar. E não consigo ver qualquer esperança agora. Mas ainda preciso fazer o melhor que puder. No momento isso significa evitar ser capturado enquanto for possível. Então acho que ainda precisamos rumar para o norte, e ver como é ali, onde a planície aberta é mais estreita.

— Acho que sei como vai ser — disse Sam. — Onde é mais estreita os orcs e homens estarão mais amontoados. O senhor vai ver, Sr. Frodo.

— Arrisco dizer que vou, se conseguirmos ir tão longe — disse Frodo, virando-se.

Logo viram que era impossível avançar por sobre a crista do Morgai, ou em qualquer ponto ao longo dos níveis mais altos, que eram sem trilhas e cheios de fissuras profundas. No fim foram forçados a descer de volta para o precipício que tinham escalado e a procurar um caminho ao longo do vale. Foi uma caminhada árdua, pois eles não se arriscaram a atravessar até a trilha na encosta oeste. Depois de uma milha ou mais os dois viram, abrigada numa concavidade ao pé do penhasco, a fortaleza orc que já adivinhavam estar bem próxima: uma muralha e um aglomerado de casebres de pedra,

espalhados ao redor da boca escura de uma caverna. Não se via movimento algum, mas os hobbits passaram por ela com toda a cautela, mantendo-se o mais perto possível dos arbustos espinhosos que cresciam densos nesse ponto, ao longo dos dois lados do velho curso de água. Avançaram mais duas ou três milhas, e a fortaleza orc se escondeu atrás deles; mas mal tinham recomeçado a respirar com mais liberdade quando ouviram vozes de orcs, altas e rudes. Rapidamente se esgueiraram para um esconderijo atrás de um arbusto escuro e atrofiado. As vozes se aproximaram. De repente dois orcs surgiram. Um estava vestido em farrapos castanhos e armado com um arco de chifre: era de uma raça pequena, tinha a pele negra e vinha farejando com as largas narinas: evidentemente algum tipo de batedor. O outro era um grande orc lutador, parecido com os da companhia de Shagrat, ostentando o símbolo do Olho. Também trazia um arco nas costas e carregava uma lança curta de cabeça larga. Como de costume, estavam discutindo, e, sendo de raças diferentes, usavam a Língua Geral à sua maneira. A menos de vinte passos de onde os hobbits estavam á espreita o orc pequeno estacou.

— Agora! — rosnou ele. — Vou para casa. — Apontou através do vale para a fortaleza orc. — Não adianta mais ficar gastando meu nariz em pedras. Não resta nenhum vestígio, estou dizendo. Perdi o rastro seguindo o que você falou. O rastro subiu pelas colinas, não foi ao longo do vale, estou dizendo.

— Vocês, farejadorezinhos, não servem para muita coisa — disse o orc grande. — Acho que olhos são melhores que seu nariz ranhento.

— Então o que você viu com eles? — rosnou o outro. — Besteira! Você nem sabe o que está procurando.

— E de quem é a culpa? — disse o soldado. — Minha é que não. Isso vem Lá de Cima. Primeiro dizem que é um grande elfo vestido com armadura brilhante, depois é um tipo pequeno de homem-anão, depois deve ser um bando de uruk-hai rebelde; ou ainda pode ser tudo isso junto.

— Ah! — disse o batedor. — Eles perderam a cabeça, isso é que é. E alguns dos chefes vão perder a pele também, eu acho, se o que ouvi for verdade: Torre atacada e tudo mais, e centenas de seus rapazes assassinados, e prisioneiro que fugiu. Se é assim que vocês fazem, não me admira que haja más notícias sobre as batalhas.

— Quem disse que há más notícias? — gritou o soldado.

— E quem disse que não?

— Isso é conversa dos malditos rebeldes, e vou perfurá-lo, se não calar a boca, está entendendo?

— Está certo! Está certo! — disse o batedor. — Não vou dizer mais nada e vou continuar pensando. Mas o que o ladrão preto tem a ver com tudo isso? Aquele comilão das mãos chatas?

— Não sei. Nada, talvez. Mas ele não está metido em coisa boa, xeretando por aí, eu aposto. Maldito! Foi só ele ter escapado de nós e fugido e chegaram ordens dizendo que o querem vivo, e depressa.

— Bem, espero que o encontrem vivo, e o façam passar um mau pedaço — rosnou o batedor. — Ele confundiu o rastro lá atrás, pegando aquele casaco de malha que achou jogado no chão, e chapinhando por todo o lugar antes que eu chegasse lá.

— Isso lhe salvou a vida, de qualquer forma — disse o soldado. — Veja bem, antes de saber que o queriam eu atirei nele, um golpe certeiro, a cinquenta passos,

bem no meio das costas, e ele continuou correndo.

— Bobagem! Você errou a pontaria — disse o batedor. – Primeiro você golpeia ao léu, depois corre muito devagar, e só depois manda chamar os pobres batedores. Estou cheio de você. — Ao dizer isso, disparou a correr.

— Volte aqui — gritou o soldado—, ou vou denunciar você!

— Para quem? Não para o seu precioso Shagrat. Ele não vai mais ser capitão.

— Vou dar seu nome e número para os nazgúl — disse o soldado, abaixando a voz num chiado. — Um deles é o encarregado da Torre agora.

O outro parou, e sua voz se encheu de medo e ódio.

— Seu maldito espião, delator, ladrão! — gritou ele. — Não consegue fazer o seu serviço, e nem ser leal ao seu próprio povo. Vá para os seus Guinchadores sujos, e que eles arranquem sua pele! Se o inimigo não o pegar primeiro. Ouvi dizer que assassinaram o Número Um, e espero que seja verdade!

O orc grande, de lança na mão, correu atrás dele. Mas o batedor, saltando de trás de uma pedra, enterrou uma flecha no olho do soldado que vinha correndo, e que a seguir caiu com um baque. O outro fugiu através do vale e desapareceu.

Por um tempo os hobbits continuaram em silêncio. Por fim Sam se manifestou.

— Bem, isso é o que eu chamo de golpe certeiro — disse ele. — Se esse espírito de amizade se espalhasse em Mordor, metade de nossos problemas estariam terminados.

— Quieto, Sam — sussurrou Frodo. — Pode haver outros por aí. É evidente que escapamos por pouco, e a caçada estava mais perto de nosso rastro do que imaginávamos. Mas este é o espírito de Mordor, Sam; está espalhado em todos os seus

cantos. Os orcs sempre se comportam assim quando estão sozinhos, pelo menos é o que contam as histórias. Mas você não pode alimentar muita esperança a partir desse fato. Eles nos odeiam muito mais, todos eles e o tempo todo. Se aqueles dois nos tivessem visto, teriam suspendido a discussão até estarmos mortos.

Fez-se outro longo silêncio. Sam o interrompeu de novo, desta vez com um sussurro.

— O senhor ouviu o que eles falaram sobre aquele comilão, Sr. Frodo? Eu lhe disse que Gollum ainda não estava morto, não disse?

— Sim, eu me lembro. E fiquei me perguntando como você sabia — disse Frodo.

— Bem, vamos lá! Acho que é melhor não sairmos daqui enquanto não estiver bem escuro. Então você pode me contar como é que sabe, e tudo o que aconteceu. Isso se não fizer muito barulho.

— Vou tentar — disse Sam —, mas, quando penso naquele Fedegoso, fico com tanta raiva que poderia gritar.

Lá ficaram os hobbits sentados sob a proteção do arbusto espinhoso, enquanto a luz desolada de Mordor desaparecia devagar dentro de uma noite profunda e sem estrelas. Sam contou aos ouvidos de Frodo, com as melhores palavras que pôde encontrar, tudo sobre o ataque traiçoeiro de Gollum, sobre o horror de Laracna, e suas próprias aventuras com os orcs. Quando terminou, Frodo não disse nada, mas tomou-lhe a mão e a apertou. Finalmente se moveu.

— Bem, suponho que precisamos continuar outra vez — disse ele. Fico pensando quanto tempo levará até que realmente sejamos capturados e termine todo o esforço e a necessidade de nos escondermos, em vão. — Levantou-se. — Está escuro, e não podemos usar o cristal da Senhora. Guarde-o em segurança para mim, Sam. Não tenho onde guardá-lo agora, a não ser em minha mão, e vou precisar das duas mãos nesta noite cega. Quanto a Ferroada, ela é sua. Tenho uma espada de orc, mas não acho que será meu papel desferir qualquer golpe outra vez.

Foi dificil e perigoso para os dois avançar durante a noite naquela terra sem trilhas, mas lentamente e á custa de muitos tropeços eles conseguiram prosseguir com esforço para o norte, hora após hora, ao longo da borda leste do vale pedregoso. Quando surgiu uma luz cinzenta sobre as montanhas ocidentais, muito depois de o dia se abrir nas terras distantes, esconderam-Se de novo e dormiram um pouco, revezando-se. Nas horas de vigília Sam se ocupava pensando em comida. Por fim, quando Frodo despertou e falou em comer e se preparar para mais um esforço, ele fez a pergunta que mais

preocupava sua mente.

— Com as minhas desculpas, Sr. Frodo — disse ele —, mas o senhor tem alguma noção de quanto ainda teremos de caminhar?

— Não, não tenho nenhuma noção clara, Sam — respondeu Frodo. — Em Valfenda, antes de partirmos, mostraram-me um mapa de Mordor que foi feito antes de o Inimigo retornar para cá, mas só me lembro dele vagamente. O que recordo com mais clareza é que havia um lugar no norte onde a cordilheira ocidental e a do norte projetavam contrafortes que quase se encontravam. Isso deve ficar no mínimo a vinte léguas da ponte lá atrás, perto da Torre. Pode ser um bom ponto para atravessarmos. Mas, é claro, se chegarmos lá, estaremos mais longe da Montanha do que estávamos, a umas sessenta milhas dela, eu acho. Suponho que já nos afastamos doze léguas da ponte, rumando para o norte. Mesmo que tudo corra bem, eu não conseguiria chegar á montanha em menos de uma semana. Temo, Sam, que o fardo fique muito pesado, e que eu avance cada vez mais devagar à medida que formos nos aproximando.

Sam suspirou.

— Era exatamente isso que eu temia — disse ele. — Para não falar em água, temos de comer menos, Sr. Frodo, ou então avançar um pouco mais rápido, pelo menos enquanto ainda estivermos aqui neste vale. Mais um bocado e a comida estará terminada, tirando o pão de viagem dos elfos.

— Vou tentar ser um pouco mais rápido, Sam — disse Frodo, respirando fundo. — Vamos, então! Vamos começar uma outra marcha.

Ainda não estava bem escuro. Avançaram com dificuldade noite adentro. As horas se passaram numa marcha cansativa e penosa, com algumas poucas paradas. Aos primeiros sinais de luz cinzenta sob as bordas do dossel de sombra, eles se esconderam outra vez numa concavidade escura, abaixo de uma saliência rochosa.

Lentamente a luz aumentou, até ficar mais clara do que nunca. Um vento forte soprava do oeste e varria dos ares mais altos a fumaça de Mordor. Não demorou muito para que os hobbits conseguissem visualizar o formato da terra no raio de algumas milhas. O fosso entre as montanhas e o Morgai diminuíra cada vez mais durante a subida, e a borda interna agora não passava de um patamar nas encostas íngremes dos Ephel Dúath; mas a leste a queda para o Gorgoroth era abrupta como sempre. À frente o curso de água terminava em degraus quebrados de pedra; da cordilheira principal lançava-se um contraforte alto e nu, que avançava para o leste como uma muralha. Para encontrá-lo ali, vindo da enevoada cordilheira norte de Ered Lirhui, um longo braço pontudo se

estendia; entre as extremidades havia um desfiladeiro estreito: Carach Angren, a Boca Ferrada, além da qual ficava o profundo vale de Udún. Naquele vale atrás do Moratmon estavam os túneis e os depósitos de armas que os servidores de Mordor haviam feito para a defesa do Portão Negro; e ali agora o seu Senhor estava reunindo às pressas grandes forças para enfrentar o ataque dos Capitães do Oeste. Sobre os contrafortes salientes, fortes e torres haviam sido construídos, e ali queimavam fogueiras de acampamento; através de todo o desfiladeiro fora erguida uma muralha de terra, e fora escavada uma trincheira funda que só podia ser atravessada por uma única ponte.

Algumas milhas ao norte, lá em cima, no ângulo onde o contraforte ocidental se destacava da cordilheira principal, ficava o velho castelo de Durthang, agora transformado numa das muitas fortalezas orcs que se aglomeravam ao redor do vale de Udún. Uma estrada, já visível na luz crescente, vinha descendo dele numa trilha sinuosa, até que, a apenas uma ou duas milhas de onde os hobbits estavam, ela se virava para o leste e corria ao longo de um patamar cortado na encosta do contraforte, e assim descia até a planície, para prosseguir até a Boca Ferrada. Olhando aquilo, os hobbits tiveram a impressão de que toda a viagem para o norte fora inútil. A planície à direita era escura e esfumaçada, e ali não conseguiram ver nem acampamentos nem tropas em movimento; mas toda aquela região estava sob a vigilância dos fortes de Carach Angren.

— Chegamos a um beco sem saída, Sam — disse Frodo. — Se avançarmos, só chegaremos àquela torre orc, mas a única estrada que podemos tomar é a que desce dela — a não ser que voltemos. Não podemos escalar para o oeste, nem descer para o leste.

— Então vamos tomar a estrada, Sr. Frodo — disse Sam. — Devemos tomá-la e testar nossa sorte, se é que existe alguma sorte em Mordor. Ficar vagando ou tentar voltar seria o mesmo que nos entregarmos. Nossa comida não vai durar muito. Temos de ir até lá, e rápido!

— Certo, Sam — disse Frodo. — Conduza-me! Enquanto lhe restar alguma esperança. A minha não existe mais. Mas não posso ir rápido, Sam. Só vou segui-lo a passadas lentas.

— Antes que comece qualquer passada lenta, o senhor precisa dormir e comer, Sr. Frodo. Venha e faça essas duas coisas como puder!

Deu água a Frodo, e mais um naco do pão-de-viagem, e fez um travesseiro com sua capa para deitar a cabeça do mestre. Frodo estava cansado demais para discutir a questão, e Sam não lhe disse que ele bebera a última gota da água, e comera a parte da

comida que cabia a Sam, além da sua própria parte. Quando Frodo adormeceu, Sam se debruçou sobre ele, para escutar sua respiração e examinar-lhe o rosto. Estava fino e marcado, mas enquanto dormia parecia alegre e sem temores.

— Bem, lá vou eu, Mestre! — Sam murmurou consigo mesmo. — Preciso abandoná-lo por um tempo e confiar na sorte. Precisamos de água, ou não conseguiremos ir mais longe.

Sam se arrastou para fora do esconderijo e, avançando de pedra em pedra com um cuidado que era exagerado até para um hobbit, desceu até o curso de água, chegando aos degraus de pedra onde havia muito tempo, sem dúvida, sua fonte viera jorrando numa pequena cachoeira. Tudo agora parecia seco e quieto; mas, combatendo o desespero, Sam se agachou à escuta, e para seu deleite captou o som de água correndo. Descendo alguns degraus encontrou um riacho pequeno de água escura que saía da encosta da colina, e enchia uma pequena poça exposta, da qual se derramava de novo, para desaparecer sobre as pedras nuas. Sam experimentou a água, que lhe pareceu suficientemente boa. Então bebeu bastante, reabasteceu a garrafa e virou-se para voltar. Nesse momento viu de relance uma forma negra ou uma sombra correndo por entre as pedras próximas ao esconderijo de Frodo. Contendo um grito, saltou da fonte e correu, pulando de pedra em pedra. Era uma criatura cautelosa, difícil de enxergar, mas Sam tinha poucas dúvidas a respeito dela: desejava colocar-lhe as mãos no pescoço. Mas a criatura o ouviu chegando e fugiu depressa. Sam teve a impressão de vê-la uma última vez, espiando por sobre a borda do precipício oriental, antes de se abaixar e desaparecer.

— Bem, a sorte não me abandonou — murmurou Sam —, mas foi por pouco. Já não basta termos orcs aos milhares sem aquele vilão malcheiroso xeretando por aqui? Gostaria que tivessem atirado nele! — Sentou-se ao lado de Frodo e não o acordou, mas não ousou dormir. Por fim, quando já sentia seus olhos se fechando e percebeu que sua luta para se manter acordado não poderia prosseguir por muito tempo, acordou Frodo com delicadeza.

— Aquele Gollum está rondando de novo, receio eu, Sr. Frodo — disse ele. — Na melhor das hipóteses, se não era ele, então existem dois idênticos. Saí um pouco para procurar água e o vi farejando por aí bem na hora em que estava voltando. Acho que não é seguro nós dois dormirmos ao mesmo tempo, e, com as suas desculpas, não consigo mais manter meus olhos abertos.

— Bendito Sam! — disse Frodo. — Deite-se e aproveite bem a sua vez! Mas eu prefiro Gollum aos orcs. De qualquer jeito, ele não nos entregará a eles — a não ser que

ele mesmo seja capturado.

— Mas ele pode praticar um bocado de roubos e assassinatos por conta própria — resmungou Sam. — Mantenha os olhos abertos, Sr. Frodo. Há uma garrafa cheia de água. Beba. Podemos enchê-la de novo quando partirmos.

— Dizendo isso, Sam mergulhou no sono.

A luz estava sumindo quando ele acordou. Frodo estava sentado, apoiando as costas na pedra, mas adormecera. A garrafa de água estava vazia. Não havia sinal de Gollum.

A escuridão de Mordor retornara, e as fogueiras de acampamento nas montanhas queimavam fortes de novo, quando os hobbits partiram na etapa mais perigosa de sua viagem. Primeiro foram até o pequeno riacho, e depois, subindo com cautela, chegaram à estrada no ponto onde ela se virava para o leste na direção da Boca Ferrada, que ficava a vinte milhas dali. Não era uma estrada larga, não tinha parede ou parapeito nas margens, e á medida que avançava a queda íngreme de sua borda aumentava mais e mais. Os hobbits não ouviam qualquer movimento, e, depois de ficarem escutando por um tempo, partiram rumo ao leste num passo continuo.

Depois de percorrerem cerca de doze milhas, pararam. Um pouco atrás. a estrada virara em direção ao norte, e o trecho que haviam percorrido estava agora escondido. O resultado disso foi desastroso. Descansaram por alguns minutos e então avançaram. Mas não tinham dado muitos passos quando, de repente, na quietude da noite, ouviram o som que o tempo todo haviam temido em segredo: o ruido de pés marchando. Ainda estavam a alguma distância atrás deles, mas, virando-se, os dois puderam ver o piscar de tochas fazendo a curva a cerca de uma milha de distância, e estavam se aproximando depressa: depressa demais para que Frodo pudesse escapar correndo ao longo da estrada.

— Era isso o que eu temia, Sam — disse Frodo. — Confiamos na sorte, e ela nos abandonou. Estamos encurralados. — Olhou alucinado para a parede enrugada, onde os antigos construtores da estrada haviam cortado a rocha num ângulo reto por muitos metros acima de suas cabeças. Correu para o outro lado e olhou por sobre a borda num poço de escuridão. — Finalmente estamos encurralados! — disse ele. Foi se abaixando até o chão ao pé da muralha de pedra e curvou a cabeça.

— Parece que sim — disse Sam. — Bem, não há nada a fazer, exceto esperar para ver. — E com isso sentou-se ao lado de Frodo sob a sombra do penhasco.

Não tiveram de esperar muito. Os orcs vinham num passo rápido. Os que

estavam nas primeiras colunas traziam tochas. Vinham avançando chamas rubras no escuro, crescendo rapidamente. Agora Sam também curvara a cabeça, na esperança de esconder o rosto quando as tochas os alcançassem; colocou os escudos diante dos joelhos para esconder seus pés. "Se pelo menos estiverem com pressa e deixarem em paz um par de soldados cansados, avançando em sua marcha!", pensou ele.

E assim pareceu que fariam. Os orcs que vinham à frente avançavam num trote, ofegantes, com as cabeças baixas. Era um bando das raças menores, sendo levados contra a vontade para as guerras do Senhor do Escuro; só se preocupavam em terminar a marcha e escapar do chicote. Ao lado, subindo e descendo a fila, iam dois da raça cruel e grande dos uruks, estalando açoites e gritando. Coluna após coluna passou, e a luz denunciadora das tochas já estava um pouco à frente. Sam segurou a respiração. Agora mais da metade da fila já tinha passado. Então, de repente, um dos condutores de escravos enxergou as duas figuras à margem da estrada. Aplicou-lhes uma chicotada e gritou:

— Ei, vocês! Levantem-se! — Eles não responderam, e com um grito ele deteve toda a companhia.

— Vamos, suas lesmas! — gritou ele. — Não é hora de vagabundear. — Deu um passo na direção deles, e mesmo no escuro reconheceu os símbolos de seus escudos.

— Desertando, hein? — rosnou ele. — Ou pensando no assunto? Todo o seu povo deveria estar dentro de Udún antes da noite de ontem. Vocês sabem disso. De pé e atrás de mim, ou vou pegar seus números e denunciá-los.

Com um esforço os dois hobbits ficaram de pé, e mantendo-se curvados, mancando como se fossem soldados de pés feridos, arrastaram-se até o fim da fila.

— Não, não lá atrás — gritou o condutor de escravos. — Três colunas á frente. E fiquem lá, ou vão se ver comigo, quando eu chegar ao fim da fila! — Lançou o longo açoite estalando sobre suas cabeças, e então com um outro estalo e um grito ordenou que a companhia continuasse marchando num trote forçado.

Foi dificil para o pobre Sam, cansado como estava; mas para Frodo foi um tormento, que logo se transformou num pesadelo. Travou os dentes e tentou deixar de pensar, esforçando-se para avançar. O fedor dos ores suados ao seu redor era sufocante, e ele começou a ofegar de sede. Foram avançando sempre, e ele colocava toda a sua determinação em respirar e manter os pés em movimento, sem ousar pensar para que final maligno se dirigia, suportando tudo aquilo. Não havia esperança de escapar sem ser visto. De vez em quando o condutor recuava e zombava deles.

— Olhem lá! — dizia ele rindo, ameaçando chicotear-lhes as pernas. — Onde há um açoite há um aceite, suas lesmas. Aguentem firmes! Eu daria um refresco para vocês agora, mas vocês vão levar tantas chicotadas quantas suas peles puderem suportar quando chegarem atrasados ao acampamento. Vai fazer bem. Não sabem que estamos em guerra?

Tinham avançado algumas milhas, e a estrada finalmente descia uma longa ladeira para entrar na planície. quando a força de Frodo começou a desaparecer e sua vontade vacilou. Ele se arrastava e tropeçava. Desesperado, Sam tentava ajudá-lo e mantê-lo de pé, embora sentisse que ele próprio mal conseguiria aguentar aquele passo por muito mais tempo: seu mestre cairia ou desmaiaria, e tudo seria descoberto; e seus duros esforços teriam sido em vão. "Pelo menos vou pegar aquele condutor grande". pensou ele.

Então, no momento em que estava levando a mão ao punho da espada, chegou um alivio inesperado. Estavam agora na planície, chegando perto da entrada de Udún.

Um pouco à frente, antes do portão na extremidade da ponte, a estrada do oeste convergia com outras que vinham do sul e de Barad-dûr. Ao longo de todas as estradas tropas se moviam, pois os Capitães do Oeste estavam avançando e o Senhor do Escuro apressava suas forças na direção do norte. Foi assim que várias companhias se encontraram na encruzilhada, na escuridão além da luz das fogueiras de acampamento sobre as muralhas. Imediatamente houve um grande tropel e xingamentos, pois cada tropa queria chegar primeiro ao portão e terminar a marcha. Embora os condutores gritassem e aplicassem os chicotes, irromperam brigas e espadas foram sacadas. Uma tropa de uruks bem armados de Barad-dûr atacou uma fileira de Durthang, criando confusão. como estava de dor e cansaço, Sam despertou, agarrou depressa a sua chance, e jogou-se no chão, arrastando Frodo consigo. Orcs caíram sobre os dois, rosnando e xingando, até que finalmente, sem serem notados, os dois pularam por sobre a borda oposta da estrada. Ali havia um meio-fio alto pelo qual os condutores de tropas podiam se guiar na noite escura ou no nevoeiro, e que subia um pouco acima do nível da região aberta. Ficaram quietos por um tempo. Estava escuro demais para procurar um esconderijo, se é que havia algum por ali. Mas Sam sentiu que precisavam no mínimo se distanciar um pouco mais das estradas e ficar fora do alcance da luz das tochas.

— Venha, Sr. Frodo! sussurrou ele. Rasteje mais um pouco, e depois o senhor pode descansar em paz.

Num último esforço desesperado, Frodo se levantou usando as mãos e lutou por

talvez mais uns vinte metros. Então mergulhou num poço raso que se abriu inesperadamente diante deles, e lá ficou deitado feito morto.

## CAPÍTULO III
## A MONTANHA DA PERDIÇÃO

Sam colocou a capa esfarrapada de orc sob a cabeça do mestre, cobrindo-se com o manto cinzento de Lórien; enquanto isso acontecia, seus pensamentos fugiram para aquele belo lugar, e para os elfos, esperando que o tecido feito por aquelas mãos pudesse ter alguma virtude de mantê-los escondidos superando qualquer esperança naquele deserto de medo. Ouviu as brigas e os gritos diminuindo, enquanto as tropas avançavam através da Boca Ferrada. Parecia que na confusão e na mistura de várias companhias pão haviam dado pela falta deles, pelo menos não por enquanto. Sam tomou um gole de água, mas forçou Frodo a beber, e, quando seu mestre tinha melhorado um pouco, deu-lhe um naco inteiro do precioso pão de viagem e o fez comer. Então, exaustos demais até para sentirem muito medo, os dois se esticaram no chão. Dormiram um pouco, num sono sobressaltado, pois o suor esfriava-lhes os corpos, as pedras machucavam e eles tremiam. Lá do norte, da direção do Portão Negro através de Cirith Gorgor, vinha sussurrando junto ao chão uma aragem tênue e fria.

Pela manhã uma luz cinzenta apareceu de novo, pois nas altas regiões o Vento Oeste ainda soprava; mas lá embaixo nas pedras, atrás das fronteiras da Terra Negra, o ar parecia quase morto, frio e ao mesmo tempo sufocante. A terra ao redor era desolada, plana e pardacenta. Nada se movia agora nas estradas próximas, mas Sam temia os olhos vigilantes na muralha da Boca Ferrada, a menos de duzentos metros ao norte. No sudeste, distante como uma sombra escura e vertical, assomava a Montanha. Despejava fumaça, e, enquanto a porção que subia mais alto se distanciava para o leste, grandes nuvens pesadas flutuavam descendo pelas suas encostas e se espalhavam sobre a terra. A algumas milhas ao nordeste, os pés das Montanhas Cinzentas eram como sombrios fantasmas cor de cinza, atrás dos quais as nevoentas montanhas do norte erguiam-se como uma fileira de nuvens pouco mais escuras que o céu baixo.

Sam tentava adivinhar as distâncias e decidir que caminho deveriam tomar.

— Parecem no mínimo cinquenta milhas — murmurou ele desanimado, fitando a

montanha ameaçadora —, e o que leva um dia vai levar uma semana com o Sr. Frodo nas condições em que está. Balançou a cabeça, e, enquanto calculava, um novo pensamento escuro cresceu em sua mente. A esperança morrera por muito tempo em seu forte coração, e até agora ele Sempre conseguira pensar um pouco na volta para casa. Mas a amarga verdade chegara até ele por fim: na melhor das hipóteses, a provisão que tinham os levaria até seu objetivo, e, quando a tarefa estivesse cumprida, então eles acabariam sozinhos, sem casa e sem comida no meio de um terrível deserto. Não poderia haver volta. "Então esse era o trabalho que eu senti que precisava desempenhar quando parti", pensou Sam: "ajudar o Sr. Frodo até o último passo e depois morrer junto com ele? Bem, se esse era o trabalho, é melhor que eu o faça. Mas eu gostaria imensamente de rever Beirágua, e Rosinha Villa e seus irmãos, e o Feitor e Calêndula e todos eles. Não posso conceber a idéia de que Gandalf tenha enviado o Sr. Frodo nessa missão se não houvesse nenhum fiozinho de esperança de ele voltar algum dia. As coisas todas deram errado quando ele caiu em Moria. Gostaria que aquilo não tivesse acontecido. Ele teria feito algo."

Mas no momento em que a esperança morria em Sam, ou parecia morrer, ela se transformou em uma nova força. O rosto simples do hobbit ficou austero, quase cruel, no momento em que sua disposição se endureceu, e ele sentiu um frêmito percorrer-lhe pernas e braços, como se tivesse se transformado em alguma criatura de pedra e aço, que não poderia ser subjugada nem pelo desespero, nem pelo cansaço, nem por milhas infindáveis de terra desolada. Com um novo senso de responsabilidade, trouxe os olhos de volta para a terra que o rodeava, estudando o próximo movimento. Quando a luz aumentou um pouco ele viu, para a sua surpresa, que o que a certa distância parecera uma planície ampla e disforme era na realidade uma região irregular e esboroada. De fato, toda a superfície das planícies de Gorgoroth estava salpicada de grandes buracos, como se, quando ela ainda era uma região coberta de lama mole, tivesse sido atingida por uma chuva de raios e pedras arrojadas por enormes fundas. Os buracos maiores eram contornados por bordas de rocha quebrada, e largas fissuras corriam deles em todas as direções. Era uma região onde seria possível se esgueirarem de esconderijo em esconderijo, sem que ninguém os visse, exceto os olhos mais atentos: possível pelo menos para quem fosse forte e não precisasse ter pressa. Para os famintos e exaustos, que tinham muito a andar antes que a vida lhes faltasse, o lugar tinha uma aparência maligna. Pensando em todas essas coisas Sam voltou para o seu mestre. Não foi preciso acordá-lo. Frodo estava deitado de costas, com os olhos abertos, fitando o céu cheio de

nuvens.

— Bem, Sr. Frodo — disse Sam — estive dando uma olhada por aqui, e pensando um pouco. Não há alma viva nas estradas, e é melhor nos mexermos enquanto ainda há uma chance. O senhor consegue?

— Consigo — disse Frodo. — Preciso conseguir.

Partiram mais uma vez, esgueirando-se de concavidade em concavidade, correndo atrás da proteção que conseguiam encontrar. mas sempre se movendo uma linha oblíqua na direção dos pés da cordilheira norte. Mas, à medida que avançavam, a estrada que ficava mais ao leste os seguia, até desaparecer, abraçando as fraldas das montanhas, entrando numa muralha de sombra negra bem adiante. Nem homens nem orcs se moviam agora ao longo de seus trechos planos e cinzentos, pois o Senhor do Escuro quase completara o movimento de suas forças, e mesmo na fortaleza de seu próprio reino ele buscava o sigilo da noite, temendo os ventos do mundo que haviam se virado contra ele, rasgando seus véus, e preocupado com notícias de arrojados espiões que tinham atravessado suas fronteiras.

Os hobbits haviam caminhado algumas milhas difíceis quando pararam. Frodo parecia quase exausto. Sam percebeu que ele não conseguiria avançar muito daquele modo, arrastando-se, agachando-se, por vezes tomando um caminho duvidoso com muito vagar, por vezes se apressando numa corrida aos trambolhões.

— Vou voltar para a estrada enquanto ainda perdura a luz, Sr. Frodo — disse ele. — Confiemos na sorte mais uma vez! Ela quase nos abandonou da última vez, mas foi só quase. Um passo firme por mais algumas milhas, e depois descansamos.

Ele estava assumindo um risco muito maior do que imaginava, mas Frodo estava por demais ocupado com seu fardo e com a luta em sua mente para discutir, e quase desesperado demais para se preocupar. Subiram até a estrada, e avançaram com dificuldade, descendo o caminho cruel que conduzia à própria Torre Escura. Mas a sorte os acompanhou, e pelo resto daquele dia eles não encontraram nada vivo ou em movimento; quando a noite caiu, desapareceram dentro da escuridão de Mordor.

Toda a terra parecia se preparar agora para a chegada de uma tempestade: pois os Capitães do Oeste tinham passado pela Encruzilhada e ateado fogo nos campos mortais de Imlad Morgul. Assim continuou a viagem desesperada, enquanto o Anel ia para o sul e as bandeiras dos reis cavalgavam para o norte. Para os hobbits, cada dia, cada milha, era mais amargo que o anterior, pois sua força diminuía e a terra se tornava mais maligna. Não encontraram inimigos durante o dia. As vezes, durante a noite, quando

se escondiam ou cochilavam inquietos em algum esconderijo á margem da estrada, escutavam gritos e o ruido de muitos pés, ou a passagem veloz de algum cavalo conduzido impiedosamente. Mas muito pior que todos esses perigos era a ameaça cada vez mais próxima que incidia sobre eles enquanto avançavam: a ameaça terrível do Poder que esperava, concentrado em pensamentos profundos e numa malícia sempre vigilante, atrás do véu escuro que protegia seu Trono. Chegava cada vez mais perto, assomando mais negra, como o avanço de uma muralha de noite na última extremidade do mundo. Finalmente chegou um anoitecer terrível; no momento em que os Capitães do Oeste se aproximavam do fim das terras viventes, os dois andarilhos depararam com uma hora de desespero cego. Já haviam se passado quatro dias desde que tinham fugido dos orcs, mas o tempo se estendia atrás deles como um sonho cada vez mais escuro. Durante todo esse último dia, Frodo não dissera uma palavra, mas caminhara meio curvado, sempre tropeçando, como se seus olhos não enxergassem mais o caminho diante de seus pés. Sam achava que em meio a todas as dores ele suportava a pior, o peso crescente do Anel, um fardo sobre o corpo e um tormento para a mente. Ansioso, Sam notara como a mão esquerda do mestre sempre se levantava, como se para desviar um golpe, ou para proteger seus olhos contrai dos do terrível Olho que procurava penetrá-los. E algumas vezes a mão direita se dirigia ao peito, agarrando, e depois devagar, quando o controle era recuperado, a mão se afastava outra vez. Agora, quando o negrume da noite retornara, Frodo sentou-se, com a cabeça entre os joelhos, os braços soltos, as mãos caídas no chão e crispando-se levemente. Sam o observou, até que a noite cobriu ambos e os ocultou um do outro. Não conseguia mais encontrar palavra alguma para dizer, e voltou-se para os próprios pensamentos sombrios. Quanto a ele, embora estivesse exausto e sob uma sombra de medo, ainda lhe restava alguma força. O lembas tinha uma virtude sem a qual os dois teriam há muito tempo se deitado á espera da morte. Não satisfazia o desejo, e algumas vezes a mente de Sam se enchia com lembranças de comida, e o desejo de um simples pão e carnes. E, apesar disso, aquele pão-de-viagem dos elfos tinha um poder que aumentava à medida que os viajantes confiavam apenas nele, sem misturá-lo a outras comidas. Alimentava a disposição, e dava forças para resistir; e para dominar os tendões e os membros, uma capacidade que ia além da medida dos mortais. Mas agora uma nova decisão precisava ser tomada. Não podiam mais seguir por aquela estrada, pois ela prosseguia rumo ao leste e entrava na grande Sombra, e a Montanha já assomava á direita, quase na direção do sul, e eles precisavam rumar para lá Mas diante dela ainda se estendia uma ampla região de terra

fumegante, desolada, coberta de cinzas.

— Água, água! — murmurou Sam. — Privara-se de beber, e em sua boca ressecada a língua parecia grossa e inchada. Apesar de todo o cuidado, agora lhes sobrava muito pouco, cerca de metade de sua garrafa, e talvez houvesse ainda dias à frente. Tudo teria terminado há muito tempo se eles não tivessem se arriscado pela estrada dos orcs. Pois, a longos intervalos na estrada, cisternas haviam sido construídas para o uso de tropas enviadas com urgência através das regiões secas. Numa delas Sam encontrara um resto de água salobra, emporcalhada pelos orcs, mas que ainda serviu para o seu caso extremo. Mas isso já fora há um dia. Não havia esperanças de encontrarem mais.

Por fim, exausto pela preocupação, Sam cochilou, deixando o amanhã para quando o amanhã chegasse; não podia fazer mais nada. Sonho e vigília se misturaram num sono sobressaltado. Sam via luzes como olhos que exultavam numa satisfação maligna, e formas escuras a espreita; ouvia ruídos de animais selvagens ou os gritos aterrorizantes de seres torturados; acordava então para ver o mundo todo escuro e apenas um negrume vazio ao redor. Apenas uma vez, quando se levantou e olhou alucinado á sua volta, pareceu-lhe que, embora estivesse acordado, ainda podia ver luzes pálidas como olhos, mas logo elas piscaram e desapareceram.

A noite odiosa passou devagar e relutante. A luz do dia seguinte era fraca, pois ali, à medida que a Montanha se aproximava, o ar era sempre tenebroso, enquanto vindos da Torre Escura insinuavam-se os véus de Sombra que Sauron tecia ao redor de si. Frodo estava deitado de costas, imóvel. Sam parou ao lado dele, relutando em falar, e ao mesmo tempo sabendo que a palavra agora era sua: precisava animar a vontade do mestre para mais um esforço. Por fim, abaixando-se e acariciando a testa de Frodo, falou-lhe ao ouvido.

— Acorde, Mestre! — disse ele. — É hora de partirmos de novo.

Como se despertado de repente por uma campainha, Frodo acordou apressado e levantou-se, olhando para o sul; mas, quando seus olhos contemplaram a Montanha e o deserto, ele fraquejou de novo.

— Não consigo, Sam — disse ele. — É um peso tão grande para carregar, tão grande.

Sam já sabia antes de falar que seria em vão, e que tais palavras poderiam causar mais mal que bem, mas em sua pena não conseguiu se manter calado.

— Então deixe-me carregá-lo um pouco para o senhor, Mestre — disse ele. — O

senhor sabe que eu faria isso, de bom grado, enquanto me restassem forças.

Uma luz selvagem se acendeu nos olhos de Frodo.

— Afaste-se! Não me toque! — gritou ele. — Ele é meu, estou dizendo. Saia daqui! — Sua mão procurou o punho da espada. Mas então, de súbito, sua voz se alterou de novo. — Não, não, Sam — disse ele com tristeza. — Mas você precisa me entender. O fardo é meu, e ninguém mais pode carregá-lo. Agora é tarde demais, Sam, meu querido. Você não pode me ajudar dessa forma outra vez. Agora estou quase totalmente dominado pela força dele. Não conseguiria me desfazer dele, e se você tentasse tomá-lo eu enlouqueceria.

Sam concordou com a cabeça.

— Eu compreendo — disse ele. — Mas estive pensando, Sr. Frodo, há outras coisas das quais podemos nos privar. Por que não tornar o fardo um pouco mais leve? Estamos indo para lá agora, o mais direto possível. — Apontou para a Montanha. — Não adianta levarmos coisa alguma sem termos certeza de que precisaremos dela.

Frodo olhou de novo na direção da Montanha.

— Não — disse ele —, não vamos precisar de muita coisa naquela estrada. E no fim não precisaremos de nada. — Pegando o escudo de orc, jogou-o fora, e o capacete foi em seguida. Então, despindo a capa cinzenta, desafivelou o cinto pesado e o deixou cair no chão, juntamente com a espada na bainha. Rasgou os trapos da capa preta, jogando-os fora também.

— Pronto, não serei mais um orc — exclamou ele — e não carregarei mais arma alguma, fina ou feia. Que eles me peguem, se quiserem.

Sam fez a mesma coisa, e deixou de lado sua roupa de orc; tirou também todas as coisas de sua mochila. De certa forma, apegara-se a cada uma delas, mesmo que fosse apenas por tê-las carregado até agora com tanto esforço. O mais dificil foi se separar de seu equipamento de cozinha. Lágrimas minaram-lhe nos olhos quando pensou em jogá-lo fora.

— O senhor se lembra daquela porção de coelho, Sr. Frodo? — disse ele. — E do nosso lugar sob o abrigo quente do barranco na terra do Capitão Faramir, no dia em que vi um olifante?

— Não, receio que não, Sam — disse Frodo. — Pelo menos, sei que essas coisas aconteceram, mas não consigo vê-las em minha mente. Nem sentir o gosto de comida, nem a sensação da água, nem ouvir o som do vento. nem me lembrar de árvore ou grama ou flor, nenhuma imagem de lua ou estrela me resta. Estou nu no escuro, Sam,

e nenhum véu se coloca entre mim e a roda de fogo. Começo a vê-la até com os olhos despertos, e todo o resto desaparece.

Sam se aproximou e beijou-lhe a mão.

— Então, quanto mais cedo nos livrarmos dela, mais cedo descansaremos — disse ele com hesitação, sem encontrar palavras melhores. — Falar não vai melhorar nada — murmurou ele consigo mesmo, enquanto reunia todas as coisas que os dois haviam separado para jogar fora. Não estava disposto a deixá-las jazendo desprotegidas no deserto, para que quaisquer olhos as vissem. — Fedegoso pegou aquela camisa de orc, ao que parece, e não vai juntar nenhuma espada a ela. Suas mãos já são más o suficiente quando vazias. E ele não vai emporcalhar minhas panelas! — Com isso ele carregou todo o equipamento até uma das fissuras que recortavam a paisagem e jogou-as lá dentro. A batida das preciosas panelas caindo no escuro soou como um dobre fúnebre em seu coração. Voltou para perto de Frodo, e de sua corda élfica cortou um pequeno pedaço para servir de cinto ao mestre, e amarrou a capa cinzenta firmemente em volta de sua cintura. Enrolou a sobra cuidadosamente, tornando a guardá-la. Junto com a corda guardou apenas o que restava do pão de viagem e a garrafa de água; Ferroada ainda pendia-lhe do cinto, e escondidos bolso da túnica próximo ao peito estavam o frasco de Galadriel e a pequena caixa que ela lhe dera.

Agora, por fim, viraram o rosto para a Montanha e partiram, sem mais pensarem em se esconder, concentrando o cansaço e a vontade fraquejante apenas na única tarefa de prosseguir. Naquele dia desolado e escuro, poucos seres poderiam tê-los espionado, mesmo naquela terra de vigilância, a não ser que estivessem bem próximos.

De todos os escravos do Senhor do Escuro, apenas os nazgûl poderiam tê-lo advertido do perigo, pequeno mas indomável, que se esgueirava para dentro do próprio coração de seu vigiado reino. Mas os nazgûl com suas asas negras estavam longe em outra missão. Estavam reunidos num ponto distante, cobrindo de sombras a marcha dos Capitães do Oeste, e para lá também o pensamento da Torre Escura se dirigia.

Naquele dia, Sam teve a impressão de que seu mestre encontrara alguma força nova, mais do que se poderia explicar pela pequena diminuição do peso que tinham de carregar. Nas primeiras marchas, os dois avançaram mais e com maior velocidade do que ele esperara. A terra era acidentada e hostil, e apesar disso eles fizeram muito progresso, e a Montanha se aproximava cada vez mais. Mas, quando o dia foi terminando e precocemente a luz fraca começou a se apagar, Frodo se abaixou de novo e começou a cambalear, como se o esforço renovado tivesse exaurido as forças que lhe restavam. Na

última parada, ele foi ao chão e disse:

— Estou com sede, Sam — e não falou mais nada.

Sam lhe deu um gole de água; agora só restava mais um gole. Ele mesmo ficou sem, e agora, quando mais uma vez a noite de Mordor se fechava sobre eles, atravessando todos os seus pensamentos lhe chegava a lembrança de água, e cada riacho ou rio ou fonte que vira na vida, sob as sombras verdes de salgueiros ou faiscando ao sol, dançava e se encrespava para seu tormento atrás da cegueira de seus olhos. Sentia a lama fresca nos pés que chapinhavam no lago em Beirágua, com Jolly Villa, Tom e Nibs, e a irmã deles, Rosinha. — Mas isso foi há anos – suspirou ele. — E num lugar muito longe. O caminho de volta, se houver algum, passa pela Montanha. Não conseguiu dormir, e discutia consigo mesmo. — Bem, vamos agora, fizemos melhor do que você esperava — disse ele com firmeza. — Pelo menos começamos bem. Calculo que tenhamos vencido metade da distância antes de pararmos. Mais um dia e terminaremos. — E então parou. — Não seja tolo, Sam Gamgi — chegou-lhe uma resposta na sua própria voz. — Ele não conseguirá prosseguir mais um dia desse jeito, se é que vai conseguir se mover. E você não pode continuar por muito tempo dando-lhe toda a água e a maior parte da comida.

— Ainda posso caminhar um longo trecho, e é o que vou fazer.

— Para onde?

— Para a Montanha, é claro.

— Mas e depois, Sam Gamgi, e depois? Quando você chegar lá, o que vai fazer? Ele não vai ser capaz de fazer coisa alguma por si mesmo. Para sua decepção, Sam percebeu que não tinha uma resposta para isso. Não tinha nenhuma idéia clara. Frodo não lhe dissera muito sobre sua missão, e Sam só sabia vagamente que o Anel precisava de alguma forma ser atirado ao fogo. — As Fendas da Perdição — murmurou ele, com o velho nome surgindo em sua mente. — Bem, se o Mestre sabe como encontrá-las, eu não sei.

— Aí está! — veio a resposta. — É tudo inútil. Ele mesmo o disse. Você é o tolo, continuando a ter esperanças e se esforçando. Vocês poderiam ter-se deitado e dormido juntos há muitos dias, se você não tivesse sido tão teimoso. Mas vai morrer do mesmo jeito, ou em condições piores. É melhor se deitar e desistir de tudo. Nunca vai chegar ao topo, de qualquer forma.

— Vou chegar lá, mesmo que deixe tudo, exceto meus ossos, para trás — disse Sam. — E eu mesmo vou carregar o Sr. Frodo, mesmo que isso arrebente minhas costas

e meu coração. Então, pare de discutir!

Nesse momento, Sam sentiu um tremor no chão sob seus pés, e ouviu ou sentiu um retumbar profundo e remoto, como o de um trovão aprisionado na terra. Acendeu-se uma chama breve e rubra, que faiscou sob as nuvens e se extinguiu. A Montanha também dormia um sono inquieto.

Chegou a última etapa da viagem para Orodruin, que foi um tormento maior do que Sam jamais sonhara poder suportar. Sentia dores, e sua boca estava tão ressecada que ele não conseguia sequer engolir um bocado de comida. Tudo continuava escuro, não apenas por causa da fumaça da Montanha: parecia haver uma tempestade se aproximando, e na distância a sudeste havia um faiscar de relâmpagos sob os céus negros. Pior de tudo, o ar estava cheio de vapores; respirar era difícil e doloroso, e os dois foram dominados por uma tontura, de modo que cambaleavam e freqüentemente caíam. E mesmo assim sua força de vontade não cedeu, e eles avançavam com esforço.

A Montanha espreitava cada vez mais de perto até que, se eles levantassem as cabeças pesadas, ela encheria toda a sua visão, assomando vasta diante deles: uma enorme massa de cinza e lava e pedra queimada, da qual um cone de lados íngremes se erguia até as nuvens. Antes que terminasse o crepúsculo que durara todo um dia, e a verdadeira noite chegasse, eles já tinham chegado aos arrastões e tropeções aos próprios pés da Montanha.

Ofegante, Frodo se jogou no chão. Sam sentou-se ao lado dele. Para a sua surpresa, sentiu-se cansado, mas mais leve, e sua cabeça pareceu desanuviar-se de novo. Já nenhum debate perturbava-lhe a mente. Ele agora conhecia todos os argumentos do desespero e não estava disposto a lhes dar ouvidos. Deixara de sentir necessidade ou vontade de dormir, e só desejava ficar acordado, vigiando. Sabia que todos os perigos e riscos convergiam agora para um mesmo ponto. O dia seguinte seria um dia decisivo, o dia do esforço ou do desastre final, do último arranque. Mas quando chegaria? A noite parecia infinita e atemporal, minuto após minuto caindo morto, sem se somar à passagem das horas, sem trazer qualquer mudança. Sam começou a se perguntar se uma segunda escuridão não começara, impedindo o reaparecimento de qualquer outro dia. Por fim tateou procurando a mão de Frodo. Estava fria e trêmula. Seu mestre estava tiritando.

— Não deveria ter deixado meu cobertor para trás — murmurou Sam; e deitando-se tentou confortar Frodo com os braços e o corpo. Então o sono o arrebatou, e a luz apagada do último dia de sua Demanda os encontrou lado a lado. O vento amainara no

dia anterior ao se deslocar do oeste, e agora vinha do norte e começava a aumentar; lentamente a luz do sol invisível se infiltrava nas sombras onde estavam deitados os hobbits.

— Agora vamos! Agora, para o último arranque! — disse Sam, esforçando-se para se levantar. Inclinou-se sobre Frodo, despertando-o com delicadeza. Frodo resmungou, mas com um grande esforço de vontade levantou-se vacilante; em seguida caiu sobre os joelhos outra vez. Ergueu os olhos com dificuldade até as escuras encostas da Montanha da Perdição que assomava acima dele, e então penosamente começou a avançar arrastando-se com pés e mãos.

Sam olhou para ele e chorou em seu intimo, mas nenhuma lágrima chegou-lhe aos olhos secos e ardidos.

— Eu disse que o carregaria, mesmo que arrebentasse as costas — murmurou ele —, e é isso que vou fazer!

— Venha, Sr. Frodo! — gritou ele. — Não posso carregar a coisa em seu lugar, mas posso carregá-lo junto com ela. Então vamos subir! Venha, Sr. Frodo, meu querido! Sam vai lhe dar uma carona. É só dizer para onde ir, e ele irá.

Assim que Frodo agarrou-se às suas costas, deixando os braços com folga ao redor do seu pescoço, e prendendo as pernas com firmeza sob seus braços, Sam levantou-se com dificuldade; então, para seu espanto, sentiu que o fardo era leve. Temera mal ter forças para carregar apenas o mestre, e além disso esperara precisar dividir o terrível peso do maldito Anel. Mas não foi assim. Talvez porque Frodo estivesse tão exausto por suas longas dores, pelo ferimento de faca, e pelo ferrão venenoso, além da tristeza do medo e de tanto tempo vagando sem um lar, ou talvez porque algum dom de força final lhe fora concedido, Sam levantou Frodo tão facilmente como se estivesse carregando de cavalinho uma criança hobbit, em alguma brincadeira nos prados ou campos de feno do Condado. Respirou fundo e partiu.

Tinham atingido o pé da Montanha pelo seu flanco norte, um pouco a oeste; ali suas grandes encostas cinzentas, embora irregulares, não eram íngremes. Frodo nada dizia, e assim Sam avançava lutando da melhor maneira possível, sem ter qualquer outro guia a não ser sua própria disposição de escalar até a maior altura que conseguisse, antes que sua força cedesse e sua vontade fosse destruída. Lutava e seguia em frente, subindo e subindo, tomando um ou outro caminho para suavizar a subida, várias vezes tropeçando para a frente e por fim arrastando-se como um caramujo que carrega um fardo pesado nas costas. Quando sua vontade não pôde levá-lo mais adiante, e suas

pernas fraquejaram, parou e deitou o mestre no chão suavemente.

Frodo abriu os olhos e respirou fundo. Era mais fácil respirar lá em cima, sobre os vapores pestilentos que se enrolavam e flutuavam mais embaixo.

— Obrigado, Sam — disse ele num sussurro falho. — Quanto caminho ainda resta?

— Não sei — disse Sam , porque não sei para onde estamos indo.

Olhou para trás, e depois para cima; ficou espantado ao ver a distância que percorrera naquele último esforço. A Montanha, erguendo-se ominosa e solitária, parecera maior do que na verdade era. Sam via agora que era menos alta do que os altos passadiços dos Ephel Dúath, que ele e Frodo haviam escalado. As encostas confusas e irregulares de sua enorme base subiam cerca de novecentos metros acima da planície, e acima destas subia por cerca de metade dessa altura o grande cone central, como um vasto forno ou chaminé coroado por uma cratera denteada. Mas Sam já estava quase a meio caminho da base, e a planície de Gorgoroth aparecia escura lá embaixo, envolta em fumaça e sombra. Ao olhar para cima Sam poderia ter dado um grito, se sua garganta ressecada lhe permitisse, pois, em meio ás corcovas e encostas desiguais acima, ele viu claramente uma trilha ou estrada. Subia do oeste como um cinturão, e ziguezagueava ao redor da Montanha como uma cobra até que, antes de sumir de vista, atingia o pé do cone no lado leste.

Sam não conseguia ver o caminho imediatamente acima dele, na sua parte mais baixa, pois uma encosta íngreme subia de onde estava; mas ele calculava que, se conseguisse lutar e subir só um pouco mais, os dois atingiriam a trilha. Um fulgor de esperança retornou-lhe ao coração. Ainda podiam conquistar a Montanha.

— Que coisa, deve ter sido colocada lá de propósito! — disse ele para si mesmo. — Se não estivesse lá, eu teria de dizer que fui derrotado no final.

A trilha não fora colocada lá para os propósitos de Sam. Ele não sabia, mas estava olhando para a Estrada de Sauron, que ia de Barad-dûr até os Sammath Naur, as Câmaras de Fogo. Saindo do enorme portão oeste da Torre Escura, a estrada passava sobre um abismo profundo através de uma ampla ponte de ferro e depois, entrando na planície, continuava por cerca de uma légua entre duas fendas fumegantes, e assim atingia um longo passadiço inclinado que conduzia até a encosta leste da Montanha. Depois, fazendo uma curva e contornando toda a circunferência de sul a norte, ela finalmente subia, alta no cone superior, mas ainda longe do topo cheio de vapores, até uma entrada escura que dava para o leste, diretamente na direção da janela do Olho na

fortaleza de Sauron, envolta em sombra. Frequentemente bloqueada ou destruída por tumultos nos fornos da Montanha, essa estrada era sempre consertada e limpa pelo trabalho de incontáveis orcs.

Sam respirou fundo. Havia uma trilha, mas como subir a encosta para chegar até ela ele não sabia. Primeiro precisava aliviar a dor nas costas. Estirou-se ao lado de Frodo por um tempo. Nenhum dos dois dizia palavra. Devagar a luz aumentou. De repente, acometeu-o um senso de urgência que ele não entendia. Era quase como se Sam tivesse sido chamado: "Agora, agora, ou será tarde demais!" Apoiou-se e se levantou. Frodo também parecia ter ouvido o chamado. Num esforço se pôs de joelhos.

— Vou rastejar, Sam — disse ele ofegante.

Assim, passo a passo, como pequenos insetos cinzentos, eles se arrastaram encosta acima. Chegaram á trilha e descobriram que era larga, pavimentada com cascalho fragmentado e cinza batida. Frodo subiu até ela e então, como se movido por alguma compulsão, virou lentamente o rosto para o leste. Distantes pairavam as sombras de Sauron mas rasgadas por alguma rajada de vento vinda do mundo, ou quem sabe impelidas por algum intenso abalo interior, as nuvens que tudo cobriam rodopiaram, e por um momento se afastaram; então ele viu, erguendo-se negros, mais negros e escuros que as vastas sombras em meio às quais estavam, os cruéis pináculos e a corôa de ferro da torre mais alta de Barad-dôr. Durante um momento fugaz, como se emitida de alguma grande janela incomensuravelmente alta, cortou o céu ao norte uma chama vermelha, o faiscar de um olho penetrante; depois as sombras se adensaram de novo e a terrível visão foi removida. O Olho não estava voltado para eles: olhava para o norte, onde os Capitães do Oeste estavam encurralados, e para lá voltava agora toda a sua maldade, enquanto o poder se movia para desferir seu golpe mortal; mas Frodo, diante daquela rápida visão, sentiu-se como alguém golpeado mortalmente. Sua mão procurou a corrente em volta do pescoço.

Sam se ajoelhou ao lado dele. Fraco, quase inaudível, ele ouviu o sussurro de Frodo:

— Me ajude, Sam! Me ajude! Segure minha mão! Não posso detê-la. — Sam tomou as mãos do mestre e as uniu, palma com palma, beijando-as; depois as segurou delicadamente entre as suas. De súbito lhe ocorreu o pensamento: "Ele nos achou! Está tudo acabado, ou logo estará! Agora, Sam Gamgi, este é o fim de todos os fins."

Mais uma vez levantou Frodo e puxou as mãos dele até o próprio peito, deixando que as pernas do mestre ficassem pendentes. Depois abaixou a cabeça e se esforçou ao

longo da estrada que subia. Não era um caminho tão fácil como parecera a princípio. Por sorte, os fogos que se derramaram nos grandes abalos quando Sam estava sobre Cirith Ungol tinham descido principalmente pela encosta sul e pela oeste, e a estrada deste lado não estava bloqueada. Mesmo assim, em vários pontos tinha desmoronado ou era atravessada por largas fendas. Depois de escalar por algum tempo em direção ao leste, a estrada se inclinava sobre si mesma num ângulo fechado e rumava para o oeste por um trecho. Ali, naquela curva, a estrada era um corte fundo através de um velho rochedo desgastado pelo tempo, outrora vomitado dos fornos da Montanha. Ofegando sob sua carga, Sam fez a curva, e no momento em que o fazia, pelo canto do olho, viu de relance alguma coisa caindo do rochedo, como um pequeno pedaço de pedra preta que se tivesse desprendido no momento em que ele passava.

Um peso súbito o golpeou e ele caiu para a frente, raspando as costas das mãos que ainda seguravam as do mestre. Então percebeu o que acontecera, pois acima dele, enquanto estava no chão, ouviu uma voz odiada.

— Messstre malvado! — chiou a voz. — Messstre malvado nos engana; engana Sméagol, gollum Não deve ir por ali. Não deve machucar o Precioso! Dê ele para Sméagol, ssim, dê ele para nóss!

Num repelão Sam levantou-se. Imediatamente puxou a espada, mas nada pôde fazer. Gollum e Frodo estavam atracados. Gollum, furioso, estraçalhava a roupa de Frodo, tentando agarrar a corrente e o Anel. Essa era provavelmente a única coisa que teria despertado as brasas agonizantes do coração e da vontade de Frodo: um ataque, uma tentativa de arrancar-lhe o tesouro à força. Ele lutou com uma fúria súbita que assombrou Sam, e também Gollum. Mesmo assim as coisas poderiam ter acontecido de forma muito diferente, se Gollum não estivesse mudado; mas os misteriosos caminhos, aterrorizantes e solitários, que ele trilhara, sem comida e sem água, movido por um desejo devorador e um medo terrível, haviam deixado nele marcas atrozes. Gollum era agora uma criatura magra, faminta, desfigurada, feita apenas de ossos e pele esticada e embranquecida. Uma luz selvagem queimava em seus olhos, mas sua malícia já não estava associada à antiga força que tinha nas mãos. Frodo se desvencilhou dele, jogando-o de lado, e levantou-se tremendo.

— Largue-me! Largue-me! — disse ele ofegante, com a mão agarrada ao peito, de modo que debaixo da proteção de sua camisa de couro segurava o Anel. — Largue-me, sua coisa rastejante, e saia de meu caminho! Seu tempo chegou ao fim. Agora você não pode me trair ou me matar.

Então, de repente, como antes sob as bordas das Emyn Muil, Sam viu aqueles dois rivais de uma outra maneira. Uma figura humilhada, que mal passava da sombra de um ser vivo, uma criatura agora completamente arruinada e derrotada, e mesmo assim cheia de ira e de um desejo hediondo; e diante dela erguia-se austero, imune agora à compaixão, um vulto vestido de branco, mas que segurava em seu peito uma roda de fogo. Do fogo falava uma voz imperiosa.

— Vá embora, e não me perturbe mais! Se voltar a me tocar de novo, você mesmo será jogado dentro do Fogo da Perdição.

A figura humilhada recuou, o terror enchendo-lhe os olhos, que ao mesmo tempo piscavam num desejo insaciável. Então a visão passou e Sam viu Frodo de pé, com a mão no peito, respirando em grandes haustos, e Gollum aos pés dele, apoiado nos joelhos, com as largas mãos achatadas contra o chão.

— Cuidado! — gritou Sam. — Ele vai pular! — Deu um passo à frente, brandindo a espada. — Rápido, Mestre! — disse ele ofegando. — Siga em frente! Siga em frente! Não há tempo a perder Eu cuido dele. Siga em frente!

Frodo olhou para ele como se olha para alguém que está distante.

— Sim, preciso continuar — disse ele. — Adeus, Sam! Chegamos ao fim. Sobre a Montanha da Perdição, a perdição cairá. Adeus! — Virou-se e partiu, caminhando devagar, mas ereto, subindo a trilha inclinada.

— Agora! — disse Sam. — Finalmente vou cuidar de você! — Saltou á frente, com a espada na mão, pronto para a luta. Mas Gollum não pulou. Caiu no chão estatelado, choramingando.

— Não mate nóss — chorava ele. — Não machuque nóss com aço cruel e mau! Deixe nós viver, é sim, viver um pouco mais. Perdidos, perdidos! Estamos perdidos. E quando o Precioso se for vamos morrer, é sim, morrer na poeira ssuja. — Levantou um pouco das cinzas da trilha com os dedos longos e descarnados. — Sssuja! – chiou ele.

A mão de Sam vacilou. Sua mente fervia com o ódio e com a lembrança do mal. Seria justo matar essa criatura traiçoeira, assassina, justo e muitas vezes merecido; além disso parecia a única coisa segura a fazer Mas no fundo de seu coração havia algo que o impedia: ele não podia atacar aquela coisa caída na poeira, abandonada, arruinada, absolutamente desgraçada. Ele mesmo, embora apenas por pouco tempo, tinha carregado o Anel, e agora adivinhava vagamente a agonia da mente e do corpo murchos de Gollum, escravizados por aquele Anel, incapazes de algum dia encontrarem outra vez paz ou alívio na vida. Mas Sam não tinha palavras para explicar o que sentia.

— Oh, maldita seja, sua criatura nojenta! — disse ele. — Vá embora! Fora daqui! Não confio em você, não enquanto ainda possa chutá-lo; mas fora daqui! Ou eu vou machucá-lo, vou sim, com aço cruel e mau.

Gollum ficou de quatro, recuou vários passos e então virou-se, e, no momento em que Sam fazia menção de chutá-lo, fugiu descendo pela trilha. Sam não lhe deu mais atenção. De repente se lembrou de seu mestre. Ergueu os olhos para a trilha e não conseguiu vê-lo. Na maior velocidade possível, foi subindo a estrada. Se tivesse olhado para trás, poderia ter visto Gollum se virar outra vez não muito abaixo, e, depois, vir com um brilho alucinado nos olhos, rápido mas com cautela, arrastar-se atrás dele uma sombra furtiva em meio ás pedras.

A trilha continuava subindo. Logo fazia outra curva e num último trecho ao leste entrava num corte ao longo da face do cone e chegava á porta escura na encosta da Montanha, a porta das Sammath Naur. Distante, agora erguendo-se em direção ao sul, o sol, perfurando a fumaça e a névoa, queimava ominoso, um disco vermelho opaco e ofuscado; mas toda Mordor jazia ao redor da Montanha como uma terra morta, silenciosa, envolta em sombras, aguardando algum golpe terrível.

Sam atingiu a boca escancarada e espiou lá dentro. Estava escuro e quente, e um ribombar profundo agitava o ar.

— Frodo! Mestre! — chamou ele.

Não houve resposta. Por um momento ficou ali parado, seu coração batendo com temores alucinados, e então mergulhou na escuridão. Uma sombra o seguiu.

Num primeiro momento, não conseguiu ver nada. Em sua extrema necessidade, puxou mais uma vez o frasco de Galadriel, mas ele estava pálido e frio em sua mão trêmula, e não jogava luz alguma naquela escuridão sufocante. Sam chegara ao coração do reino de Sauron, e ás forjas de seu antigo poder, as maiores da Terra-média; ali todos os outros poderes eram subjugados. Temeroso, ele deu alguns passos incertos no escuro, e então, de repente, veio um clarão vermelho que se ergueu nos ares, e atingiu o alto teto negro. Então Sam viu que estava numa longa caverna ou túnel que fora cavado dentro do cone fumegante da Montanha. Mas, apenas um pouco adiante, seu chão e as paredes dos dois lados se abriam numa grande fissura, da qual saia o clarão vermelho, que ora se erguia e ora se extinguia na escuridão; e todo o tempo, lá embaixo, havia um rumor e uma agitação como de grandes máquinas pulsando e trabalhando.

A luz irrompeu outra vez, e lá, na borda da fissura, na própria Fenda da Perdição, estava Frodo, negro contra o clarão, tenso, ereto, mas imóvel como se tivesse sido

transformado em pedra.

— Mestre! — gritou Sam.

Então Frodo se mexeu e falou com uma voz clara, na realidade com uma voz mais clara e poderosa do que Sam jamais o ouvira usar, e que se erguia acima da pulsação e dos abalos da Montanha da Perdição, retumbando no teto e nas paredes.

— Cheguei — disse ele. — Mas agora minha escolha é não fazer o que vim aqui para fazer. Não vou realizar este feito. O Anel é meu! — E de repente, colocando-o no dedo, desapareceu da visão de Sam. Sam abriu a boca assombrado, mas não pôde gritar, pois naquele momento muitas coisas aconteceram.

Alguma coisa golpeou-o violentamente pelas costas, suas pernas ficaram presas por baixo e ele foi jogado de lado, batendo a cabeça contra o chão de pedra; uma sombra escura pulou sobre ele. Sam ficou deitado e imóvel, e por um tempo tudo ficou escuro.

E lá bem distante, no momento em que Frodo colocou o Anel e o reivindicou para si mesmo, exatamente ali, nas Sammath Naur, o próprio coração de seu reino, o poder de Barad-dûr sofreu um abalo, e a Torre tremeu dos alicerces até o topo orgulhoso e cruel. De repente o Senhor do Escuro percebeu a presença do hobbit, e seu Olho, penetrando todas as sombras, atravessou a planície na direção da porta que ele fizera; e a magnitude de sua própria loucura revelou-se a ele num clarão cegante, e todas as estratégias de seus inimigos foram finalmente desnudadas diante de seus olhos. Então sua ira incandesceu-se numa chama devoradora, mas seu medo ergueu-se como uma vasta fumaça para sufocá-lo. Pois ele sabia do perigo mortal que estava correndo, e percebia o fio pelo qual estava agora pendurado seu destino. De todas as suas estratégias e teias de medo e traição, de todos os seus estratagemas e guerras sua mente se libertou, e todo o seu reino foi atravessado por um tremor, seus escravos vacilaram, seus exércitos pararam e seus capitães, subitamente sem liderança, desprovidos de vontade, hesitaram e se desesperaram. Pois foram esquecidos. Toda a mente e o propósito do Poder que os controlava concentravam-se agora com uma força arrasadora na Montanha. A um chamado seu, rodopiando com um grito lancinante, numa última corrida desesperada voaram, mais rápidos que os ventos, os nazgûl, os Espectros do Anel, e com uma tempestade de asas arremessaram-se em direção ao sul para a Montanha da Perdição.

Sam levantou-se. Estava zonzo, e o sangue que jorrava de sua cabeça pingava-lhe sobre os olhos. Avançou tateando e então viu uma cena estranha e terrível.

Gollum, na beira do abismo, lutava como um ser ensandecido contra um inimigo invisível. Tombava para a frente e para trás, algumas vezes chegando tão perto da borda

que quase caía lá dentro, outras recuando, caindo ao chão, levantando-se e caindo de novo. Durante todo o tempo chiava, mas não dizia palavra alguma.

Os fogos embaixo despertaram irados, o clarão vermelho incandesceu-se, e toda a caverna ficou repleta de luminosidade e calor.

De repente Sam viu as longas mãos de Gollum se erguerem até a boca; suas presas brancas brilharam, e se fecharam numa mordida. Frodo deu um grito, e lá estava ele, caído de joelhos, na beira do abismo. Mas Gollum, dançando como um louco, erguia o anel, com um dedo ainda enfiado no circulo, que agora brilhava como se realmente fosse feito de fogo vivo.

— Precioso, precioso, precioso! — gritava Gollum. — Meu Precioso! Ó, meu Precioso! — E assim, no momento em que erguia os olhos para se regozijar com sua presa, deu um passo grande demais, tropeçou, vacilou por um momento na beirada, e então com um grito agudo caiu. Das profundezas chegou seu último gemido, Precioso, e então ele se foi.

Houve um rugido e uma grande confusão de sons. Labaredas se alçavam e lambiam o teto. A pulsação cresceu num grande tumulto, e a montanha tremeu. Sam correu até Frodo, e levantando-o carregou-o até a porta. E ali, na soleira escura das Sammath Naur, bem acima das planícies de Mordor, tal estupefação e terror sobrevieram que ele ficou parado, esquecido de todo o resto, imóvel como alguém que foi transformado em pedra. Teve uma visão rápida de nuvens rodopiando, e no meio delas torres e ameias, altas como colinas, fundadas sobre um poderoso trono de montanha acima de abismos incomensuráveis; grandes pátios e calabouços, prisões sem olhos, íngremes como penhascos, e portões escancarados feitos de ferro e pedra adamantina: e então tudo acabou. Torres caíram e montanhas deslizaram; paredes desmoronaram e derreteram, esboroando-se; enormes espirais de fumaça e jatos de vapor subiam, subiam e se espalhavam, até formarem um teto semelhante a uma onda ameaçadora, e sua crista alucinada se crispou e veio descendo e cobrindo tudo, espumando sobre a terra. E então, por fim, através das milhas da planície chegou um ribombo, crescendo até se tornar um estrondo e um rugido ensurdecedores; a terra tremeu, a planície arfou, abriu-se em brechas e o Orodruín cambalcou. Chamas se lançavam de seu topo fendido. Os céus explodiram em trovão, cortados por relâmpagos. Como chicotes açoitando caiu uma torrente de chuva negra. E no coração da tempestade, com um grito que atravessava todos os outros sons, rasgando as nuvens, os nazgúl vieram, caindo como raios em chamas, como se estivessem presos na destruição da montanha e do céu, e no fogo

estalaram, murcharam e se apagaram.

Bem, este é o fim, Sam Gamgi disse uma voz ao seu lado. E ali estava Frodo, pálido e exausto, e apesar disso era Frodo novamente; agora em seus olhos só havia paz; nem luta de vontade, nem loucura, nem qualquer temor. Seu fardo fora levado. Ali estava o querido mestre dos doces dias no Condado.

— Mestre! — gritou Sam, caindo de joelhos. Em meio a toda aquela ruína do mundo, naquele momento ele só sentiu alegria, uma grande alegria.

O fardo se fora. Seu mestre se salvara; voltara a si de novo, estava livre. E então Sam viu a mão mutilada, sangrando.

— Sua pobre mão! — disse ele. E não tenho nada que sirva como atadura, ou que possa confortá-la. Eu preferiria dar-lhe uma das minhas mãos inteira. Mas agora ele se foi, e está além de qualquer alcance. Ele se foi para sempre.

— Sim — disse Frodo. Mas você se lembra das palavras de Gandalf: Até mesmo Gollum pode ter ainda algo afazer? Se não fosse por ele, Sam, eu não poderia ter destruido o Anel. A Demanda teria sido em vão, no fim de tanta amargura. Então vamos perdoá-lo! Pois a Demanda está terminada, e com sucesso, e tudo está acabado. Estou contente por tê-lo comigo. Aqui, no fim de todas as coisas, Sam.

## CAPÍTULO IV
## O CAMPO DE CORMALLEN

Por todos os flancos das colinas atacavam os exércitos de Mordor. Os Capitães do Oeste soçobravam num mar crescente. O sol brilhava rubro, e sob as asas dos nazgúl as sombras de morte caiam escuras cobrindo a terra. Aragorn, sob a sua bandeira, estava silencioso e austero, como alguém perdido em pensamentos de coisas distantes ou há muito passadas; mas seus olhos reluziam como estrelas que ficam mais brilhantes à medida que a noite se aprofunda. No topo da colina estava Gandalf, branco e impassível, e nenhuma sombra o cobria. O ataque de Mordor explodiu como uma onda contra as colinas sitiadas, vozes rugindo como vagas em meio à destruição e ao entrechoque das armas.

Como se a seus olhos fosse concedida uma visão súbita, Gandalf se mexeu;

voltou-se, olhando para o norte, onde os céus estavam pálidos e limpos. Então levantou as mãos e bradou numa voz que retumbou acima de todo o alarido: As Águias estão chegando! E muitas vozes responderam, gritando: As Águias estão chegando! As Águias estão chegando! Os exércitos de Mordor olharam para cima, sem saber o que aquele sinal podia significar. Lá vinha Gwaihir, o Senhor dos Ventos, e Landroval, seu irmão, as maiores de todas as Águias do Norte, e os mais poderosos descendentes do velho Thorondor, que construíra seus ninhos nos picos inacessíveis das Montanhas Circundantes quando a Terra-média era jovem. Atrás deles vinham em longas e velozes fileiras todos os seus vassalos das montanhas do norte, cada vez mais rápidos num vento crescente. Caíram direto sobre os nazgûl, descendo dos altos ares num súbito mergulho, e o ruflar de suas amplas asas passou como uma rajada de vento. Mas os nazgûl se viraram e fugiram, sumindo dentro das sombras de Mordor, respondendo a um chamado súbito e terrível vindo da Torre Escura; e naquele momento todos os exércitos de Mordor estremeceram, a dúvida oprimiu-lhes os corações, seu riso falhou, suas mãos tremeram e suas pernas bambearam. O Poder que os fazia avançar e os enchia de ódio e fúria estava vacilando, sua vontade afastava-se deles; agora, olhando nos olhos do inimigo, eles viam uma luz fatal, e sentiam medo. Todos os Capitães do Oeste clamaram em altos brados, pois seus corações se encheram de uma nova esperança em meio à escuridão. Das colinas sitiadas avançaram contra os inimigos vacilantes os soldados de Gondor, os Cavaleiros de Rohan, os dúnedain do norte, companhias em fileiras cerradas penetrando a turba com estocadas de lanças enfurecidas. Mas Gandalf ergueu os braços e chamou mais uma vez numa voz límpida:

— Parem, homens do oeste! Parem e esperem! Esta é a hora da condenação.

E, no momento em que falava, a terra tremeu sob seus pés. Então, subindo depressa, bem acima das Torres do Portão Negro, muito mais alta que montanhas, uma vasta escuridão irrompeu nos céus, coruscando fogo. E a terra gemeu e estremeceu. As Torres dos Dentes balançaram, cambalearam e caíram; a poderosa fortificação desmoronou, o Portão Negro se desfez em ruínas; e de longe, às vezes fraco, às vezes crescendo, outras ainda subindo até as nuvens, vinha um retumbar como o de tambores, um rugido, um ruído longo e turbulento de destruição.

— O reino de Sauron está terminado! — disse Gandalf. — O Portador do Anel cumpriu sua Demanda. — E, quando os Capitães olharam para o sul na direção da Terra de Mordor, tiveram a impressão de que, negro contra a cortina de nuvens, erguia-se um enorme vulto de sombra, impenetrável, coroado de relâmpagos, enchendo todo o céu.

Enorme, levantava-se sobre o mundo, e estendia na direção deles uma grande mão ameaçadora, terrível mas impotente: pois no momento em que se debruçava sobre eles um forte vento o arrebatou, e o vulto foi completamente varrido para longe, e passou; e então um silêncio caiu.

Os Capitães curvaram as cabeças; e, quando as ergueram de novo, eis que os inimigos estavam fugindo e o poder de Mordor se dispersava como poeira no vento. Como formigas que vagam sem destino e sem propósito, para depois morrerem exauridas, quando a morte golpeia o ser inchado e incubante que habita o formigueiro e a todas mantém sob controle, da mesma maneira as criaturas de Sauron, orcs ou trolls ou animais escravizados por encantamento, corriam de um lado para o outro sem rumo; alguns se matavam ou se jogavam em abismos, ou ainda fugiam gemendo para se esconderem em buracos e lugares escuros e sem luz, distantes de qualquer esperança.

Mas os homens de Rhún e Harad, orientais e sulistas, viram a destruição de sua guerra e a grande majestade e glória dos Capitães do Oeste. E aqueles que havia mais tempo estavam mais envolvidos na servidão maligna, odiando o oeste, e contudo eram homens altivos e corajosos, por sua vez se ajuntaram numa resistência desesperada. Mas a maioria deles fugiu como pôde para o leste; alguns ainda jogaram suas armas ao chão e imploraram clemência.

Gandalf então, deixando todos esses assuntos de batalha e comando para Aragorn e para os outros senhores, subiu até o topo da colina e chamou; desceu até ele a grande águia, Gwaihir, o Senhor dos Ventos.

— Você me carregou duas vezes, Gwaihir, meu amigo — disse Gandalf. — Mais uma terceira e estaremos quites, se você estiver disposto. Você verá que não serei um fardo muito maior do que quando você me levou de Zirakzigil, onde minha vida antiga se consumiu no fogo.

— Eu o carregaria — disse Gwaihir — para onde quisesse, mesmo que você fosse feito de pedra.

— Então venha, e permita que seu irmão nos acompanhe, e mais alguém de seu povo que seja velocíssimo! Pois necessitamos de uma velocidade maior do que a de qualquer vento, superior a das asas dos nazgúl.

— O Vento Norte está soprando, mas vamos ultrapassá-lo — disse Gwaihír. E, erguendo Gandalf, alçou num vôo rápido rumo ao sul, e com ele foram Landroval e Meneldor, jovem e veloz. Passaram sobre Udún e Gorgoroth e viram toda a terra em ruína e tumulto embaixo deles, e adiante a Montanha da Perdição incandescente, derramando

seu fogo.

— Estou feliz em tê-lo aqui comigo — disse Frodo. — Aqui, no fim de todas as coisas, Sam.

— Sim, estou com o senhor, Mestre — disse Sam, pousando delicadamente a mão ferida de Frodo sobre o peito. — E o senhor está comigo. E a viagem está terminada. Mas depois de ter vindo até aqui não quero desistir dela ainda. Não é do meu feitio, de certa forma, se o senhor me entende.

— Talvez não, Sam — disse Frodo —; mas é do feitio de todas as coisas que existem no mundo. As esperanças fracassam. Um fim chega. Agora só temos de esperar um pouco. Estamos perdidos na ruína e na destruição, e não há como escapar.

— Bem, Mestre, poderíamos pelo menos nos afastar deste lugar perigoso, desta Fenda da Perdição, se esse é o nome. Não poderíamos? Vamos, Sr. Frodo, pelo menos vamos descer a trilha!

— Muito bem, Sam. Se você quer ir, eu vou — disse Frodo; e os dois se levantaram e foram descendo lentamente a estrada sinuosa; no momento em que atingiam os pés da Montanha em convulsão, uma grande nuvem de fumaça e vapor foi expelida pelas Sammath Naur e a face do cone se abriu numa grande fenda, e um enorme vômito de fogo rolou numa cascata lenta e tonitruante descendo a encosta leste.

Frodo e Sam não conseguiam avançar. As últimas forças de suas mentes e corpos se extinguiam rapidamente. Tinham chegado a um montículo baixo de cinzas que se formara ao pé da Montanha; de lá não havia mais como escapar. Agora o montículo se transformara numa ilha, que não duraria muito em meio ao tormento do Orodruin.

Por toda a volta a terra se abria, e de fossos e poços profundos a fumaça e o vapor subiam. Atrás deles a Montanha tinha convulsões. Grandes brechas se abriam em seus flancos.

Lentos rios de fogo desciam as encostas na direção deles. Logo seriam engolidos. Caía uma chuva de cinza quente. Agora estavam parados, e Sam, ainda segurando a mão do mestre, a acariciava. Suspirou.

— Fizemos parte de uma grande história, Sr. Frodo, não foi mesmo? — disse ele. — Gostaria de poder ouvir alguém contando! O senhor acha que eles vão dizer: Agora vem a história de Frodo dos Nove Dedos e o Anel da Perdição? E então todo mundo fará silêncio, como fizemos quando em Valfenda nos contaram a história de Beren-Maneta e a Grande Jóia. Gostaria de poder escutar! E fico imaginando como a história contínua, depois da nossa parte. Mas no momento em que dizia isso, para afastar o medo até o

último instante, seus olhos vagaram para o norte, perscrutando o olho do vento, para onde o céu distante estava claro, enquanto o vento frio, transformando-se numa rajada, varria para longe a escuridão e a ruína das nuvens.

E foi assim que Gwaihír os viu com seus olhos penetrantes, enquanto descia em meio ao forte vento, e desafiando o grande perigo dos céus fazia rondas no ar: dois pequenos vultos escuros, abandonados, de mãos dadas, sobre uma pequena colina, enquanto o mundo tremia embaixo delas, e arfava, e rios de fogo se aproximavam.

E, no mesmo momento em que os encontrou e desceu num mergulho, viu-os cair, exaustos, ou sufocados pela fumaça e pelo calor, ou finalmente derrubados pelo desespero, escondendo os olhos da morte. Estavam deitados lado a lado, e Gwaihir veio voando baixo, seguido por Landroval e Meneldor, o veloz; e num sonho, sem saber o que lhes estava acontecendo, os caminhantes foram erguidos e carregados para longe da escuridão e do fogo.

Quando Sam acordou, viu que estava deitado em alguma cama macia, mas sobre ele balançavam suavemente grandes ramos de faia, e através das folhas jovens o sol reluzia, verde e dourado. Todo o ar estava repleto de uma fragrância suave e adocicada. Lembrou-se daquele cheiro: a fragrância de Ithilien.

— Graças! — cismou ele. — Por quanto tempo estive dormindo? — Pois o cheiro o carregara de volta ao dia em que ele acendera sua pequena fogueira sob o barranco ensolarado, e por um momento tudo o que se passara depois se apagou da memória consciente. Espreguiçou-se e respirou fundo. — Puxa, que sonho eu tive! — murmurou ele. — Estou feliz por ter acordado! — Sentou-se e então viu que Frodo estava deitado ao lado, dormindo tranquilo, com uma mão atrás da cabeça, e a outra descansando sobre a coberta. Era a mão direita e faltava-lhe o terceiro dedo. Uma lembrança completa inundou-lhe a mente, e Sam gritou: — Não foi um sonho! Então, onde estamos?

E uma voz suave falou atrás dele:

— Na terra de Ithilien, sob a proteção do Rei; e ele aguarda vocês. — Dizendo isso, Gandalf se postou diante deles, vestido de branco, sua barba agora reluzindo como neve pura no piscar da luz do sol por entre as folhas. — Bem, Mestre Samwise, como se sente? — perguntou ele.

Mas Sam caiu deitado de novo e ficou olhando de boca aberta; por um momento, dividido entre o espanto e uma grande alegria, não conseguiu responder. Por fim disse ofegante:

— Gandalf Pensei que estava morto! Mas depois pensei que eu mesmo estava

morto. Será que todas as coisas tristes vão acabar se desfazendo? O que aconteceu com o mundo?

— Uma grande Sombra partiu — disse Gandalf, e depois riu, e o som de sua risada era como música, ou como água correndo numa terra ressequida; ouvindo aquilo, Sam percebeu que perdera a conta dos dias em que não ouvira um riso, o puro som do contentamento. Chegava-lhe aos ouvidos como o eco de todas as alegrias que já conhecera. Mas ele mesmo explodiu em lágrimas. Depois, como a chuva suave passa com um vento de primavera, e o sol volta a brilhar mais forte, suas lágrimas cessaram, e o riso foi aflorando, e rindo ele saltou da cama.

— Como me sinto? — gritou ele. — Bem, não sei dizer. Eu me sinto, eu me sinto — acenou com as mãos nos ares —, sinto-me como a primavera depois do inverno, com sol nas folhas, e como trombetas e harpas e todas as músicas que jamais ouvi! — Parou e olhou para seu mestre. — Mas como está o Sr. Frodo? Não é uma pena o que aconteceu com a mão dele? Mas espero que quanto ao resto esteja tudo bem. Ele passou por dias cruéis.

— Sim, quanto ao resto tudo está bem comigo — disse Frodo, sentando-se e por sua vez rindo também. — Adormeci de novo esperando você, Sam, seu dorminhoco. Já estava acordado bem cedo hoje, e agora deve ser perto do meio-dia.

— Meio-dia? — disse Sam, tentando calcular. — Meio-dia de que dia? — O décimo quarto do Ano Novo — disse Gandalf—; ou, se você preferir, o oitavo dia de abril no Registro do Condado. Mas em Gondor o Ano Novo sempre começará no dia vinte e cinco de março, quando Sauron caiu, e quando vocês foram salvos do fogo e trazidos ao Rei. Ele cuidou de vocês, agora os aguarda. Vão comer e beber com ele. Quando estiverem prontos, vou conduzi-los à sua presença.

*Nota*

*1. Havia trinta dias em março (ou Louvoso) no calendário do Condado.*

— O Rei? — disse Sam. — Que Rei, e quem é ele?

— O Rei de Gondor, e Senhor das Terras do Oeste — disse Gandalf—; e ele voltou a tomar posse de todo o seu antigo reino. Logo partirá para a coroação, mas está aguardando vocês.

— O que vamos vestir? — disse Sam —; pois tudo o que conseguia ver eram as roupas velhas e rasgadas com as quais tinham viajado, que estavam dobradas no chão

ao lado das camas.

— As roupas que usaram quando estavam indo para Mordor — disse Gandalf. — Até mesmo os farrapos de orc que você usou na terra negra, Frodo, serão preservados. Nenhuma seda ou linho, nem qualquer armadura ou escudo poderiam ser mais honrosos. Mas depois vou arranjar outras roupas, talvez. Então estendeu as mãos para os dois, e eles viram que uma delas brilhava com uma luz.

— O que você tem aí? — gritou Frodo. — Será...

— Sim, eu trouxe seus dois tesouros. Estavam com Sam quando vocês foram resgatados. Os presentes da Senhora Galadriel: seu cristal, Frodo, e sua caixa, Sam.

Vão ficar felizes em guardá-los a salvo outra vez.

Depois de se lavarem, vestirem a roupa e comerem uma refeição leve, os hobbits seguiram Gandalf. Saíram do bosque de faias onde haviam repousado, e passaram para um extenso gramado verde, que reluzia ao sol, margeado por imponentes árvores de folhas escuras, cobertas de flores escarlate. No fundo ouvia-se o som de água caindo, e um rio corria á frente deles entre margens floridas, até chegar a um bosque aos pés do gramado onde prosseguia sob um arco de árvores, através das quais se podia ver a água tremeluzindo na distância.

Chegando à entrada do bosque, ficaram surpresos ao verem cavaleiros em armaduras brilhantes e altivos guardas vestidos de prata e negro, que os saudaram com honras e lhes fizeram reverências. E então um deles tocou uma longa trombeta, e eles continuaram avançando pelo corredor de árvores ao lado do rio cantante. Assim chegaram a um lugar amplo e verde, além do qual havia um rio largo coberto de uma névoa prateada, da qual emergia uma longa ilha arborizada, com muitos navios atracados em sua costa. Mas no campo onde agora entravam havia um grande exército em formação, e suas fileiras e companhias brilhavam ao sol. E, quando os hobbits se aproximaram, espadas foram desembainhadas, lanças se agitaram, cornetas e trombetas cantaram, e os homens gritavam em muitas vozes e em muitas línguas:

*"Vida longa aos Pequenos! Louvai-os com grande louvor!*
*Cuio i Pheriain anann!Aglar"ni Pheríannath!*
*Louvai-os com grande louvor, Frodo e Samwise!*
*Daur a Berhael, Conin en Annún! Eglerio!*
*Louvai-os!*
*Eglerio!*

*leita te. laita te!Andave laituvalmetl*
*Louvai-os!*
*Cormacolindor, a laita tórien na!*
*Louvai-os! Os Portadores do Anel, louvai-os com grande louvor!"*

E assim, com o sangue quente a corar-lhes as faces e os olhos brilhando de surpresa, Frodo e Sam avançaram e viram que em meio ao exército clamante estavam três altos assentos feitos de turfa verde. Atrás do assento á direita pairava, branco sobre verde, um grande cavalo correndo solto; à esquerda havia uma bandeira, prata sobre azul, um navio com proa em cisne vagando sobre o mar; mas atrás do trono mais alto, que ficava bem ao centro, um grande estandarte se abria na brisa, e nele uma árvore branca floria sobre um campo de sable, sob uma corôa reluzente e sete estrelas brilhantes. Sentado no trono estava um homem vestido de malha metálica, com uma grande espada sobre os joelhos; mas em sua cabeça não havia elmo.

Quando os hobbits se aproximaram, ele se levantou. E então o reconheceram, mesmo mudado como estava, tão altivo e com uma expressão alegre no rosto, majestoso, senhor de homens, de cabelos escuros e olhos cinzentos.

Frodo correu ao encontro dele, e Sam foi logo atrás.

— Ora, ora, mas isso corôa tudo! — disse ele. — Passolargo, ou então ainda estou sonhando!

— Sim, Sam, Passolargo — disse Aragorn. — Estamos muito longe de Bri, onde você não gostou da minha aparência, não é mesmo? Todos nós estamos muito longe, mas a sua estrada foi a mais escura.

E então, para a surpresa e completo assombro de Sam, ele curvou os joelhos diante deles; depois tomando-os pela mão, Frodo à direita e Sam á esquerda, conduziu-os até o trono e, fazendo-os sentar, virou-se para os homens e capitães que assistiam a tudo e, numa voz que ecoou por todo o exército, gritou:

— Louvai-os com grande louvor!

E depois que o grito alegre cresceu e foi diminuindo de novo, completando de uma vez por todas a satisfação de Sam e enchendo-o de pura alegria, um menestrel de Gondor deu um passo à frente, ajoelhou-se e pediu permissão para cantar. E eis que disse ele:

— Vejam, senhores, cavaleiros e homens de honra imaculada, reis e príncipes e belo povo de Gondor, Cavaleiros de Rohan e vós, filhos de Elrond, e dúnedain do norte,

elfo e anão e valentes do Condado, e todas as pessoas livres do oeste, ouçam agora a minha balada. Pois vou cantar para todos sobre Frodo dos Nove Dedos e o Anel da Perdição.

E, quando Sam ouviu aquilo, riu alto por puro deleite; levantando-se, gritou:

— Ó grande glória e esplendor! E todos os meus desejos se realizaram! – E então chorou.

E todo o exército riu e chorou, e no meio desta alegria e destas lágrimas a voz límpida do menestrel se ergueu como prata e ouro, e todos os homens silenciaram.

E ele cantou, alternando a língua do elfos e a do oeste, até que seus corações, feridos por doces palavras, transbordaram, numa alegria que se assemelhava a espadas, e eles passaram em pensamentos para regiões onde dor e prazer fluem juntos, e as lágrimas são o próprio vinho da felicidade.

Por fim, quando o sol do meio-dia foi caindo e as sombras das árvores se alongaram, o menestrel terminou.

— Louvai-os com grande louvor! — disse ele ajoelhando-se.

E então Aragorn se levantou, e depois dele todo o exército, e eles passaram para pavilhões já preparados, onde iriam comer, beber e se alegrar enquanto durasse o dia.

Frodo e Sam foram conduzidos em separado para uma tenda, onde despiram suas vestes velhas, que apesar disso foram dobradas e guardadas com honra; roupas limpas de linho foram-lhes trazidas. Então veio Gandalf tendo nos braços, para a surpresa de Frodo, a espada, a capa élfica e o casaco de mithril que lhe foram tomados em Mordor. Para Sam ele trouxe um casaco de malha dourada, e a capa élfica completamente curada dos ferimentos e manchas que sofrera; depois colocou diante deles duas espadas.

— Não desejo espada alguma — disse Frodo.

— Pelo menos esta noite você deve usar uma — disse Gandalf.

Então Frodo pegou a pequena espada que pertencera a Sam, e fora colocada ao seu lado em Cirith Ungol.

— Ferroada eu dei a você, Sam — disse ele.

— Não, mestre! O Sr. Bilbo a deu ao senhor, e ela combina com o casaco prateado dele; ele não gostaria que ninguém mais a usasse agora.

Frodo concordou, e Gandalf, como se fosse o escudeiro dos hobbits, ajoelhou-se e cingiu-lhes os cintos com as espadas; depois, levantando-se, colocou diademas de prata em suas cabeças. E, quando estavam paramentados, foram para o grande

banquete; sentaram-se á mesa do Rei com Gandalf, o Rei Éomer de Rohan, o Príncipe Imrahil e todos os principais capitães, além de Gimli e Legolas. Mas quando, depois do Silêncio de Cerimônia, o vinho foi trazido, entraram dois escudeiros para servir os reis; pelo menos assim pareciam: um estava vestindo a prata e o negro dos guardas de Minas Tirith, e o outro trajava branco e verde. Mas Sam ficou curioso, pensando o que dois meninos tão jovens estariam fazendo em meio a um exército de homens poderosos. Então, de repente, quando os dois se aproximaram e ele os pôde ver melhor, exclamou:

— Ora, ora, olhe, Sr. Frodo! Olhe aqui! Veja, se não é o Sr. Pippin. Quero dizer, o Sr. Peregrin Túk, e o Sr. Merry! Como cresceram! Vejam só! Aposto que há mais histórias a contar além da nossa.

— É isso mesmo — disse Pippin virando-se para ele. — E vamos começar a conta-las assim que este banquete terminar. No meio tempo vocês podem tentar com Gandalf. Ele já não é mais tão reservado como antes, embora nos últimos tempos esteja mais rindo do que falando. Por enquanto Merry e eu estamos ocupados. Somos cavaleiros da Cidade e de Rohan, como espero que você tenha observado.

Finalmente terminou o alegre dia, e, quando o sol se foi e a lua redonda subiu devagar acima das névoas do Anduin, tremeluzindo através das folhas farfalhantes, Frodo e Sam se sentaram sob árvores sussurrantes em meio à fragrância da bela Ithilien; foram noite adentro conversando com Merry, Pippin e Gandalf, e depois de um tempo Legolas e Gimli juntaram-se a eles. Então Frodo e Sam souberam grande parte do que acontecera à Comitiva depois do rompimento da sociedade, naquele dia maligno no Parth Galen, perto da Cachoeira de Rauros; mesmo assim, havia sempre mais a perguntar, e mais a contar.

Orcs, árvores falantes, léguas de relva, cavaleiros galopantes, cavernas cintilantes, torres brancas e palácios dourados, e batalhas, altos navios navegando, todas essas coisas passaram diante da mente de Sam até que ele ficou confuso. Mas, em meio a todas essas surpresas, ele sempre retornava ao assombro que sentira ao ver o tamanho de Merry e Pippin. Fez então com que cada um deles ficasse de pé e medisse sua altura com ele e com Frodo, cada um de costas para o outro. Coçou a cabeça.

— Não posso entender isso nessa idade! — disse ele. — Mas é isto mesmo: os senhores estão quase oito centímetros mais altos do que deveriam estar, ou eu sou um anão.

— Isso certamente você não é — disse Gimli. — Mas o que foi que eu disse? Os mortais não podem ficar bebendo bebida de ent e esperar apenas o mesmo efeito de uma caneca de cerveja.

— Bebida de ent? — disse Sam. — Lá vêm vocês com os ents de novo mas não consigo entender o que eles são. Acho que vai levar semanas até que tenhamos esclarecido todas essas coisas!

— Sem dúvida, semanas — disse Pippin. — E depois Frodo terá de ser trancado numa torre de Minas Tirith para escrever toda a história. Caso contrário vai esquecer metade dela, e o pobre e velho Bilbo ficará terrivelmente desapontado.

Por fim Gandalf se levantou.

— As mãos do rei são mãos que curam, queridos amigos — disse ele. — Mas vocês chegaram á beira da própria morte, antes que ele os resgatasse, usando todo o seu poder, e enviando-os para o doce esquecimento do sono. E, embora vocês tenham realmente dormido longa e tranquilamente, ainda assim é hora de dormirem outra vez.

— E não apenas para Frodo e Sam — disse Gimli —, mas você também, Pippin. Eu te amo, mesmo que seja apenas por causa de todos os sofrimentos que me custou, dos quais nunca me esquecerei. Muito menos esquecerei o momento em que o encontrei na colina da última batalha. Se não fosse por mim, Gimli, o anão, você se teria perdido naquela hora. Mas pelo menos agora eu conheço a aparência do pé de um hobbit, mesmo que seja a única coisa visível sob um monte de cadáveres. E, quando retirei a grande carcaça de cima de você, tinha certeza de que estava morto. Teria apostado minha barba. E só faz um dia que você se levantou pela primeira vez, completamente recuperado. Para a cama, já. E eu vou também.

— E eu — disse Legolas — vou andar na floresta desta bela terra, o que para mim é descanso suficiente. Em dias vindouros, se meu senhor élfico permitir, alguns de meu povo vão se mudar para cá; quando vierem será uma alegria completa, por um tempo. Por um tempo: um mês, uma vida, cem anos dos homens. Mas o Anduin está perto, e o Anduin leva até o Mar. Para o Mar!

*Para o Mar, para o Mar! As gaivotas vão gritando,*
*O vento está fluindo, branca espuma levantando.*
*A oeste, oestembora, redondo o sol vai indo.*
*Barco cinza, barco cinza, o chamado estás ouvindo*
*Das vozes de meu povo, dos que não vejo mais?*
*Vou deixar vou deixar os bosques maternais;*
*nossos anos já vão indo, nossos dias terminando.*
*Amplas águas vou cruzar, sozinho navegando.*

*Na Praia Derradeira longas ondas vão quebrando,*
*Naquela Ilha Perdida doces vozes vão clamando,*
*Em Eresséa, em Casadelfos que mortal não viu presente,*
*Onde as folhas jamais caem: lá meu povo eternamente.*

E, quando ficou sabendo que no cerco de Gondor houvera um grande número desses animais, mas que eles haviam sido abatidos, considerou o fato uma triste perda.

— Bem, não se pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, eu acho — disse ele. — Mas eu perdi muita coisa, ao que parece.

Enquanto isso o exército se preparava para o retorno a Minas Tirith. Os que estavam exaustos descansaram, os feridos foram curados. Pois alguns tinham trabalhado e lutado muito com os últimos orientais e sulistas, até que todos foram subjugados. E, por último, retornaram aqueles que tinham penetrado em Mordor e destruído as fortalezas ao norte daquela região.

Mas por fim, quando o mês de maio se aproximava, os Capitães do Oeste partiram de novo; foram de navio com todos os seus homens, e navegaram de Cair Andros pelo Anduin até Osgiliath, e lá permaneceram por mais um dia; no dia seguinte chegaram aos campos verdes do Pelennor e viram outra vez as torres brancas sob a alta Mindolluin, a Cidade dos Homens de Gondor, última lembrança do Ponente, que atravessara a escuridão e o fogo para atingir um novo dia. E lá, no meio dos campos, eles montaram seus pavilhões e aguardaram a chegada da manhã, pois era Véspera de Maio, e o Rei entraria pelos seus portões com o nascer do sol. E assim, cantando, Legolas saiu, descendo a colina.

Então os outros também saíram, e Frodo e Sam foram dormir. Pela manhã acordaram outra vez em meio à paz e á esperança; passaram muitos dias em Ithilien. Pois o Campo de Cormallen, onde o exército estava agora acampado, ficava perto de Henneth Annún, e o rio que corria de sua cachoeira podia ser ouvido na noite, quando passava descendo através de seu portão de pedra, e atravessava os prados floridos, dirigindo-se para a correnteza do Anduin perto da Ilha de Cair Andros. Os hobbits andavam de um lugar para o outro, visitando outra vez os lugares pelos quais já tinham passado, e Sam sempre alimentava a esperança de ver, em alguma sombra ou clareira secreta da floresta, talvez num momento fugaz, o grande Olifante.

# CAPÍTULO V
# O REGENTE E O REI

Sobre a cidade de Gondor pairava dúvida e grande medo. O bom tempo e o sol claro haviam parecido apenas um arremedo aos olhos de homens cujos dias continham poucas esperanças, e que esperavam a cada manhã notícias de destruição. O senhor daquele povo estava morto e queimado, morto jazia o Rei de Rohan em sua Cidadela, e o novo rei, que chegara até eles durante a noite, partira outra vez para uma guerra contra forças por demais escuras e terríveis para que qualquer poder ou coragem pudessem vencê-las. E nenhuma noticia chegava. Depois que o exército partiu do Vale Morgul e tomou a estrada que conduzia ao norte, sob a sombra das montanhas, nenhum mensageiro retornara, nem tampouco houvera qualquer boato sobre o que estava se passando no leste.

Apenas dois dias após a partida dos Capitães, a Senhora Éowyn ordenou às aias que a assistiam que trouxessem suas roupas, e não se mostrou disposta a que a contradissessem: levantou-se da cama. E, quando a tinham vestido e colocado seu braço numa tipóía de linho, ela se dirigiu ao Diretor das Casas de Cura.

— Senhor — disse ela —, estou muito ansiosa, e não posso ficar mais tempo nesse repouso indolente.

— Senhora — respondeu ele —, ainda não está curada, e foi— me ordenado que lhe dispensasse cuidados especiais. Deveria repousar em sua cama por mais sete dias, ou pelo menos foi o que me recomendaram. Peço que retorne.

— Estou curada — disse ela —, pelo menos meu corpo está, a não ser apenas por meu braço esquerdo, e este está repousando. Mas vou adoecer de novo, se não houver nada que eu possa fazer. Não há noticias da guerra? As aias não me dizem nada.

— Não há notícias — disse o Diretor —, exceto a de que os Senhores cavalgaram para o Vale Morgul, e os homens dizem que o novo capitão que veio do norte os lidera. Ele é um grande senhor, e um curador; e a mim me parece estranho que uma mão que cura deva também brandir uma espada. Não é o que acontece em Gondor atualmente, embora outrora tenha sido assim, se as velhas histórias são verdadeiras. Mas por longos anos nós, os curadores, só estamos procurando remendar os rasgos feitos pelos espadachins. Apesar disso, ainda teríamos muito a fazer sem eles: o mundo já está

cheio de feridas e infortúnios mesmo sem guerras para multiplicá-los.

— Só é necessário um inimigo para preparar uma guerra, e não dois, Mestre Diretor — respondeu Éowyn —, e aqueles que não têm espadas ainda podem morrer por meio delas. O senhor gostaria que o povo de Gondor ficasse apenas ajuntando ervas, quando o Senhor do Escuro ajunta exércitos? E não é sempre bom estar com o corpo curado. Nem é sempre mau morrer em combate, mesmo com um sofrimento amargo. Se me fosse permitido, nesta hora escura eu teria escolhido a segunda opção.

O Diretor olhou para ela. Era altiva, os olhos brilhavam no rosto branco, sua mão crispou-se no momento em que se virou e olhou pela janela que se abria para o leste. Ele suspirou e balançou a cabeça. Depois de uma pausa, ela se virou para ele outra vez.

— Não há nada a fazer? — disse ela. — Quem está no comando desta Cidade?

— Não sei bem ao certo — respondeu ele. — Essas coisas não são responsabilidade minha. Há um marechal comandando os Cavaleiros de Rohan, e o Senhor Húrin, pelo que ouvi dizer, lidera os homens de Gondor. Mas o Senhor Faramir é por direito o Regente da Cidade.

— Onde posso encontrá-lo?

— Nesta casa, senhora. Ele foi seriamente ferido, mas agora já está a caminho da recuperação. Mas eu não sei...

— Pode me levar até ele? Então saberá.

O Senhor Faramir caminhava solitário no jardim das Casas de Cura; o sol o aquecia, e ele sentia a vida correr renovada em suas veias; mas seu coração estava pesaroso, e ele olhava por sobre as muralhas na direção do leste. Ao chegar, o Diretor pronunciou seu nome, e ele se virou e viu a Senhora Éowyn de Rohan; ficou penalizado, pois viu que ela estava ferida, e seus olhos argutos perceberam a tristeza e a aflição que ela sentia.

— Meu senhor — disse o Diretor —, aqui está a Senhora Éowyn de Rohan. Ela cavalgou ao lado do rei e foi seriamente ferida, e agora está sob minha guarda. Mas ela não está satisfeita, e deseja falar com o Regente da Cidade.

— Não o entenda mal, senhor — disse Éowyn. — Não é a falta de cuidados que me entristece. Nenhuma casa poderia ser melhor para aqueles que desejam se curar. Mas não posso ficar indolente, ociosa, aprisionada. Na batalha, corri na direção da morte. Mas não morri, e a batalha ainda perdura.

A um aceno de Faramir, o Diretor fez uma reverência e saiu.

— O que gostaria que eu fizesse, senhora? — perguntou Faramir. — Também eu

sou um prisioneiro dos curadores. — Olhou para ela, e, sendo um homem profundamente suscetível à pena, teve a impressão de que a beleza de Éowyn, combinada com a tristeza que ela sentia,poderiam partir-lhe o coração. E ela, olhando para ele, viu a grave ternura em seus olhos, e mesmo assim soube, pois fora criada entre homens guerreiros, que ali estava alguém a quem nenhum Cavaleiro de Rohan poderia superar em batalha.

— O que deseja? — disse ele outra vez. — Farei o que estiver ao meu alcance.

— Gostaria que ordenasse a esse Diretor que me desse permissão para partir — disse ela; mas, embora suas palavras ainda fossem cheias de orgulho, seu coração vacilou, e pela primeira vez ela duvidou de si mesma. Pensou que aquele homem, ao mesmo tempo austero e gentil, poderia considerá-la apenas geniosa, como uma criança que não tem a firmeza mental para executar uma tarefa enfadonha até o fim.

— Eu mesmo estou sob a guarda do Diretor — respondeu Faramir. — E também ainda não assumi minha função na Cidade. Mas, se já tivesse feito isso, ainda assim ouviria o conselho dele, e não o desautorizaria em assuntos de sua alçada, a não ser em caso de extrema necessidade.

— Mas não desejo ser curada — disse ela. — Desejo cavalgar para a guerra como meu irmão Éomer ou, melhor ainda, como o Rei Théoden, pois ele morreu, alcançando tanto a honra como a paz.

— É tarde demais, senhora, para seguir os Capitães, mesmo que lhe restassem forças — disse Faramir. — Mas a morte em batalha pode ainda nos atingir a todos, quer a desejemos ou não. Estará mais bem preparada para enfrentá-la à sua própria maneira, se fizer como o Diretor ordenou enquanto ainda há tempo. A senhora e eu, ambos devemos suportar com paciência as horas de espera.

Éowyn não respondeu, mas observando-a Faramir teve a impressão de que algo nela amoleceu, como se uma forte geada estivesse cedendo ao primeiro leve presságio de primavera. Uma lágrima surgiu em seus olhos e caiu-lhe pelas faces como uma gota cintilante de chuva. Sua cabeça altiva abaixou-se um pouco.

Então, num tom suave, como se estivesse mais falando consigo própria do que com ele, ela disse:

— Mas os curadores querem que eu fique de repouso por mais sete dias. E minha janela não dá para o leste. — Sua voz agora era a de uma donzela jovem e triste.

Faramir sorriu, embora seu coração estivesse cheio de pena. — Sua janela não dá para o leste? — disse ele. — Isso pode ser solucionado.

Nesse ponto darei ordens ao Diretor. Se ficar nesta casa sob nossos cuidados,

senhora, e guardar seu repouso, então poderá caminhar neste jardim ao sol quando bem quiser; e poderá olhar para o leste, para onde todas as nossas esperanças se dirigiram. E aqui poderá me encontrar, caminhando e esperando, e também olhando para o leste. Suavizaria minha preocupação, se estivesse disposta a conversar comigo, ou às vezes caminhasse em minha companhia.

Então ela levantou a cabeça e olhou nos olhos dele de novo; um rubor tingiu-lhe o rosto pálido. — Como eu poderia suavizar sua preocupação, meu senhor? — disse ela. — Eu não desejo conversar com homens vivos.

— Aceitaria uma resposta direta? — disse ele.

— Sim.

— Então, Éowyn de Rohan, digo-lhe que é linda. Nos vales de nossas colinas há flores belas e cintilantes, e donzelas ainda mais bonitas; mas até agora não vi em Gondor flores ou mulheres tão encantadoras, nem tão cheias de tristeza. Pode ser que restem apenas alguns dias antes que a escuridão caia sobre nosso mundo, e quando chegar espero enfrentá-la com firmeza; mas aliviaria meu coração se, enquanto o sol ainda brilha, eu ainda pudesse vê-la. Pois nós dois passamos sob as asas da Sombra, e a mesma mão nos trouxe de volta.

— Não eu, infelizmente, senhor — disse ela. — A Sombra ainda paira sobre mim. Não me olhe em busca de cura! Sou uma escudeira e minhas mãos não são delicadas.

Mas pelo menos lhe agradeço por isso, por não precisar ficar em meu quarto. Vou caminhar ao ar livre pela graça do Regente da Cidade. — Então ela lhe fez um gesto cortês e voltou para a casa. Mas Faramir, por um longo tempo, caminhou sozinho no jardim, e seu olhar agora se voltava mais para a casa que para as muralhas ao leste.

Quando retornou ao seu quarto, mandou chamar o Diretor, e ouviu tudo o que este pôde lhe contar sobre a Senhora de Rohan.

— Não duvido, senhor — disse o Diretor —, de que teria mais informações se procurasse o Pequeno que está conosco; pois ele esteve cavalgando junto com o rei, e ao final com a Senhora, pelo que dizem.

E assim Merry foi enviado a Faramir, e enquanto o dia durou eles conversaram longamente, e Faramir soube de muita coisa, mais até do que Merry colocou em palavras; agora ele julgava entender algo da tristeza e da inquietação de Éowyn de Rohan. E no belo inicio de noite Faramir e Merry caminharam no jardim, mas ela não veio.

Mas pela manhã, quando Faramir veio das Casas, ele a viu sobre as muralhas, vestida toda de branco, reluzindo ao sol. E ele a chamou, e ela desceu, e os dois ficaram

caminhando na relva ou sentados juntos sob uma árvore verde, por vezes em silêncio, por vezes conversando. E a cada dia que se seguiu fizeram a mesma coisa. E o Diretor, olhando de sua janela, alegrou-se em seu coração, pois era um curador, e sua preocupação ficou menos pesada; e era certo que, por mais pesado que fossem o temor e os maus presságios nos corações dos homens naqueles dias, mesmo assim esses dois pacientes sob seus cuidados prosperavam e cresciam em força a cada dia.

Assim chegou o quinto dia desde que a Senhora Éowyn encontrou-se com Faramir pela primeira vez; e os dois estavam juntos mais uma vez, olhando por sobre as muralhas da Cidade. Ainda nenhuma notícia chegara, e todos os corações estavam anuviados. Os dias também já não eram claros. Estava frio. Um vento que se erguera durante a noite soprava agora do norte, cortante, e aumentava cada vez mais; mas as terras ao redor pareciam cinzentas e desoladas.

Trajavam roupas quentes e capas pesadas, e sobre tudo a Senhora Éowyn vestia um grande manto azul, da cor profunda de uma noite de verão, adomado com estrelas prateadas na barra e no pescoço. Faramir mandara buscar esse manto para agasalhá-la; achou que ela parecia bela e verdadeiramente majestosa ao lado dele. O manto fora confeccionado para a sua mãe, Finduilas de Amroth, que morrera precocemente, e era para ele apenas uma lembrança de encanto em dias distantes e de sua primeira tristeza: e esse manto lhe parecia uma roupa adequada á beleza e á tristeza de Éowyn.

Mas agora ela tremia sob o manto estrelado, e olhava para o norte, através das terras cinzentas que a rodeavam, dentro do olho do vento frio onde, distante, o céu estava firme e claro.

— O que está procurando, Éowyn? — perguntou Faramir.

— O Portão Negro não fica naquela direção? — disse ela. — E ele não deve ter agora chegado lá? Já faz sete dias que partiu

— Sete dias — disse Faramir. — Mas não me leve a mal, se eu lhe disser: esses dias me trouxeram ao mesmo tempo uma alegria e um sofrimento que jamais pensei conhecer. Alegria em vê-la; mas sofrimento, porque agora o medo e a dúvida destes tempos malignos realmente ficaram muito escuros. Éowyn, agora eu não gostaria que este mundo acabasse, ou que eu perdesse tão depressa o que encontrei.

— Perder o que encontrou, senhor? — respondeu ela; mas olhou para ele com um ar grave, e seus olhos eram doces. — Não consigo pensar no que tenha encontrado nestes dias que pudesse perder. Mas venha, meu amigo, não vamos falar nisso! Não

vamos falar nada! Estou à beira de um abismo maligno, e está totalmente escuro diante de meus pés, mas se há alguma luz atrás de mim não posso dizer. Pois ainda não posso me virar. Aguardo algum golpe do destino.

— Sim, nós dois aguardamos o golpe do destino — disse Faramir. E não disseram mais nada, e tiveram a impressão, ali sobre a muralha onde estavam, de que o vento cessou, e a luz diminuiu e o sol foi ofuscado, e todos os sons na Cidade ou nas regiões ao redor silenciaram: nem vento, nem voz, nem canto de pássaro, nem farfalhar de folhas, nem sequer a própria respiração de ambos podia-se ouvir; a própria batida de seus corações cessou. O tempo parou.

E, enquanto ficaram assim, suas mãos se encontraram e se entrelaçaram, sem que eles se dessem conta disso. Continuavam á espera sem saber do quê. Então, de repente, tiveram a impressão de que, acima das cordilheiras das distantes montanhas, uma outra vasta montanha de escuridão se ergueu, assomando como uma onda que engoliria o mundo, e em volta dela faiscavam relâmpagos; então um tremor percorreu a terra, e eles sentiram as muralhas da Cidade estremecendo. Um som como um suspiro subiu de todas as terras ao redor, e de repente seus corações começaram de novo a bater.

— Isso me faz lembrar de Númenor — disse Faramir, surpreso ao ouvir o som da própria voz.

— De Númenor? — perguntou Éowyn.

— Sim — disse Faramir —, da terra do Ponente que soçobrou. e da grande onda escura subindo acima das terras verdes e cobrindo as colinas, e avançando, uma escuridão inescapável. Eu sempre sonho com isso.

— Então você acha que a Escuridão está chegando? — disse Éowyn. — A Escuridão Inescapável? — E de repente ela se aproximou mais dele.

— Não — disse Faramir, olhando no rosto dela. — Foi apenas uma imagem em minha cabeça. Não sei o que está acontecendo. A razão de minha mente consciente me diz que um grande mal aconteceu e que estamos no fim dos dias. Mas meu coração diz o contrário, e todos os meus membros estão leves, e uma esperança e uma alegria que nenhuma razão pode negar se apoderam de mim. Éowyn, Éowyn, Senhora Branca de Rohan, nesta hora não acredito que qualquer escuridão possa perdurar! — Abaixou-se e beijou-lhe a testa.

E assim ficaram sobre as muralhas da Cidade de Gondor, e um vento forte subiu e soprou, e seus cabelos, negros e dourados, esvoaçaram e se misturaram no ar. E a

Sombra partiu, e o sol foi descoberto, e a luz jorrou; e as águas do Anduin brilharam como prata, e em todas as casas da Cidade homens cantavam devido à alegria que lhes inundava os corações, vinda de uma fonte que eles não conheciam.

E, antes que o sol tivesse descido do meio-dia, do leste chegou voando uma grande Águia, trazendo notícias dos Senhores do Oeste que superavam qualquer esperança, exclamando:

*Cantai, ó povo da Torre de Anor,*
*que o Reino de Sauron para sempre acabou,*
*e a Torre Escura enfim ruiu.*

*Cantai e jubilai, ó povo da Torre da Guarda,*
*que vossa vigília não foi em vão,*
*e o Portão Negro foi quebrado,*
*e vosso Rei já pôde passar em marcha triunfal.*

*Cantai e alegrai-vos, vós todos, filhos do oeste,*
*que vosso Rei há de voltar outra vez,*
*e ele habitará entre vós todos os dias de vossa vida.*

*E a Árvore que havia secado renovada será,*
*e será plantada nos lugares altos,*
*e a Cidade será abençoada.*

*Cantai todos, ó povo!*

E o povo cantou em todos os caminhos da Cidade.

Os dias que se seguiram foram dourados, e a primavera e o verão festejaram juntos nos campos de Gondor. E agora chegavam noticias, trazidas de Cair Andros por velozes cavaleiros, sobre tudo o que se passara, e a Cidade se preparava para a chegada do Rei. Merry foi convocado e partiu com as carroças que levaram suprimentos até Osgiliath, prosseguindo de lá para Cair Andros de navio; mas Faramir não foi, pois agora, estando recuperado, reassumira sua função e a Regência, embora por pouco tempo, e seu dever era preparar tudo para alguém que iria substitui-lo.

E Éowyn não foi, embora seu irmão lhe tivesse enviado um recado, pedindo que ela fosse até o campo de Cormallen. E Faramir se surpreendeu com isso, mas a via raras vezes, ocupado com muitos assuntos; ela ainda estava nas Casas de Cura, e caminhava sozinha no jardim, e seu rosto empalidecera de novo, e parecia que em toda a Cidade ela era a única pessoa triste e doente. O Diretor das Casas ficou preocupado, e falou com Faramir.

Então Faramir foi procurá-la, e mais uma vez os dois ficaram sobre as muralhas juntos, e ele lhe disse:

— Éowyn, por que você continua aqui, e não vai aos festejos em Cormallen além de Cair Andros, onde seu irmão a aguarda?

E ela disse:

— Você não sabe?

Mas ele respondeu:

— Pode haver dois motivos, mas qual é o verdadeiro eu não sei.

E ela disse:

— Não quero brincar com enigmas. Fale mais claramente!

— Então, se é esse o seu desejo, senhora — disse ele —: você não vai porque apenas seu irmão a chamou, e contemplar o Senhor Aragorn, herdeiro de Elendil, em seu triunfo não lhe traria felicidade alguma. Ou então porque eu não vou, e você deseja ficar perto de mim. E talvez seja por esses dois motivos, e você não está conseguindo escolher entre eles. Éowyn, você não me ama, ou não deseja me amar"?

— Desejava ser amada por outro, respondeu ela. — Mas não quero a comiseração de nenhum.

— Isso eu sei — disse ele. — Você desejava ter o amor do Senhor Aragorn. Porque ele era nobre e pujante, e você queria ter renome e glória e ser elevada bem acima das coisas mesquinhas que se arrastam sobre a terra. E, como um grande capitão pode parecer admirável para um jovem soldado, assim ele lhe pareceu. Pois é o que ele é, um senhor entre homens, o maior que existe atualmente. Mas, quando lhe ofereceu apenas compreensão e pena, então você não desejou mais nada, exceto uma morte corajosa em batalha. Olhe para mim, Éowyn!

E Éowyn olhou para Faramir firme e longamente; Faramir disse:

— Não despreze a comiseração oferecida por um coração gentil, Éowyn! Mas eu não lhe ofereço minha comiseração. Pois você é uma senhora nobre e valorosa, e obteve um renome que não deverá ser esquecido; e você é uma senhora bela, considero eu, e

sua beleza está acima até do que a língua dos elfos pode descrever. E eu a amo. Já senti pena de sua tristeza. Mas agora, mesmo que você não sentisse tristeza alguma, nem medo, e não lhe faltasse nada; fosse você a bem-aventurada Rainha de Gondor, ainda assim eu a amaria. Éowyn, você não me ama?

Naquele momento o coração de Éowyn mudou, ou então finalmente ela percebeu a mudança. E de repente seu inverno passou e o sol brilhou para ela.

— Estou em Minas Anor, a Torre do Sol — disse ela —; e eis que a Sombra partiu! Não serei mais uma escudeira, nem competirei com os grandes Cavaleiros, e deixarei de me regozijar apenas com canções de matança. Serei uma curadora, e amarei todas as coisas que crescem e não são estéreis. — Outra vez olhou para Faramir.

— Não desejo mais ser uma rainha — disse ela.

Então Faramir sorriu com alegria.

— Assim está bem — disse ele —; pois eu não sou um rei. E mesmo assim me casarei com a Senhora Branca de Rohan, se ela assim o desejar. E, se ela quiser, então atravessaremos o Rio e em dias mais felizes iremos morar na bela Ithilien, e lá faremos um jardim. Todas as coisas crescerão ali com alegria, se a Senhora Branca vier.

— Então devo deixar meu próprio povo, homem de Gondor? — disse ela. — E você gostaria que seu povo orgulhoso dissesse a seu respeito: "Lá vai um senhor que domou uma intrépida escudeira do norte! Não havia uma mulher da raça de Númenor para ele escolher?"

— Gostaria — disse Faramir. E tomando-a nos braços beijou-a sob o céu ensolarado, sem se preocupar se estavam sobre a muralha, num ponto alto, à vista de muitas pessoas. E realmente muitos viram os dois e a luz que brilhava ao redor deles quando desceram das muralhas e foram de mãos dadas até as Casas de Cura.

E ao Diretor das Casas Faramir disse:

— Aqui está a Senhora Éowyn de Rohan, e agora ela está curada.

E o Diretor disse:

— Então eu a dispenso de meus cuidados e digo-lhe adeus, desejando-lhe que jamais volte a ter qualquer doença ou sofrimento. Recomendo-a aos cuidados do Regente da Cidade, até que seu irmão retorne.

Mas Éowyn disse:

— Apesar de agora eu ter permissão para partir, gostaria de ficar. Pois esta Casa se tornou para mim a mais feliz de todas as moradias. — E lá permaneceu até a chegada do Rei Éomer.

Agora todas as coisas estavam prontas na Cidade, e havia um grande afluxo de pessoas, pois as notícias tinham se espalhado por todos os cantos de Gondor, de Min-Rimmon até Pinnath Gelin e as distantes costas marítimas; todos os que puderam se apressaram em direção á Cidade. E a Cidade se encheu de novo de mulheres e lindas crianças que retornaram para seus lares carregadas de flores; e de Dol Amroth vieram os melhores harpistas de toda a região, e havia também tocadores de violas, de flautas e de cornetas de prata, e cantores de voz límpida vieram dos vales de Lebennin.

Por fim chegou o dia em que das muralhas podiam-se ver os pavilhões montados no campo, e durante toda a noite as luzes arderam, enquanto os homens aguardavam a aurora. E quando o sol surgiu na manhã clara sobre as montanhas do leste, nas quais não pairava mais sombra alguma, todos os sinos repicaram, e as bandeiras se abriram tremulando ao vento; sobre a Torre Branca da Cidadela o estandarte dos Regentes, prata brilhante como neve ao sol, não trazendo emblema ou insígnia, foi hasteado sobre Gondor pela última vez.

Agora os Capitães do Oeste conduziam seu exército em direção à Cidade, e o povo os via avançar fileira após fileira, faiscando e reluzindo ao nascer do sol, ondulando como prata. E assim eles chegaram diante do Pórtico e pararam a duzentos metros das muralhas. Até aquele momento, os portões ainda não haviam sido reconstruídos, e uma estacada fora construída atravessando a entrada da Cidade, e lá estavam homens armados vestindo prata e negro, erguendo longas espadas. À frente da estacada estavam o Regente Faramir e Húrin, o Guardião das Chaves, juntamente com outros capitães de Gondor; a Senhora Éowyn de Rohan com o Marechal Ellhelm e muitos de seus cavaleiros; e dos dois lados do Portão havia uma grande multidão de gente bonita vestida de muitas cores e levando guirlandas de flores.

Havia agora um amplo espaço diante das muralhas de Minas Tirith rodeado pelos soldados e cavaleiros de Gondor e de Rohan, como também por todo o povo da Cidade e de todas as partes da região. Um silêncio caiu sobre todos quando do exército avançaram os dúnedain em prata e cinza; e à frente veio, caminhando devagar, o Senhor Aragorn. Estava vestindo uma malha metálica preta com um cinto prateado, e usava um longo manto completamente branco, preso ao pescoço por uma jóia verde que brilhava ao longe; mas em sua cabeça não havia nada, exceto uma estrela sobre a testa, presa por um fino filete de prata. Com ele vinham Éomer de Rohan, o Príncipe Imrahil e Gandalf, todo vestido de branco, além de quatro pequenas figuras que a muitos causaram surpresa.

— Não, prima! Eles não são meninos — disse Ioreth à sua parente de Imloth Melui, que estava ao seu lado. — Aqueles são Periain, vindos da distante terra dos Pequenos, onde são príncipes de grande renome, pelo que se conta. Eu sei, pois cuidei de um deles nas Casas. São pequenos, mas valorosos. Veja bem, prima, um deles foi para a Terra Negra acompanhado apenas de seu escudeiro, e lutou sozinho contra o Senhor do Escuro, e arcou fogo à Torre dele, acredite se puder. Pelo menos é isso o que se conta na Cidade. Deve ser o que caminha com o nosso Pedra Élfica. São amigos íntimos, ouvi dizer. Agora, ele é um prodígio, o Senhor Pedra Élfica: não muito gentil em sua fala, note bem, mas tem um coração de ouro, como se diz por aí; e ele tem as mãos que curam. "As mãos do rei são as mãos de um curador", disse eu; e foi assim que se descobriu tudo. E Mithrandir me disse: "Ioreth, os homens se lembrarão por muito tempo de suas palavras", e...

Mas Ioreth não pôde continuar instruindo sua parente do interior, pois uma única trombeta soou, e fez-se silêncio profundo. Então vieram do Portão Faramir e Húrin das Chaves, desacompanhados de outros, exceto por quatro homens que caminhavam atrás deles usando altos elmos e vestindo a armadura da Cidadela, carregando um grande cofre negro de lebethron, adornado de prata.

Faramir foi ao encontro de Aragorn no meio de todos ali reunidos, e ajoelhou-se, dizendo: — O último Regente de Gondor pede permissão para entregar seu oficio.

— E estendeu um bastão branco; mas Aragorn o tomou e o devolveu, dizendo:

— Tal oficio não está terminado, e deverá ser teu e de teus herdeiros enquanto durar minha linhagem. Desempenha agora o teu oficio!

Então Faramir levantou-se e falou numa voz límpida:

— Homens de Gondor, ouçam agora o Regente deste Reino! Vejam! Finalmente chegou alguém para reivindicar o trono. Aqui está Aragorn, filho de Arathorn, chefe dos dúnedain de Amor, Capitão do Exército do Oeste, portador da Estrela do Norte, possuidor da Espada Reforjada, vitorioso em batalha, cujas mãos trazem a cura, o Pedra Élfica, Elessar da linhagem de Valandil, filho de Isildur, filho de Elendil de Númenor. Deve ele ser rei e entrar na Cidade para ali morar?

E todo o exército e todo o povo gritaram sim a uma só voz.

E Ioreth disse à sua parente:

— Isso é apenas uma cerimônia de nossa Cidade, prima; pois ele já entrou, como eu estava lhe dizendo, e ele me disse... — então mais uma vez ela foi obrigada a se calar, pois Faramir falou outra vez.

— Homens de Gondor, os mestres na tradição dizem que, conforme o costume antigo, o rei deveria receber a corôa de seu pai antes que este morresse; e, se isso não fosse possível, então ele deveria ir sozinho e tomá-la das mãos de seu pai no túmulo onde foi depositado. Mas uma vez que as coisas devem ser feitas agora de modo diferente, usando a autoridade do Regente, eu hoje trouxe até aqui de Rath Dinen a corôa de Earnur, o último rei, cujos dias transcorreram no tempo de nossos remotos antepassados.

Então os guardas deram um passo à frente, e Faramir abriu o cofre, e ergueu uma corôa antiga. Tinha o formato dos elmos dos Guardas da Cidadela, mas era mais alta, e toda branca, e as asas dos dois lados eram feitas de pérolas e prata, a semelhança de asas de uma ave marítima, pois era o emblema dos reis que vieram pelo Mar; no aro da corôa reluziam sete pedras, e na ponta uma única jóia, cuja luz subia como uma chama.

Então Aragorn pegou a corôa e a ergueu, dizendo:

— Et Lârelio Endorenna utúlien. Sinome maruvan ar HiLdinyar tenn Ambar-metta!

E essas foram as palavras que Elendil disse quando chegou do Mar nas asas do vento: "Do Grande Mar vim para a Terra-média. Neste lugar vou morar, e também meus herdeiros, até o fim do mundo."

Então, para a surpresa de muitos, Aragorn não colocou a corôa sobre a própria cabeça, mas devolveu-a a Faramir, dizendo:

— Pelo trabalho e pelo valor de muitos, tomo posse do que é meu por herança. Em sinal disto gostaria que o Portador do Anel trouxesse a corôa até mim, e que Mithrandir a colocasse sobre minha cabeça, se assim desejar; pois foi ele o promotor de tudo o que foi realizado, e esta vitória lhe pertence.

Então Frodo veio à frente e tomou a corôa de Faramir e levou-a para Gandalf; Aragorn ajoelhou-se, e Gandalf colocou-lhe a corôa Branca sobre a cabeça, dizendo:

— Agora chegaram os dias do Rei, e que sejam bem-aventurados enquanto perdurarem os tronos dos Valar!

Mas quando Aragorn se levantou todos os que estavam presentes o contemplaram em silêncio, pois tiveram a impressão de que ele lhes estava sendo revelado pela primeira vez. Alto como os antigos reis dos mares, ele se ergueu acima de todos os que estavam perto; parecia velho em dias, mas na flor da virilidade; e a sabedoria ornava-lhe a fronte, e havia força e cura em suas mãos, e uma aura de luz o envolvia.

— Eis o rei!

E nesse momento todas as trombetas soaram, o Rei Elessar avançou chegando até a barreira, e Húrin das Chaves a afastou; em meio à música de harpas, violas e flautas, e do canto de vozes límpidas, o Rei passou pelas ruas cobertas de flores, chegando á Cidadela, e a adentrou; a bandeira da Arvore e das Estrelas foi desfraldada sobre o torreão mais alto, e iniciou-se o reinado do rei Elessar, do qual falaram muitas canções.

Em seu tempo a Cidade ficou mais bonita do que jamais fora, até mesmo mais do que nos dias de suas primeiras glórias; e encheu-se de árvores e fontes, e seus portões eram confeccionados em mithril e aço, e suas ruas eram pavimentadas de mármore branco, e o Povo da Montanha trabalhava nela, e o Povo da Floresta alegrava-se em visitá-la; tudo foi sanado e melhorado, e as casas se encheram de homens e mulheres e do riso das crianças; nenhuma janela ficou fechada e nenhum pátio vazio; e após o término da Terceira Era do mundo, entrando na nova era, a Cidade ainda preservava a lembrança e a glória dos anos passados.

Nos dias seguintes á sua coroação, o Rei sentou-se em seu trono no Palácio dos Reis e pronunciou seus julgamentos. Embaixadas vieram de muitas terras e povos, do leste e do sul e das fronteiras da Floresta das Trevas, e da Terra Parda no oeste. E o rei perdoou os orientais que se haviam rendido e os mandou embora em liberdade, e fez as pazes com o povo de Harad; os escravos de Mordor ele libertou, dando-lhes todas as terras ao redor do Lago Núrnen, para que lhes pertencessem. E foram trazidas à sua presença muitas pessoas, para que recebessem seu elogio e recompensa por seu valor; por último o capitão da Guarda lhe trouxe Beregond, para que fosse julgado.

E o Rei disse a ele:

— Beregond, através de sua espada o sangue se espalhou nos Fanos, onde isso não é permitido. Além disso, você abandonou seu posto sem a permissão do Senhor ou do Capitão. Por essas coisas, antigamente, a pena era a morte. Portanto agora vou pronunciar sua sentença.

— Toda a pena fica remitida devido ao seu valor em batalha, e mais ainda porque tudo o que fez foi por amor ao Senhor Faramir. Não obstante, você deve deixar a Guarda da Cidadela, e deve sair da Cidade de Minas Tirith.

Então o sangue sumiu do rosto de Beregond, que recebeu um golpe no coração e baixou a cabeça. Mas o Rei disse:

— Deve ser assim, pois você foi designado para a Companhia Branca, a Guarda

de Faramir, Príncipe de Ithilien, e você será capitão dele e irá viver em Emyn Arnen com honra e paz, no serviço daquele por quem você arriscou tudo, para salvá-lo da morte.

E então Beregond, percebendo a justiça e a clemência do Rei, ficou feliz, e ajoelhando-se beijou-lhe a mão, e partiu alegre e satisfeito. E Aragorn deu a Faramir Ithilien, para que fosse seu principado, e pediu que ele morasse nas colinas de Emyn Arnen, à vista da Cidade.

— Pois — disse ele — Minas Ithil, no Vale Morgul, deverá ser completamente destruída, e, embora em tempos vindouros ela possa ser purificada, nenhum homem deverá morar lá antes que se passem muitos e longos anos.

E por último Aragorn cumprimentou Éomer de Rohan, e os dois se abraçaram e Aragorn disse:

— Entre nós não pode haver palavras de dar ou receber, nem de recompensa, pois somos irmãos. Foi uma hora feliz aquela na qual Eorl veio cavalgando do norte, e nunca uma aliança de povos foi mais abençoada, de modo que nenhum dos dois nunca faltou ao outro, e nem faltará. Agora, como você sabe, deitamos Théoden, o Renomado, num túmulo nos Fanos, e lá ele deverá jazer para sempre entre os Reis de Gondor, se esse for o seu desejo. Ou, se você quiser, iremos a Rohan e o levaremos de volta, para que descanse com seu próprio povo.

E Éomer respondeu:

— Desde o dia em que você surgiu diante de mim da verde relva das colinas afeiçoei-me a você, e essa afeição nunca irá se extinguir. Mas agora preciso partir por um tempo para o meu próprio reino, onde há muito a sanar e pôr em ordem. Mas, quanto ao Tombado, quando tudo estiver resolvido, retornaremos para buscá-lo; mas deixemos que durma aqui por um tempo.

E Éowyn disse a Faramir:

— Agora devo ir para minha própria terra, para contemplá-la mais uma vez, e ajudar meu irmão em seu trabalho; mas, quando aquele a quem amei tanto tempo como a um pai for depositado em seu descanso final, retornarei.

Assim se passaram os dias alegres, e no oitavo dia de maio os Cavaleiros de Rohan aprontaram-se e partiram cavalgando pela Estrada Norte, e com eles foram os Filhos de Elrond. Ao longo de toda a estrada se enfileiravam pessoas para homenageá-los e aplaudi-los, desde o Portão da Cidade até os Campos do Pelennor. Então, todos os outros que moravam longe voltaram para seus lares cheios de alegria; mas na Cidade trabalharam muitos voluntários de mãos dispostas, reconstruindo e renovando e

removendo todas as cicatrizes da guerra e a lembrança da escuridão.

Os hobbits ainda permaneceram em Minas Tirith, com Legolas e Gimli, pois Aragorn relutava diante da idéia da dissolução da sociedade.

— Por fim todas essas coisas devem terminar — dizia ele —, mas eu gostaria que vocês esperassem um pouco mais: pois o fim dos feitos dos quais vocês participaram ainda não chegou. Aproxima-se um dia pelo qual esperei durante todos os anos de minha maioridade, e quando chegar eu gostaria de ter meus amigos por perto. — Mas sobre tal dia ele não estava disposto a dizer mais nada.

Durante esse tempo, os Companheiros do Anel moraram juntos numa bela casa com Gandalf, e eles iam e vinham com toda a liberdade. E Frodo disse a Gandalf:

— Você sabe que dia é esse sobre o qual Aragorn fala? Pois estamos felizes aqui, e não quero partir; mas os dias estão passando, e Bilbo está à espera, e o Condado é o meu lar.

— Quanto a Bilbo — disse Gandalf. —, ele está aguardando o mesmo dia, e sabe o que o prende aqui. Quanto á passagem dos dias, estamos apenas em maio, e o alto verão ainda nem chegou, e, embora todas as coisas possam parecer mudadas, como se uma era do mundo tivesse passado, ainda assim para as árvores e a relva faz menos de um ano que você partiu.

— Pippin — disse Frodo —, você não tinha dito que Gandalf estava menos reservado que antigamente? Quando você disse isso, ele estava cansado devido aos seus trabalhos, eu acho. Agora está voltando á antiga forma.

E Gandalf disse:

— Muitas pessoas gostam de saber de antemão o que vai ser servido à mesa, mas aqueles que trabalharam preparando o banquete gostam de manter o segredo, pois a surpresa faz com que os elogios soem mais alto. E o próprio Aragorn aguarda um sinal.

Chegou um dia em que Gandalf desapareceu, e os Companheiros ficaram se perguntando o que estaria acontecendo. Mas Gandalf levou Aragorn para fora da Cidade durante a noite, e o conduziu até os pés da encosta sul do Monte Mindolluin, e lá os dois encontraram uma trilha feita em eras passadas, e que poucos agora ousavam pisar. Pois ela conduzia montanha acima, para um local alto e sagrado aonde apenas os antigos reis costumavam ir. E eles subiram por caminhos íngremes, até chegarem a um campo elevado, perto da neve que cobria os picos, que se debruçava sobre o precipício ao fundo da Cidade. Postados lá eles observaram as terras, pois a manhã chegara; e eles viram as torres da Cidade bem abaixo deles como lápis brancos tocados pela luz do sol, e todo o

Vale do Anduin era como um jardim, e uma névoa dourada velava as Montanhas da Sombra. De um lado, a visão atingia as cinzentas Emyn Muil, e o brilho de Rauros era como uma estrela a faiscar na distância; do outro lado viram o Rio como uma fita estendida até Pelargir, e mais além havia a luz na borda do céu que evocava o Mar.

E Gandalf disse:

— Este é o seu reino, e o coração do reino maior que haverá. A Terceira Era do mundo está terminada, e a nova era começou; é sua tarefa ordenar o início e preservar o que pode ser preservado. Pois, embora muito tenha sido salvo, muita coisa deve agora morrer, e o poder dos Três Anéis também terminou. E todas as terras que você está vendo, e aquelas que ficam em torno delas, deverão ser moradias de homens. Chegou o tempo do Domínio dos Homens, e a Gente Antiga deverá desaparecer ou partir.

— Sei muito bem disso, caro amigo — disse Aragorn —, mas ainda gostaria de contar com seus conselhos.

— Não por muito tempo agora — disse Gandalf. — A Terceira Era foi a minha. Eu era o Inimigo de Sauron e meu trabalho está terminado. Partirei em breve. E o fardo deverá ser carregado por você e pelo seu povo.

— Mas eu morrerei — disse Aragorn. — Pois sou um homem mortal, e, embora seja o que sou e da raça pura do oeste, devendo ter uma vida mais longa que os outros homens, ela vai durar pouco tempo; e, depois que aqueles que agora estão nos ventres das mulheres nascerem e estiverem velhos, eu também ficarei velho. E quem então deverá governar Gondor e aqueles que consideram esta Cidade a sua rainha, se meu desejo não for satisfeito? A Árvore no Pátio da Fonte ainda está seca e estéril. Quando terei um sinal de que um dia será de outro modo?

— Desvie seu rosto do mundo verde, e olhe para onde tudo parece desolado e frio! — disse Gandalf.

Então Aragorn se virou, e havia uma ladeira de pedra atrás dele, que descia da orla da neve; e, quando olhou, percebeu que ali, solitária, em meio à desolação, estava uma coisa viva. E ele subiu até ela, e viu que exatamente da orla da neve nascia uma muda de árvore que não ultrapassava noventa centímetros em altura. Já Já exibia jovens folhas longas e belas, escuras na face superior e prateadas por baixo, e sobre sua esbelta copa carregava um pequeno cacho de flores, cujas pétalas brancas brilhavam como a neve iluminada pelo sol.

Então Aragorn exclamou:

— Yé! utúvienyes! Encontrei-a! Veja! Aqui está uma descendente da Mais Velha

das Arvores. Mas como veio parar aqui? Pois ela mesma não tem mais de sete anos de idade.

E Gandalf, aproximando-se, olhou para a pequena árvore e disse:

— Realmente, esta é uma muda da linhagem de Nimloth, a bela, e esta foi uma semente de Galathilion, que nasceu do fruto de Telperion dos muitos nomes, a Mais Velha das Árvores. Quem poderá dizer como ela veio parar aqui na hora marcada? Mas este é um antigo local sagrado, e, antes que os reis caíssem ou a Arvore secasse no pátio, um fruto deve ter sido plantado aqui. Pois comenta-se que, embora o fruto da Árvore raramente fique maduro, mesmo assim a vida que existe dentro dele pode dormir através de muitos e muitos anos, e ninguém pode predizer o tempo em que despertará. Lembre-se disso. Pois, se algum dia um fruto amadurecer, ele deve ser plantado, para evitar que a linhagem desapareça do mundo. Aqui ele foi colocado, escondido nas montanhas, da mesma forma que a raça de Elendil ficou escondida nos ermos do norte. E apesar disso a linhagem de Nimloth é muito mais antiga do que a sua, Rei Elessar.

Aragorn encostou delicadamente sua mão á muda de árvore e ai percebeu, surpreso, que ela se prendia muito de leve á terra; retirou-a sem feri-la, e levou-a de volta à Cidadela. Então a árvore seca foi arrancada, mas com reverência; não a queimaram, mas a deitaram para que descansasse no silêncio de Rath Dinen. E Aragorn plantou a nova árvore no pátio perto da fonte, e ela começou a crescer rápida e alegremente; e, quando chegou o mês de junho, ficou carregada de flores.

— O sinal foi dado — disse Aragorn —, e o dia não está distante.

E ele colocou vigias sobre as muralhas.

Era o dia anterior ao Solstício de Verão quando chegaram à Cidade mensageiros de Amon Din, dizendo que havia uma comitiva de belas pessoas que vinham cavalgando do norte, e que se aproximavam agora das muralhas do Pelennor. E o rei disse: — Finalmente chegaram. Que toda a Cidade se prepare!

Exatamente na Véspera do Solstício de Verão, quando o céu estava da cor da safira e estrelas brancas se abriam no leste, enquanto o oeste ainda estava dourado e o ar era fresco e fragrante os cavaleiros desceram a Estrada Norte até os Portões de Minas Tirith. Na frente cavalgavam Elrohir e Elladan com a bandeira de prata, e depois vinham Glorfindel e Erestor e todos os membros da Casa de Valfenda, e depois deles a Senhora Galadriel e Celeborn, Senhor de Lothlórien, montando cavalos brancos e com eles muita gente bonita de sua terra, usando mantos cinzentos e pedras brancas nos cabelos; por último vinha Mestre Elrond, poderoso entre elfos e homens, carregando o cetro de

Annúminas, e ao seu lado, montando um palafrem cinzento, vinha Arwen, sua filha, Estrela Vespertina de seu povo.

E Frodo, quando a viu chegar brilhando á noitinha, com estrelas na testa e uma doce fragrância a envolvê-la, foi tocado por um profundo sentimento de admiração, e disse a Gandalf: — Finalmente entendo por que esperamos! Este é o término. Agora não só os dias serão amados, mas as noites também serão belas e bem-aventuradas e todo o medo que existe nelas se extinguirá.

Então o Rei deu boas-vindas aos convidados, que apearam das montarias; Elrond entregou o cetro, e colocou a mão da filha na mão do Rei, e juntos eles subiram para a Cidade Alta, e todas as estrelas floriram no céu. E Aragorn, o rei Elessar, casou-se com Arwen Undómiel na Cidade dos Reis no dia do Solstício de Verão, e cumpriu-se a história de seus árduos trabalhos e de sua longa espera.

## CAPÍTULO VI
## MUITAS DESPEDIDAS

Quando terminaram os dias de festejos, finalmente os Companheiros pensaram em retornar para seus lares. E Frodo dirigiu-se ao Rei, que estava sentado com a Rainha Arwen perto da fonte: ela ia cantando uma canção de Valinor, enquanto a Arvore crescia e florescia. Alegraram-se com a visita de Frodo, levantando-se para cumprimentá-lo, e Aragorn disse:

— Sei o que vem me dizer, Frodo: você deseja retornar para casa. Bem, caríssimo amigo, a árvore cresce melhor na terra em que nasceu, mas para você sempre haverá boas-vindas em todas as terras do oeste. E, embora o seu povo tenha pouca fama nas lendas dos grandes, agora terá mais renome do que muitos grandes reinos que não existem mais.

— É verdade que desejo retornar ao Condado — disse Frodo. — Mas primeiro preciso ir a Valfenda. Pois, se alguma coisa pode estar faltando em dias tão abençoados, essa coisa é justamente a presença de Bilbo; fiquei triste quando vi que entre todos os da casa de Elrond ele não viera.

— Surpreende-se com isso, Portador do Anel? — disse Arwen. — Pois você

conhece o poder da coisa que agora foi destruída, e sabe que tudo o que foi realizado por aquele poder agora está morrendo. Mas o seu parente a possuiu por mais tempo que você. Agora está avançado em anos, de acordo com a sua espécie, e ele o aguarda, pois não deverá mais fazer qualquer viagem longa, exceto uma.

— Então peço permissão para partir em breve — disse Frodo.

— Iremos em sete dias — disse Aragorn. — Pois vamos acompanhá-lo ao longo de um bom trecho da estrada, na verdade até Rohan. Daqui a três dias Éomer retornará para levar Théoden de volta, para que ele descanse na Terra dos Cavaleiros, e nós o acompanharemos em honra do Tombado. Mas agora, antes de você partir, confirmarei as palavras que Faramir lhe disse, e você estará livre para sempre do reino de Gondor, como também todos os seus companheiros. E se houver algum presente que eu possa lhes oferecer, que esteja à altura de seus feitos, vocês o terão; mas poderão levar qualquer coisa que desejem, e deverão cavalgar com todas as honras e pompas dos príncipes desta terra.

Mas a Rainha Arwen disse:

— Vou lhe dar um presente. Pois sou a filha de Elrond. Não vou acompanhar meu pai quando ele partir para os Portos, pois a minha escolha é a mesma de Lúthien, e como ela eu também escolhi tanto o doce como o amargo. Mas você irá em meu lugar, Portador do Anel, quando a hora chegar, se você assim quiser. Se seus ferimentos ainda lhe doerem e a lembrança do fardo for pesada, então você poderá permanecer no oeste até que todas as feridas e todo o cansaço estejam curados. Mas use isto agora, em memória de Pedra Élfica e Estrela Vespertina, cujas vidas se entrelaçaram com a sua.

E ela pegou uma pedra branca semelhante a uma estrela que estava sobre o seu peito, pendurada numa corrente de prata, e a colocou em volta do pescoço de Frodo. — Quando a lembrança do medo e da escuridão o incomodar — disse ela —, isso lhe trará ajuda.

Em três dias, conforme dissera o rei, Éomer de Rohan chegou cavalgando á Cidade, e com ele veio um éored dos mais belos cavaleiros daquela terra. Foram-lhes dadas as boas-vindas, e, quando todos estavam sentados á mesa em Merethrond, o Grande Salão de Banquetes, ele contemplou a beleza das senhoras presentes e se encheu de admiração. E antes que fosse descansar, mandou chamar Gimli, o anão, e lhe disse:

— Gimli, filho de Glóin, seu machado está pronto?

— Não, senhor — disse Gimli —, mas posso providenciar isso rapidamente, se

for necessário.

— Cabe a você decidir — disse Éomer. — Pois entre nós ainda há certas palavras precipitadas a respeito da Senhora da Floresta Dourada. E agora eu a vi com meus próprios olhos.

— Bem, senhor — disse Gimli —, e o que me diz então?

— Infelizmente — disse Éomer —, não vou dizer que ela é a senhora mais bela que existe.

— Então preciso ir buscar meu machado — disse Gimli.

— Mas primeiro faço uma ressalva — disse Éomer. — Se eu a tivesse visto em outra companhia, eu teria dito tudo o que você deseja. Mas agora coloco a Rainha Arwen Estrela Vespertina em primeiro lugar, e de minha parte estou pronto a lutar com qualquer um que queira me desmentir. Devo mandar buscar minha espada?

Então Gimli fez uma grande reverência.

— Não, de minha parte está desculpado, senhor — disse ele. — Você escolheu a Tarde, mas meu amor destina-se á Manhã. E meu coração pressente que logo ela vai desaparecer para sempre.

Finalmente chegou o dia da partida, e uma comitiva numerosa e bela se preparava para deixar a Cidade rumo ao norte. Então os reis de Gondor e de Rohan foram até os Fanos e chegaram aos túmulos na Rath Dinen, e levaram embora o Rei Théoden sobre um grande esquife dourado, passando pela Cidade em silêncio. Então colocaram o esquife sobre uma grande carruagem que foi acompanhada por um cortejo de Cavaleiros de Rohan, com a bandeira à frente; Merry, sendo o escudeiro de Théoden, foi na carruagem com as armas do rei.

Para os outros Companheiros foram trazidos cavalos de acordo com a sua estatura; Frodo e Samwise cavalgaram ao lado de Aragorn, Gandalf montou Scadufax, e Pippin acompanhou os cavaleiros de Gondor; Legolas e Gimli, como sempre, foram juntos montados em Arod.

Nessa comitiva foram também a Rainha Arwen, Celeborn e Galadriel com todo o seu povo, Elrond com seus filhos, assim como os príncipes de Doí Amroth e de Ithilien, e muitos capitães e cavaleiros. Nunca um rei da Terra dos Cavaleiros teve tal cortejo como o que acompanhava agora Théoden, filho de Thengel, para a sua terra natal.

Sem pressa e com tranquilidade eles entraram em Anórien e chegaram à Floresta Cinzenta sob o Amon Din, e lá ouviram um som de tambores batendo nas colinas, embora não se pudesse ver nenhum ser vivo. Então Aragorn mandou que

tocassem as trombetas, e os arautos gritaram:

— Eis que o Rei Elessar chegou! A Floresta de Drúadan ele doa a Ghânburí-ghân e a seu povo, para que seja deles para sempre, e a partir de hoje nenhum homem pode entrar nela sem sua permissão!

Então os tambores retumbaram alto, e depois silenciaram.

Por fim, depois de quinze dias de viagem, a carruagem do Rei Théoden atravessou os campos verdes de Rohan e chegou a Edoras, e lá todos descansaram. O Palácio Dourado foi adornado com belas tapeçarias e ficou repleto de luz, e ali celebrou-se o banquete mais pomposo desde os dias de sua construção. Após três dias os homens da Terra dos Cavaleiros prepararam o funeral de Théoden, que foi colocado numa casa de pedra com suas armas e muitos outros objetos belos que possuíra, e sobre ela foi erigido um grande túmulo, coberto de turfa verde e sempre-em-mentes brancas. Agora havia oito jazigos no lado leste do Campo dos Túmulos.

Então os Cavaleiros da Casa do Rei, montados em cavalos brancos, cavalgaram ao redor do túmulo e cantaram juntos uma canção sobre Théoden, filho de Thengel, feita pelo menestrel Gléowine, que nunca mais compôs canção alguma. As vozes lentas dos Cavaleiros tocaram os corações até mesmo daqueles que não conheciam a língua daquele povo; mas a letra da canção trouxe uma luz aos olhos dos habitantes da Terra dos Cavaleiros quando ouviram mais uma vez, na distância, o trovão dos cascos do norte e a voz de Eorl elevando-se mais alto que o som da batalha no Campo de Celebrant, e a história dos reis prosseguiu retumbante, e a corneta de Helm ecoou alto nas montanhas, até que a Escuridão sobreveio e o Rei Théoden ergueu-se e cavalgou através da Sombra na direção do fogo, e morreu em esplendor, no momento em que o sol, retornando depois que morrera toda a esperança, brilhava sobre o Mindolluin pela manhã.

Trocando a dúvida, trocando o dúbio pelo dia raiando, veio cantando ao sol, espada a brandir Esperança reacesa, em esperança partindo; sobre a morte, sobre o medo, sobre a ruína erguido, além da perda, além da vida, para a glória subindo.

Mas Merry parou aos pés do verde túmulo e chorou; ao final da canção ele se ergueu gritando:

— Rei Théoden, Rei Théoden! Adeus! Como um pai o senhor foi para mim, por um curto período. Adeus!

Quando o funeral terminou, o choro das mulheres foi silenciando e Théoden foi deixado finalmente sozinho em seu túmulo, as pessoas se reuniram no Palácio Dourado para o grande banquete, pondo a tristeza de lado; pois Théoden vivera muitos anos e

falecera gozando de uma honra que não era menor que a de nenhum de seus antepassados. E quando chegou a hora em que, segundo o hábito da Terra dos Cavaleiros, deveriam beber à memória dos reis, Éowyn, a Senhora de Rohan, ergueu-se dourada como o sol e branca como a neve, e entregou uma taça cheia a Éomer.

Então um menestrel e mestre na tradição levantou-se e pronunciou todos os nomes dos Senhores da Terra dos Cavaleiros, em ordem: Eorl, o Jovem; Brego, construtor do Palácio; Aldor, irmão do desafortunado Baldor; Fréa, Fréawine, Goldwine, Déor e Gram; Helm, que se escondeu no Abismo de Helm quando a Terra dos Cavaleiros foi invadida; assim terminaram os nove túmulos do lado oeste, pois naquele tempo a linhagem foi interrompida, e depois vieram os túmulos do lado leste: Fréalaf, filho da irmã de Helm; Léofa, Walda, Folca, Folcwine, Fengel, Thengel, e por último Théoden. E, quando foi pronunciado o nome de Théoden, Éomer esvaziou a taça. Então Éowyn pediu aos que serviam que enchessem as taças e todos os reunidos ali se levantaram e beberam à saúde do novo rei, gritando:

— Salve, Éomer, Rei da Terra dos Cavaleiros!

Por fim, quando o banquete terminou, Éomer levantou-se e disse:

— Este é o banquete do funeral do Rei Théoden; mas antes de partirmos falarei de coisas alegres, pois ele não se importaria se eu fizesse isso, uma vez que sempre foi um pai para Éowyn, minha irmã. Ouçam então, meus convidados, bela gente de muitos reinos, nunca antes aqui reunidos neste salão! Faramir, Regente de Gondor e Príncipe de Ithilien, pede que Éowyn, Senhora de Rohan, seja sua esposa, e ela concorda de bom grado. Portanto eles ficarão noivos diante de todos vocês.

E Faramir e Éowyn deram um passo á frente e se deram as mãos; e todos beberam à saúde de ambos e se alegraram.

— Desse modo — disse Éomer —, a amizade entre Gondor e a Terra dos Cavaleiros fica ligada por um novo elo, e mais ainda me alegro.

— Você não é nem um pouco mesquinho, Éomer — disse Aragorn oferecendo assim a Gondor a coisa mais bela de seu reino!

Então Éowyn olhou nos olhos de Aragorn e disse:

— Deseje-me felicidades, meu soberano e curador!

E ele respondeu:

— Desejei-te felicidades desde a primeira vez em que te vi. Cura meu coração ver-te agora completamente feliz.

Quando terminou o banquete, aqueles que deveriam partir despediram-se do Rei

Éomer. Aragorn e seus cavaleiros, e o povo de Lórien e de Valfenda, se aprontaram para cavalgar; mas Faramir e Imrahil permaneceram em Edoras, e Arwen Estrela Vespertina também ficou, e disse adeus a seus irmãos. Ninguém viu o último encontro dela com seu pai, Elrond, pois eles subiram até as colinas e lá conversaram longamente; triste foi a separação, que deveria perdurar além do fim do mundo.

Por fim, antes que os convidados saíssem, Éomer e Éowyn aproximaram-se de Merry, dizendo:

— Adeus agora, Meriadoc do Condado e Holdwine da Terra dos Cavaleiros! Parta ao encontro da felicidade, e volte logo, pois será sempre bem-vindo!

E Éomer disse:

— Pelos seus feitos nos campos de Mundburg, os Reis de antigamente tê-lo-iam coberto de tantos presentes que uma carroça não poderia carregar; e apesar disso você diz que não aceita nada, a não ser as armas que lhe foram dadas. Isso vou tolerar, pois na verdade não tenho nada de valor para lhe oferecer; mas minha irmã implora que aceite esta pequena prenda, como uma lembrança de Dernhelm e das cornetas da Terra dos Cavaleiros na chegada da manhã.

Então Éowyn entregou a Merry uma corneta antiga, pequena mas habilidosamente confeccionada em fina prata e com um tiracolo verde; nela os artesãos tinham desenhado velozes cavaleiros, numa fileira que a contornava da extremidade até a boca, e gravaram também runas de grande virtude.

— Esta corneta é uma herança de nossa família — disse Éowyn. — Foi feita pelos anões, e veio do tesouro de Scatha, o Verme. Eorl, o Jovem, trouxe-a do norte. Aquele que a tocar numa hora de necessidade plantará o medo no coração de seus inimigos, e alegria nos corações dos amigos, que irão ouvi-lo e virão até ele.

Então Merry aceitou a corneta, pois não poderia recusá-la, e beijou a mão de Éowyn; e eles o abraçaram, e assim se separaram naquela ocasião.

Quando os convidados estavam prontos, beberam a taça de partida, e com muitos elogios e gestos de amizade partiram, chegando finalmente ao Abismo de Helm, onde descansaram por dois dias. Então Legolas pagou a promessa que fizera a Gimli, e ambos foram até as Cavernas Cintilantes; quando voltaram o elfo ficou em silêncio, dizendo apenas que Gimli era o único que podia encontrar palavras adequadas para descrevê-las.

— E nunca antes um anão cantou vitória sobre um elfo numa competição de palavras — disse ele. — Agora então vamos até Fangorn, onde acertaremos a contagem!

Da Garganta do Abismo cavalgaram até Isengard, e viram como os ents haviam-se ocupado. Todo o circulo de pedra fora derrubado e removido, e a terra dentro dele fora transformada num jardim cheio de pomares e árvores, atravessado por um rio; mas no meio de tudo havia um lago de águas límpidas, e dele surgia a Torre de Orthanc, alta e impenetrável, e sua rocha negra se espelhava no lago.

Por um tempo os viajantes sentaram-se no local onde os antigos portões de Isengard ficavam; agora havia duas árvores altas como sentinelas no início de uma trilha margeada de árvores que conduzia até Orthanc; todos olharam maravilhados para o trabalho feito, mas não se via qualquer ser vivo próximo ou distante.

De repente ouviram uma voz chamando hum-hom, hum-hom; e lá vinha Barbárvore descendo a trilha a largas passadas para cumprimentá-los, com Tronquesperto ao seu lado.

— Bem-vindos ao Jardinárvore de Orthanc! — disse ele. — Eu sabia que vocês deviam chegar, mas estava trabalhando lá em cima no vale; ainda há muito por fazer. Mas vocês também não ficaram ociosos lá no sul e no leste, pelo que ouvi dizer; e tudo o que ouvi é bom, muito bom. — Então Barbárvore louvou todos os feitos deles, dos quais parecia ter pleno conhecimento; quando finalmente terminou, olhou longamente para Gandalf.

— Bem, agora vamos! — disse ele. — Você se mostrou o mais poderoso, e todos os seus trabalhos foram bem sucedidos. Aonde estaria indo agora? E por que veio até aqui?

— Para ver como vai o seu trabalho, meu amigo — disse Gandalf —, e para agradecer-lhe por toda a ajuda em tudo o que foi realizado.

— Hum, bem, isso é justo — disse Barbárvore. — Pois com certeza os ents fizeram a sua parte. E não apenas tomando conta daquele, hum, daquele maldito assassino de árvores que morava aqui. Pois houve uma grande invasão daqueles, burórum, daqueles olhos-malignos-mãos-pretas-pernas-arqueadas-coração-de-pedra-dedos-de-garra,barriga-nojenta-sedento-de-sangue-morimaite-sincahonda, hum, bem, como vocês são pessoas apressadas e o nome inteiro deles é comprido como anos de tormento, aqueles vermes dos orcs; e eles atravessaram o Rio, e desceram do norte e da região que circunda toda a floresta de Laurelindórenan, na qual não conseguiram entrar, graças aos Grandes que estão lá. — Curvou-se diante do Senhor e da Senhora de Lórien.

— E essas mesmas criaturas fedorentas ficaram mais que surpresas que antes, embora isso também se possa dizer de pessoas melhores. E nem tantos se lembrarão de

nós, pois não muitos escaparam vivos, e o Rio ficou com a maioria deles. Mas foi bom para vocês, pois, se eles não nos encontrassem, então o rei da terra verde não teria chegado muito longe, e, se tivesse, não haveria um lar para onde pudesse retornar.

— Sabemos muito bem disso — disse Aragorn —, e seus feitos nunca serão esquecidos em Minas Tirith ou em Edoras.

— Nunca é uma palavra longa demais até mesmo para mim — disse Barbárvore. — Não enquanto seus remos perdurarem, você quer dizer; mas realmente eles terão de ser bem longos para que pareçam longos aos ents.

— A Nova Era começa — disse Gandalf —, e nesta era pode muito bem acontecer de os remos dos homens durarem mais que você, Fangorn, meu amigo. Mas agora me diga: e a tarefa que lhe designei? Como está Saruman? Ainda não está cansado de Orthanc? Pois na minha opinião ele não vai achar que vocês melhoraram a vista de suas janelas.

Barbárvore dirigiu um longo olhar a Gandalf, que Merry considerou quase maroto.

— Ah! — disse ele. — Achei mesmo que chegaria a esse ponto. Cansado de Orthanc? — Muito cansado, finalmente; mas não ficou tão cansado de sua torre como de minha voz. Hum! Obriguei-o a escutar algumas histórias compridas, ou pelo menos o que pode ser considerado comprido em sua língua.

— Então por que ele ficou escutando? Você entrou em Orthanc? — perguntou Gandalf.

— Hum, não, não entrei em Orthanc! — disse Barbárvore. — Mas ele veio até a janela e escutou, pois não podia conseguir noticias de nenhum outro modo, e, embora odiando as noticias, estava ansioso por consegui-las; e cuidei para que ele escutasse todas. Mas eu acrescentei muitas coisas às noticias sobre as quais julguei que ele devia pensar. Ele ficou muito cansado. Sempre tinha pressa. Essa foi a sua ruína.

— Observo, meu bom Fangorn — disse Gandalf —, que com muito cuidado você diz morava, tinha, foi. E o que me diz sobre o que é? Ele está morto?

— Não, morto não, pelo que sei — disse Barbárvore. — Mas ele partiu. Sim, partiu há sete dias. Deixei-o partir. Pouco restava dele quando saiu rastejando, e, quanto àquela criatura-verme que o acompanha, não passava de uma sombra pálida. Agora, não me diga, Gandalf, que eu prometi mantê-lo a salvo, pois eu sei disso. Mas as coisas mudaram desde então. E eu o mantive aqui até que ele estivesse impossibilitado, impossibilitado de fazer qualquer mal. Você deve saber que acima de tudo eu odeio prender coisas vivas, e me recuso a manter presas até mesmo criaturas como essa, a

não ser que a necessidade seja extrema. Uma cobra sem presas pode rastejar para onde quiser.

— Você pode estar certo disse Gandalf —; mas a esta cobra ainda restava uma presa, eu acho. Ele tinha o veneno de sua voz, e julgo que persuadiu você, até mesmo você, Barbárvore, conhecendo o ponto fraco de seu coração. Bem, ele se foi, e não há mais nada a dizer. Mas agora a Torre de Orthanc volta para o Rei, a quem pertence. Embora talvez ele não precise dela.

— Isso veremos mais tarde — disse Aragorn. — Mas darei aos ents todo este vale para que o usem como quiserem, contanto que mantenham vigilância sobre Orthanc e cuidem para que ninguém entre nela sem minha autorização.

— A Torre está trancada — disse Barbárvore. — Obriguei Saruman a trancá-la e me entregar as chaves. Estão com Tronquesperto.

Tronquesperto curvou-se como uma árvore que se dobra ao vento, e entregou a Aragorn duas grandes chaves negras de formato intrincado, unidas por um anel de aço.

— Agora, agradeço-lhes mais uma vez — disse Aragorn —, e desejo-lhes boa sorte. Que sua floresta cresça outra vez em paz. Quando este vale estiver cheio, haverá espaço de sobra a oeste das montanhas, onde outrora vocês caminharam.

O rosto de Barbárvore se entristeceu. — As florestas podem crescer — disse ele. — Os bosques podem se espalhar. Mas não os ents. Não existem entinhos.

— Mas agora talvez haja mais esperança em sua procura — disse Aragorn. — Terras que estiveram por muito tempo fechadas ficarão abertas para vocês na direção do leste.

Mas Barbárvore balançou a cabeça e disse: — É muito longe. E nestes dias existem muitos homens. Mas estou esquecendo meus modos! Vocês não querem ficar aqui para descansar um pouco? E quem sabe haja alguém que fique satisfeito em atravessar a Floresta de Fangorn e assim encurtar seu caminho para casa? — Olhou para Celeborn  e Galadriel.

Mas todos, exceto Legolas, disseram que precisavam agora despedir-se e partir para o sul ou para o oeste.

— Venha, Gimli – disse Legolas. — Agora, com a permissão de Fangorn, visitarei os recônditos da Floresta Ent e verei árvores que não existem em nenhum outro lugar da Terra-média. Você virá comigo, mantendo a sua palavra; e assim viajaremos juntos para nossas próprias terras, na Floresta das Trevas e mais além. — Com isso Gimli concordou, embora sem muita satisfação, ao que pareceu.

— Aqui, então, finalmente, chegamos ao fim da Sociedade do Anel — disse Aragorn. — Mas espero que em breve vocês retornem á minha terra com a ajuda que prometeram.

— Viremos, se nossos senhores assim o permitirem — disse Gimli. — Bem, adeus, meus hobbits! Agora vocês devem ir para suas casas a salvo, e eu não ficarei acordado temendo os perigos que possam correr. Mandaremos noticias quando for possível, e alguns de nós poderão se encontrar de vez em quando; mas temo que nunca mais estaremos todos reunidos.

Então Barbárvore disse adeus a cada um deles, e curvou-se três vezes, devagar e com grande reverência, diante de Galadriel e Celeborn.

— Faz muito, muito tempo que não nos encontramos junto a árvore ou pedra, A vanimar, vanimálion nostari! — disse ele. — É triste que nos encontremos só agora, no final. Pois o mundo está mudando: sinto isso na água, sinto isso na terra, e farejo no ar. Não acho que nos encontraremos de novo.

E Celeborn disse:

— Eu não sei, Mais velho. — Mas Galadriel falou:

— Não na Terra-média, não até que as terras que jazem sob as ondas se ergam de novo. Então, nos prados de salgueiros de Tasarinan podemos nos encontrar na primavera. Adeus!

Por último Merry e Pippin disseram adeus ao velho ent, e ele ficou mais descontraído quando olhou para eles.

— Bem, meu povo alegre — disse ele —, não vão beber mais um gole comigo antes de partirem?

— Claro que vamos — disseram eles, e Barbárvore os levou de lado, entrando em uma das sombras das árvores, e eles viram que ali fora colocado um grande jarro de pedra. Barbárvore encheu três tigelas e eles beberam, vendo os estranhos olhos do ent observando-os por sobre a borda de sua tigela.

— Cuidado, cuidado! — disse ele. — Pois vocês já cresceram desde que os vi pela última vez. — E os dois riram e esvaziaram suas tigelas.

— Bem, adeus! — disse ele. — E não se esqueçam de me avisar se em sua terra ouvirem qualquer noticia sobre as entesposas. — Então acenou as mãos grandes para toda a comitiva e sumiu por entre as arvores.

Os viajantes cavalgavam agora com mais velocidade, e se dirigiam para o Desfiladeiro de Rohan, e Aragorn finalmente despediu-se deles, perto do local onde

Pippin havia olhado na Pedra de Orthanc. Os hobbits se entristeceram com a separação, pois Aragorn nunca lhes faltara, e sempre fora o seu guia através de muitos perigos.

— Gostaria que houvesse uma pedra onde pudéssemos ver todos os nossos amigos — disse Pippin — e que fosse possível conversar com eles a distância!

— Agora só resta uma que você poderia usar — respondeu Aragorn —; pois você não desejaria ver o que a Pedra de Minas Tirith pode lhe mostrar. Mas o palantír de Orthanc será guardado pelo Rei, para que ele possa ver o que se passa em seu reino, e o que os servidores estão fazendo. Pois não se esqueça, Peregrin Túk, de que você é um cavaleiro de Gondor, e eu não o dispenso do serviço. Agora você parte de licença, mas posso voltar a chamá-lo. E lembrem-se, queridos amigos do Condado, que meu reino também abrange o norte, e irei até lá um dia.

Então Aragorn despediu-se de Celeborn e Galadriel, e a Senhora lhe disse:

— Pedra Élfica, através da escuridão você conquistou a esperança, e agora possui tudo o que deseja. Use bem os seus dias!

Mas Celeborn disse:

— Parente, adeus! Que seu destino seja diferente do meu, e seu tesouro permaneça com você até o fim.

Com essas palavras despediram-se, na hora do pôr-do-sol; quando, depois de um tempo, eles se viraram e olharam para trás, viram o Rei do Oeste sentado sobre o seu cavalo com os cavaleiros ao redor; e o sol poente reluzia sobre eles e fazia com que seus arreios brilhassem como ouro vermelho, e o manto branco de Aragorn transformou-se numa chama. Então Aragorn pegou a pedra verde e a ergueu, e um fogo verde emanou de sua mão.

Logo a comitiva reduzida, seguindo o Isen, dirigiu-se para o oeste e cavalgou através do Desfiladeiro, entrando nas terras desertas mais além; depois rumaram para o norte, e passaram pelas fronteiras da Terra Parda. Os habitantes de lá fugiram e se esconderam, pois tinham medo do Povo Élfico, embora na realidade poucos elfos tivessem chegado àquele lugar; mas os viajantes não lhes deram atenção, pois ainda formavam uma grande comitiva e estavam providos de tudo do que necessitavam; continuaram o seu caminho tranquilamente, montando tendas quando bem queriam.

No sexto dia após se separarem do Rei, viajaram através de uma floresta descendo das colinas aos pés das Montanhas Sombrias, que agora assomavam à sua direita.

Quando saíram para o espaço aberto de novo ao pôr-do-sol, alcançaram um

velho apoiado num cajado, vestindo farrapos cinzentos e de um branco sujo, e atrás dele vinha um outro mendigo, arrastando-se e choramingando.

— Bem, Saruman! — disse Gandalf. — Aonde vai indo?

— E o que isso lhe interessa? — respondeu ele. — Quer ainda comandar meus passos, e não está satisfeito com minha ruína?

— Você conhece as respostas — disse Gandalf —: não e não. Mas de qualquer forma o tempo de meus trabalhos se aproxima de um fim. O Rei tomou para si o fardo. Se você tivesse esperado em Orthanc, poderia tê-lo visto, e ele teria demonstrado sua sabedoria e clemência.

— Isso é ainda mais um motivo para eu ter partido antes — disse Saruman —, pois não desejo dele nenhuma das duas coisas. Na verdade, se você deseja uma resposta para a sua primeira pergunta, estou procurando um caminho para fora deste reino.

— Então mais uma vez você está indo pelo caminho errado — disse Gandalf —, e não vejo esperança em sua viagem. Mas você vai desprezar nossa ajuda? Pois é isso que estamos oferecendo a você.

— A mim? — disse Saruman. — Não, por favor não me sorriam! Prefiro as suas carrancas. E, quanto à Senhora aqui, não confio nela: ela sempre me odiou, e tramou a seu favor. Não duvido de que o tenha trazido por este caminho para ter o prazer de tripudiar sobre a minha pobreza. Se soubesse da sua perseguição, eu lhes teria negado este prazer.

— Saruman — disse Galadriel —, temos outras missões e outras preocupações que nos parecem mais urgentes do que ficar caçando você. Ao invés disso, diga que você foi alcançado pela boa sorte, pois agora lhe oferecemos uma última oportunidade.

— Se for realmente a última, fico contente — disse Saruman —; pois me será poupado o trabalho de recusá-la mais uma vez. Todas as minhas esperanças estão arruinadas, mas eu não partilharia das suas. Se é que têm alguma.

Por um momento seus olhos se acenderam. — Vão embora! — disse ele.

— Não passei longos anos estudando esses assuntos para nada. Vocês se destruíram e sabem disso. E vai me trazer algum consolo, enquanto vago sem rumo, pensar que vocês derrubaram a sua única casa quando destruíram a minha. E, agora, que navio poderá levá-los através de um mar tão vasto? — zombou ele. — Será um navio cinza, e cheio de fantasmas. — Ele riu, mas sua voz era rouca e hedionda.

— Levante-se, idiota! — gritou ele para o outro mendigo, que se sentara no chão;

bateu nele com o cajado. — Meia-volta! Se essas pessoas gentis estão indo pelo nosso caminho, então vamos tomar um outro. Em frente, ou não vai ter nem uma casca de pão para o jantar.

O mendigo se levantou e foi se arrastando e choramingando:

— Pobre velho Gríma! Pobre velho Gríma! Sempre espancado e amaldiçoado. Como o odeio! Gostaria de poder abandoná-lo!

— Então faça isso! — disse Gandalf.

Mas Língua de Cobra apenas desfechou um golpe de seus olhos turvos e aterrorizados em Gandalf, e então apertou o passo atrás de Saruman. Quando o par miserável passou pela comitiva, aproximaram-se dos hobbits, e Saruman parou para fitá-los; mas eles o contemplaram com pena.

— Então vocês também vieram para tripudiar sobre minha desgraça, não é, meus moleques? — disse ele. — Não se preocupam com as necessidades de um mendigo, não é mesmo? Pois vocês têm tudo o que desejam, comida, e belas roupas, e o melhor fumo para seus cachimbos. É sim, eu sei! Sei de onde a erva vem. Vocês não dariam um bocado para um mendigo, dariam?

— Eu daria, se tivesse — disse Frodo.

— Você pode ficar com o que me resta — disse Merry —, se esperar um pouquinho. — Desceu do cavalo e procurou no alforje de sua sela. Então entregou a Saruman uma bolsa de couro. — Leve o que temos — disse ele. — Esse fumo você conhece bem; veio dos escombros de Isengard.

— Meu, meu, é sim, e comprado a preços altíssimos! — gritou Saruman, agarrando a bolsa. — Isto é apenas uma reparação simbólica; pois vocês levaram muito mais, eu aposto. Apesar disso, um mendigo deve ficar agradecido, mesmo que um ladrão lhe devolva apenas uma parte do que lhe pertencia. Bem, vai ser bem feito para vocês quando chegarem em casa, se encontrarem na Quarta Sul as coisas piores do que desejariam. Que sua terra fique muito tempo sem fumo!

— Obrigado — disse Merry. — Nesse caso, quero de volta minha bolsa, que não é sua, e viajou muitas léguas comigo. Embrulhe o fumo num trapo seu.

— Um ladrão merece o outro — disse Saruman, dando as costas para Merry, e chutando Língua de Cobra; depois afastou-se em direção á floresta.

— Bem, gostei disso! — disse Pippin. — Ladrão, essa é boa! E de que vamos acusá-lo por nos ter aprisionado, machucado e arrastado através das mãos de orcs por toda Rohan"?

— Ah! — disse Sam. — E ele disse comprado. Fico pensando como. E não gostei daquilo que ele disse sobre a Quarta Sul. Já é tempo de retornarmos.

— Com certeza — disse Frodo. — Mas não podemos ir mais rápido, se queremos ver Bilbo. Vou primeiro a Valfenda, aconteça o que acontecer.

— Sim, acho melhor você fazer isso — disse Gandalf — Mas sinto por Saruman! Acho que não se pode conseguir mais nada dele. Está completamente murcho. Mesmo assim, não tenho certeza de que Barbárvore esteja com a razão: imagino que ele ainda poderia fazer alguma maldade, de um modo mais mesquinho.

No dia seguinte entraram na parte norte da Terra Parda, onde nenhum homem morava agora, embora fosse um lugar verde e agradável.

Setembro chegou com dias dourados e noites de prata, e eles cavalgaram tranquilos até atingirem o rio Cisnefrota, e encontraram o antigo vau, a leste das cachoeiras onde as águas desciam abruptamente para as terras baixas. Muito mais a oeste, envoltos pela névoa, ficavam os pântanos e ilhotas através dos quais esse rio seguia até juntar-se ao Rio Cinzento: lá inúmeros cisnes moravam em meio aos juncos.

Assim entraram em Eregion, e finalmente surgiu uma manhã bonita, tremeluzindo sobre névoas cintilantes; olhando do acampamento que haviam feito numa colina baixa, os viajantes viram no leste o sol tocando três picos que se lançavam ao céu em meio a nuvens flutuantes: Caradhras, Celebdil e Fanuidhol. Estavam próximos dos Portões de Moria.

Detiveram-se ali por sete dias, pois aproximava-se o momento de uma nova despedida contra a qual eles relutavam. Logo Celeborn, Galadriel e seu povo rumariam para o leste, passando assim pelo Passo do Chifre Vermelho e descendo a Escada do Riacho Escuro e atingindo o Veio de Prata, prosseguindo para sua própria terra.

Até aquele ponto, haviam viajado pelos caminhos do oeste, pois tinham muitos assuntos a tratar com Elrond e Gandalf e ali ainda demoraram bastante conversando com seus amigos. Várias vezes, muito depois de os hobbits já estarem dormindo, eles se sentavam juntos sob as estrelas, rememorando as eras passadas e todas as suas alegrias e trabalhos no mundo, ou discutindo assuntos a respeito dos dias vindouros. Se por acaso algum viajante tivesse passado, pouco teria visto ou ouvido, ficando com a impressão de que vira apenas vultos cinzentos esculpidos na pedra, monumentos em memória de coisas esquecidas, agora perdidas em terras despovoadas. Pois eles não se mexiam nem usavam as bocas para falar; olhavam de uma mente para a outra, e apenas seus olhos brilhantes se agitavam e se acendiam, enquanto trocavam pensamentos.

Por fim tudo foi dito, e eles se separaram outra vez por um tempo, até que chegasse a hora de os Três Anéis desaparecerem. Sumindo depressa dentro das pedras e sombras, o povo de mantos cinzentos de Lórien cavalgou na direção das montanhas, e aqueles que estavam indo para Valfenda se sentaram na colina e ficaram olhando, até que da névoa que se adensava surgiu um clarão, e eles não viram mais nada. Frodo sabia que Galadriel erguera o seu anel em sinal de adeus.

Sam voltou-se e suspirou:

— Gostaria de estar voltando para Lórien!

Finalmente numa noite, atravessando as altas charnecas, de repente, como sempre parecia aos viajantes, depararam com o profundo vale de Valfenda e viram lá embaixo lamparinas brilhando na casa de Elrond. Desceram, atravessaram a ponte e chegaram às portas; toda a casa estava cheia de luz e música, celebrando a alegria da volta de Elrond.

Primeiro de tudo, antes de comerem ou se banharem, antes mesmo de tirarem suas capas, os hobbits foram procurar Bilbo. Encontraram-no sozinho em seu pequeno quarto, abarrotado de papéis, penas e lápis. Mas Bilbo estava sentado numa cadeira diante de um pequeno fogo reluzente. Parecia muito velho, mas tranquilo, e sonolento.

Abriu os olhos e olhou para cima no momento em que os hobbits entraram.

— Olá! Olá! — disse ele. — Então vocês voltaram? E além disso amanhã é meu aniversário. Que esperteza a de vocês! Sabem, vou completar cento e vinte e nove anos. E dentro de mais um ano, se eu for poupado, chegarei à idade do Velho Túk. Gostaria de derrotá-lo, mas isso vamos ver.

Depois da comemoração do aniversário de Bilbo, os quatro hobbits permaneceram em Valfenda por mais alguns dias, sentando-se longamente na companhia do velho amigo, que agora passava a maior parte do tempo em seu quarto, exceto na hora das refeições. Para estas ele ainda era geralmente muito pontual, e raras vezes deixava de acordar em tempo para participar delas. Sentados ao redor do fogo, cada um deles contou tudo o que conseguia lembrar sobre suas viagens e aventuras. No inicio, Bilbo fingia tomar algumas notas, mas frequentemente adormecia; quando acordava, dizia:

— Que esplêndido! Mas onde estávamos? — Então eles continuavam a história do ponto onde ele começara a cabecear.

A única parte que realmente pareceu despertá-lo e segurar-lhe a atenção foi o relato sobre a coroação e o casamento de Aragorn.

— É claro que eu fui convidado para as bodas — disse ele. — E as aguardei durante um longo tempo. Mas, de alguma forma, quando chegou a hora, achei que tinha muitas coisas para fazer aqui, e fazer as malas é um incômodo tão grande!

Após quase uma quinzena, Frodo olhou através de sua janela e viu que geara durante a noite, e as teias de aranha pareciam redes brancas.

Então, de repente, percebeu que deveria partir e dizer adeus a Bilbo. O clima ainda era bom e ameno, após um dos mais adoráveis verões de que se tinha memória; mas chegara outubro e logo começaria a chover e ventar outra vez. E ainda havia um longo caminho a percorrer. Mas não foi exatamente pensar no clima que o agitou.

Ele teve um sentimento de que era hora de voltar para o Condado. Sam sentia a mesma coisa.

Apenas uma noite antes, ele dissera:

— Bem, Sr. Frodo, estivemos em muitos lugares e vimos muitas coisas, mas não acho que encontramos um lugar melhor do que este. Há um pouco de tudo aqui, se o senhor me entende: do Condado e da Floresta, de Gondor e das casas dos reis, das estalagens e prados, tudo misturado. Mesmo assim, de alguma forma, sinto que devemos partir em breve. Para falar a verdade, estou preocupado com o meu feitor.

— Sim, um pouco de tudo, Sam, exceto o Mar — respondera Frodo, depois repetiu para si mesmo: — Exceto o Mar.

Naquele dia Frodo falou com Elrond, e ficou acertado que deveriam partir na manhã seguinte. Para a alegria deles, Gandalf disse:

— Acho que vou também. Pelo menos até Bri. Quero ver Carrapicho.

Quando chegou a noite, foram dizer adeus a Bilbo.

— Bem, se vocês precisam ir, não há mais nada a fazer — disse ele. — Lamento. Vou sentir a falta de vocês. É bom saber que estão por perto. Mas agora estou ficando com sono. — Então deu a Frodo seu casaco de mithril e Ferroada, esquecendo-se de que já tinha feito isso antes; deu também três livros de histórias que com sua letra comprida e fina escrevera em diferentes ocasiões, em cujos dorsos vermelhos se lia: Traduções do Élfico, por B.B.

Para Sam deu um pequeno saco com ouro.

— Quase a última gota que sobrou da safra de Smaug — disse ele. — Pode vir a ser útil, se você pensa em se casar, Sam. — Sam enrubesceu.

— Não tenho nada mais para lhes oferecer, jovens companheiros — disse ele para Merry e Pippin —, exceto bons conselhos. — E, quando lhes havia dado uma bela

amostra deles, acrescentou um último ítem, à moda do Condado: — Não permitam que suas cabeças fiquem grandes demais para os seus chapéus! Mas, se vocês não pararem logo de crescer, vão achar os chapéus e as roupas caros.

— Mas, se você quer superar o Velho Túk — disse Pippin —, não vejo por que não devamos tentar superar o Urratouro.

Bilbo riu, e tirou de um bolso dois belos cachimbos com embocaduras de madrepérola e adornados com prata trabalhada.

— Pensem em mim quando estiverem fumando! — disse ele. — Os elfos os fizeram para mim, mas agora deixei de fumar. — E então de repente ele cabeceou e adormeceu por uns momentos; quando acordou de novo, disse:

— Agora, onde estávamos? Sim, é claro, dando presentes. E isso me faz lembrar: O que aconteceu com o meu anel, Frodo, que você levou embora?

— Eu o perdi, Bilbo querido — disse Frodo. — Livrei-me dele, você sabe.

— Que pena! — disse Bilbo. — Gostaria de vê-lo mais uma vez. Mas não, que tolo eu sou! Foi por isso que você foi, não é? Para se livrar dele? Mas é tudo tão complicado, pois tantas outras coisas parecem ter-se misturado com isso: os afazeres de Aragorn, o Conselho Branco e Gondor, e os Cavaleiros, os sulistas, os olifantes — você realmente viu um, Sam? — e cavernas e torres e árvores douradas e sei lá mais o quê.

— Evidentemente eu voltei de minha viagem por uma estrada direta demais. Acho que Gandalf poderia ter me mostrado mais lugares. Mas nesse caso o leilão teria terminado antes do meu retorno, e eu teria mais problemas do que tive. De qualquer forma, agora é muito tarde, e eu realmente acho bem mais confortável ficar aqui sentado ouvindo falar sobre tudo. O fogo aqui é acolhedor, e a comida muito boa, e há elfos quando você quiser vê-los. Quem precisa de mais?

*A Estrada em frente vai seguindo*
*Deixando a porta onde começa.*
*Agora longe já vai indo,*
*Que a sigam outros, nada impeça!*
*Que partam para a sua jornada,*
*Porque meus pés irão ficar*
*No albergue em luz no fim da Estrada;*
*Quero dormir e descansar*

E, quando Bilbo murmurou as últimas palavras, sua cabeça caiu sobre o peito e ele adormeceu profundamente.

A noite se adensou na sala, e a luz do fogo brilhou mais forte; os hobbits observaram Bilbo dormindo e viram que seu rosto sorria. Por um tempo ficaram sentados em silêncio; depois, Sam, olhando ao redor da sala para as sombras tremendo nas paredes, disse baixinho:

— Não acho. Sr. Frodo. que ele tenha escrito muito enquanto estivemos fora. Agora nunca vai escrever nossa história.

Bilbo então abriu um olho, quase como se tivesse ouvido. Então despertou.

— Vocês entendem, estou ficando tão sonolento — disse ele. — E, quando tenho tempo para escrever, só gosto mesmo é de escrever poesia. Fico pensando, Frodo, meu caro companheiro, se você não se importaria muito em organizar as coisas antes de partir. Recolha todos os meus papéis e anotações, e meu diário também, e leve-os com você, se quiser. Você entende, eu não tive muito tempo para selecionar e organizar e tudo mais. Peça que Sam o ajude, e, quando vocês tiverem organizado a coisa toda, voltem, e eu dou uma examinada rápida em tudo. Não serei muito exigente.

— Claro que vou fazer isso — disse Frodo. — E é claro que voltarei logo: não haverá mais nenhum perigo. Agora existe um rei de verdade, e logo ele vai deixar as estradas em ordem.

— Obrigado, meu caro companheiro! — disse Bilbo. — Esse realmente é um grande alívio para minha cabeça. — E dizendo isso ele adormeceu profundamente outra vez.

No dia seguinte Gandalf e os hobbits se despediram de Bilbo em seu quarto, pois estava frio lá fora; depois disseram adeus a Elrond e às pessoas de sua casa.

Quando Frodo parou na soleira da porta, Elrond lhe desejou uma boa viagem e o abençoou, dizendo:

— Eu acho, Frodo, que talvez você não precise voltar, a não ser que venha muito em breve. Por volta desta época do ano, quando as folhas estão douradas e ainda não caíram, procure Bilbo nos bosques do Condado. Eu estarei com ele.

Ninguém mais ouviu essas palavras, e Frodo as guardou consigo.

# CAPÍTULO VIII
# A CAMINHO DE CASA

Finalmente os hobbits voltavam seus rostos na direção de casa.

Estavam agora ansiosos por ver de novo o Condado, mas no início cavalgaram devagar, pois Frodo sentira-se mal. Quando chegaram ao Vau do Bruinen ele parou, relutando em atravessar a água; os outros notaram que por um tempo seus olhos pareciam alheios a eles e às coisas ao redor. Durante todo aquele dia, Frodo ficou em silêncio. Era o dia seis de outubro.

— Você está sentindo dores, Frodo? — perguntou Gandalf numa voz baixa, cavalgando ao seu lado.

— Bem, estou — disse Frodo. — É meu ombro. O ferimento dói, e a lembrança da escuridão pesa sobre mim. Está fazendo um ano hoje.

— É Lamentável, mas há certos ferimentos que não podem ser totalmente curados — disse Gandalf.

— Temo que esse possa ser o meu caso — disse Frodo. — Não existe um retorno de verdade. Embora eu possa voltar, o Condado não será o mesmo, pois eu não serei o mesmo. Fui ferido por faca, ferrão e dente, sem falar no fardo que carreguei por tanto tempo. Quando poderei descansar?

Gandalf não respondeu.

Ao fim do dia seguinte a dor e a inquietação tinham passado, e Frodo estava alegre de novo, alegre como se não se lembrasse da escuridão do dia anterior.

Depois daquilo, a viagem transcorreu bem, e os dias se passaram depressa; eles cavalgavam com tranquilidade, e frequentemente se demoravam nos belos bosques onde as folhas estavam vermelhas e amarelas ao sol do outono. Por fim atingiram o Topo do Vento; a noite se aproximava, e a sombra da colina deitava-se escura sobre a estrada. Então Frodo pediu aos outros que se apressassem e, negando-se a olhar na direção da colina, atravessou sua sombra com a cabeça curvada e cobrindo-se com a capa. Naquela noite o tempo mudou, e do oeste chegou um vento carregado de chuva, que soprou ruidoso e frio, fazendo as folhas amarelas rodopiarem no ar como pássaros.

Quando chegaram à Floresta Chet os galhos já estavam quase nus, e uma grande cortina de chuva os impedia de ver a Colina Bri.

Foi assim que, quase ao final de uma noite bravia e molhada dos últimos dias de

outubro, os cinco viajantes subiram a estrada íngreme e chegaram ao Portão Sul de Bri. Estava bem trancado, e a chuva batia-lhes nos rostos; no céu escuro nuvens baixas passavam correndo, e eles se sentiram um pouco frustrados, pois esperavam uma recepção mais calorosa.

Depois de muito chamarem, o porteiro saiu, e eles viram que ele trazia na mão um grande porrete. Fitou-os com medo e desconfiança, mas quando viu que Gandalf estava ali e que seus companheiros eram hobbits, apesar das estranhas vestes, alegrou-se e deu-lhes as boas-vindas.

— Entrem! — disse ele, destrancando o portão. — Não vão ficar esperando notícias aqui fora, no frio e na chuva, nesta noite tumultuada. Mas não há dúvida de que o velho Cevado vai lhes dar as boas-vindas no Pônei, e lá vocês poderão ouvir tudo o que há para ouvir.

— E lá vocês vão ouvir tudo o que vamos contar, ou mais até — disse Gandalf rindo. — Como está Harry?

O porteiro fez uma careta. — Foi embora — disse ele. — Mas é melhor perguntarem ao Cevado. Boa noite!

— Boa noite para você! — disseram eles passando pelo portão; notaram então que atrás da cerca-viva, ao lado da estrada, fora construído um barraco comprido, de onde vários homens saíram para observá-los por sobre a cerca. Quando se aproximaram da casa de Bill Samambaia, viram que a cerca-viva estava danificada e abandonada, e todas as janelas estavam lacradas com tábuas.

— Será que você o matou com aquela maçã, Sam? — disse Pippin.

— Não sou tão otimista, Sr. Pippin — disse Sam. — Mas gostaria de saber o que aconteceu àquele pobre pônei. Pensei nele muitas vezes, e nos lobos uivando e tudo mais.

Por fim chegaram ao Pônei Saltitante, que pelo menos externamente parecia o mesmo; havia luzes por trás das cortinas vermelhas nas janelas inferiores. Tocaram a campainha, e Nob veio atender a porta, abrindo apenas uma fresta e espiando por ela; quando os viu parados sob a lamparina, soltou um grito de surpresa.

— Senhor Carrapicho! Mestre! — gritou ele. — Eles voltaram!

— Ah, é, voltaram é? Já vou lhes dar uma lição — veio a voz de Carrapicho, que saiu correndo, com um bastão na mão. Mas, quando viu quem eram, parou de repente, e a expressão carregada em seu rosto transformou-se em surpresa e alegria.

— Nob, seu miolo mole idiota! — gritou ele. — Você não consegue chamar os

velhos amigos pelo nome? Não devia ficar me assustando desse jeito, nos tempos de hoje. Bem, bem! E de onde vocês vêm vindo? Jamais esperava ver qualquer um de vocês de novo, não esperava mesmo: indo para as Terras Ermas com o tal de Passolargo, e com todos aqueles Homens Negros á solta. Mas estou muito feliz em vê-los outra vez, sobretudo Gandalf Entrem! Entrem! Os mesmos quartos de antes? Estão desocupados. Na verdade, a maioria dos quartos estão desocupados nos últimos tempos, e isso não vou esconder de vocês, pois logo verão com seus próprios olhos. E vou ver o que se pode fazer a respeito da ceia, o mais rápido possível; atualmente estou com falta de empregados. Ei, Nob, seu lesma! Diga ao Bob! Ah, mas estou esquecendo, Bob se foi: agora ele vai embora para casa quando anoitece. Bem, leve os pôneis dos hóspedes para os estábulos, Nob! E não duvido de que você mesmo vai levar o seu cavalo, Gandalf Um belo animal, como eu disse a primeira vez que pus os olhos nele. Bem, entrem! Fiquem à vontade!

O Sr. Carrapicho não mudara absolutamente seu modo de falar, e ainda parecia continuar no mesmo corre-corre de sempre. Apesar disso, quase não se via ninguém, e tudo estava quieto; da sala de estar chegava o murmúrio baixo de no máximo duas ou três vozes. O rosto do proprietário, visto a menor distância e sob a luz de duas velas que ele acendera para iluminar-lhes o caminho, parecia bastante enrugado e marcado pela preocupação.

Conduziu-os pelo corredor até a sala que tinham usado naquela estranha noite mais de um ano atrás, e eles o seguiram um pouco ansiosos, pois parecia claro para todos que o velho Cevado estava enfrentando algum problema sério. As coisas não eram como antes. Mas não disseram nada e esperaram.

Como já adivinhavam, o Sr. Carrapicho veio até a sala após a ceia para ver se tudo estivera a contento. E realmente estivera: nenhuma mudança para pior ocorrera, pelo menos em se tratando da cerveja ou da comida d'O Pônei.

— Não vou me atrever a sugerir que venham até a sala de estar esta noite — disse Carrapicho. — Vocês devem estar cansados, e de qualquer modo não há muita gente hoje. Mas, se puderem me conceder meia hora antes de irem dormir, eu gostaria imensamente de conversar um pouco com vocês, uma conversa só entre nós.

— É exatamente o que estamos querendo também — disse Gandalf. Não estamos cansados. Fizemos uma viagem tranquila. Estávamos molhados, com frio e fome, mas tudo isso você resolveu. Venha, sente-se! E, se tiver um pouco de fumo, ficaremos agradecidos.

— Bem, se tivessem pedido qualquer outra coisa, eu teria ficado mais contente — disse Carrapicho. — Essa é justamente uma coisa que anda escassa por aqui, uma vez que só temos o fumo que cultivamos, e isso não é suficiente. Não se consegue nem um pouco do Condado atualmente. Mas vou ver o que posso fazer.

Quando voltou trouxe-lhes fumo suficiente para um ou dois dias, um rolo de folhas inteiras.

— Borda do Sul — disse ele —, é o melhor que temos; mas não se compara ao fumo da Quarta Sul, como eu sempre digo, embora eu esteja sempre a favor de Bri na maioria das coisas, sem querer ofendê-los.

Acomodaram-no numa grande poltrona perto do fogo, e Gandalf sentou-se do outro lado da lareira, ficando os hobbits em cadeiras baixas entre os dois; então conversaram por várias meias horas, e trocaram todas as notícias que o Sr. Carrapicho quiz ouvir ou dar. A maioria das coisas que os viajantes tinham a dizer simplesmente causavam surpresa e desconcerto no anfitrião, que nem podia imaginá-las; as novidades provocavam poucos comentários além de um "Não diga!", que o Sr. Carrapicho frequentemente repetia num desafio á evidência dos seus próprios ouvidos.

— Não diga!, Sr. Bolseiro, ou será que devo chamá-lo de Sr. Monteiro? Estou ficando tão confuso. Não diga, Mestre Gandalf! Nunca imaginei! Quem teria pensado numa coisa dessas nos dias de hoje! Mas ele também disse muita coisa a seu respeito. As coisas não iam nada bem, dizia. O negócio não estava nem satisfatório, estava para lá de ruim. — Ninguém de Fora se aproxima de Bri — disse ele. — E as pessoas daqui ficam a maior parte do tempo em casa, com as portas cerradas. Isso tudo por causa daqueles forasteiros e vagabundos que começaram a chegar pelo Caminho Verde no ano passado, como vocês devem se lembrar; mais deles vieram depois. Alguns não passavam de pobres coitados fugindo de problemas, mas a maior parte era de homens maus, ladrões traiçoeiros. E houve confusão bem aqui em Bri, coisa séria. É sim, tivemos um combate de verdade, e algumas pessoas foram assassinadas, assassinadas! Vocês acreditam?

— Acredito sim — disse Gandalf. — Quantas?

— Três e duas — disse Carrapicho, referindo-se às pessoas grandes e às pequenas. — O pobre Mat Urzal, e Rowlie Macieira e o pequeno Tom Espinheiro, do outro lado da Colina; e Willie Ladeira, lá de cima, e um dos Monteiros de Estrado: todos bons camaradas, dos quais sentimos a falta. E Harry Barba-de-Bode, que costumava ficar no Portão Oeste, junto com aquele Bill Samambaia, os dois passaram para o lado dos

forasteiros, e foram embora com eles; e acredito que foram esses dois que deixaram os outros entrar. No dia da luta, quero dizer. E isso foi depois que nós lhes mostramos o caminho da rua e os expulsamos: antes do final do ano, foi sim; e a luta foi no inicio do Ano Novo, depois da forte nevasca.

— E agora se transformaram em ladrões, e moram fora, escondidos nas florestas além de Archet, e nas terras selvagens ao norte. Eu digo que até parece coisa dos maus tempos de antigamente que as histórias contam. A estrada não é segura e ninguém se afasta muito; as pessoas se fecham cedo em suas casas. Temos de manter vigias ao redor de toda a cerca e colocamos um monte de homens sobre os portões á noite.

— Bem, ninguém nos incomodou — disse Pippin —, e nós viemos devagar, sem manter vigilância. Pensamos ter deixado os problemas para trás.

— Ah, não deixaram mesmo, mestre, e é uma grande lástima — disse Carrapicho. — Mas não me admira que os deixaram em paz. Não atacariam pessoas armadas, com espadas, capacetes, escudos e tudo mais. Pensariam duas vezes, sem dúvida. E devo dizer que fiquei um pouco surpreso quando os vi.

Os hobbits então perceberam de repente que as pessoas os tinham olhado assustadas não tanto pela surpresa de sua volta, mas pelas estranhas vestes que usavam. Eles mesmos tinham-se acostumado tanto à guerra e a cavalgarem em comitivas bem ordenadas que se tinham esquecido de que a malha brilhante aparecendo por baixo de suas capas, os capacetes de Gondor e da Terra dos Cavaleiros, e as belas insígnias em seus escudos pareceriam esquisitas em sua própria terra.

O mesmo valia para Gandalf, que agora cavalgava em seu altivo cavalo cinzento, todo vestido de branco com um grande manto azul e prateado cobrindo o corpo, trazendo consigo a longa espada Glamdring.

Gandalf riu. — Bem, bem — disse ele —; se eles têm medo de apenas cinco de nós, então encontramos inimigos piores em nossas viagens. Mas de qualquer modo vão deixá-los em paz durante a noite, enquanto ficarmos aqui.

— E por quanto tempo ficarão? — perguntou Carrapicho. — Não vou negar que ficaríamos felizes em tê-los aqui por um tempo. Você pode entender, não estamos acostumados a esse tipo de problema, e os guardiões foram todos embora, pelo que me dizem. Acho que só agora entendemos direito o que eles faziam por nós. Pois houve coisa pior que ladrões por aqui. Lobos ficaram uivando ao redor das cercas no inverno passado. E há vultos escuros nas florestas, seres terríveis que fazem o sangue congelar só de se pensar neles. Foi tudo muito perturbador, se vocês me entendem.

— Acho que foi — disse Gandalf. -Houve perturbação em toda parte ultimamente, muita perturbação. Mas alegre-se, Cevado! Você esteve à beira de problemas muito sérios, e fico feliz em saber que não se envolveu mais neles. Mas tempos melhores estão chegando. Talvez melhores do que qualquer tempo que você possa recordar. Os guardiões retornaram. Voltamos com eles. E há um rei de novo, Cevado. Logo ele estará pensando neste lugar.

— Então o Caminho Verde se abrirá de novo, e os mensageiros dele virão para o norte, e haverá idas e vindas, e os seres malignos serão expulsos das terras ermas. Na verdade, com o tempo não haverá mais terras ermas, e haverá gente e campo onde antes só havia desertos.

O Sr. Carrapicho balançou a cabeça.

— Se houver algumas pessoas decentes e respeitáveis na estrada, isso não trará mal algum — disse ele. — Mas não queremos mais gentalha e rufiões. Não queremos forasteiros em Bri, e nem perto de Bri. Queremos ficar em paz. Não quero uma multidão de forasteiros acampando aqui e se acomodando ali e rasgando a terra virgem.

— Vocês vão ficar em paz, Cevado — disse Gandalf. — Há espaço suficiente para vários reinos entre o Isen e o rio Cinzento, ou ao longo da margem sul do Brandevin, sem que ninguém precise morar num raio de muitos dias de cavalgada de Bri. E muita gente costumava morar lá no norte, a cem milhas ou mais daqui, na outra extremidade do Caminho Verde: nas Colinas Norte, ou junto ao lago Vesperturvo.

— Lá em cima, perto do Fosso dos Mortos? — perguntou Carrapicho, cada vez mais incrédulo. — Dizem que aquele lugar é assombrado. Só um ladrão iria para lá.

— Os guardiões vão lá — disse Gandalf. — Fosso dos Mortos, você diz. Assim foi chamado por muitos anos; mas o nome verdadeiro, Cevado, é Fornost Brain, Cidadela do Norte dos Reis. E o rei irá até lá algum dia, e então vocês verão belas pessoas passando por aqui.

— Bem, isso soa melhor, devo admitir — disse Carrapicho. — E será bom para os negócios, sem dúvida. Contanto que ele deixe Bri em paz.

— Ele vai deixar sim — disse Gandalf. — O rei conhece Bri, e ama este lugar.

— Ele conhece mesmo? — disse Carrapicho com uma expressão intrigada. — Embora não tenha certeza, não vejo por que ele deveria conhecer, sentado em seu trono em seu grande castelo, a centenas de milhas de distância. E bebendo vinho numa taça de ouro, não me espantaria. Que significa O Pônei para ele, ou canecas de cerveja? Não que a minha cerveja não seja boa, Gandalf Tem sido de rara qualidade desde que você veio,

no outono do ano passado, e disse uma palavra boa sobre ela. E isso tem sido um consolo em meio a tantos problemas, devo admitir.

— Ah! — disse Sam. — Mas ele diz que a sua cerveja sempre foi boa.

— Ele diz?

— Claro que diz. Ele é Passolargo. O chefe dos guardiões. Isso ainda não entrou em sua cabeça?

Entrou finalmente, e o rosto de Carrapicho transformou-se em espanto puro. Os olhos no seu rosto largo ficaram redondos, e sua boca escancarada.

— Passolargo! — exclamou ele, quando recuperou o fôlego. — Ele de corôa e tudo mais com uma taça de ouro! Pois bem, aonde vamos chegar?

— A tempos melhores, para Bri de qualquer modo — disse Gandalf

— Espero que sim, com certeza — disse Carrapicho. — Bem, esta foi a melhor conversa que tive em muito e muito tempo. E não vou negar que vou dormir mais tranquilo esta noite, com o coração mais leve. Vocês me deram muita coisa em que pensar, mas vou deixar isso para amanhã. Vou dormir, e não tenho dúvida de que vocês ficarão felizes em fazer o mesmo. Ei, Nob! — chamou ele, indo até a porta. — Nob, seu lesma!

— Agora! — disse ele consigo mesmo, batendo na testa. — Agora, de que isso me faz lembrar?

— Não de outra carta que o senhor esqueceu, Sr. Carrapicho, espero eu disse Merry.

— Ora, ora, Sr. Brandebuque, não fique me fazendo lembrar disso! Mas olhe só, o senhor interrompeu meu pensamento. Onde eu estava? Nob, estábulos, ah!, é isso. Tenho uma coisa que pertence a vocês. Lembram-se de Bill Samambaia, e do roubo dos cavalos? O pônei que vocês compraram dele, bem, ele está aqui. Voltou por conta própria. Mas onde esteve sabem melhor que eu. Estava desgrenhado como um cachorro velho e magro como um varal de roupa, mas estava vivo. Nob cuidou dele.

— O quê? O meu Bill? — gritou Sam. — Bem, eu nasci com sorte, não importa o que o meu Feitor tenha a dizer. Mais um desejo que se torna realidade! Onde está ele? — Sam recusou-se a ir dormir antes de visitar Bill em seu estábulo.

Os viajantes ficaram em Bri durante todo o dia seguinte, e o Sr. Carrapicho não pôde reclamar de seu negócio, pelo menos naquela noite. A curiosidade superou todos os temores, e sua casa ficou lotada. De noite, por delicadeza, os hobbits ficaram um tempo na sala de estar, e responderam a muitas perguntas. Como as memórias de Bri eram

boas, perguntaram muitas vezes a Frodo se ele havia escrito seu livro.

— Ainda não — respondia ele. — Estou indo para casa agora, para colocar minhas anotações em ordem. — Prometeu escrever sobre os estranhos eventos de Bri, e dessa forma dar um pouco de interesse a um livro que parecia destinado a tratar principalmente dos remotos e secundários assuntos "lá do sul".

Então um dos mais novos pediu uma canção. Mas fez-se um silêncio de morte, e ele se encolheu sob olhares de censura, e o pedido não se repetiu. Evidentemente não se desejava qualquer incidente estranho na sala de estar outra vez.

Nenhum problema de dia, nem qualquer som durante a noite, incomodaram a paz de Bri enquanto os viajantes permaneceram lá; mas na manhã seguinte eles se levantaram cedo, pois o tempo ainda estava chuvoso e eles desejavam chegar ao Condado antes do cair da noite, e a cavalgada era longa. Toda a gente de Bri saiu às portas para vê-los partir, e sentiam uma alegria que havia mais de um ano não provavam; aqueles que não tinham visto antes os forasteiros com toda a sua indumentária ficaram boquiabertos à presença deles: diante de Gandalf com sua barba branca, e da luz que parecia emanar dele, como se seu manto azul fosse apenas uma nuvem cobrindo a luz do sol; e diante dos quatro hobbits, que pareciam cavaleiros errantes saídos de histórias quase esquecidas. Mesmo aqueles que tinham rido da conversa sobre o Rei começaram a achar que poderia haver alguma verdade nela.

— Bem, boa sorte em sua estrada, e boa sorte em sua volta para casa! — disse o Sr. Carrapicho. — Deveria tê-los avisado antes de que também lá nem tudo vai bem, se o que ouvimos dizer for verdade. Coisas estranhas acontecendo, dizem por ai. Mas uma coisa puxa a outra, e eu estava cheio de meus próprios problemas. Mas, se me desculpam o atrevimento, vocês voltaram mudados de suas viagens, e agora parecem pessoas que podem lidar com problemas complicados. Não duvido de que logo vão colocar tudo em ordem. Boa sorte para vocês! E quanto mais vezes voltarem, mais eu ficarei satisfeito.

Lhe desejaram boa sorte e partiram, passando pelo Portão Oeste, e avançando na direção do Condado. Bill, o pônei, foi com eles, e como antes carregando um monte de bagagens; mas trotava ao lado de Sam e parecia todo contente.

— Pergunto-me o que o velho Cevado estava querendo insinuar — disse Frodo.

— Posso adivinhar alguma coisa — disse Sam num tom tristonho. — O que eu vi no Espelho: árvores cortadas e tudo mais, e meu velho feitor expulso da Rua. Deveria ter apressado minha volta para casa.

— É alguma coisa está errada com a Quarta Sul, evidentemente — disse Merry. — Há uma escassez geral de erva-de-fumo.

— O que quer que seja — disse Pippin —, Lotho deve estar por trás disso: podem ter certeza.

— Por trás, mas não no comando — disse Gandalf. — Vocês se esqueceram de Saruman. Ele começou a se interessar pelo Condado antes que Mordor o fizesse.

— Bem, temos você conosco — disse Merry. — Assim tudo será logo esclarecido.

— Estou com vocês agora — disse Gandalf—, mas logo não estarei. Não vou até o Condado. Vocês mesmos devem cuidar dos problemas de lá, foi para isso que foram treinados. Ainda não entenderam? Meu tempo acabou: deixou de ser a minha tarefa colocar as coisas em ordem, ou ajudar as pessoas a fazerem isso. E quanto a vocês, meus caros amigos, não precisarão de ajuda. Agora estão crescidos. Na verdade cresceram muito, e estão entre os grandes, e agora deixei de temer por qualquer um de voces.

— Mas, se querem saber, vou tomar outro rumo logo. Vou ter uma longa conversa com Bombadil: uma conversa que nunca tive em todo o meu tempo. Ele é um criador de limo, e eu tenho sido uma pedra fadada a rolar. Mas meus dias de rolar estão terminando, e agora teremos muito a dizer um ao outro.

— Bem como sempre, pode ter certeza — disse Gandalf. — Bastante despreocupado. eu diria, não muito interessado em qualquer coisa que fizemos ou vimos, a não ser talvez em nossas visitas aos ents. Talvez mais tarde haja tempo para irem visitá-lo. Mas, se eu fosse vocês, iria depressa para casa, ou não chegarão à Ponte do Brandevin antes que os portões se fechem.

— Mas não há nenhum portão — disse Merry. — Não na Estrada; você sabe muito bem disso. É claro que existe o Portão da Terra dos Buques, mas eles me deixarão entrar a qualquer hora.

— Não havia nenhum portão, você quer dizer — disse Gandalf. — Acho que agora vocês vão encontrar alguns. E podem ter mais problemas do que esperam, até mesmo no Portão da Terra dos Buques. Mas vão se sair bem. Adeus, caros amigos! Não pela última vez, ainda não. Adeus!

Guiou Scadufax para fora da estrada, e o grande cavalo saltou sobre o fosso verde que a margeava; então, a um grito de Gandalf, ele partiu, correndo na direção das Colinas dos Túmulos como o vento que vem do norte.

— Bem, aqui estamos, apenas os quatro que partimos juntos — disse Merry. — Deixamos os outros para trás, um a um. Parece quase um sonho que foi se desmanchando devagar.

— Não para mim — disse Frodo. — Para mim é como adormecer de novo.

Em pouco tempo chegaram ao ponto da Estrada Leste onde se haviam despedido de Bombadil, e tinham esperanças e quase uma certeza de vê-lo outra vez ali parado, esperando para cumprimentá-los quando passassem. Mas não se via sinal dele, e havia uma névoa cinzenta ao sul, encobrindo as Colinas dos Túmulos, e um véu espesso por sobre a Floresta Velha lá adiante.

Pararam e Frodo olhou para o sul pensativo.

— Gostaria muito de rever o velho camarada — disse ele. — Como será que está passando?

## CAPÍTULO VIII
## O EXPURGO DO CONDADO

A noite já caíra quando, molhados e exaustos, os viajantes finalmente atingiram o Brandevin, encontrando o caminho bloqueado. Em cada extremidade da Ponte havia um grande portão cheio de pontas; do outro lado do rio via-se que algumas novas casas haviam sido construídas: com dois andares e janelas retas e estreitas, sem adornos e mal iluminadas, tudo muito sombrio e nada parecido com o Condado.

Bateram com força no portão externo e chamaram, mas no início não houve resposta; depois, para a surpresa deles, alguém tocou uma corneta, e as luzes nas janelas se apagaram. Uma voz gritou no escuro:

— Quem é? Fora daqui! Vocês não podem entrar. Não estão lendo a placa: Proibido entrar entre o pôr-do-sol e a aurora?

— É claro que não estamos lendo placa alguma no escuro — gritou Sam em resposta. — E, se hobbits do Condado devem ficar de fora na chuva numa noite destas, vou derrubar sua placa assim que a encontrar.

Então uma janela bateu, e uma multidão de hobbits com lamparinas irrompeu da casa á esquerda. Abriram o portão do lado oposto, e alguns vieram atravessando a ponte.

Ao verem os viajantes, ficaram amedrontados.

— Venha cá! — disse Merry, reconhecendo um dos hobbits. — Se você não me conhece, Hob Guarda-cerca, deveria conhecer. Sou Merry Brandebuque, e gostaria de saber o que está acontecendo, e o que um habitante da Terra dos Buques como você está fazendo aqui. Você costumava ficar no Portão da Sebe!

— Céus! É o Sr. Merry, com certeza, e todo vestido para um combate! — disse o velho Hob. — Ora, disseram que estava morto! Perdido na Floresta Velha, de acordo com a opinião geral. Fico feliz em vê-lo vivo, afinal de contas!

— Então pare de me olhar através das barras com esse jeito embasbacado e abra o portão! — disse Merry.

— Lamento, Sr. Merry, mas são as ordens.

— Ordens de quem?

— Do Chefe, lá em cima em Bolsão.

— Chefe? Chefe? Quer dizer o Sr. Lotho? — perguntou Frodo.

— Acho que sim, Sr. Bolseiro; mas atualmente só podemos dizer "O Chefe".

— É mesmo? — disse Frodo. — Bem, pelo menos me alegro por ele ter abandonado o sobrenome "Bolseiro". Mas evidentemente já era hora de a família cuidar dele e colocá-lo em seu devido lugar.

Um silêncio tomou conta dos hobbits do outro lado do portão. — Não é nada bom falar desse jeito — disse um deles.

— Ele vai ficar sabendo disso. E, se fizerem tanto barulho assim, vão acabar acordando o Grande Homem do Chefe.

— Vamos acordá-lo de uma forma que irá surpreendê-lo – disse Merry. Se você está querendo dizer que o seu precioso Chefe andou contratando rufiões das terras ermas, então já era tempo de termos voltado. — Saltou do pônei e, lendo a placa na luz das lamparinas, arrancou-a e a jogou por sobre o portão. Os hobbits recuaram, sem fazer menção de abrir. — Vamos, Pippin! — disse Merry. — Bastam dois de nós.

Merry e Pippin treparam no portão, e os hobbits fugiram correndo. Uma outra corneta soou. Da casa maior à direita, um vulto grande e imponente apareceu contra a luz que vinha da porta.

— O que está acontecendo? — rosnou ele vindo para fora. — Arrombamento de portão? Sumam daqui, ou vou torcer seus pescocinhos nojentos! — Então ele parou, pois percebeu o brilho de espadas.

— Bill Samambaia! — disse Merry —, se você não abrir esse portão em dez

segundos, vai se arrepender. — Vou consertar você a ferro, se não obedecer. E, depois de abrir os portões, você vai passar por eles para nunca mais voltar. Você é um rufião, um ladrão de estrada. Bill Samambaia hesitou e depois arrastou-se até o portão para destrancá-lo. — Dê-me a chave! — disse Merry. Mas o rufião atirou-a contra a cabeça do hobbit e correu para a escuridão. Quando passou pelos pôneis, um deles desferiu-lhe um coice, atingindo-o em plena corrida. Bill sumiu gritando dentro da noite, e nunca mais se ouviu falar dele.

— Bom trabalho, Bill — disse Sam, dirigindo-se ao pônei.

— É o fim de seu Grande Homem — disse Merry. — Mais tarde cuidaremos do Chefe. Enquanto isso, queremos pouso para a noite, e, como parece que vocês derrubaram a Estalagem da Ponte e construíram essa coisa feia no lugar, vão ter de nos acomodar.

— Lamento, Sr. Merry — disse Hob —, mas isso não é permitido.

— Não é permitido o quê?

— Acolher pessoas de improviso, e consumir mais comida que o permitido, e tudo isso — disse Hob.

— Qual é o problema aqui? — disse Merry. — O ano foi ruim, ou qualquer coisa do tipo? Pensei que tinha sido um bom verão, com uma colheita farta.

— Bem, não, o ano foi bastante bom — disse Hob. — Produzimos um monte de alimentos, mas não sabemos exatamente o que é feito deles. Acho que são todos esses "coletores" e "distribuidores", andando por aí contando e medindo e levando para estocar. Mais coletam do que distribuem, e a maior parte dos alimentos não aparece nunca mais.

— Tenham dó! — disse Pippin bocejando. — Isso tudo é enfadonho demais para mim esta noite. Temos comida em nossas mochilas. É só nos darem um quarto em que possamos descansar. Será bem melhor do que muitos lugares que já vi.

Os hobbits no portão ainda pareciam constrangidos; com certeza uma ou outra regra havia sido quebrada; mas não havia como discutir com quatro viajantes tão imponentes, totalmente armados, ainda por cima sendo dois deles tão extraordinariamente grandes e fortes. Frodo ordenou que fechassem os portões outra vez. De qualquer forma parecia sensato manter vigilância, enquanto os rufiões estivessem à solta. Então os quatro companheiros entraram na guarita dos hobbits e se acomodaram como puderam. Era um lugar vazio e feio, com uma lareira pequena e pobre, que não dava bom fogo. Nos cômodos superiores havia pequenas fileiras de camas duras, e em cada parede via-se um quadro com uma lista de Regras. Pippin arrancou-os todos. Não

havia cerveja e a comida era escassa, mas, com a que os viajantes trouxeram e partilharam, todos fizeram uma bela refeição; Pippin quebrou a Regra 4, colocando no fogo a maior parte da quota de lenha reservada para o dia seguinte.

— Bem, e agora, que tal um cachimbo, enquanto vocês nos contam o que tem acontecido aqui no Condado? — disse ele.

— Atualmente não temos erva-de-fumo — disse Hob —; ou pelo menos há só para os homens do Chefe. Parece que todo o estoque foi embora. Ouvimos dizer que carroças carregadas de fumo saídas da Quarta Sul passaram descendo a estrada velha, atravessando o caminho do Vau Sam. Isso teria sido no final do ano passado, depois que vocês partiram. Mas antes houve carregamentos partindo em segredo, em quantidades menores. Aquele Lotho...

— Cale essa boca, Hob Guarda-cerca! — gritaram vários dos outros. — Você sabe que esse tipo de conversa não é permitido. O Chefe vai ficar sabendo, e todos nós estaremos numa enrascada.

— Ele não ficaria sabendo de nada, se alguns de vocês não fossem delatores — retorquiu Hob enfurecido.

— Tudo bem, tudo bem! — disse Sam. — Já basta. Não quero ouvir mais nada. Sem boas-vindas, sem cerveja, sem fumo, e ao invés disso um monte de regras e conversa de orc. Esperava poder descansar, mas estou vendo que há muito trabalho e muito problema à frente. Vamos dormir e esquecer tudo até amanhã.

O novo "Chefe" evidentemente tinha meios de conseguir noticias. Da Ponte até Bolsão eram bem umas quarenta milhas, mas alguém fez a viagem correndo. E logo Frodo e seus amigos ficaram sabendo disso.

Eles não tinham nenhum plano definido, mas haviam pensado vagamente em prímeiro deçcer até Criconcavo, para descançarem um pouco por lá. Mas agora, vendo como estavam as coisas, decidiram ir direto para a Vila dos Hobbits. Assim, no dia seguinte, partiram pela Estrada e avançaram depressa, quase sem paradas.

O vento diminuíra e o céu estava cinzento. O lugar parecia bastante triste e abandonado, mas afinal de contas era primeiro de novembro, o último suspiro do outono.

Mesmo assim, parecia haver uma quantidade incomum de queimadas, e desprendia-se fumaça de vários pontos ao redor do caminho. Formava-se uma grande nuvem que subia lá longe na direção da Ponta do Bosque.

Quando caiu a noite, eles estavam próximos de Sapântano, uma aldeia à margem direita da Estrada, a cerca de vinte e duas milhas da Ponte. Ali pretendiam

passar a noite; O Tronco Flutuante de Sapântano era uma boa estalagem. Mas, quando atingiram a extremidade leste da aldeia, encontraram uma barreira com uma enorme placa dizendo ESTRADA BLOQUEADA, e atrás dela se via um grande bando de Condestáveis com bastões nas mãos e penas nos chapéus, de aparência ao mesmo tempo arrogante e meio amedrontada.

— Que significa tudo isso? — disse Frodo, sentindo-se inclinado a rir.

— É isso mesmo, Sr. Bolseiro — disse o chefe dos Condestáveis, um hobbit de duas penas —, vocês estão presos por Arrombamento de Portão, por Destruição dos Quadros de Regras e por Ataque aos Guardas do Portão, e por Invasão, e por Dormir nos Prédios do Condado sem Permissão, e por Suborno de Guardas por Meio de Comida.

— E o que mais? — perguntou Frodo.

— Isso já basta por enquanto — disse o Chefe dos Condestáveis.

— Posso acrescentar mais algumas infrações, se quiserem — disse Sam.

— Xingamento de seu Chefe, Desejo de Esbofetear sua Cara Espinhenta, e Achar que Vocês Condestáveis são uns Bobalhões.

— Calma agora, Senhor, já basta. São ordens do Chefe que vocês nos acompanhem em silêncio. Vamos levá-los até Beirágua e entregá-los aos Homens do Chefe; e, quando ele estiver cuidando do seu caso, terão oportunidade de falar. Mas, se eu fosse vocês, falaria o mínimo possível, a menos que queiram ficar nos Tocadeados mais que o necessário.

Para o desapontamento dos Condestáveis, Frodo e todos os seus companheiros explodiram em riso.

— Não seja absurdo! — disse Frodo. — Eu vou aonde quiser, e quando bem quiser. Por acaso estou indo para Bolsão a negócios, mas, se vocês insistem em ir também, isso é da sua conta.

— Muito bem, Sr. Bolseiro — disse o líder, empurrando de lado a barreira. — Mas não se esqueça de que os prendi.

— Não vou me esquecer — disse Frodo. — Nunca. Mas posso perdoá-los. Contudo, não vou viajar mais hoje e, se vocês gentilmente me escoltarem até O Tronco Flutuante, ficarei agradecido.

— Não posso fazer isso, Sr. Bolseiro. A estalagem está fechada. Há uma casa de Condestáveis do outro lado da aldeia.

— Está bem — disse Frodo. — Vá na frente.

Sam estivera examinando todos os Condestáveis, e encontrou um seu conhecido

entre eles.

— Ei, venha cá, Robin Covapequena! — chamou ele. — Quero trocar umas palavras com você.

Lançando um olhar humilde para o líder, que parecia irado mas não ousou interferir, o Condestável Covapequena atrasou o passo e aproximou-se de Sam, que desceu de seu pônei.

— Olhe aqui, Robin, seu Galinho! — disse Sam. — Você cresceu na Vila dos Hobbits, e deveria ter mais juízo, em vez de ficar tocaiando o Sr. Frodo e tudo mais. E o que significa isso de a estalagem estar fechada?

— Estão todas fechadas — disse Robin. — O Chefe não tolera cerveja. Pelo menos foi assim que tudo começou. Mas agora calculo que são os Homens dele que ficam com toda a cerveja. E ele também não tolera pessoas indo de um lado para o outro. Nesse caso, se elas quiserem ou precisarem, têm de ir até a casa dos Condestáveis para se explicar.

— Você deveria ter vergonha de estar metido num absurdo destes — disse Sam. — Você mesmo costumava gostar do interior de uma estalagem mais que do seu exterior. Você sempre dava uma passadinha por lá, mesmo quando estava trabalhando.

— E ainda continuaria fazendo a mesma coisa, se pudesse. Mas não seja duro comigo. O que posso fazer? Você sabe o motivo de eu ter-me transformado num Condestável há sete anos, antes que tudo isto começasse. Isso me permitia passear pelo lugar, e conhecer pessoas, e ouvir notícias, além de saber onde estava a boa cerveja. Mas agora é diferente.

— Mas você pode desistir. Deixe de ser Condestável, se o trabalho já não merece respeito — disse Sam.

— Não nos é permitido — disse Robin.

— Se eu ouvir não é permitido com mais frequência, vou ficar com raiva.

— Não posso dizer que lamentaria ver a cena — disse Robin, abaixando a voz. — Se todos nós ficássemos com raiva juntos, alguma coisa se poderia fazer. Mas são estes Homens, Sam, os Homens do Chefe. Ele os manda para todos os lugares, e, se algum de nós pequenos se levanta e exige nossos direitos, eles o arrastam para os Tocadeados. Levaram primeiro o velho Bolão e o Prefeito Will Pealvo, e depois levaram muitos mais. Ultimamente a situação está pior. Agora frequentemente nos espancam.

— Então por que vocês executam o trabalho no lugar deles? — disse Sam com raiva. — Quem os mandou para Sapântano?

— Ninguém mandou. Ficamos aqui na grande casa dos Condestáveis. Agora formamos a Primeira Tropa da Quarta Leste. Ao todo há centenas de Condestáveis, e eles querem mais, com todas essas novas regras. A maioria está contra a vontade, mas não todos. Ate mesmo no Condado há alguns que gostam de se meter na vida dos outros, e de falar arrotando importância. E tem coisa pior: alguns espionam para o Chefe e seus Homens.

— Ah! Então foi assim que vocês ficaram sabendo a nosso respeito, é?

— Isso mesmo. Agora não nos permitem enviar noticias pelo velho serviço de Postagem Rápida, mas eles o usam, e mantêm mensageiros especiais em pontos diferentes. Um deles veio de Fosso Branco ontem à noite com uma "mensagem secreta", e um outro a levou daqui. E chegou uma mensagem em resposta esta tarde, dizendo que vocês deviam ser presos e levados para Beirágua, e não direto para os Tocadeados. Está claro que o Chefe quer vê-los imediatamente.

— Não estará tão ansioso depois que o Sr. Frodo tiver acabado com ele — disse Sam.

A casa dos Condestáveis em Sapântano era ruim como a casa da Ponte. Era térrea, mas tinha as mesmas janelas estreitas, e fora construída com horríveis tijolos claros, muito mal assentados. O interior era úmido e melancólico, e a ceia foi servida numa mesa comprida e sem toalha que não era esfregada havia semanas. A comida não merecia aparato melhor. Os viajantes ficaram satisfeitos em deixar o lugar. Eram cerca de dezoito milhas até Beirágua, e eles partiram às dez horas da manhã.

Teriam partido antes, se não fosse tão visível a irritação do líder diante do atraso. O vento oeste virara para o norte, e agora estava ficando mais frio, mas a chuva se fora.

Estava bem cômica a cavalgada que partiu da aldeia, embora as poucas pessoas que saíram para observar as "fantasias" dos viajantes não parecessem bem certas de que o riso era permitido. Uma dúzia de Condestáveis foram designados para a escolta dos "prisioneiros", mas Merry fez com que fossem marchando à frente, enquanto Frodo e seus amigos cavalgavam atrás. Merry, Pippin e Sam iam tranquilos, rindo, conversando e cantando. enquanto os Condestáveis iam pisando duro, tentando parecer severos e importantes. Frodo, entretanto, ficou em silêncio, parecendo bastante triste e pensativo.

A última pessoa pela qual passaram foi um velhinho corpulento que aparava uma cerca-viva.

— Ei, ei — zombou ele. — Quem prendeu quem?

Dois dos Condestáveis imediatamente deixaram a comitiva e foram na direção

dele.

— Líder! — disse Merry. — Mande seus rapazes de volta aos seus lugares imediatamente, se não quiser que eu cuide deles!

Os dois hobbits, a uma palavra ríspida do líder, voltaram cabisbaixos.

— Agora avancem — disse Merry, e depois disso os viajantes cuidaram para manter os pôneis num passo rápido, obrigando os Condestáveis a avançarem na maior velocidade que podiam. O sol apareceu, e, apesar do vento frio, eles logo começaram a bufar e suar. A altura da Pedra das Três Quartas, eles desistiram. Tinham percorrido quase catorze milhas com apenas uma parada ao meio-dia. Já eram três da tarde. Os Condestáveis estavam famintos, com os pés inchados, e não aguentavam mais aquele ritmo.

— Bem, sigam-nos no seu próprio passo! — disse Merry. — Nós vamos avançar.

— Até à vista, Galinho! — disse Sam. — Vou esperá-lo do lado de fora do Dragão Verde, se você não esqueceu onde fica a estalagem. Não fique perdendo tempo pelo caminho!

— Vocês estão infringindo a ordem de prisão, é isso que estão fazendo — disse o líder numa voz pesarosa — e eu não posso ser responsável por isto.

— Ainda vamos infringir muitas ordens, e não estamos pedindo que se responsabilize — disse Pippin. — Boa sorte a todos!

Os viajantes avançaram trotando, e, quando o sol começou a descer na direção das Colinas Brancas, lá longe no horizonte ocidental, eles chegaram a Beirágua, pelo caminho do amplo lago, e foi ali que tiveram o primeiro choque realmente doloroso. Esta era a terra de Sam e Frodo, e os dois agora percebiam que se preocupavam mais com ela do que com qualquer outro lugar do mundo. Muitas das casas que conheciam estavam faltando. Algumas pareciam ter sido incendiadas. As belas e antigas tocas de hobbits enfileiradas na margem do lado norte do Lago estavam abandonadas, e seus pequenos jardins, que costumavam descer verdejantes até a beira da água, estavam cheios de mato. Pior ainda, havia toda uma fileira das casas novas e feias, ao longo de toda a Beira do Lago, onde a Estrada da Vila dos Hobbits passava próxima à margem. Antes houvera uma avenida de árvores naquele ponto.

Agora não restava uma sequer. E, olhando frustrados estrada acima, na direção de Bolsão, eles viram a distância uma alta chaminé feita de tijolos. Derramava fumaça preta no ar da noite.

Sam ficou fora de si.

— Estou indo direto para lá, Sr. Frodo! — gritou ele. — Vou ver o que está acontecendo. Quero encontrar meu velho.

— Primeiro precisamos saber em que estamos nos metendo, Sam — disse Merry. — Calculo que o "Chefe" deve ter uma gangue de rufiões a postos. É melhor encontrarmos alguém que nos conte como estão as coisas por aqui.

Mas na aldeia de Beirágua todas as casas e tocas estavam fechadas, e ninguém os cumprimentou. Surpreenderam-se com isso, mas logo descobriram o motivo. Quando chegaram ao Dragão Verde, a última casa da Vila dos Hobbits, agora sem vida e com as janelas quebradas, ficaram perturbados ao verem meia dúzia de homens grandes e mal encarados, descansando contra a parede da estalagem; eram vesgos e amarelentos.

— Como aquele amigo de Bill Samambaia em Bri — disse Sam.

— Como muitos que vi em Isengard, murmurou Merry.

Os rufiões seguravam bastões nas mãos e traziam cornetas presas aos cintos, mas não portavam qualquer outro tipo de arma, pelo que se podia ver. A medida que os viajantes foram subindo, eles deixaram a parede vindo na direção da estrada, bloqueando o caminho.

— Aonde pensam que vão? — disse um deles, o maior e de aparência mais maligna. — Não há mais estrada para vocês. E onde estão aqueles inúteis Condestáveis?

— Estão vindo devagar disse Merry. — Com os pés um pouco inchados, talvez. Prometemos esperá-los aqui.

— Droga!, que foi que eu disse? — disse o rufião para os companheiros. — Eu disse ao Charcote que não adiantava confiar naqueles pequenos idiotas. Devíamos ter mandado alguns de nossos rapazes.

— E que diferença teria feito? — disse Merry. Não estamos acostumados a salteadores por estas bandas, mas sabemos como lidar com eles.

— Salteadores, é? — disse o homem. Então esse é o seu tom? É melhor mudá-lo, ou nós o mudaremos por você. Vocês pequenos estão ficando muito petulantes. Não confiem demais na bondade do Patrão. Agora Charcote chegou, e ele fará o que Charcote mandar.

— E quais serão as ordens dele? disse Frodo calmamente.

— Esta região precisa despertar e pôr as coisas no lugar — disse o rufião e Charcote vai se encarregar disso; e vai ser duro, se for obrigado. Vocês precisam de um Patrão mais forte. E terão um antes do fim do ano, se houver mais algum problema. Então vão aprender algumas coisas, seus pequenos ratos.

— De fato, fico feliz em saber de seus planos disse Frodo. — Estou indo visitar o Sr. Lotho, e talvez ele também se interesse em tomar conhecimento deles.

O rufião riu.

— Lotho! Ele sabe de tudo. Não se preocupe. Ele fará o que Charcote mandar. Porque, se um Patrão causa problema, podemos substitui-lo, entendeu? E, se pessoas pequenas tentam se meter onde não são desejadas, podemos afastá-las de qualquer confusão, entendeu?

— Entendi sim — disse Frodo. — Em primeiro lugar, percebo que vocês estão atrasados no tempo, e não sabem das novidades por aqui. Muita coisa aconteceu desde que vocês partiram do sul. Seu tempo acabou, como também o tempo de todos os outros rufiões. A Torre Escura caiu, e agora há um Rei em Gondor. E Isengard foi destruída, e o seu precioso mestre é um mendigo no deserto. Passei por ele na estrada. Agora os mensageiros do Rei é que virão subindo pelo Caminho Verde, e não os valentões de Isengard.

O homem o fitou e sorriu. Um mendigo no deserto! zombou ele. — É mesmo? Continyue a se gabar, continnue meu pavãozinho. Mas isso não vai nos impedir de viver nesta terrinha farta, onde vocês já tiveram vida mansa por tempo suficiente. E — disse ele com um gesto de desprezo para Frodo — aqui para os mensageiros do Rei! Quando deparar com um, talvez perceba a presença dele.

Aquilo foi demais para Pippin. Seus pensamentos voltaram ao Campo de Cormallen, e ali estava um vagabundo vesgo chamando o Portador do Anel de "pavãozinho".

Jogou para trás a capa, ergueu sua espada num lampejo, e as cores da prata e do sable de Gondor reluziram nele quando avançou.

— Eu sou um mensageiro do Rei — disse ele. — Você está falando com o amigo do Rei, e um dos mais renomados em todas as terras do oeste. Você é um rufião idiota. Ajoelhe-se aqui na estrada e peça perdão, ou enfio esta assassina de troll em você!

A espada reluziu ao sol poente. Merry e Sam também puxaram suas espadas e se aproximaram para ajudar Pippin, mas Frodo não se mexeu. Os rufiões recuaram.

O trabalho deles era assustar os camponeses de Bri e intimidar hobbíts confusos. Hobbits destemidos com espadas brilhantes e rostos severos eram uma grande surpresa.

E havia um tom nas vozes dos recém chegados que eles nunca tinham ouvido antes, e que os fez gelar de medo.

— Fora daqui! — disse Merry. E, se perturbarem esta aldeia de novo, vão se

arrepender. — Os três hobbits avançaram, e então os rufiões se viraram e correram, fugindo pela Estrada da Vila dos Hobbits; mas não deixaram de tocar as cornetas enquanto corriam.

— Bem, acho que nosso retorno não foi nem um pouco precoce disse Merry.

— Nem um dia. Talvez seja tarde demais, pelo menos para salvar Lotho — disse Frodo. — Tolo miserável, mas lamento por ele.

— Salvar Lotho? O que está querendo dizer? — disse Pippin. — Eu diria destruí-lo.

— Acho que você não está entendendo o que se passa, Pippin — disse Frodo. — Lotho nunca quis que as coisas chegassem a este ponto. Sempre foi um idiota malvado, mas agora foi pego. Os rufiões estão por cima, recolhendo, roubando, ameaçando, manipulando ou destruindo as coisas como bem desejam, em nome dele. E nem sequer em nome dele por muito mais tempo. Agora ele é um prisioneiro em Bolsão, eu acho, e deve estar bem amedrontado. Devemos tentar resgatá-lo.

— Bem, estou abismado! — disse Pippin. — De todos os finais para nossa viagem, este é o último que eu imaginaria: lutar com semi-orcs e rufiões no próprio Condado... para resgatar Lotho Pústula!

— Lutar? disse Frodo. — Bem, pode ser que cheguemos a isso. Mas lembrem-se: não deve haver matança de hobbits, nem mesmo se eles passarem para o outro lado. Quero dizer os que passarem realmente, e não os que estão apenas obedecendo ordens dos rufiões sob ameaça. Jamais um hobbit matou outro de propósito no Condado. E isso não deve começar agora. E ninguém deve ser morto se eu puder evitar. Mantenha a calma e controle as mãos até o último minuto possível.

— Mas, se houver muitos desses rufiões — disse Merry —, com certeza isso vai significar luta. Você não vai resgatar Lotho, ou o Condado, apenas ficando chocado e triste, meu querido Frodo.

— Não — disse Pippin. — Não será tão fácil assustá-los da próxima vez. Eles foram pegos de surpresa. Você ouviu as cornetas soando? Evidentemente há outros rufiões aqui por perto. Ficarão muito mais valentes quando estiverem num grupo maior. Devemos pensar em nos proteger em algum lugar durante a noite. Afinal de contas, somos apenas quatro, mesmo estando armados.

— Tenho uma idéia — disse Sam. — Vamos até a casa do velho Tom Villa, lá no fim da Alameda Sul! Ele sempre foi um sujeito corajoso. E ele tem um monte de rapazes que são todos amigos meus.

— Não! — disse Merry. — Não adianta "nos protegermos". É só isso que as pessoas têm feito, e exatamente o que os rufiões querem. Vão simplesmente nos atacar em grupo, nos encurralar, e então nos expulsar, ou nos queimar lá dentro. Não, precisamos fazer alguma coisa imediatamente.

— Fazer o quê? — disse Pippin.

— Sublevar o Condado! — disse Merry. — Agora! Acordar nosso povo! Eles odeiam tudo isso, você pode ver: todos eles, com a exceção de um ou dois velhacos, e alguns tolos que querem ser importantes, mas que de modo algum entendem o que realmente está acontecendo. Mas o povo do Condado tem estado tão acomodado há tanto tempo que não sabe o que fazer. Entretanto só precisam de uma fagulha para se incendiarem. Os Homens do Chefe devem saber disso. Vão tentar nos pisotear e nos apagar rápido. Temos muito pouco tempo.

— Sam, você pode dar uma corrida até a fazenda do Villa, se quiser. Ele é a pessoa mais importante por aqui, e a mais corajosa. Vamos! Vou tocar a corneta de Rohan, e fazê-los todos ouvir uma música que nunca ouviram antes.

Voltaram para o centro da aldeia. De lá Sam desviou seu caminho e galopou descendo a ladeira que levava até a propriedade de Villa. Não tinha ido muito longe quando ouviu um toque de corneta súbito e cristalino subindo pelos ares, ecoando longe, sobre colinas e campos. Tão imperioso era aquele chamado que o próprio Sam quase se virou e correu de volta. O pônei recuou e relinchou.

— Vamos, rapaz! Para a frente! — gritou ele. Logo voltaremos.

Depois ele ouviu Merry mudar de tom, e logo subiu o Chamado de corneta da terra dos Bosques, agitando o ar.

— Acordem! Acordem! Faca, Fogo, Fúria! Acordem! Fogo, Fúria! Acordem!

Atrás de si Sam ouviu uma confusão de vozes e um grande estrondo de portas batendo. A sua frente surgiram luzes no crepúsculo; cães latiram, passos se aproximaram correndo. Antes que Sam chegasse ao fim da ladeira, já lá estava o Fazendeiro Villa com três de seus rapazes, o Jovem Tom, Jolly e Nick, correndo na direção dele.

Empunhavam machados e estavam bloqueando o caminho.

— Não! Não é um dos rufiões — Sam ouviu-o dizer. — Pelo tamanho é um hobbit, mas com uma roupa muito esquisita. Ei! — gritou ele. — Quem é você, e o que é todo esse barulho?

— É Sam, Sam Gamgi. Eu voltei.

Villa aproximou-se e olhou em seu rosto à luz do crepúsculo. — Bem! —

exclamou ele. — A voz é a mesma, e o seu rosto não está pior do que era, Sam. Mas eu não o reconheceria na rua, vestido assim. Ao que parece, você andou por terras estrangeiras. Temíamos que estivesse morto.

— Isso eu não estou! — disse Sam. — Nem o Sr. Frodo. Ele está aqui com os seus amigos. E o barulho é por causa disso. Estão sublevando o Condado. Vamos expulsar esses rufiões, e o Chefe deles também. Estamos começando agora.

— Bom, bom! — exclamou Villa. — Finalmente começou! Estou louco por uma confusão desde o começo do ano, mas as pessoas daqui não queriam ajudar. E eu tinha de pensar na mulher e em Rosinha. Esses rufiões não respeitam nada. Mas venham agora, rapazes! Beirágua está se insurgindo. Precisamos participar disso!

— E a Sra. Villa e Rosinha? — disse Sam. — Ainda não é seguro deixá-las sozinhas.

— O meu Nibs está com elas. Você pode ir ajudá-lo, se quiser — disse Villa com um sorriso. Depois correu na direção da aldeia junto com os filhos.

Sam correu para a casa. Ao lado da grande porta redonda, no topo da escada que vinha do largo pátio, estavam a Sra. Villa e Rosinha; Nibs estava na frente delas, agarrando um garfo de feno.

— Sou eu! — gritou Sam trotando no pônei —, Sam Gamgi! Não tente me cutucar, Nibs. De qualquer modo, estou vestindo uma malha metálica.

Desceu do pônei e subiu a escada. Os três o observavam em silêncio.

— Boa noite, Sra. Villa! — disse ele. — Oi, Rosinha!

— Oi, Sam! disse Rosinha. — Por onde esteve? Disseram que estava morto, mas eu estive à sua espera desde a primavera. Você não teve pressa, não é verdade?

— Talvez não — disse Sam envergonhado. Mas agora estou com pressa. Vamos atacar os rufiões, e preciso voltar para junto do Sr. Frodo. Mas pensei em vir para ver como a Sra. Villa está passando. E você também, Rosinha.

— Estamos bem, obrigada — disse a Sra. Villa. — Ou deveríamos estar, se não fosse por esses rufiões ladros.

— Bem, então vá andando! — disse Rosinha. — Se você esteve cuidando do Sr. Frodo todo esse tempo, por que quereria abandoná-lo logo que as coisas ficam perigosas?

Aquilo foi demais para Sam. Ou ele ficava uma semana respondendo, ou não respondia nada. Virou-se e montou no pônei. Mas, no momento em que ia partir, Rosinha desceu correndo a escada.

— Eu acho que você está muito bem, Sam— disse ela. — Agora vá! Mas cuide-se e volte direto para cá assim que tiver resolvido o problema dos rufiões!

Quando Sam retornou, encontrou toda a aldeia agitada. Além de vários rapazes mais jovens, já mais de uma centena de hobbits robustos estavam reunidos, com machados, pesados martelos, longas facas e grossos bastões; além disso, alguns levavam arcos de caça. Muitos outros estavam chegando das fazendas distantes.

Algumas pessoas da aldeia tinham acendido uma grande fogueira, só para deixar a coisa toda mais emocionante, e também porque isso era proibido pelo Chefe.

O fogo queimava forte enquanto se aproximava a noite. Outros, por ordem de Merry, estavam erguendo barreiras através da estrada nas duas extremidades da aldeia.

Quando os Condestáveis atingiram o lado mais baixo, ficaram aturdidos; mas, assim que viram como estavam as coisas, a maioria deles tirou as penas e juntou-se à revolta. Os outros se retiraram furtivamente.

Sam encontrou Frodo e seus amigos perto do fogo, conversando com o velho Tom Villa, enquanto uma multidão admirada de Beirágua se juntava ao redor para observá-los.

— Bem, qual é o próximo passo? — perguntou Villa.

— Não posso dizer até que saiba mais — disse Frodo. — Quantos são esses rufiões?

— Isso é dificil dizer — disse Villa. — Eles andam por aí, indo e vindo. Algumas vezes há cinquenta deles naqueles barracões lá em cima, no caminho da Vila dos Hobbits; mas eles saem e ficam perambulando, roubando ou recolhendo, como eles dizem. Ainda assim, é raro haver menos que vinte em volta do Patrão, como eles o chamam. Ele está em Bolsão, ou estava; mas agora não sai da propriedade. Ninguém o vê, na verdade, há uma ou duas semanas; mas os homens não deixam ninguém chegar perto.

— A Vila dos Hobbits não é o único lugar onde eles ficam, é? — disse Pippin.

— Não, e isso é que é o pior — disse Villa. — Há um bom grupo lá no sul, no Vale Comprido e perto do Vau Sam, ouvi dizer; e mais alguns rondando na Ponta do Bosque; e eles têm barracões em Encruzada. E além disso há os Tocadeados, como os chamam: os velhos túneis de estocagem em Grã Cava, transformados em prisões para aqueles que os enfrentam. Mesmo assim, calculo que não haja mais que trezentos ao todo, e talvez até menos. Podemos dominá-los, se ficarmos juntos.

— Eles têm armas? — perguntou Merry.

— Chicotes, facas e bastões, o suficiente para o trabalho sujo que fazem: é tudo o que exibiram até agora — disse Villa. — Mas arrisco dizer que eles têm outros equipamentos, se for preciso lutar. De qualquer forma, alguns têm arcos. Atingiram um ou dois de nosso pessoal.

— Aí está, Frodo! — disse Merry. — Eu sabia que íamos ter de lutar. Bem, foram eles que começaram a matança.

— Não exatamente — disse Villa. — Pelo menos, não foram eles que começaram a atirar. Os Túks começaram tudo. Compreenda, Sr. Peregrin, o seu pai nunca se entendeu com esse Lotho, desde o inicio: disse que, se alguém ia bancar o chefe a essa altura das coisas, essa pessoa deveria ser o Thain do Condado e não um arrivista qualquer. E, quando Lotho mandou seus homens, não conseguiram fazê-lo mudar de idéia. Os Túks são sortudos, têm aquelas tocas profundas nas Colinas Verdes, os Grandes Smials e tudo mais; e os rufiões não conseguem atacá-los, e eles não permitem a entrada dos rufiões nas terras deles. Quando entram, os Túks os caçam. Atiraram em três por saque e roubo. Depois disso os rufiões ficaram mais cruéis. E montaram uma vigilância cerrada na Terra dos Túks. Ninguém entra ou sai de lá.

— Bom para os Túks! — exclamou Pippin. — Mas alguém vai entrar lá de novo, agora. Estou indo para os Smials. Alguém quer ir comigo para Tuqueburgo?

Pippin partiu acompanhado de meia dúzia de rapazes montados em pôneis.

— Até breve! — gritou ele. — São só catorze milhas mais ou menos, indo pelos campos. Vou trazer-lhes um exército de Túks pela manhã. — Merry fez soar a corneta, enquanto eles iam entrando na noite que se adensava. O povo aplaudia.

— Mesmo assim — disse Frodo a todos que estavam próximos — , eu não quero matança nenhuma, nem mesmo dos rufiões, a não ser que seja necessário para impedir que eles machuquem os hobbits.

— Está certo! — disse Merry. — Mas vamos ter uma visita da gangue da Vila dos Hobbits a qualquer momento, eu acho, eles não estão vindo só para conversar. Vamos tentar lidar com eles sem desordem, mas devemos estar preparados para o pior. E eu tenho um plano.

— Muito bem — disse Frodo. — Você prepara tudo.

Naquela mesma hora alguns hobbits, que tinham sido mandados para a Vila, chegaram correndo. — Eles estão chegando! — disseram eles. — Vinte ou mais. Mas dois desviaram para o oeste através do campo.

— Para Encruzada, sem dúvida disse Villa — a fim de engrossar a gangue. Bem,

são quinze milhas de ida, e mais quinze de volta. Não precisamos nos preocupar com eles por enquanto.

Merry apressou-se dando ordens. Villa evacuou a rua, mandando todos para dentro de casa, com exceção dos hobbits mais velhos que tinham armas de algum tipo.

Não precisaram esperar muito. Logo já ouviam vozes gritando, e depois a batida de pés pesados no chão. De repente um esquadrão inteiro dos rufiões veio pela estrada.

Viram a barreira e começaram a rir. Não imaginavam existir qualquer coisa naquele lugarzinho que pudesse fazer frente a um grupo de vinte rufiões.

Os hobbits abriram a barreira e se puseram de lado. — Obrigado! — zombaram os homens.

— Agora vão correndo para suas casas e durmam, antes que sejam chicoteados.

— Então avançaram em marcha ao longo da rua, gritando: — Apaguem essas luzes! Entrem e fiquem em casa, ou vamos prender cinquenta de vocês nos Tocadeados por um ano. Entrem! O Patrão está perdendo a paciência.

Ninguém deu atenção àquelas ordens; mas, quando os rufiões passaram, os hobbits fecharam o caminho atrás deles e os seguiram. Quando os homens se aproximaram da fogueira, depararam com Villa ali sozinho. esquentando as mãos.

— Quem é você, e o que pensa que está fazendo? — disse o líder dos rufiões.

Vílla olhou lentamente para ele.

— Eu ia lhe perguntar exatamente isso — disse ele. — Esta não é a sua terra, e ninguém quer vocês aqui.

— Bem, de qualquer forma alguém quer você — disse o líder.

— Nós o queremos. Agarrem-no, rapazes! Tocadeado para ele, e podem aplicar-lhe um lembrete para que fique quieto!

Os homens deram um passo à frente e pararam de súbito. Ergueu-se um rugido de vozes ao redor deles, e de repente os rufiões perceberam que Villa não estava sozinho, muito pelo contrário. Estavam cercados. No escuro, no limiar da luz do fogo, havia um circulo de hobbits que surgiram das sombras. Havia quase duzentos deles, cada um segurando algum tipo de arma.

Merry deu um passo á frente.

— Já nos encontramos antes — disse ele ao líder—, e eu o avisei para não voltar aqui. Estou avisando de novo: vocês estão sob a luz e cercados por arqueiros. Se tocarem um dedo neste fazendeiro, ou em qualquer pessoa, serão imediatamente atingidos. Coloquem no chão qualquer arma que tiverem.

O líder olhou em volta. Estava encurralado. Mas não sentiu medo, não agora, com vinte de seus homens na retaguarda. Sabia muito pouco sobre os hobbits para entender o perigo que estava correndo. Numa atitude tola, resolveu lutar. Julgou que seria fácil romper a barreira.

— Para cima deles, rapazes! — gritou ele. — Vamos lá!

Com uma faca comprida na mão esquerda e um bastão na outra, ele avançou para o circulo, tentando correr de volta para a Vila dos Hobbits.

Ensaiou um golpe na direção de Merry, que lhe barrava o caminho. Caiu morto com quatro flechas enfiadas no corpo.

Isso bastou para os outros, que se renderam. As armas foram-lhes tomadas e eles amarrados; fizeram-nos marchar para um barracão vazio construído por eles mesmos, e ali tiveram as mãos e pés atados, e ficaram trancados sob vigia. O líder morto foi arrastado dali e enterrado.

— Até que foi fácil demais, afinal de contas, não foi? — disse Villa. — Eu disse que poderíamos dominá-los. Mas precisávamos de uma convocação. Vocês vieram na hora exata, Sr. Merry.

— Ainda há mais o que fazer — disse Merry. — Se o senhor está certo em seus cálculos, ainda não lidamos nem com um décimo deles. Mas agora está escuro. Acho que o próximo golpe pode esperar até amanhã. Depois devemos visitar o Chefe.

— Por que não agora? — disse Sam. — Não passa muito das seis horas. E eu queria ver o meu velho. O senhor sabe o que aconteceu com ele, Sr. Villa?

— Ele não está muito bem, nem muito mal, Sam — disse o fazendeiro. — Eles escavaram toda a rua do Bolsinho, e isso foi um duro golpe para ele. Agora está em uma das casas novas que os Homens do Chefe costumavam construir, no tempo em que faziam alguma coisa além de incendiar e roubar: não mais que uma milha além do fim de Beirágua. Mas ele ás vezes vem me visitar, quando tem uma oportunidade, e eu vejo que está mais bem alimentado que alguns desses pobres coitados. Tudo contra As Regras, é claro. Eu o teria acolhido em casa, mas isso não era permitido.

— Muito obrigado mesmo, Sr. Villa; nunca me esquecerei disso — disse Sam. — Mas quero vê-lo. Aquele Patrão e o tal de Charcote, do qual eles falaram, podem fazer alguma maldade lá em cima antes que amanheça.

— Está bem, Sam — disse Villa. — Escolha um ou dois rapazes e vá buscá-lo; traga-o para minha casa. Não será preciso chegar perto do antigo vilarejo dos hobbits do outro lado do Água. Meu Jolly vai lhe mostrar o caminho.

Sam partiu. Merry designou vigias para ocuparem postos de observação ao redor da aldeia, e guardas para tomarem conta das barreiras durante a noite. Então ele e Frodo foram para a casa de Villa. Sentaram-se com a familia na cozinha aconchegante, e os Víllas fizeram algumas perguntas educadas sobre a viagem deles, mas mal ouviram as respostas: estavam muito mais preocupados com os acontecimentos no Condado.

— Tudo começou com Pústula, como o chamamos — disse o Sr. Algodão —; e começou assim que vocês partiram, Sr. Frodo. Ele tinha idéias esquisitas, o Pústula. Parece que queria ter tudo para si mesmo, e depois ficar dando ordens para os outros. Logo descobrimos que ele já possuía uma propriedade maior do que precisava, e estava sempre agarrando mais, embora onde ele conseguia o dinheiro continuasse sendo um mistério: moinhos e maltarias, estalagens, fazendas, plantações de fumo. Já tinha comprado o moinho do Ruivão antes de vir para Bolsão, ao que parece.

— É claro que começou com uma propriedade na Quarta Sul que herdou do pai; e parece que andou vendendo uma grande porção do melhor fumo, e despachando tudo em segredo por um ou dois anos. Mas no fim do ano passado ele começou a mandar grandes quantidades de mercadorias, não só fumo. As coisas começaram a faltar, o que se agravou com a chegada do inverno. As pessoas ficavam com raiva, mas ele tinha o que responder. Um monte de homens, a maioria rufiões, chegaram com grandes carroças, alguns para levar as mercadorias para o sul, e outros para ficar. Mais e mais chegavam. E antes que nos déssemos conta foram-se instalando aqui e acolá em todo o Condado, e estavam derrubando árvores e cavando e construindo para si barracões e casas a seu bel-prazer. No inicio, as mercadorias e o prejuízo eram pagos por Pústula; mas logo eles começaram a mandar e desmandar, levando o que queriam.

— Depois houve um pouco de problemas, mas não o suficiente. O Velho Will, o Prefeito, foi até Bolsão para protestar, mas nunca chegou lá. Os rufiões botaram as mãos nele e o levaram, trancando-o numa toca em Grã Cava, onde ele está até agora. E depois disso, logo depois do Ano Novo, não havia mais Prefeito, e o Pústula autodenominou-se Condestável Chefe, ou apenas Chefe, e fez o que quis; e se alguém ficasse "petulante", como diziam eles, ia para junto de Will. Assim as coisas foram de mal a pior. Não havia mais fumo, exceto para os homens, e o Chefe não tolerava cerveja, a não ser para seus homens, e fechou todas as estalagens; e, fora as regras. tudo foi escasseando cada vez mais, a não ser que alguém conseguisse esconder um pouco do que tinha quando os rufiões passavam recolhendo mercadorias "para uma distribuição justa": o que significava que eles ficavam com tudo e nós com nada, com exceção das sobras que se podiam

conseguir nas casas dos Condestáveis, se você conseguisse comê-las. Tudo muito ruim. Mas desde a vinda de Charcote tem sido pura desgraça.

— Quem é esse Charcote"? — perguntou Merry. — Ouvi um dos rufiões falar nele.

— O maior rufião de todos, ao que parece — respondeu Villa. — Foi por volta da última colheita, talvez no fim de setembro, que ouvimos falar dele pela primeira vez. Nunca o vimos, mas ele está lá em Bolsão. E agora é o verdadeiro Chefe, eu acho. Todos os rufiões fazem o que ele manda, e o que ele manda é principalmente cortar, queimar e destruir; agora começaram a matar. O que fazem já não tem mais objetivo nenhum, por pior que seja. Derrubam árvores e as deixam no chão, queimam casas e não constroem outras.

— Veja, por exemplo, o moinho do Ruivão. Pústula o derrubou assim que chegou a Bolsão. Então trouxe um monte de homens imundos para construir um maior, cheio de rodas e geringonças esquisitas. Só aquele idiota do Ted ficou satisfeito com aquilo, e trabalha lá limpando rodas para os homens, onde seu pai era o Moleiro e proprietário. A idéia do Pústula era moer mais e mais depressa, ou pelo menos era isso o que dizia. Ele tem outros moinhos como esse. Mas você precisa conseguir grãos antes de moê-los, e para o novo moinho não havia maior quantidade do que já havia para o antigo. Mas desde que Charcote chegou eles não moem mais trigo nenhum.

Ficam só martelando e soltando uma fumaça e um cheiro ruim, e não há paz na Vila dos Hobbits nem durante a noite. E eles despejam sujeira de propósito; emporcalharam toda a parte baixa do Água, e a sujeira está chegando ao Brandevin. Se pretendem transformar o Condado num deserto, estão no caminho certo. Não acho que o idiota do Pústula esteja por trás de tudo isto. É o Charcote, estou dizendo.

— É isso mesmo! — acrescentou o Jovem Tom. — Olhe, eles até levaram a velha mãe do Pústula, a Lobélia, e ele gostava dela, mesmo que ninguém mais gostasse.

Algumas pessoas da Vila dos Hobbits viram. Ela ia descendo a ladeira com a velha sombrinha. Uns rufiões estavam subindo com uma carroça grande.

— "Aonde vão indo?", diz ela.

— "Para Bolsão", dizem eles.

— "Para quê?", diz ela.

— "Levantar uns barracões para o Charcote", dizem eles.

— "Quem disse que vocês podem?", diz ela.

— "Charcote", dizem eles. "Então saia da estrada, bruxa velha!"

— "Vão ver o Charcote, seus ladrões sujos!", diz ela, e parte com a sombrinha para cima do líder, quase duas vezes maior que ela. Então eles a levaram.

Arrastaram ela para os Tocadeados, naquela idade. Levaram outros de quem sentimos mais falta, mas não se pode negar que ela mostrou mais valentia que muitos.

No meio dessa conversa chegou Sam num atropelo, trazendo o Feitor.

— Boa noite, Sr. Bolseiro! — disse ele. Fico realmente feliz em vê-lo de volta. Mas tenho contas a ajustar com o senhor, por assim dizer, se me permite a ousadia. O senhor nunca deveria ter vendido Bolsão, como eu sempre disse. Foi aí que toda a confusão começou. E enquanto o senhor esteve perambulando por terras estrangeiras, caçando homens negros montanha acima, pelo que diz o meu Sam, embora não explique muito bem para quê, eles foram lá e escavaram a rua do Bolsinho e arruinaram minhas batatas!

— Sinto muito, Sr. Gamgi — disse Frodo. — Mas agora eu voltei, e vou fazer o possível para consertar as coisas.

— Bem, o senhor não poderia ter falado mais bonito — disse o Feitor. — O Sr. Frodo Bolseiro é um cavalheiro de verdade, como eu sempre disse, não importa o que se possa pensar de outros que levam o mesmo nome, se me desculpa. E espero que o meu Sam tenha se comportado a contento.

— Perfeitamente a contento, Sr. Gamgi — disse Frodo. — Na verdade, se o senhor me acredita, ele é uma das pessoas mais famosas em todas as terras, e estão fazendo canções sobre seus feitos, desde aqui até o Mar e além do Grande Rio. — Sam corou, mas ficou agradecido a Frodo, pois os olhos de Rosinha estavam brilhando, e ela sorria para ele.

— É muito dificil acreditar — disse o Feitor —, embora eu possa perceber que ele andou se misturando a gente estranha. Que aconteceu com o colete dele? Não posso suportar esse roupão de ferro, seja ele elegante ou não.

A gente da casa do Fazendeiro Villa e todos os seus hóspedes acordaram cedo no dia seguinte. Não se ouvira nada durante a noite, mas certamente mais problemas viriam antes do final do dia.

— Até parece que não sobrou nenhum baderneiro lá em Bolsão — disse Villa. — Mas a gangue de Encruzada virá a qualquer hora.

Depois do desjejum chegou um mensageiro da Terra dos Túks. Estava animado.

— O Thain sublevou toda a nossa terra — disse ele — e a noticia está se espalhando feito fogo por todos os lados. Os rufiões que estavam vigiando nossa terra

fugiram para o sul, os que escaparam vivos. O Thain foi atrás deles, sustar o avanço da grande gangue por aquele caminho; mas enviou para cá o Sr. Peregrin, com todos os outros de que pôde dispor.

A próxima notícia não foi tão boa. Merry, que estivera fora toda a noite, chegou cavalgando por volta das dez horas.

— Há um bando enorme a umas quatro milhas daqui — disse ele. — Estão vindo pela estrada de Encruzada, mas muitos rufiões perdidos se juntaram a eles. Deve haver perto de uma centena, e eles estão ateando fogo em tudo enquanto avançam. Malditos!

— Ah! Aqueles bandidos não param para conversar; matam se puderem — disse o Sr. Villa. — Se os Túks não chegarem antes, é melhor nos escondermos e atirarmos antes de perguntar. Será preciso alguma luta antes que tudo isto esteja terminado, Sr. Frodo.

Mas os Túks chegaram antes. Logo vieram marchando, uma centena de hobbits fortes, de Tuqueburgo e das Colinas Verdes, com Pippin à frente.

Agora Merry tinha um número suficiente de hobbits robustos para dar conta dos rufiões. Batedores reportaram que eles continuavam juntos. Sabiam que o interior se rebelara contra eles, e estava claro que pretendiam sufocar a rebelião de forma cruel na sua origem, em Beirágua. Mas, embora pudessem ter cara de malvados, não parecia haver um líder entre eles que entendesse de guerra. Avançavam sem qualquer precaução. Merry fez seus planos depressa.

Os rufiões chegaram pisando firme ao longo da Estrada Leste, e sem parar tomaram o caminho de Beirágua, que ia subindo por um trecho entre altos barrancos cobertos de cercas-vivas baixas. Fazendo uma curva a cerca de uns duzentos metros da estrada principal, encontraram uma forte barreira, feita de velhas carroças tombadas. Isso os fez parar. No mesmo momento, perceberam que as cercas-vivas, dos dois lados, logo acima de suas cabeças, estavam cheias de hobbits enfileirados.

Atrás deles outros hobbits agora empurravam mais algumas carroças que tinham sido escondidas num campo, e assim bloquearam o caminho de volta.

Uma voz dirigiu-se a eles de cima.

— Bem, vocês caíram numa armadilha — disse Merry. — O mesmo aconteceu com seus companheiros da Vila dos Hobbits, e um deles está morto e os outros presos. Coloquem as armas no chão! Depois recuem vinte passos e sentem-se. Qualquer um que tentar fugir será alvejado.

Mas desta vez não foi tão fácil dominar os rufiões. Alguns deles obedeceram,

mas foram imediatamente hostilizados por seus companheiros.

Cerca de vinte tentaram voltar e atacaram as carroças. Seis foram atingidos, mas outros romperam a barreira, matando dois hobbits, e depois se espalharam pelo campo na direção da Ponta do Bosque. Mais dois caíram enquanto corriam. Merry fez soar um poderoso toque de corneta, e ao longe se ouviram toques em resposta.

— Não vão muito longe — disse Pippin. — Todo aquele campo está agora cheio de caçadores nossos.

Atrás, os homens presos no caminho estreito, que ainda somavam cerca de oitenta, tentaram trepar na barreira e nos barrancos, e os hobbits foram obrigados a atirar em muitos ou golpeá-los com machados. Mas muitos dos mais fortes e desesperados saíram pelo lado oeste, e atacaram seus inimigos ferozmente, pensando agora mais em matar do que em escapar. Muitos hobbits tombaram e o resto estava vacilando quando Merry e Pippin, que estavam no lado leste, vieram na direção dos rufiões e os atacaram. O próprio Merry matou o líder, um brutamontes vesgo que parecia um orc grande. Então recuou suas forças e prendeu os últimos homens num largo círculo de arqueiros.

Por fim tudo terminou. Quase setenta rufiões jaziam mortos no campo, e uns doze foram presos. Dezenove hobbits morreram, e uns trinta estavam feridos. Os rufiões mortos foram colocados em carroças e puxados para um velho poço de areia nas proximidades, e ali foram enterrados: no Poço da Batalha, como ficou sendo chamado.

Os hobbits caídos foram colocados juntos num túmulo na encosta da colina, onde mais tarde erigiu-se uma grande pedra com um jardim em volta. Assim terminou a Batalha de Beirágua, em 1419, a última batalha travada no Condado, e a única desde a dos Campos Verdes, em 1147, que ocorrera lá em cima, na Quarta Norte. Em consequência disso, embora felizmente tenha custado muito poucas vidas, a batalha tem um capítulo próprio no Livro Vermelho, e os nomes de todos os que participaram dela formaram uma Lista que os historiadores do Condado sabiam de cor. O considerável aumento da fama e da riqueza dos Villas vem dessa época, mas no topo da Lista, em todos os relatos, estão os nomes dos Capitães Meriadoc e Peregrin.

Frodo participara da batalha, mas sem sacar a espada, e sua principal tarefa fora impedir que os hobbits, em sua ira pela perda dos entes queridos, matassem aqueles inimigos que tinham deposto as armas. Depois que a luta terminou, e as tarefas ulteriores foram organizadas, Merry, Pippin e Sam juntaram-se a ele, e foram de volta para a casa dos Villas. Almoçaram tarde, e então Frodo disse com um suspiro: — Bem, suponho que agora devemos cuidar do "Chefe".

— É sim, quanto mais cedo melhor — disse Merry. — E não seja bonzinho demais! Ele é o responsável pela vinda desses rufiões, e por todo o mal que eles praticaram. O Fazendeiro Villa escolheu uma escolta de uns vinte hobbits robustos. — Pois nós apenas supomos que não haja mais nenhum rufião em Bolsão — disse ele. — Não temos certeza. — Depois eles partiram a pé. Frodo, Sam, Merry e Pippin foram na frente.

Foi uma das horas mais tristes da vida deles. A grande chaminé se erguia á frente, e, quando se aproximavam da antiga aldeia do outro lado do Água, através de fileiras de novas casas miseráveis ao longo dos dois lados da estrada, viram o novo moinho em toda a sua feiúra carrancuda e suja: um grande prédio de tijolos montado sobre o rio, que era emporcalhado por uma descarga fétida e fumegante. Ao longo da Estrada de Beirágua todas as árvores tinham sido derrubadas.

Quando atravessaram a ponte e ergueram os olhos na direção da Colina, ficaram boquiabertos. Nem mesmo a visão que Sam tivera no Espelho pudera prepará-lo para aquela cena. A Granja Velha no lado leste tinha sido derrubada, e em seu lugar viam-se fileiras de barracões cobertos de piche.

Todas as castanheiras tinham-se ido. Os barrancos e cercas-vivas estavam destruídos. Grandes carroças estavam paradas em desalinho num campo batido e sem grama.

A rua do Bolsinho se transformara num enorme buraco cheio de cascalho e areia. Lá em cima não se via Bolsão, devido a um amontoado de barracões enormes.

— Eles cortaram! — gritou Sam. — Cortaram a Arvore da Festa! — disse ele apontando para o local onde estivera a árvore sob a qual Bilbo fizera o Discurso de Despedida. Estava morta, caída no campo com os galhos cortados. Como se isso fosse a gota d'água, Sam rompeu em pranto.

Um riso pôs um fim às suas lágrimas. Havia um hobbit grosseiro recostado contra o muro baixo do pátio do moinho. Tinha o rosto encardido e as mãos pretas.

— Não está gostando, Sam? — zombou ele. — Mas você sempre foi um molenga. Pensei que tivesse ido embora em algum daqueles navios sobre os quais costumava tagarelar, navegando, navegando. E por que quis voltar? Agora temos trabalho a fazer no Condado.

— Estou vendo — disse Sam. — Não há tempo para se lavar, mas há tempo para ficar escorando muros. Mas olhe aqui, Mestre Ruivão, tenho contas a acertar nesta aldeia, e não queira aumentá-las com essa zombaria, ou sua bolsa será pequena demais

para o acerto.

Ted Ruivão cuspiu por sobre o muro.

— Não me faça rir! — disse ele. — Você não pode pôr as mãos em mim. Sou amigo do Patrão. E ele quem vai pôr as mãos em você, se eu tiver de escutar mais alguma de suas asneiras.

— Não gaste mais palavras com esse tolo, Sam! — disse Frodo. — Espero que não haja muitos outros hobbits que ficaram assim. Seria pior do que todo o prejuízo causado pelos homens.

— Você é sujo e insolente, Ruivão — disse Merry. — E também está errado em seus cálculos. Estamos exatamente subindo a Colina para tirar de lá o seu estimado Patrão. Já cuidamos dos homens dele.

Ted perdeu o fôlego, pois naquele momento viu pela primeira vez a escolta que, a um sinal de Merry, marchava agora atravessando a ponte.

Recuando de volta para o moinho, ele correu segurando uma corneta que fazia soar forte.

— Economize o seu fôlego! — disse Merry rindo. — Tenho uma melhor.

— Então, erguendo sua corneta de prata, soprou-a, e um tom claro retumbou por sobre a Colina, e das tocas e barracões e casas miseráveis da Vila responderam os hobbits, que saíram numa enxurrada, e com aplausos e gritos fortes seguiram a comitiva, subindo a estrada de Bolsão.

No topo da ladeira a comitiva parou, e Frodo e seus amigos continuaram avançando; chegaram por fim ao lugar outrora amado. O jardim estava cheio de cabanas e barracões, alguns tão próximos às antigas janelas da face oeste que bloqueavam toda a luz. Havia pilhas de entulho por toda a parte. A porta estava arranhada, a corrente da campainha solta, e a campainha não tocava. Bater na porta não adiantou nada. Por fim eles empurraram a porta, que cedeu. Entraram. O lugar fedia e estava cheio de sujeira e bagunça: parecia abandonado havia algum tempo.

— Onde estará escondido aquele desgraçado do Lotho? — disse Merry.

Eles tinham procurado em cada sala sem encontrar qualquer ser vivo, exceto ratos e camundongos.

— Vamos chamar os outros para uma busca nos barracões?

— Isto é pior que Mordor! — disse Sam. — De certa maneira muito pior. A gente sente na própria pele, como se diz; porque aqui é nossa casa, e ficamos lembrando de como era antes de ser toda destruída.

— Sim, isto aqui é Mordor — disse Frodo. — Apenas um de seus trabalhos. Saruman esteve fazendo o trabalho de Mordor todo o tempo, mesmo quando julgava estar trabalhando para si mesmo. E o mesmo vale para aqueles que Saruman enganou, como Lotho.

Merry olhou ao redor, frustrado e enojado.

— Vamos sair daqui! — disse ele. — Se tivesse sabido todo o mal feito por Saruman, eu lhe teria enfiado minha bolsa de fumo goela abaixo.

— Sem dúvida, sem dúvida! Mas você não sabia, e assim posso dar-lhe as boas-vindas em seu retorno para casa. — Ali, parado ao pé da porta, estava Saruman em pessoa, com uma aparência bem-alimentada e satisfeita; seus olhos reluziam com malícia e deleite.

Frodo teve um súbito lampejo.

— Charcote! — gritou ele.

Saruman riu.

— Então vocês ouviram o nome, não é? Todo o meu povo costumava me chamar assim em Isengard, eu acho. Um sinal de afeição, possivelmente. Mas é evidente que não esperavam me ver aqui.

— Eu não esperava — disse Frodo. — Mas poderia ter adivinhado. Uma maldadezinha, num estilo mais mesquinho: Gandalf me advertiu de que você era capaz disso.

— Bem capaz — disse Saruman — e posso ir além de uma maldadezinha. Vocês me fizeram rir, seus senhorinhos-hobbits, cavalgando em companhia de todas aquelas grandes pessoas, tão seguros e tão satisfeitos consigo mesmos.

Pensaram que se tinham saido muito bem da coisa toda, e agora podiam apenas cavalgar tranquilamente para casa e passar um tempo calmo no campo. A casa de Saruman podia estar toda em pedaços, e ele podia ser expulso, mas ninguém poderia tocar na de vocês. Ah, não! Gandalf cuidaria de seus interesses.

Saruman riu de novo.

— Não ele! Quando seus instrumentos já desempenharam a tarefa por ele designada, Gandalf os abandona. Mas vocês precisam ficar pendurados nele, vagabundeando e conversando, e cavalgando o dobro da distância que precisavam cavalgar. "Bem", pensei eu, "se são assim tão tolos, vou chegar na frente deles para lhes dar uma lição. O mal com o mal se paga." Teria sido uma lição mais dura, se vocês me tivessem dado um pouco mais de tempo e de homens. Mesmo assim já fiz tanta coisa que

vocês terão dificuldade para consertar ou desfazer durante suas vidas. E será agradável pensar nisso, contrabalançando minhas perdas.

*nota*

*1 Provavelmente o nome é de origem orc: charkú, “velho”.*

— Bem, se é com isso que você fica satisfeito — disse Frodo —, tenho pena de você. Será uma satisfação apenas na memória, receio eu. Saia já daqui e não volte nunca mais!

Os hobbits das aldeias tinham visto Saruman sair de uma das barracas, e imediatamente vieram se amontoar em frente à porta de Bolsão.

Quando ouviram a ordem de Frodo, murmuraram raivosos:

— Não o deixe escapar! Mate-o! Ele é um bandido, um assassino. Mate-o!

Saruman olhou em volta, encarando aqueles rostos hostis, e sorriu.

— Matá-lo! — zombou ele. — Matem-no, se julgam que estão em número suficiente, meus bravos hobbits! — Empertigou-se e fitou-os com seus olhos escuros e sombrios. — Mas não pensem que porque perdi todas as minhas posses perdi também todo o meu poder! Qualquer um que me atacar será amaldiçoado. E, se meu sangue manchar o Condado, este lugar fenecerá e nunca mais poderá ser curado.

Os hobbits recuaram. Mas Frodo disse:

— Não acreditem nele. Não lhe resta nenhum poder, exceto a voz, que ainda pode intimidá-los e enganá-los, se permitirem.

Mas não permitirei que ele seja morto. É inútil retribuir vingança com mais vingança: não vai sanar nada. Vá, Saruman, pelo caminho mais rápido!

— Língua! Língua! — chamou Saruman, e de uma cabana próxima saiu Língua de Cobra, arrastando-se quase como um cão. — Para a estrada de novo, Língua! — disse Saruman. — Esses gentis camaradas e senhorinhos estão nos expulsando de novo. Venha! Saruman virou-se para partir, e Língua de Cobra arrastou-se atrás dele. Mas, no momento em que Saruman passou perto de Frodo, uma faca brilhou em sua mão, e houve um golpe rápido. A lâmina foi repelida pela malha metálica sob a roupa e se partiu. Uns doze hobbits, liderados por Sam, saltaram à frente com um grito, jogando o bandido no chão. Sam sacou a espada.

— Não, Sam! — disse Frodo. — Não o mate, apesar de tudo. Pois ele não me feriu. E, de qualquer forma, não quero que ele seja morto desse jeito traiçoeiro.

Saruman já foi grande, de uma espécie nobre contra a qual não deveríamos ousar levantar nossas mãos. Caiu, e sua cura está além de nosso alcance; mas ainda assim prefiro poupá-lo, na esperança de que possa encontrá-la.

Saruman ficou de pé, e olhou para Frodo. Havia uma expressão estranha em seus olhos, um misto de surpresa, respeito e ódio.

— Você cresceu, Pequeno — disse ele. Sim, você cresceu muito. É sábio e cruel. Roubou a doçura de minha vingança, e agora parto amargurado, em divida para com a sua clemência. Odeio você e sua demência! Bem, vou embora e não o incomodarei mais. Mas não espere de mim que lhe deseje saúde e vida longa. Não terá nenhuma das duas coisas. Mas isso não será por obra minha. Estou apenas prevendo.

Afastou-se e os hobbits abriram alas para ele passar; mas os nós de seus dedos iam ficando brancos enquanto as mãos agarravam as armas.

Língua de Cobra hesitou, e depois seguiu seu mestre.

— Língua de Cobra! — chamou Frodo. — Você não precisa segui-lo. Não conheço mal algum que me tenha feito. Pode ter descanso e comida aqui por um tempo, até estar mais forte para seguir seus próprios caminhos.

Língua de Cobra parou e olhou para trás, meio propenso a ficar.

Saruman virou-se:

— Mal algum? — grasnou ele. — Ah, não! Mesmo quando ele escapa furtivamente durante a noite, é só para apreciar as estrelas. Mas ouvi alguém perguntar onde o pobre Lotho está escondido? Você sabe, não é mesmo, Língua? Vai contar a eles? Língua de Cobra se encolheu e choramingou:

— Não, não!

— Então conto eu — disse Saruman. — Língua matou o seu Chefe, pobre criatura, o seu bom Patrãozínho. Não é verdade, Língua? Apunhalou-o enquanto dormia, acho. Enterrou-o, espero; embora Língua tenha estado com muita fome ultimamente. Não, Língua não é bonzinho de verdade. É melhor que o deixem para mim.

Uma faisca de ódio alucinado brilhou nos olhos vermelhos de Língua de Cobra.

— Você me mandou fazer isso, você me obrigou — chiou ele.

Saruman riu.

— Você sempre faz o que Charcote manda, não é, Língua? Bem, agora ele diz: em frente! — Chutou Língua de Cobra no rosto no momento em que este rastejava, virou-se e partiu. Mas nesse instante algo se partiu: de súbito Língua de Cobra se levantou, sacando uma faca escondida e então, rosnando como um cachorro, saltou sobre as

costas de Saruman, puxou-lhe a cabeça para trás, cortou-lhe a garganta e com um grito correu descendo a ladeira. Antes que Frodo pudesse se recuperar ou dizer alguma coisa, três arcos hobbits zuniram e Língua de Cobra caiu morto.

Frodo olhou para o corpo com pena e terror, pois enquanto olhava pareceu que de repente longos anos de morte se revelavam nele, e o corpo encolheu, e o rosto enrugado transformou-se em trapos de pele sobre um crânio hediondo.

Erguendo a barra da capa suja que estava caída ao lado dele, Frodo o cobriu, e deu-lhe as costas.

— E este é o fim dessa criatura — disse Sam. — Um fim terrível, que eu gostaria de não precisar ter assistido; mas foi melhor termo-nos livrado dele.

— E esse é o fim do fim da Guerra, eu espero — disse Merry.

— Espero que sim — disse Frodo suspirando. — O último golpe. E pensar que esse golpe deveria ser desferido aqui, bem na porta de Bolsão! Entre todas as minhas esperanças e medos, nunca imaginei isso.

— Não vou chamar isso de fim, antes de termos limpado toda a sujeira — disse Sam melancólico. — E isso exigirá um bocado de tempo e trabalho. Para o assombro dos circunstantes, ao redor do corpo de Saruman formou-se uma névoa cinzenta que, subindo lentamente a uma grande altura qual a fumaça de uma fogueira, pairou sobre a Colina como um vulto pálido e amortalhado.

Por um momento vacilou, olhando para o Oeste; mas do oeste veio um vento frio, e o vulto se curvou, e com um suspiro dissolveu-se em nada.

## CAPÍTULO IX

### OS PORTOS CINZENTOS

Certamente a limpeza exigiu um bocado de trabalho, mas levou menos tempo do que Sam receara. No dia após a Batalha, Frodo cavalgou até Grã Cava e libertou os prisioneiros dos Tocadeados. Um dos primeiros que encontraram foi o pobre Fredegar Bolger, que de gorducho não tinha mais nada. Fora levado para lá quando os rufiões expulsaram um grupo de rebeldes, que ele liderava, de seus esconderijos lá em cima nas Tocas dos Texugos, perto das colinas de Scary.

— Afinal de contas, teria sido melhor para você se nos tivesse acompanhado, pobre Fredegar! — disse Pippin, no momento em que o carregaram para fora, pois Fatty estava fraco demais para caminhar.

Ele abriu um olho e cavalheirescamente tentou sorrir.

— Quem é esse jovem gigante com esse vozeirão? — sussurrou ele. — Não pode ser o pequeno Pippin! Que tamanho de chapéu você usa agora?

Depois encontraram Lobélia. Pobrezinha, estava muito envelhecida e magra quando a resgataram de uma cela estreita e escura. Ela insistiu em sair mancando sem a ajuda de ninguém; teve uma recepção tão calorosa, e as pessoas tanto aplaudiram e gritaram quando ela apareceu, apoiada no braço de Frodo, porém sem deixar cair a sombrinha, que ela ficou muito emocionada, e foi embora aos prantos. Nunca antes fora uma pessoa querida. Mas ficou arrasada com a notícia do assassinato de Lotho, e recusou-se a voltar para Bolsão. Devolveu a propriedade a Frodo, e foi viver com os seus parentes, os Justa-correias de Tocadura. Na primavera seguinte, quando a pobre criatura morreu — afinal de contas, já contava com mais de cem anos — Frodo ficou surpreso e muito comovido: ela deixara todo o restante do dinheiro dela e de Lotho para que ele o usasse ajudando os hobbits que ficaram desabrigados devido às adversidades.

Assim terminou a rixa.

O velho Will Pealvo ficou mais tempo nos Tocadeados que qualquer tira, e, embora talvez tenha sido menos maltratado do que alguns, precisou de uma superalimentação antes que parecesse prefeito de novo. Por esse motivo Frodo concordou em ficar como seu Substituto, até que o Sr. Pealvo estivesse em forma outra vez. A única coisa que Frodo fez como Prefeito Substituto foi reduzir os Condestáveis á sua função e número adequado. A tarefa de caçar os últimos remanescentes dos rufiões ficou a cargo de Merry e Pippin, que logo a concluíram. As gangues do sul, depois de ouvirem a noticia da Batalha de Beirágua, fugiram dali e ofereceram pouca resistência ao Thain. Antes do fim do ano os poucos sobreviventes foram confinados na floresta, e os que se renderam foram levados para além da fronteira.

Enquanto isso, o trabalho de reconstrução prosseguia a passos largos, e Sam ficou muito ocupado. Os hobbits sabem trabalhar como abelhas quando precisam e têm vontade. Agora havia milhares de mãos dispostas de todas as idades, desde as pequenas e ágeis dos meninos e meninas hobbits, até as calejadas dos velhos e velhas. Às vésperas do Jule já não restava de pé um só tijolo das novas casas dos Condestáveis, ou de qualquer prédio que os "Homens de Charcote" tivessem construído; mas os tijolos

foram usados para consertar muitas tocas velhas, para deixá-las mais secas e aconchegantes. Encontraram-se grandes estoques de mercadorias, comida e cerveja, que haviam sido escondidos pelos rufiões em barracões, celeiros e tocas abandonadas, e especialmente nos túneis em Grã Cava, e nas velhas minas em Scary; assim, aquele Jule foi bem mais alegre do que qualquer um pudera esperar.

Uma das primeiras tarefas na Vila dos Hobbits, antes mesmo da remoção do novo moinho, foi a limpeza da Colina e de Bolsão, além da restauração da rua do Bolsinho. A frente do novo poço de areia foi toda nivelada e transformada num grande jardim cercado, e novas escavações foram abertas na face sul, avançando para dentro da Colina; foram revestidas com tijolos. O Feitor voltou à Toca Número Três, e dizia frequentemente, sem se importar com quem estivesse ouvindo:

— Vento ruim é aquele que não sopra a favor de ninguém, como eu sempre digo. E Bem está o que acaba Melhor!

Houve alguma discussão a respeito do nome que se devia dar à nova rua. Pensou-se em Jardins da Batalha e em Smials Melhores. Mas depois de um tempo, ao modo sensato dos hobbits, escolheu-se simplesmente rua Nova. Chamá-la de Passagem do Charcote foi apenas uma piada das pessoas de Beirágua.

As árvores representaram a pior perda e o maior prejuízo, pois por uma ordem de Charcote foram derrubadas a torto e a direito por todos os cantos do Condado; Sam lamentava isso mais que qualquer outra coisa. Em primeiro lugar, essa ferida demoraria a cicatrizar, e apenas seus bisnetos. pensava ele, veriam o Condado como deveria ser de repente, num belo dia, pois ele estivera por demais ocupado durante semanas para poder pensar em suas aventuras, Sam se lembrou do presente de Galadriel.

Trouxe a caixa e a mostrou para os outros Viajantes (pois assim eles eram chamados agora por todo o mundo), e pediu o seu conselho.

— Fiquei pensando quando você se lembraria dela — disse Frodo. Abra a caixa!

Estava cheia de uma terra cinzenta, fina e macia, e no meio havia uma semente, como uma pequena castanha com casca prateada. — O que eu faço com isto? — perguntou Sam.

— Jogue para o alto num dia de brisa e deixe que ela faça seu próprio trabalho — disse Pippin.

— Que trabalho? — disse Sam.

— Escolha um lugar como viveiro, e veja o que acontece com as plantas lá dentro — disse Merry.

— Mas tenho certeza de que a Senhora não gostaria que eu guardasse a semente só para o meu jardim, depois que tanta gente sofreu — disse Sam.

— Use toda a habilidade e todo o conhecimento que tem, Sam — disse Frodo —, e use o presente para facilitar seu trabalho e melhorá-lo. E use-o com parcimônia. Não há muito aqui, e eu acho que cada grão tem o seu valor.

Assim Sam plantou mudas em todos os lugares onde árvores especialmente belas ou amadas haviam sido destruídas, e colocou um grão da preciosa terra no chão, junto à raiz de cada uma delas. Percorreu todo o Condado em seu trabalho, mas deu atenção especial á Vila dos Hobbits e a Beirágua e ninguém o culpou por isso. No fim, descobriu que ainda lhe sobrara um pouco da terra; então foi até a Pedra das Três Quartas, que fica praticamente no centro do Condado, e a jogou no ar com suas bênçãos. A pequena castanha prateada ele plantou no Campo da Festa, no local da antiga árvore, e ficou imaginando o que nasceria dela. Durante todo o inverno, foi o mais paciente possível, e tentava conter o impulso constante de dar uma volta para ver se alguma coisa estava acontecendo.

A primavera superou suas mais absurdas esperanças. As árvores começaram a brotar e a crescer, como se o tempo estivesse com pressa e quisesse que um ano valesse por vinte. No Campo da Festa uma bela e jovem mudinha apareceu: tinha o tronco prateado e folhas compridas, e em abril explodiu em ouro. Era de fato um mallorn, e a maravilha da vizinhança. Nos anos seguintes, á medida que foi crescendo em graça e beleza, ficou conhecido em toda parte, e vinha gente de lugares distantes para vê-lo: o único mallorn a oeste das Montanhas e a leste do Mar, e um dos mais bonitos do mundo.

Tudo somado, o ano de 1420 no Condado foi maravilhoso. Não apenas por um sol deslumbrante e uma chuva deliciosa, em períodos adequados e na medida perfeita; parecia haver algo mais: um ar de pujança e crescimento, e um brilho de beleza superior àquele dos verões mortais que reluzem e passam sobre esta Terra-média. Todas as crianças nascidas ou concebidas naquele ano, e houve muitas, eram lindas e fortes, e a maioria delas tinha belos cabelos dourados que antes eram raros entre os hobbits. Havia uma tal abundância de frutas que os pequenos hobbits quase se banhavam em morangos com creme; e mais tarde eles se sentavam nos prados sob as ameixeiras e comiam até fazerem pilhas de caroços que pareciam pequenas pirâmides, ou os crânios amontoados por um conquistador; depois as crianças partiam para outras aventuras. E ninguém ficava doente, e todo mundo estava feliz, exceto os que tinham de aparar a grama.

Na Quarta Sul as vinhas ficaram carregadas, e a produção de "fumo" foi

assombrosa; e por todo canto havia tanto trigo que na Colheita todos os celeiros ficaram abarrotados. A cevada da Quarta Norte foi tão boa que a cerveja produzida com o malte de 1420 foi lembrada por muito tempo, e ficou proverbial. De fato, uma geração mais tarde, nalguma estalagem ainda se podia observar algum velho que, depois de uma boa e merecida cerveja, colocava a caneca na mesa e dizia com um suspiro: "Ah! Essa foi como uma 1420!"

No inicio, Sam ficou na casa dos Villas com Frodo, mas, quando a rua Nova ficou pronta, foi morar com o Feitor. Além de todos os seus outros trabalhos, ele estava ocupado na supervisão da limpeza e reforma de Bolsão; mas ele sempre viajava pelo Condado para acompanhar o trabalho nas florestas. Por isso, ele não estava em casa em março, e não ficou sabendo que Frodo adoeceu. No dia treze daquele mês o Fazendeiro Villa encontrou Frodo de cama; agarrava uma pedra branca pendurada em uma corrente em seu pescoço, e parecia estar numa espécie de sonho.

— Foi-se para sempre — dizia ele —, e agora tudo está escuro e vazio.

Mas o acesso passou e, quando Sam voltou no dia vinte e cinco, Frodo estava recuperado, e não disse nada sobre o que lhe acontecera.

Enquanto isso Bolsão ficou em ordem, e Merry e Pippin vieram de Cricôncavo trazendo toda a mobilia e os equipamentos antigos, de forma que a velha toca logo ficou com a aparência que sempre tivera.

Quando tudo estava pronto, Frodo disse:

— Quando é que você vai se mudar para cá e morar comigo, Sam?

Sam parecia um pouco desconcertado.

— Não precisa vir já, se não quiser — disse Frodo. — Mas você sabe que o Feitor mora aqui perto, e será muito bem cuidado pela Viúva Rumble.

— Não é isso, Sr. Frodo — disse Sam, corando muito.

— Bem, o que é então?

— É Rosinha, Rosa Villa — disse Sam. — Parece que em nada lhe agradava a minha viagem para o exterior, pobre menina; mas, como eu não havia dito nada sobre isso, ela não pôde se manifestar. E eu não comentei porque primeiro precisava fazer o trabalho. Mas agora comentei, e ela diz: "Bem, você desperdiçou um ano, então por que esperar mais?" “Desperdicei?", digo eu. "Não chamaria isso de desperdiçar." Mas, mesmo assim, entendo o que ela quer dizer; sinto-me dividido ao meio, como se diz.

— Entendo — disse Frodo —, você quer se casar, e ao mesmo tempo quer viver comigo em Bolsão? Mas, meu querido Sam, isso é fácil! Case-se o mais depressa

possível, e então mude para cá com Rosinha. Há lugar suficiente em Bolsão para a maior família que você possa desejar.

E assim ficou acertado. Sam Gamgi casou-se com Rosa Villa na primavera de 1420 (que ficou famosa por seus casamentos), e os dois vieram morar em Bolsão.

E, se Sam se julgava uma pessoa de sorte, Frodo sabia que tinha mais sorte ainda, pois não havia um hobbit no Condado que fosse tratado com tanto cuidado. Quando os trabalhos de reforma estavam todos planejados e em andamento, ele se retirou para uma vida tranquila, escrevendo muito e examinando todas as suas anotações. Demitiu-se do cargo de prefeito Substituto durante a Feira Livre do Solstício de Verão, e o bom e velho Will Pealvo continuou presidindo Banquetes por mais sete anos.

Merry e Pippin viveram juntos por algum tempo em Cricôncavo, e havia muito vaivém entre a Terra dos Buques e Bolsão. Os dois jovens Viajantes faziam grande figura no Condado com suas canções e histórias e seus atavios refinados e suas festas maravilhosas. As pessoas diziam que eram "nobres", dando à palavra um significado totalmente positivo, pois alegrava a todos os corações vê-los passar cavalgando, com suas malhas metálicas brilhantes e seus escudos esplêndidos, rindo e cantando canções de lugares distantes; e, se agora eram grandes e magníficos, nos outros pontos não haviam mudado nada, exceto pelo fato de que falavam mais bonito e estavam mais joviais e alegres do que nunca.

Frodo e Sam, entretanto, voltaram às suas roupas habituais, mas quando era necessário ambos usavam longas capas cinzentas de tecido fino, presas ao pescoço com belos broches; e o Sr. Frodo sempre usava uma jóia branca numa corrente, que frequentemente tocava com os dedos.

Agora todas as coisas corriam bem, com esperança de sempre melhorarem; Sam estava tão ocupado e satisfeito como um hobbit poderia desejar. Para ele, nada estragou aquele ano, a não ser uma vaga preocupação com seu mestre. Frodo foi se retirando em silêncio de todas as atividades do Condado, e Sam sofria ao ver como ele era pouco homenageado em sua própria terra. Poucas pessoas sabiam ou se interessavam em saber sobre seus feitos e aventuras— a admiração delas recaia quase exclusivamente sobre o Sr. Meriadoc e o Sr. Peregrin e (sem que Sam o soubesse) sobre ele mesmo. Além disso, no outono, apareceu uma sombra de problemas antigos.

Numa noite Sam saiu do estúdio e encontrou seu mestre com uma aparência bastante estranha. Estava muito pálido, e seus olhos pareciam ver coisas distantes.

— Qual é o problema, Sr. Frodo? — perguntou Sam.

— Estou ferido — respondeu ele — estou ferido; isso nunca vai sarar.

Mas então ele se levantou e o mal-estar passou, e no outro dia ele estava normal de novo. Foi só depois que Sam se lembrou da data de seis de outubro. Dois anos antes, naquele dia, estava escuro no vale sob o Topo do Vento.

O tempo passou, e veio 1421. Frodo adoeceu outra vez em março, mas com um grande esforço escondeu a doença, pois Sam tinha outras coisas em que pensar. O primeiro filho de Sam e Rosinha nasceu no dia vinte e cinco de março, uma data que chamou a atenção de Sara.

— Bem, Sr. Frodo — disse ele. — Estou num dilema. Rosa e eu tínhamos resolvido dar à criança o nome de Frodo, com a sua permissão; mas não nasceu um menino, nasceu uma menina. Mas é a menina mais bonita que alguém poderia esperar, mais parecida com Rosa do que comigo, ainda bem. Então não sabemos o que fazer.

— Bem, Sam — disse Frodo. — O que há de errado com os velhos costumes? Escolha um nome de flor como Rosa. Metade das meninas do Condado têm esse tipo de nome, e o que poderia ser melhor?

— Acho que o senhor tem razão, Sr. Frodo — disse Sam. — Ouvi alguns nomes bonitos em minhas viagens, mas acho que eles são meio grandes demais para o dia-a-dia, como se diz. O Feitor me disse: "Escolha um nome pequeno, para não precisar diminuí-lo antes de usá-lo." Mas, se é para ser um nome de flor, não me incomodo com o tamanho: deve ser uma flor bonita porque, o senhor entende, eu acho que ela é muito bonita, e vai ficar ainda mais bonita.

Frodo pensou um instante.

— Bem, Sam, que tal elanor, a estrela-do-sol, você se lembra da florzinha no gramado de Lothlórien?

— O senhor está certo de novo, Sr. Frodo! — disse Sam deliciado.

— Era isso o que eu queria.

A pequena Elanor estava com quase seis meses, e 1421 já atingira o outono, quando Frodo pediu que Sam fosse ao seu estúdio.

— Na quinta-feira será o Aniversário de Bilbo, Sam — disse ele. — E ele vai ultrapassar o Velho Túk. Vai completar cento e trinta e um anos!

— É isso mesmo! — disse Sam. — Ele é um prodígio!

— Bem, Sam — disse Frodo. — Quero que você fale com a Rosa e veja se ela pode dispensá-lo, para que eu e você possamos sair juntos. Você não pode se ausentar

por muito tempo agora, é claro — disse ele um pouco ansioso.

— Bem, acho que não, Sr. Frodo.

— Claro que não. Mas não se preocupe. Você pode me acompanhar no começo da viagem. Diga a Rosa que você não vai ficar fora muito tempo. não mais que quinze dias, e que voltará são e salvo.

— Gostaria de poder acompanhá-lo até Valfenda, Sr. Frodo, e ver o Sr. Bilbo — disse Sam. — E apesar disso o único lugar onde realmente quero estar é aqui. Estou dividido em dois.

— Pobre Sam! Receio que é assim que vai se sentir — disse Frodo. — Mas vai se curar. Você nasceu para ser sólido e inteiro, e será.

Nos dois dias seguintes Frodo examinou seus papéis e seus escritos com Sam, e entregou-lhe as chaves. Havia um grande livro com capa de couro vermelha e lisa; suas páginas grandes estavam agora quase totalmente preenchidas. No inicio, havia várias folhas cobertas com a caligrafia fina e trêmula de Bilbo; mas a maioria estava escrita com a letra firme e corrida de Frodo. Estava dividido em capítulos, mas o Capítulo Oitenta estava inacabado, e depois dele havia algumas folhas em branco. A página de rosto trazia vários títulos, riscados um após o outro, assim:

Meu Diário. Minha Viagem Inesperada. Lá e de Volta Outra Vez. E o
Que Aconteceu Depois.
Aventuras de Cinco Hobbits. A História do Grande Anel, compilada
por Bilbo Bolseiro a partir de suas próprias observações e dos relatos de
seus amigos. O
que fizemos na Guerra do Anel.

Aqui terminava a letra de Bilbo e Frodo havia escrito:

A QUEDA
DO
SENHOR DOS ANÉIS
EO
RETORNO DO REI

(segundo as Pessoas Pequenas; contendo as memórias de Bilbo e Frodo do

Condado, suplementadas pelos relatos de seus amigos e pelos ensinamentos dos Sábios)

Juntamente com excertos de Livros da Tradição traduzidos por Bilbo em Valfenda.

— Ora, ora, o senhor praticamente terminou o livro, Sr. Frodo! — exclamou Sam. — Bem, o senhor trabalhou com afinco, devo dizer.

— Eu quase terminei, Sam — disse Frodo. — As últimas páginas são para você.

No dia vinte e um de setembro eles partiram juntos, Frodo no pônei que o trouxera desde Minas Tirith, e que agora se chamava Passolargo, e Sam em seu adorado Bill. Era uma manhã bela e dourada, e Sam não perguntou para onde iam: achava que podia adivinhar.

Pegaram a Estrada de Tronco através das colinas e foram na direção da Ponta do Bosque, e deixaram que os pôneis avançassem tranquilos. Acamparam nas Colinas Verdes, e no dia vinte e dois de setembro desceram suavemente até o inicio das árvores, enquanto a tarde terminava.

— Ora, ora, aquela não é exatamente a árvore atrás da qual o senhor se escondeu quando o Cavaleiro Negro apareceu pela primeira vez, Sr. Frodo? — disse Sam apontando para a esquerda. — Agora parece um sonho!

Já anoitecera e as estrelas estavam faiscando no céu do leste quando eles passaram pelo carvalho apodrecido, viraram-se e desceram a colina entre os arbustos de aveleiras. Sam estava quieto, perdido em recordações. De repente percebeu que Frodo estava cantando baixinho consigo mesmo, cantando a velha canção de caminhar, mas a letra não era a mesma.

*Talvez me espere noutra esquina*
*Porta secreta ou nova sina;*
*Embora sempre vão passando*
*Virá enfim o dia quando*
*Sendas secretas seguirei*
*Sem sol, sem lua eu partirei.*

E como que em resposta, lá debaixo, subindo a estrada que vinha do vale, vozes cantaram:

*A! Elbereth Gilthoniel! silivren penna minel*
*o menel aglar elenath, Gilthoniel, A! Elbereth!*
*Lembramos sim nós que moramos,*
*Aqui distantes, na floresta, Que brilho ao*
*Mar a Estrela empresta.*

Frodo e Sam pararam e sentaram-se em silêncio na sombra fresca, até que viram uma luz fraca no momento em que os viajantes vieram na direção deles, estava Gildor e muitos outros belos elfos; para a surpresa de Sam, também vinham a cavalo Elrond e Galadriel. Elrond estava com um manto cinza e tinha uma estrela sobre a testa; trazia na mão uma harpa de prata e no dedo um anel de ouro com uma grande pedra azul, Vilya, o mais poderoso dos Três. Mas Galadriel montava um palafrêm branco e vinha toda vestida de um branco reluzente, como as nuvens em torno da lua; pois parecia que ela mesma emanava uma luz suave. Em seu dedo estava Nenya, o anel feito de mithril, que exibia uma única pedra branca faiscante como uma gélida estrela.

Avançando lentamente logo atrás, num pequeno pônei cinzento, cabeceando de sono ao que parecia, vinha Bilbo em pessoa.

Elrond os saudou com graça e gravidade, e Galadriel sorriu para eles.

— Bem, Mestre Samwise — disse ela. — Ouvi dizer e vejo agora que você usou bem o meu presente. Agora mais que nunca o Condado será abençoado e amado. — Sam se curvou, sem saber o que dizer. Esquecera-se de como a Senhora era bela.

Então Bilbo acordou e abriu os olhos.

— Olá, Frodo! disse ele. — Bem, hoje ultrapassei o Velho Túk. Então fica tudo certo. E agora acho que estou pronto para fazer uma outra viagem. Você vem?

— Sim, eu vou — disse Frodo. — Os Portadores dos Anéis devem ir juntos.

— Aonde o senhor vai, Mestre? — exclamou Sam, embora finalmente percebesse o que estava se passando.

— Para os Portos, Sam — disse Frodo.

— E eu não posso ir.

— Não, Sam. Pelo menos não por enquanto, não além dos Portos. Embora você também tenha sido um Portador do Anel, mesmo que por pouco tempo. O seu tempo pode chegar. Não fique muito triste, Sam. Você não pode sempre ficar dividido em dois. Terá de ser um e inteiro, por muitos anos. Ainda tem muito para desfrutar, para ser e para

fazer.

— Mas — disse Sam, com as lágrimas brotando em seus olhos achei que o senhor também ia desfrutar o Condado, por muitos e muitos anos, depois de tudo o que fez.

— Eu também já pensei desse modo. Mas meu ferimento foi muito profundo, Sam. Tentei salvar o Condado, e ele foi salvo, mas não para mim. Muitas vezes precisa ser assim, Sam, quando as coisas correm perigo: alguém tem de desistir delas, perdê-las, para que outros possam tê-las. Mas você é meu herdeiro: tudo o que tive e poderia ter tido lhe deixo. E também você tem Rosa e Elanor; e o menino Frodo virá, e a menina Rosinha; e Merry, Cachinhos Dourados e Pippin, e talvez ainda outros mais que eu não consigo ver. Suas mãos e suas atenções serão necessárias em todo lugar. Você será o Prefeito, é claro, enquanto quiser ser, e o jardineiro mais famoso da história; e você lerá coisas no Livro Vermelho, e manterá viva a memória da era que se passou; assim as pessoas se lembrarão do Grande Perigo e amarão mais ainda sua terra querida. E isso o manterá tão ocupado e feliz quanto alguém pode estar, enquanto prosseguir a sua parte da História.

— Venha agora, cavalgue comigo!

Então Elrond e Galadriel foram-se cavalgando, pois a Terceira Era estava terminada, e os Dias dos Anéis eram passados, chegando o fim da história e das canções daquele tempo. Com eles foram muitos elfos da Alta Linhagem que não queriam mais permanecer na Terra-média; entre eles, cheios de uma tristeza que apesar disso era abençoada e sem amargura, foram Sam, Frodo e Bilbo, com os elfos felizes em prestar-lhes homenagem.

Embora tenham cavalgado através do território do Condado durante toda a noite, ninguém os viu passar, a não ser as criaturas selvagens, ou algum andarilho aqui ou acolá, que viu um brilho rápido sob as árvores, ou uma luz e uma sombra correndo pela grama á medida que a lua rumava para o oeste. E quando tinham deixado o Condado, contornando a borda sul das Colinas Brancas, chegaram às Colinas Distantes, e às Torres, e contemplaram o Mar ao longe; e assim finalmente desceram até Mithlond, para os Portos Cinzentos, no longo estuário de Lún.

Quando chegaram aos portões, Cirdan, o Armador, aproximou-se para cumprimentá-los. Era muito alto e tinha uma barba muito comprida, os cabelos grisalhos e um rosto velho, a não ser pelos olhos que eram brilhantes como as estrelas; olhou para eles e fez uma reverência, dizendo depois:

— Já está tudo pronto.

Então Cirdan os conduziu até os portos, e lá havia um navio branco ancorado; no cais, ao lado de um grande cavalo cinzento, via-se um vulto vestido todo de branco á espera deles. No momento em que o vulto se virou e veio ao encontro da comitiva, Frodo viu que Gandalf agora usava abertamente em sua mão o Terceiro Anel, Narya, o Grande, que ostentava uma pedra rubra como o fogo. Então aqueles que estavam de partida se alegraram, pois souberam que Gandalf também embarcaria no navio junto com eles.

Mas Sam agora tinha o coração triste, e a impressão de que, se a despedida seria amarga, mais amargo ainda seria o retorno solitário pela longa estrada de volta para casa. Mas no momento em que estavam lá, os elfos já embarcando, e tudo preparado para a partida, surgiram cavalgando numa grande velocidade Merry e Pippin.

E em meio às lágrimas Pippin riu.

— Você já tentou escapar de nós uma vez e fracassou, Frodo – disse ele.

— Desta vez você quase conseguiu, mas fracassou de novo. Mas agora não foi Sam quem deu com a língua nos dentes, mas o próprio Gandalf

— É sim — disse Gandalf —; pois será melhor cavalgar para casa com dois amigos do que sozinho. Bem, aqui finalmente, caros amigos, nas praias do Mar, chega o fim de nossa sociedade na Terra-média. Vão em paz! Não pedirei que não chorem, pois nem todas as lágrimas são um mal.

Então Frodo beijou Merry e Pippin, e por último Sam; depois embarcou; as velas foram içadas, o vento soprou e lentamente o navio se afastou ao longo do estuário comprido e cinzento; e a luz do frasco de Galadriel que Frodo carregava faiscou e se perdeu. E o navio avançou para o Alto Mar e prosseguiu para o oeste, até que por fim, numa noite de chuva, Frodo sentiu uma doce fragrância no ar e ouviu o som de um canto chegando pela água. E então teve a mesma impressão que tivera no sonho na casa de Bombadil; a cortina cinzenta de chuva se transformou num cristal prateado e se afastou, e Frodo avistou praias brancas e atrás delas uma terra vasta e verde sob o sol que subia depressa.

Mas para Sam, que permanecera no Porto, a noite se aprofundou na escuridão; e enquanto contemplava o mar cinzento ele via apenas uma sombra sobre as águas, que logo se perdeu no oeste. Sam continuou ali ainda um bom tempo, ouvindo apenas o suspiro e o murmúrio das ondas nas praias da Terra-média, e o som delas penetrava fundo em seu coração. Ao lado dele estavam Merry e Pippin, em silêncio.

Por fim os três companheiros se voltaram, e sem olhar para trás mais nem uma

vez sequer foram lentamente em direção de casa; não trocaram palavra até chegarem de volta ao Condado, mas cada um sentia um grande consolo na companhia dos amigos, naquela longa estrada cinzenta.

Finalmente atravessaram as colinas e pegaram a Estrada Leste, e depois Merry e Pippin se dirigiram para a Terra dos Buques, e já estavam de novo cantando quando se despediram. Mas Sam tomou o caminho de Beirágua, e assim subiu outra vez a Colina, quando o dia terminava mais uma vez. E ele prosseguiu, e havia uma luz amarela, e fogo lá dentro; a refeição da noite estava pronta, como ele esperava. Rosa o recebeu, levou-o até a sua cadeira, colocando a pequena Elanor no colo do pai.

Sam respirou fundo.

— É, aqui estou de volta — disse ele.

# APENDICES

## APÊNDICE A

## ANAIS DOS REIS E GOVERNANTES

Quanto às fontes da maior parte do conteúdo dos próximos Apêndices, especialmente do A até o D, ver nota no final do Prólogo. A Seção A III, O Povo de Dúrin, origina-se provavelmente de Gimli, o anão, que manteve sua amizade com Peregrin e Meriadoc, e visitou-os muitas vezes em Gondor e em Rohan.

As lendas, histórias e estudos que se encontram nas fontes são muito extensos. Destes, apenas seleções, muitas vezes bastante resumidas, são apresentadas aqui. Seu principal propósito é esclarecer a Guerra do Anel e suas origens, e preencher várias lacunas da história principal. As antigas lendas da Primeira Era, nas quais residia o principal interesse de Bilbo, são tratadas muito brevemente, uma vez que dizem respeito aos antepassados de Elrond e aos reis e lideres númenorianos.

Excertos genuínos de anais e histórias mais longas estão colocados entre aspas. Inserções posteriores aparecem entre colchetes. As notas entre aspas podem ser encontradas nas fontes. Outras são do editor (1).

As datas fornecidas são as da Terceira Era, a não ser que venham acompanhadas das siglas S.E. (Segunda Era) ou Q.E. (Quarta Era).

Considera-se que a Terceira Era terminou quando os Três Anéis desapareceram em setembro de 3021 mas, para efeito dos registros de Gondor, o Ano 1 Q.E. começou no dia 25 de março de 3021. Nas listas, as datas após os nomes dos reis e governantes são as de suas mortes, se apenas uma data é fornecida. O sinal t indica uma morte prematura, em batalha ou não, embora nem sempre sejam incluídos anais sobre o evento.

## OS REIS NÚMENORIANOS

### (i)
### Númenor

Feanor foi o maior dos eldar no campo das artes e dos estudos, mas também O mais orgulhoso e obstinado. Foi ele quem trabalhou as Três Jóias, as Silmarill, e as encheu com o fulgor das Duas Árvores, Telperion e Laurelin (2), que davam luz à terra dos valar.

nota

1. Referências por volume e página dizem respeito a esta edição de O Senhor dos Anéis; referências a The Hobbit baseiam-se na 3ª edição inglesa, encadernada em tecido.

2. na Terra-média não restou nenhuma imagem de Laurelin, a Dourada.

As Jóias eram cobiçadas por Morgoth, o Inimigo, que as roubou e, depois de destruir as Árvores, levou-as para a Terra-média e as escondeu em sua grande fortaleza de Thangorodrim3. Contra a vontade dos valar, Feanor abandonou o Reino Abençoado e exilou-se na Terra-média, conduzindo uma grande parte de seu povo, pois em seu

orgulho pretendia recuperar as Jóias, tomando-as de Morgoth à força. Seguiu-se então a guerra sem esperança dos eldar e dos edain contra Thangorodrim, na qual eles foram por fim completamente derrotados. Os edain (Atani) eram três povos cujos membros eram homens que, chegando primeiro ao oeste da Terra-média e às praias do Grande Mar, tornaram-se aliados dos eldar contra o Inimigo.

Houve três uniões entre os eldar e os edain: Lúthien e Beren, Idril e Tuor, Arwen e Aragorn. Através do último reunificaram-se ramos dos meio-elfos, separados havia muito tempo, e sua linhagem foi restaurada.

Lúthien Tinúviel era filha do rei Thingol Capa-Cinzenta, de Doriath, da Primeira Era, mas sua mãe era melian, do povo dos valar.

Beren era filho de Barahir, da Primeira Casa dos edain. Juntos eles arrancaram uma silmaril da Coroa de Ferro de Morgoth4. Lúthien tornou-se mortal e os elfos a perderam. Dior era seu filho.

Elwing era filha deste, e guardou em seu poder a silmaril.

Idril Celebrindal era filha de Turgon, rei da cidade oculta de Gondolin5. Tuor era filho de Huor, da Casa de Hador, a Terceira Casa dos edain, e a mais renomada nas guerras contra Morgoth. Eãrendil era filho deles.

Eãrendil casou-se com Elwing, e com o poder da silmaril passou pelas Sombras6 e chegou ao Extremo Oeste, e falando como um embaixador tanto dos elfos como dos homens obteve a ajuda através da qual Morgoth foi derrotado. Eãrendil foi proibido de retornar para as terras mortais, e seu navio levando a silmoril zarpou pelos céus navegando como uma estrela, e como sinal de esperança para os habitantes da Terra-média, oprimidos pelo Grande Inimigo ou por seus servidores Apenas as silmarilli preservavam a antiga luz emanada pelas Duas Arvores de Valinor antes que Morgoth as envenenasse; mas as outras duas se perderam no final da Primeira Era.

Narra-se essa história completa, e muito mais a respeito de elfos e homens, no Silmarillion.

Os filhos de Eiirendil eram Elros e Elrond, os Peredhil, ou meio-elfos. Somente neles a linhagem dos heróicos lideres dos edain da Primeira Era foi preservada; da mesma forma, após a queda de Gil-galad8, a linhagem dos altos-elfos reis só ficou representada na Terra-média por seus descendentes.

No final da Primeira Era os valar impuseram uma escolha irrevogável aos meio-elfos, ou seja, eles deveriam decidir a que raça pertenceriam. Elrond escolheu ser do Povo Élfico, e transformou-se num mestre da sabedoria. Portanto, a ele foi concedida a

mesma graça recebida pelos altos-elfos que ainda permaneciam na Terra-média que, quando por fim estivessem cansados das terras mortais, eles poderiam tomar um navio e partir dos Portos Cinzentos para o Extremo Oeste; essa graça perdurou depois da mudança do mundo. Mas para os filhos de Elrond também foi indicada uma escolha: passar com o pai dos círculos do mundo ou, se permanecessem, tornarem-se mortais e morrerem na Terra-média. Em consequência disso, para Elrond, todas as possibilidades da Guerra do Anel estavam carregadas de tristeza9.

Elros escolheu ser do povo dos homens e permanecer com os edain; mas foilhe concedido um grande tempo de vida, muitas vezes maior que o dos homens inferiores.

Como recompensa por seus sofrimentos na causa contra Morgoth, os valar, Guardiões do Mundo, concederam aos edain uma terra para morarem, retirada dos perigos da Terra-média. A maioria deles, portanto, cruzou o Mar, e guiados pela Estrela de Eãrendil chegaram à grande Ilha de Elenna, no extremo oeste das Terras Mortais. Ali eles fundaram o reino de Númenor.

Havia uma alta montanha no centro da ilha, chamada Meneltarma, e de seu topo os que enxergavam longe podiam divisar a torre branca do porto dos eldar em Eressea. De lá os eldar vieram para se juntar aos edain, enriquecendo-os com conhecimento e muitas dádivas; mas aos númenorianos foi imposta uma ordem, a "Interdição dos Valar": ficavam proibidos de navegar para o oeste, além do campo de visão de suas próprias praias, e também de pôr os pés nas Terras Imortais. Pois embora lhes tivesse sido concedida uma grande longevidade, no inicio três vezes maior que a dos homens inferiores, eles deviam permanecer mortais, uma vez que aos valar foi permitido tomar deles a Dádiva dos Homens (ou a Destruição dos Homens, como foi posteriormente denominada).

Elros foi o primeiro rei de Númenor, e depois ficou conhecido pelo nome meioálfico de Tar-Minyatur. Seus descendentes tiveram vida longa, mas eram mortais.

Mais tarde, quando se tornaram poderosos, lamentaram a escolha de seu ancestral, desejando a imortalidade dentro da vida do mundo, o que era destino dos eldar, e murmurando contra a Interdição. Assim começaram a rebelião que, sob o comando maligno de Sauron, culminou com a Queda de Númenor e a ruina do antigo reino, como se conta no Akallabêth.

Estes são os nomes dos reis e das rainhas de Númenor: Elros Tar-Minyatur, Vardamir, Tar-Amandil, Tar-Elendil, Tar-Meneldur, Tar-Aldarion, Tar-Ancalimé (a primeira rainha governante), Tar-Anàrion, Tar-Súrion, Tar-Telperién (a segunda rainha), Tar-

Minastir, Tar-Ciryatan, Tar-Atanamir, o Grande, Tar-Ancalimon, Tar-Telemmaité, Tar-Vanimeldé (a terceira rainha), Tar-Alcarin, Tar-Calmacil.

Depois de Calmacil, os reis ocuparam o trono assumindo nomes da língua númenoriana (ou Adúnaid): Ar-Adúnakhôr, Ar-Zimrathón, Ar-Sakalthôr, Ar-Gimilzôr, Ar-Inziladûn. Inziladûn arrependeu-se dos procedimentos dos reis e mudou seu nome para Tar-Palantir, "que Enxerga Longe". Sua filha deveria ser a quarta rainha, Tar-Miriel, mas o sobrinho do rei usurpou o trono e tornou-se Ar-Pharazôn, o Dourado, último rei dos númenonanos.

Nos dias de Tar-Elendil, os primeiros navios dos númenorianos retornaram para a Terra-média. Seu primeiro descendente foi uma filha, Silmarién. O primeiro filho dela foi Valandil, o primeiro dos senhores de Andúnié, na costa oeste, famoso por sua amizade com os eldar. Dele descenderam Amandil, o último senhor, e Elendil, o Alto.

O sexto rei deixou apenas um descendente, uma filha. Ela tornou-se a primeira rainha; pois foi nessa época que se promulgou uma lei da casa real, segundo a qual o descendente mais velho do rei, fosse ele homem ou mulher, deveria assumir o trono.

O reino de Númenor perdurou até o fim da Segunda Era, sempre crescendo em poder e esplendor; e até meados dessa Era, os númenorianos cresceram também em sabedoria e felicidade. O primeiro sinal da sombra que cairia sobre eles apareceu nos dias de Tar-Minastir, décimo primeiro rei. Foi ele quem mandou um grande exército em auxilio de Gil-galad. Ele amava os eldar, mas os invejava. Os númenorianos agora tinham-se transformado em grandes marinheiros, explorando todos os mares ao leste, e começaram a desejar o oeste e as águas proibidas; quanto mais feliz era a vida deles, mais começavam a ansiar pela imortalidade dos eldar.

Além disso, depois de Minastir, os reis se tornaram ávidos por riqueza e poder. No inicio, os númenorianos tinham vindo para a Terra-média como professores e amigos dos homens inferiores afligidos por Sauron; agora seus portos haviam-se transformado em fortalezas, mantendo amplas regiões costeiras sob seu comando. Atanamir e seus sucessores cobravam altos tributos, e os navios dos númenorianos retornavam carregados de espólios.

Foi Tar-Atanamir quem primeiro falou abertamente contra a Interdição e declarou que a vida dos eldar era dele por direito. Assim a sombra se adensou, e pensar na morte fez com que o coração do povo ficasse pesado e oprimido. Então os númenonanos se dividiram: de um lado ficaram os reis e aqueles que os seguiram, indispostos com os eldar e os valar; do outro lado estavam os poucos que chamavam a si próprios de Fiéis. Estes

moravam principalmente na parte oeste do Reino.

Os reis e seus seguidores pouco a pouco deixaram de usar as línguas eldarin, e por fim o vigésimo rei assumiu seu nome real na forma númenoriana, chamando-se de Ar-Adúnakhõr, "Senhor do Oeste". Esse ato pareceu de mau agouro para os Fiéis, pois até então esse titulo só fora concedido aos valar, ou ao próprio Antigo Rei10.

E de fato Ar-Adúnakhõr começou a perseguir os Fiéis e a punir aqueles que usavam abertamente as línguas élficas; os eldar cessaram de vir a Númenor.

Não obstante, o poder e a riqueza dos númenorianos continuavam a crescer; mas sua longevidade diminuía à medida que aumentava seu medo da morte, e a felicidade os abandonou. Tar-Palantir tentou reparar o mal, mas era tarde demais, e houve rebelião e contenda em Númenor. Quando ele morreu, seu sobrinho, líder da rebelião, apossou-se do trono e tornou-se Ar-Pharazôn. Ar-Pharazõn, o Dourado, foi o mais arrogante e poderoso de todos os reis, e desejava nada menos do que governar o mundo.

Ele resolveu desafiar Sauron, o Grande, pela supremacia da Terra-média, e por fim ele mesmo partiu num navio com uma grande esquadra, aportando em Umbar.

Tão grandes eram o poder e o esplendor dos númenorianos que os próprios servidores de Sauron o abandonaram; Sauron se humilhou, prestando honras e implorando perdão.

Então Ar-Pharazôn, na loucura de seu orgulho, levou-o como prisioneiro para Númenor. Não demorou muito para que Sauron enfeitiçasse o rei e se tornasse mestre de seu conselho; logo arrebatou o coração de todos os númenorianos, exceto aqueles que ainda eram Fiéis, de volta para a escuridão.

E Sauron mentiu para o rei, declarando que a vida eterna seria daquele que possuísse as Terras Imortais, e que a Interdição fora imposta apenas para evitar que os reis dos homens sobrepujassem os valar. "Mas grandes reis tomam o que lhes cabe de direito", dizia ele.

Por fim Ar-Pharazôn deu ouvidos ao seu conselho, pois sentia seus dias se esvairem e estava estupefato pelo medo da Morte. Preparou então o maior armamento que o mundo já vira, e, quando tudo estava pronto, mandou soarem as trombetas e fez-se à vela; e assim quebrou a Interdição dos valar, insurgindo-se em guerra para arrancar a vida eterna aos senhores do oeste. Mas, quando Ar-Pharâzon colocou os pés nas praias de Aman, o Reino Abençoado, os valar rejeitaram a sua função de Guardiões e invocaram o Um, e o mundo mudou. Númenor foi derrubada e engolida pelo Mar; as Terras

Imortais11 foram removidas para sempre dos círculos do mundo. Assim terminou a glória de Númenor.

Os últimos líderes dos Fiéis, Elendil e seus filhos, escaparam da Queda com nove navios, levando uma muda de Nimloth, e as Sete Pedras-videntes (dádivas que receberam dos eldar)"; foram carregados nas asas de uma grande tempestade e jogados nas praias da Terra-média. Ali estabeleceram no noroeste os reinos númenorianos do exílio, Amor e Gondor12. Elendil tornou-se o Alto Rei e morava no norte, em Annúminas; o governo do sul foi entregue a seus filhos, Isildur e Anánon. Ali eles fundaram Osgiliath, entre Minas Ithil e Minas Anor13, não muito longe das fronteiras de Mordor. Acreditavam que pelo menos uma coisa boa resultara da ruína, que Sauron também perecera.

Mas não foi assim. Sauron foi realmente apanhado pela destruição de Númenor, e assim a forma corpórea na qual por tanto tempo caminhara pereceu; mas ele fugiu de volta para a Terra-média, um espírito de ódio transportado por um vento escuro. Foi incapaz de assumir outra vez uma forma que fosse agradável aos homens, mas tornou-se negro e hediondo, e seu poder depois disso só se impôs pelo terror. Ele voltou a Mordor e se escondeu lá por um tempo, em silêncio.

Mas sua ira foi grande quando ficou sabendo que Elendil, a quem mais odiava, havia escapado de suas garras, e estava agora organizando um reino nas suas fronteiras.

Portanto, depois de um tempo, ele declarou guerra contra os Exilados, antes que estes criassem raízes. Orodrnin explodiu outra vez em chamas, e em Gondor recebeu um novo nome, Amon Amarth, Montanha da Perdição. Mas Sauron atacou cedo demais, antes que seu próprio poder fosse reconstruído, enquanto o poder de Gil-galad tinha aumentado em sua ausência; e, na Ultima Aliança que foi feita contra ele, Sauron foi derrotado e o Um Anel lhe foi tomado14. Assim terminou a Segunda Era.

## (ii)

## Os Reinos no Exílio
## A Linhagem do Norte
## Herdeiros de Isildur

Amor Elendil t3441 SE., Isildur t2, Valandil 24915, Eldacar 339, Arantar 435, Tarcil 515, Tarondor 602, Valandur t652, Elendur 777, Eãrendur 861.

Arthedain. Amlaith de Fornost"6 (filho mais velho de Eãrendur) 946; Beleg 1029, Maílor 1110, Celepharn 1191, Celebrindor 1272, Malvegil 134916, Argeleb 1 t1356, Arveleg 11409, Araphor 1589, Argeleb 111670, Arvegil 1743, Arveleg 111813, Araval 1891, Araphant 1964, Arvedui Ultimo Rei t1975. Fim do Reino do Norte.

Lideres. Aranarth (filho mais velho de Arvedui) 2106, Arahael 2177, Aranuir 2247, Aravir 2319, Aragorn 1 t2327, Araglas 2455, Arahad 1 2523, Aragost 2588.

Aravorn 2654, Arahad II 2719, Arassuil 2784, Arathorn 1 t2848, Argonui 2912, Arador t2930, Arathorn II t2933, Aragorn 11120 Q.E.

A Linhagem do Sul

Herdeiros de Anárion

Reis de Gondor Elendil (Isildur e) Anárion 13440 SE., Meneldil, filho de Anárion, 158, Cemendur 238, Eàrendil 324, Anardil 411, Ostoher 492, Rómendacil 1 (Tarostar) t54 1, Turambar 667, Atanatar 1 748, Siriondil 830. Aqui seguiram-se os quatro "Reis-navegantes":

Tarannon Falastur 913. Foi o primeiro rei sem prole, e quem o sucedeu foi o filho de seu irmão, Tarciryan. Eãrnil 17 t936, Ciryandil tlOIS, Hyarmendacil (Ciryaher) 1149. Gondor agora atingia o auge de seu poder.

nota

15. Ele era o quarto filho de Isildur, nascido em Imíadris. Seus irmãos foram mortos nos Campos de Lis.

16. Após Eãrendur, os reis deixaram de assumir nomes na forma do alto-élfico.

17. Após Malvegil, os reis de Fomost mais uma vez reivindicaram o governo de toda Amor, e assumiram nomes com o prefixo ar(a) em sinal disso.

Atanatar II Alcarin, 16o Glorioso", 1226, Narmacil 11294. Foi o segundo rei sem prole e quem o sucedeu foi seu irmão mais novo. Calmacil 1304, Minalcar (regente 1240-1304), coroado como Rómendacil II em 1304, morto em 1366, Valacar.

Em sua época o primeiro desastre de Gondor começou, a Contenda das

Famílias.

Eldacar, filho de Valacar (primeiramente chamado Vinitharya), deposto em 1437 Castamir, o Usurpador, t 1447. Eldacar, reentronizado, morreu em 1490.

Aldamir (segundo filho de Eldacar) t 1540, Hyarmendacil II (Vinyarion) 1621, Minardil t1634, Telemnar t1636. Telenmar e todos os seus filhos pereceram na peste; foi sucedido por seu sobrinho, o filho de Minastan, segundo filho de Minardil. Tarondor 1798, Telumebtar Umbardacil 1850, Narmacil II t1856, Calimehtar 1936, Ondober t 1944. Ondober e seus dois filhos foram mortos no campo de batalha. Depois de um ano, em 1945, a coroa foi passada ao general vitorioso Eãrnil, descendente de Telumehtar Umbardacil, Eãrnil II 2043, Earnur t2050. Aqui a linhagem dos reis foi interrompida, até ser restaurada por ElessarTelcontar em 3019. O reino passou então a ser governado pelos regentes.

Regentes de Gondor A Casa de Húrin; Pelendur 1998. Governou por um ano depois da queda de Ondoher, e aconselhou Gondor a rejeitar a reivindicação ao trono feita por Arvedui. Vorondil, o Caçador, 202915. Mardil Voronwé, "o Constante", o primeiro dos regentes governantes. Seus sucessores deixaram de usar nomes nas formas do alto-élfico.

Regentes governantes. Mardil 2080, Eradan 2116, Herion 2148, Belegorn 2204, Húrin 1 2244, Túrin 1 2278, Hador 2395, Barahir 2412, Dior 2435, Denethor 1 2477, Boromir 2489, Cirion 2567. Nessa época os rohirrim vieram para Calenardhon.

Halías 2605, Húrin II 2628, Belecthor 1 2655, Orodreth 2685, Ecthelion 1 2698, Egalmoth 2743, Beren 2763, Beregon 2811, Belecthor II 2872, Thorondir 2882, Túrin II 2914, Turgon 2953, Echtelion II 2984, Denethor II. Foi o último dos regentes governantes, e foi sucedido por seu segundo filho Faramir, senhor de Emyn Arnen, regente do rei Elessar, 82 Q.E.

## (iii)

## Eriador, Amor e os Herdeiros de Isildur

Eriador era antigamente o nome de todas as terras entre as Montanhas Sombrias e as Montanhas Azuis; ao sul a região fazia divisa com o rio Cinzento e o Glanduin, que deságua nele acima de Tharbad.

Em seu apogeu, Arnor incluía toda Eriador, com exceção das regiões além de e as terras a leste do rio Cinzento e do Ruidoságua, nas quais ficavam Val-fenda e Azevim.

nota

18. O gado branco selvagem que ainda se podia encontrar peno do Mar de Rhún, pelo que contam as lendas, descendia do Gado de Araw, o caçador dos valar, o único dos valar que frequentemente vinha para a Terra-média nos Dias Antigos. Oromê é o seu nome emalto-élfico.

Além de Lún as terras eram élficas, verdes e tranquilas, nunca visitadas por homem algum; mas os anões moravam, e ainda moram, no lado leste das Montanhas Azuis, especialmente nas regiões ao sul do golfo de Lún, onde eles têm minas ainda produtivas. Por esse motivo, eles tinham o costume de ir para o leste pela Grande Estrada, como haviam feito por longos anos, antes que chegássemos ao Condado. Nos Portos Cinzentos morava Cirdan, o Armador, e alguns dizem que ele ainda mora lá, até que o Último Navio zarpe em direção ao oeste. Nos dias dos reis, a maioria dos altos-elfos que ainda permaneciam na Terra-média moravam com Círdan ou nas regiões litorâneas de Lindon. Se alguns ainda restam atualmente, eles são poucos." O Reino do Norte e os dúnedain

Após Elendil e Isíldur houve oito altos reis de Arnor. Depois de Eãrendur, devido a dissensões entre seus filhos, o reino foi dividido em três: Arthedain, Rhudaur e Cardolan. Arthedain ficava no noroeste e incluída a região entre o Brandevin e Lún, e também as terras ao norte da Grande Estrada, até as Colinas do Vento.

Rhudaur ficava no nordeste, entre a Charneca Etten, as Colinas do Vento e as Montanhas Sombrias, mas incluia também o Ângulo entre o Fontegris e o Ruidoságua. Cardolan ficava no sul, sendo suas fronteiras o Baranduin, o rio Cinzento e a Grande Estrada.

Em Arthedain a linhagem de Isildur foi mantida e continuada, mas logo desapareceu em Cardolan e Rhudaur. Sempre havia desavenças entre os reinos, o que apressou o decréscimo dos dúnedain. O principal ponto de disputa era a possessão das Colinas do Vento e das terras a oeste, na direção de Bri. Tanto Rbudaur quanto Cardolan

desejavam possuir Amon Súl (o Topo do Vento), que ficava nas fronteiras de seus reinos; pois a Torre de Amon Súl possuía o mais importante palantír do norte, e os dois outros estavam em poder de Artbedain.

"Foi no início do reinado de Malvegil de Arthedain que o mal chegou a Amor. Pois naquele tempo o reino de Angmar surgiu no norte além da Charneca Etten.

Suas terras compreendiam os dois lados das Montanhas, e ali estavam reunidos muitos homens maus, e orcs, e outras criaturas cruéis. [O Senhor daquelas terras era conhecido como o Rei dos Bruxos, mas só depois se soube que na verdade ele era o chefe dos Espectros do Anel, que vieram ao norte com o propósito de destruir os dúnedain de Amor, alimentando esperanças em sua desunião, enquanto Gondor era forte.]"

Nos dias de Argeleb, filho de Malvegil, uma vez que não restava nenhum descendente de Isildur nos outros reinos, os reis de Arthedain mais uma vez reivindicaram o poder sobre toda Amor. Rhudaur opôs-se á reivindicação. Ali os dúnedain eram poucos, e o poder fora tomado por um senhor maligno dos homens das Colinas, que tinha uma aliança secreta com Angmar. Argeleb portanto fortificou as Colinas do Vento (19), mas foi morto em combate contra Rhudaur e Angmar.

Arveleg, filho de Argeleb, com a ajuda de Cardolan e Lindon, expulsou seus inimigos das Colinas, e por muitos anos Arthedain e Cardolan mantiveram sob seu comando uma fronteira ao longo das Colinas do Vento, da Grande Estrada, e do baixo Fontegrís. Conta-se que nessa época Valfenda ficou sitiada.

Um grande exército chegou de Angmar em 1409, e atravessando o rio entrou em Cardolan, cercando o Topo do Vento. Os dúnedain foram derrotados e Arveleg foi morto. A Torre de Amon 561 foi incendiada e completamente destruída; mas o palantír foi salvo e levado de volta na retirada para Fornost; Rhudaur foi ocupada por homens maus, súditos de Angmar20, e os dúnedain que permaneceram ali foram mortos ou fugiram para o oeste. Cardolan foi saqueada. Araphor, filho de Arveleg, ainda não se tornara adulto, mas era valente, e com a ajuda de Cirdan expulsou o inimigo de Fornost e das Colinas do Norte. Alguns dos Fiéis que restaram entre os dúnedain de Cardolan também resistiram em Tyrn Gorthad (as Colinas dos Túmulos), ou procuraram refúgio na Floresta mais além.

Conta-se que Angmar ficou por um tempo controlada pelo povo élfico vindo de Lindon, e também de Valfenda, pois Elrond trouxe ajuda vindo de Lórien pelas Montanhas. Foi no tempo dele que os Grados que moravam no Ângulo (entre o Fontegris e o Ruidoságua) fugiram para o oeste e para o sul, devido às guerras e ao terror de

Angmar, e também porque a região e o clima de Eriador, especialmente no leste, pioraram e se tornaram hostis. Alguns retornaram para as Terras Ermas, e passaram a morar nos Campos de Lis, transformando-se num povo ribeirinho de pescadores.

Nos dias de Argeleb II a peste chegou a Eriador pelo sudeste, e a maioria do povo de Cardolan pereceu, especialmente em Minhiriath. Os hobbits e a maioria dos outros povos sofreram muito, mas a peste abrandou à medida que foi se alastrando para o norte, e as partes setentrionais de Arthedain foram pouco afetadas. Foi nessa época que os dúnedain de Cardolan se extinguiram, e espíritos malignos de Angmar e Rhudaur invadiram os túmulos abandonados para ali morar.

"Conta-se que os túmulos de Tyrn Gorthad, como eram antigamente chamadas as Colinas dos Túmulos, são muito antigos e muitos foram construídos nos dias do mundo antigo da Primeira Era pelos antepassados dos edain, antes que atravessassem as Montanhas Azuis chegando à região de Beleriand, da qual apenas sobrevive Lindon atualmente. Portanto essas colinas foram reverenciadas pelos dúnedain após seu retorno, e ali muitos de seus senhores e reis foram enterrados.

[Dizem alguns que o túmulo no qual o Portador do Anel foi aprisionado fora o túmulo do último principe de Cardolan, que pereceu na guerra de 1409.]"

"Em 1974, o poder de Angmar cresceu de novo, e o Rei dos Bruxos desceu até Arthedain antes do final do inverno. Ele dominou Fornost, e expulsou a maioria dos dunedain restantes sobre o Lún; entre estes estavam os filhos do rei.

Mas o rei Arvediii resistiu nas Colinas do Norte o máximo possível, e depois fugiu para o norte com alguns membros de sua guarda; escaparam devido á rapidez de seus cavalos.

"Por um tempo Arvedui se escondeu nos túneis das antigas minas dos anões, próximas ao extremo oposto das Montanhas, mas por fim foi levado pela fome a procurar o auxílio dos lossoth, os Homens das Neves de Forochel21. Alguns destes ele encontrou acampados na praia; mas eles não se dispuseram a ajudar o rei, pois ele não tinha nada para lhes oferecer, exceto algumas jóias às quais os Homens das Neves não davam valor; e os lossoth tinham medo do Rei dos Bruxos, que (segundo eles) podia produzir gelo ou desmanchá-lo conforme bem quisesse. Mas em parte por pena do rei esquálido, e em parte por temerem suas armas, ofereceram-lhe um pouco de comida, e construiram-lhe abrigos de neve. Ali Arvedui foi forçado a aguardar, na esperança de alguma ajuda que viesse do sul, pois seus cavalos tinham perecido.

"Quando Círdan ficou sabendo por intermédio de Aranarth, filho de Arvedui, sobre a fuga do rei para o norte, imediatamente zarpou para Forochel em sua procura.

O navio por fim chegou lá após muitos dias, devido a ventos contrários, e os marinheiros viram de longe a pequena fogueira que os homens perdidos conseguiam manter acesa, alimentando-a com lenha trazida pela maré. Mas o inverno demorou para soltar suas garras naquele ano, e, embora a época fosse março, o gelo estava apenas começando a se quebrar, e se estendia mar adentro.

"Quando os Homens das Neves viram o navio, ficaram assustados e receosos, pois nunca tinham visto uma embarcação daquelas antes; mas agora tinham ficado mais amigáveis, e levaram o rei e aqueles de sua comitiva que haviam sobrevivido através do gelo em suas carroças deslizantes, até onde foi possível arriscar. Dessa forma um barco do navio pôde alcançá-los.

"Mas os Homens das Neves estavam inquietos, pois diziam que farejavam perigo no vento. E o chefe dos lossoth disse a Arvedui: — Não monte no monstro do mar!

Se as tiverem, os homens do mar poderão nos trazer comida e outras coisas de que necessitamos, e vocês podem permanecer aqui até que o Rei dos Bruxos vá para casa.

Pois no verão o poder dele míngua, mas agora seu hálito é mortal, e seu braço frio é comprido.

"Mas Arvedui não seguiu o conselho. Agradeceu ao chefe dos lossoth e na despedida deu-lhe seu anel, dizendo: — Este é um objeto que vale muito mais do que você possa imaginar. Simplesmente por ser antigo. Não tem poder algum, exceto a estima que lhe dedicam os membros de minha casa. Não vai ajudá-lo em nada, mas, se seu povo tiver qualquer necessidade, meus parentes podem resgatá-lo em troca de um grande estoque de tudo o que vocês desejarem22.

"Apesar disso, por acaso ou devido a algum poder de previsão, o conselho dos lossoth tinha valor; pois o navio ainda não tinha alcançado o alto-mar quando uma grande tempestade de vento se ergueu, e chegou do norte com uma nevasca que não permitia enxergar nada; o navio foi arrastado de volta na direção do gelo, que se empilhou ate cobri-lo por completo. Até os marinheiros de Cirdan ficaram sem ação, e durante a noite o gelo rompeu o casco, e o navio afundou.

nota

21. Este é um povo estranho e hostil, remanescente dos forodwaith, homens de

tempos muito distantes, acostumados ao frio rigoroso do reino de Morgoth.

De fato, esse clima persiste ainda na região, embora se situe a pouco mais de cem léguas ao norte do Condado. Os lossoth constroem suas casas na neve, e conta-se que eles podem correr no gelo com os pés apoiados em ossos, e têm carroças sem rodas. Em sua maioria vivem, inacessíveis aos seus inimigos, no grande Cabo de Forochel, que isola a noroeste a imensa baia que leva o mesmo nome; mas eles frequentemente acampam nas praias do sul da baia, aos pés das Montanhas.

22. Dessa forma foi salvo o anel da Casa de Isíldur, já que depois ele foi resgatado pelos dúnedain. Conta-se que era nada menos que o anel que Felagungo de Nargothrond deu a Barabir, e que Beren recuperou correndo grandes riscos.

Assim pereceu Arvedui Último Rei, e com ele os palantíri foram sepultados no mar23. Passou muito tempo antes que os Homens das Neves tivessem noticias do naufrágio de Forochel."

O povo do Condado sobreviveu, embora tenha sofrido as consequências da guerra, tendo a maioria da população fugido para se esconder. Enviaram em auxílio do rei alguns arqueiros que nunca retornaram; outros também foram para a batalha na qual o reino de Angmar foi derrotado (sobre a qual encontram-se mais detalhes nos anais do sul). Posteriormente, com a paz que sobreveio, o povo do Condado governou a si mesmo e prosperou. Escolheram um Thain para ocupar o lugar do rei, e ficaram satisfeitos; apesar disso, durante muito tempo muitos ainda esperavam o retorno do rei. Mas por fim essa esperança foi esquecida, permanecendo apenas na frase Quando retornar o rei, usada no sentido de algo bom que não se podia alcançar, ou de algum mal que não se pudesse corrigir. O primeiro Thain do Condado foi um tal de Bucca do Pântano, de quem os Velhobuques afirmavam descender.

Tornou-se Thain em 379 de nosso registro (1979).

Após Arvedui o Reino do Norte terminou, pois os dúnedain agora eram poucos e todos os povos de Eriador diminuíram. Apesar disso, a linhagem dos reis foi continuada pelos líderes dos dúnedain, dos quais Aranarth, filho de Arvedui, foi o primeiro. Arahael, seu filho, foi criado em Valfenda, assim como todos os filhos de líderes depois dele; ali também foram guardadas as heranças de sua casa: o anel de Barahir, os fragmentos de Narsil, a estrela de Elendil e o cetro de Annúminas24.

nota

23. Estas eram as Pedras de Annúminas e Amon Súl. A única pedra que restou no norte era a que estava na Torre sobre Emyn Beraid, que dá para o Golfo de Lún.

Ela foi guardada pelos elfos, e, embora nunca tenhamos sabido, permaneceu lá, até que Cirdan a colocou a bordo do navio de Elrond quando ele partiu. Mas conta-se que era diferente das outras e não estava em acordo com elas; a pedra só olhava para o mar. Elendil a colocou lá para que pudesse olhar para trás com uma "visão direta", e ver Eresséa no oeste desaparecido; mas os mares encurvados lá embaixo cobriam Númenor para sempre.

24. Conta-nos o Rei que o cetro era o piincipal símbolo de realeza em Númenor; o mesmo acontecia em Amor, cujos reis não usavam coroa, mas traziam na testa uma única pedra, chamada Elendilnijr, Estrela de Elendil, presa por um filete de prata. Falando em uma coroa , Bilbo sem dúvida estava se referindo a Gondor; ao que parece, ele se inteirou dos assuntos concernentes á linhagem de Aragorn. Comenta-se que o cetro de Númenor desapareceu com Ar-Pharazôn. O de Annúminas era o bastão de prata dos Senhores de Andúnié, e talvez seja atualmente o mais antigo trabalho feito por homens Preservado na Terra-média. Já tinha mais de cinco mil anos quando Elrond o entregou a Aragorn. A coroa de Gondor derivou do formato de um capacete de guerra númenoriano. De fato, no inicio era apenas um elmo sem adornos; e comenta-se que foi o elmo usado por Isildur na Batalha de Dagorlad (pois o elmo de Anárion foi esmagado pela pedra desferida por Barad-dûr que o matou). Mas nos dias de Atanatar Alcarin esse elmo foi substituído por um outro adornado de jóias, que foi usado na coroação de Aragorn.

Quando o reino terminou, os dúnedain entraram nas sombras e transformaram-se num povo incógnito e errante, e seus feitos e trabalhos raramente eram cantados ou registrados. Atualmente pouco se lembra deles, desde que Elrond partiu. Embora seres malignos tenham começado a atacar ou invadir secretamente Eriador, antes mesmo que a Paz Vigilante terminasse, a maioria dos líderes viveu uma longa vida até atingir a velhice. Conta-se que Aragorn 1 foi morto por lobos, que depois disso continuaram a ser um perigo em Eriador, e ainda não desapareceram por completo. Nos dias de Arahad 1, os orcs, que, como se soube depois, havia muito tempo vinham ocupando em segredo fortalezas nas Montanhas Sombrias, a fim de bloquear todas as passagens que davam

acesso a Eriador, de repente se revelaram.

Em 2509 Celebrían, esposa de Elrond, estava viajando para Lórien quando foi capturada no Passo do Chifre Vermelho; sua comitiva se dispersou devido ao súbito ataque dos orcs e ela foi presa e sequestrada. Elladan e Elrohir a seguiram e resgataram, porém só depois que ela fora atormentada e recebera um ferimento envenenado25. Celebrían foi trazida de volta a Imíadris, e, embora Elrond tivesse curado seu corpo, ela perdeu todo o prazer de estar na Terra-média, e no ano seguinte dirigiu-se aos Portos e atravessou o Mar. Mais tarde, nos dias de Arassuíl, os orcs, mais uma vez multiplicando-se nas Montanhas Sombrias, começaram a devastar as terras, e os dúnedain e os filhos de Elrond lutaram contra eles. Foi nessa época que um grande bando chegou ao oeste e invadiu o Condado, e foi rechaçado por Bandobras Túk.26

Houve quinze líderes antes do nascimento do décimo sexto e último deles. Aragorn II, que voltou a ser rei de Gondor e Amor. "Nós o chamamos de Nosso Rei, e quando ele vem para o norte para visitar sua casa restaurada em Annúminas, e permanece um tempo na região do lago Vesperturvo, todos no Condado ficam felizes.

Mas ele não entra nesta terra, e segue as próprias leis que criou, segundo as quais ninguém das Pessoas Grandes deve atravessar as fronteiras. Mas ele frequentemente cavalga com muita gente bonita até a Grande Ponte, e ali recebe os amigos e qualquer outra pessoa que deseje vê-lo; alguns o acompanham e hospedam-se em sua casa por quanto tempo quiserem. O Thain Peregrin já esteve lá muitas vezes, e também Mestre Samwise, o Prefeito. Sua filha, Elanor, a Bela, é uma da aias da Rainha Estrela Vespertina."

Era motivo de orgulho e admiração da Linhagem do Norte o fato de que, embora seu poder tivesse desaparecido e seu povo diminuído, através das muitas gerações a sucessão de pai para filho não fora interrompida. Além disso, embora a longevidade dos dúnedain estivesse sempre diminuindo na Terra-média, depois do desaparecimento de seus reis o decréscimo foi mais acelerado em Gondor, e muitos dos líderes do norte ainda atingiam o dobro da idade dos homens, e ultrapassavam em muitos anos mesmo os mais velhos dentre nós. De fato, Aragorn viveu até os cento e noventa anos, mais que qualquer outro de sua linhagem desde o rei Arvegíl; mas em Aragorn Elessar a dignidade dos reis de antigamente foi reconquistada.

# Gondor e os Herdeiros de Anárion

Houve trinta e um reis em Gondor depois de Anárion, que foi morto diante de Bat-ad-dUr. Embora a guerra nunca cessasse em suas fronteiras, durante mais de mil anos os dúnedain do sul cresceram em riqueza e poder, em terra e mar, até o reinado de Atanatar II, que era chamado de Alcarin, o Glorioso.

Apesar disso, os sinais da decadência já tinham começado a aparecer; os homens nobres do sul casavam-se tarde, e tinham poucos filhos. O primeiro rei sem prole foi Falastur, e o segundo Narmacil 1, o filho de Atanatar Alcarin.

Foi Ostoher, o sétimo rei, quem reconstruiu Minas Anor, onde posteriormente os reis passaram a morar no verão, preferindo aquele local a Osgíiiath. Em sua época, Gondor foi pela primeira vez atacada pelos homens bárbaros vindos do leste. Mas Tarostar, seu filho, derrotou-os e os expulsou, assumindo o nome de Rómendacil: "Vencedor do Leste". Entretanto, ele foi morto depois numa batalha travada contra novas hordas de orientaís. Turambar, seu filho, vingou-o, e conquistou um grande território na região leste.

Com Tarannon, o décimo segundo rei, começou a linhagem dos Reis-navegantes, que construíram esquadras e estenderam o poder de Gondor ao longo da costa a oeste e ao sul da Foz do Anduin. Para comemorar suas vitórias como Capitão dos Exércitos, Tarannon assumiu a coroa com o nome de Falastur, "Senhor das Costas".

Eãrnil 1, seu sobrinho, que o sucedeu, reformou o antigo porto de Pelargír e construiu uma grande esquadra. Sitiou Umbar por terra e mar, conquistando e transformando o lugar num grande porto e numa fortaleza do poder de Gondor27. Mas Eãrnil não sobreviveu muito tempo ao próprio triunfo.

Perdeu-se, juntamente com muitos navios e homens, numa grande tempestade na costa de Umbar.

Círyandil, seu filho, continuou com a construção de navios, mas os homens de Harad, chefiados pelos senhores que haviam sido expulsos de Umbar, insurgíram-se com muita força contra aquela fortaleza, e Ciryandil caiu na batalha em Haradwaith.

Por muitos anos Umbar foi atacada, mas não podia ser tomada devido ao poder marítimo de Gondor. Ciryaher, filho de Ciryandíi, esperou a hora certa, e por fim, quando tinha reunido forças, desceu do norte por mar e por terra e, atravessando o rio Harnen, seus exércitos derrotaram completamente os homens de Harad, e seus reis foram

obrigados a reconhecer a soberania de Gondor (1050).

Ciryaher assumiu então o nome de Hyarmendacil, "Vencedor do Sul".

Nenhum inimigo ousou contestar o poder de Hyarmendacíl durante o resto de seu longo reinado. Ele foi rei por cento e trinta e quatro anos, sendo o seu o segundo reinado mais longo de toda a Linhagem de Anárion.

nota

27. Tanto o grande cabo como o porto de Umbar, todo bloqueado por terras, foram propriedade númenoriana desde os Dias Antigos, mas tratava-se de uma fortaleza dos homens do Rei, que posteriormente foram chamados de númenorianos negros, corrompidos por Sauron, e que Odiavam acima de tudo os seguidores de Elendil. Depois da queda de Sauron, sua raça minguou depressa, ou misturou-se com a dos homens da Terra-média, mas eles herdaram com a mesma intensidade o ódio por Gondor. Umbar, portanto, só foi tomada a um alto custo.

Em sua época Gondor atingiu o apogeu de seu poder. O reino se estendeu ao norte até Celehrant e as fronteiras sudoeste da Floresta das Trevas; a oeste até o rio Cinzento; a leste abarcou o Mar Interno de Rhún; ao sul chegou até o rio Harnen, e dali prolongou-se pela costa até a peninsula e o porto de Umbar. Os homens dos Vales do Anduín reconheceram sua autoridade, e os reis de Harad prestaram honras a Gondor, e seus filhos viveram como reféns na corte do Rei. Mordor estava em abandono, mas era vigiada pela grande fortaleza que guardava as entradas.

Assim terminou a linhagem dos Reis-navegantes. Atanatar Aicarin, filho de Hyarmendacíl, viveu com grande esplendor, tanto que os homens diziam que em Gondor pedras preciosas são pedregulhos para as crianças brincarem. Mas Atanatar gostava de vida mansa e não fez nada para manter o poder que herdara, e seus dois filhos tinham temperamento semelhante. O declínio de Gondor já havia começado antes de sua morte, e sem dúvida era observado pelos inimigos. A vigilância sobre Mordor foi negligenciada. Não obstante, foi só nos dias de Valacar que o primeiro grande mal se abateu sobre Gondor: a guerra civil da Contenda das Famílias, na qual houve grande perda e destruição, que nunca foram totalmente reparadas.

Minalcar, filho de Caimacil, era um homem muito vigoroso, e em 1240 Narmacil, para se livrar de todas as suas preocupações, nomeou-o Regente. Depois disso ele

governou Gondor em nome dos reis até suceder o pai. Sua maior preocupaçao eram os homens do norte.

Estes últimos tinham crescido muito durante a paz trazida pelo poder de Gondor. Os reis se mostravam favoráveis a eles, já que eram entre os homens inferiores os parentes mais próximos dos dúnedain (descendendo, em sua maioria, daqueles povos que originaram os antigos edain); a eles foram concedidas grandes extensões de terra além do Anduín, ao sul da Grande Floresta Verde, para que se constituíssem numa defesa contra os homens do leste. Isso deveu-se ao fato de que, no passado os ataques dos orientais tinham vindo principalmente através da planície que fica entre o Mar Interno e as Montanhas de Cinza.

Nos dias de Narmacil 1, os ataques começaram de novo, embora a princípio com pouca força; mas o regente ficou sabendo que os homens do norte nem sempre permaneciam fiéis a Gondor, e alguns poderiam juntar forças com os orientaís, levados pela ganância por espólios ou pelo desejo de alimentar rixas entre seus príncipes. Mínalcar, portanto, liderou em 1248 um grande exército, e entre Rhovanion e o Mar Interno derrotou uma grande força dos orientais e destruiu todos os seus acampamentos e povoados a leste do Mar. Assumiu então o nome de Rómendacil.

Ao retornar, Rómendacil fortificou a margem oeste do Anduín até a foz do Límciaro, proibindo qualquer forasteiro de descer o rio além das Emyn Muíl. Foi ele quem construiu os pilares dos Argonath e a entrada para Nen Hithoei.

Mas, já que precisava de homens e queria fortalecer os laços entre Gondor e os homens do norte, tomou a seu serviço muitos destes, dando a alguns altos postos em seus exércitos.

Rómendacíl mostrava uma preferência por Vidugavia, que o ajudara durante a guerra. Ele se autodenomínava Rei de Rhovanion, e de fato era o mais poderoso dos príncipes do norte, embora seu reino ficasse entre a Floresta Verde e o rio Celduin (28). Em 1250, Rómendacil mandou seu filho Valacar como embaixador para morar um tempo com Vidugavia e se familiarizar com a língua, os costumes e as politicas dos homens do norte. Mas Valacar excedeu em muito os desígnios de seu pai. Tornou-se um apaixonado pelas terras e pelo povo do norte, e casou-se com Vidumavi, filha de Vidugavia. Demorou alguns anos para retornar. Desse casamento originou-se depois a guerra da Contenda das Famílias.

"Pois os nobres de Gondor não viam com bons olhos a presença dos homens do norte entre eles; nunca se ouvira falar antes de um herdeiro da coroa, ou qualquer filho do

rei, que se tivesse casado com alguém de uma raça inferior e estranha. Já havia rebelião nas províncias do sul quando o rei Valacar ficou velho. Sua rainha fora uma senhora bela e nobre, mas de vida curta, conforme era o destino dos homens inferiores, e os dúnedain temiam que com os seus descendentes acontecesse o mesmo e que eles perdessem a majestade dos reis dos homens. Além disso, não estavam dispostos a aceitar como seu senhor o filho dela que, apesar de agora se chamar Eldacar, nascera em terras estrangeiras e em sua infância se chamara Vinitharya, um nome do povo de sua mãe.

"Portanto, quando Eldacar sucedeu o pai, houve guerra em Gondor.

Mas não foi fácil afastar Eldacar de sua herança. A linhagem de Gondor ele acrescentara o espírito destemido dos homens do norte. Era belo e corajoso, e não mostrava sinais de envelhecer mais depressa que seu pai. Quando os aliados, chefiados pelos descendentes dos reis, insurgiram-se contra ele, opôs-se a eles até o esgotamento de suas forças. Por fim foi cercado em Osgiliath, mas resistiu por muito tempo, até que a fome e os exércitos mais numerosos dos rebeldes o expulsaram, deixando a cidade em chamas. Naquele cerco e naquele incêndio, a Torre da Cúpula de Osgiliath foi destruida, e o palatír se perdeu nas águas.

"Mas Eldacar enganou seus inimigos; veio para o norte, juntando-se aos seus parentes em Rhovaníon. Muitos ali se juntaram a ele, tanto dentre os homens do norte a serviço de Gondor quanto dentre os dúnedain das regiões setentrionais do reino. Muitos dos dúnedaín tinham aprendido a estimá-lo, e muitos outros vieram a odiar o usurpador. Este era Castamir, neto de Calimehtar, irmão mais novo de Rómendacíl II. Além de ser um dos parentes mais próximos da coroa, ele era entre os rebeldes o que tinha o maior número de seguidores, pois era o Capitão dos Navios, sendo apoiado pelo povo do litoral e dos grandes portos de Pelargir e Umbar.

"Não fazia muito tempo que Castamír fora entronizado, e já se mostrava arrogante e mesquinho. Era um homem cruel, como já demonstrara na tomada de Osgiliath.

Fez com que Ornendil, filho de Eldacar, que foi capturado, fosse morto; e a matança e a destruição perpetradas na cidade sob suas ordens em muito excederam as necessidades da guerra. Isso foi lembrado em Minas Anor e em Ithílien, onde a estima por Castamir diminuiu ainda mais quando ficou visível que ele pouco se importava com a terra, pensando apenas nas esquadras, e quando propós que o trono do rei fosse levado para Pelargir.

"Dessa forma, seu reinado contava com apenas dez anos quando Eldacar,

agarrando a sua oportunidade, saiu do norte com um grande exército, e muitos outros homens de Calenardhon, Anórien e Ithilien juntaram-se a ele. Houve uma grande batalha em Lebennin e nas Travessias do Erui, na qual grande parte do melhor sangue de Gondor foi derramado.

nota
28. Rio Corrente.

O próprio Eldacar matou Castamir em combate vingando assim a morte de Ornendil; mas os filhos de Castamir escaparam, e com outros de sua família e muita gente das esquadras resistiram por muito tempo em Pelargir.

"Quando tinham reunido ali toda a força que conseguiram (pois Eldacar não tinha frota para atacá-los pelo mar), eles partiram em seus navios, e se estabeleceram em Umbar. Ali criaram um refúgio para todos os inimigos do rei, e um governo independente da coroa. Umbar permaneceu em guerra contra Gondor durante muitas vidas de homens, sendo uma ameaça para a sua região litorânea e para todo o tráfego marítimo. Nunca mais foi completamente dominada até os dias de Elessar; e a região de Gondor do Sul tornou-se objeto de disputa entre os Corsários e os Reis."

"Gondor lamentou a perda de Umbar, não apenas porque o reino ficou menor no sul e seu controle sobre os homens de Harad enfraqueceu, mas também porque ali Ar-Pharazôn, o Dourado, último rei de Númenor, desembarcara e humilhara o poder de Sauron. Embora grandes males tivessem acontecido posteriormente, mesmo os seguidores de Elendil lembravam com orgulho a chegada do grande exército de Ar-Pharazôn, saindo das profundezas do Mar; e no ponto mais alto do promontório que ficava acima do Porto eles tinham erguido um grande pilar branco à guisa de monumento.

Em seu topo havia um globo de cristal que captava os raios do Sol e da Lua e brilhava como uma estrela luminosa que se podia avistar, quando o tempo estava bom, mesmo da costa de Gondor ou do mar ocidental, a grande distância. O monumento permaneceu ali até que, depois da segunda ascensão de Sauron, que agora se aproximava, Umbar caiu sob a dominação de seus servidores. e o memorial da humilhação que ele sofrera foi derrubado."

Depois do retorno de Eldacar, o sangue da casa real e de outras casas dos dúnedain misturou-se mais ao sangue dos homens inferiores.

Muitos foram mortos na Contenda das Famílias, e Eldacar via com bons olhos os

homens do norte, que o ajudaram a recuperar a coroa; por esses motivos, ao povo de Gondor juntou-se um grande número de gente vinda de Rhovanion.

No princípio, essa miscigenação não apressou o declínio dos dúnedain como se temera; mas mesmo assim o declínio continuou, pouco a pouco, como já acontecia antes. Pois sem dúvida sua razão era acima de tudo a própria Terra-média, além da lenta retirada das dádivas dos númenorianos após a queda da Terra da Estrela. Eldacar viveu até os duzentos e trinta e cinco anos, e foi rei por cinquenta e oito, dos quais dez foram passados no exílio.

O segundo e maior mal abateu-se sobre Gondor no reinado de Telemnar, o vigésimo sexto rei, cujo pai, Minardil, filho de Eldacar, fora morto em Pelargir pelos Corsários de Umbar (estes foram comandados por Angamaitê e Sangabyando, os bisnetos de Castamir). Logo depois uma peste mortal chegou trazida por ventos escuros do leste. O rei e todos os seus filhos morreram, assim como muita gente do povo de Gondor, especialmente os moradores de Osgiliath. Então, devido ao cansaço e à escassez de homens, a vigilância sobre as fronteiras de Mordor cessou, e as rortalezas que guardavam as entradas ficaram desguarnecidas.

Mais tarde percebeu-se que essas coisas aconteceram ao mesmo tempo em que a Sombra se adensava na Floresta Verde, e muitos seres malignos reapareceram, sinais da ascensão de Sauron. É bem verdade que os inimigos de Gondor também sofreram, caso contrário poderiam tê-la derrotado em sua fraqueza; mas Sauron podia esperar, e pode muito bem ser que a abertura de Mordor fosse o que ele mais queria.

Quando o rei Telemnar morreu, as Arvores Brancas de Minas Anor também murcharam e morreram. Mas Tarondor, seu sobrinho e sucessor, replantou uma muda na na Cidadela. Foi ele também quem transferiu a casa real definitivamente para Minas Mor, pois Osgiliath estava agora parcialmente abandonada, e começava a cair em ruínas.

Poucos dos que haviam fugido da peste para Ithilien ou para os vales do leste estavam dispostos a retornar.

Tarondor, assumindo o trono em sua juventude, teve o reinado mais longo de todos os reis de Gondor, mas pouco pode realizar além do reordenamento interno de seu reino e da lenta formação de suas forças. Mas Telumehtar, seu filho, lembrando-se da morte de Minardil, e sentindo-se incomodado pela insolência dos Corsários, que atacavam sua região costeira chegando até Anfalas, reuniu suas forças e em 1810 tomou Umbar de assalto. Nessa guerra os últimos descendentes de Castamir pereceram, e Umbar ficou outra vez sob o controle dos reis por um tempo. Telumehtar acrescentou ao

seu nome o titulo de Umbardacil. Mas, com os novos males que logo se abateram sobre Gondor, Umbar foi novamente perdida, caindo nas mãos dos homens de Harad.

O terceiro mal foi a invasão dos Carroceiros, que consumiram as forças já minguadas de Gondor em guerras que duraram quase cem anos. Os Carroceiros eram um povo, ou uma confederação de muitos povos, que vinha do leste; eram mais fortes e estavam mais bem armados do que qualquer outro exército que aparecera antes.

Viajavam em grandes carroças, e seus lideres lutavam em carruagens.

Incitados pelos emissários de Sauron, como se percebeu depois, eles atacaram Gondor de súbito, corei Narmacil II foi morto num combate contra eles além do Anduin, em 1856. O povo de Rhovanion do leste e do sul foi escravizado, e as fronteiras de Gondor foram naquela época recuadas para o Anduin e as Emyn Muil (considera-se que nessa época os Espectros do Anel reentraram em Mordor).

Calimebtar, filho de Narmacil II, ajudado por uma revolta em Rhovanion, vingou seu pai com uma grande vitória sobre os orientais em Dagorlad em 1899, e por um tempo o perigo ficou afastado. Foi durante o reinado de Araphant, no norte, e de Ondoher, filho de Calimehtar, no sul, que os dois reinos passaram a fazer planos juntos, após um longo período de estranhamento e silêncio. Perceberam finalmente que um único poder e uma única vontade estavam, de vários pontos diferentes, dirigindo os ataques contra os sobreviventes de Númenor. Foi nessa época que Arvediii, herdeiro de Araphant, casou-se com Fíriel, filha de Ondoher (1940). Mas nenhum dos reinos conseguiu enviar auxílio ao outro, pois Angmar renovara seu ataque contra Arthedain ao mesmo tempo em que os Carroceiros reapareceram com grandes exércitos.

Muitos dos Carroceiros agora tinham penetrado no sul de Mordor e feito aliança com homens de Khand e Harad Próximo; e, nesse grande ataque do norte e do sul, Gondor quase chegou à ruína. Em 1944, o rei Ondober e seus dois filhos, Artamir e Faramir, caíram em batalha ao norte do Morannon, e o inimigo invadiu Itillien. Mas Eãmil, Capitão do Exército do Sul, obteve uma grande vitória em Ithílien do Sul e destruiu o exército de Harad que tinha cruzado o rio Poros.

Avançando rapidamente para o norte, ele arrebanhou todo o restante do Exército do Norte, que batia em retirada, e atacou o principal acampamento dos Carroceiros, enquanto estes se divertiam num banquete, na crença de que Gondor fora derrotada e de que nada restava para saquear. Eãrnil tomou de assalto o acampamento e ateou fogo às carroças, expulsando o inimigo de Ithilien em meio a um grande tumulto. Boa parte daqueles que fugiram de sua perseguição pereceram nos Pântanos Mortos.

"Por ocasião da morte de Ondober e seus filhos, Arvedui, do Reino do Norte, reivindicou a coroa de Gondor, como descendente direto de Isildur, e como marido de Fíriel, a única filha sobrevivente de Ondoher. A reivindicação foi rejeitada. Nisto, Pelendur, o regente do rei Ondoher, desempenhou o principal papel.

"O Conselho de Gondor respondeu: — A coroa e a realeza de Gondor pertencem unicamente aos herdeiros de Meneldil, filho de Anárion, a quem Isildur entregou este reino. Em Gondor essa herança só é considerada através de filhos homens, e não ouvimos falar que a lei em Amor seja diferente.

"A isso Arvedui respondeu: — Elendil teve dois filhos, dos quais Isildur era o mais velho e herdeiro. Sabemos que o nome de Elendil está até hoje no topo da linhagem dos reis de Gondor, já que ele foi reconhecido como alto rei de todas as terras dos dúnedain. Enquanto Elendil ainda vivia, o governo conjunto do sul ficou a cargo de seus filhos; mas, quando ele morreu, Isildur partiu para tomar posse do alto trono de seu pai, deixando o governo do sul, de forma semelhante, para o filho de seu irmão. Ele não abdicou do trono em Gondor, nem pretendia que o reino de Elendil ficasse dividido para sempre.

Além disso, na antiga Númenor, o cetro era passado ao descendente mais velho do rei, fosse homem ou mulher. É verdade que a lei não foi observada nas terras do exílio, sempre atribuladas pelas guerras; mas esta era a lei de nosso povo, à qual nos referimos agora, tendo em vista que os filhos de Ondoher morreram sem deixar prole29.

"A isso Gondor não respondeu. A coroa foi reivindicada por Eãrnil, o capitão vitorioso, e a ele foi concedida com a aprovação de todos os dúnedain de Gondor, uma vez que ele fazia parte da casa real. Era filbo de Siriondil, filho de Calimmacil, filho de Arciryas, irmão de Narmacil II. Arvedui não insistiu em sua reivindicação, pois não tinha nem poder e nem vontade de se opor á escolha dos dúnedain de Gondor; apesar disso, a reivindicação nunca foi esquecida por seus descendentes, mesmo quando seu reino já tinha desaparecido. Pois aproximava-se então a hora em que o reino do Norte chegaria ao fim.

nota

29. Essa lei foi feita em Númenor (como nos contou o Rei) quando Tar-Aldarion, o sexto rei, deixou apenas um descendente, uma filha. Ela se tornou a primeira rainha governante, TarAncalimé. Mas a lei era diferente antes de sua época. Tar-Elendil, o quarto rei, foi sucedido por seu filho Tar-Meneldur, embora sua filha Silmarien fosse a mais velha. Entretanto, foi de Silmarien que Elendil descendeu.

"Arvedui foi de fato o último rei, como diz seu próprio nome.

Conta-se que esse nome foi-lhe dado assim que nasceu por Malbeíh, o Vidente, que disse ao seu pai: — Deve chamá-lo de Arvedui, pois ele será o último em Arthedain. Contudo, uma escolha deverá ser feita pelos dúnedain, e, se eles optarem pelo que parece menos promissor, então seu filho mudará de nome e tornar-se-á rei de um grande reino. Caso contrario, muita tristeza e muitas vidas de homens se passarão até que os dúnedain se levantem e se unam outra vez.

"Em Gondor também apenas um rei sucedeu a Eãrnil. Pode ser que, se a coroa e ocetro se tivessem unido, a soberania fosse mantida e muito mal teria sido evitado.

Mas Eãrnií era um homem sábio, e não era arrogante, mesmo que, na opinião dos homens de Gondor, o reino de Arthedain parecesse uma coisa insignificante, apesar de toda a nobreza da linhagem de seus senhores.

"Ele enviou mensagens para Arvedui anunciando que recebia a coroa de Gondor, de acordo com as leis e as necessidades do Reino do Sul, "mas não me esqueço da lealdade de Amor, nem nego nosso parentesco, e também não desejo que os reinos de Elendil fiquem distantes. Enviar-lhe-ei ajuda quando for necessário, dentro de minhas possibilidades".

"Entretanto, passou-se muito tempo até que Eärnil se sentisse suficientemente seguro para realizar o que prometera. O rei Araphant continuava a se defender dos ataques de Angmar com forças cada vez mais reduzidas e Arvedui, quando o sucedeu, continuou procedendo do mesmo modo; mas finalmente, no outono de 1973, chegaram mensagens a Gondor dizendo que Arthedain estava em grandes dificuldades, e que o Rei dos Bruxos estava preparando um último golpe contra aquele reino. Então Eãrnil enviou seu filho Eãrnur para o norte com uma esquadra, o mais rápido possível, e com a maior força de que pôde dispor. Tarde demais. Antes que Eãrnur chegasse aos portos de Lindon, o Rei dos Bruxos tinha conquistado Arthedain e Arvedui tinha perecido.

"Mas quando Eãrnur chegou aos Portos Cinzentos houve grande alegria e surpresa tanto entre os elfos como entre os homens. Seus navios eram tão numerosos e de tão grande calado que foi difícil encontrar onde pudessem atracar, embora tanto o Harlond quanto o Forlond também estivessem totalmente ocupados; dos navios desembarcou um exército poderoso, com munição e provisões para uma guerra de grandes reis. Pelo menos assim pareceu ao povo do norte, embora essa fosse apenas uma pequena fração do poder de Gondor. Acima de tudo, os cavalos foram elogiados,

pois muitos deles vinham dos Vales do Anduin, montados por cavaleiros altos e belos, e altivos príncipes de Rhovanion.

"Então Cirdan convocou todos os que estavam dispostos a segui-lo, de Lindon Ou de Amor, e quando tudo estava pronto o exército atravessou Lún e marchou em direção ao norte, para desafiar o Rei dos Bruxos de Angmar. Diz-se que na época este morava em Fornost, lugar que enchera de gente maligna, usurpando a casa e o governo dos reis. Em seu orgulho, ele não aguardou o ataque dos inimigos em sua fortaleza, mas saiu ao encontro deles, com a intenção de varrê-los, como já fizera com outros, para dentro do golfo de Lún.

"Mas o Exército do Oeste atacou-o saindo das Colinas do Vesperturvo, e houve uma grande batalha na planície que fica entre Nenuial e as Colinas do None As forças de Angmarjá estavam cedendo e se retirando na direção de Foruost quando o principal grupo dos cavaleiros que contornara as colinas desceu do norte, dispersando-as em meio a um grande tumulto. Então o Rei dos Bruxos, com tudo o que conseguiu reunir de sua ruína, fugiu para o norte, em busca de Angmar, sua própria terra. Antes que pudesse alcançar o abrigo de Carn Dúm, foi alcançado pela cavalaria de Gondor, liderada por Eãrnur. Ao mesmo tempo, uma força sob o comando de Glorfindel, o Senhor Élfico, saiu de Valfenda. Assim Angmar foi completamente derrotada, não restando nenhum homem ou orc daquele reino a oeste das Montanhas.

"Mas conta-se que, de repente, quando tudo estava perdido, o Rei dos Bruxos apareceu em pessoa, vestido de negro, com uma máscara preta e montado num cavalo também negro. O medo dominou todos os que o contemplaram, mas ele escolheu o Capitão de Gondor para descarregar todo o seu ódio, e com um grito terrível cavalgou direto contra ele. Earnur ter-lhe-ia feito frente, mas seu cavalo não suportou o ataque, desviou e levou-o para longe antes que Eãrnur pudesse dominá-lo.

"Então o Rei dos Bruxos riu, e ninguém que ouviu aquilo jamais esqueceu o horror daquele grito. Mas Glorfindel então avançou em seu cavalo branco, e, em meio ao seu riso, o Rei dos Bruxos virou-se e fugiu para dentro das sombras. Pois a noite caiu sobre o campo de batalha, ele desapareceu, e ninguém viu para onde foi.

"Nesse momento Fârnur retornou cavalgando; mas Glorfindel, olhando em direção á escuridão que se adensava, disse: — Não o persigam!

Ele não retornará para esta terra. Muito distante ainda está sua destruição, e ele não cairá pela mão de um homem. Essas palavras muitos guardaram na memória; mas Eãrnur estava zangado, desejando apenas vingar sua desgraça.

"Assim terminou o reino maligno de Angmar, e dessa forma Eãrnur, Capitão de Gondor, atraiu sobre si o mais intenso ódio do Rei dos Bruxos; mas muitos anos ainda se passariam antes que isso fosse revelado."

Foi assim que, durante o reinado do rei Fârnil, como posteriormente ficou claro, o Rei dos Bruxos, escapando do norte, foi para Mordor, e lá reuniu os outros Espectros do Anel, de quem era o líder. Mas foi só em 2000 que eles saíram de Mordor pela Passagem de Cirith Ungol e fecharam cerco sobre Minas Ithil, que tomaram em 2002, roubando da torre o palantir. Não foram expulsos enquanto durou a Terceira Era; Minas Ithil transformou-se num lugar de terror e ganhou um novo nome, Minas Morgul. Grande parte das pessoas que ainda permaneciam em Ithilien abandonaram o lugar.

Eärnur parecia-se com o pai na coragem, mas não na sabedoria. Era um homem de corpo vigoroso e sangue quente; mas não queria se casar, pois seu único prazer residia na luta, ou no exercício com armas. Sua destreza era tanta que ninguém em Gondor podia fazer-lhe frente naqueles esportes de armas com os quais ele se deliciava, mais parecendo um campeão do que um capitão ou rei, e conservando seu vigor e habilidade até uma idade mais avançada do que era normal na época.

Quando Eärnur recebeu a coroa em 2043, o rei de Minas Morgul o desafiou para um combate homem a homem, escarnecendo-se dele, dizendo que Eärnur não ousara fazer-lhe frente em batalha no norte. Daquela vez Mardil, o Regente, conteve a ira do rei. Minas Anor, que se tornara a principal cidade do reino desde os dias do rei Teleniflar, sendo a residência dos reis, recebeu então um novo nome, Minas Tiritll, como a cidade sempre alerta contra o mal de Morgul.

Eärnur detivera a coroa por apenas sete anos quando o Senhor de Morgul repetiu seu desafio, caçoando do rei e dizendo que ao coração fraco de sua juventude de ele agora acrescentara a fraqueza da idade. Então Mardil não pôde mais contê-lo, e Eärnur cavalgou com uma pequena comitiva de cavaleiros até o portão de Minas Morgul. Jamais se ouviu falar outra vez de alguém daquela comitiva.

Acreditou-se em Gondor que o traiçoeiro inimigo prendera o rei, e que ele tinha morrido sofrendo torturas em Minas Morgul; mas, uma vez que não havia testemunhas de sua morte, Mardil, o Bom Regente, governou Gondor em seu nome por muitos anos.

Agora os descendentes dos reis tinham rareado. Seu número diminuira muito durante a Contenda das Famílias visto que, desde aquela época, os reis se haviam tornado ciumentos e vigiavam de perto os parentes próximos.

Frequentemente aqueles sobre quem recaiu alguma suspeita fugiram para

Umbar e ali se juntaram aos rebeldes, enquanto outros haviam renunciado à sua linhagem, casando-se com mulheres que não tinham sangue númenoriano.

Foi assim que não se encontrou nenhum pretendente à coroa que fosse de pura estirpe, ou cuja reivindicação todos aceitassem; além disso, todos temiam a lembrança da Contenda das Famílias, sabendo que, se uma dissensão desse tipo acontecesse de novo, certamente Gondor pereceria. Portanto, embora os anos se alongassem, o regente continuou a governar Gondor, e a coroa de Elendil ficou jazendo no colo do rei Eärnil nas Casas dos Mortos, onde Eãrnur a deixara.

## Os regentes

A Casa dos Regentes se chamava Casa de Húrin, pois eles descendiam do regente do rei Minardil (1621-34), Húrin de Emyn Arnen, um homem de nobre estirpe númenoriana.

Depois de sua época, os reis sempre escolheram seus regentes entre os descendentes dele, e após a época de Pelendur a regência tornou-se hereditária como a realeza, passando de pai para filho ou para o parente mais próximo.

De fato, cada novo regente assumia seu posto prestando o juramento de "segurar o bastão e governar em nome do rei, até o seu retorno". Mas logo essas palavras passaram a ter um sentido apenas ritual, e pouca atenção se dava a elas, pois Os regentes exerciam todo o poder dos reis. Apesar disso, muitos em Gondor acreditavam que um rei realmente voltaria em alguma época futura, e alguns relembravam a antiga linhagem do norte, que, pelo que se dizia, ainda continuava a viver nas sombras.

Mas contra tais pensamentos os regentes governantes fechavam seus corações.

Não obstante, os regentes nunca tomaram assento no antigo trono, e não usavam coroa ou cetro. Tinham um bastão branco apenas como símbolo de seu posto; sua bandeira era branca e sem insígnias, ao passo que a bandeira real fora sable, exibindo uma árvore branca em flor sob sete estrelas.

Após Mardil Voronwë, que foi reconhecido como o primeiro da linhagem sucederam-se vinte e quatro regentes governantes em Gondor, até a época de Denethor II, o vigésimo sexto e último. Os primeiros tempos foram tranquilos, Pois aqueles eram os

dias da Paz Vigilante, durante a qual Sauron recuou ante o Poder do Conselho Branco, e os Espectros do Anel permaneceram escondidos no Vale Morgul.

Mas, a partir da época de Denethor I, a paz nunca mais reinou completamente, e, mesmo quando em Gondor não havia grande ou declarada guerra, suas fronteiras estavam sob ameaça constante.

Nos últimos anos de Denethor 1, a raça dos uruks, orcs negros de grande força, pela primeira vez apareceu, vinda de Mordor, e em 2475 eles atravessaram Ithilien e tomaram Osgiliath. Boromir, filho de Denethor (cujo nome seria dado mais tarde a Boromir dos Nove Caminhantes), derrotou-os e reconquistou Ithilien; mas no fim Osgiliath ficou arruinada, e sua grande ponte de pedra foi destruida.

Depois disso ninguém morou lá. Boromir foi um grande capitão, temido até mesmo pelo Rei dos Bruxos. Era nobre e de rosto belo, um homem de corpo e vontade fortes, mas sofreu um ferimento de Morgul naquela guerra, e isso encurtou sua vida; ficou mirrado pela dor e morreu doze anos após o pai.

Depois dele veio o longo dominio de Cirion. Esse regente era vigilante e cauteloso, mas o poderio de Gondor diminuira, e a ele restava pouco mais do que defender suas fronteiras, enquanto seus inimigos (ou o poder que os movia) preparavam golpes que ele não podia evitar. Os Corsários saquearam seu litoral, mas era no norte que residia o maior perigo. Nas amplas terras de Rhovanion, entre a Floresta das Trevas e o rio Corrente, agora morava um povo cruel, totalmente dominado pela sombra de Doí Guldur. Frequentemente eles atacavam pela floresta, até que o vale do Anduin ao sul do Rio de Lis ficou em grande parte abandonado. A esses balchoth somavam-se constantemente outros, de raças semelhantes, que chegavam do leste, enquanto o povo de Calenardhon diminuía. Cirion teve de esforçar-se ao máximo para manter a fronteira do Anduin.

"Prevendo o ataque, Cirion pediu auxílio ao norte, mas foi tarde demais; naquele ano (2510), os balchoth, tendo construído muitos navios e jangadas grandes nas margens orientais do Anduin, atacaram maciçamente pelo rio e dispersaram os defensores. Um exército que subia do sul foi interceptado e empurrado para o norte pelo Limclaro, e ali foi subitamente atacado por uma horda de orcs das Montanhas e forçado a retirar-se na direção do Anduin. Então do norte chegou uma ajuda quando já não restava qualquer esperança, e as cornetas dos rohirrim se fizeram ouvir pela primeira vez em Gondor. Eorl, o Jovem, veio com seus cavaleiros e expulsou o inimigo, perseguindo os balchoth até a morte através dos campos de Calenardhon. Cirion concedeu que Eorl morasse naquela

região, e este prestou a Cirion o Juramento de Eorl, garantindo assistência aos senhores de Gondor em casos de necessidade ou de solicitação."

Nos dias de Beren, o décimo nono regente, um perigo ainda maior abateu-se sobre Gondor. Três grandes frotas, preparadas por longo tempo, vieram de Umbar e de Harad, e atacaram as costas de Gondor com muita violência; o inimigo desembarcou em vários lugares, chegando a alcançar ao norte a foz do Isen. Ao mesmo tempo, os rohirrim foram atacados pelo leste e pelo oeste, sua terra foi devastada e o povo foi forçado a se refugiar nos vales das Montanhas Brancas. Naquele ano o Inverno Longo começou com frio e grandes nevascas vindas do norte e do leste, prolongando-se por quase cinco meses. Helm de Rohan e seus dois filhos pereceram naquela guerra; houve miséria e morte tanto em Eriador como em Rohan.

Mas em Gondor, ao sul das montanhas, as coisas não correram tão mal, e antes da chegada da primavera Beregond, filho de Beren, tinha derrotado os invasores. Imediatamente enviou auxílio a Rohan. Ele foi o maior capitão que surgiu em Gondor depois de Boromir; quando sucedeu o pai (2763), Gondor começou a recuperar suas forças. Mas Rohan demorou mais para se refazer dos ferimentos que sofrera. Foi por esse motivo que Beren recebeu Saruman e entregou-lhe as chaves de Orthanc; a partir daquele ano (2759), Saruman passou a morar em Isengard.

Foi na época de Beregond que a Guerra entre anões e orcs foi travada nas Montanhas Sombrias (2793-9), da qual apenas rumores chegaram ao sul, até que os orcs, fugindo de Nanduhirion, tentaram atravessar Rohan e se estabelecer nas Montanhas Brancas. Houve luta por muitos anos nos vales antes que o perigo terminasse.

Quando morreu Belecthor II, o vigésimo primeiro regente, a Árvore Branca também morreu em Minas Tirith, mas foi deixada de pé "até o retorno do rei", pois não se conseguiu achar uma muda.

Nos dias de Túrin II, os inimigos de Gondor começaram a se mover novamente; Sauron crescera de novo em poder e o dia de seu levante se aproximava. Todo o povo de Ithilien, com exceção dos mais corajosos, abandonou a região e estabeleceu-se no oeste, do outro lado do Anduin, pois a região estava infestada de orcs de Mordor. Foi Túrin quem construiu para seus soldados refúgios secretos em Ithilien, dos quais Henneth Annún foi o mais guarnecido e o que ficou por maior tempo protegido.

Ele também fortificou outra vez a ilha de Cair Andros30 para defender Anórien. Mas seu maior perigo residia no sul, onde os haradrim tinham ocupado Gondor do Sul, e houve muita luta ao longo do Poros. Quando Ithilien foi invadida por grandes exércitos, o

rei Folcwine de Rohan cumpriu o Juramento de Eorl e pagou sua dívida pela ajuda trazida por Beregond, enviando muitos homens a Gondor. Com seu auxílio, Gondor teve uma vitória no cruzamento do Poros; mas ambos os filhos de Folcwine morreram em combate.

Os Cavaleiros os enterraram à moda de seu povo, e eles foram colocados em um único túmulo, pois eram irmãos gêmeos. Por muito tempo ali permaneceu o túmulo, Haudh in Gwanur, erguendo-se sobre a margem do rio, e os inimigos de Gondor temiam passar por ele.

Turgon sucedeu Túrin, mas de sua época lembra-se principalmente que, dois anos antes de sua morte, Sauron levantou-se outra vez, declarando-se abertamente; adentrou outra vez em Mordor, longamente preparada para ele. Então Barad-dúr foi erguida mais uma vez, e a Montanha da Perdição explodiu em chamas; o restante do Povo de Ithilien fugiu para longe. Quando Turgon morreu, Saruman tomou Isengard Como propriedade sua, e a fortificou.

*nota*

*30. Esse nome significa Navio da Espuma Longa, pois a ilha tinha o formato de um grande navio com uma proa alta apontando para o norte, contra a qual a espuma branca do Anduin se quebrava sobre rochas pontiagudas.*

"Ecthelion II, filho de Turgon, era um homem de sabedoria. Com o poder que lhe restava, começou a fortalecer seu reino contra o ataque de Mordor. Encorajou todos os homens de valor, de perto ou de longe, a entrarem para seu exército, e àqueles que provaram ser dignos de confiança garantiu posição e recompensa. Em grande parte do que realizou teve a ajuda de um grande capitão, a quem estimava acima de todos. Chamavam-no Thorongil, Águia da Estrela, pois ele era rápido e tinha olhos sagazes, e usava uma estrela de prata sobre a capa. Mas ninguém sabia seu nome verdadeiro, nem onde nascera. Para encontrar-se com Ecthelion veio de Rohan, onde servira ao rei Thengel, mas não era um dos rohirrim. Era um grande líder de homens, por terra e por mar, mas partiu para as sombras de onde viera, antes que os dias de Ecthelion tivessem findado.

"Thorongil frequentemente aconselhava Ecthelion, dizendo que o exército dos rebeldes de Umbar representava grande perigo para Gondor, e uma ameaça que poderia ser mortal para os feudos do sul, se Sauron partisse para a guerra declarada. Finalmente obteve permissão do regente e reuniu uma pequena esquadra, e deslocou-se para Umbar

inesperadamente durante a noite, e lá incendiou grande parte dos navios dos Corsários. Ele mesmo derrotou o Capitão do Porto numa batalha travada no cais, e em seguida sua frota bateu em retirada com poucas perdas. Mas quando retornou a Pelargir, para a tristeza e o espanto dos homens, recusou-se a voltar para Minas Tirith, onde grandes homenagens o aguardavam.

"Enviou uma mensagem de adeus a Ecthelion, dizendo: — Outras tarefas me chamam, senhor, e muito tempo e muitos perigos deverão passar antes que eu volte outra vez para Gondor, se esse for o meu destino. — Embora ninguém pudesse imaginar quais tarefas seriam essas, nem que chamado ele recebera, sabia-se para onde fora. Pois ele tomou um barco e atravessou o Anduin, dizendo ali adeus aos seus companheiros; prosseguiu sozinho, e quando foi visto pela última vez seu rosto olhava na direção das Montanhas da Sombra.

Houve consternação na Cidade pela partida de Thorongil, considerada por todos uma grande perda; menos para Denethor, filho de Ecthelion, um homem agora maduro para a regência, na qual sucedeu o pai por ocasião de sua morte, quatro anos depois.

"Denethor II era um homem orgulhoso, alto, valente, e mais majestoso que qualquer outro homem que aparecera em Gondor por muitas vidas de homens; também era sábio, enxergava longe, além de ser versado nas tradições. De fato era semelhante a Thorongil como se fosse um parente próximo, e apesar disso sempre ficava em posição inferior ao estranho nos corações dos homens e na estima de seu pai. Na época muitos pensaram que Thorongil tinha partido antes que seu rival se tornasse senhor, embora o próprio Thorongil jamais tivesse competido com Denethor, nem se considerasse algo mais que um servidor de seu pai. E em um ponto apenas os dois aconselhavam o regente de maneira diversa: Thorongil frequentemente advertia Ecthelion a não depositar confiança em Saruman, o Branco, de Isengard, mas em vez disso preferir os conselhos de Gandalf, o Cinzento. Mas havia pouca amizade entre Denethor e Gandalf depois da época de Ecthelion, o Peregrino Cinzento era menos bem-vindo em Minas Tirith. Portanto, mais tarde, quando tudo ficou claro, muitos acreditaram que Denethor, que tinha uma mente mais perspicaz e enxergava mais longe que os homens de seu tempo, descobrira quem na verdade era aquele forasteiro de nome Thorongil, e suspeitara que ele e Mithrandir pretendiam suplantá-lo.

"Quando Denethor tornou-se regente (2984), mostrou-se um governante dominador, tomando para si o controle de todas as coisas.

Falava pouco. Ouvia conselhos e depois seguia sua própria cabeça. Casara-se

tarde (2976), tomando como esposa Finduilas, filha de Adrahil, de Doí Amroth. Ela era uma senhora de grande beleza e coração bondoso, mas faleceu antes que se tivessem passado doze anos.

Denethor a amava, á sua maneira, mais que qualquer outra pessoa, exceto, talvez, pelo mais velho dos dois filhos que ela lhe dera. Mas tinha-se a impressão de que ela murchava na cidade guardada, como uma flor que, nascida nos vales próximos ao mar, é transplantada para um rochedo árido. A sombra do leste a enchia de terror, e ela sempre voltava seus olhos para o sul, na direção do saudoso mar.

"Depois da morte da esposa, Denethor tornou-se mais austero e calado do que antes, e ficava sentado sozinho em sua torre por muito tempo, perdido em pensamentos, prevendo que o ataque de Mordor viria durante sua regência.

Posteriormente acreditou-se que, precisando de conhecimento, mas sendo orgulhoso e confiando em sua própria força de vontade, ele ousou olhar no palantir da Torre Branca. Nenhum dos regentes ousara fazer tal coisa, nem mesmo os reis Farnil e Eãrnur, após a queda de Minas Ithil, quando o palantír de Isildur caiu nas mãos do Inimigo; pois a Pedra de Minas Tirith era o palantír de Anárion, o que mais se acordava com aquele que Sauron possuia.

"Foi dessa forma que Denethor adquiriu seu grande conhecimento sobre as coisas que se passavam em seu reino, e muito além de suas fronteiras, o que causava o espanto dos homens; mas pagara um alto preço por esse conhecimento, ficando velho antes do tempo, devido à sua disputa com a vontade de Sauron. Assim o orgulho cresceu em Denethor junto com o desespero, até que ele viu em todos os feitos de sua época apenas um combate homem a homem entre o Senhor da Torre Branca e o Senhor de Barad-dúr, e passou a desconfiar de todos os outros que resistiam a Sauron, a não ser que servissem unicamente a ele próprio.

"Assim foi-se aproximando a época da Guerra do Anel, e os filhos de Denethor tornaram-se adultos. Boromir cinco anos mais velho, amado por seu pai, era parecido com ele nas feições e no orgulho, mas em pouca coisa mais. Pelo contrário, era um homem que se assemelhava ao rei Eãrnur de antigamente, recusando-se a se casar e divertindo-se principalmente com armas; forte e destemido, preocupava-se pouco com os estudos da tradição, exceto as histórias de antigas batalhas. Faramir, o mais novo, tinha uma aparência semelhante á do irmão, mas uma mente diferente. Decifrava os corações dos homens com a mesma perspicácia do pai, mas o que lia lhe causava antes pena do que desprezo. Tinha modos gentis e era um amante da tradição e da música; portanto,

muitos daquela época o julgavam menos corajoso que o irmão.

Mas isso não era verdade, a não ser pelo fato de que ele não buscava glória no perigo sem razão de ser. Acolheu Gandalf todas as vezes em que este visitou a Cidade, e aprendeu tudo o que pôde da sabedoria do mago; nesse e em muitos outros pontos desagradou a seu pai.

"Apesar disso, entre os irmãos havia um grande amor, como sempre acontecera desde a infancia, quando Boromir ajudava e protegia Faramir.

Nenhum ciúme e nenhuma rivalidade surgira entre os dois desde aquela época, pela preferência do pai ou pelo elogio dos homens. Faramir não achava possível que qualquer um em Gondor conseguisse rivalizar com Boromir, herdeiro de Denethor, Capitão da Torre Branca, e Boromir pensava do mesmo modo. No entanto, o teste provou o contrário. Mas sobre tudo o que aconteceu aos três na Guerra do Anel muito se conta em outro lugar. E depois da Guerra os dias dos regentes governantes chegaram ao fim, pois o herdeiro de Isildur e Anárion retornou, o governo dos reis foi restabelecido, e a bandeira da Árvore Branca foi mais uma vez desfraldada sobre a Torre de Ecthelion."

## (v)

## Aqui Segue-se uma Parte da História de Aragorn e Arwen

"Arador era o avô do rei. Seu filho Arathorn pediu em casamento Gilraen, a Bela, filha de Dírhael, que por sua vez era um descendente de Aranarth. A esse casamento Dírhael se opunha, pois Gilraen era jovem e ainda não atingira a idade na qual as mulheres dos dúnedain estavam acostumadas a se casar.

Além do mais — dizia ele —, Arathorn é um homem austero e já adulto, e será líder antes do que se espera; apesar disso, meu coração pressente que sua vida será curta.

"Mas Ivorwen, sua esposa, que também tinha poderes de previsão, respondeu: — Maior razão para a pressa! Os dias estão ficando escuros e trazem a tempestade, e

grandes coisas acontecerão. Se esses dois se casarem agora, pode ser que a esperança nasça para o nosso povo; mas, se demorarem, a esperança não virá enquanto durar esta era.

"E aconteceu que, apenas um ano após o casamento de Arathorn e Gilrean, Arador foi capturado e morto por trolls das colinas nos Morros Frios, ao norte de Valfenda; Arathorn portanto tornou-se líder dos dúnedain. No ano seguinte Gilraen lhe deu um filho, a quem foi dado o nome de Aragorn. Mas Aragorn tinha apenas dois anos quando Arathorn saiu cavalgando num ataque contra os orcs, acompanhado dos filhos de Elrond, e foi abatido por uma flecha-orc que lhe perfurou o olho, e dessa forma ele realmente viveu pouco para alguém de sua raça, tendo apenas sessenta anos quando tombou.

"Então Aragorn, sendo agora o herdeiro de Isildur, foi levado com a mãe para morar na casa de Elrond, que assumiu o lugar de seu pai e veio a amá-lo como se fosse seu próprio filho. Mas ele era chamado de Estel, que significa "Esperança", e seu verdadeiro nome e linhagem foram guardados em segredo por ordem de Elrond; os Sábios sabiam que o Inimigo estava procurando descobrir quem era o Herdeiro de Isildur, caso restasse algum na terra.

"Mas, quando Estel tinha apenas vinte anos de idade, aconteceu que um dia retornava a Valfenda depois de ter realizado grandes feitos na companhia dos filhos de Elrond; Elrond olhou para ele e ficou satisfeito, pois viu que era belo e nobre, e precocemente atingiria a idade adulta, embora ainda fosse crescer no corpo e na mente. Naquele dia, portanto, Elrond o chamou por seu verdadeiro nome, e revelou-lhe quem era, e o nome de seu pai; entregou-lhe então os legados de sua casa.

— Aqui está o anel de Barahir — disse ele —, o sinal de nosso antigo parentesco; e aqui também estão os fragmentos de Narsil. Com eles você ainda poderá realizar grandes feitos, pois eu prevejo que sua vida será mais longa que a da maioria dos homens, a não ser que o mal o acometa ou que você falhe no teste. Mas o teste será longo e dificil. O Cetro de Annúminas eu reterei, pois você ainda deve fazer por merecê-lo.

"No dia seguinte, na hora do pôr-do-sol, Aragorn caminhava sozinho na floresta; seu coração estava leve e ele cantava, pois sentia-se cheio de esperanças e o mundo era belo. E de repente, no momento em que cantava, viu uma donzela caminhando num gramado por entre os troncos brancos das bétulas; parou então assustado, pensando que se tinha perdido num sonho, ou então que recebera a dádiva dos menestréis-élficos, capazes de fazer com que as coisas por eles cantadas apareçam diante dos olhos de

quem os escuta.

"Na verdade Aragorn estivera cantando uma parte da Balada de Lúthien, que conta sobre o encontro de Lúthien e Beren na Floresta de Neldoreth. E eis que Lúthien estava ali, caminhando diante de seus olhos em Valfenda, vestindo um manto prata e azul, bela como o crepúsculo em Casadelfos; seus cabelos escuros esvoaçavam num vento repentino, e sua fronte estava cingida com pedras que pareciam estrelas.

"Por um momento Aragorn observou em silêncio, mas, temendo que ela fugisse e nunca mais aparecesse, chamou-a, gritando, Tinúviel, Tinúviel!, da mesma forma que Beren fizera nos Dias Antigos, muito tempo atrás.

"Então a donzela virou-se para ele e sorriu, dizendo: — Quem é você? E por que me chama por esse nome?

"E ele respondeu: — Porque achei que você fosse realmente Lúthien Tinúviel, sobre quem eu estava cantando. Mas, se você não for ela, então você caminha na imagem dela.

Muitos já disseram isso — respondeu ela num tom grave. — Mas o nome dela não é o meu. Embora talvez nossos destinos não sejam diferentes. Mas quem é você?

— Estel era meu nome — disse ele —, mas sou Aragorn, filho de Arathorn, Herdeiro de Isildur, Senhor dos Dúnedain. — Mas no momento em que falava ele sentiu que sua alta linhagem, que lhe trouxera alegria ao coração, valia agora pouca coisa, e não era nada em comparação á dignidade e beleza dela.

"Mas ela riu com alegria, e disse: — Então somos parentes distantes. Pois eu sou Arwen, filha de Elrond, e também me chamo Undómiel.

— Frequentemente se observa — disse Aragorn — que em tempos perigosos os homens escondem seu principal tesouro. Mas mesmo assim surpreendo-me com Elrond e com seus irmãos, pois, embora tenha vivido nesta casa desde a infancia, nunca ouvi falar de você. Como será que nunca nos encontramos antes? Com certeza seu pai não a trancou junto com seu tesouro?

— Não — disse ela, erguendo os olhos para as Montanhas que assomavam no leste. — Morei um tempo na terra dos parentes de minha mãe, em Lothlórien. Faz pouco tempo que retornei para visitar meu pai outra vez. Já faz muitos anos que não caminho em Imíadris.

"Então Aragorn ficou surpreso, pois ela não parecia mais velha do que ele, que por sua vez ainda não vivera muito mais que vinte anos na Terra-média. Mas Arwen olhou em seus olhos e disse: — Não fique admirado! Os filhos de Elrond têm a vida dos eldar.

"Então Aragorn ficou consternado, pois viu nos olhos dela a luz élfica e a sabedoria de muitos dias; mas daquela hora em diante amou Arwen Undómiel, filha de Elrond.

"Nos dias que se seguiram, Aragorn ficou calado, e sua mãe percebeu que algo estranho lhe acontecera; por fim ele cedeu às perguntas dela e contou-lhe sobre o encontro na meia-luz do bosque.

Meu filho — disse Gilraen —, sua ambição é grande, mesmo para um descendente de muitos reis. Pois esta senhora é a mais bela e a mais nobre que agora pisa sobre a terra. E não é adequado que os mortais se casem com alguém do povo élfico.

Mesmo assim, nós temos algum parentesco — disse Aragorn —, se for verdadeira a história que me foi contada sobre meus antepassados.

— É verdade — disse Gilraen — mas isso foi há muito tempo e numa outra era deste mundo, antes que nossa raça fosse diminuída.

Portanto sinto-me receosa, pois sem a boa vontade do mestre Elrond os herdeiros de Isildur logo chegarão ao fim. Mas não julgo que você consiga a boa vontade de Elrond nesse assunto.

— Então amargos serão meus dias, e eu caminharei nas terras ermas sozinho disse Aragorn.

— Esse realmente será o seu destino — disse Gilraen, mas, embora ela tivesse um pouco do poder de previsão de seu povo, não lhe disse mais nada sobre o seu pressentimento, nem comentou com ninguém sobre o que o filho lhe dissera.

Mas Elrond via muitas coisas e decifrava muitos corações. Um dia, antes do final do ano, ele chamou Aragorn ao seu aposento e disse: — Aragorn, filho de Arathorn, Senhor dos Dúnedain, ouça-me! Um grande destino o aguarda: elevar-se acima de todos os seus antepassados desde os dias de Elendil, ou então cair na escuridão com tudo o que resta de sua estirpe. Muitos anos de provações estendem-se diante de você. Você não deve ter uma esposa, nem assumir compromisso com qualquer mulher, até que seu tempo chegue e que você seja considerado digno disso.

"Então Aragorn ficou perturbado, e disse: — Será que minha mãe mencionou algo sobre esse assunto?

— Não, não mencionou nada — disse Elrond. — Seus próprios olhos o traíram. Mas não estou falando apenas de minha filha. Você ainda não deve comprometerse com a filha de homem algum. Mas quanto a Arwen, a Bela, Senhora de Imíadris e de Lórien,

Estrela Vespertina de seu povo, ela é de uma linhagem superior á sua, e já viveu neste mundo tanto tempo que para ela você não passa de um tenro broto ao lado de uma bétula jovem de muitos verões. Ela está muito acima de você. E também acho provável que ela pense assim. Mas mesmo se não fosse o caso, e o coração dela se voltasse na direção do seu, eu ainda me sentiria triste por causa do destino que nos foi imposto.

"Que destino é esse? — perguntou Aragorn.

— Que, enquanto eu permanecer aqui, ela viverá com a juventude dos eldar — i.espondeu Elrond —, e quando eu partir ela irá comigo, se assim escolher.

— Estou vendo — disse Aragorn — que fixei meus olhos num tesouro não menos precioso que o de Thingol, desejado outrora por Beren. Este é meu destino.

— Então, de súbito, o poder de previsão de seu povo aflorou-lhe na mente, e ele disse: — Mas veja, mestre Elrond! Os anos de sua permanência estão chegando ao fim, e a escolha logo deverá ser imposta aos seus filhos, a escolha de se separarem ou do senhor ou da Terra-média.

— É verdade — disse Elrond. — Logo, pelos nossos cálculos, embora muitos anos dos homens ainda devam se passar. Mas não haverá escolha para Arwen, minha amada filha, a não ser que você, Aragorn, filho de Arathorn, se coloque entre nós e faça com que um de nós dois, você ou eu, sofra uma separação amarga, que ultrapassará o fim do mundo. Você ainda não compreende o que deseja de mim. — Elrond suspirou e depois de um tempo, olhando gravemente para o jovem, disse outra vez: — Os anos trarão o que devem trazer. Não vamos falar mais nisso até que muitos se tenham passado. Os dias estão escurecendo, e muito está por vir.

"Então Aragorn despediu-se carinhosamente de Elrond, e no dia seguinte disse adeus à mãe, e ás pessoas da casa de Elrond e a Arwcn, partindo para os ermos.

Por quase trinta anos trabalhou na causa contra Sauron, e tornou-se amigo de Gandalf, o Sábio, do qual ganhou muita sabedoria. Com ele fez muitas viagens perigosas, mas enquanto os anos se passavam viajava sozinho com mais frequência.

Seus caminhos eram longos e dificeis, e ele assumiu uma aparência rústica, a não ser quando casualmente sorria; mesmo assim os homens o consideravam digno de honra, como um rei no exílio, nos momentos em que ele não escondia sua verdadeira aparência. Pois ele circulava sob muitos disfarces, e obteve fama sob muitos nomes.

Cavalgou com o exército dos rohirrim, lutou para o Senhor de Condor por terra e mar e depois, na hora da vitória, desapareceu para não ser mais visto pelos homens do oeste, e viajou pelo distante leste e pelas profundezas do sul, explorando os corações dos

homens, bons e maus, e revelando os planos e estratégias dos servidores de Sauron.

"Assim acabou se tornando o mais resistente dos homens vivos, habilidoso em seus oficios e erudito nas suas tradições, e apesar disso era mais do que eles; pois tinha a sabedoria dos elfos, e havia uma luz em seus olhos que, quando se acendia, poucos podiam suportar. Seu rosto era triste e austero por causa do destino que lhe fora imposto, e apesar disso a esperança sempre morou nas profundezas de seu coração, do qual a alegria ás vezes jorrava como uma fonte que jorra de uma rocha.

"Veio a acontecer que, aos quarenta e nove anos de idade, Aragorn estava retornando de perigos nos escuros confins de Mordor, onde Sauron passara a morar de novo, ocupando-se do mal. Vinha cansado e desejava voltar a Valfenda para descansar um pouco, antes de viajar para terras distantes; em seu caminho passou pelas fronteiras de Lórien e foi recebido na terra oculta pela Senhora Galadriel.

"Ele não sabia, mas Arwen Undómiel também estava lá, passando outra temporada com os parentes da mãe. Mudara pouco, pois os anos mortais haviam passado por ela sem deixar marcas; mas seu rosto estava mais sério, e raramente se ouvia seu riso. Mas Aragorn crescera, atingindo a plenitude no corpo e na mente, e Galadriel pediu que tirasse suas vestes gastas pela viagem e o vestiu em prata e branco, com um manto de cinza-élfico, colocando uma pedra brilhante sobre sua testa. Então sua aparência ficou superior à de qualquer homem, e ele mais parecia um Senhor Élfico das Ilhas do Oeste. E foi assim que Arwen o contemplou pela primeira vez após a longa separação; e enquanto ele veio caminhando ao encontro dela sob as árvores de Caras Galadhon, que estavam carregadas de flores douradas, ela fez sua escolha e selou seu destino.

"Então por um tempo os dois passearam juntos nas clareiras de Lothlórien, até que chegou a hora de ele partir. E, na tardinha do Solstício de Verão, Aragorn, filho de Arathorn, e Arwen, filha de Elrond, foram até a bela colina Cerin Amroth, no centro daquele lugar, e andaram descalços sobre a relva sempre verde, com elanor e niphredil ao redor de seus pés. E ali, sobre aquela colina, olharam para o leste, na direção da Sombra, e para o oeste, na direção do Crepúsculo, e comprometeram-se um com o outro e sentiram-se felizes.

E Arwen disse:

— Escura é a Sombra, e mesmo assim meu coração se alegra; pois você, Estel, estará entre os grandes cuja coragem irá destruí-la.

Mas Aragorn respondeu: Infelizmente não posso prever esse fato, e o modo

como virá a acontecer está oculto para mim. Mas com sua esperança hei de esperar. E rejeito a Sombra com todas as minhas forças. Mas da mesma forma, senhora, o Crepúsculo não é para mim; pois sou mortal, e se você ficar ao meu lado, Estrela Vespertina, deverá também renunciar ao Crepúsculo.

"Ela então ficou imóvel como uma árvore branca, olhando para o oeste; por fim, disse:

— Vou ficar ao seu lado, Dúnadan, e dar as costas para o Crepúsculo.

Apesar disso, lá fica a terra de meu povo, e a antiga casa de toda a minha família.

— Ela amava o pai intensamente.

"Quando Elrond ficou sabendo da escolha da filha, ficou em silêncio, embora seu coração se tivesse entristecido, percebendo que o destino tanto tempo temido não era nada fácil de suportar. Mas, quando Aragorn chegou outra vez a Valfenda, chamou-o á parte e lhe disse: Meu filho, aproximam-se os anos em que a esperança vai desaparecer, e além deles pouco está claro para mim. E agora uma sombra paira entre nós. Talvez assim tenha sido prescrito, que por minha perda o poder dos reis dos homens possa ser restaurado. Portanto, embora o ame, digo-lhe isto: Arwen Undómiel não diminuirá a dádiva de sua vida por uma causa menor. Ela não será a noiva de ninguém que não seja o rei de Condor e de Amor. Para mim, até mesmo nossa vitória só poderá trazer tristeza e separação mas para você poderá trazer esperança de alegria por um tempo. É uma pena, meu filho! Receio que para Arwen o destino dos homens possa ser dificil no final.

"Assim ficou acertado entre Elrond e Aragorn, e eles não falaram mais desse assunto; mas Aragorn partiu outra vez na direção do perigo e do trabalho árduo.

E enquanto o mundo escurecia e o medo caía sobre a Terra-média, á medida que o poder de Sauron crescia e Barad-dúr se erguia cada vez mais alta e forte, Arwen permaneceu em Valfenda, e, quando Aragorn estava fora, de longe ela cuidava dele em pensamento; e na esperança fez para ele um estandarte grande e majestoso, digno de ser exibido apenas por alguém que reivindicasse o trono dos númenorsanos e a herança de Elendil.

"Depois de alguns anos, Gilraen despediu-se de Elrond e retornou para o seio de seu próprio povo em Eriador, e viveu sozinha; raras vezes viu o filho de novo, pois ele passava muitos anos em terras distantes. Mas uma vez, quando Aragorn tinha retornado do norte, ele foi vê-la, e ela lhe disse antes de sua partida:

— Esta é a nossa última despedida, Estel, meu filho. Estou envelhecida pela

preocupação, mesmo para uma pessoa pertencente á raça dos homens inferiores; e, agora que se aproxima, não posso enfrentar a escuridão de nosso tempo, adensando-se sobre a Terra-média. Deixarei este lugar em breve.

"Aragorn tentou consolá-la, dizendo: — Apesar disso, ainda pode haver uma luz além da escuridão; se for assim, eu gostaria que a senhora a visse e se alegrasse.

"Mas ela respondeu apenas com este linnod: Onen i-Estel Edain, ú-chebin estel anim (31), e Aragorn foi-se embora com o coração pesado. Gilraen morreu antes da primavera seguinte.

"Assim se aproximaram os anos da Guerra do Anel, sobre a qual se conta mais em outro lugar: sobre como se revelou o meio inesperado pelo qual Sauron poderia ser derrotado, e sobre como uma esperança além de qualquer esperança foi concretizada. E aconteceu que na hora da derrota Aragorn surgiu do mar e desfraldou o estandarte de Arwen na batalha dos Campos de Pelennor, e naquele dia foi pela primeira vez aclamado como rei. E por fim, quando tudo estava consumado, ele assumiu a herança de seus antepassados e recebeu a coroa de Condor e o cetro de Amor; e no Solstício de Verão do ano da Queda de Sauron ele tomou a mão de Arwen Undómiel, e os dois se casaram na cidade dos reis.

"A Terceira Era terminou em vitória e esperança; apesar disso, melancólica entre as tristezas daquela Era foi a despedida de Arwen e Elrond, pois os dois foram separados pelo Mar e por um destino que ultrapassava o fim do mundo. Quando o Grande Anel foi desfeito, e os Três foram despojados de seu poder, Elrond por fim ficou cansado e abandonou a Terra-média, para nunca mais voltar.

Arwen tornou-se uma mulher mortal, mas apesar disso não era seu destino morrer até perder tudo o que ganhara.

"Como rainha dos elfos e dos homens, ela viveu com Aragorn por cento e vinte anos em grande glória e felicidade; mas por fim ele sentiu a aproximação da velhice e sabia que seu tempo de vida estava se esgotando, por mais longo que pudesse ter sido. Então Aragorn disse a Arwen:

— Finalmente, Senhora Estrela Vespertina, belíssima neste mundo, e muitíssano amada, meu mundo está se acabando. Eis que acumulamos e gastamos, e agora a hora do pagamento se aproxima!

nota

31. "Dei Esperança aos dúnedain, não guardei nenhuma esperança para mim.

"Arwen sabia o que ele pretendia, tendo previsto tudo muito tempo antes; não obstante, foi derrotada pela tristeza: Então iria, meu senhor, antes de seu tempo, abandonar seu povo, que vive graças ao seu comando? — disse ela.

Não antes de meu tempo — respondeu ele. — Pois, se não for agora, deverei ir em breve, á força. E Eldarion, nosso filho, é um homem maduro para o trono.

"Então, dirigindo-se para a Casa dos Reis, na rua Silenciosa, Aragorn deitou-se no longo leito que lhe fora preparado. Ali disse adeus a Eldarion, e entregou-lhe nas mãos a coroa alada de Gondor e o cetro de Amor; depois todos o deixaram, com exceção de Arwen, que ficou sozinha ao lado do leito. E, com toda a sua sabedoria e nobreza, ela não pôde evitar de implorar que ele ficasse ainda por mais um tempo. Ainda não estava cansada de seus dias, e assim provou o gosto amargo da mortalidade que assumira para si.

— Senhora Undómiel — disse Aragorn —, a hora é realmente dificil, mas ela foi feita no mesmo dia em que nos encontramos sob as bétulas brancas no jardim de Elrond, por onde agora ninguém caminha. E sobre a colina de Cerin Amroth, quando rejeitamos tanto a Sombra como o Crepúsculo, foi este o destino que aceitamos. Aconselhe-se consigo mesma, minha amada, e pergunte-se se realmente gostaria que eu esperasse até mirrar e cair de meu alto trono, sem virilidade e sem razão. Não, senhora, sou o último dos númenorianos, e o último rei dos Dias Antigos; a mim foi concedida não apenas uma longevidade três vezes maior que a dos homens da Terra-média, mas também a graça de ir quando quisesse, devolvendo a dádiva. Agora, portanto, vou dormir. Não lhe direi palavras de consolo, pois não há consolo para uma dor assim nos círculos do mundo. A escolha suprema se coloca diante de você: arrepender-se e ir para os Portos, levando para o oeste a lembrança dos dias que passamos juntos, que lá serão sempre verdes, embora não passem de uma lembrança, ou então conformar-se com o Destino dos homens.

— Não, querido senhor — disse ela. — Essa escolha há muito não existe mais. Agora não há um navio que pudesse me levar para lá, e devo de fato me conformar com o Destino dos homens, quer queira quer não: a perda e o silêncio. Mas digolhe, Rei dos Númenorianos, só agora entendo a história de seu povo e de sua queda. Desprezei-os como tolos miseráveis, mas por fim sinto pena deles. Pois, se realmente esta for, como dizem os eldar, a dádiva do Um concedida aos homens, é uma dádiva amarga de receber.

— Assim parece disse ele. — Mas não nos deixemos derrotar no último teste, nós que há muito tempo renunciamos á Sombra e ao Anel. Devemos partir com tristeza, mas não com desespero. Veja! Não estamos para sempre presos aos círculos do mundo, e além deles há mais do que lembrança. Adeus! Estel, Estel! — gritou ela, e nesse momento, na hora em que tomou sua mão e a beijou, Aragoro adormeceu. Então revelou-se nele uma grande beleza, tanto que todos os que vieram depois para vê-lo olhavam-no admirados, pois viam que a graça de sua juventude, a coragem de sua virilidade, a sabedoria e a majestade de sua velhice estavam mescladas em seu rosto. E por muito tempo ficou ali deitado, uma imagem do esplendor dos Reis dos Homens, numa glória que não se apagou antes da destruição do mundo.

"Mas, quando Arwen saiu da Casa, a luz de seus olhos se apagara, e seu povo teve a impressão de que ela se tornara fria e cinzenta como o cair de uma noite de inverno, que chega sem uma estrela. Então ela disse adeus a Eldarion e às filhas, e a todos aqueles a quem amava; partiu da cidade de Minas Tirith e passou para a terra de Lóríen; e viveu lá sozinha, sob as árvores que iam murchando, até que o inverno chegou. Galadriel tinha-se ido, Celeborn também, e a terra estava em silêncio.

"Então, por fim, quando as folhas de maílom estavam caindo, mas a primavera ainda não chegara32, ela se deitou para descansar sobre Cerin Amroth, e lá está seu túmulo verde, até que o mundo se altere, e todos os dias de sua vida sejam completamente esquecidos por homens que vierem depois, e elanor e niphredil não mais floresçam a leste do Mar.

"Aqui termina esta história, como nos chegou do sul; e com a passagem da Estrela Vespertina nada mais se lê neste livro sobre os dias de outrora."

## II

## A CASA DE EORL

"Eorl, o Jovem, era o senhor dos homens de Éothéod. Essa região ficava perto das nascentes do Anduin, entre as cadeias mais distantes das Montanhas Sombrias e as partes mais setentrionais da Floresta das Trevas. Os éothéod haviam-se mudado para

aquelas paragens nos dias do rei Eãrnil II, tendo vindo das terras nos vales do Anduin, entre o Carrock e o Rio de Lis, e eram originariamente parentes proximos dos beornings e dos homens das orlas ocidentais da floresta. Os antepassados de Eorl afirmavam ser descendentes dos reis de Rhovanion, cujo reino ficava além da Floresta das Trevas antes das invasões dos Carroceiros, e dessa forma consideravam-se parentes dos reis de Gondor que descendiam de Eldacar. Davam preferência às planícies e deliciavam-se com cavalos e com todas as proezas da equitação, mas naqueles dias havia muitos homens nos vales centrais do Anduin, e além disso a sombra de Doí Guldur se alongava; portanto, quando tomaram conhecimento da derrota do Rei dos Bruxos, procuraram mais espaço no norte, e expulsaram os remanescentes do povo de Angmar do lado leste das Montanhas. Mas nos dias de Léod, pai de Eorl, seu povo se tornara numeroso, ficando de certa forma mais uma vez comprimido na terra que era seu lar.

"No ano dois mil quinhentos e dez da Terceira Era, um novo perigo ameaçou Gondor. Um grande exército de bárbaros do nordeste se espalhou em Rhovanion e, descendo das Terras Castanhas, atravessou o Anduin em jangadas. Ao mesmo tempo, por acaso ou por estratégia, os orcs (que naquela época, antes de sua guerra contra os anões, formavam um poderoso exército) desceram das Montanhas. Os invasores assolaram Calenardhon, e Cirion, regente de Gondor, pediu a ajuda do norte; havia uma antiga amizade entre os homens do Vale do Anduin e o povo de Gondor. Mas no Vale do Rio os homens agora eram poucos e estavam espalhados, e demoraram para prestar o auxílio possível. Por fim Eorl recebeu noticias sobre a dificul dade de Gondor e, embora parecesse muito tarde, partiu com um grande exército de cavaleiros.

"Assim chegou à batalha do Campo de Celebrant, pois esse era o nome da terra verde que ficava entre o Veio de Prata e o Limclaro. Ali o exército do norte de Gondor corria perigo. Derrotados no Descampado e isolados do sul, seus homens tinham sido forçados a atravessar o Limclaro, e foram subitamente atacados pelo exército dos orcs que os empurrava na direção do Anduin. Não havia mais esperanças quando, inesperadamente, os Cavaleiros surgiram do norte e investiram contra a retaguarda do inimigo. Então as chances da batalha se inverteram, e o inimigo foi expulso através do Limclaro com muitas baixas. Eorl conduziu seus homens numa perseguição, e tão grande era o medo que precedia os cavaleiros do norte que os invasores do Descampado também ficaram em pânico, e foram perseguidos pelos homens de Eorl através das planícies de Calenardhon.

"O povo daquela região se tornara pouco numeroso desde a Peste, e os que

restaram tinham sido mortos pelos selvagens orientais. Cirion, portanto, como recompensa pela ajuda recebida, doou a região de Calenardhon que fica entre o Anduin e o Isen a Eorl e seu povo; estes mandaram buscar no norte suas esposas, filhos e pertences, assentando-se naquela região. Deram-lhe um novo nome, Terra dos Cavaleiros, e passaram a se autodenominar eorlingas; mas em Gondor sua terra era chamada Rohan, e seu povo os rohirrim (ou seja, Senhores dos Cavalos). Assim Eorl se tomou o primeiro rei da Terra dos Cavaleiros, e escolheu para morar uma colina verde á frente dos pés das Montanhas Brancas, que formavam a fronteira sul de sua terra.

Ali os rohirrim passaram a viver como homens livres, seguindo seu próprio rei e suas próprias leis, mas em aliança perpétua com Gondor.

"Muitos senhores e guerreiros, e muitas mulheres belas e corajosas, são mencionados nas canções de Rohan que ainda evocam o norte.

Frumgar, dizem eles, era o nome do líder que conduziu seu povo para Éothéod. Sobre seu filho, Fram, contam que matou Scatha, o grande dragão de Ered Mithrin, deixando aquela terra livre dos grandes-vermes. Dessa forma Fram adquiriu grandes riquezas, mas entrou em desentendimento com os anões, que reivindicavam o tesouro de Scatha. Fram não se mostrou disposto a lhes entregar uma única moeda, e em vez disso enviou-lhes um colar com os dentes de Scatha, acompanhado dos dizeres: "Jóias como estas não têm similar em seus tesouros, pois são dificeis de se conseguir." Alguns dizem que os anões mataram Fram por tal insulto. Não havia grande estima entre os éothéod e os anões.

"Léod era o nome do pai de Eorl. Era domador de cavalos selvagens, pois na época havia muitos naquela região. Capturou um potro branco, que logo se transformou num cavalo forte, belo e altivo. Ninguém podia dominá-lo. Quando Léod tentou montá-lo, o animal carregou-o para longe, e por fim jogou-o ao chão; a cabeça de Léod bateu contra uma pedra, e assim ele morreu. Contava com apenas quarenta e dois anos de idade, e seu filho era um rapaz de dezesseis.

"Eorl jurou que vingaria o pai. Por muito tempo caçou o cavalo, e por fim o avistou; seus companheiros esperavam que ele fosse tentar se aproximar e matá-lo com uma flechada. Mas, quando se aproximaram, Eorl pôs-se de pé e chamou o animal em voz alta:

— Venha cá, Ruína do Homem, e receba um novo nome!

Para a surpresa de todos, o cavalo olhou na direção de Eorl, aproximou-se a parou ao lado dele. Eorl disse:

— Eu o nomeio Felaróf. Você amava sua liberdade, e não o culpo por isso.

Mas agora você me deve uma grande compensação, e deverá entregar sua liberdade a mim até o fim de sua vida.

"Então Eorl o montou, e Felarôf se submeteu; Eorl conduziu-o para casa sem rédea ou freio, e depois disso sempre o montou dessa forma. O cavalo entendia tudo o que os homens diziam, embora não permitisse que ninguém, exceto Eorl, o montasse. Foi montado em Felaróf que Eorl cavalgou para o Campo de Celebrant, pois aquele cavalo provou ter uma vida longa como a dos homens, o mesmo sucedendo com seus descendentes. Estes eram os mearas, que não carregavam ninguém, a não ser o rei da Terra dos Cavaleiros ou seus filhos, até a época de Scadufax. A seu respeito os homens diziam que Béma (a quem os eldar chamavam de Oromé) teria trazido o pai deles do oeste, além do Mar.

"Dos reis da Terra dos Cavaleiros entre Eorl e Théoden fala-se muito em Helm Mão-de-Martelo. Era um homem austero, de grande força.

Havia naquele tempo um homem chamado Freca, que afirmava ser descendente do rei Fréawine, embora tivesse, afirmavam os homens, muito sangue da Terra Parda, e os cabelos escuros. Ficou rico e poderoso, possuindo amplas terras dos dois lados do Adorn33. Perto da nascente desse rio, construiu para si uma fortaleza, dando pouca atenção ao rei. Helm não confiava nele, mas o convocava para seus conselhos; Freca vinha quando queria.

"Para participar de um desses conselhos, Freca chegou cavalgando acompanhado de muitos homens, e pediu a mão da filha de Helm para seu filho Wulf. Mas Helm disse:

— Você cresceu desde que esteve aqui pela última vez; principalmente em gordura, eu acho —; os homens riram disso, pois Freca tinha uma barriga volumosa.

"Então Freca ficou furioso e insultou o rei, dizendo por fim:

— Reis velhos que recusam o bastão que lhes é oferecido podem cair de joelhos. — Helm respondeu:

— Venha! O casamento de seu filho é uma ninharia. Helm e Freca podem cuidar disso mais tarde. Enquando isso, o rei e seu conselho têm assuntos importantes a tratar.

"Quando terminou o conselho, Helm levantou-se e colocou as mãos enormes sobre os ombros de Freca, dizendo:

— O rei não permite gritarias em sua casa, mas os homens são mais livres lá fora — forçou então Freca a andar á sua frente, saindo de Edoras e entrando no campo.

Aos homens de Freca que se aproximavam, ele disse:

— Fora daqui! Não precisamos de ouvintes! Vamos tratar de um assunto particular. Vão conversar com meus homens. — E eles olharam e viram que os homens e amigos do rei estavam em número muito maior que eles, e recuaram.

— Agora, terrapardense — disse o rei — você só tem de lidar com Helm, sozinho e desarmado. Mas você já disse muito, e é minha vez de falar. Freca, sua loucura cresceu com sua barriga. Você fala em um bastão! Se Helm não aprecia um bastão torto que lhe é jogado, ele o quebra. Assim! — Com essas palavras, deu um murro em Freca com tal força que ele caiu zonzo para trás, e morreu logo em seguida.

nota

33. Este rio vem do oeste das Ered Nimrais e desemboca no tsen.

"Helm então declarou que o filho de Freca e seus parentes próximos eram inimigos do rei, e eles fugiram, pois imediatamente Helm enviou muitos cavaleiros para as fronteiras ocidentais."

Quatro anos mais tarde (2758), grandes problemas sobrevieram a Rohan, e nenhum auxílio pôde ser enviado de Gondor, pois três esquadras dos Corsários atacaram aquele reino e havia guerra ao longo de todo o litoral. Ao mesmo tempo, Rohan foi mais uma vez invadida pelo leste, e os homens da Terra Parda, percebendo sua oportunidade, atravessaram o Isen e desceram de Isengard. Ficou-se logo sabendo que Wulf era o seu líder. Formavam um grande exército, pois juntaram-se a ele os inimigos de Gondor que desembarcaram na foz do Lefnui e na do Isen.

Os rohirrim foram derrotados e sua terra foi assolada; os que não foram mortos ou escravizados fugiram para os vales das montanhas. Helm foi expulso das Travessias do Isen com grandes perdas, refugiando-se no Forte da Trombeta e no precipício que ficava mais atrás (que depois ficou conhecido como Abismo de Helm). Ali ficou sitiado. Wulf tomou Edoras e sentou-se em Meduseld, intitulando-se rei. Ali Haleth, filho de Helm, foi o último a morrer, defendendo as portas.

"Logo em seguida começou o Inverno Longo, e Rohan ficou coberta de neve por quase cinco meses (de novembro a março, 2758-9). Tanto os rohirrim como seus inimigos sofreram enormemente com o frio, e com a escassez que se prolongou por mais tempo.

No Abismo de Helm houve muita fome depois do lule; sentindo-se desesperado, contra o conselho do rei, Háma, seu filho mais novo, conduziu um grupo de homens numa

surtida com a intenção de saquear as provisões do inimigo, mas todos se perderam na neve. Helm tornou-se feroz e sombrio devido á penúria e á tristeza, e apenas o terror que causava já valia muitos homens na defesa do Forte.

Ele saía sozinho, vestido de branco, e se esgueirava como um troll-de-neve pelos acampamentos inimigos, matando muitos homens com as próprias mãos.

Acreditava-se que, se ele não levava arma alguma, nenhuma arma poderia feri-lo. Os terrapardenses diziam que, se ele não conseguisse encontrar comida, devorava homens. A história sobreviveu por muito tempo na Terra Parda. Helm tinha uma grande trombeta, e logo notou-se que antes de investir contra o inimigo ele emitia um clangor que ecoava no Abismo; então um pavor tão profundo dominava seus inimigos que, em vez de se reunirem para prendê-lo ou matá-lo, eles fugiam Garganta abaixo.

"Uma noite os homens ouviram a trombeta tocar, mas Helm não retornou. Na manhã seguinte surgiu um raio de sol, o primeiro depois de muitos dias, e eles viram um vulto branco parado, imóvel sobre o Dique, sozinho, pois nenhum dos terrapardenses ousava se aproximar. Ali estava Helm, morto como pedra, mas ainda ereto. Mesmo assim dizia-se que a trombeta ainda foi ouvida algumas vezes no Abismo e que o espectro de Helm caminhava em meio aos inimigos de Rohan, matando os homens de medo.

"Logo depois o inverno cedeu. Então Fréaláf, filho de Hild, a irmã de Helm, desceu do Templo da Colina, para o qual muitos haviam fugido, e com uma pequena comitiva de homens desesperados surpreendeu Wulf em Meduseld e o matou, reconquistando Edoras. Houve grandes enchentes depois da neve, e o vale do Entágua transformou-se num enorme charco. Os invasores do leste morreram ou se retiraram, e finalmente chegou ajuda de Gondor, pelas estradas a leste e a oeste das montanhas. Antes do término do ano (2759), os terrapardenses foram expulsos, até mesmo de Isengard; então Fréaláf tornou-se rei.

"Helm foi trazido do Forte da Trombeta e colocado no nono túmulo.

Sempre depois disso, a branca simbelmynë cresceu ali espessa, de modo que o túmulo parecia estar coberto de neve. Quando Fréaláf morreu, iniciou-se uma outra fileira de túmulos."

O povo dos rohirrim foi dramaticamente reduzido pela guerra, pela miséria e pela perda do gado e dos cavalos, e foi bom que mais nenhum grande perigo voltasse a ameaçá-los por muitos anos, pois foi só na época do rei Folcwine que eles recuperaram a antiga força.

Foi durante a cerimônia de coroação de Fréaláf que Saruman apareceu, trazendo

presentes, e elogiando muito a coragem dos rohirrim.

Foi bem recebido por todos.

Logo em seguida ele passou a morar em Isengard. Para isso, Beren, regente de Gondor, lhe deu permissão, pois Gondor ainda afirmava que Isengard era uma fortaleza de seu reino, não pertencendo a Rohan. Beren também permitiu que Saraman guardasse as chaves de Orthanc. Aquela torre nunca fora invadida ou danificada por qualquer inimigo.

Dessa forma Saruman começou a se comportar como um senhor de homens, pois no inicio vigiava Isengard como um tenente do regente e um guardião da torre. Mas Fréaláf estava tão satisfeito quanto Beren em relação a isso, considerando que Isengard estava nas mãos de um amigo forte. Um amigo foi o que Saruman pareceu ser por muito tempo, e talvez no inicio fosse um amigo sincero. Apesar disso, posteriormente restaram poucas dúvidas nas mentes dos homens de que Saruman foi para Isengard na esperança de ainda encontrar ali a Pedra, e com o propósito de construir um poder para si próprio. Com certeza, depois do último Conselho Branco (2953), seus designios com relação a Rohan, embora ele os escondesse, eram malignos.

Então ele tomou Isengard como se fosse propriedade sua, e começou a transformá-la num lugar de força e medo, como se pretendesse rivalizar com Barad-dúr. Conquistou amigos e servidores entre todos aqueles que odiavam Gondor e Rohan, fossem eles homens ou outras criaturas mais malignas.

## Os Reis da Terra dos Cavaleiros

## Primeira Linhagem

## Ano (nota 34)

2485-2545 1. Eorl, o Jovem. Era assim chamado porque sucedeu o pai ainda na juventude e permaneceu loiro e corado até o fim de sua vida. Esta foi encurtada por um novo ataque dos orientais. Eorl morreu em combate no Descampado, e o primeiro túmulo

foi erigido. Felaróf também foi colocado ali.

nota

34. As datas são dadas de acordo com o Registro de Gondor (Terceira Era). As que estão na margem referem-se ao nascimento e à morte.

25 12-70 2. Brego. Expulsou o inimigo do Descampado, e Rohan não voltou a ser atacada por muitos anos. Em 2569 ele terminou o grande palácio de Meduseld.

Durante o banquete de inauguração, seu filho, Baldor, jurou que iria trilhar "as Sendas dos Mortos", e nunca mais retornou35. Brego morreu de tristeza no ano seguinte.

2544-2645 3. Aldor o Velho. Era o segundo filho de Brego. Tornou-se conhecido como oVelho", já que viveu até uma idade avançada, e foi rei por 75 anos. Em sua época, os rohirrim aumentaram em número, e expulsaram ou subjugaram os últimos terrapardenses que restavam a leste do Isen. O Vale Harg e outros vales foram povoados. Sobre os três reis seguintes há poucas informações, pois em sua época Rohan prosperou e teve paz.

2570-2659 4. Erda. Varão mais velho, mas o quarto descendente de Aldor; já estava velho quando se tornou rei.

2594-2680 5. Fréawine.

26 19-99 6. Goldwine.

2644-2718 7. Déor Em sua época os terrapardenses atacaram várias vezes através do Isen. Em 2710 ocuparam o círculo abandonado de Isengard, e não foi possível expulsá-los.

2668-2741 8. Gram.

2691-2759 9. Heim Mão-de-Martelo. No final de seu reino, Rohan sofreu grandes perdas, devido a invasões e ao Inverno Longo. Helm pereceu, bem como seus filhos Háma e Haleth. Fréaláf, filho da irmã de Helm, tornou-se rei.

Segunda Linhagem

2726-98 10. Fréaláf,filho de Hild. Em sua época Saruman chegou a Isengard, de onde os terrapardenses tinham sido expulsos. Os rohirrim no inicio lucraram com a amizade dele, nos dias de miséria e fraqueza que se seguiram.

2752-2842 11. Brytta. Seu povo o chamava de Léofa, pois era amado por todos;

era generoso e ajudava a todos os necessitados. Em sua época houve uma guerra contra os orcs, que, expulsos do norte, procuraram refugio nas Montanhas Brancas36. Por ocasião de sua morte, pensou-se que todos os orcs tinham sido expulsos, mas não era assim.

2780-2851 12. Walda. Foi rei por apenas nove anos. Foi morto com todos os seus companheiros quando foram capturados numa cilada por orcs, ao cruzarem as passagens das montanhas, vindos do Templo da Colina.

2804-64 13. Folca. Foi um grande caçador, mas jurou não perseguir qualquer animal selvagem enquanto restasse um orc em Rohan. Quando a última fortaleza-orc foi encontrada e destruída, ele partiu para caçar o grande javali de Everholt na Floresta Firien. Matou o javali mas morreu devido aos graves ferimentos que este lhe causou.

2830-2903 14. Folcwine. Quando se tornou rei, os rohirrim haviam recuperado sua força. Ele reconquistou a fronteira ocidental (entre o Adorn e o Isen) que os terrapardenses tinham ocupado. Rohan recebera um grande auxilio de Gondor nos dias funestos. Quando, portanto, ele ficou sabendo que os haradrím estavam atacando Gondor com grandes exércitos, enviou muitos homens em auxílio ao regente.

Desejava conduzi-los em pessoa, mas foi dissuadido, e seus filhos gêmeos, Folcred e Fastred (nascidos em 2858), foram em seu lugar. Caíram lado a lado na batalha de Ithílien (2885). Túrin II, de Gondor, enviou a Folcwine uma grande compensação em ouro.

2870-2953 15. Fengel. Era o terceiro filho e quarto descendente de Folcwíne. Não é lembrado com elogios. Era ávido por comida e ouro, e não se entendia com seus marechais ou com seus filhos. Thengel, seu terceiro descendente e único varão, deixou Rohan quando se tornou adulto e viveu um longo tempo em Gondor, conquistando respeito a serviço de Turgon.

2905-80 16. Thengel. Só se casou bem tarde, mas em 2943 tomou como esposa Morwen, de Lossamach, em Gondor, embora ela fosse dezessete anos mais jovem. Ela lhe deu três filhos em Gondor, dos quais Théoden, o segundo, era o único varão. Quando Fengel morreu, os rohírrim o convocaram, e ele retornou a contragosto. Mas mostrou-se um rei bondoso e sábio, embora a língua de Gondor fosse falada em sua casa, e nem todos os homens apreciassem esse fato. Morwen lhe deu mais duas filhas em Rohan, e a última, Théodwyn, era a mais bela, embora tivesse nascido tarde (2963), a filha da velhice do rei. Seu irmão a amava muito. Foi logo depois do retorno de Thengel que Saruman se declarou Senhor de Isengard e começou a causar problemas a Rohan, invadindo suas

fronteiras e apoiando seus inimigos.

2948-30 19 17. Théoden. É chamado Théoden Ednew na tradição de Rohan, pois começou a decair devido aos feitiços de Saruman; mas foi curado por Gandalf, e no último ano de sua vida levantou-se e conduziu seus homens para a vitória no Forte da Trombeta, e logo em seguida para os Campos de Pelennor, a maior batalha da Era. Caiu diante dos portões de Mundburg. Por um tempo descansou na terra onde nascera, entre os reis mortos de Gondor, mas foi trazido de volta e colocado no oitavo túmulo de sua linhagem em Edoras. Depois iniciou-se uma nova linhagem.

Terceira Linhagem

Em 2989, Théodwyn casou-se com Éomund, do Folde Oriental, o mais importante Marechal da Terra dos Cavaleiros. Seu filho Éomer nasceu em 2991, e sua filha Éowyn em 2995. Naquela época Sauron se insurgira de novo, e a sombra de Mordor se estendia na direção de Rohan. Orcs começaram a atacar as regiões orientais e a matar ou roubar cavalos. Outros desceram também das Montanhas Sombrias, muitos deles sendo grandes uruks a serviço de Saruman, embora muito tempo se passasse antes que alguém suspeitasse disso. A principal tarefa de Eomund estava nas fronteiras orientais; ele amava muito os cavalos, e odiava os orcs. Se chegassem noticias sobre um ataque, ele muitas vezes investia contra eles tomado pelo ódio, sem cautela e com poucos homens. Foi assim que ele foi morto em 3002, pois estava perseguindo um pequeno bando até as fronteiras dos Emyn Muil, e lá foi surpreendido por um grande exército que estava á espera escondido nas rochas.

Não muito depois Théodwyn ficou doente e morreu, para a grande tristeza do rei, que acolheu em sua casa os filhos dela, chamando-os de filho e filha. Théoden tinha apenas um filho, Théodred, que na época contava com vinte e quatro anos; a rainha Elfhild morrera no parto, e Théoden não voltou a se casar.

Eomer e Eowyn cresceram em Edoras e viram a sombra escura cair sobre o palácio de Théoden. Eomer era como seus antepassados, mas Éowyn era esguia e alta, tendo uma graça e uma altivez herdadas do sul, de Morwen de Lossarnach, a quem os rohirrim haviam chamado Brilho do Aço.

2991 QE. 63 (3084) Éomer Éadig. Ainda jovem tornou-se Marechal da Terra dos Cavaleiros (3017), tendo-lhe sido confiada a tarefa que anteriormente fora do pai nas

fronteiras orientaís. Na Guerra do Anel, Théodred caiu em combate contra Saruman nas Travessias do Isen. Portanto, antes de morrer nos Campos de Pelennor, Théoden nomeou Eomer seu herdeiro e chamou-o de rei. Naquele dia Eowyn também ganhou renome, pois lutou na batalha, cavalgando disfarçada; posteriormente ficou conhecida na Terra dos Cavaleiros como a Senhora do Braço do Escudo37.

Éomer tornou-se um grande rei, e, sendo jovem quando sucedeu Théoden, reinou por sessenta e cinco anos, mais tempo que todos os reis dos rohirrim exceto Aldor, o Velho. Na Guerra do Anel, tornou-se amigo do rei Elessar, e de Imrahil, de Doí Amroth; e com frequêncía cavalgava até Gondor. No último ano da Terceira Era casou-se com Lothíriel filha de Imrahil. Seu filho, Elfwine, o Belo, o sucedeu no trono.

nota

37. Isso se deve ao fato de que o seu braço que carregava o escudo foi quebrado pela maça do Rei dos Bruxos; mas este ficou reduzido a nada, e assim se cumpriram as palavras ditas por Glorfindel ao rei Eãmur muito tempo antes, de que o Rei dos Bruxos não cairia pela mão de um homem. Pois conta-se nas canções da Terra dos Cavaleiros que, nesse feito, Éowyn teve a ajuda do escudeiro de Théoden, que também não era um homem, mas um Pequeno, vindo de uma terra distante, embora tenha sido homenageado por Eomer, que lhe deu o nome de Holdwine.

(Esse Holdwine não era ninguém menos que Meriadoc, o Magnifico, Senhor da Terra dos Buques.)

Na época de Éomer, os homens da Terra dos Cavaleiros que desejavam paz a tiveram, e o povo cresceu nos vales e nas planícies, e seus cavalos se multiplicaram.

Em Gondor reinava agora o rei Elessar, que também governava Amor. Em todas as terras daqueles reinos de outrora ele era rei, exceto em Rohan, pois renovou a dádiva de Ciríon para com Éomer, e Éomer prestou outra vez o Juramento de Eorl.

Com frequência o cumpriu, pois, embora Sauron tivesse desaparecido, os ódios e maldades semeados por ele não haviam morrido, e o Rei do Oeste teve de subjugar muitos inimigos antes que a Arvore Branca pudesse crescer em paz. E, para onde quer que o rei Elessar conduzisse uma guerra, o rei Eomer o acompanhava; e além do Mar de Rhún e nos distantes campos do sul o trovão da cavalaria dos rohírrim foi ouvido, e o Cavalo Branco sobre Verde tremulou em muitos ventos até Éomer ficar velho.

# III

# O POVO DE DURJN

A respeito da origem dos anões histórias estranhas são contadas tanto pelos eldar quanto pelos próprios anões, mas, uma vez que essas coisas se situam longe no passado, pouco se fala sobre elas aqui. Durin é o nome que os anões usavam para o mais velho dos Sete País de sua raça, e o ancestral de todos os reis dos Barbaslongas (38). Ele dormiu sozinho até que, nas profundezas do tempo e no despertar de seu povo, veio para Azanulbízar, e fez sua morada nas cavernas acima do Kheledzâram, na parte leste das Montanhas Sombrias, onde depois se situaram as Minas de Moria, celebradas nas canções.

Ali viveu por tanto tempo que ficou conhecido em toda parte como Durin, o Imortal. Apesar disso, acabou por morrer antes que os Dias Antigos se tivessem passado, e seu túmulo ficou em Khazad-dúm; mas sua linhagem sempre continuou, e cinco vezes nasceu em sua Casa um herdeiro tão parecido com seu Ancestral que recebia o nome de Durín. Na verdade, os anões achavam que era o Imortal que retornava, pois eles tinham muitas histórias e crenças estranhas a respeito de si e de seu destino no mundo.

Depois do final da Primeira Era, o poder e a riqueza de Khazad-dúm cresceram, pois a casa foi enriquecida por muitas pessoas, muita tradição e muitos oficios quando as antigas cidades de Nogrod e Belegost, nas Montanhas Azuis, foram arruinadas na destruição de Thangorodrím. O poder de Moria resistiu através dos Anos Escuros e do domínio de Sauron, pois, embora Eregíon tivesse sido destruída e os portões de Moria fechados, os salões de Khazad-dúm eram por demais profundos e fortes e repletos de um povo demasiado numeroso e valente para que Sauron pudesse conquistá-los de fora. Assim sua riqueza permaneceu por muito tempo intacta, embora seu povo começasse a diminuir.

Aconteceu que, no meio da Terceira Era, mais uma vez Durin era o rei dos anões, sendo o sexto que levava aquele nome. O poder de Sauron, servidor de Morgoth, estava então crescendo no mundo, embora a Sombra na Floresta que olhava na direção de Moria ainda não fosse conhecida pelo que era. Todos os seres malignos se agitavam.

Naquela época os anões faziam escavações profundas, vasculhando Barazínbar em busca de mithril, o metal de preço inestimável que a cada ano ficava mais díficíl de conseguir39. Assim eles despertaram de seu sono40 uma criatura de terror que, fugindo de Thangorodrim, se escondera nos alicerces da terra desde a chegada do Exército do Oeste: um balrog de Morgoth. Durin foi morto por ele, e no ano seguinte Náin 1, seu filho; então o esplendor de Moria desapareceu, e seu povo foi destruído ou fugiu para longe.

A maioria dos que escaparam seguiram para o norte, e Thráín 1, filho de Náin, veio para Erebor, a Montanha Solitária, próxima ás bordas orientais da Floresta das Trevas; ali iniciou novos trabalhos, e tornou-se Rei-sob-a-Montanha.

Em Erebor encontrou uma jóia, a Pedra Arken, Coração da Montanha41. Mas Thorin 1, seu filho, mudou-se e penetrou no norte distante, chegando até as Montanhas Cinzentas, onde agora se reunia a maioria do povo de Durin, pois essas montanhas eram ricas e pouco exploradas. Mas havia dragões nas regiões ermas mais além, e depois de muitos anos eles ficaram fortes outra vez e se multiplicaram, e abriram guerra contra os anões, saqueando suas minas. Por fim, Dáin 1, juntamente com Frór, seu segundo filho, foi morto ás portas de seu palácio por um grande dragão-frio.

Não muito depois, a maioria do Povo de Durin abandonou as Montanhas Cinzentas. Grór, filho de Dáin, foi embora com muitos seguidores para as Colinas de Ferro.

Mas Thrór, o herdeiro de Dáin, juntamente com Borin, o irmão de seu pai, e o restante do povo retornaram para Erebor. Thrór trouxe de volta para o Grande Palácio de Thráin a Pedra Arken, e ele e seu povo prosperaram e ficaram ricos, tendo a amizade de todos os homens que moravam nas redondezas. Pois não só eles faziam objetos de extrema beleza e singularidade, como também armas e armaduras de grande valor, e havia um intenso comércio de minério entre eles e seus parentes das Colinas de Ferro. Dessa forma, os homens do norte, que viviam entre o Celduin (o rio Corrente) e o Carnen (Rubrágua), tornaram-se fortes e expulsaram os inimigos do leste; e os anões viviam com fartura, e havia banquetes e música nos Salões de Erebot42.

Assim, rumores sobre a riqueza de Erebor se espalharam e atingiram os ouvidos dos dragões, e por fim Smaug, o Dourado, o maior de todos os dragões de seu tempo, ergueu-se e, sem avisar, investiu contra o rei Thrór, descendo em chamas na Montanha.

Não demorou muito para que todo aquele reino fosse destruido, e a cidade de Vaíle, que ficava nas imediações, ficou abandonada e em ruínas; mas Smaug entrou no Grande Salão e deitou-se ali sobre um leito de ouro.

nota

40. Ou a libertaram da prisão; pode muito bem ser que a criatura já tivesse sido despertada pela malícia de Sauron.

Muita gente do povo de Thrór escapou do saque e do incêndio, e por último, saindo dos corredores por uma porta secreta, vieram o próprio Thrór e seu filho Thráin II. Dirigiram-se para o sul com sua familia43, começando uma longa peregrinação sem destino. Com eles também foi uma pequena comitiva de parentes e seguidores fiéis.

Anos depois, Thrór, agora velho, pobre e desesperado, deu ao filho Thráin o único grande tesouro que ainda possuía, o último dos Sete Anéis, e então partiu com apenas um companheiro, de nome Nár. Na despedida ele disse a Thráin sobre o Anel: ainda pode acabar sendo o alicerce de uma nova fortuna para voce, embora isso possa parecer improvável. Mas o Anel precisa de ouro para gerar ouro.

— O senhor não estaria pensando em voltar para Erebor, estaria? — disse Thráin.

— Não na minha idade — disse Thrór. Nossa vingança contra Smaug eu a transmito para você e seus filhos. Mas estou cansado da pobreza e do desprezo dos homens. Vou para ver o que posso encontrar. — Ele não disse para onde. Estava um pouco perturbado talvez pela idade e pela tristeza, e por longos anos pensando no esplendor da Moria da época de seus antepassados; ou talvez o Anel estivesse voltando-se para o mal agora que seu mestre despertara, conduzindo Thrór para a loucura e a destruição. Da Terra Parda, onde agora estava morando, ele foi para o norte com Nár, e eles atravessaram a Passagem do Chifre Vermelho e entraram em Azanulbizar.

Quando Thrór chegou a Moria, encontrou o Portão aberto. Nár implorou que tivesse cuidado, mas ele não deu ouvidos ao companheiro, e entrou destemido como um herdeiro que retorna. Mas não voltou. Nár ficou ali perto, escondido, por muitos dias. Um dia ouviu um grito alto e o toque de uma corneta, e um corpo foi jogado através da escada. Temendo que fosse Thrór, ele começou a se aproximar com cuidado, mas então veio uma voz de dentro do portão:

— Venha cá, barbadinho! Podemos vê-lo. Mas não precisa ficar com medo hoje. Precisamos de você como mensageiro.

Então Nár subiu e descobriu que realmente se tratava do corpo de Thrór, mas a cabeça estava decepada e com o rosto para baixo. Assim que se ajoelhou, ouviu risadas

de orcs vindas das sombras, e a voz disse:

Se os mendigos não esperam na porta, e entram sorrateiramente tentando roubar, isso é o que fazemos com eles. Se qualquer um de seu povo meter sua barba suja aqui outra vez, vai ter o mesmo fim. Vá e diga isso a eles! Mas, se a família dele quiser saber quem é o rei por aqui atualmente, o nome está escrito no rosto dele. Eu escrevi. Eu o matei! Eu sou o mestre!

Então Nár virou a cabeça e viu marcado na testa de Thrór em runas dos anões, para que ele pudesse ler, o nome AZOG. O nome ficou marcado no seu coração e nos corações de todos os anões depois disso. Nár abaixou-se para pegar a cabeça, mas a voz de Azog (44) disse:

nota

43. Entre os quais estavam os filhos de Thrãin ti: Thorin (Escudo de Carvalho), Frerin e Dis. Thorin na época era um jovem pela contagem dos anões. Depois ficou-se sabendo que haviam escapado mais pessoas do Povo-sob-a-Montanha do que a principio se imaginara; mas a maioria deles dirigiu-se para as Colinas de Ferro.

44. Azog era o pai de Bolg.

— Largue isso! Fora daqui! Aqui está a sua paga, mendigo-barbudo. — Uma pequena bolsa lhe foi atirada. Continha algumas moedas de pouco valor.

Chorando, Nár fugiu pelo Veio de Prata; mas olhou mais uma vez para trás e viu que alguns orcs tinham saido pelo portão e estavam despedaçando o corpo e jogando aspartes para os corvos negros.

Foi essa a história que Nár trouxe de volta aThráín, e, quando este já tinha chorado e arrancado muitos fios de sua barba, ficou em silêncio. Ficou sete dias sentado sem dizer palavra. Então levantou-se e disse: — Isso é intolerável! — Foi assim que começou a Guerra entre os anões e os orcs, que foi longa e mortal, travada em sua maior parte nos lugares profundos embaixo da terra.

Thráin imediatamente enviou mensageiros levando a história para o norte, o leste e o oeste, mas demorou três anos para que os anões concentrassem suas forças.

O Povo de Durin reuniu todo o seu exército, que se juntou a grandes forças enviadas das Casas de outros Pais. Tal desonra para com o herdeiro do Mais Velho de sua raça os encheu de ira. Quando tudo estava pronto, eles atacaram e saquearam cada uma das fortalezas dos orcs que conseguiram, do Gundabad até o Rio de Lis. Ambos os

lados foram implacáveis, e houve morte e feitos cruéis de dia e de noite. Mas os anões conquistaram a vitória por sua força, por suas armas incomparáveis e pelo fogo de sua ira, caçando Azog em cada caverna sob a montanha.

Por fim, os orcs que fugiam deles reuniram-se em Moria, e o Exército dos anões que os perseguia chegou a Azanulbizar. Este era um grande vale que ficava entre os braços das montanhas ao redor do lago de Kheled-zâram, e que fora uma parte antiga do reino de Khazad-dúm. Quando os anões viram o portão de suas antigas moradias sobre a encosta da colina, emitiram um forte grito que eeoou no vale feito trovão. Mas um grande exército de inimigos estava disposto nas encostas acima deles, e dos portões derramou-se uma multidão de orcs que haviam sido reservados por Azog para uma necessidade extrema.

No inicio, a sorte estava contra os anões, pois era um dia escuro de inverno. sem sol, e os orcs, que não vacilaram, estavam em número maior que seus inimigos, e ocupavam o terreno mais alto. Assim começou a Batalha de Azanulbizar (ou Nanduhiron, na Língua Élfica), cuja lembrança ainda faz com que os orcs tremam e os anões chorem. O primeiro ataque da vanguarda liderado por Thráin foi rechaçado com baixas, e Thráin foi obrigado a se retirar para uma floresta de grandes árvores que na época ainda vicejava, não muito distante do Kheled-zâram. Ali Frerin, seu filho, caiu, e Fundín, seu parente, além de vários outros, juntamente com Thráin e Thorin, ficaram feridos45. Em outro ponto, a batalha avançava e recuava com grande matança, até que finalmente o povo das Colinas de Ferro virou o jogo.

nota

45. Conta-se que o escudo de Thorin foi partido, e ele o jogou fora. Cortou então com seu machado um ramo de um carvalho e o segurava com a mão esquerda para se proteger dos golpes dos inimigos, ou para brandi-lo como um porrete. Dessa forma, ganhou seu nome (Thorin Escudo de Carvalho).

Chegando depois ao campo, com força total, os guerreiros de Náin, filho de Grór, protegidos com malhas metálicas, perseguiram os orcs até o limiar de Moria, gritando "Azog! Azog!", enquanto derrubavam com suas picaretas todos os que barravam seu caminho.

Então Náin parou diante do Portão e gritou numa voz poderosa: — Azog! Se estiver aí dentro, saía! Ou será que o jogo no vale está duro demais?

Então Azog saiu, um grande orc com uma enorme cabeça coberta de ferro, e mesmo assim ágil e forte. Junto saíram muitos como ele, os lutadores de sua guarda, e, à medida que avançaram contra a tropa de anões, Azog virou-se para Náin, dizendo:

— O quê? Mais um mendigo em minha porta? Será que vou precisar marcá-lo também? — Com isso avançou contra Náin e eles lutaram. Mas Náin estava meio cego pela ira, e também muito cansado da batalha, enquanto Azog estava descansado, era cruel e cheio de astúcia. Logo Náin desferiu um grande golpe com toda a força que lhe restava, mas Azog pulou de lado e chutou a perna de Náín, de modo que a picareta se estílhaçou contra a pedra onde o orc estivera, enquanto Náín caiu para a frente. Então Azog, com um golpe rápido, atingiu-lhe o pescoço. O colarinho de metal resistiu á lâmina, mas o golpe foi tão pesado que o pescoço de Náin foi quebrado e ele caiu.

Então Azog riu, ergueu a cabeça e soltou um grande grito de triunfo. Mas o grito morreu-lhe na garganta, pois ele viu que todo o seu exército no vale fugia em debandada, e os anões iam de um lado e do outro matando como bem queriam, e os que conseguiam escapar deles estavam fugindo para o sul, correndo e guinchando.

Perto de onde estava, todos os soldados de sua guarda jaziam mortos. Azog virou-se e fugiu na direção do Portão.

Subindo os degraus atrás dele veio um anão com um machado vermelho. Era Dáin Pé-de-Ferro, filho de Náín. Pegou Azog bem diante da porta, e ali o matou e decepou-lhe a cabeça. Isso foi considerado um grande feito, pois Dáin na época era apenas um rapazola para os padrões dos anões. Mas ainda havia uma vida longa e muitas batalhas diante dele, até que velho, mas náo curvado, ele acabasse por cair na Guerra do Anel. Todavia, mesmo sendo corajoso e cheio de ira como estava, conta-se que, quando desceu os degraus do Portão, seu rosto estava cinzento, como o de alguém que acabou de passar por um grande medo.

Quando por fim a batalha foi vencida, os anões que restavam reuniram-se em Azanulbizar. Pegaram a cabeça de Azog e meteram-lhe na boca a bolsa com o dinheiro de pouco valor, e então a fincaram numa estaca. Mas naquela noite não houve banquete nem cantoria, pois o número de mortos ultrapassava o cálculo de sua tristeza.

Não mais da metade deles, conta-se, ainda conseguia ficar de pé ou ter esperanças de cura.

Não obstante, pela manhã, Thráin estava diante deles. Um de seus olhos fora cegado para sempre, e ele mancava devido a um ferimento na perna, mas mesmo assim disse:

— Muito bem! Conquistamos a vitória! Khazad-dúm é nossa!

Mas eles responderam:

— Você pode ser herdeiro de Durin, mas mesmo com um olho você deveria enxergar com mais clareza. Lutamos nesta batalha por vingança, e nos vingamos. Mas esta vingança não é doce. Se isto for uma vitória, então nossas mãos são muito pequenas para segurá-la.

E os que não faziam parte do Povo de Durin disseram:

— Khazad-dúm não era a casa de nossos Pais. O que representa para nós, além de uma esperança de conseguirmos tesouros? Mas agora, se devemos voltar sem as recompensas e as compensações que nos são devidas, quanto mais cedo voltarmos para nossas próprias terras melhor será.

Então Thráin virou-se para Dáin e disse:

— Mas, com certeza, meus próprios parentes não vão me abandonar?

— Não — disse Dáin. — Você é o pai de nosso Povo, e derramamos nosso sangue por você, e estamos dispostos a fazê-lo de novo. Mas não vamos entrar em Khazad-dúm. Você não vai entrar em Khazad-dúm. Somente eu olhei através da sombra do Portão. Além da sombra ainda o espera a Ruína de Durin. O mundo deve mudar, e algum outro poder que não é o nosso deverá vir antes que o Povo de Durin entre de novo em Moria.

Foi assim que, depois de Azanulbizar, os anões dispersaram-se mais uma vez. Mas antes disso, com grande esforço, despojaram todos os seus mortos, para evitar que os orcs viessem e conseguissem ali um estoque de armas e cotas de malha. Conta-se que cada anão que saiu do campo de batalha vinha vergado sob um grande peso.

Então construiram muitas piras e cremaram todos os corpos de seu povo.

Houve grande derrubada de árvores no vale, que depois disso ficou para sempre deserto, e de Lóríen foi possível avistar a fumaça da cremação46.

Quando as horrendas fogueiras estavam em cinzas, os aliados foram embora para suas próprias terras, e Dáin Pé-de-Ferro conduziu o povo de seu pai de volta para as Colinas de Ferro. Então, parando ao lado da grande estaca, Thráin disse a Thorin Escudo de Carvalho:

— Alguém poderia pensar que esta cabeça foi comprada a um alto preço! Pelo menos demos o nosso reino por ela. Você voltará comigo para a bigorna? Ou prefere mendigar pão em portas orgulhosas?

— Para a bigorna — respondeu Thorin. — Pelo menos o martelo manterá os

braços fortes, até que possam outra vez empunhar armas mais afiadas.

Então Thráin e Thorín, com o restante de seus seguidores (entre os quais estavam Balin e Glóin), voltaram para a Terra Parda, e logo após mudaram-se para Eriador, até que por fim fizeram um lar no exílio, na parte leste das Ered Luin, além de Lún. A maioria dos objetos que forjaram naquela época era de ferro, mas eles prosperaram de certa maneira, e seu povo lentamente cresceu47. Mas, como Thrór dissera, o Anel precisava de ouro para gerar ouro, e eles tinham pouco ou quase nada daquele metal e de outros metais preciosos.

nota

46. Foi triste para os anões dispensar aos seus mortos tal tratamento, que era contra os seus hábitos; mas fazer os túmulos que estavam acostumados a construir (uma vez que eles depositam seus mortos na rocha, e não na terra) levaria muitos anos. Portanto, os anões recorreram ao fogo, preferindo isto a expor seu povo a animais, aves ou orcs carntceíros. Mas aqueles que caíram em Azanulbizar eram homenageados na lembrança, e até hoje um anão se refere com orgulho a um de seus antepassados: "ele foi um anão cremado", e isso é o suficiente.

47. Eles tinham muito poucas mulheres. Dis, filha de Thráin, estava lá. Era a mãe de Fili e Kili, que nasceram nos Ered Luin. Thorin não era casado.

Sobre esse Anel pode-se dizer algo aqui. Os anões do Povo de Dum acreditavam que ele era o primeiro dos Sete que foram forjados, e dizem que ele foi dado ao rei de Khazad-dúm, Dum III, pelos próprios ferreiros élficos, e não por Sauron, embora sem dúvida o poder maligno deste estivesse no Anel, já que ele ajudara na forja de todos os Sete. Mas os possuidores do Anel não o exibiam nem comentavam sobre ele, e raramente o entregavam antes de estarem ás portas da morte, de modo que os outros não sabiam ao certo onde estava guardado. Alguns pensavam que tinha ficado em Khazaddúm, nas tumbas secretas dos reis, se é que estas não tivessem sido descobertas e saqueadas; mas entre o povo do Herdeiro de Durin acreditava-se (erroneamente) que Thrór o estava usando quando retornou temerariamente para lá.

O que então teria acontecido a ele não sabiam. O Anel não foi encontrado junto ao corpo de Azog45.

Não obstante, pode muito bem ser, como acreditam atualmente os anões, que Sauron, por suas artes, tenha descoberto quem estava com o Anel, o último a continuar

livre, e que os estranhos infortúnios sofridos pelos herdeiros de Dum se tenham devido em grande parte á malícia dele. Pois os anões se revelaram indomáveis através desse meio. O único poder que o Anel tinha sobre eles era o de inflamar seus corações com uma avidez por ouro e objetos preciosos, de modo que, se eles não tivessem essas coisas, achavam que todas as outras não traziam lucro algum, e eles se enchiam de ira e de desejo de vingança contra todos os que os privavam de tais coisas.

Mas, desde o início, os anões eram feitos de uma fibra que os fazia resistir firmemente a qualquer dominação. Embora pudessem ser mortos ou destruidos, não podiam ser reduzidos a sombras escravizadas por outra vontade; e pelo mesmo motivo suas vidas não eram afetadas por qualquer Anel, não sendo prolongadas ou encurtadas por causa dele. Isso fazia com que Sauron odiasse ainda mais os seus possuidores, e desejasse despojá-los.

Portanto, foi talvez em parte pela malícia do Anel que Thráín, depois de alguns anos, foi ficando inquieto e insatisfeito. O desejo de ouro não saia de sua cabeça. Por fim, quando não conseguia mais contê-lo, voltou sua mente para Erebor, e decidiu retornar para lá. Não mencionou a Thórin nada do que estava em seu coração, mas com Balin e Dwalin e alguns outros levantou-se, disse adeus e partiu.

Pouco se sabe do que se passou com ele depois. Agora parece possível que, assim que se distanciou com poucos companheiros, ele foi perseguido pelos emissários de Sauron. Lobos o caçaram, orcs prepararam-lhe emboscadas, pássaros malignos encheram suas trilhas de sombras, e, quanto mais ele avançava a duras penas para o norte, mais numerosos eram os infortúnios que se lhe opunham. Chegou uma noite escura na qual ele e seus companheiros vagaram na região além do Anduin, foram forçados a se abrigar nas fronteiras da Floresta das Trevas devido a uma chuva negra. Pela manhã Thráín não foi encontrado no acampamento, e seus companheiros o chamaram em vão. Procuraram-no por muitos dias, até que por fim, sem mais esperanças, partiram ao encontro de Thorin. Só depois de muito tempo se soube que Thráin fora capturado e levado para os poços de Doí Guldur. Ali foi torturado e o Anel lhe foi tomado. E lá acabou por morrer.

Assim Thorin Escudo de Carvalho tornou-se o Herdeiro de Dum, mas um herdeiro sem esperança. Quando Thráin desapareceu, ele tinha noventa e cinco anos, e era um grande anão de porte altivo, mas parecia satisfeito em permanecer em Eriador. Ali trabalhou e negociou por muito tempo, ganhando toda a riqueza possível; seu povo aumentou devido á chegada de muita gente errante do Povo de Dum que ouvia falar de

sua morada no oeste e vinha até ele. Agora tinham belos palácios nas montanhas, e estoques de mercadorias, e seus dias não pareciam tão díficeis, embora suas canções sempre mencionassem a distante Montanha Solitária.

Os anos se alongaram. As cinzas no coração de Thorin se aqueceram de novo enquanto ele pensava nas iniquídades sofridas por sua Casa e na herança que recebera: a tarefa de vingar-se do Dragão. Pensava em armas e exércitos e alianças, enquanto seu grande martelo ressoava na forja; mas os exércitos estavam dispersos e as alianças rompidas e os machados de seu povo eram poucos; e um enorme ódio sem esperança queimava em seu coração enquanto ele malhava o ferro vermelho na bigorna.

Mas por fim ocorreu um encontro casual entre Thorin e Gandalf que mudou toda a sorte da Casa de Durin, além de conduzir a fins outros e mais importantes.

Uma vez49, Thorin retornava para o oeste de uma viagem, quando passou uma noite em Bri. Ali também estava Gandalf. Ia para o Condado, lugar que não visitara já havia vinte anos. Sentia-se cansado, e desejava repousar ali por um tempo.

No meio de muitas preocupações, sua mente se concentrava no estado perigoso do norte, pois ele já sabia na época que Sauron estava planejando uma guerra e pretendia, assim que se sentisse forte o suficiente, atacar Valfenda.

Mas agora, para opor resistência contra qualquer tentativa do leste de reconquistar as terras de Angmar e as passagens do norte nas montanhas, só havia os anões das Colinas de Ferro. E além destas ficava a desolação do Dragão. Sauron poderia utilizar-se do Dragão com um efeito terrível. Como então seria possível destruir Smaug49

Foi no momento em que Gandalf estava sentado ponderando sobre essas coisas que Thorin parou diante dele e disse:

— Mestre Gandalf, conheço-o apenas de vista, mas agora ficaria feliz em conversar com você. Pois ultimamente tenho pensado em você com frequência, como se me fosse ordenado que o procurasse. De fato teria feito isso, se soubesse onde encontrá-lo.

Gandalf olhou para ele surpreso.

— Isso é estranho, Thorin Escudo de Carvalho — disse ele. — Pois também estive pensando em você, e, embora esteja a caminho do Condado, tinha em mente que este também é o caminho para os seus palácios.

— Chame-os assim, se desejar — disse Thorín. — São apenas pobres acomodações no exílio. Mas você seria bem-vindo lá, se quisesse nos visitar. Pois dizem que você é sábio e conhece melhor do que qualquer um o que acontece no mundo; há

muitas coisas que me preocupam e ficaria feliz em me aconselhar com voce.

— Eu irei — disse Gandalf —, pois desconfio que temos pelo menos um problema em comum. O Dragão de Erebor me preocupa, e não acho que será esquecido pelo neto de Thrór.

nota

49. 15 de março de 2941.

Conta-se em outro lugar sobre as consequências desse encontro: sobre o estranho plano feito por Gandalf para ajudar Thorin, e sobre como Thorin e seus companheiros partiram do Condado em busca da Montanha Solitária, o que resultou em grandes feitos imprevistos. Aqui são relembradas apenas as coisas que se referem diretamente ao Povo de Durin.

O Dragão foi morto por Bard, de Esgaroth, mas houve uma batalha em Vaíle. Pois os orcs atacaram Erebor assim que ficaram sabendo do retorno dos anões, e eram liderados por Bolg, filho daquele Azog que Dáin matara em sua juventude. Naquela primeira batalha de Vaíle, Thorin Escudo de Carvalho foi mortalmente ferido; morreu e foi enterrado num túmulo sob a Montanha, com a Pedra Arken sobre o peito. Ali também caíram Fíli e Kili, os filhos de sua irmã. Mas Dáin Pé-de-Ferro, seu primo, que viera das Colinas de Ferro em seu auxilio e que também era seu herdeiro por direito, tornou-se o rei Dáin II, e o Reino-sob-a-Montanha foi restaurado, exatamente como Gandalf desejava. Dáin mostrou ser um grande e sábio rei, e os anões prosperaram e se fortaleceram outra vez em sua época.

No fim do verão do mesmo ano (2941), Gandalf conseguira por fim convencer Saruman e o Conselho Branco a atacarem Dol Guldur, e Sauron se retirou, indo para Mordor, onde poderia estar a salvo, segundo pensava, de todos os seus inimigos. Foi assim que, quando a Guerra por fim chegou, o principal ataque foi dirigido para o sul; mas mesmo assim, com sua mão direita estendida, Sauron poderia ter feito grande mal ao norte, se o rei Daín e o rei Brand não lhe tivessem impedido o caminho.

Foi isso o que Gandalf disse a Frodo e Gimli, quando ficaram morando por um tempo em Minas Tirith. Não fazia muito tempo que tinham chegado a Gondor notícias de eventos distantes.

— Senti pela morte de Thorín — disse Gandalf —, e agora ficamos sabendo que Dáin morreu, lutando em Vaíle mais uma vez, ao mesmo tempo em que lutávamos aqui.

Consideraria esta uma enorme perda, se não fosse um grande prodígio o fato de que, em sua idade avançada, ele ainda conseguisse brandir seu machado com a força com que dizem que o fez, de pé sobre o corpo do rei Brand diante do Portão de Erebor até o cair da escuridão.

— Mas, apesar disso, as coisas poderiam ter sido muito diferentes, e muito piores. Quando vocês pensam na grande Batalha do Pelennor, não devem se esquecer das batalhas de Vaíle e da coragem do Povo de Durin. Pensem no que poderia ter acontecido. Fogo de Dragão e espadas cruéis em Eriador, noite em Valfenda. Poderia não haver rainha em Gondor. Poderíamos agora ter esperanças de retornar da vitória para encontrar apenas cinzas e ruínas. Mas isso foi evitado — porque eu encontrei Thorin Escudo de Carvalho certa noite no início da primavera em Bri. Um encontro casual, como se diz na Terra-média.

Dis era filha de Thráin II. É a única mulher-anã mencionada nessas histórias. Gimli contou que há poucas anãs, provavelmente não mais que um terço de todo o povo. Raramente elas deixam seus lares, a não ser que haja grande necessidade. São tão semelhantes aos anões na voz e na aparência, e nas roupas que usam quando precisam viajar, que olhos e ouvidos dos outros povos não conseguem distíngui-los. Isso deu origem entre os homens á tola crença de que não há anãs, e os anões "nascem da pedra".

A Linhagem dos anões de Erebor, como foi desenhada por Gimil, filho de Glóin, para o rei Elessar.

Fundação de Erebor, 1999.
Dáin I morto por um dragão, 2589.
Retorno a Erebor, 2590.
Erebor saqueada, 2770.
Assassinato de Trór, 2790.
Concentração os Anões, 2790-3.
Guerra entre anões e orcs, 2793-9.
Batalha de Nanduhirion, 2799.
Thráin parte sem destino, 2841.
Morte de Thráin e perda de seu Anel, 2850.
Batalha dos Cinco Exércitos e morte de Thorin II, 2941.

Balin vai para Moria, 2898.

— Os nomes daqueles que foram considerados reis do Povo de Durin, no exílio ou não, estão marcados deste modo. Dos outros companheiros de Thorin Escudo de Carvalho na tomada para Erebor, Ori, Nori e Dori também eram da Casa de Durin, e parentes mais remotos de Thorin; Bifur, Bofo e Bombur descendiam dos anões de Moria mas não eram da linhagem de Durin.

É por causa do reduzido número de mulheres entre eles que a espécie dos anões se multiplica lentamente, e fica ameaçada quando eles não têm uma moradia segura.

Pois os anões só se casam uma vez na vida, e são ciumentos, como em todos os seus direitos. O número de anões-varões que se casam é na verdade menos de um terço. Pois nem todas as mulheres se casam: algumas não desejam maridos, outras desejam algum que não podem conseguir e portanto não aceitam outro. Quanto aos homens, muitos também não desejam o casamento, concentrando-se em seus ofícios.

Gimli, filho de Glóin, é famoso, pois foi um dos Nove Caminhantes que partiram com o Anel, e ficou na companhia do rei Elessar durante toda a Guerra. Foi chamado de Amigo-dos-elfos devido ao grande amor nascido entre ele e Legolas, filho do rei Thranduil, e por causa de sua reverência pela Senhora Galadriel.

Depois da queda de Sauron, Gimli trouxe para o sul uma parte do povo dos anões de Erebor, e tornou-se Senhor das Cavernas Cintilantes. Ele e seu povo realizaram grandes trabalhos em Gondor e em Rohan. Para Minas Tirith forjaram portões de mithril e aço, substituindo aqueles que foram destruidos pelo Rei dos Bruxos. Legolas, seu amigo, também trouxe para o sul alguns elfos da Floresta Verde, e eles moraram em Ithilien, que se tornou outra vez o lugar mais belo de todas as Terras do Oeste.

Mas, quando o rei Elessar entregou sua vida, Legolas seguiu por fim o desejo de seu coração, e navegou atravessando o Mar.

Segue-se aqui uma das últimas notas do Livro Vermelho

Ouvimos dizer que Legolas levou consigo Gimli, filho de Glóin, por causa de sua grande amizade, maior do que qualquer uma que já houve entre um elfo e um anão. Se isto for verdade, então é realmente estranho: que um anão estivesse disposto a deixar a Terra-média por qualquer amor, e que os eldar o recebessem, ou que os Senhores do

Oeste permitissem tal coisa. Mas conta-se que Gimli partiu também movido pelo desejo de rever a beleza de Galadriel; pode ser que ela, sendo poderosa entre os eldar, tenha conseguido tal graça para ele. Não se pode dizer mais nada sobre esse assunto.

# APÊNDICE B

# O CONTO DOS ANOS

## (Cronologia das Terras do Oeste)

A Primeira Era terminou com a Grande Batalha, na qual o Exército de Valínor destruiu Thangorodrim1 e derrotou Morgoth. Então a maior parte dos noldor retornou para o Extremo Oeste2 e passou a morar em Eressêa, perto de Valínor, e muitos dos sindar também atravessaram o Mar.

A Segunda Era terminou com a primeira derrota de Sauron, servidor de Morgoth, e com a tomada do Um Anel.

A Terceira Era chegou ao fim com a Guerra do Anel; entretanto, só se considera que a Quarta Era teve início com a partida de Mestre Elrond, quando chegou a época do domínio dos homens e do declínio de todos os outros "povos falantes" na Terra-média3.

Na Quarta Era, todas as eras anteriores eram frequentemente chamadas de Dias Antigos, mas esse nome fica mais adequado se for aplicado somente aos dias anteriores ao banímento de Morgoth. As histórias dessa época não estão registradas aqui.

A Segunda Era

Estes foram os tempos sombrios para os homens da Terra-média mas os anos de glória de Númenor. Sobre eventos na Terra-média os registros são raros e breves, e as datas são frequentemente duvidosas.

No início dessa era, muitos dos altos elfos ainda permaneciam. A maioria deles morava em Lindon, a oeste das Ered Luín; mas antes da construção de Baraddor muitos

dos sindar foram para o leste, e alguns estabeleceram reinos nas florestas distantes, onde a maior parte do povo se compunha de elfos da Floresta. Thranduil, rei no norte da Grande Floresta Verde, era um destes. Em Lindon, a norte de Lún, morava Gil-galad, o último herdeiro dos reis dos noldor no exílio. Era reconhecido como alto rei dos elfos do oeste. Em Lindon, ao sul de Lún, morou por um tempo Celeborn, parente de Thíngol; sua mulher era Galadriel, a maior das mulheres élficas.

Ela era irmã de Finrod Felagund, Amigo-dos-Homens, outrora rei de Nargothrond, que deu sua vida para salvar Beren, filho de Barahir.

Posteriormente, alguns dos noldor foram para Eregion, no lado ocidental das Montanhas Sombrias, próximo ao Portão Oeste de Moria. Fizeram isto porque souberara que se descobrira mithril em Mona4. Os noldor eram grandes artesãos e menos hostis aos anões do que os sindar; mas a amizade que cresceu entre o povo de Durio e os ferreiros élficos de Eregion foi a mais estreita que já houve entre as duas raças. Celebrimbor era Senhor de Eregion e o maior dos artesàos; era descendente de Fêanor.

Ano

1 Fundação dos Portos Cinzentos e de Lindon.

32 Os edain chegam a Númenor.

c. 40 Muitos anões, deixando suas antigas cidades nas Ered Luin, vão para Moria aumentando a população local.

442 Morte de Elros Tar-Minyatur.

c. 500 Sauron começa outra vez a agitar-se na Terra-média.

548 Nasce Silmariên em Númenor.

600 Os primeiros navios dos númenorianos aparecem próximos ao litoral. 750 Fundação de Eregion, pelos noldor.

c. 1000 Sauron, alarmado com o crescimento do poder dos númenorianos, escolhe Mordor como o local para transformar numa fortaleza. Começa a construção de Barad-dúr.

1075 Tar-Ancalimê torna-se a primeira rainha governante de Númenor.

1200 Sauron tenta seduzir os eldar. Gil-galad se recusa a fazer acordo com ele, mas os ferreiros de Eregion passam para o seu lado. Os númenorianos começam a construir portos permanentes.

c. 1500 Os ferreiros élficos, orientados por Sauron, alcançam o apogeu de sua habilidade. Começam a forja dos Anéis de Poder.

c. 1590 São completados os Três Anéis em Eregion.

c. 1600 Sauron forja o Um Anel em Orodruin. Finaliza a construção de Baraddúr. Celebrimbor percebe as intenções de Sauron.

1693 Começa a guerra entre os elfos e Sauron. Os Três Anéis são escondidos.

1695 As forças de Sauron invadem Eriador. Gil-galad envia Elrond para Eregion.

1697 Eregion é devastada. Morte de Celebrimbor. Os portões de Moria são fechados. Elrond retira-se com os remanescentes dos noldor e funda o refúgio de Imíadris.

1699 Sauron invade Eriador.

1700 Tar-Minastir envia uma grande esquadra de Númenor para Lindon. Sauron é derrotado.

1701 Sauron é expulso de Eriador. As Terras do Oeste têm paz por um longo tempo.

c. 1800 Por volta dessa época os númenorianos começam a estabelecer dominios nas costas. Sauron estende seu poder na direção do leste. A sombra cai sobre Númenor.

2251 Tar-Atanamir toma o cetro. Começa a rebelião e a divisão dos númenorianos. Por volta dessa época os nazgúl ou Espectros do Anel, escravos dos Nove Anéis, aparecem pela primeira vez.

2280 Umbar se transforma numa grande fortaleza de Númenor.

2350 Pelargir é construído. Torna-se o principal porto dos númenorianos Fiéis.

2899 Ar-Adûnakhôr toma o cetro.

3175 Arrependimento de Tar-Palantir. Guerra civil em Númenor.

3255 Ar-Pharazôn, o Dourado, toma o cetro.

3261 Ar-Pharazôn zarpa e aporta em Umbar.

3262 Sauron é levado para Númenor como prisioneiro; 3262-

3310 Sauron seduz o rei e corrompe os númenorianos.

3310 Ar-Pharazôn inicia a construção do Grande Armamento.

3319 Ar-Pharazõn ataca Valinor. Queda de Númenor. Elendil e seus filhos escapam.

3320 Fundação dos Reinos no Exílio: Amor e Gondor. As Pedras são divididas. Sauron retorna a Mordor.

3429 Sauron ataca Gondor, toma Minas Ithil e queima a Árvore Branca. Isildur escapa pelo Anduin e vai ao encontro de Elendil no norte. Anárion defen de Minas Anor e

Osgiliath.

3430 Forma-se a Última Aliança entre elfos e homens.

3431 Gil-galad e Elendil marcham para o leste na direção de Imíadris.

3434 O exército da Aliança atravessa as Montanhas Sombrias. Batalha de Dagorlad e derrota de Sauron. Começa o cerco de Barad-dúr.

3440 Anárion é assassinado.

3441 Sauron derrubado por Elendil e Gil-galad, que morrem. Isildur toma o Um Anel. Sauron desaparece e os Espectros do Anel entram nas sombras. Termina a Segunda Era.

## A Terceira Era

Estes foram os últimos anos dos eldar. Viveram em paz por um longo tempo, controlando os Três Anéis, enquanto Sauron dormia e o Um Anel estava perdido; mas não tentaram nada de novo, vivendo de recordações do passado. Os anões se esconderam em lugares profundos, guardando seus tesouros; mas, quando o mal começou a se manifestar de novo e os dragões reapareceram, seus antigos tesouros foram saqueados um a um, e eles se transformaram num povo errante. Por muito tempo Moria permaneceu um lugar seguro, mas a população diminuía até que muitos de seus vastos salões se tornaram escuros e vazios. A sabedoria e a longevidade dos númenorianos também foram minguando, à medida que eles se miscigenaram com homens inferiores.

Quando cerca de mil anos haviam passado, e a primeira sombra cobriu a Grande Floresta Verde, os istari ou magos apareceram na Terra-média. Posteriormente comentou-se que eles tinham vindo do Extremo Oeste e eram mensageiros enviados para fazer frente ao poder de Sauron, e para unir todos aqueles que tinham vontade de resistir a ele; mas os magos estavam proibidos de enfrentar o poder dele com o seu poder, ou de procurar dominar os elfos ou os homens usando de força ou medo.

Portanto vieram na forma de homens, embora nunca fossem jovens e envelhecessem vagarosamente, e detinham muitos poderes na mente e nas mãos. Revelavam seus verdadeiros nomes a poucos5, mas usavam os nomes que lhes eram dados. Os dois maiores dessa ordem (da qual se diz que era composta de cinco) eram chamados pelos eldar de Curunir, "o Homem Habilidoso", e Mithrandir, "o Peregrino Cinzento", mas os homens do norte chamavam-nos respectivamente de Saruman e

Gandalf. Curunir viajava frequentemente para o leste, mas por fim passou a morar em Isengard. Mithrandir tinha uma amizade mais estreita com os eldar, e vagava principalmente no oeste, nunca fixando uma residência permanente.

Ao longo de toda a Terceira Era, a guarda dos Três Anéis só era conhecida daqueles que os possuiam. Mas finalmente se ficou sabendo que no início eles estiveram sob a posse dos três maiores entre os eldar: Gil-galad, Galadriel e Círdan. Gil-galad, antes de morrer, entregou seu anel a Elrond; Cirdan mais tarde entregou o seu a Mithrandir. Cirdan enxergava mais longe e mais fundo que qualquer outro na Terra-média, e assim recebeu Mithrandir nos Portos Cinzentos, sabendo de onde ele viera e para onde retornaria.

— Tome este anel, Mestre — disse ele —, pois seus trabalhos serão árduos; mas ele irá ajudá-lo na cansativa missão que você tomou para si.

Pois este é o Anel de Fogo, e com ele você poderá reacender corações num mundo que se esfria. Mas, quanto a mim, meu coração está com o Mar, e vou morar nas praias cinzentas até que zarpe o último navio. Vou aguardar voce.

Ano

1 Fundação dos Portos Cinzentos e de Lindon.

2 Isildur planta uma muda da Arvore Branca em Minas Anor. Entrega o Reino do Sul para Meneldil. Desastre dos Campos de Lis; Isildur e seus três filhos mais velhos são mortos.

3 Ohtar traz os fragmentos de Narsil a Imíadris.

10 Valandil torna-se rei de Amor.

109 Elrond casa-se com Celebrían, filha de Celeborn.

130 Nascem Elladan e Elrobir, filhos de Elrond.

241 Nasce Arwen Undómiel.

420 O rei Ostoher reconstrói Minas Anor.

490 Primeira invasão dos orientais.

500 Rómendacil 1 derrota os orientais.

541 Rómendacil é morto em batalha.

830 Falastur começa a linhagem dos reis navegantes de Gondor.

861 Morte de Eãrendur e divisão de Amor.

933 O rei Eãrnil 1 conquista Umbar, que se transforma numa fortaleza de Gondor.

936 Eãrnil se perde no mar.

1015 O rei Ciryandil é morto no cerco de Umbar.

1050 Hyarmendacíl conquista Harad. Gondor alcança o apogeu de seu poder. Por volta dessa época uma sombra cai sobre a Floresta Verde, e os homens começam a chamá-la de Floresta das Trevas. Os Periannath são mencionados pela primeira vez nos registros, com a chegada dos Péspeludos a Eriador.

c. 1100 Os sábios (os istari e os principais eldar) descobrem que um poder maligno construiu uma fortaleza em Doí Guldur. Há desconfiança de que se trata de um dos nazgúl.

1149 Começa o Reinado de Atanatar Alcarin.

c. 1150 Os Cascalvas chegam a Eriador. Os Grados chegam pelo Passo do Chifre Vermelho e mudam-se para o Ângulo, ou para a Terra Parda.

c. 1300 Seres malignos começam a se multiplicar outra vez. Os orcs proliferam

nas Montanhas Sombrias e atacam os anões. Os nazgúl reaparecem. O chefe deles vem ao norte para Angmar. Os Periannath migram para o oeste; muitos se fixam em Bri.

1356 Orei Argeleb í é morto em batalha contra Rhudaur. Por volta dessa época

os Grados deixam o Angulo e alguns deles retornam para as Terras Ermas.

1409 O Rei dos Bruxos de Angmar invade Amor. O rei Arveleg I é morto.

Fornost e Tyrn Gorthad são defendidos. A Torre de Amon Súl é destruida.

1432 Morre o rei Valacar de Gondor e começa a guerra civil e a Contenda das Famílias.

1437 Incêndio de Osgiliath e extravio dopalantír. Eldacar foge para Rhovanion; seu filho Omendil é assassinado.

1447 Eldacar retorna e expulsa o usurpador Castamir. Batalha das Travessias de Frui. Cerco de Pelargir.

1448 Rebeldes escapam e sitiam Umbar.

1540 Rei Aldamir morto na guerra contra Harad e os Corsários de Umbar.

1551 Hyarmendacil II derrota os homens de Harad.

1601 Muitos Periannath migram de Bri, e Argeleb II lhes doa terras além do Baranduin.

c. 1630 Juntam-se a eles os Grados, vindos da Terra Parda.

1634 Os Corsários assolam Pelargir e matam o rei Minardil.

1636 A Grande Peste devasta Gondor. Morte do rei Telemnar e de seus filhos. A Árvore Branca morre em Minas Anor. A peste se alastra para o norte e para o oeste, e muitas partes de Eríador ficam desoladas. Além do Baranduin os Periannath sobrevivem, mas sofrem grandes perdas.

1640 Orei Tarondor remove a Casa Real para Minas Anor e planta uma muda da Árvore Branca. Osgiliath começa a cair em ruínas. Mordor fica desguarnecida.

1810 O rei Telumehtar Umbardacil reconquista Umbar e expulsa os Corsários.

1851 Começam os ataques dos Carroceiros contra Gondor.

1856 Gondor perde seus territórios orientais e Narmacil II cai em batalha.

1899 O rei Calimehtar derrota os Carroceiros em Dagorlad.

1900 Calimehtar constrói a Torre Branca em Minas Anor.

1940 Gondor e Amor renovam suas relações e formam uma aliança. Arvedui casa-se com Firiel, filha de Ondoher de Gondor.

1944 Ondoher cai em batalha. Eãmil derrota o inimigo em Ithilicn do Sul. Vence então a Batalha do Acampamento e expulsa os Carroceiros para os Pântanos Mortos. Arveduí reivindica a coroa de Gondor.

1945 Fárnil II recebe a coroa.

1974 Fim do Reino do Norte. O Rei dos Bruxos invade Arthedain e toma Fornost.

1975 Arvedui morre afogado na Baía de Forochel. Ospalantiri de Annúminas e de Amon Súl são perdidos. Farnur traz uma frota para Lindon. O Rei dos Bruxos é derrotado na Batalha de Fornost e perseguido até a Charneca Etten. Desaparece do norte.

1976 Aranarth recebe o titulo de Líder dos Dúnedain. As heranças de Amor são confiadas à custódia de Elrond.

1977 Frumgar conduz os éothéod para o norte.

1979 Bucca do Pântano torna-se o primeiro Thain do Condado.

1980 O Rei dos Bruxos vem para Mordor e ali reúne os nazgúl. Um balrog aparece em Moria e mata Durin VI.

1981 Assassinado Náin 1. Os anões fogem de Moria. Muitos dos elfos da Floresta de Lórien fogem para o sul. Desaparecem Amroth e Nimrodel.

1999 Thráín 1 vem para Erebor e funda um Reino de Anões "sob-a-Montanha".

2000 Os nazgúl saem de Mordor e sitiam Minas Ithil.

2002 Queda de Minas Ithil, posteriormente conhecida como Minas Morgul. O palantir é capturado.

2043 Eãrnur torna-se rei de Gondor. É desafiado pelo Rei dos Bruxos.

2050 O desafio é repetido. Eãrnur cavalga para Minas Morgul e desaparece. Mardil torna-se o primeiro regente governante.

2060 Cresce o poder de Doí Guldur. Os sábios temem que possa ser Sauron manifestando-se de novo.

2063 Gandalf vai para Doí Guldur. Sauron se retira e se esconde no leste. Começa a Paz Vigilante. Os nazgúl permanecem quietos em Minas Morgul.

2210 Thorin 1 deixa Erebor e vai para o norte rumo às Montanhas Cinzentas, onde a maior parte dos remanescentes do Povo de Durin está agora reunida.

2340 Isumbras 1 toma-se o décimo terceiro Thain, e o primeiro da linhagem dos Túks. Os Velhobuques ocupam a Terra dos Buques.

2460 Termina a Paz Vigilante. Sauron retorna a Doí Guldur com maior força.

2463 Forma-se o Conselho Branco. Por volta dessa época, Déagol, o Grado, encontra o Um Anel e é morto por Sméagol.

2470 Por volta dessa época, Sméagol-Gollum se esconde nas Montanhas Sombrias.

2475 Renova-se o ataque a Gondor. Osgiliath finalmente é arruinada e sua ponte pedra destruída.

c. 2480 Orcs começam a construir fortalezas secretas nas Montanhas Sombrias, com o intuito de barrar todas as passagens para Eriador. Sauron começa a povoar Moria com suas criaturas.

2509 Celebrian, viajando para Lónien, é vitima de uma emboscada no Passo do Chifre Vermelho e sofre um ferimento envenenado.

2510 Celebrian parte para além-Mar. Orcs e orientais assolam Calenardhon. Eorl, o Jovem, obtém a vitória do Campo de Celebrant. Os rohirrím se estabelecem em Calenardhon.

2545 Eorl cai em batalha no Descampado.

2569 Brego, filho de Eorl, termina o Palácio Dourado.

2570 Baldor, filho de Brego, entra pela Porta Proibida e desaparece. Por vol ta dessa época, dragões voltam a aparecer no extremo norte e começam a atormentar os anões.

2589 Dáin i é morto por um dragão.

2590 Thrór retorna para Erebor. Grór, seu irmão, vai para as Colinas de Ferro.

c. 2670 Tobold planta "erva-de-fumo" na Quarta Sul.

2683 Isengrim II toma-se o décimo Thain e começa a escavação dos Grandes

Smlals.

2698 Ecthelion II reconstrói a Torre Branca em Minas Tirith.

2740 Orcs voltam a invadir Eriador.

2747 Bandobras Túk derrota um bando de orcs na Quarta Norte.

2758 Rohan atacada pelo leste e pelo oeste é invadida. Gondor atacada por esquadras dos Corsários. Heim de Rohan refugia-se no Abismo de Heim. Wulf sitia Edoras.

2758-9 Segue-se o Inverno Longo. Grande sofrimen-to e perdas de vidas em Eriador e em Rohan. Gandalf vem em socorro do povo do Condado.

2759 Morte de Heim. Fréaláf expulsa Wulf e começa a segunda linhagem de reis da Terra dos Cavaleiros. Saruman fixa residência em Isengard.

2770 Smaug, o dragão, desce sobre Erebor. Vaile é destruída. Thrór escapa com Thráin II e Thonin II.

2790 Thrór morto por um orc em Moria. Os anões se reúnem para uma guerra de vingança. Nascimento de Gerontius, mais tarde conhecido como Velho Túk.

2793 Começa a Guerra entre orcs e anoes.

2799 Batalha de Nanduhinion diante do Portão Leste de Moria. Dáin Pé-de-Ferro retorna para as Colinas de Ferro. Thráin II e seu filho Thonin vagam na direção do oeste. Assentam-se no sul das Ered Luin, além do Condado (2802).

2800-64 Orcs do norte perturbam Rohan. Rei Walda morto por eles (2861).

2841 Thráín II parte para revisitar Erebor, mas é perseguido pelos servidores de Sauron.

2845 Thráin, o anão, é aprisionado em Doí Guldur; o último dos Sete Anéis lhe é tomado.

2850 Gandalf entra mais uma vez em Doí Guldur, e descobre que o mestre ali é realmente Sauron, que está reunindo todos os Anéis e procurando notícias do Um e do Herdeiro de Isildur. Gandalf encontra Thráin e recebe a chave de Erebor. Thráin morre em Doí Guldur.

2851 O Conselho Branco se reúne. Gandalf insiste num ataque contra Dol Guldur. Saruman prevalece6. Saruman começa a vasculhar perto dos Campos de Lis.

2852 Morre Belecthor II, de Gondor. A Árvore Branca morre e não se encontra mais nenhuma muda. A Arvore Morta é deixada de pé.

2885 Insuflados por emissários de Sauron, os haradrim atravessam o Poros e atacam Gondor. Os filhos de Folcwine de Rohan são mortos a serviço de Gondor.

2890 Nasce Bilbo, no Condado.

nota

6. Posteriormente ficou claro que Saruman começara então a desejar o Um Anel para si próprio, e esperava que ele pudesse se revelar, procurando seu mestre, se Sauron fosse deixado em paz por um tempo.

2901 A maior parte dos habitantes que restam em Ithilien a abandonam devido aos ataques os uruks de Mordor. E construído o refúgio secreto de Henneth Annún.

2907 Nasce Gilraen, mãe de Aragorn II.

2911 O Inverno Mortal. O Baranduin e outros rios ficam congelados. Lobos brancos invadem Eriador pelo norte.

2912 Grandes enchentes devastam Enedwaith e Minhiriath. Tharbad fica arruinada e deserta.

2920 Morre o Velho Túk.

2929 Arathorn, filho de Arador dos dúnedaín, casa-se com Gilraen.

2930 Arador morto por trolls. Nasce Denethor II, filho de Ecthelion II, em Minas Tirith.

2931 Aragorn II, filho de Arathorn, nasce no dia primeiro de março.

2933 Arathorn II é morto. Gilraen leva Aragorn para Imíadris. Elrond o recebe como um filho adotivo e lhe dá o nome de Estel (Esperança); seus antepassados não lhe são revelados.

2939 Saruman descobre que os servidores de Sauron estão vasculhando o Andum, perto dos Campos de Lis, e que Sauron, portanto, já sabe do fim de Isildur. Saruman fica alarmado, mas não conta nada ao Conselho.

2941 Thonn Escudo de Carvalho e Gandalf visitam Bilbo no Condado. Bilbo encontra Sméagol-Gollum e acha o Anel. O Conselho Branco se reúne; Saruman concorda em atacar Doí Guldur,já que agora quer impedir que Sauron vasculhe o Rio. Sauron, já tendo feito seus planos, abandona Dol Guldur. Batalha dos Cinco Exércitos em Valle. Morte de Thorin II. Bard de Esgaroth mata Smaug. Dáin, das Colinas de Ferro, torna-se Rei-sob-a-Montanha (Dáin II).

2942 Bilbo retorna para o Condado com o Anel. Sauron retorna em segredo para Mordor.

2944 Bard reconstrói Vaíle e torna-se rei. Gollum deixa as Montanhas e começa

sua procura pelo "ladrão" do Anel.

2948 Nasce Théoden, filho de Thengel, rei de Rohan.

2949 Gandalf e Balin visitam Bilbo no Condado.

2950 Nasce Finduilas, filha de Adrabil de Doí Amroth.

2951 Sauron declara-se abertamente e concentra seu poder em Mordor. Come ça a reconstrução de Barad-dúr. Gollum volta-se na direção de Mordor. Sauron envia três dos nazgúl para que reocuperem Dol Guldur. Elrond revela a "Estel" seu verdadeiro nome e linhagem, e lhe entrega os fragmentos de Narsil. Arwen, recém-chegada de Lórien, encontra Aragorn na floresta de Imíadris. Aragorn parte para as Terras Ermas.

2953 Última reunião do Conselho Branco. Debatem sobre os Anéis. Saruman finge que descobriu que o Um Anel desceu pelo Anduin na direção do Mar. Saruman se retira para Isengard, que toma como sua e fortifica. Sentindo ciúme e medo de Gandalf, coloca espiões para vigiar todos os seus movimentos, e percebe o seu interesse pelo Condado. Logo começa a manter agentes em Bri e na Quarta Sul.

2954 A Montanha da Perdição volta a explodir em chamas. Os últimos habitantes de Ithilien fogem pelo Anduín.

2956 Aragorn encontra Gandalf e começa a amizade entre os dois.

2957-80 Aragorn empreende as longas jornadas de sua vida errante. Sob o disfarce de Thorongil, serve tanto a Thengel de Rohan como a Ecthelíon II de Gondor.

2968 Nasce Frodo.

2976 Denethor casa-se com Finduilas, de Doí Amroth.

2977 Bain, filho de Bard, torna-se rei de Vaíle.

2978 Nasce Boromir, filho de Denethor II.

2980 Aragorn entra em Lórien e lá encontra outra vez Arwen Undómiel. Aragorn lhe dá o Anel de Barahir e eles se comprometem sobre a colina de Cem Amroth. Por volta dessa época Gollum chega aos confins de Mordor e trava conhecimento com Laracna. Théoden torna-se rei de Rohan.

2983 Nasce Faramir, filho de Denethor. Nasce Samwíse.

2984 Morre Ecthelion II. Denethor II torna-se regente de Gondor.

2988 Morre precocemente Finduilas.

2989 Balin deixa Erebor e entra em Moria.

2991 Nasce Éomer, filho de Éomund, em Rohan.

2994 Balin morre e a colónia dos anões é destruida.

2995 Nasce Éowyn, irmã de Eomer.

c. 3000 A sombra de Mordor se expande. Saruman se arrisca a usar o palantir de Orthanc, mas é iludido por Sauron, que tem a Pedra de Ithíl. Saruman trai o Conselho. Seus espiões reportam que o Condado está sendo fortemente protegido pelos guardiões.

3001 Festa de Despedida de Bilbo. Gandalf suspeita que o anel dele é o Um Anel. A vigilância do Condado é redobrada. Gandalf procura noticias de Gollum e pede a ajuda de Aragorn.

3002 Bílbo torna-se um hóspede de Elrond, e passa a morar em Valfenda.

3004 Gandalf visita Frodo no Condado, e continua fazendo o mesmo em intervalos durante os quatro anos seguintes.

3007 Brand, filho de Bain, torna-se rei de Vaíle. Morre Gilraen.

3008 No outono, Gandalf faz sua última visita a Frodo.

3009 Gandalf e Aragorn retomam, de tempo em tempo, sua caça a Gollum durante os oito anos seguintes, procurando nos vales do Anduin, na Floresta das Trevas, em Rhovanion e indo até os confins de Mordor. Em algum período durante esses anos o próprio Gollum se aventurou a entrar em Mordor e foi capturado por Sauron. Elrond manda buscar Arwen e ela retorna para Imíadris; as Montanhas e toda a região oriental estão ficando perigosas.

3017 Gollum é libertado em Mordor. É capturado por Aragorn nos Pântanos Mortos e trazido para Thranduil, na Floresta das Trevas. Gandalf visita Minas Tirith e lê o pergaminho de Isíldur.

## OS GRANDES ANOS

3018

Abril

Ano
12 Gandalf chega á Vila dos Hobbits.

Junho

20 Sauron ataca Osgiliath. Por volta da mesma época, Thranduil é atacado e Gollum escapa.

Julho

4 Boromir parte de Minas Tirith.
10 Gandalf aprisionado em Orthanc.

Agosto

Desaparecem todos os rastros de Gollum. Considera-se que, por volta dessa época, sendo caçado tanto pelos elfos quanto pelos servidores de Sauron, ele se tenha refugiado em Moria, mas, quando finalmente descobriu o caminho para o Portão Oeste, ele não conseguiu sair.

Setembro

18 Gandalf escapa de Orthanc nas primeiras horas do dia. Os Cavaleiros Negros atravessam os Vaus do Isen.

19 Gandalf vai para Edoras como um mendigo, e sua entrada não é permitida.

20 Gandalf consegue entrar em Edoras. Théoden ordena que parta: "Escolha qualquer cavalo, mas parta antes do fim do dia de amanhã!"

21 Gandalf encontra Scadufax, mas o cavalo não permite que ele se aproxime. Gandalf persegue Scadufax por um longo trecho através dos campos.

22 Os Cavaleiros Negros chegam ao Vau Saro ao cair da noite e afugentam os guardiões. Gandalf alcança Scadufax.

23 Quatro Cavaleiros entram no Condado antes da aurora. Os outros perseguem os guardiões na direção do leste e depois retornam para vigiar o Caminho Verde. Um Cavaleiro Negro chega à Vila dos Hobbits ao cair da noite. Frodo deixa Bolsão. Gandalf tendo domado Scadufax, parte de Rohan.

24 Gandalf atravessa o Isen.

26 A Floresta Velha. Frodo encontra Bombadíl.

27 Gandalf atravessa o rio Cinzento. Segunda noite com Bombadil.

28 Os hobbits são capturados por uma Criatura Tumular. Gandalf chega ao Vau

Sam.

29 Frodo chega a Bri de noite. Gandalf visita o Feitor.

30 Cricôncavo e a Estalagem em Bri são atacadas nas primeiras horas do dia. Frodo deixa Bri. Gandalf dirige-se para Cricôncavo e chega a Bri ao anoitecer.

Outubro

1 Gandalf deixa Bri.

3 Gandalf é atacado durante a noite no Topo do Vento.

6 O acampamento sob o Topo do Vento é atacado durante a noite. Frodo é ferido.

9 Glorfindel deixa Valfenda.

11 Glorfindel expulsa os Cavaleiros da Ponte de Mitheithel.

13 Frodo atravessa a ponte.

18 Glorfindel encontra Frodo ao cair da tarde. Gandalf chega a Valfenda.

20 Fuga através do Vau do Bruinen.

24 Frodo recupera-se e acorda. Boromir chega a Valfenda de noite.

25 Conselho de Elrond.

Dezembro

25 A Comitiva do Anel deixa Valfenda ao cair da noite.

3019

Janeiro

8 A Comitiva chega a Azevim.

11,12 Neve sobre Caradhras.

13 Ataque de lobos nas primeiras horas do dia. A Comitiva atinge o Portão Leste de Moria ao cair da noite. Gollum começa a seguir os rastros do Portador do Anel.

14 Noite no Salão Vinte e Um.

15 A Ponte de Khazad-dúm e queda de Gandalf. A Comitiva chega a Nimrodel tarde da noite.

17 A Comitiva chega a Caras Galadhon no inicio da noite

23 Gandalf persegue o balrog até o pico de Zirak-zigil.

25 Gandalf derruba o balrog e morre. Seu corpo jaz no pico.

Fevereiro

14 O Espelho de Galadriel. Gandalf volta à vida e jaz em um transe.

16 Adeus a Lórien. Gollum, escondido na margem ocidental, observa a partida.

17 Gwaihir transporta Gandalf até Lórien.

23 Os barcos são atacados de noite perto do Saro Gebir.

25 A Comitiva passa pelos Argonath e acampa no Parth Galen. Primeira Batalha dos Vaus do Isen; Théodred, filho de Théoden, é morto.

26 Rompimento da Sociedade do Anel. Morte de Boromir; sua corneta é ouvida em Minas Tirith. Meriadoc e Peregrin são capturados. Frodo e Samwise penetram a parte leste das Emyn Muil. Aragorn parte em perseguição aos orcs no início da noite. Éomer fica sabendo da descida do bando de orcs das Emyn Muil.

27 Aragorn atinge o penhasco oeste ao nascer do dia. Éomer, contra as ordens de Théoden, parte do Folde Oriental por volta da meia-noite em perseguição aos orcs.

28 Éomer alcança os orcs nas bordas da Floresta de Fangorn.

29 Meriadoc e Pippin escapam e encontram Barbárvore. Os rohirrim atacam ao nascer do dia e destroem os orcs. Frodo desce das Emyn Muil e encontra Gollum. Faramir vê o barco funerário de Boromir.

30 Começa o Entebate. Éomer, retornando de Edoras, encontra Aragorn.

Março

1 Frodo começa a atravessar os Pântanos Mortos ao nascer do dia. Continua o Entebate. Aragorn encontra Gandalf, o Branco. Eles partem para Edoras. Faramir deixa Minas Tirith e vai para Ithilien numa missão.

2 Frodo chega ao fim dos Pântanos. Gandalf chega a Edoras e cura Théoden. Os rohirrim cavalgam para o oeste e avançam contra Saruman. Segunda Batalha dos Vaus do Isen. Erkenbrand derrotado. Termina o Entebate durante a tarde. Os ents marcham na direção de Isengard, chegando lá de noite.

3 Théoden se retira para o Abismo de Helm. Começa a Batalha do Forte da

Trombeta. Os ents completam a destruição de Isengard.

4 Théoden e Gandalf partem do Abismo de Helm na direção de Isengard. Frodo atinge os morros de lava nas fronteiras da Desolação do Morannon.

5 Théoden chega a Isengard ao meio-dia. Parlamentação com Saruman em Orthanc. Um nazgúl alado sobrevoa o acampamento em Doí Baran. Gandalf parte com Peregrin para Minas Tirith. Frodo se esconde perto do Morannon, e parte na hora do crepúsculo.

6 Aragorn alcançado pelos dúnedain nas primeiras horas do dia. Théoden parte do Forte da Trombeta para o Vale Harg. Aragorn parte mais tarde.

7 Frodo é levado por Faramir para Henneth Annún. Aragorn chega ao Templo da Colina ao cair da noite.

8 Aragorn toma as "Sendas dos Mortos" ao nascer do dia; chega a Erech á meia-noite. Frodo parte de Henneth Annún.

9 Gandalf chega a Minas Tirith. Faramir parte de Henneth Annún. Aragorn parte de Erech e chega a Calembel. No crepúsculo Frodo atinge a Estrada de Morgul. Théoden chega ao Templo da Colina. A Escuridâo de Mordor começa a se espalhar.

10 O Dia sem Aurora. A Concentração das Tropas de Rohan: os rohirrim partem do Templo da Colina. Faramir resgatado por Gandalf do lado de fora dos Portões da Cidade. Aragorn atravessa o Ringló. Um exército do Morannon toma Cair Andros e invade Anórien. Frodo atravessa a Encruzilhada e assiste à partida do Exército de Morgul.

11 Gollum visita Laracna, mas, vendo Frodo adormecido, quase se arrepende. Denethor manda Faramir para Osgiliath. Aragorn chega a Linhir e entra em Lebennin. Rohan Oriental é invadida pelo norte. Primeiro ataque contra Lórien.

12 Gollum leva Frodo para a Toca de Laracna. Faramir se retira para os Fortes do Passadiço. Théoden acampa sob Minrimmon. Aragorn acossa os inimigos na direção de Pelargir. Os ents derrotam os invasores de Rohan.

13 Frodo capturado pelos orcs de Cirith Ungol. Os Campos de Pelennor são invadidos. Faramir é ferido. Aragorn chega a Pelargir e captura a esquadra. Théoden na Floresta Drúadan.

14 Samwise encontra Frodo na Torre. Minas Tirith é cercada. Os rohirrim, conduzidos pelos homens selvagens, chegam á Floresta Cinzenta.

15 Nas primeiras horas do dia, o Rei dos Bruxos destrói os Portões da Cidade. Denethor crema-se numa pira. As cornetas dos rohirrim são ouvidas ao cantar do galo. Batalha dos Campos de Peleonor. Théoden é morto. Aragorn levanta o estandarte de

Arwen. Frodo e Samwise escapam e começam sua viagem para o norte ao longo do Morgai. Batalha sob as árvores da Floresta das Trevas; Thranduil repele as forças de Doí Guldur. Segundo ataque contra Lórien.

16 Debate dos comandantes. Frodo, do Morgai, observa a Montanha da Perdição por sobre o acampamento.

17 Batalha de Vaíle. Caem o rei Brand corei Dáin Pé-de-Ferro. Muitos anões e homens refugiam-se em Erebor e são cercados. Shagrat leva a capa, a cota de malha e a espada de Frodo para Barad-dúr.

18 O Exército do Oeste parte em marcha de Minas Tirith. Frodo se aproxima da Boca Ferrada; é alcançado por orcs na estrada que vai de Durthang para Udún.

19 O Exército chega ao Vale Morgul. Frodo e Samwise escapam e começam sua jomada ao longo da estrada que conduz a Barad-dúr.

22 O crepúsculo terrível. Frodo e Samwise abandonam a estrada e dirigem-se para a Montanha da Perdição pelo sul. Terceiro ataque contra Lórien.

23 O Exército deixa Ithilien. Aragorn dispensa os covardes. Frodo e Samwise livram-se de suas armas e indumentárias.

24 Frodo e Samwise fazem sua última jornada para os pés da Montanha da Perdição. O Exército acampa na Desolação do Morannon.

25 O Exército é cercado nas Colinas de Lava. Frodo e Samwise chegam ás Sammath Naur. Gollum agarra o Anel e cai nas Fendas da Perdição. Queda de Barad-dúr e desaparecimento de Sauron.

Depois da queda da Torre Escura e do desaparecimento de Sauron, a Sombra foi retirada de todos os corações dos que se opunham a ele, mas o medo e o desespero tomaram seus servidores e aliados. Três vezes Lórien fora atacada por Dol Guldur, mas, além da coragem dos elfos daquela região, o poder que lá morava era forte demais para ser derrotado por quem quer que fosse, a não ser que o próprio Sauron atacasse Lórien. Embora as orlas da bela floresta tenham sido seriamente danificadas, os ataques foram repelidos; quando Sauron desapareceu, Celebom avançou e conduziu o exército de Lórien pelo Anduin em muitos barcos. Tomaram Dol Guldur, e Galadriel derrubou suas muralhas e pôs a descoberto suas cavidades; a floresta foi purificada.

No norte também houvera guerra e maldade. O reino de Thranduil foi invadido, e houve uma longa batalha sob as árvores e uma grande devastação causada pelo fogo; mas no fim Thranduil conquistou a vitória. E, no dia do Ano Novo dos elfos, Celebom e Thranduil encontraram-se no meio da floresta; deram então um novo nome à Floresta das

Trevas, Eryn Las galen , A Floresta das Folhas Verdes.

Thranduil tomou toda a região norte até as montanhas que nascem na floresta como seu reino; Celebom tomou toda a floresta do sul abaixo dos Estreitos, dando-lhe o nome de Lórien Oriental; toda a ampla floresta intermediária foi doada aos beornings e aos homens da Floresta. Mas, após a passagem de Galadriel, dentro de alguns anos Celeborn ficou cansado de seu reino e foi para Imíadris morar com os filhos de Elrond.

Na Floresta Verde os elfos da Floresta não foram mais molestados, mas em Lórien melancolicamente sobreviveram apenas alguns do antigo povo, e já não havia mais luz ou música em Caras Galadon.

Ao mesmo tempo em que grandes exércitos cercavam Minas Tirith, um exército dos aliados de Sauron, que por muito tempo ameaçara as fronteiras do rei Brand, atravessou o rio Camen, e Brand foi expulso de volta para Vaíle. Ali teve o auxílio dos anões de Erebor, e houve uma grande batalha aos pés da Montanha. Durou três dias, e no final o rei Brand e o rei Dáin Pé-de-Ferro foram ambos mortos, ficando a vitória para os orientais. Mas eles não puderam tomar o Portão, e muitos, tanto homens quanto anões, refugiraram-se em Erebor, onde resistiram a um cerco.

Quando chegou a notícia das grandes vitórias no sul, o exército do norte de Sauron se encheu de desânimo; os sitiados irromperam e os expulsaram, e uma parte deles fugiu para o leste e deixou de molestar Vaíle. Então Bard II, filho de Brand, tornou-se rei de Vaíle; Thorin III, Elmo de Pedra, filho de Dáin, tornou-se rei-sob-amontanha.

Ambos enviaram embaixadores para a cerimônia de coroação do rei Elessar, e seus

reinos permaneceram, enquanto duraram, amigos de Gondor, ficando sob a coroa e sob a proteção do Rei do Oeste.

## OS DIAS MAIS IMPORTANTES

## DA QUEDA DE BARAD-DÚR ATÉ O FINAL DA TERCEIRA ERA (7)

3019 1419 R.C.

27 de março. Bard III e Thorin II, Elmo de Pedra, expulsam o inimigo de Vaíle. 28 Celebom atravessa o Anduin; começa a destruição de Doí Guldur.

7. Os dias e meses são dados de acordo com o Calendário do Condado.

6 de abril. Encontro de Celebom e Thranduil.

8 Os Portadores do Anel são homenageados no Campo de Cormallen.

1 de maio. Coroação do rei Elessar. Elrond e Arwen partem de Valfenda.

8 Éomer e Éowyn partem de Rohan com os filhos de Elrond.

20 Elrond e Arwen chegam a Lórien.

27 A Comitiva de Arwen deixa Lórien.

14 de junho. Os filhos de Elrond encontram a comitiva e levam Arwen a Edoras.

16 Eles partem para Gondor.

25 O rei Elessar encontra a muda da Árvore Branca.

1 Lite. Arwen chega à Cidade.

Dia do Meio do Ano. Casamento de Elessar e Arwen.

18 de julho. Eomer retorna a Minas Tirith.

19 Parte a comitiva do funeral do rei Théoden.

7 de agosto. A comitiva chega a Edoras.

10 Funeral do rei Théoden.

14 Os hóspedes se despedem do rei Éomer.

18 Chegam ao Abismo de Helm.

22 Chegam a Isengard; despedem-se do Rei do Oeste ao pôr-do-sol.

28 Alcançam Saruman; Saruman dirige-se para o Condado.

6 de setembro. Eles param ao avistarem as Montanhas de Moria.

13 Celeborn e Galadriel partem, os outros vão para Valfenda.

21 Retorno a Valfenda.

22 Centésimo vigésimo novo aniversário de Bilbo. Saruman chega ao Condado.

5 de outubro. Gandalf e os hobbits partem de Valfenda.

6 Atravessam o Vau do Bruinen; Frodo sente pela primeira vez a dor retornar. 28 Chegam a Bri ao cair da noite.

30 Deixam Bri. Os "Viajantes" atingem a Ponte do Brandevin durante a noite.

10de novembro. São presos em Sapántano.

2 Chegam a Beirágua e sublevam o povo do Condado.

3 Batalha de Beirágua, e Desaparecimento de Saruman. Fim da Guerra do Anel.

3020 1420 R.C.: O Grande Ano de Fartura

13 de março. Frodo adoece (no aniversário de seu envenenamento por Laracna).

6 de abril. O pé de mallorn floresce no Campo da Festa.

1? de maio. Samwise casa-se com Rosa.

Dia do Meio do Ano. Frodo demite-se do cargo de prefeito, e Will Pealvo reassume.

22 de setembro. Centésimo trigésimo aniversário de Bilbo.

6 de outubro. Frodo adoece outra vez.

3021 1421 R.C.: O Ultimo Ano da Terceira Era

13 de março. Frodo adoece de novo.

25 Nascimento de Elanor, a Bela8, filha de Samwise. Neste dia começou a Quarta Era, segundo o Registro de Gondor.

nota

8. Ela ficou conhecida como "a Bela" por causa de sua beleza; muitos diziam que ela mais parecia uma donzela élfica que uma hobbit. Tinha cabelos dourados, o que outrora era raro no Condado; mas duas outras filhas de Samwise também eram loiras, assim como muitas outras crianças nascidas nessa época.

21 de setembro. Frodo e Samwise partem da Vila dos Hobbits.

22 Encontram a Última Cavalgada dos Guardiões dos Anéis em Ponta do Bosque.

29 Chegam aos Portos Cinzentos. Frodo e Bilbo partem através do Mar com os Três Guardiões. Fim da Terceira Era.

6 de outubro. Samwise retorna a Bolsão.

# ACONTECIMENTOS ULTERIORES

# RELACIONADOS AOS MEMBROS DA SOCIEDADE DO ANEL

R.C. 1422

Com o início deste ano começa a Quarta Era na contagem de anos do Condado; mas se deu continuidade à numeração dos anos do Registro do Condado.

1427 Will Pealvo demite-se. Samwise é eleito Prefeito do Condado. Peregrin Túk casa-se com Diamantina, de Frincha Longa. O rei Elessar promulga um edito proibindo que os homens entrem no Condado, o qual se torna uma Terra Livre sob a proteção do Cetro do Norte.

1430 Nasce Faramir, filho de Peregrin.

1431 Nasce Cachinhos Dourados, filha de Samwise.

1432 Meriadoc, chamado de O Magnífico, torna-se Senhor da Terra dos Buques. Grandes presentes lhe são enviados pelo rei Éomer e pela senhora Éowyn de Ithilien.

1434 Peregrin se torna "O Túk" e Thain. Orei Elessar nomeia o Thain, o Senhor e o Prefeito como Conselheiros do Reino do Norte. Mestre Samwise é eleito prefeito pela segunda vez.

1436 O rei Elessar viaja para o norte e mora por um tempo ao lado do lago Vesperturvo. Chega à Ponte do Brandevin, e ali saúda seus amigos. Outorga a Estrela dos Dúnedain ao Mestre Samwise, e Elanor torna-se dama-dehonra da senhora Arwen.

1441 Mestre Samwise torna-se prefeito pela terceira vez.

1442 Mestre Samwise, sua mulher e Elanor vão para Gondor e lá passam um ano. Mestre Tolman Villa atua como prefeito interino.

1448 Mestre Samwise torna-se prefeito pela quarta vez.

1451 Elanor, a Bela, casa-se com Fastred de Ilhaverde, nas Colinas Distantes.

1452 O Marco Ocidental, das Colinas Distantes até as Colinas das Torres (Emyn Beraid)9, é anexado ao Condado mediante uma doação do rei. Muitos hobbits mudam-se para lá.

1454 Nasce Elfostan Lindofilho, filho de Fastred e Elanor

1455 Mestre Samwise torna-se prefeito pela quinta vez. Mediante um pedido seu, o Thain nomeia Fastred Diretor do Marco Ocidental. Fastred e Elanor passam a morar em Sob-as-Torres, nas Colinas das Torres, onde seus descendentes, os Lindofilhos das Torres, moraram por muitas gerações.

1463 Faramir Túk casa-se com Cachinhos Dourados, filha de Samwise.

1469 Mestre Samwise torna-se prefeito pela sétima e última vez, estando em

1476, no final de seu mandato, com noventa e seis anos de idade.

1482 Morte da senhora Rosa, mulher de Mestre Samwise, no Dia do Meio do Ano. Em 22 de setembro, Mestre Samwise parte de Bolsão. Vai para as Colinas das Torres e é visto pela última vez por Elanor, a quem dá o Livro Vermelho, que posteriormente foi guardado pelos Lindofilhos. Entre eles mantém-se a crença, que se iniciou com Elanor, segundo a qual Samwise passou pelas Torres, chegou aos Portos Cinzentos e atravessou o Mar, sendo o último dos Portadores do Anel.

1484 Na primavera deste ano chegou à Terra dos Buques uma mensagem de Rohan dizendo que o rei Éomer desejava ver Mestre Holdwine mais uma vez. Meriadoc estava então velho (102), mais ainda forte. Aconselhou-se com seu amigo, o Thain, e logo em seguida ambos transmitiram bens e oficios aos seus filhos e partiram através do Vau Sam, e não foram mais vistos no Condado. Conta-se que Mestre Meriadoc foi a Edoras e esteve com o rei Éomer antes da morte deste, no outono. Então ele e o Thain Peregrin foram para Gondor, onde passaram os poucos anos que lhes restavam, até morrerem e serem enterrados na Rath Dinen, entre os grandes de Gondor.

1541 Neste ano, em primeiro de março, finalmente se deu o Passamento do rei Elessar. Conta-se que os leitos de Meriadoc e Peregrin foram colocados junto ao leito do grande rei. Então Legolas construiu um navio cinzento em Ithilien, desceu navegando pelo Anduin, e depois através do Mar; com ele, conta-se, foi Gimli, o anão. E, quando aquele navio desapareceu, terminou a Sociedade do Anel na Terra-média.